



Marcus Vinicius Andrade Santos

**A nova evangelização e a mística de Santa Teresa:
contribuições antropológicas, mistagógicas e pastorais
teresianas para uma evangelização renovada**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Teologia, do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Lúcia Pedrosa de Pádua

Rio de Janeiro
Abril de 2020



Marcus Vinicius Andrade Santos

**A nova evangelização e a mística de Santa Teresa:
contribuições antropológicas, mistagógicas e pastorais
teresianas para uma evangelização renovada**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profª Lúcia Pedrosa de Pádua

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profª Francilaide de Queiroz Ronsi

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profª Gislene Danielski

Congregação F.D.Z.

Prof. Edmilson Borges de Carvalho

PUC-PR

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Marcus Vinicius Andrade Santos

Graduado em Filosofia pela PUC-MG e em Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté/SP. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Experiência na área de Teologia da Nova Evangelização e docência em Teologia Pastoral e Espiritualidade.

Ficha Catalográfica

Santos, Marcus Vinicius Andrade

A nova evangelização e a mística de Santa Teresa : contribuições antropológicas, mistagógicas e pastorais teresianas para uma evangelização renovada / Marcus Vinicius Andrade Santos ; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2020.

371 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Conversão pastoral. 3. Igreja. 4. Mística. 5. Nova evangelização. 6. Santa Teresa de Jesus. I. Pádua, Lúcia Pedrosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Dedico este singelo trabalho aos meus pais, Aparecido Batista dos Santos e Vaneusa Viana de Andrade. Com meu pai aprendi que toda subida implica descidas dolorosas, e com minha mãe aprendi que a linguagem que melhor Deus escuta é a do coração, e a das lágrimas.

Agradecimentos

Agradeço a Santíssima Trindade pela alegria da comunhão de vida e pela realização e conclusão deste doutorado.

Sou grato pela presença, incentivo e apoio de minha família em todo o percurso realizado durante este período de estudos.

Gratidão à professora Lúcia Pedrosa-Pádua, pelas aulas ministradas e as inumeráveis orientações e paciência dispensada a mim, através da sua palavra e atenção durante todo este período de leituras e escrita da tese.

Agradeço a PUC-Rio e o Departamento de Teologia pelo acolhimento fraterno durante este período do doutorado.

Agradeço a preciosa oportunidade de ampliar meu campo de amizades e de partilhas com pessoas que com todo empenho pessoal, intelectual e pastoral testemunharam o seu amor pela Igreja e por aqueles que são os privilegiados do Reino, isto é, os pequeninos.

De modo especialíssimo, agradeço a minha família religiosa, carmelitas mensageiros do Espírito Santo, através de meus superiores, por me permitirem desenvolver este trabalho de doutorado no período de quatro anos. Posso afirmar que, neste período de 16 anos que convivo com esses irmãos, pude apreender através do testemunho de cada um deles o que significa, na prática, a nova evangelização a partir da mística teresiana. Obrigado pela amizade e pela existência de cada um.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

Resumo

Santos, Marcus Vinícius Andrade; Pádua, Lúcia Pedrosa de. **A nova evangelização e a mística de Santa Teresa: contribuições antropológicas, mistagógicas e pastorais teresianas para uma evangelização renovada.** Rio de Janeiro, 2020. 371p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O trabalho desenvolvido nesta tese apresenta a relevância da mística teresiana e sua relação e contribuição para com a nova evangelização em sua atual estação evangelizadora, que é a transformação missionária da Igreja nos tempos atuais. A pesquisa indica que a mística teresiana atua como um forte critério de discernimento e formação para os evangelizadores com espírito. A conversão espiritual, humana e pastoral vivida por Santa Teresa de Jesus permite verificar em sua vida e obras um frescor, uma jovialidade e uma resistência de seu testemunho no tempo. Em Teresa de Jesus convergem uma sagacidade potencializada pelo Espírito Santo, assim como a presença de uma obediência filial à Igreja, contudo aberta a uma parresia que faz a missão da Igreja progredir, tornando desta forma a mística teresiana não apenas oportuna, mas necessária para a nova evangelização no atual momento da vida da Igreja.

Palavras-chave

Conversão Pastoral; Igreja; Mística; Nova Evangelização; Santa Teresa de Jesus.

Abstract

Santos, Marcus Vinícius Andrade; Pádua, Lúcia Pedrosa de (Advisor). **The new evangelization and St. Teresa's Mystique: Teresian anthropological, mystagogical and pastoral contributions to renewed evangelization.** Rio de Janeiro, 2020. 371p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This present work developed in this thesis presents the Theresian Mystic Relevance and its contribution to the new evangelization in its contemporary evangelizing matter which is the Church's missionary transformation in our days. With the Theresian Mystic we express how it works with a great discernment criteria and as a formation to the Spirit-filled evangelizer. The human, spiritual and pastoral conversion lived by Saint Therese of Jesus allows us to verify in her life and her works a refresh, a youth spirit and a resistance which is common from her time. It converges to Therese of Jesus a sagacity potentialized by the Holy Spirit, as well as a filial obedience to the Church, in her it can be seen a parrhesia that makes the Church's mission progresses in a way it not only permits the Theresian Mystic to become so necessary but it also a more certain form of evangelization in the life of the Church today.

Keywords

Pastoral Conversion; Church; Mystical; New Evangelization; Saint Teresa of Jesus.

Sumário

| | |
|-------------------|----|
| 1 Introdução..... | 17 |
|-------------------|----|

1ª Parte

A nova evangelização: dimensões histórica, teológica e missiológico-pastoral

| | |
|---|----|
| 2 Dimensão histórica da nova evangelização..... | 35 |
| 2.1 O caminho da nova evangelização após o Concílio Vaticano II | 36 |
| 2.1.1 A grandeza profética, espiritual e doutrinal, pastoral e missionária do Concílio Vaticano II..... | 37 |
| 2.1.2 O atual caminho sinodal da Igreja..... | 38 |
| 2.1.3 As Conferências Episcopais Latino-americanas e do Caribe..... | 42 |
| 2.2 O conceito de evangelização e nova evangelização..... | 47 |
| 2.2.1 A nova evangelização: “nova no seu fervor, nos seus métodos, nas suas expressões”..... | 48 |
| 2.2.2 A dimensão social da nova evangelização: o Reino de Deus e sua expansão no mundo..... | 51 |
| 2.2.3 A conversão: acontecimento vital para uma nova evangelização..... | 54 |
| 2.3 O querigma e a dimensão social da Igreja..... | 55 |
| 2.4 O Reino de Deus sinalizado nas bem-aventuranças..... | 60 |
| 2.5 Concluindo o capítulo 2..... | 63 |
| 3 A dimensão teológica da nova evangelização..... | 64 |
| 3.1 Dimensões trinitário-cristológicas da nova evangelização..... | 64 |
| 3.1.1 A encarnação do Verbo de Deus no grande palco da história humana..... | 67 |
| 3.1.2 O Espírito Santo como presença transfiguradora da vida..... | 68 |
| 3.2 Dimensões eclesiológicas da nova evangelização..... | 71 |
| 3.2.1 A Igreja como “Povo de Deus”..... | 73 |
| 3.2.2 A Igreja como comunidade do mistério, comunhão e missão do Deus humanado | 77 |
| 3.2.3 Espiritualidade de comunhão e a missão..... | 80 |
| 3.2.4 A missão da pastoral orgânica como um desafio eclesial..... | 86 |
| 3.2.5 Uma nova evangelização para dentro da Igreja (<i>ad intra</i>) | 88 |
| 3.2.6 Uma nova evangelização para fora da Igreja (<i>ad extra</i>)..... | 90 |

| | |
|---|-----|
| 3.2.7 A nova evangelização e o catolicismo popular..... | 92 |
| 3.3 Antropologia cristã na nova evangelização..... | 94 |
| 3.4 A nova evangelização em um contexto de mundo secularizado..... | 95 |
| 3.5 Papa Francisco e a resposta testemunhal à questão da secularização | 97 |
| 3.6 A santidade como caminho de humanização..... | 100 |
| 3.7 Concluindo o capítulo 3..... | 102 |
| 4 As dimensões missiológico-pastorais da nova evangelização..... | 104 |
| 4.1 A compreensão do conceito missiológico e pastoral no contexto da nova evangelização..... | 104 |
| 4.2 A pessoa como locus missional de Deus..... | 106 |
| 4.2.1 A defesa da dignidade humana como via missional..... | 108 |
| 4.3 Ser discípulo-missionário de Jesus Cristo..... | 112 |
| 4.3.1 Bispos, presbíteros, religiosos e leigos: discípulos missionários de Jesus Cristo..... | 115 |
| 4.3.1.1 Os bispos discípulos missionários de Jesus Cristo..... | 116 |
| 4.3.1.2 Os presbíteros discípulos missionários de Jesus Cristo..... | 117 |
| 4.3.1.3 Os religiosos discípulos missionários de Jesus Cristo..... | 118 |
| 4.3.1.4 Os leigos discípulos missionários de Jesus Cristo..... | 120 |
| 4.4 Um novo paradigma eclesial: a transformação missionária da Igreja | 122 |
| 4.5 A nova evangelização a partir do pontificado do papa Francisco: “primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar”..... | 125 |
| 4.5.1 Primeirar: a experiência de Deus como experiência “exodal” | 127 |
| 4.5.2 Envolver-se: a experiência relacional de Deus com a humanidade..... | 128 |
| 4.5.3 Acompanhar: acompanhar os processos a partir da lógica do Reino de Deus..... | 129 |
| 4.5.4 Frutificar: produzir frutos a partir da força renovadora do evangelho..... | 130 |
| 4.5.5 Festejar: a alegria de celebrar a expansão do Reino de Deus no mundo | 132 |
| 4.6 Novos evangelizadores-mistagogos..... | 134 |
| 4.6.1 A liturgia e a contemplação como pedagogia mistagógica a serviço da nova evangelização..... | 137 |
| 4.6.2 A renovação da consciência da mistagógica como caminho de transmissão da fé..... | 138 |
| 4.7 O cristão contemplativo de Deus, do outro e do mundo..... | 141 |

| | |
|--------------------------------------|-----|
| 4.8 Concluindo o capítulo 4..... | 142 |
| 4.9 Concluindo a primeira parte..... | 144 |

2ª Parte

A mística teresiana: contribuições teológicas para a nova evangelização

| | |
|---|-----|
| 5 Convergências históricas e teológicas do pensamento de Santa Teresa de Jesus..... | 147 |
| 5.1 O ambiente religioso, político e social de Santa Teresa..... | 148 |
| 5.2 O surgimento da espiritualidade teresiana no palco da história e suas influências..... | 150 |
| 5.3 Empreendedorismo familiar, e o desejo de Teresa de conhecer novos mundos..... | 153 |
| 5.4 Infância e adolescência e a descoberta dos afetos da alma..... | 157 |
| 5.5 Teresa, uma monja: uma decisão maturada em meio às noites escuras | 158 |
| 5.5.1 O florescimento da vida com Cristo e o nascimento do Carisma teresiano..... | 160 |
| 5.5.1.1 A influência do movimento da descalcez como projeto reformador em Santa Teresa..... | 161 |
| 5.5.1.2 A descalcez como um “partir de Cristo” em Santa Teresa..... | 162 |
| 5.6 Concluindo o capítulo 5..... | 166 |
| 6 Aspectos antropológicos da mística teresiana e a nova evangelização | 167 |
| 6.1 Primeira morada: o conhecimento de si e o conhecimento de Deus..... | 170 |
| 6.2 Segundas moradas: Combates, suportaçã o e perseverança..... | 173 |
| 6.3 Terceiras moradas: Uma fé que opera pelo amor (Gl 5,6)..... | 175 |
| 6.4 Quartas moradas: O abraço amoroso do Pai..... | 178 |
| 6.5 Quintas moradas: A força transfiguradora e unitiva do amor..... | 182 |
| 6.6 Sextas moradas: a noite escura da ação apostólica..... | 186 |
| 6.6.1 A humanidade de Cristo como lugar de encontro e relação com Deus | 192 |
| 6.7 Sétimas moradas: esponsais e alianças do Amado para com a amada..... | 194 |
| 6.8 Concluindo o capítulo 6..... | 199 |
| 7 Aspectos cristológicos da mística teresiana e a nova evangelização.. | 201 |
| 7.1 Voltar ao essencial: olhos fixos em Cristo..... | 202 |

| | |
|---|-----|
| 7.2 Santidade como reforma de si, da Igreja e da humanidade no pensamento de Santa Teresa..... | 203 |
| 7.3 Pontos estratégicos de reforma: amor ao próximo, desapego e humildade..... | 204 |
| 7.4 Reformar pelo amor..... | 205 |
| 7.4.1 A reforma das mediações para viver a liberdade do amor..... | 207 |
| 7.4.2 O amor espiritual: “pôr os olhos no bem integral da pessoa” | 208 |
| 7.5 O desapego como liberdade do coração..... | 210 |
| 7.6 A via kenótica da humildade..... | 211 |
| 7.6.1 A humildade e a questão das honras em Santa Teresa..... | 213 |
| 7.6.2 Humildade como um dispor a Deus e aos outros o dom da vida..... | 214 |
| 7.7 A mistagogia experiencial e prática do Pai-Nosso em Santa Teresa de Jesus..... | 216 |
| 7.7.1 A contemplação como cristopatia e caminho para autenticidade de vida..... | 218 |
| 7.7.2 O Pai-Nosso como programa de oração e vida em Santa Teresa..... | 219 |
| 7.7.2.1 “Pai nosso que estais nos céus”: redescobrir a paternidade paternidade de Deus..... | 221 |
| 7.7.2.2 “Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reino”..... | 222 |
| 7.7.2.3 “Seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no céu” | 223 |
| 7.7.2.4 “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”..... | 227 |
| 7.7.2.5 “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”..... | 227 |
| 7.7.2.6 “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém”..... | 229 |
| 7.8 Concluindo o capítulo 7..... | 232 |
| 8 Aspectos trinitários e eclesiológicos da mística teresiana e a nova evangelização..... | 234 |
| 8.1 A Trindade como mistério de amor relacional em Santa Teresa..... | 235 |
| 8.2 A experiência de “Deus, Pai das misericórdias” em Santa Teresa de Jesus..... | 237 |
| 8.3 A experiência do <i>Abba</i> em Santa Teresa de Jesus..... | 239 |
| 8.4 O Espírito Santo como parresia e ímpeto para a missão em Santa Teresa..... | 240 |
| 8.4.1 Sentido antropológico da parresia teresiana..... | 241 |
| 8.4.2 Sentido cristológico e trinitário da parresia teresiana..... | 242 |

| | |
|--|-----|
| 8.4.3 Sentido eclesiológico da parresia teresiana..... | 242 |
| 8.4.4 Sentido missiológico e pastoral da parresia teresiana..... | 243 |
| 8.4.5 Sentido bíblico da parresia teresiana..... | 244 |
| 8.5 O Espírito Santo presente nas experiências de Santa Teresa..... | 246 |
| 8.6 A abordagem mística e sponsal no pensamento eclesiológico de Santa Teresa..... | 248 |
| 8.6.1 Uma mística a serviço do Corpo de Cristo..... | 249 |
| 8.6.1.1 O “ver” de Santa Teresa de Jesus sobre a Igreja e o mundo..... | 250 |
| 8.6.1.2 O “julgar” teresiano e a leitura dos sinais dos tempos | 251 |
| 8.6.1.3 O “agir” missional e pastoral de Santa Teresa de Jesus..... | 252 |
| 8.7 Concluindo o capítulo 8..... | 257 |

3ª Parte

A diaconia da mística de Santa Teresa de Jesus: contribuições missiológico-pastorais para os atuais desafios da nova evangelização

| | |
|---|-----|
| 9 Aspectos missiológicos e pastorais da mística teresiana e a nova evangelização..... | 261 |
| 9.1 O espírito missional teresiano e a nova evangelização..... | 261 |
| 9.2 As novas fundações teresianas: intuição humana e inspiração divina..... | 268 |
| 9.3 O colégio apostólico como valorização das pequenas comunidades em Santa Teresa..... | 271 |
| 9.4 Um novo Pentecostes à luz dos “atos apostólicos teresianos”..... | 272 |
| 9.5 A virtude provada em Santa Teresa como testemunho profético de perseverança..... | 273 |
| 9.6 Santa Teresa de Jesus e a confiança na providência de Deus..... | 275 |
| 9.7 O humanismo teresiano e a “missão” da pastoral da santidade..... | 279 |
| 9.7.1 Santa Teresa e o cuidado das fragilidades no itinerário pessoal de cada um..... | 280 |
| 9.8 Santa Teresa “nova evangelizadora e discípula missionária” de Jesus Cristo..... | 283 |
| 9.8.1 A relevância e a contribuição da mística teresiana para a transformação missionária da Igreja nos tempos atuais..... | 286 |
| 9.9 Concluindo o capítulo 9..... | 287 |
| 10 A mística teresiana e sua diaconia para a promoção de um novo Pentecostes na Igreja e no mundo..... | 289 |
| 10.1 A mística teresiana, um carisma entre a tradição viva da Igreja e sua urgência de renovação e reforma nos tempos atuais..... | 293 |

| | |
|--|-----|
| 10.1.1 A oração e sua relação com a Palavra de Deus..... | 294 |
| 10.1.2 O testemunho e o cuidado com a dignidade de cada pessoa..... | 296 |
| 10.1.3 A pregação do evangelho alimentado pelo ardoroso fogo do amor pela missão..... | 300 |
| 10.2 A vida teologal em Santa Teresa como “atos testemunhais de Cristo”..... | 304 |
| 10.3 Sagacidade, maternidade e esponsalidade em Santa Teresa de Jesus como promoção do feminino na nova evangelização..... | 311 |
| 10.4 Repensar a proposta para uma pastoral da santidade como caminho e impulso para promover novos evangelizadores com Espírito..... | 314 |
| 10.5 Primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar a partir da mística teresiana e da nova evangelização..... | 319 |
| 10.5.1 Primeirar: a audácia de novos caminhos e promoção de um um novo estilo evangelizador em Santa Teresa de Jesus..... | 320 |
| 10.5.2. Envolver-se: de uma vida espiritual performática a uma caridade missionaria transformadora..... | 322 |
| 10.5.3 Acompanhar: do assenhora-se do rebanho a liberdade interior Interior de compartilhar projetos espirituais e missionários..... | 325 |
| 10.5.4 Frutificar: de um apego às estruturas e lugares à expansão do Reino e início de novos processos..... | 328 |
| 10.5.5 Festejar: das liturgias em prol da religião do eu para a alegria evangélica do que estava perdido e foi encontrado.... | 330 |
| 10.6 Concluindo o capítulo 10..... | 332 |
| 11 Conclusões..... | 334 |
| 12 Referências bibliográficas..... | 343 |

Lista de abreviaturas

Geraiis

| | |
|--------------|--|
| AA | Apostolicam Actuositatem |
| ABC | Archivum Bibliographicum Carmelitanum |
| AG | Decreto Ad Gentes |
| BMC | Coleção Biblioteca Mística Carmelitana |
| CIV | Caritas in veritatis |
| CIC | Catecismo da Igreja Católica |
| CELAM | Conferência Episcopal Latino Americana e Caribenha |
| Dap | Documento de Aparecida |
| DCE | Deus Caritas est |
| DH | Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de rebus fidei et morum. Ed. H. Denzinger e P. Hünnemann |
| DPb | Documento de Puebla |
| DV | Constituição dogmática Dei Verbum |
| DMd | Documento de Medellin |
| DSd | Documento de São Domingo |
| EG | Evangelii Gaudium |
| EN | Evangelii Nuntianti |
| EDE | Editorial de Espiritualidade |
| GE | Gaudium et Exultate |
| GS | Constituição Pastoral Gaudium et Spes |
| LG | Constituição Dogmática Lumen Gentium |
| LS | Laudato Si' |
| NMI | Novo Millennio Ineunte. |
| PG | Patrologia Grega |
| PL | Patrologia Latina |
| PDV | Pastores Dabo Vobis. |
| RC | Regra do Carmo |
| TA | Tradução do autor |
| VC | Vita Consecrata |

Dos escritos de Santa Teresa de Jesus

- C Caminho de Perfeição (segundo o códice de Valladolid)
- CE Caminho de Perfeição (segundo o códice de El Escorial Escorial)
- CAD Conceitos do Amor de Deus
- Cta. Cartas
- E Exclamações
- F Fundações
- M Moradas ou Castelo Interior
- MC Relações
- P Poesias
- V Livro da Vida
- R Relações

Para as citações do caminho de Perfeição, Conceitos do Amor de Deus, Exclamações da alma a Deus, Fundações, Relações e Vida, o primeiro número indica o capítulo e o segundo, o parágrafo. Para as citações do Castelo Interior, o primeiro número indica a Morada; o segundo, o capítulo e o terceiro, o parágrafo. Para as citações das poesias, o primeiro número indica a poesia e o segundo, a estrofe.

Pedi-Lhe que fortalecesse a minha oração, pois outra coisa não estava ao meu alcance. Senti muita inveja dos que, por amor a Deus, podiam dedicar-se à salvação de almas, mesmo em meio a mil mortes. Ao ler na vida dos santos as conversões que eles fizeram, aumenta muito a minha devoção, ternura e inveja por esses feitos do que por todos os martírios que suportaram. Deus me deu essa inclinação, já que, acredito eu, Ele valoriza mais o esforço e a oração para ganharmos para Ele uma alma, por Sua misericórdia, do que todos os outros serviços que Lhe possamos prestar. Estando eu preocupada com essa angústia, certa noite Nosso Senhor me apareceu, como costumava. Demonstrando muito amor por mim, e querendo consolar-me, disse-me: Espera um pouco, filha, e verás grandes coisas. (F 1,7-8)

1 Introdução

Partindo do atual conteúdo programático¹ abraçado pela Igreja nos últimos anos – que é à promoção da nova evangelização² através da transformação missionária da Igreja – assim como o percurso delineado anteriormente pelo evento Concílio Vaticano II, os documentos do magistério, as subseqüentes Conferências episcopais da América Latina e do Caribe, assim como os Sínodos gerais e continentais, a pesquisa vai abordar a nova evangelização e as contribuições antropológicas, mistagógicas e pastorais teresianas para uma evangelização renovada. O projeto evangelizador expresso na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Evangelii Gaudium*, do papa Francisco, que engloba toda a Igreja universal e as Igrejas particulares, é um novo impulso e empenho missionário, que traz por meio de uma reflexão teológica e experiência pastoral o lugar imprescindível da mística cristã como “alma” de toda ação evangelizadora da Igreja em nossos dias. A proposta e o caminho que legitimam este atual percurso são a sua eclesialidade. O elemento da eclesialidade proporciona uma revitalização da vida cristã e o importante testemunho dos cristãos no mundo, tornando-se uma “graça eclesial” para o nosso tempo.

Uma autêntica nova evangelização deve trazer em si características que disponham de um suporte teológico bíblico bem embasado quanto ao fundamento, na história e espiritualidade, do grande patrimônio da mística cristã. São bases importantes, que atuam como fontes legitimadoras para a ação evangelizadora, ao mesmo tempo em que se configuram fontes teológicas que bem colocam em marcha o que chamamos uma evangelização com espírito (EG n.259). Ao

¹ Este conteúdo programático faz referência à transformação missionária da Igreja. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* n.27.

² DOTOLO, C.; MEDDI, L., *Evangelizzare la vita Cristiana. Teologia e pratiche di nuova evangelizzazione*, p.50; “A palavra *evangelium* / *euangelisastha* aparece já nos escritos de Homero como o anúncio de uma vitória e, por conseguinte, é anúncio de bem, de alegria, de felicidade. O segundo livro do Profeta Isaías (40, 9) como voz que anuncia a alegria de Deus, como voz que faz compreender que Deus não se esqueceu de seu povo, que Deus, que aparentemente quase se tinha retirado da história, existe, está presente. Nesse contexto, sobressaem três palavras: *dikaioisyne*, *eirene*, *soteria* – justiça, paz, salvação. O próprio Jesus retoma as palavras de Isaías, em Nazaré, falando deste ‘Evangelho’ que agora ele leva precisamente aos excluídos, aos encarcerados, aos sofredores e aos pobres.” (CNBB, Meditação do Papa Bento XVI durante a oração da Hora Tercia na inauguração dos trabalhos do Sínodo dos Bispos. A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã, p.15)

valorizar os tesouros da mística cristã, destacamos como elemento de contribuição e promoção da ação evangelizadora da Igreja a mística carmelitana, tendo como dimensão de abordagem a mística teresiana, fruto da experiência de Santa Teresa com o mistério de Deus que transbordou na Igreja como um carisma e um dom eclesial. A universalidade do magistério exercido por Teresa possui grande credibilidade, seja no mundo eclesial cristão, seja no âmbito do diálogo inter-religioso e na relação com outras grandes tradições místicas. É a partir deste objeto formal da mística teresiana que realizamos uma leitura dos desafios da atual etapa evangelizadora da Igreja no que diz respeito à “nova evangelização”.

Nos escritos de Santa Teresa, estão sempre em conexão a vida espiritual e a missão. Constatamos o interesse da Santa em colaborar com um novo impulso missionário na Igreja em sua época, auxiliando justamente os sacerdotes e prelados a perceberem a importante e emergente necessidade espiritual de serem eles próprios grandes amigos de Deus, antes de qualquer iniciativa eclesial no que diz respeito à evangelização.³ Existem autores que afirmam que Santa Teresa não pretendeu, num primeiro momento, motivar seus religiosos à vida de apostolado⁴, contudo, é mais do que evidente que o espírito contemplativo e apostólico da Santa, dentro do contexto histórico e eclesial em que estava inserida, dificilmente pensaria na viabilidade de suas monjas se lançarem no campo missionário no sentido geográfico, como faziam os homens, ou seja, diretamente evangelizando, apesar que desejo não faltasse de fazê-lo. Entretanto, a presença de um mosteiro de contemplativas, que buscam viver bem como cristãs e em oração pela Igreja e sua missão no mundo, de fato já é um sinal de irradiação evangélica. Por outro lado, o ato de pensar na fundação dos frades descalços demonstra que Teresa tem a intenção de que trabalhem pela evangelização num apostolado, e que este

³ 7 M 4,12. SANTA TERESA DE JESUS, Obras Completas.

⁴ Uma das definições do carisma contemplativo e apostólico de Santa Teresa de Jesus encontramos na reflexão de Frei Maria Eugênio do Menino Jesus: “Esta contemplativa, que construiu para si e para suas filhas uma clausura, era por demais humilde para ousar construir uma doutrina de Apostolado. Por outro lado, tinha por demais um amor grande pelas almas, uma preocupação por demais ardente pela perfeição daqueles com as quais estava em contato, para não lhes dar, no momento oportuno, em seus escritos, os conselhos apropriados às suas funções de apostolado exterior. Tais conselhos se encontram no progresso de suas ascensões contemplativas. São tão precisos a cada etapa, tão luminosos na linha que traçam, que, ao reuni-los e codificá-los, poderíamos – assim pensamos –, redigir um verdadeiro tratado para a formação de apóstolos. Estes permanecendo contemplativos sob a ação do Espírito Santo, seriam apóstolos do mais alto valor.” (MARIA EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p.1354-5)

apostolado seja consequência de uma experiência intensa de relação com Deus e da caridade vivida para com os irmãos no âmbito de uma comunidade fraterna.

A sagacidade espiritual, que é fruto de uma ousadia apostólica presente na vida de Teresa, tem como fonte a sua experiência de Deus. Santa Teresa reconhece os limites que lhe são colocados enquanto monja e mulher, e tem a humildade de reconhecer os meios que tem em suas mãos para exercer uma positiva influência sobre os teólogos, reconhecendo serem estes, assim como os prelados de sua época, os “capitães” da fé. Santa Teresa, consciente de suas experiências com o próprio Cristo, quer propor caminhos que promovam uma maturação espiritual no testemunho de muitos consagrados e leigos de modo que o seu testemunho no mundo e sua presença se tornem mais credíveis, assim, como a missão da Igreja em seu tempo.

Quando pensamos a “obra” de Teresa de Jesus é preciso percebê-la dentro de um horizonte onde o “propósito” ou a “intenção fontal” que estava na mente e no coração de Teresa era o de iniciar um modo de viver o carisma carmelitano que se expressasse como uma forma de vida em que o “*pathos*” missionário pudesse ser o *leitmotiv* de todo empenho contemplativo na oração. Constatar o latente apelo apostólico nas obras e na vida de Teresa propicia nos desvencilharmos de uma imagem puramente egocêntrica da vida de oração – seja com relação a Teresa de Jesus, seja da oração enquanto tal. O ardor apostólico de Teresa foi uma realidade tão intensa em seu modo de compreender a fé que influenciou profundamente a postura de vários de seus colaboradores, dentre eles citamos São João da Cruz, que consideramos o primeiro Pai da reforma teresiana.⁵ A novidade do carisma teresiano também moldou as escolhas decisivas e inegociáveis que fez com que o primeiro provincial dos descalços, Frei Jerônimo Gracian, conservasse e promovesse este estilo de vida, possibilitando que os frades pudessem viver como contemplativos em ação, abrindo-se a uma fecunda ação evangelizadora na Igreja.

Para melhor refletir sobre como Santa Teresa de Jesus trabalha algumas questões importantes da fé, buscamos uma aproximação com a teologia

⁵ F 3, 17: “Pouco depois, chegou a Medina um padre novo que estudava em Salamanca. Ele veio com um companheiro que me contou grandes coisas da vida desse padre. Chamava-se frei João da Cruz. Louvei a Nosso Senhor e, falando-lhe, muito me contentei. Ele, segundo me contou, também queria ir para a Cartuxa. Eu lhe disse o que pretendia e muito lhe roguei que esperasse até o Senhor no dar um mosteiro. Mostrei-lhe que seria grande bem que ele, desejando buscar maior perfeição, o fizesse na própria Ordem; fiz-lhe ver que, assim, serviria melhor ao Senhor. Ele me deu a sua palavra, estabelecendo a condição que não demorasse muito.”

sistemático-pastoral, percebendo como a Santa vive e descreve a relação com Deus nos seus escritos, ao mesmo tempo que ilustra com sua experiência verdades que são preciosas à fé da Igreja. Deste modo, apresentamos no trabalho algumas aproximações e reflexões em que a teologia sistemática e a pastoral nos auxiliam a pensar a teologia da nova evangelização conectada a uma espiritualidade tão rica que é a espiritualidade teresiana.

Nos últimos anos, percebemos um forte empenho de autocompreensão da Igreja e, conseqüentemente, de sua missão no mundo, promovendo uma reflexão acerca de suas fontes e raízes, e consolidando seus paradigmas a partir de uma teologia fortemente trinitária e cristológica. Vemos que a Igreja traz uma forte proposta de que toda a reflexão teológica possa ser um permanente “partir de Cristo”, o que permite sustentabilidade evangélica ao próprio argumento e possibilita uma sintonia credível na relação do agir da Igreja, configurando os seus pensamentos e sentimentos (EG n.49) com os “pensamentos e sentimentos” de Cristo (Fl 2,5). Isso sinaliza que o que a Igreja pretende é corresponder ao mandato missionário de seu fundador, “ide e evangelizai” (Mc 16,15), reconhecendo que ela primeiramente é sujeito de evangelização.

As dimensões trinitária e cristológica aparecem na Santa reformadora como realidade experiencial, em que a fé é compreendida não apenas como um conjunto de doutrinas, mas como relação vital a partir da qual se desvela um caminho de conhecimento, procura e salvação. Deste modo, doutrina e experiência não são elementos contrapostos, mas realidades que possibilitam uma transmissão fundamentada na compreensão do mistério, seja pela reflexão e estudo, seja através do aspecto contemplativo experiencial do próprio mistério (DV n.8).

Para Santa Teresa de Jesus, toda mudança antropológica que acontece no contexto científico em que está inserida – e que pretende apresentar o ser humano como o centro do universo – não a impede de continuar a pensar a Trindade e a relação com a pessoa de Cristo. Muitos do seu tempo já percebiam a necessidade de uma guinada antropológica no modo de compreender o mundo, e ela permanece consciente de que, mesmo que o ser humano se coloque como o centro do mundo (antropocentrismo), o centro da pessoa humana continua sendo o próprio Deus. É justamente a partir do centro que Teresa decide viver, ou seja, a

partir do “centro da alma”⁶, cuja verdade possibilita a alma cultivar a presença contínua do Senhor” (7M 3,15) e, deste modo, avançar mesmo diante de suas próprias limitações. Ela percebe que a força de Deus atua na sua debilidade, comunicando o encorajamento necessário para avançar em seu trabalho evangelizador, mesmo diante de desafios apostólicos que lhe parecem superiores às suas capacidades. Em outro momento, Santa Teresa descreve esta experiência de amor entre o Pai e o Filho, em que sua vida se torna uma oferta do Filho ao Pai no amor: “Estando em oração, tive um grande arrebuo e me pareceu que nosso Senhor me levava o espírito até junto de seu Pai e lhe dissera: ‘Esta, que me destes eu te dou’. E parecia-me que me aproximava de Si.” (Relações 15, 2).

Outro elemento muito presente no carisma teresiano é a sua profunda cristologia, que comunica à nova evangelização um novo olhar sobre a pessoa de Cristo. A visão cristológica de Teresa oferece elementos para uma compreensão do ser humano a partir da luz e entendimento do mistério humanado de Cristo.⁷ As experiências cristológicas vividas por Santa Teresa de Jesus estão nas origens de todo seu pensamento e engajamento contemplativo apostólico. A pessoa de Jesus não é somente um adereço em Teresa, mas a pessoa de Jesus Cristo, o mistério pascal abraçado livremente por Ele, ou seja, sua paixão, morte, ressurreição e vida apresentam o itinerário no qual toda a reforma autêntica encontra subsídios e coloca em andamento uma profunda renovação da vida cristã. As constantes leituras, reflexões e meditações, assim como as várias experiências oracionais que Santa Teresa vai encontrando dentro do seu contexto, na leitura que faz dos evangelhos e a partir das imagens que estes mesmos evangelhos, lhe imprimem na alma e na mente uma compreensão cada vez maior dos desígnios de Deus. Os evangelhos conduzem Santa Teresa a perscrutar a pessoa do Cristo como fonte hermenêutica para a compreensão dos caminhos

⁶ 7M 2,10.

⁷ SÍNODO DOS BISPOS. A NOVA EVANGELIZAÇÃO E A TRANSMISSÃO DA FÉ CRISTÃ. *Instrumentum Laboris*, n.19. “A nova evangelização deve basear-se sobre a compreensão teológica que é Cristo que revela o homem ao homem a si mesmo, que a verdadeira identidade do homem está em Cristo, o novo Adão. Este aspecto da nova evangelização tem um significado muito prático para o indivíduo. Se é Cristo quem nos revela quem é Deus e, por conseguinte, quem somos e como nos relacionamos com Deus, então Deus não está distante ou incrivelmente distante”; KASPER; AUGUSTIN, *La Sfida Della Nuova Evangelizzazione*. *Impulsi per la revitalizzazione della fede*, p.39: “A nova Evangelização vai conduzir a Cristo, nos coloca no seu seguimento, convidando a viver a sua amizade” (tradução nossa).

pelos quais a sua entrega a Deus e à missão da Igreja irão passar. A aproximação e o conhecimento de Cristo a fazem perceber o seu próprio itinerário de vida⁸.

Este movimento de conhecimento de Cristo é também um movimento de autoconhecimento em Cristo⁹. Esta dinâmica oracional e de busca de sentido em Cristo lhe permitirá conhecer a si mesma e à sua missão. A dimensão cristológica com que Santa Teresa percebe a manifestação do projeto de Deus em sua vida a remete a uma eficácia apostólica que não consiste em criar sofisticadas formas de pensar e projetar o agir missionário da Igreja, mas que tem, em seu princípio, um caminho de reforma que passa por uma conversão (EG n.14), e um empenho por viver de modo profundo, autêntico e perfeito o evangelho – ou, como ela mesma expressa, na sua condição de consagrada, “viver de modo mais perfeito os votos” que abraçara, uma vez que estes tem como fim a configuração do consagrado à pessoa de Cristo. A coerência e a autenticidade da vida cristã são um testemunho eloquente no seu contexto, em que as ações da própria Igreja e dos cristãos não se legitimam apesar de suas influências, mas a partir do que demonstram ser enquanto testemunho da pessoa de Cristo.¹⁰ Nesse testemunho, apenas os “poderes políticos, econômicos e sociais” são insuficientes para sinalizar o Reino de Deus, em que poder é sinônimo de serviço. Esta é a proposta de Teresa: considerar o grande amor de Cristo pela humanidade e entregar-se a este amor sendo uma colaboradora de Deus no mundo, sinalizando os valores do Reino.

A espiritualidade teresiana contribui de modo singular ao apresentar o tesouro precioso de compreensão antropológica cristã, ao refletir sobre Deus humanado na pessoa de Cristo¹¹, oferecendo um contributo essencial para

⁸ Uma das definições mais objetivas do ser cristão encontramos no pensamento do papa Bento XVI: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá a vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.” (BENTO XVI. Deus caritas est, n.1)

⁹ Certame: Introdução. “Busca-te em Mim”. Teresa propõe aqui um desafio entre alguns amigos espirituais esperando que estes a auxiliem a compreender aquilo que ouviu um dia em oração, p.944.

¹⁰ KASPER; AUGUSTIN, La Sfida Della Nuova Evangelizzazione. Impulsi per la revitalizzazione della fede, p.28.

¹¹ “Afetivo porque sua descoberta se faz de maneira pessoal e vital”. Aqui a autora relaciona a profunda atenção que Santa Teresa dá à dimensão afetiva da vida uma vez que sua história é história pessoal de salvação e nas relações familiares e de amizades que algo lhe toca profundamente e lhe comunica aquilo que ela compreende como humanidade. Deste modo, a humanidade de Cristo comunica a Teresa um método de compreender a experiência e perceber em si os toques transformantes que Cristo lhe comunica através das graças que ela vivencia. Este toque interior é o afeto de Cristo a Teresa e a faz compreender a importância de continuar fomentando uma antropologia que se cristifica e uma cristologia que se antropologiza. O Deus humanado que Teresa aprende e ama na pessoa de Cristo a conduz a importantes considerações de

perceber a amplitude teológica que está contida nestas descobertas feitas, vividas e transmitidas por Teresa.

Abordamos a importante contribuição da visão antropológica de Santa Teresa presente nos seus escritos e sua valiosa contribuição e grandeza teológica. Grandeza esta que, continuamente, vive em tensão com suas misérias e fragilidades. Contudo, a reformadora insiste em apresentar uma doutrina positiva da dignidade humana, por vezes, esteja ferida pelo pecado.¹² Ao olharmos para a condição humana, muitas vezes fragmentada, queremos lançar um olhar para a condição divina amorosa pela qual a Trindade possibilita ao ser humano novos recomeços, viabilizando à humanidade uma comunhão de amor.¹³

Outra dimensão que consideramos ser de fundamental importância na colaboração que Teresa oferece à missão da Igreja para a nova evangelização é justamente a compreensão que ela tem do mistério da Igreja, isto é, a sua dimensão eclesiológica. Podemos afirmar que estes místicos foram cristãos que amaram profundamente a Igreja e reconheceram nela o belo rosto da Esposa de Cristo. Contudo, não foram ingênuos a respeito de todos os acontecimentos e as diversas contradições, pecados e limites presentes na vida dos seus filhos. Contudo, Santa Teresa reconhece que a Igreja é o Reino de Deus em marcha, seja no seu mistério divino, seja em suas misérias humanas. A Igreja em seu mistério de unicidade transparece, nos seus membros, a fragmentação de seus limites, o que interpela Santa Teresa a uma substancial e plena entrega a um Rei que luta para fazer prevalecer sobre a sua esposa o seu amor.¹⁴

sua humanidade, que se tornam para ela um autêntico caminho espiritual. PEDROSA-PÁDUA, L., Santa Teresa de Jesus: mística e humanização, p.236.

¹²ACTAS DEL CONGRESO DEL CONGRESO INTERNACIONAL SANJUANISTA, Colin P. Thompson, El mundo metafórico de San Juan: “Todo lector de San Juan se encuentra con una obra de arte que se alimenta de paradojas estilísticas, conceptuales y vivenciales.”; Ignacio Elizalde, San Juan de La Cruz: Simbolismo Metafórico: “existen razones de peso para afirmar que el santo no fue solamente un elemento ‘atávico’ en el nuevo mundo de la materialización de la naturaleza, sino, sobre todo, el precursor de un nuevo tipo de pensamiento. Con razón afirma Jacques Chavalier: ‘La pensée! Avant Descartes, avant Pascal, saint Juan de la Cruz a proclamé que la pensée de L’home vait plus que tout L’univers’”. (CHAVALIER, J., Le réalisme spirituel des mystiques espagnols, p.317)

¹³ SOUZA, C. F. B, A mística do coração: a senda cordial de Ibn ‘Arabi e João da Cruz, p.169: “(...) a condição divina amorosa, segundo São João da Cruz, aponta para um Deus que busca a companhia do ser humano e, mais do que isto, quer a ele se unir em comunhão de amor, estabelecer uma koinonia com a humanidade.”

¹⁴ JOSAPHAT, C., As Santas Doutoradas. Espiritualidade e emancipação da mulher, p.98.

Na Igreja e com a Igreja¹⁵, Santa Teresa de Jesus pensou em uma reforma que fosse de fato um caminho de discipulado, no qual, por meio de uma vida cristã autêntica, encontrasse um modo de fazer resplandecer no rosto da Igreja o rosto de Cristo. Ela propõe um retorno às fontes dos primeiros frescos do evangelho¹⁶ e uma autêntica fonte da experiência de filiação e pertença na diversidade¹⁷, o que de fato só seria possível através de experiências que fossem comunicadoras de um profundo sentido de vida.

Santa Teresa de Jesus reconhece que a Igreja é *ecclesia semper reformanda*, contudo esta reforma é, antes de tudo, um acontecimento pessoal e que possui sua visibilidade na vida eclesial e social. Isto implica uma séria busca de fundamentos que sejam referenciais para este processo. Santa Teresa, consciente que o espírito do Carmelo é permeado pelo profetismo dos primeiros padres, traz toda uma tradição contemplativa que atua como germe permanente de reforma em seu interior.¹⁸ Dentro de todo contexto histórico eclesial propor reformas é sempre um período intenso de tensões entre carismas e ministérios. Realidades que não são dissonantes no interior da Igreja, contudo, uma opera sobre outra como presença “purificadora”, que tende a moldar e conduzir a uma reflexão sobre aquilo que é joio e aquilo que é trigo no corpo eclesial, no intuito de promover o que proporciona um autêntico testemunho da Igreja como sacramento do Reino de Deus no mundo. Isto implica, por vezes, confrontos que podem ser salutares.¹⁹

¹⁵ A experiência eclesial de Santa Teresa de Jesus é indissociável de toda experiência do mistério de Deus e sua vivência, enquanto comunidade. ASTI, F., Teologia della Vita Mistica, p.77. CAZZAGO, A., I Santi Danno Fastidio, p.47; SCHNACKENBURG, R. La Chiesa nel Nuovo Testamento, p.178.

¹⁶ SCHUTZ, R., Dinâmica do provisório, p.34.

¹⁷ BORRIELLO, L., L'itinerário spirituale del cristiano: tra mistagogia e mística, p.76.

¹⁸ Santa Teresa e São João da Cruz buscaram devolver ao Carmelo o seu espírito primitivo. Não criaram a espiritualidade carmelitana, mas foram seus restauradores e topos supremos da mística espanhola da reforma. ANDRES, M., La teologia española em el siglo XVI, p.158-9.

¹⁹ Na busca da coerência na missão, muitas vezes nos deparamos com a contradição dos santos que, apesar de amarem Cristo, foram para seus contemporâneos em alguma situação motivo de tensão: “É um acaso que os grandes santos não tenham estado somente em tensão com o mundo, mas também com a Igreja, com a tentação da Igreja de se tornar mundo, e que tenham sofrido por obra da Igreja e na Igreja (...) O que falta à Igreja de hoje (e de todos os tempos) não são os panegiristas da ordem constituída, e, sim, homens nos quais a humildade, a obediência não é menor que a paixão pela verdade, homens que dão testemunho, não obstante toda a possível deturpação e ataque; numa palavra, homens que amem a Igreja mais do que a comodidade e a tranquilidade do próprio destino.” (RATZINGER, J., Il nuovo popolo di Dio, p.278-88)

A mística teresiana possui instrumentais que auxiliam a teologia da missão e a pastoral. O espírito contemplativo é permeado por forte anseio apostólico²⁰, a parresia leva Teresa a agir com ousadia tendo como fonte o próprio Deus.²¹

A Igreja sinaliza, no seguimento de Jesus, sua dimensão vital que é a missão. Uma Igreja que vive em si uma experiência de sentido a partir da experiência com o crucificado-ressurreto é uma Igreja missionária, uma Igreja que, revestida do “poder do alto” em Pentecostes, sinaliza o Reinado de Deus no mundo.²² A nova evangelização, seguindo na esteira da proposta de atualização do Concílio Vaticano II, quer fazer novamente resplandecer a beleza da fé em nosso tempo. É importante compreender a nova evangelização em sua profunda relação com a pastoral. O termo “pastoral” deriva de pastor. No início de seu uso (finais do século XVIII e princípios do século XIX), referia-se basicamente à doutrina e prática de formar pastores (presbíteros), e ao modo de realizar o ofício da *cura animorum* (cuidado das almas) próprio do pároco.²³ Contudo, dentro da eclesiologia do Concílio Vaticano II, compreendemos a pastoral dentro de uma perspectiva de ministérios em que cada membro do corpo de Cristo, dentro de seu carisma e vocação específicos, colabora para autoedificação da própria comunidade eclesial a partir do paradigma testemunhal do próprio Jesus.²⁴

²⁰ MENDIOLLA, D. A. F. El Carmelo Teresiano en la historia. Una nueva forma de vida contemplativa e apostólica. Primera parte. El Carmelo Teresiano en vida de la Madre Fundadora, Teresa de Jesus. (1515-1582), p.679-700; F 1,1;1,7: es preciso destacar el espíritu misionero de Teresa de Cepeda y Ahumada. Normalmente, asociamos la experiencia mística y la vida contemplativa a un fin en sí mismo. Sin embargo, esta mujer le da un sentido apostólico a la contemplación. De los cinco primeros años en San José de Ávila, la fundadora recuerda estas dos cosas: que fueron “los más descansados de mi vida, cuyo sosiego y quietud echa harto de menos muchas veces mi alma” (Fundaciones 1, 1), y que allí crecieron incontenibles sus deseos apostólicos del bien de las almas. El espíritu misionero de Santa Teresa tuvo su detonante en una circunstancia concreta, en el verano de 1566, con ocasión de la visita de un franciscano, fray Alonso Maldonado, que venía de las Indias, de Nueva España (México), y que hablaba con énfasis de “los muchos millones de almas que allí se perdían por falta de doctrina, e hizonos un sermón y plática animándonos a la penitencia”.

²¹ PEDROSA-PÁDUA, L., Mística e profecia na espiritualidade cristã. O testemunho de santa Teresa de Jesus, p.757-78. “Uma das grandes características na espiritualidade teresiana é a ousadia (...) Toda a vida de Teresa de Ávila expressa esta ousadia (...). Qual é a fonte desta ousadia? Para Teresa, é o próprio Deus em seu amor desconcertante e gratuito por nós.” (p.758)

²² “A existência da missão da Igreja depende da efusão do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Para a Igreja ser, e ser na missão.” (KAROTEMPREL, S., Seguir a Cristo en la Misión. Manual de missiologia, p.60 (tradução nossa).

²³ FLORISTÁN, C. Teología práctica, teoría y praxis de La acción pastoral, p.108.

²⁴ “Entendendo-se por evangelização o anúncio da Boa-Nova do Reino e do amor do Pai, manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado, para a salvação, podemos dizer que a pastoral e evangelização não se identificam, mas são interdependentes e complementares; a evangelização é a tarefa que deve ser realizada (o que), e a pastoral é o modo necessário de concretizar tal tarefa (o como); a evangelização é uma e única, a pastoral é diversa e com métodos variados. O ministério pastoral é instrumento e canal, o Evangelho, a fonte. Daí que o mais importante não seja realizar

Mostra-se evidente, neste contexto, a importância relação entre evangelização e pastoral.²⁵

Uma das atuais e oportunas definições sobre a pastoral encontra-se no discurso do papa Francisco, no encontro que teve com o episcopado brasileiro por ocasião da Jornada Mundial da Juventude em 27 de julho de 2013:

Pastoral nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão. Por isso, faz falta uma Igreja capaz de descobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem misericórdia poucas chances temos hoje de inserir-nos em um mundo de “feridos”, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor.²⁶

Dentro desta dimensão missiológica-pastoral²⁷ está a missão de Teresa na Igreja. Podemos afirmar que a Igreja reconheceu em todo o movimento de reforma empreendido por diversas personalidades no tecido eclesial o lugar de Teresa e seu carisma.²⁸ A reforma teresiana é um transbordamento da contemplação na ação como nos relata o livro das *Fundações*, em que Teresa de Jesus deixa claro o seu desejo que, por meio de uma ação missionária no mundo – na Espanha e na América Latina, chamada por ela as Índias²⁹ –, houvesse bons

ações, mas evangelizar por meio delas. Conclusão: se o ministério não fizer presente Jesus Cristo e sua práxis, não é evangelizador e não merece o qualificativo de ‘pastoral’.” VALADEZ FUENTES, S., *Espiritualidade Pastoral: Como superar uma pastoral “sem alma”?*

²⁵ VALADEZ FUENTES, S., *Espiritualidade Pastoral: Como superar uma pastoral “sem alma”?*, p.21.

²⁶ FRANCISCO, Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil, p.54.

²⁷ AUGUSTIN, G., *La chiesa secondo Papa Francesco*, p.103: “A pastoral em uma chave missionária requer abandonar o confortável critério pastoral de ‘sempre foi feito assim’. Convido todos a serem ousados e motivados nesta tarefa de repensar os objetivos, estruturas, estilo e métodos de evangelização de suas comunidades (EG n.33). O Papa Francisco quer que entendamos toda a vida eclesial como evangelização, evangelização interna e externa. Uma igreja em saída deve basear todas as suas atividades no ponto de vista missionário: a missão é a abertura do cristão para o exterior, a evangelização é o caminho da existência da igreja” (tradução nossa).

²⁸ Así lo hace G. Bédouelle, que habla en términos de “la reforma del catolicismo (1480-1620)” y retrotrae los orígenes de la Reforma a la Iglesia católica de la España de los Reyes Católicos y la Florencia de Savonarola, prolongando su estudio hasta el siglo XVII, cuya clausura hace coincidir con la fundación de la institución misionera *De Propaganda Fide* (1622). G. Bédouelle ha analizado los medios, las estructuras y de las personalidades de la reforma católica. Escoge cinco figuras que se han convertido en representativas por su fidelidad al espíritu y a las directrices del Concilio de Trento. Se trata de dos pastores, S. Carlos Borromeo, arzobispo de Milán, que inaugura el período de la puesta en práctica de la reforma tridentina, y S. Francisco de Sales, que en cierto sentido lo clausura. El tercero es el Papa Pío V, con su celo por elaborar los instrumentos de la reforma; el cuarto es Roberto Belarmino que, con su sistematización teológica y eclesiológica, ha marcado el catolicismo durante siglos. La quinta es Santa Teresa, prototipo del papel de la mística y de la vida religiosa femenina en la renovación del catolicismo. MADRIGAL, S., *Renovación y reforma de la Iglesia: una perspectiva histórica*. Aula de estudios sobre religión. XXXI Curso de teología, p.8.

²⁹ F 1, 7.

evangelizadores. Quando olhamos para a primeira fundação de carmelitas descalços em Duruelo, vemos como a Santa se alegra que a população do lugarejo começasse a receber assistência religiosa, para que ali se irradiasse o Evangelho por meio da oração e da pregação. A irradiação de uma vida frutuosa contemplativa e apostólica manifesta a força do amor como fonte de missão e de uma presença transfiguradora na Igreja no mundo.³⁰

O objetivo geral da tese é demonstrar que há um viés próprio do carisma teresiano que contribui para a nova evangelização, através de uma compreensão mais ampla da universalidade e abrangência do que pretendiam os reformadores do Carmelo – colaborar para uma melhor qualidade da vida espiritual, seja na sua relação com Deus, seja na missão da Igreja no mundo através da contemplação e ação apostólica. O que pretendemos aqui é promover uma melhor compreensão do que se entende como uma necessária nova evangelização a partir da mística teresiana, de modo que estes elementos possam convergir em melhor *missão integral* da Igreja no mundo de hoje.

Observamos que, na compreensão de Santa Teresa, o mundo é o lugar onde acontece este transbordamento do amor, da graça e da misericórdia de Deus. A experiência com o mistério de Deus não se encerra somente na dimensão pessoal, ela transborda no todo, isto é, no mundo, e é nesta relação dialética que pode o mundo descortinar novos horizontes para pensar os atuais desafios da própria missão evangelizadora da Igreja.

O elemento inédito que estamos trabalhando nesta tese é a apresentação da mística teresiana como uma contribuição à estação da nova evangelização em nossos dias, e que pretende uma transformação missionária da Igreja. Alguns autores e pesquisadores da mística teresiana chegam a citar uma dimensão apostólica na vida desta reformadora, mas percebemos a escassez de trabalhos que demonstrem e promovam, de modo mais intenso, através de pesquisa, a nova evangelização a partir da mística teresiana. O modo como abordamos este trabalho tem a intenção de proporcionar uma compreensão dos escritos de Santa Teresa de Jesus em sintonia com a nova evangelização, correlacionando de forma efetiva a espiritualidade com a ação pastoral e evangelizadora da Igreja. A percepção das dimensões trinitária e cristológica, antropológica e eclesial da

³⁰ JOSAPHAT, C., As Santas Doutoras. Espiritualidade e emancipação da mulher, p.76.

evangelização, que aparecem nos escritos teresianos, permite verificar o transbordamento do dado místico e seu caminho comum enquanto ação pastoral e evangelizadora. Isso possibilita pensar a espiritualidade e a pastoral como “vasos comunicantes” que convergem à mesma vida e missão da Igreja.

Reconhecemos que a mística é um caminho possível para o aprofundamento da experiência cristã, que é profundamente marcada pela vivência da experiência de Deus. Essa experiência corresponsabiliza o cristão em seu testemunho e empenho pelo bem comum, uma vez que o cristão é um cidadão – tanto da cidade celeste como da cidade secular. Essa mesma dimensão mística não dispensa o cristão de buscar aprofundar as razões de sua fé. Em Santa Teresa de Jesus, é evidente o acento que se confere à experiência, contudo, podemos afirmar que Teresa buscou viver com lucidez a própria experiência, aprofundando, seja pelo estudo, seja através de diálogos com teólogos abalizados, a autenticidade da própria experiência, pois a experiência de Deus é como um novo nome para contemplação³¹. Essa ação não se fecha num empirismo espiritual, em que o que vale é apenas aquilo que toca a minha sensibilidade ou interioridade, há também uma determinante colaboração da razão, que, aberta ao dado da fé, procura sempre crescer na direção de maturidade no pensar e no experienciar.³²

A Igreja Católica, ao reconhecer a universalidade da experiência de Teresa, através do doutorado a ela conferido, a definiu como “mestra dos espirituais”, embora ela ainda continue aparecendo para muitos como uma mulher sob “suspeita”, mulher sobre a qual se deve ter muita cautela.³³ Se contemporaneamente alguns ainda “desconfiam” e demonstram-se um tanto quanto temerosos, é de se notar o grande desconcerto que a sua vida e as suas

³¹ PONTIFICIA COMISIÓN PARA AMÉRICA LATINA, *Evangelizadores, obispos, sacerdotes y diáconos, religiosos y religiosas, laicos*, p.115.

³² “Uma espiritualidade, que valorize a vocação e que se proponha um itinerário de santidade, não pode estar separada de uma séria cultura pessoal e comunitária. Como é possível colocar-se como testemunha viva, na sociedade contemporânea, se não se tem claro conhecimento das duas realidades em confronto: a Igreja e o mundo. O risco da ignorância está realmente muito difundido e gera, efetivamente, cristãos emotivos, talvez também generosos e corajosos, não, porém, sábios, e, portanto, mais expostos a uma sociedade dominada por modismos. Um cristão que não possua uma sólida formação e uma adequada cultura, não consegue opor, por motivações eticamente consistentes aos modelos de comportamentos diferentes, propostos e, às vezes, impostos pelas forças dominantes da sociedade secularizada.” (MONTICONE, A., *La difficoltà di essere cristiani oggi*, em *coscienza*, p.6 (tradução nossa). SECUNDIN, B.; GOFFI, T., *Curso de espiritualidade: experiência sistemática, projeções*, p.615.

³³ “Eu vou dizer de maneira provocadora: a mim me convence mais uma personagem de novela que me fale de Deus que Santa Teresa de Ávila” (GESCHÉ, A., *Les mots et les livres*, p.144, tradução nossa);

obras provocaram ao discernimento de alguns. Por outro lado, Santa Teresa é, para a Igreja de modo mais universal, enquanto doutora, uma testemunha autorizada para ensinar sobre as dinâmicas da vida espiritual, e o que lhe confere uma autoridade admirável é a sua capacidade de descrever com precisão a experiência de Deus em sua conexão com a vida. Santa Teresa define três momentos importantes de leitura da experiência de Deus – sentir, entender e comunicar. Aqui se visibiliza sua missão espiritual e sua autoridade de comunicar a experiência de Deus, pois na sua pessoa se verifica de modo formidável este discernimento.³⁴

Ao apresentar a pesquisa, procuramos uma metodologia que destacasse um núcleo central, isto é, a mística apostólica de Santa Teresa como ferramenta oportuna à nova evangelização. O trabalho tem como caminho metodológico a abordagem das obras de Santa Teresa de Jesus: *Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Castelo Interior e Fundações*³⁵, buscando, através das pesquisas, destacar o pensamento contemplativo e apostólico que demarca e aprofunda a consciência que Teresa tinha da relação com a missão evangelizadora da Igreja. Através desta aproximação e compreensão do pensamento teresiano, procura-se abordar a nova evangelização e o atual conteúdo programático no que se refere à transformação missionária da Igreja. Assim sendo, nosso objeto material é a nova evangelização e o nosso objeto formal é a mística teresiana.

Para melhor destacar este núcleo central optamos por organizar a tese em três grandes partes. Na primeira parte, abordaremos à gênese e as exigências teológicas e pastorais na atualidade da nova evangelização, e fazemos isto em quatro capítulos. Discorreremos desde o período em que o conceito começou a ser utilizado, assim como as suas novas formas de abordagens. Para isso, iremos

³⁴ Hemos espigado algunos testimonios sacados de los escritos de Santa Teresa de Jesús. Su obra literaria constituye una de las referencias del espíritu de la reforma. Esta escritora, reformadora, mística, tuvo siempre el ojo de la Inquisición puesta en ella. Ella – y también el joven carmelita S. Juan de la Cruz, que le ayudará en su empresa – sufrirá la sombra de la sospecha que sobre la vida espiritual y mística se cernía entonces en España. Las ansias de hacer lo poquito son las que la han llevado también fuera del convento para propagar su estilo de vida por medio de otras fundaciones. Desde su experiencia de Dios elige y lleva a cabo una actividad misionera que será estrictamente juzgada con el exabrupto con el que le amonesta el nuncio Felipe Segá: *fémína inquieta y andariega, desobediente y contumaz*, “que a título de devoción inventaba malas doctrinas, andando fuera de clausura, contra el orden del Concilio Tridentino i Prelados: enseñando como maestra, contra lo que Pablo enseñó, mandando que las mujeres no enseñasen”. MADRIGAL, S., Renovación y reforma de la Iglesia: una perspectiva histórica. Aula de estudios sobre religión. XXXI Curso de teología, p.11.

³⁵ Na tese, as citações seguirão a orientação brasileira referenciada na bibliografia.

buscar auxílio em algumas áreas de pesquisas teológicas, tais como a trinitária e cristológica, a antropológica, a teológica, a eclesiológica, a missiológica e a pastoral. Esta aproximação metodológica visa perceber como a teologia pode agir como um referencial para analisar toda a experiência eclesial, assim como permite refletir sobre a relação da fé cristã com os desafios do mundo contemporâneo.

Tendo claro este ponto de partida, avançamos para a abordagem do núcleo teológico em que a vida e as obras de Santa Teresa de Jesus oferecem elementos para perceber o entrelaçamento necessário e vital entre mística e a missão evangelizadora da Igreja. De modo que a evangelização não seja apenas uma propaganda, ou seja, um verniz que faz reluzir alguns aspectos da vida cristã, mas apresente, sim, a substância ou o conteúdo vital da nova evangelização que é justamente a mística enquanto “alma” de todo o processo evangelizador.

Na primeira parte, iniciamos situando a nova evangelização a partir do grande impulso dado pelo Concílio Vaticano II, um ponto de partida na modernidade para um novo lançar-se da Igreja no mundo por meio daquilo que constitui a sua essência, isto é, a missão. Demonstramos também, nesse capítulo, a origem do conceito de nova evangelização e o seu surgimento, assim como o seu desdobramento através das situações emergentes que foram surgindo no mundo e na América Latina. As conferências episcopais souberam bem situar em seus contextos os desafios da nova evangelização, assim como propor para a Igreja o belíssimo modelo de uma ação participativa que se consolida através da comunhão, ou seja, a sinodalidade como um caminho de potencialização maior e mais amplo do discernimento disponibilizado para a Igreja em sua ação evangelizadora.

Dentro deste mesmo espírito evangelizador, destacamos, no terceiro capítulo, a teologia da nova evangelização indo às fontes petrinas, ou seja, percebendo um pouco como os rostos da nova evangelização se apresentam através do ministério petrino de São Paulo VI, São João Paulo II, Bento XVI e, atualmente, do papa Francisco. Refletimos como estes rostos e paradigmas específicos foram sendo configurados dentro de cada momento histórico em que a Igreja, através de sua presença no mundo, percebia e discernia alguns acontecimentos que evocavam respostas emergentes à luz do próprio evangelho, seja quanto à vida interna da Igreja, seja quanto à sua missão no mundo.

Ao escrever o capítulo quarto, destacamos como a ação missionária da Igreja se faz presente no mundo formando discípulos missionários. Estes discípulos missionários são os que, enviados a evangelizar, refletem o modo como essa presença e este agir de Cristo Bom Pastor se atualizam em cada contexto por meio de diversas formas de atuar pastoralmente. Destacamos, neste ponto, a exortação apostólica do papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*, como um autêntico divisor de águas, no sentido em que tudo é colocado sobre o prisma da evangelização, e da pastoral, assim como todos os modos de atuar através da visibilidade da Igreja no mundo, parte sempre de uma chave de leitura que tem a missão como centro.

Na segunda parte iremos tratar sobre as contribuições teológicas da mística teresiana para a nova evangelização e o faremos em quatro capítulos. Primeiramente, apresentaremos como Santa Teresa de Jesus, no seu contexto, buscou dar uma resposta às interpelações do Espírito Santo que a movia a agir, seja enquanto uma nova discípula missionária no seu tempo, com os instrumentos que dispunha para evangelizar, seja como uma teóloga refletindo o modo de atuar a partir da experiência de Deus e guiada pelo testemunho da Palavra dele, e também por meio do discernimento de uma rede de amigos que dispunha, dentre eles vários teólogos e espirituais de sua época.

O sexto capítulo é uma abordagem da antropologia teresiana presente no livro *Castelo Interior*, e sua contribuição como elemento formativo dos novos evangelizadores com espírito. No *Castelo Interior*, Santa Teresa apresenta as moradas como modalidades de encontro, em que a pessoa realiza seu itinerário de relação e de seguimento da pessoa de Jesus Cristo. Teresa demonstra a bela relação entre cristologia e antropologia. Apresenta Cristo como o caminho e fonte restauradora e amorosa em que o ser humano vive uma transformação e uma transfiguração, frutos de sua disposição e abertura à ação do Espírito Santo sobre a sua pessoa.

No sétimo capítulo, abordamos os aspectos cristológicos do pensamento de Santa Teresa e o acento que ela dá às virtudes como estratégia de renovação pessoal e espiritual. Outro aspecto que ressaltamos, nesse capítulo, é a dimensão mistagógica do Pai-Nosso. Quando a Santa começa a descrever o que ela entende por oração, ela retoma o Pai-Nosso e, através de uma reflexão teológica e prática, o apresenta não apenas de um modo pessoal e intimista, mas demonstra o desejo

de Jesus por ensinar os discípulos a orar mais, assim como correlaciona a oração com a vida de tal modo que sejam abraçadas como dimensões inseparáveis do mesmo caminho espiritual.

No capítulo oitavo, procuramos descrever a relação vital de Teresa com a Santíssima Trindade, e como essa relação com as três pessoas da Trindade é para ela o modelo fontal do ser da pessoa e da Igreja no mundo. Testemunhamos que, em Teresa, uma vida trinitarizada é uma vida em que o atuar de um evangelizador com espírito é repleto de parresia. A ousadia é um elemento imprescindível na forma de atuar de Teresa, que, mesmo sendo prudente, em diversas circunstâncias sabe que mais do que os interesses humanos nas obras, estão presentes os interesses de Deus, e por esses ela está disposta a dar “mil vidas” se as tivesse. Para Teresa, um evangelizador sem essa coragem e sem essa determinação não é um evangelizador fecundo para o Reino.

A terceira parte da tese é composta por dois capítulos em que apresentamos como a diaconia da mística de Santa Teresa contribui e ilumina o importante percurso dos atuais desafios da nova evangelização. O nono capítulo apresenta como a missão e a pastoral são a extensão de uma autêntica experiência com Deus. A mística em Teresa transborda em ação apostólica. Descrevemos aqui os atos apostólicos de Teresa, isto é, como a experiência que ela vive do Espírito Santo a leva a ser, à semelhança do apóstolo Paulo, fundadora de novas comunidades, plantando pela Espanha novas formas de viver a Igreja. O amor pela missão e o amor pela Igreja fizeram de Teresa, a exemplo de Maria Madalena, uma apostola de apóstolos.

Finalmente no décimo capítulo, descrevemos a mística teresiana e a nova evangelização como realidades úteis e oportunas para um novo pentecostes na Igreja em nossos dias. Não se pode pensar uma missão e uma pastoral sem mística. A mística é a alma da nova evangelização e deve ser a alma de toda a transformação missionária da Igreja. O que Teresa fortemente recomenda é manter uma disponibilidade de vida e de serviço fiel a Deus. Deus sabe como atrair cada pessoa à sua intimidade, e a compartilhar mais estreitamente de seus projetos. Neste aspecto, apresentamos alguns elementos testemunhais da vida de Teresa, a sua vida teologal, fundamental para compreendermos como Teresa, na vida, se abre à ação do Espírito Santo tornando-se um testemunho luminoso na vida da Igreja. De tal modo, isso nos convida a pensar uma pastoral da santidade,

motivados a retomar alguns elementos da vida espiritual que são a fé, a esperança e o amor, e que podem favorecer um novo impulso missionário à Igreja.

Ao olhar para a vida de Teresa, percebemos que a mística foi um elemento fundamental e o *leimotiv* que fez com que a Santa vivesse uma profunda conversão pastoral. Vemos nela uma grande fonte de inspiração capaz de impulsionar o nascimento de várias iniciativas missionárias, assim como captamos o testemunho da forte presença de seus filhos no carisma através de sua relação com a Propaganda Fidei em sua época, e que, por séculos, viram nesse meio um modo de auxiliarem a Igreja na missão evangelizadora. A formação de novos missionários e especialistas sobre a missão também se dava através de outro órgão importante na vida da Igreja, a Universidade Urbaniana em Roma. Entretanto, não somente por estes meios o espírito missional se faz presente, impelindo a evangelização que é antes de tudo comunhão de vida com a Trindade. Se lançarmos um olhar sobre a “grande nuvem de testemunhas” de santos e santas que tinham Teresa como modelo de missão e evangelização, assim como uma inumerável quantidade de família de consagrados e novas comunidades no seio da Igreja, hoje, que têm nessa “mãe dos espirituais” um autêntico baluarte para o seu carisma, percebemos que o carisma da Santa Madre Teresa de Jesus continua vivo. Por meio de sua ação no mundo, Deus o faz ser uma forte presença e influência relevante na vida cristã de muitos de seus contemporâneos, e na comunhão dos santos, ou seja, na Igreja triunfante, a Santa continua a sua interseção e a sua expansão em amor sendo uma colaboradora de Deus para com a Igreja militante – e por que não dizer com a Igreja padecente, se a sua oração, longe de ser mensurável pela lógica humana, é um bálsamo para todos os que desejam a união com Deus e está a serviço desta verdade.

O atuar de Teresa na Igreja e pela Igreja é um atual modelo de como os pastores e povo fiel são chamados a ir para além de seus interesses pessoais ou interesses do seu grupo, é um chamado a conversão. Um chamado a ser uma Igreja em saída, como diz o papa Francisco, ou se preferirmos uma igreja ‘extática’, no sentido que já não vive em si e para si, mas vive para fora, ou seja, reconhece que existe para ser sinal do reinado e da presença servidora de Deus no mundo.

Enfim, dentro do panorama de estudos desenvolvidos nesta tese, procuramos refletir de modo exaustivo, contudo saboroso, como a mística

contribui de modo salutar para todo o planejamento pastoral ou evangelizador da Igreja. Utilizamos as lentes teresianas para pensar alguns aspectos da evangelização e para propor um discernimento teresiano no modo de atuar a partir da experiência de Deus. Contudo, estamos conscientes que sempre é necessário fazer uma hermenêutica adequada para saber informar e comunicar, de modo sempre melhor e propositivo, a mística teresiana à obra evangelizadora. Neste sentido, fomos às fontes dos escritos de Teresa, buscando revisitá-los contando com o auxílio de diversos teresianistas, que por anos se debruçam sobre o pensamento de Teresa, conectando-o à vida da Igreja em nossos dias. Foi o que buscamos fazer neste trabalho de aproximação, discernimento, acolhimento e aprofundamento de modo teológico sobre estes conteúdos, colocando-os em conexão com o itinerário espiritual de cada pessoa, e com a vida da Igreja, assim como em sua caminhada pós-conciliar à luz da nova evangelização, e essa à luz da mística teresiana.

1ª Parte

A nova evangelização: dimensões histórica, teológica e missiológico-pastoral

2

Dimensão histórica da nova evangelização

Nesta primeira parte pretendemos apresentar algumas dimensões históricas, teológicas e missiológico-pastorais da nova evangelização. Um dos pontos germinais e inspiracionais do conceito de ‘nova evangelização’ foi justamente o Concílio Vaticano II, e a experiência eclesial de São João Paulo II. Contudo, sabemos que o desejo de uma ‘nova evangelização’ renovada na Igreja, e a urgência de poder potencializar a participação de todos os cristãos na evangelização já era uma realidade contemplada pela Igreja até mesmo antes do Concílio Vaticano II, pelo Papas Pio XII, e São João XXIII, o Papa que convocou o Concílio Vaticano II.

O Concílio Vaticano II, é um referencial de inspiração a todo caminho que a Igreja vem percorrendo nas últimas décadas através dos diversos Sínodos, sejam eles continentais ou gerais. O desejo de ‘caminhar juntos’, e de juntos se colocar a escuta do Espírito Santo dentro das atuais interpelações dos sinais dos tempos, tornou-se em nossos dias uma convocação a redescobrir o seguimento de Jesus Cristo através do discipulado missionário. A jovialidade da Igreja apesar de sua multi-secular experiência é o que possibilita a mesma Igreja a abrir-se sempre de novo a uma conversão pastoral, seja primeiro internamente, e a partir deste para o mundo através de um corajoso testemunho do evangelho, que se constitui não apenas em palavras ou idéias, mas em um encontro vivo com a pessoa de Cristo que desvela oportunos e necessários horizontes, assim como renovadas motivações para que a Igreja continue a sua nobre e insubstituível missão de evangelizar com a força e o poder do Espírito Santo.

2.1

O caminho da nova evangelização após o Concílio Vaticano II

A consciência eclesial formada pelo grande evento eclesial do Concílio Vaticano II compreende que desponta e se torna palpável, na sociedade, um mundo novo, que vai configurando um novo homem dentro da história e das estruturas contemporâneas, possibilitando refletir a respeito de qual deva ser a melhor e mais plausível evangelização a se propor para o homem de hoje.³⁶ O retorno a uma antropologia que tem as suas raízes na pessoa de Jesus Cristo torna-se fundamental neste momento, assim como uma atualização e compreensão do ser humano, dentro e a partir de categorias teológicas que podem favorecer uma melhor compreensão de outras abordagens pertinentes sobre a pessoa humana, contribuindo desta forma para que cada cristão venha a perceber sua grandeza, debilidades e tarefas no mundo.³⁷

A Igreja Católica, dentro da missão a que seu fundador lhe entregou, se sente chamada a compartilhar os tesouros do seu depósito e patrimônio espiritual, de modo que, perscrutando o Espírito de Deus, melhor esteja aberta a uma permanente renovação e reforma que lhe permita evangelizar. Isso significa continuar a transmitir a mensagem do evangelho,³⁸ que é alegria e enche a vida humana de um horizonte que possibilita o ser humano encontrar sentido a partir da grandeza do próprio dom que é a vida que lhe foi entregue pelo Criador, redimida por Cristo e sustentada no Espírito Santo.

Com este propósito pretendemos compreender, com sutileza maior a partir do Concílio Vaticano II, o caminho que a Igreja procura percorrer, buscando uma

³⁶ Para uma melhor transmissão da fé, é mister a aproximação da Igreja de seus contemporâneos. “A origem da base da fé cristã é constituída do diálogo salvífico entre Deus e o homem. A nossa fé é, portanto, um diálogo, enquanto cresce da escuta e da resposta a Palavra de Deus. É este o caminho que somos chamados a percorrer. A abertura as questões do tempo e a disponibilidade de se aproximar com fé cristã, buscando respostas as interrogações das pessoas, esta é a missão constante da Igreja que Deus colocou a serviço do homem.” AUGUSTIN, G., *La Chiesa secondo Papa Francesco*, p.126.

³⁷ Um dos primeiros Padres a bem definir esta grandeza da pessoa foi Ireneu de Lion: “A glória do homem é Deus, mas o receptáculo de toda ação de Deus, de sua sabedoria, de seu poder é o homem.” SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, L. III, 20, 2-3.

³⁸ Uma das principais tarefas do Concílio Vaticano II foi a de apresentar com clareza os desafios atuais da Igreja na tocante à sua missão evangelizadora. “O Concílio nasceu com a intenção de dar ao apostolado da Igreja, nas circunstâncias tão graves do mundo de hoje, toda a sua amplitude e eficácia.” GUILLLOU, M-J., *El rostro del Resucitado. Grandeza profética, espiritual y doutrinal, pastoral y missionária del Concílio Vaticano II*, p.29.

chave hermenêutica³⁹, em que ela própria, percebendo e apresentando os novos desafios deste terceiro milênio, contribua para uma maior e mais eficaz evangelização no mundo. Buscamos apresentar, aqui, alguns caminhos percorridos e outros a percorrer após o CV II, e as suas motivações teológicas e pastorais.

2.1.1

A grandeza profética, espiritual e doutrinal, pastoral e missionária do Concílio Vaticano II

Um dos princípios fundamentais do Concílio Vaticano II foi renovar e recuperar a vivacidade e a determinação missionária e espiritual presente no coração dos apóstolos e discípulos de Jesus no contexto do mundo atual.⁴⁰ Podemos afirmar que o papa João XXIII almejava que a “sóbria embriaguês”⁴¹ do Espírito Santo descrita pelos Padres da Igreja superasse a inércia apostólica que fechava a Igreja em si mesma, não permitindo que ela se aproximasse e percebesse os sinais dos tempos e as mudanças epocais que a conduziriam a renovar suas respostas frente aos novos questionamentos que o mundo lhe apresentava, como a necessidade de uma linguagem mais acessível, um diálogo mais aberto, a importância da liberdade religiosa. Também era interpelada por um testemunho externo de maior comunhão interna, e um caminhar juntos frente aos grandes desafios externos presentes na sociedade, tais como a pobreza, a injustiça

³⁹ ST-PIERRE, M., *Les Fondements Bibliques de la croissance. Au service de La nouvelle evangelisation*, p.65.

⁴⁰ A consciência das mudanças epocais, e um renovado Pentecostes, permite deste modo um caminhar para um novo cenário no contexto eclesial. “Repita-se, assim, na família cristã o espetáculo dos apóstolos reunidos em Jerusalém, depois da ascensão de Jesus aos céus, quando a Igreja nascente se encontrou toda unida em comunhão de pensamento e de oração com Pedro e ao redor de Pedro, pastor dos cordeiros e das ovelhas. E digno-se o divino Espírito ouvir da maneira mais consoladora a oração que todos os dias sobe de todos os recantos da terra: “Renova em nossos dias como que os prodígios de um novo Pentecostes, e concede que a Igreja santa, reunida em unânime e mais intensa oração com Maria, Mãe de Jesus, e guiada por Pedro, difunda o reino do divino Salvador, que é reino de verdade, de justiça, de amor e de paz. Assim seja.” Constituição Apostólica com a qual foi convocado o Concílio Vaticano II. AAS 51 [1959], p.832.

⁴¹ A experiência profunda da ação do próprio Espírito Santo permite olhar com sobriedade, mas com destemor os contextos em que se apresenta a missão permanente da Igreja em seu hoje. “Al ser gran sacramento del Espíritu, el Concilio invitaba a los obispos a conocer ‘la sobria embriaguez del Espíritu’, a única capaz de liberarles de sus límites individuales y de hacer de ellos lo Padres de la conciencia de la Iglesia, mientras proclaman al mundo la hora de la salvación, la venida del Reino: levantad la cabeza porque se acerca vuestra liberación (Lc 21, 28).” JOÃO XXIII, Mensaje a todos los fieles del orbe, 11 de septiembre de 1962, p.501.

e a perda de sentido por muitos de nossos contemporâneos frente às dificuldades da vida.

Ao discorrermos sobre a nova evangelização, buscamos nos aproximar, também, do grande evento que foi o Concílio Vaticano II para toda a Igreja, e que se tornou uma fonte essencial para compreender a nova evangelização. Documentos como, por exemplo, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que apresenta linhas fundamentais para toda Igreja no que se refere à sua missão no mundo contemporâneo; a Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, que apresenta uma reflexão teológica sobre o mistério da Igreja; a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, que apresenta a fecundidade da renovação bíblica; a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, que abre novo caminho para a recepção dos sacramentos da iniciação cristã e a importância da participação mais ativa, consciente e frutuosa dos fiéis nas celebrações. Outro decreto de densidade missionária preciosa é o Decreto *Ad Gentes*, sobre a evangelização dos povos. Elencamos aqui alguns documentos importantes, salientando que todos os documentos, em um sentido geral, são como que uma grande sinfonia que apresentam um desejo contundente de colocar a missão da Igreja como tarefa insubstituível em nossos dias.

O Concílio Vaticano II aparece como um acontecimento eclesial marcante para toda a Igreja, mas imprime no coração e na mente de muitos bispos e teólogos que dele participaram uma performance pastoral e espiritual que os configura e os engaja em uma grandíssima tarefa no pós-Concílio, isto é, no modo de ser e de proceder como Igreja, marcados por uma atitude ousadamente profética, missionária e comunitária.⁴² Esta experiência conciliar suscitou o desejo de caminhar juntos e próximos, o que veio a proporcionar, futuramente, a concretização de um caminho sinodal frutuoso para todo o povo de Deus.

2.1.2 O atual caminho sinodal da Igreja

⁴² O papa São João Paulo II descreveu o legado deixado pelo Concílio Vaticano II em sua experiência episcopal quando afirma: “Como obispo que participou en el acontecimiento conciliar desde el primer día hasta el último, deseo confiar este gran patrimonio a todos los que están y llamados a aplicarlo. Por mi parte, doy las gracias al eterno Pastor, que me ha permitido estar al servicio de esta grandísima causa a lo largo de todos los años de mi pontificado.” Testamento de João Paulo II. “Totus tuus”. L’Osservatore Romano. Edición semanal em lengua española n.37, 2005, p.193-194.

O Sínodo dos Bispos é uma instituição permanente, criada pelo papa Paulo VI (15 de setembro de 1965), em resposta aos desejos dos padres do Concílio Vaticano II em manter vivo o espírito de colegialidade nascido da experiência conciliar. Etimologicamente falando, a palavra “sínodo”, derivada dos termos gregos “*syn*” que significa “juntos” e “*hodos*” que significa “caminho”, expressa a ideia de “caminhar juntos”.

Um sínodo é uma reunião ou assembleia religiosa na qual alguns bispos, reunidos com o papa, têm a oportunidade de trocar informações e compartilhar experiências uns com os outros, com o objetivo comum de buscar soluções pastorais que tenham validade e aplicação universal. O sínodo pode ser definido, em termos gerais, como uma assembleia de bispos representando o episcopado católico com a tarefa de ajudar o papa no governo da Igreja universal. Afirmou João Paulo II que o Sínodo é “uma expressão particularmente frutífera e instrumento da colegialidade episcopal”.⁴³ Já na fase preparatória do Concílio Vaticano II, amadureceu a ideia de uma estrutura, ainda por determinar, que pudesse fornecer aos bispos os meios para ajudar o papa no governo da Igreja universal.

O caminho percorrido pela Igreja após o Concílio Vaticano II foi um caminho repleto de acontecimentos sinodais. Antes do Concílio Vaticano II, o cardeal Silvio Oddi, então Pró-Núncio Apostólico na (Egito) República Árabe Unida, fez uma proposta, em 15 de novembro de 1959, para estabelecer um órgão de governo central da Igreja, ou para usar suas palavras, “um órgão consultivo”.⁴⁴ O cardeal Bernardus Alfrink, arcebispo de Utrecht, escreveu, em 22 de dezembro de 1959, com termos claros:

O Concílio proclama que o governo da Igreja universal é, por direito próprio, exercido pelo colégio dos bispos em comunhão com o papa como instância maior. Daí decorre que, por um lado, o cuidado da Igreja universal é responsabilidade de cada bispo individualmente e também, por outro lado, que todos os bispos participem do governo da Igreja universal. Isso pode ser feito não apenas convocando um concílio ecumênico, mas também criando novas instituições. Um conselho permanente de bispos especializados, eleitos de toda a Igreja, poderia encarregar-se de uma função legislativa em união com o sumo pontífice e os

⁴³ L'Osservatore Romano, Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 30 abr 1983; 1 mai 1983.

⁴⁴ CELAM per es. S. ODDI, Internunzio Ap. In R.A.U. (ADA, s.I, v.II, pars V, 393).

cardeais da Cúria Romana. As congregações, então, manteriam apenas um poder consultivo e executivo.⁴⁵

Foi, no entanto, o papa Paulo VI, ainda arcebispo de Milão, que deu força a essas ideias. No discurso por ocasião da morte do papa João XXIII, ele se referiu a uma “colaboração contínua do episcopado, ainda não efetiva, que permaneceria pessoal e unitiva, mas que teria a responsabilidade do governo da Igreja universal”⁴⁶. Eleito papa, ele retornou ao conceito de colaboração no colégio episcopal, os bispos em união com o sucessor de São Pedro na responsabilidade do governo da Igreja universal.⁴⁷

Finalmente, na conclusão do discurso inaugural da última sessão do Concílio, em 14 de setembro de 1965, o próprio papa Paulo VI tornou pública sua intenção de instituir o Sínodo dos Bispos.⁴⁸ No dia seguinte, 15 de setembro 1965, no início da 128ª Assembleia Geral, o então bispo Pericle Felici, Secretário-Geral do Conselho, promulgou o *sollicitudo Motu Proprio Apostolica* com a qual oficialmente instituiu o Sínodo dos Bispos. A principal característica do Sínodo dos Bispos é o serviço à comunhão e a colegialidade de todos os bispos com o Santo Padre. Não é um corpo particular com competência limitada como as congregações e os conselhos da Cúria Romana. Ele tem ampla competência para tratar de qualquer assunto de acordo com o procedimento estabelecido pelo Santo Padre na carta de convocação. O Sínodo dos Bispos, com a sua Secretaria Geral permanente, não faz parte da Cúria Romana e não depende dela; mas está direta e exclusivamente sob a autoridade do papa, a quem permanece unido no governo universal da Igreja.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/sinodo-dos-bispos/> Acesso em: 20 dez 2018.

⁴⁶ PAULO VI, Discurso à Cúria Romana, 21 set 1963.

⁴⁷ PAULO VI, Discurso, 4 dez 1963.

⁴⁸ O papa Paulo VI especifica a sua intencionalidade ao criar e atualizar na Igreja um novo percurso sinodal. Seja em sua dimensão *ad Intra*, como em sua dimensão *ad Extra*: “Estamos felizes em vos anunciar. A Instituição, tão desejada por este Conselho, de um Sínodo dos Bispos, que, composto de bispos, mais nomeado pelas Conferências Episcopais com a nossa aprovação, será convocado, de acordo com as necessidades da Igreja, pelo Romano Pontífice, para o sua consulta e colaboração, quando, para o bem geral da Igreja, pareça a ele oportuno. Não é necessário acrescentar que esta colaboração do episcopado deva ser de grande benefício para a Santa Sé e para toda a Igreja, particularmente o trabalho diário da Cúria Romana, ao qual somos tão gratos por sua inestimável ajuda, e da qual como os bispos em suas dioceses, também temos uma necessidade permanente de nossos pedidos apostólicos. As regras e outras informações serão liberadas assim que possível para esta assembleia. Não quisemos privar-nos da honra e da satisfação de lhe dar esta comunicação sucinta para, uma vez mais, testemunharmos a nossa confiança pessoal e a nossa união fraterna. Esta nova instituição, única e esperançosa, nós colocamos sob a proteção da Santíssima Virgem Maria.” PAULO VI, Discurso inaugural da última sessão do Concílio em 14 de setembro de 1965.

Embora o Sínodo dos Bispos seja uma instituição permanente, suas funções e sua colaboração concreta não têm esse caráter. Em outras palavras, o Sínodo dos Bispos se reúne e opera apenas quando o Santo Padre considera necessário e apropriado consultar o episcopado, que em uma reunião sinodal manifesta a sua opinião “em razão da grande importância e gravidade”.⁴⁹

O propósito de cada assembleia sinodal é viver uma experiência de colegialidade entre o episcopado e o papa. Através da aceitação do Santo Padre das sugestões ou conclusões de uma certa assembleia, o episcopado exerce uma atividade colegial que está próxima, mas não coincide, com a manifestada em um concílio ecumênico. Este é um resultado direto de vários fatores: da presença dos padres vindos de todo o episcopado, da convocação da parte do Santo Padre e da “unidade do episcopado, que, para ser um, precisa de um chefe do colégio”⁵⁰, que é o primeiro na ordem episcopal.

O Sínodo dos Bispos tem sido um acontecimento eclesial em que se toca de modo profundo, através da escuta, as diversas experiências pastorais que a Igreja realiza nos diferentes continentes. Ali são percebidos os avanços e as dificuldades da evangelização e da vida eclesial, e como buscar, de um modo comum, um caminho que possibilite discernir e escolher vias que, de modo descentralizado, promovam a percepção do tesouro de experiências contidas no impacto que o evangelho tem produzindo na Igreja. Este impacto de novas experiências pastorais e missionárias gera um perfil que não seja apenas europeizado, mas enriquecido com o testemunho de outras Igrejas locais presentes nos diferentes continentes do mundo.⁵¹

Este frequente auxílio dos bispos através deste órgão de discernimento na Igreja possibilita viver uma participação e uma comunhão maior no *múnus regendi* e, ao mesmo tempo, articular melhor a ação administrativa, missionária e pastoral da Igreja no mundo. Crescem, deste modo, os auxílios disponíveis ao papa, de modo que melhor favoreçam a apresentação de documentos e diretrizes que corresponsabilizem de modo mais intenso a ação universal da Igreja em uma

⁴⁹ PAULO VI, Discurso aos Cardeais, 24 de junho de 1967.

⁵⁰ JOÃO PAULO II, Pastores Gregis, n.56.

⁵¹ BRAVI, M., Il Sinodo Dei Vescovi. Instituzione Fini e Natura. Indagine Teologico-Giuridica, p.23.

direção, onde de antemão já fora aprofundado um discernimento mais frutuoso por meio de um diálogo mais amplo.⁵²

Um acontecimento de singular importância dentro deste desejo de viver a sinodalidade foi o surgimento das Conferências Episcopais Latino-americanas e do Caribe, e a partir delas percebeu-se de modo mais detalhado a grandeza do todo na Igreja, ou seja, a percepção da beleza das experiências e do caminho realizado pelas Igrejas particulares, assim como a sua comunhão com a Igreja universal.

2.1.3

As Conferências Episcopais Latino-americanas e do Caribe

As Conferências Episcopais Latino-Americanas e do Caribe, desde o seu início, tiveram como ponto central de suas abordagens a reflexão sobre a evangelização dentro da missão Igreja neste continente a partir de toda a riqueza e a experiência vivenciada pela Igreja que fora o Concílio Vaticano II. Pensar e ter uma visão clara a respeito dos caminhos pelos quais o Espírito de Deus deseja guiar a Igreja Latino-americana e do Caribe foi o critério principal pelo qual os bispos pensaram e solidificaram uma frutuosa comunhão e partilha de experiências e atividades. Ali se iniciaria uma vivência exemplar e decidida por viver o evangelho de modo que a proximidade com os fiéis e suas situações reais fossem como que o ponto de convergência onde os tesouros da fé cristã pudessem ser propostos como caminho para sustentar a missão da Igreja a partir do reconhecimento da verdade sobre o homem e a defesa de sua dignidade. Dentro deste caminho realizado na América Latina e no Caribe se concretizou aquilo que veio a ser chamado o CELAM, e que se tornou modelo de sinodalidade continental para toda a Igreja universal.

Na América Latina, encontramos experiências significativas que vieram somar com todo este caminhar da Igreja frente aos novos desafios da evangelização. O CELAM tem colaborado de modo bastante importante através de documentos que foram verdadeiras bússolas na ação evangelizadora da Igreja na América Latina.

⁵² FERNÁNDEZ, A., *Nuevas Estructuras de la Iglesia*, p.277-8.

Antes de apresentar algo sobre as conferências que se realizaram após o Concílio Vaticano II, queremos aqui descrever aquilo que pretendeu a 1ª Conferência Geral do CELAM em 1955 no Rio de Janeiro, e que foi condensada na Carta Apostólica *Ad Ecclesiam Christ*, do papa Pio XII aos bispos latino-americanos. Foi uma tentativa de tornar perceptível a urgência da evangelização, mesmo diante dos condicionamentos e preocupação que ainda eram profundamente marcados por um eclesiocentrismo anestesiante de um autêntico ardor apostólico:

Destacamos, aqui, as quatro grandes preocupações comuns que foram constatadas nos países da América. A primeira foi à diminuição de um clero numeroso, virtuoso e apostólico, que pode realizar uma obra mais ampla e profunda de evangelização como exige a América Latina. A Conferência teve como objeto central de seu trabalho o problema fundamental que aflige as nossas nações, a saber: a escassez de sacerdotes. A dificuldade posterior era a instrução religiosa. A terceira preocupação foi descrita como a surdez do povo cristão frente ao apelo por justiça e fraternidade. Quem poderia entre sacerdotes e católicos permanecer surdo ao grito que brota do mais fundo da humanidade suplicando num mundo de um Deus justo o apelo da fraternidade? E, por fim, a quarta preocupação e que despertou novamente a Igreja a se fazer sentir com sua presença diante dos graves problemas da justiça social, não se esquecendo de seu dever de atender adequadamente as necessidades da população indígena, ou seja, daquele grupo de pessoas que mediante o atraso de seu desenvolvimento cultural, constitui na América Latina um problema de especial importância.⁵³

A conferência de Medellín, em 1968, procurou deter-se em três pontos importantes: o primeiro foi compreender o conflito da fé com a modernidade; o desafio da tensão que começava a aparecer entre uma eclesiologia que opõe institucional ao carismático e o problema social como resposta à *Populorum progressio*. Outros pontos que se fizeram notar em Medellín foram a chave hermenêutica de leitura da sociedade, que utilizou o método ver, julgar e agir, assim como o surgimento das comunidades eclesiais de base como pequenas comunidades que buscavam promover a vida cristã, libertando-a do excesso de formalismos, dando um “rosto” mais popular, seja no que se refere à liturgia, seja em outras práticas eclesiais. Esta eclosão popular e dos pobres de modo específico no terceiro mundo, também fruto da crise desenvolvimentista, provocou uma

⁵³ PIO XII, Radiomensaje de Navidad, 1943 (tradução nossa).

ousadia eclesial do ponto de vista de um projeto social,⁵⁴ como bem constatou e se expressou a conferência de Medellín.⁵⁵

A Conferência de Puebla, em 1979, teve a difícil tarefa de buscar caminhos em meio ao período de regimes totalitaristas, e por vezes, sob pressão de guerras e terrorismos. Temos, neste período, a transição de papas: Paulo VI, João Paulo I até João Paulo II no mesmo ano de 1978. O foco do documento situa-se na importância da conversão, projeção do testemunho, a participação vital no mistério de Cristo e, ao mesmo tempo, a tudo aquilo que se opõe ao Reino.⁵⁶ O documento fala da dimensão missionária de cada batizado e seu compromisso em ser sinal do Reino de Deus no mundo através do esforço que este realiza na construção de uma civilização do amor.

Na IV Conferência do Episcopado Latino-americano de Santo Domingo, o marco histórico foram os quinhentos anos do descobrimento da América e a evangelização destes povos. Esta conferência foi também uma oportunidade do papa João Paulo II lançar, de modo mais amplo para toda a América Latina, o convite a uma conversão pastoral como caminho para uma nova evangelização. O documento tem alguns pontos-chaves como a reconciliação, a solidariedade, a integração e a comunhão, que devem ser características da nova evangelização. Santo Domingo recupera a importância do querigma cristão como núcleo insubstituível da mensagem cristã e propõe a cada cristão a tarefa imprescindível de colaborar de modo eficaz na evangelização por meio do testemunho e do zelo apostólico que se traduzem em coerência de vida e serviço.

A Conferência Episcopal Latino-americana de Aparecida, que ocorreu em 2007, enfrenta situações históricas bem específicas, como o acontecimento dramático de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos com a destruição das Torres Gêmeas e a morte de milhares de pessoas, e a posterior retaliação ao Iraque e ao Afeganistão. O fenômeno da globalização impõe um completo desafio para a

⁵⁴ KUZMA, C. Leigos e Leigas. Força e Esperança da Igreja no mundo, p.77.

⁵⁵ REVISTA PISTIS & PRAXIS. Teologia e Pastoral, 2009, p.419.

⁵⁶ A conferência Episcopal de Puebla foi a ocasião oportuna de apresentar a verdade sobre Cristo e sobre o homem dentro de uma explícita antropologia cristã. “Toda uma venerável tradição da Igreja soube encontrar sentidos não só em Palavras, mas também em sentidos espirituais. Mas, para esta mesma tradição, o ‘sentido espiritual se funda no sentido literal’, e o supõe, não o anula nem o relativiza. Nessa tradição fundamenta-se a orientação de sua santidade João Paulo II: ‘Como Pastores, tendes a viva consciência de que o vosso principal dever é o de ser mestres da verdade (...) essa verdade que é a única a oferecer uma base sólida para uma ‘práxis adequada’”. CELAM, Reflexões sobre Puebla, p.15.

humanidade. Este documento convida todos os fiéis a sentirem-se convocados a tarefa evangelizadora da Igreja dentro dos episódios de todas as conferências episcopais desde a conferência do Rio de Janeiro até Santo Domingo. O documento apresenta uma introdução e a primeira parte é sobre a vida de nossos povos hoje. Em uma segunda parte, a vida de Jesus nos discípulos missionários e a terceira parte, a vida de Jesus para nossos povos. O documento traz profundas contribuições pastorais para a proposta de uma fecunda missão continental.

É dentro deste contexto que se insere o Sínodo da Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã de 2012. O Sínodo aparece como um convite a uma nova e mais intensa onda missionária na Igreja. Algumas iniciativas precedem o Sínodo, como a Carta Apostólica *Ubicumque et Semper*, de Bento XVI, e a propagação do Ano da Fé, que tem como elemento principal recordar o acontecimento mais importante do século XX na Igreja, que foi o Concílio Vaticano II, e sua proposta de renovação da missão da Igreja no mundo.

O documento *Instrumentum Laboris* sobre o Sínodo da Nova Evangelização retoma algumas linhas gerais, tanto no documento *Evangelii Nuntiandi* como no *Redemptoris Missio*. O texto apresenta o documento em quatro capítulos, o primeiro é “Jesus Cristo evangelho de Deus para o homem”; o segundo, “O tempo de nova evangelização”; o terceiro, “Sobre a transmissão da fé” e o quarto, “Reavivar a ação pastoral”.

A conferência de Aparecida pode ter sido um ponto de despertar de esperanças para Bento XVI. Após quatro anos da sua realização, o papa quis promover, partindo da experiência continental da Conferência de Aparecida, um Sínodo que abrangesse uma temática semelhante, mas com proporções maiores. Isso veio a ser o Sínodo dos Bispos de 2012, sobre a nova evangelização e a transmissão da fé cristã.

O Sínodo foi um momento de compartilhar as dificuldades e buscar, conjuntamente, compreender os novos processos relacionais, econômicos, sociais e religiosos que se desencadeavam na sociedade, e como a Igreja pode se fazer presente em meio a este contexto apresentando uma nova evangelização, capaz de enfrentar a barreira da linguagem e as fronteiras que ela coloca ao pensamento de nossos contemporâneos. Este são alguns dos diversos desafios a se enfrentar.

A nova evangelização só verificará frutos consistentes se as Igrejas locais, juntamente com o clero e seu laicato, forem capazes de pensar, refletir e decidir

juntos, através de uma leitura aberta dos sinais dos tempos e de uma capacidade renovada de aprofundar os aspectos espirituais que comportam uma ação apostólica mais sólida. Uma pastoral orgânica e um projeto diocesano com diretrizes bem definidas devem ser um trabalho conjunto de muitas mentes e corações que buscam caminhar num mesmo compasso, em uma mesma direção, pois sem isto a nova evangelização não se concretiza em irradiação e transmissão, mas apenas um projeto fadado a se perder no vazio.⁵⁷

À luz da experiência Sinodal e dentro do paradigma já apresentado em Aparecida e reconfirmado na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do papa Francisco, a Igreja vem buscando fazer uma leitura a partir de um novo paradigma para a evangelização, um caminho de conversão pastoral e de uma releitura da evangelização, tendo como ponto principal a chave hermenêutica da missão. A nova evangelização é apresentada como proposta para uma nova primavera do Espírito Santo a toda a Igreja, a oportunidade de reviver um grande pentecostes. Traz a coragem de se avaliar e propor, dentro do tecido eclesial, uma autoconversão de suas próprias estruturas, sejam internas ou externas na Igreja, partindo do coração e mente dos pastores e fiéis, de modo que se abram novos caminhos que superem afirmações do tipo “sempre foi feito assim” (EG n.33).

O caminho proposto pela nova evangelização à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é uma atitude corajosa e audaciosa do papa Francisco de propor à Igreja a determinação de responder aos grandes desafios contemporâneos de um modo testemunhal. O rosto de uma Igreja diaconal pode ser um precioso auxílio, seja na assimilação do conceito, seja por meio de uma prática que demonstra o desejo da Igreja de ser servidora. Servidora dos mistérios de Deus, servidora da Palavra de Deus, servidora do ser humano. Uma possível guinada na conjectura da Igreja virá com a coragem de tomar a peito “novos paradigmas”, de forma a vivenciar “novos conteúdos programáticos” (EG n.25) que falem diretamente ao coração e à mente dos homens de hoje. Existe carência na visibilidade de atitudes evangélicas. É necessário que todo o povo de Deus,

⁵⁷ Uma preciosa contribuição dos leigos faz-se necessária no sentido de melhor planejar a ação pastoral da Igreja em sua ação evangelizadora. Esta participação nos caminhos a serem tomados melhor possibilitará o clero e o laicato a realizar e viver a missão no mundo. (...) “A verdadeira comunhão cristã gera autonomia, liberdade e corresponsabilidade; por sua vez, estas são necessárias para a autêntica comunhão (Gl 2, 1-2.9.11). É na Igreja e como Igreja que o cristão leigo vivencia a liberdade, a autonomia e a relacionalidade.” CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Cristãos Leigos e Leigas na sociedade. Sal da Terra e Luz do mundo (Mt 5, 13-14). 105. 54ª Assembleia Geral. Aparecida, 2016. Texto Aprovado 14 de abril de 2016, p.83.

composto pelo clero e pelos fiéis, saiba desprender-se das faixas que impedem uma maior mobilidade do Corpo de Cristo. É preciso que a mensagem do evangelho seja, primeiro, uma verdade capaz de transfigurar a vida desses agentes da evangelização para que o mundo perceba novamente o frescor do evangelho (EG n.11).

2.2

O conceito de evangelização e nova evangelização

A palavra *evangelium* – *euangelisasthai* – aparece já nos escritos de Homero como o anúncio de uma vitória e, por conseguinte, é anúncio de bem, de alegria, de felicidade. O segundo livro do Profeta Isaías (40, 9) como voz que anuncia a alegria de Deus, faz compreender que Deus não se esqueceu de seu povo, que Deus, mesmo que aparentemente se tinha retirado da história, existe, está presente.⁵⁸ Neste contexto, sobressaem três palavras: *dikaiosyne*, *eirene*, *soteria* – justiça, paz, salvação. O próprio Jesus retoma as palavras de Isaías, em Nazaré, falando deste “evangelho” que agora ele leva precisamente aos excluídos, aos encarcerados, aos sofredores, isto é, mais preferencialmente aos pobres. Dentro do ambiente do novo testamento, a palavra *evangelium* aparece paralelamente ao uso que dela fazia o Império Romano, começando pelo Imperador Augusto.

A Igreja existe para evangelizar, ela é essencialmente missionária. A reflexão sobre a dimensão missionária na Igreja, e seus desdobramentos na pastoral, encontra-se em uma autêntica encruzilhada. Deparamo-nos com uma estrutura de mundo em constantes transformações, e com um acento bem preciso no paradigma antropológico. O mandato missionário do Redentor () e a preocupação em ser autêntica com este mandato, levam novamente a Igreja a se concentrar em sua missão evangelizadora (cf. Mt 28, 19-20).

⁵⁸ CNBB, Meditação do Papa Bento XVI durante a oração da Hora Tercia na inauguração dos trabalhos do Sínodo dos Bispos. A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã, p.15.

A teologia da missão encontra, nos documentos do Concílio Vaticano II, um suporte teológico na *missão Ad Gentes*⁵⁹, que apresenta uma progressão na corresponsabilidade missionária. A missão aparece como um acontecimento Trinitário, é o Pai que envia o Filho e o Filho por sua vez, em Pentecostes, com o Pai, envia o Espírito Santo. O Espírito, o Pai e o Filho enviam a Igreja por meio dos apóstolos e de todos aqueles que, crendo e sendo batizados, são tocados pela experiência com o Ressuscitado.

A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28, 19-20). Nestes versículos, aparece o momento em que o Ressuscitado envia os seus discípulos a pregar o evangelho em todos os lugares e tempos, para que a fé em Jesus Cristo se estenda a todos os cantos da terra (EG n.19). A Igreja reconhece que: “não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor e sem existir uma ‘primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização’” (EG n.110).

2.2.1

A nova evangelização: “nova no seu fervor, nos seus métodos, nas suas expressões”

A Igreja reconhece que guiar os homens e mulheres do nosso tempo a Jesus, ao encontro com Ele, é uma urgência em todas as regiões do mundo, de antiga e de recente evangelização⁶⁰:

As transformações sociais às quais assistimos nos últimos decênios têm causas complexas, que afundam as suas raízes no tempo longínquo e modificaram profundamente a percepção do nosso mundo. Considerem-se os gigantescos progressos da ciência e da técnica, o ampliar-se das possibilidades de vida e dos espaços de liberdade individual, as profundas mudanças em âmbito econômico, o processo de mistura de etnias e culturas causadas por maciços fenômenos migratórios, a crescente interdependência entre os povos. Tudo isto causou consequências também na dimensão religiosa da vida do homem. E se por um lado a humanidade conheceu inegáveis benefícios por estas transformações e a Igreja recebeu ulteriores estímulos para dizer a razão da sua esperança (1Pd 3,15), por outro se verificou uma preocupante perda do sentido do sagrado, chegando até a pôr em questão aqueles fundamentos que pareciam indiscutíveis, como a fé num

⁵⁹ CONCILIO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes* Sobre a atividade Missionária da Igreja, p.350-99.

⁶⁰ L’ Osservatore Romano, 3 nov 2012, n.44, p.6.

Deus criador e providente, a revelação de Jesus Cristo único salvador, e a comum compreensão das experiências fundamentais do homem como nascer, morrer, viver numa família, a referência a uma lei moral natural.⁶¹

Outra referência que amplia o conceito de evangelização é aquela que foi apresentado pelo então papa João Paulo II, quando propôs a toda Igreja uma nova evangelização, “nova no seu ardor, nos seus métodos e nas suas expressões”⁶². Este deve ser o primeiro e mais necessário serviço que a Igreja deve oferecer a toda a humanidade. Aqui se faz ressoarem também as palavras do papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*:

a) Uma evangelização nova em seu fervor (ardor): “Uma evangelização inspirada no fervor que se pode sempre observar na vida dos grandes pregadores evangelizadores, que se consagraram ao apostolado”. (...) “Esta falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, no acomodamento e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e esperança em numerosos evangelizadores” (EN n.80).

b) Uma evangelização nova em seus meios (método): “Este problema de como evangelizar apresenta-se sempre atual, porque a maneira de o fazer varia em conformidade com as diversas circunstâncias de tempo de lugar e de cultura...” (...) “incumbe o cuidado de remodelar com ousadia e com prudência e numa fidelidade total ao seu conteúdo, os processos, tornando-os o mais possível adaptados e eficazes para comunicar a mensagem evangélica aos homens de nosso tempo.” (EN n.40).

c) Uma evangelização nova na maneira de expressar os conteúdos (expressões): “Na mensagem que a Igreja anuncia, existem, certamente, muitos elementos secundários. A sua apresentação depende, em larga escala, das circunstâncias mutáveis. Também elas mudam” (EN n.25). [...] É por isso que a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada... (EN n.29).⁶³

A nova evangelização, seguindo na esteira da proposta de atualização do Concílio Vaticano II, quer fazer novamente resplandecer a beleza da fé no hoje do nosso tempo⁶⁴, sem sacrificá-la às exigências do presente nem mantê-la ligada ao

⁶¹ Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_benxvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper_po.html 29. 06. 2014./ Acesso em: 12 set 2012.

⁶² JOÃO PAULO II, Discurso a XIX Assembleia do CELAM, Porto Príncipe, Haiti, 9 de março de 1983, 3; AAS 75 I, 1983, 778.

⁶³ BRIGHENTI, A., Por uma evangelização realmente nova. *Perspectiva Teológica*, p. 83-106.

⁶⁴ “*Novo fervor/ardor* se refere ao mensageiro, que também é mensagem. Na evangelização não é possível desvincular a mensagem do mensageiro, sobretudo, como dirá a *Evangelii Nuntiandi*, porque “o testemunho constitui o momento primeiro de um processo de evangelização” (EN n.21). *Novos meios/métodos* aludem ao fato de que a evangelização, além do mensageiro, o método é também mensagem. E como as meditações o mensageiro tira da cultura, sempre viva e dinâmica, inevitavelmente, os métodos caducam e passam. Métodos e mediações que num determinado tempo e espaço mostram-se inadequados, em outras circunstâncias, podem se revelar totalmente defasados. O mensageiro precisa zelar para que os métodos que ele utiliza para evangelizar estejam sempre em congruência com o conteúdo da mensagem veiculada. Não basta que o fim seja evangélico; também os meios precisam ser evangélicos. Na evangelização, os meios são sempre o

passado: na fé ressoa o eterno presente de Deus, que transcende o tempo, e pode ser acolhido por nós unicamente no nosso hoje irrepetível.⁶⁵

Outro elemento que é importante compreender, no que se refere ao conceito de evangelização e nova evangelização abordado pelo sínodo, é justamente sua configuração como um acontecimento testemunhal dos discípulos de Jesus frente aos novos desafios que se apresentam através da realidade, e não um “sonhar com a volta de uma cristandade, o que seria um engano, uma ilusão, pois se baseia na sacralização de uma forma histórica da presença da Igreja Católica no mundo”⁶⁶.

Hoje, os agentes de evangelização enviados pelo Espírito Santo são todos os cristãos, que sendo evangelizados tornam-se evangelizadores. A evangelização não é uma propaganda ou uma estratégia de marketing, mas antes de tudo é a “arte de viver”⁶⁷. Crer em Cristo e em seu evangelho não é apenas partir em busca de realizar algo por nós mesmos, mas de acolhermos a graça que se apresenta como caminho de vida e salvação. Os profetas anunciaram e transmitiram a Palavra de Deus impelidos pelo Senhor a situações concretas do peregrinar do povo de Israel. Grandes personalidades e mestres conferiram saberes aos seus discípulos que eram verdadeiras instruções para o seu ser e agir. Ser evangelizado é acolher o Reino na sua proximidade. O Reino que se faz presente “em” e “entre nós” (Mc 1,14-15).

O reinado de Jesus transforma a vida em servir (Mt 18,1-4). Servir os outros com o anúncio explícito da pessoa de Cristo, em uma vida que se coadune com a mesma mensagem da fé. Os anunciadores e missionários da nova evangelização

fim na gradualidade do processo. É preciso ficar atento a meios que não são bom caminho, pois desviam do fim ao qual a mensagem se acena.

Novas expressões ou nova maneira de expressar o conteúdo dizem respeito à roupagem através da qual se veicula o evangelho. E a roupagem é também mensagem. Além do mensageiro e do método, a instituição é também mensagem, assim como estruturas, organização, configurações históricas, são também mensagem, dado que afetam o caráter de uma Igreja sacramento do Reino de Deus. Sacramento, além de Instrumento, é também sinal que precisa mostrar ou visibilizar a mensagem na forma como se busca explicitá-la e atualizá-la nas novas circunstâncias.” BRIGHENTI, A., Por uma evangelização realmente nova. Perspectiva Teológica, p. 89.

⁶⁵ Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_bentoxvi_hom_20121011_anno-fede_po.html. 28.06.2013/ Acesso em: 4 nov 2018.

⁶⁶ L’ Osservatore Romano, D. Pascal Wintzer, Arcebispo de Poitiers, 27 out 2012, n.43, p.7.

⁶⁷ Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_205001210_jubillcatechists-ratzinger_po.html. 22-06-2014/ Acesso em: 18 out 2018.

deverão superar distâncias ideológicas imersas, antes mesmo de sair fora do bairro ou da própria família para levar o evangelho da alegria.⁶⁸

Descrevemos aqui três fases importantes que devem estar presentes no novo empenho da ação evangelizadora da Igreja:

1. *A primeira fase:* corresponde à renovação ou ao aprofundamento da nossa fé em nível intelectual e afetivo. Abraçando com alegria a mensagem evangélica e pondo-a em prática na própria vida;⁶⁹
2. *A segunda fase:* refere-se a uma nova confiança na verdade da nossa fé e na própria mensagem que vamos anunciar. Aqui temos como referência o próprio Jesus, que ensinava com autoridade (Mc 1,21-22). Ensinou do fundo de sua identidade. Jesus tem autoridade por saber quem Ele é: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”;⁷⁰
3. *A terceira fase:* deve ser a vontade e o desejo de partilhar a própria fé. O testemunho pessoal se fará fundamental e se constituirá em uma proclamação da Palavra de Deus.⁷¹

A Igreja reconhece que guiar os homens e mulheres do nosso tempo a Jesus, ao encontro com Ele, é uma urgência em todas as regiões do mundo, de antiga e de recente evangelização.⁷²

2.2.2

A dimensão social da nova evangelização: o Reino de Deus e sua expansão no mundo

O Reino de Deus é outro acontecimento importante e essencial da nova evangelização. O Reino por meio dos sinais se faz presente como obra de Deus que opera no mundo. O Reino de Deus não é uma oposição radical à sociedade, mas é sinal de tensão que aponta outra realidade que opera como fermento dilatando a presença dos valores deste mesmo Reino no mundo (Lc 13,20-21). A

⁶⁸ L'Osservatore Romano, Relatório do Cardeal William Wuerl, relator-geral, antes do debate geral, por ocasião da primeira congregação geral do sínodo dos bispos, 13 out 2012, n.41, p.21.

⁶⁹ SÍNODO DOS BISPOS, Instrumentum Laboris - A nova evangelização para a transmissão da fé. § 24, 37, 40, 118-119, 147-158.

⁷⁰ SÍNODO DOS BISPOS, Instrumentum Laboris - A nova evangelização para a transmissão da fé. § 31, 41, 46, 49, 120.

⁷¹ SÍNODO DOS BISPOS, Instrumentum Laboris - A nova evangelização para a transmissão da fé. § 33-34, 81.

⁷² L'Osservatore Romano, 3 nov 2012, n.44, p.6.

teologia do Reino é a teologia que justamente se coloca de modo integral a serviço da vida humana, e propõe a esta mesma vida o Cristo total. Aqui é importante a compreensão do Reino não somente como cristandade operando como uma força centrípeta e centrífuga, mas operando ao molde de sementes, que acolhendo “a multiplicidade e a evolução das culturas, penetra a fé, que é uma comunhão transcendente com Deus, e se múltipla em sua imanência”⁷³.

A nova evangelização aparece através de várias facetas nos diversos campos missionários. Em alguns países árabes, por exemplo, ela é realizada de modo direto através das escolas, universidades, nos hospitais, e nos institutos pertencentes às ordens religiosas abertas à população local, quer sejam cristãos quer sejam muçulmanos.⁷⁴

A fé e a caridade são complementares na vida cristã, de modo que se apoiam mutuamente.⁷⁵ A caridade permite que vejamos o rosto de Cristo expresso na opção preferencial pelos pobres abraçada pela Igreja como uma escolha que está “implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza” (DAp n.3).

A nova evangelização na Igreja, em nossos dias, é indispensável à dimensão do social como componente da dimensão missionária. Testemunha a caridade de Cristo através das obras da justiça, da paz e do desenvolvimento humano integral.⁷⁶ Hoje, a cultura da mudança de época apresenta-nos desafios: “a dificuldade de aceitar Deus como fundamento do comportamento humano e, assim, como fundamento da justiça, da paz, da fraternidade, a dificuldade de conciliar a experiência democrática com o respeito pelos valores morais”⁷⁷. A nova evangelização trilhará também o caminho de uma libertação integral do ser humano, ou seja, abordará desde as dimensões e consequências pessoais do pecado até seus estragos na vida social.⁷⁸

⁷³ LECLERC, J., O amor às letras e o desejo de Deus: iniciação aos autores monásticos da Idade média, p.5.

⁷⁴ L'Osservatore Romano, Sua Beatitude Béchara Boutros Raí, O.M.M, Patriarca de Antioquia dos Maronitas (Líbano), 3 nov 2012, n.44, p.19.

⁷⁵ L'Osservatore Romano, D. José Luis Azuaje Ayala, Bispo de El Vigía-San Carlos Del Zulia, Presidente da Conferência Episcopal (Venezuela), 3 nov 2012, n.44, p.20.

⁷⁶ BENTO XVI, Caritas in veritate I, § 15, p.23.

⁷⁷ L'Osservatore Romano, D. Benedito Beni dos Santos, Bispo de Lorena (Brasil), 27 out 2012, n.43, p.9.

⁷⁸ L'Osservatore Romano, D. Eduardo Lozano, Bispo de Gualeguaycitu (Argentina), sábado 27 out 2012, n.43, p.19.

A dimensão social do evangelho toca várias dimensões da própria vida pública dos cristãos, que por sua vez evocam um testemunho público de toda a Igreja, que é chamada a sempre ser, no mundo, sacramento universal de salvação, sinalizando deste modo a presença do Reino de Deus:

Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo. Nenhuma definição parcial e fragmentada, porém, chegará a dar razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de empobrecê-la e até mesmo de mutilá-la. Desejo agora partilhar as minhas preocupações relacionadas com a dimensão social da evangelização, precisamente porque, se esta dimensão não for devidamente explicitada, corre-se sempre o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora. (EG n.176)

Em alguns continentes de minoria católica, a ação caritativa da Igreja foi apresentada como porta de evangelização para muitos não cristãos. O cuidado com a vida, realizado por meio de hospitais, ambulatórios, colégios, é, para adeptos de outras tradições religiosas, sinal eloquente de amor à humanidade.⁷⁹ O aspecto diaconal da caridade, no processo de evangelização, deve sempre ser testemunho plausível de um amor que se encarna em gestos:

A relação intrínseca entre evangelização e diaconia manifesta-se, como recorda a encíclica *Deus Caritas est*, no fato de que juntamente com a liturgia são as dimensões fundamentais e próprias através das quais a Igreja se realiza a si mesma. A Igreja oferece ao mundo um invejável testemunho de caridade, do qual nascem numerosas conversões. A nossa pastoral de caridade é um grande instrumento de evangelização, quer para quem presta, quer para quem recebe os nossos serviços. É claro que a Igreja não se reduz a uma agência social, mas o desafio para nós é exatamente ajudar a reconduzir através das obras de caridade, ao Deus que é caridade. Com efeito, o que chama a fé são a unidade e a caridade. Um elemento essencial da encíclica *Deus caritas est* talvez tenha sido um pouco descuidado. A chave que abre e fecha a porta do homem ao evangelho é a experiência que Deus ama. Sem esta verdade simples o homem moderno nunca poderá conhecer verdadeiramente a Cristo. A atividade caritativa da Igreja, por conseguinte, pode oferecer-nos uma oportunidade enorme para fazer entrar a luz no mundo.⁸⁰

A Igreja deseja ser como uma artéria da sociedade, para levar esperança, encorajamento, conforto e infundir nova energia em toda a sociedade, do mesmo modo que o corpo humano é vitalizado pela ação das artérias e das vias que levam oxigênio e nutrimento e eliminam as escórias: “Se a Igreja se afastar da sociedade a evangelização não produzirá fruto. É indispensável que, através da

⁷⁹ L'Osservatore Romano, D. Kyrillos William, Bispo de Assiutidcos Coptas (República Árabe do Egito), 17 nov 2012, n.46, p.22.

⁸⁰ L'Osservatore Romano, Cardeal Robert Sarah, Presidente do Pontifício Conselho *Cor Unum* (Cidade do Vaticano), 27 out 2012, n.43, p.18.

evangelização, a Igreja infunde abundantemente nova linfa na vida social e familiar.”⁸¹

A *caritas* desdobrada em amor a Deus e amor ao próximo sinaliza a ação do Reino de Deus no mundo e viabiliza a sua presença:

A proposta é o Reino de Deus (Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais. Procuremos o seu Reino: “Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo” (Mt 6,33). O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso, pede aos seus discípulos: “Proclamai que o Reino do Céu está perto” (Mt 10,7). (EG n.80)

A ética é um viés importante dentro do contexto do testemunho social do evangelho: “a ética leva a Deus que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado” (EG n.57). Em síntese, a dimensão social do evangelho nos remete à integralidade da missão, isto é, à totalidade do evangelho que a Igreja nos transmite e nos envia a pregar. A sua riqueza plena incorpora acadêmicos e operários, empresários e artistas, incorpora todos (EG n.237).

2.2.3

A conversão: acontecimento vital para uma nova evangelização

“Arrependei-vos, porque o Reino dos céus está próximo” (Mt 3,2). A mensagem da conversão é a mensagem que acessa a nova vida. O estilo de vida dos discípulos de Jesus manifesta o projeto de Deus e dilata a presença de seu Reino em meio ao mundo. A conversão é a abertura e um redimensionar integral do ser humano e de sua potencialidade em direção ao mistério de Deus autocomunicado através do mistério do Verbo encarnado. O acontecimento da conversão não é apenas um movimento *ad extra* que acontece fora dos portões ou dos muros da própria Igreja:

A conversão (metanoia), no seu significado propriamente cristão, é uma mudança de mentalidade e de ação, como expressão da vida nova em Cristo proclamada pela fé: trata-se de uma contínua reforma do pensamento e de obras para uma mais intensa identificação com Cristo (Gl 2,20), em que são chamados primeiro os

⁸¹ L'Osservatore Romano, D. Dominic Ryon Miyahara, Bispo de Fukuoka (Japão), 20 nov 2012, n.45, p.11.

batizados. Tal é, em primeiro lugar, o significado do convite formulado por Cristo: “convertei-vos e crede na Boa Nova” (Mc 1,15; Mt 4,17).⁸²

Sabemos que a conversão pastoral, condição para uma autêntica evangelização, deve, também, ser compreendida como conversão dos pastores, para que eles sejam os primeiros a se abrirem a uma nova primavera do Espírito Santo sobre a Igreja, que permite romper com alguns mecanismos que impedem uma eficácia maior no testemunho cristão dos próprios pastores:

Fechamo-nos em nós mesmos, mostramos uma autossuficiência que impede que nos aproximemos como uma comunidade viva e fecunda que gera vocações, a tal ponto burocratizamos a vida de fé e sacramental. Numa palavra, já não sabemos que ser batizados é sermos evangelizadores. Incapazes de ser propositivos do evangelho, tíbios na certeza da verdade que salva, e cautos no falar porque estamos oprimidos pelo controle da linguagem, perdemos credibilidade e arriscamos tornar vãos o Pentecostes. Neste momento não nos servem as saudades dos tempos passados nem a utopia para perseguir os sonhos; ao contrário, serve uma análise lúcida que não esconde as dificuldades e nem sequer o entusiasmo de todas as experiências que permitiram nestes anos realizar a nova evangelização.⁸³

A finalidade da evangelização é *metanoia*, fruto do encontro com a Palavra de Deus, através de uma mudança radical no modo de refletir, viver e estar no mundo.⁸⁴ É justamente esta Palavra, este falar de Deus aos homens, que produzirá um modo de ser, pensar e agir.⁸⁵ A conversão é, em si, uma antecipação da vida nova sob as condições deste mundo nas possibilidades do evangelho e que o Espírito de Deus põe a vigorar. Conversão é vida na antecipação do Reino de Deus, com base na proveniência desse Reino.⁸⁶ Mesmo que o Reino de Cristo não tenha chegado na terra à plenitude, ele faz-se sinalizar através da presença da Igreja. A Igreja é o meio pelo qual Cristo reina e dilata o seu Reino em meio aos homens. Contudo, este Reino encontra fecundidade quando as pessoas que assumiram viver uma conversão autêntica explicitam a vida nova em Cristo.⁸⁷

Sem um caminho de conversão e de mudança permanente, é impossível abrir-se ao acontecimento frutuoso que é a presença do Reinado de Deus no

⁸² CONGREGAÇÃO PARA DOUTRINA DA FÉ, Nota Doutrinal sobre alguns Aspectos da Evangelização, p.17.

⁸³ L'Osservatore Romano, D. Rino Fisichella. Durante a terceira congregação geral, intervenção dos Padres sinodais, 20 out 2012, n.42, p.12.

⁸⁴ L'Osservatore Romano, D. Mauro Semren, O.F.M. Auxiliar de Banja Luka (Bósnia e Herzegovina), 3 nov 2012, n.44, p.18.

⁸⁵ L'Osservatore Romano, Relatório do Cardeal William Wuerl, relator-geral, antes do debate geral, por ocasião da primeira congregação geral do sínodo dos bispos, 13 out 2012, n.41, p.21.

⁸⁶ MOLTSMANN, J., O Caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas, p.147.

⁸⁷ CNBB, Evangelização e missão profética da Igreja: Novos desafios, n. 80, p.29.

mundo. A Igreja sempre se preocupou por viver numa reforma permanente, vemos isso de modo claro nos santos, que viviam uma “tensão” positiva no que se refere a uma reforma pessoal, para que pudessem com o seu testemunho reformar e renovar a alegria do evangelho no coração e na vida de seus contemporâneos. Sem esta reforma pessoal, de fato poucas coisas avançam no tecido eclesial.⁸⁸

2.3

O querigma e a dimensão social da Igreja

Nos últimos documentos publicados pela Igreja, no que se refere a sua ação evangelizadora no mundo, percebemos o esforço de superação dos distanciamentos ideológicos⁸⁹ através da tentativa de apresentar, de modo sintético, a importante sintonia entre “evangelização, promoção humana e à autêntica libertação cristã”⁹⁰. Dentro deste paradigma, é que buscaremos caminhar percebendo as facetas da nova evangelização como um caminho que proporcione ao ser humano a beleza da relação com o próprio Deus e, ao mesmo tempo, valorizando a promoção da pessoa humana e sua dignidade a partir de um caminho autêntico que expressa a valorização da força libertadora do evangelho na vida.

A partir de uma visão ampliada da evangelização e sua pertinência para a vida concreta e real do ser humano em nossos dias é que avançamos para uma compreensão do querigma, na perspectiva de adentrar nos desdobramentos que são próprios de sua dimensão social como expressão caritativa e integral do amor de Deus, manifestado em sua criação de modo específico pelo ser humano.

Outra dimensão que destacamos e consideramos ser imprescindível na vivência da nova evangelização em nossos dias é justamente a dimensão kairológica da fé. Pensar a dimensão kairológica da fé possibilita perceber a dimensão da unidade do anúncio a partir daquilo que é próprio da natureza íntima da Igreja, no modo como ela exprime-se num tríplice dever: “anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*), serviço da

⁸⁸ “(...) un aggiornamento exterior sin renovación espiritual profunda sería, de igual modo, un error y traicionaría la intención más certera de Juan XIII.” CONGAR, Y-M., Concile, réforme et vie spirituelle, en La Croix 8 de junio de 1968.

⁸⁹ MIRANDA, M. F., América Latina: uma Igreja missionária. Atualidade Teológica, 2007, p.289.

⁹⁰ BENTO XVI. Discurso Inaugural 3. DAp, p.267-284.

caridade (*diakonia*). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros”⁹¹.

A fé querigmática é uma fé que abre o ser humano para vivenciar uma experiência profunda e pessoal da salvação que amplia a valorização do relacionamento com Deus na prática do amor ao outro. Esta experiência do acolhimento do mistério salvífico de Deus presente no anúncio querigmático que acentua o mistério pascal em Jesus Cristo é um atual desafio eclesial “para nos converter numa Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora” (DAp, n.549), a fim de que, como os primeiros discípulos, nós, cristãos de hoje, recomeçemos a partir de Cristo, reconhecendo e seguindo sua presença, com a mesma realidade e novidade, com o mesmo poder de afeto, persuasão e esperança (DAp, n.549)⁹².

O anúncio do querigma cristão é uma proclamação do evento histórico-salvífico, contudo, é também o anúncio de uma vida performática à luz do evento redentor proposto por Deus a todo ser humano. Este querigma é de modo específico: “o anúncio que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus que se fez homem, morreu e ressuscitou para a salvação de todos. Enquanto anúncio de vida, o querigma ultrapassa os limites de tempo e de espaço, abraça toda a história e oferece aos homens uma esperança viva de salvação.” (17 Querigma CNBB). Esta proclamação, que a Igreja reconhece que está entre as suas tarefas centrais, é capaz de transcender os limites de tempo e de espaço, universalizando a mensagem de Jesus Cristo a todos que, na história, encontram nesta mensagem força, graça e esperança para a vida.

Dentro da grandeza e da importância da dimensão querigmática da Igreja é que desejamos apresentar a sua dimensão social. Não podemos pensar os tesouros da fé cristã, que são proclamados através da Igreja em sua pregação e celebrados em sua liturgia, sem contemplá-los em sua incidência na ação caritativa da Igreja. Na ação caritativa da Igreja manifestam-se as ações testemunhais do amor de Pai na pessoa de seu filho Jesus Cristo. Nos atos testemunhais de Cristo, a graça de Deus, sua misericórdia e seu amor se tornam visíveis na ação e na missão integral da Igreja por meio da caridade. Caridade cristã, em que amando Deus se expressa o amor aos pequeninos.

⁹¹ BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, p.42.

⁹² CNBB, *Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental – Subsídios 4*, 2009, p.14.

A proposta central que a Igreja tem buscado nos últimos tempos viver e transmitir diz respeito a uma permanente vivência de “encontro com a pessoa com Jesus Cristo”. Urge esta atualização de uma vigorosa experiência religiosa profunda e intensa, um anúncio querigmático e testemunho pessoal dos evangelizadores, que leve a uma conversão pessoal e a uma mudança de vida integral. A Igreja sempre teve o cuidado de não ficar somente em uma experiência intimista da fé, mas propõe que a experiência com Deus é uma experiência integral, que compreende o ser humano em todas as suas dimensões, ou seja, abrange o que de humano existe para poder resgatar tudo aquilo que é assumido (DAp, n.226).

Quando abordamos a necessidade da experiência querigmática na Igreja não estamos falando apenas de uma experiência passageira, que fazemos e depois abandonamos, ou seja, uma experiência que entretém, mas não compromete. O querigma é mais que uma experiência de despertar, e que depois é superada por uma catequese mais sofisticada ou pelo aprofundamento da doutrina. Podemos afirmar que o querigma é também uma verdade que acompanha o cristão em todo o percurso de sua vida:

Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais «sólida». Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. (EG, n.165)

Quando o papa Francisco descreve o querigma, ele o faz em consonância com a missão da catequese na Igreja. Este modo de pensar o evento querigmático na experiência da fé nos possibilita dar um acento importante na programação e conteúdos programáticos, buscando adaptá-los a uma percepção querigmática da fé. A fé não pode ser apresentada apenas como uma adesão racional a conhecimentos sobre Deus, mas como uma proposta de se viver uma experiência que possibilita unir inteligência, afeto, sentidos, nesta mesma estrutura de vida cristã:

Voltamos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou *querigma*, que deve ocupar o centro da atividade

evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”. Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, numa forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos. (EG, n.164)

Um dos aspectos importantes em nossos dias para que o querigma seja uma realidade eficiente dentro da ação evangelizadora da Igreja é a importante consciência que os meios que os evangelizadores devem utilizar expressem um caminho que, apresentando a centralidade do querigma na fé cristã, valorize o anúncio de modo pertinente para os nossos contemporâneos. Destacamos aqui algumas importantes características que devem acompanhar este anúncio:

que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena. (EG, n.165)

A partir desta perspectiva de acolhimento do evangelho como uma adesão livre e consciente da fé é que desejamos apresentar a dimensão kairológica da fé. Esta dimensão querigmática abarca e diz respeito ao ser humano na sua integralidade, considerando também a dimensão social do anúncio. Para melhor clarificar esta relação entre o querigma e a dimensão social do evangelho, destacamos a relação que o papa Francisco faz da Trindade com os seus desdobramentos no testemunho público e social da Igreja, demonstrando o carácter social do querigma e sua pertinência na vida comunitária e no compromisso com os outros:

Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que “assim lhe confere uma dignidade infinita” Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até o próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque “Deus, em Cristo, não redime somente

a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens” Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais: “O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis”. A evangelização procura colaborar também com esta ação libertadora do Espírito. O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos. (EG n.177, 178)

A partir deste paradigma Trinitário, podemos pensar a dimensão social do querigma, tendo em vista como a Trindade é capaz de pôr em destaque a própria ação da Igreja, uma vez que é a própria ação da Trindade no mundo que possibilita uma leitura da história da salvação.⁹³ Não é possível pensar a salvação somente num plano absolutamente pessoal, pois a salvação é um evento que, assumindo o pessoal, permite e remete a um desdobramento no “todo”, enquanto alvo da força salvífica de Deus. Nesta dinâmica salvífica trinitária, percebemos o resgate da dignidade infinita do ser humano na obra da criação. O Filho de Deus ao assumir nossa carne a dignifica, eleva e a sustém na esperança, no “seio” da Trindade, assim como o Espírito Santo é presença que liberta o ser humano de todos os seus encarceramentos, psicológicos, existências, históricos e sociais. Torna-se presente, com esta abordagem social do querigma, que a Igreja recorda-nos a partir da Trindade que aquilo que realizamos e fazemos não é fruto apenas de nós mesmos, mas é uma interpelação de Deus, que em nossa relação com Ele nos faz contemplar o outro no seu mistério e na sua dignidade, de modo que cada pessoa humana se torne também um caminho a ser percorrido pela Igreja, lugar de dilatação do Reino de Deus no mundo.

2.4

O Reino de Deus sinalizado nas bem-aventuranças

⁹³ “Se vês a caridade, vês a Trindade”, escrevia Santo Agostinho. Ao longo das reflexões anteriores, pudemos fixar o nosso olhar no Trespastado (Jo 19,37; Zc 12,10), reconhecendo o desígnio do Pai que, movido pelo amor (Jo 3,16), enviou o Filho unigênito ao mundo para redimir o homem. Quando morreu na cruz, Jesus – como indica o evangelista – “entregou o Espírito” (Jo 19,30), prelúdio daquele dom do Espírito Santo que Ele havia de realizar depois da ressurreição (Jo 20,22). Desde modo, se atuaria a promessa dos “rios de água viva” que, graças à efusão do Espírito, haviam de emanar do coração dos crentes (Jo 7,38-39). De fato, o Espírito é aquela força interior que harmoniza seus corações com o coração de Cristo e leva-os a amar os irmãos como Ele os amou, quando se inclinou para lavar os pés dos discípulos (Jo 13,1-13) e sobretudo quando deu a sua vida por todos (Jo 13,1; 15,13). BENTO XVI, Deus Caritas Est, p. 35-6.

Um significativo e fundamental aspecto para uma relevante nova evangelização em nossos dias diz respeito a uma atualizada compreensão do Reino de Deus, tendo como modelo as contínuas referências de Jesus ao Reino como presença propositiva de transformação. A nova evangelização, em sua dimensão integral, deve ser abordada como forma de salientar a dimensão escatológica e histórica do Reino de Deus e da missão dos cristãos no mundo: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo. ‘Nenhuma definição parcial e fragmentada, porém, chegará a dar razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar’” (EG, n.176).

No início da pregação de Jesus, está o anúncio do Reino de Deus que se faz presença no “já” e no “ainda não” da Igreja peregrinante. Ao caminhar na companhia de seu Senhor, a Igreja se reconhece como discípula bem-aventurada que vive a beatitude de Deus na cotidianidade das relações humanas. Este viver uma maior felicidade (Mt 5,1-12) já é um acontecimento existencial-ontológico de quem se abriu para a vida que é comunicada pelo Senhor Jesus Cristo: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). É a ação da Igreja que indica o caminho rumo à vida em sua plenitude em Deus.⁹⁴

As motivações do alto é que devem mover as iniciativas que tomamos no cotidiano da nossa história. Afirma a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (n.135) que enquanto consideramos a vida daqueles que seguiram fielmente a Cristo, somos incitados a buscar por novas motivações a cidade futura e, ao mesmo tempo, nos empenharmos na edificação da cidade secular em meio aos homens. (Cf. Hb 13, 14 e 11, 10)

A bem-aventurada vida que propõe o evangelho é a amizade com a pessoa de Jesus Cristo que se consolida, e se desdobra na missão como autorrealização dessa mesma amizade. A bem-aventurança são os sinais daqueles que pelo amor ao Reino de Deus dão a si mesmos pela causa do evangelho. Não é trocar uma ideologia atea por uma ideologia religiosa, mas é a manifestação da presença do ressuscitado em meio aos homens.⁹⁵ Esta manifestação do ressuscitado nos aproxima daquele que conhece as dores que atingem a alma e o corpo de cada ser

⁹⁴ L'Osservatore Romano, Sua Beatitude Baselios Cleemis Thottunkal, chefe no sínodo da Igreja Sírio Malancar (Índia).

⁹⁵ L'Osservatore Romano, D. Luigi Negri, Bispo de San Marino-Montefeltro (Itália), 3 nov 2012, n.44, p.21.

humano. Ao tornar-se humano, o Senhor Jesus assumiu como suas as chagas da humanidade. Deste modo, evangelizar para a Igreja é se aproximar também das chagas de seu Senhor e das chagas de seu povo:

Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas, Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo. (EG n.270)

A nova evangelização deve ser um apelo a uma nova caridade: “Só seremos portadores credíveis da alegria do evangelho se a proclamação for acompanhada da mensagem inseparável da caridade. A caridade de Jesus é o dom de si. A caridade da nova evangelização deve ser o dom de Jesus.”⁹⁶

Um importante aspecto da nova evangelização é considerar o homem como um ser pluridimensional. A boa nova da salvação deve assumir todas as dimensões do humano para lhe fazer experimentar, na vida terrena, o bem-estar como sacramento da beatitude futura.⁹⁷ A evangelização deve partir das coisas práticas e fundamentais da nossa existência: “Quando nós cristãos anunciamos este Deus pessoal, que nos ama, que nos salvou, que nos convida a uma vida feliz e eterna em comunhão com ele, não estamos a formular conclusões que derivam automaticamente dos nossos conhecimentos sobre a natureza”.⁹⁸

É dentro deste horizonte mais amplo, e que abarca a missão dentro de sua dimensão integral, que a Igreja procura apresentar respostas que sejam ao mesmo tempo teológicas e pastorais, não deixando de tomar a existência concreta da vida de cada ser humano e sua presença no mundo:

Já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e serve apenas para preparar as almas para o céu. Sabemos que Deus deseja a felicidade dos seus filhos também nesta terra, embora estejam chamados à plenitude eterna,

⁹⁶ L'Osservatore Romano, Dom Sócrates B. Villegas, Arcebispo de Lingayen-Dagupan (Filipinas), 20 out 2012, n.42, p.15.

⁹⁷ L'Osservatore Romano, D. Der Raphael Dabiré Kusiéle, Bispo de Diébougou (Burquina Faso), 17 nov 2012, n.46, p.18.

⁹⁸ L'Osservatore Romano, Cardeal Peter Erdó, Arcebispo de Esztergom-Budapeste, Presidente da Conferência Episcopal (Hungria), Presidente das conferências Episcopais da Europa (C.C.E.E.), 17 nov 2012, n.46, p.18.

porque Ele criou todas as coisas para nosso usufruto (1Tm 6, 17), para que todos possam usufruir delas. Por isso, a conversão cristã exige rever especialmente tudo o que diz respeito à ordem social e sua consecução do bem comum. (EG n.182)

A beatitude proposta pelo evangelho, que procura sinalizar o Reino na busca de uma “magna” felicidade se desdobra como contributo à ética e à vida frente ao próximo: “a ética leva a Deus, que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado” (LG n.57). A proposta da vida beatífica, não é somente uma utopia em direção à qual caminhamos, mas já é o desdobramento do eterno no temporal, é o fundamento de uma “vida mais feliz” que nos coloca a caminho. Uma fé autêntica é uma fé que se envolve com as grandes questões da vida e do mundo.⁹⁹

2.5 Concluindo o capítulo 2

Ao abrirmos este capítulo, apresentamos um contexto e um percurso feito através das grandes inquietações eclesiais pré e pós conciliares, que fazem referência à missão de evangelização da Igreja, assim como o novo impulso oferecido pela nova evangelização. Buscaremos ver, a partir deste momento, algumas dimensões teológicas que julgamos centrais como ponto de partida para um sólido caminhar da ação missionária e evangelizadora da Igreja em nossos dias. Abordaremos como ponto de reflexão a teologia cristológica, trinitária, a antropologia teológica e a eclesiologia, assim como a missiologia e a teologia pastoral. O trabalho vai percorrer o caminho do diálogo entre a nova evangelização e a teologia sistemático-pastoral procurando atualizar e refletir teologicamente os atuais desafios que são postos à nova estação evangelizadora da Igreja em nossos dias.

⁹⁹ “Uma fé autêntica que nunca é cômoda nem individualista comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela. Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e fragilidades. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos. Embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política, a Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção dum mundo melhor. É disto mesmo que se trata, pois o pensamento social da Igreja é primariamente positivo e construtivo, orienta uma ação transformadora e, neste sentido, não deixa de ser um sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, une o próprio empenho ao esforço em campo social das demais Igrejas e Comunidades eclesiais, tanto na reflexão doutrinal como na prática.” (EG n.183)

3

A dimensão teológica da nova evangelização

Neste terceiro capítulo, vamos procurar desenvolver uma reflexão que tem como fim contemplar as diversas dimensões teológicas que julgamos ser consolidadoras na nova evangelização. Estas reflexões querem abarcar uma compreensão da nova evangelização a partir do paradigma trinitário-cristológico, de uma visão renovada do conceito de Igreja presente nos documentos do Concílio Vaticano II, assim como a preciosa contribuição que os teólogos ofereceram nos últimos decênios para uma aproximação mais teológica e espiritual da Igreja, assim como o empenho admirável para extrair da tradição bíblica e patrística uma compreensão teológica preciosa do ser humano.

Outro aspecto importante que vamos destacar é o ser discípulo missionário de Jesus Cristo, dando acento ao grande evento de Aparecida em 2007, e seu resultado publicado – o Documento de Aparecida – que, na nossa compreensão, foi um dos acontecimentos que prepararam o sínodo dos bispos de 2012, e configurou o que veio a ser a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, considerando a soma da experiência pastoral e espiritual do papa Francisco em sua trajetória histórica.

3.1

Dimensões trinitário-cristológicas da nova evangelização

O Concílio Vaticano II possibilitou grandes avanços na compreensão da identidade teológica da Igreja e de sua missão no mundo, assim como a oportuna compreensão da identidade cristã. Através dos documentos conciliares, a Igreja favoreceu uma consolidação bem maior no sentido de ter apresentado de modo atualizado o tesouro da fé e a grandeza de seu conteúdo dogmático, evidenciando os seus desdobramentos hermenêuticos de modo a ser frutuoso para a missão e a pastoral da Igreja. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II não foi apenas um concílio pastoral, mas um concílio dogmático-pastoral, pois tendo a pretensão de apresentar a beleza dos tesouros da Igreja, o fez de modo que esse tesouro possa

brilhar às pessoas, por meio de um necessário e fecundo discernimento teológico, profético e espiritual, de modo a propor uma missão relevante¹⁰⁰ ao cristão.

Mesmo com a perspectiva de ser uma Igreja não apenas voltada para a sua vida interna de costumes e disciplina, o que não deixa de ser digno de ocupação, era preciso dar um passo a mais. A Igreja estava percebendo a necessidade de ter um paradigma claro que possibilitasse uma objetiva orientação para os cristãos de seu tempo. Foi a partir dessa busca por um paradigma que a própria Igreja percebeu que a dimensão trinitária e cristológica a impulsionava para além de uma visão eclesiocêntrica, que poderia se tornar asfixiante para a sua própria vida interna e externa, assumindo seu desenvolvimento como presença e sinal do Reino de Deus no mundo.¹⁰¹ Esta referência à Trindade salvaguarda a vontade salvífica de Deus, cujo projeto e seu cumprimento fiel inspiram um “ser e estar” da Igreja e de cada cristão no mundo a partir do paradigma trinitário-cristológico.¹⁰² Teólogos como Charles Journet já percebiam a necessidade de apresentar a face trinitária da Igreja: “A causa suprema de toda a Igreja é propriamente toda a Trindade; na Trindade acham-se as fontes da vida da Igreja”¹⁰³. Nessa mesma esteira aristotélico-tomista, Journet apresenta e explica a Igreja como resultado de sua dupla missão:

(...) a do Filho e a do Espírito Santo, o qual no Pentecostes – através de uma união de graça e de inabitação – forma o Corpo, a Igreja. A Trindade, tendo estabelecido procurar uma moradia entre os homens, quis comunicar-se mais intimamente com eles, na última época de sua história e, através das missões visíveis do Verbo na Encarnação e do Espírito Santo no Pentecostes, fazer surgir com esta finalidade uma Igreja.¹⁰⁴

¹⁰⁰ JOÃO XXIII, *Discurso en el acto de inauguración*, p.514. LE GUILLOU, M-J., *El Rostro Del Resucitado. Grandeza Profética, Espiritual y Doutrinal, Pastoral y Missionária Del Concílio Vaticano II*, p.71.

¹⁰¹ A Assembleia extraordinária dos bispos, de 1985, afirma, em sua redação final, que o Concílio apresenta um caráter trinitário e cristológico: “Qué paradoja que um Concílio, cuyo objeto próprio es la Iglesia, parezca completamente dominado por el misterio del Dios Trinitario! Sin embargo no hay hecho más indiscutible. Rehusando deliberadamente considerarse como fin, la Iglesia tiene la intención de vencer la tentación de cerrarse sobre sí misma o, como dirían nuestros amigos protestantes, cualquier germen de eclesiocentrismo. Sabe ser el espacio definido por el Espíritu en el que, en Jesucristo se manifiesta el rostro de Dios Padre, rostro que sólo sostiene y justifica la existencia del mundo y de la humanidad y su devinir”. p.112. “Nuntius de Ecclesia ut a concilio Vaticano II descubritur trinitarius et cristocentricus est”, *Synodus Episcoporum, Relatio finalis* n.1789.

¹⁰² FIORES, S., *Trinitá mistero di Vita. Esperienza trinitária in comunione con Maria*, p. 44.

¹⁰³ MONDIN, B., *As Novas Eclesiologias*, p.26.

¹⁰⁴ MONDIN, B., *As Novas Eclesiologias*, p.26.

A nova evangelização, ao aprofundar a sua dimensão trinitária, descobre assim, a partir da Trindade, o desafio de como a Igreja como Corpo de Cristo pode, de fato, ser a facilitadora da dispensação dos tesouros do amor de Deus e da misericórdia sobre o mundo. Quando pensamos na dimensão pericorética trinitária¹⁰⁵, nos deparamos com essa verdade que, na Trindade, é uma vida em si, mas que “em si” é uma vida “para”. No ato criador intratrinitário, acontece um derramamento e profusão de comunicação da vida divina através de toda a criação. A Trindade faz-se presente através da missão evangelizadora da Igreja gerando luz, sabedoria e visão quanto ao propósito de Deus para com o ser humano. Pela Trindade, “a glória divina” se faz presente na missão da Igreja rompendo com a incapacidade de ver e de perceber o mistério dessa mesma unidade da divindade que convoca o ser humano a participar desta irradiação de amor.¹⁰⁶

A Igreja, enquanto aquela que vem da Trindade (LG n.1), estrutura-se à imagem da Trindade e se dirige para o acabamento trinitário da história. Vinda do Alto, *oriens ex alto*, como o seu Senhor (Lc 1,78), plasmada pelo alto e a caminho dele, enquanto “*Regnum Dei praesens in mysterio*” (LG n.3), a Igreja é na história, não sendo, porém, redutível às coordenadas da história, do visível e do disponível.¹⁰⁷ Podemos afirmar, a partir desta vida íntima, que Deus é amor (1Jo 4, 7-10): “nas missões do Filho e do Espírito Santo expande sobre as criaturas a Trindade Santa, sobre as quais se manifesta”¹⁰⁸.

Aqui se torna evidente que a nova evangelização é sinalização desta presença e desse agir da Trindade no mundo através do Corpo de Cristo que é a Igreja e na existência de cada pessoa, pois: “cada cada criatura traz em si uma estrutura propriamente trinitária” (LS n.339). A missão da Igreja já não pode resumir-se em ampliar as estacas geográficas de seus espaços, mas em fazer-se presente no “já e ainda não” do Reino como presença que verdadeiramente possibilite e viabilize a experiência do ser humano com Deus, e configure de tal modo o agir da Igreja que essa experiência eclesial seja um estar junto a todo

¹⁰⁵ “O termo pericorenesis, no contexto trinitário, significa que as pessoas divinas estão em unidade de tal maneira que se abarcam completamente, não guardando nada para si, pois neste movimento se concedem e entregam reciprocamente tudo que são. XAVIER, D. J., A teologia da Santíssima Trindade. Kênosis das pessoas divinas como manifestação do amor e da misericórdia, p.111.

¹⁰⁶ HILDEGARDA, Scivias: (Scito Vias Domini): conhece os caminhos do Senhor, p.593.

¹⁰⁷ FORTE, B., A Igreja ícone da Trindade. Breve eclesiologia, p.19.

¹⁰⁸ KUNRATH, P. A., Trindade, Igreja, Eucaristia. O mistério da comunhão nos escritos de Max Thurian e Jean-Marie Roger Tillard, p.69-93.

povo de Deus em suas demandas, necessidades e, principalmente, fragilidades. Desse modo, poderemos pensar na grandeza e pertinência de uma *Confessio Trinitatis*, que confesse por meio de uma evangelização integral o agir da Trindade junto à humanidade.¹⁰⁹

3.1.1

A encarnação do Verbo de Deus no grande palco da história humana

Dentro da dimensão cristológica está o grande mistério da encarnação do Verbo de Deus.¹¹⁰ Verbo que se revela como Deus humanado (Jo 1,14). O que destacamos, nessa dimensão cristológica, é justamente a missão do Verbo de Deus que, por sua encarnação, enquanto novo Adão pela sua natureza humana, é constituído cabeça da humanidade renovada, possibilitando aos homens e mulheres participarem de sua natureza divina e mostrando que, através de sua *kênosis*, torna a humanidade plena de sua graça. Já pelo seu testemunho de servir e dar a vida a essa mesma humanidade, abre o caminho da salvação a muitos, pois assumindo a natureza humana a redime e possibilita uma vida nova, dentro do seu propósito de constituir uma humanidade renovada. (AG n.3)

Essa humanidade renovada vai encontrar em Cristo sua profunda identidade, pois somente através do Verbo encarnado se esclarece o mistério do homem. Tendo o ser humano descoberto sua sublime vocação e sua identidade a partir do Verbo encarnado, vai descobrindo no Deus humanado este chamado à comunhão. Essa comunhão acontece por meio do Verbo da vida, que encurta a distância entre o ser humano e Deus, e faz o ser humano perceber em Jesus Cristo a demonstração dessa proximidade, pois “Ele próprio, o Filho de Deus, trabalhou

¹⁰⁹ Ao falar sobre a dimensão social da Igreja, o papa Francisco o faz apresentando a Trindade em seu aspecto “kairológico”: “Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que ‘assim lhe confere uma dignidade infinita’. Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque ‘Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens’. Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permeiar toda a situação humana e todos os vínculos sociais: ‘O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis’. A evangelização procura colaborar também com esta ação libertadora do Espírito.” (EG n.178)

¹¹⁰ “O mistério da Encarnação é um mistério de amor trinitário, que implica todo o mistério da Trindade. Deus Criador se autoexpressa como ‘Pater ingenitus’ através de um único princípio de amor eterno: a geração do Filho unigenitum e da processão do Espírito.” (DS n.150).

com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano” (GS n.22).

A história humana é o palco no qual a Trindade Santa atua. Não podemos conhecer a Trindade sem que ela se revele no palco da história e dos acontecimentos pessoais e coletivos que se manifestam na cadência do tempo.¹¹¹ A profissão de fé dos discípulos de Jesus na sua pessoa é uma profissão de fé (Mt 16, 13) que se encarna na vida humana, e dentro dos acontecimentos que envolvem essa mesma vida. Ao assumir a carne humana, Jesus eleva cada pessoa humana ao coração do próprio Deus, e ao derramar o seu sangue mostra a grandeza da dignidade de cada pessoa. A obra da redenção realizada por Jesus Cristo não redime a pessoa isoladamente, “mas também as relações sociais entre os homens”¹¹².

3.1.2

O Espírito Santo como presença transfiguradora da vida

Ao abordarmos a nova evangelização a partir de sua dimensão trinitário-cristológica, queremos também destacar a importante contribuição pneumatológica que o magistério da Igreja, e a reflexão teológica pós-conciliar, tem oferecido a toda Igreja, possibilitando abordar as situações presentes na sociedade com um olhar repleto de esperança, e um olhar transfigurado. Isso não significa desconsiderar os problemas e as dificuldades, mas sim manter um olhar que encontre sempre no coração de cada pessoa humana um desejo e uma abertura em que Deus possa, através de sua palavra, gerar processos de renovação. Essa presença de Deus se faz possível através de vidas que se permitem transfigurar pela ação do Espírito Santo. É o Espírito de Deus que possibilita que o projeto do Pai aconteça no mundo e em cada pessoa.¹¹³

¹¹¹ “El Hombre es imagen de Dios trinitario en cuanto ha sido criado por medio del hijo, en orden a él y en el (Col 1,15-17) (...) El hombre es imagen de Dios en razón de su capacidad de acoger el amor.” ITEPAL – CELAM, Medellín, v.XXVI, n.104, Diciembre 2000.

¹¹² JOÃO PAULO II, Catequese. Audiência Geral de 24 de Abril de 1991: Insegnamento XIV/1, p.856.

¹¹³ Um dos grandes avanços no fazer teológico pós-conciliar é o acento em uma pneumatologia que apresenta a beleza da ação do Espírito Santo através da história da Igreja – nos santos doutores, magistério e na prática cotidiana da fé dos fiéis: “Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (paresia), em voz alta e em todo o tempo e

A experiência de salvação na história do povo de Deus está repleta da presença e do auxílio do Espírito Santo, que permite ao ser humano perceber que a fé carrega uma experiência que transfigura o olhar e o coração. De diversos modos o Espírito Santo interveio na história do povo de Israel, trazendo transfiguração para várias situações pessoais de grandes profetas e patriarcas que caminharam sob a rocha da fé na sua relação com Deus nos caminhos da história da salvação (Hb 11). Percebemos a ação do Espírito sobre a vida do próprio Cristo (Lc 4,18-19) e de seus apóstolos (At 2,1-13). No florescer da Igreja primitiva, destaca-se a ação do Espírito Santo que conduzia, acompanhava e levava a termo, através da docilidade de todo povo, a obra de Deus. A Igreja tem necessidade, de modo permanente e existencialmente, de viver uma efusão do Espírito Santo. A nova evangelização precisa que a vida dos fiéis seja a expressão de um testemunho que acompanhe a obra evangelizadora.¹¹⁴

Na busca da compreensão de um caminho que possibilite este viés testemunhal da Igreja no mundo, destacamos aqui o Pentecostes. Pentecostes é o evento que coloca toda a Igreja em movimento frente a sua missão de ser sinal histórico do Reino de Deus no mundo. O acontecimento de Pentecostes deu início à primeira evangelização, é por meio dele que a Igreja é capaz de propor uma renovação *ad intra* e *ad extra*, seja nas estruturas eclesiais, seja nas sociais. Essa iniciativa a partir de Deus torna possível o nosso caminhar, e o nosso cooperar, uma vez que não se trata de uma nossa decisão isolada.¹¹⁵ Os discípulos do Senhor, ao fazerem a experiência do Senhor Ressuscitado operando em seu meio, comprometem-se, através de suas atividades em favor do Reino de Deus, que as atividades por eles realizadas sejam teândricas, ou seja, uma ação de Deus que envolve os agentes dessa transformação na sociedade que são justamente os discípulos missionários de Jesus Cristo.

A Igreja vê a permanente necessidade que este novo Pentecostes continue a ser manifesto em seu interior, pois ele caracteriza, desperta e motiva o início das

lugar, mesmo contracorrente. Invoquemo-lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim das contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurada pela presença de Deus.” (EG n.259)

¹¹⁴ L’Osservatore Romano, D. Michel Aoun, bispo de Jbeil dos Maronitas (Líbano), 17 nov 2012, n.46, p.21.

¹¹⁵ BENTO XVI. Homília na Santa Missa para a abertura do sínodo dos Bispos e proclamação de São João de Ávila e de Santa Hildegard de Bingen “Doutores da Igreja”, p.9-14.

grandes renovações espirituais que ocorreram na Igreja, e que mantiveram acesa, nela, a consciência de sua missão evangelizadora em meio aos homens. É justamente dentro dessa perspectiva que o acontecimento de Pentecostes deve gerar uma ação conjunta que propõe, no interior da Igreja, aquilo que ela mesma já experienciou, no início, com a vivência de uma universalidade que comunica a cada pessoa essa presença espiritual.¹¹⁶

A referência ao acontecimento do Concílio Vaticano II é de fundamental importância para compreender, através de uma oportuna analogia, o que desejamos afirmar quando falamos de um novo Pentecostes na Igreja. Este evento conciliar que foi o Vaticano II remete-nos a uma relação “Jerusalém-Vaticano II”. É uma compreensão missionária que busca facilitar, ao máximo, um contato com o essencial por parte daqueles que não vivem proximidade com a fé. Encurtar o caminho é a tarefa da Igreja que reconheceu, no Concílio Vaticano II, um concílio de libertação, que pretende desatar a Igreja das faixas que nos séculos anteriores impediram, em algumas circunstâncias, seus movimentos, para que ela possa anunciar o evangelho com uma força renovada deste mesmo Espírito.¹¹⁷

Esse novo Pentecostes pode ser caracterizado, também, por um renovado discernimento espiritual e uma contínua abertura aos meios que podem auxiliar na nova evangelização. Não é suficiente apenas falar sobre Jesus e sobre a doutrina da Igreja, mas é preciso colocar as pessoas na relação com o próprio Jesus:

Devemos promover a arte do discernimento dos espíritos. Neste tempo de relativismo, no qual a verdade objetiva não é facilmente aceita, podemos ajudar as pessoas a comparar as suas exigências subjetivas para orientá-las rumo à verdade objetiva. Não devemos apresentar apenas o evangelho e o catecismo, mas promover exercícios espirituais, nos quais ponemos as pessoas em diálogo com Jesus. Isto significa que devemos oferecer aos sacerdotes e aos religiosos uma formação espiritual melhor, a fim de que sejam guias espirituais.¹¹⁸

Dentro deste caminho em que a transmissão da fé e a nova evangelização apresentam-se como uma via necessariamente experiencial¹¹⁹, no sentido que comunicam por meio da experiência profundo sentido de vida, é que buscaremos

¹¹⁶ TILLICH, P., Teologia Sistemática, p.501.

¹¹⁷ LE GUILLOU, M-J., El Rostro Del Resucitado. Grandeza Profética, Espiritual y Doutrinal, Pastoral y Missionária Del Concílio Vaticano II, p.71.

¹¹⁸ L'Osservatore Romano. D. Everardus Johannes de Jong, bispo titular de Cariama, Auxiliar-Geral de Roermonda, 17 nov 2012, n.46, p.17.

¹¹⁹ “Só o amor sentido pode, em definitivo, revelar sua força criadora e transformadora”. MÜLLER, G. L., Dogmática: Teoria y Práctica de la Teología, p.470.

aprofundar a compreensão da grandeza do mistério de Pentecostes na vida cristã. Dentro desse mistério vamos compreendendo a missão do Espírito Santo, que realiza no interior das almas a obra que santifica e sustenta a missão salvífica de Cristo e, por conseguinte, impele a Igreja a uma permanente dilatação desse mistério salvífico no mundo:

(...) No dia de Pentecostes, em que desceu sobre os discípulos para ficar para sempre com eles, que a Igreja foi publicamente manifestada diante de grande multidão, que a difusão do Evangelho entre os gentios, por meio da pregação, teve o seu início, e que, finalmente, foi prefigurada a união dos povos na catolicidade da fé por meio da Igreja da nova Aliança, que fala em todas as línguas e todas as línguas entende e abraça na sua caridade, superando assim a dispersão de Babel. Pelo Pentecostes começaram “os atos dos Apóstolos”, como pela descida do Espírito Santo sobre Maria fora concebido Cristo, e como pela descida do mesmo Espírito Santo sobre Cristo, quando orava, fora o Senhor impelido à obra do seu ministério. (AG n.4)

A Igreja é permanentemente cumulada de dons e carismas do Espírito Santo, para que possa levar em frente o acontecimento de Pentecostes em seu interior e como presença do Reino de Deus no mundo. Esses dons são como ferramentas oferecidas pelo Espírito Santo para que se trabalhe na vinha do Senhor. Dentro desta perspectiva se reconhece que os ministérios, assim como os dons hierárquicos e carismáticos, operam como caminho para uma autoconversão, para a dimensão *ad intra* da Igreja e a impulsionam a testemunhar de modo *ad extra* a força restauradora de Cristo ressuscitado no mundo:

O Espírito Santo é quem “unifica na comunhão e no ministério, e enriquece com diversos dons hierárquicos e carismáticos” toda a Igreja através dos tempos, dando vida às instituições eclesiais, sendo como que a alma delas, e instilando nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo. Por vezes, precede visivelmente a ação apostólica, como também incessantemente a acompanha e dirige de vários modos. (AG n.4)

O Espírito Santo atua no mundo através da ação apostólica e do testemunho de todo o Povo de Deus, de modo que, dentro deste grande mosaico de ministérios, pastorais e dons, irradia-se à luz de Deus e ao saber do Eterno que se faz terno no mundo. Faz novas todas as coisas, começando pelo coração de cada

ser humano que, mergulhado neste mistério da Trindade, recebe a graça de tornar-se filho no Filho, e convertendo-se, desse modo, em sujeito da evangelização.¹²⁰

3.2

Dimensões eclesiológicas da nova evangelização

O século XX foi o século de redescoberta do sentido da Igreja, seja no plano da ação seja no plano da reflexão. Um dos dados mais interessantes que se nota ao examinar os resultados dos estudos eclesiológicos desse século é a aproximação entre as posições dos teólogos católicos e as dos teólogos protestantes. No começo do século XX, “a eclesiologia católica estava reduzida a um estudo da Igreja como sociedade visível e hierarquicamente ordenada; da autoridade e da maneira como esta autoridade era revestida, pelo modo como ela era exercida pela sede de seu supremo representante”¹²¹. Além do mais, o estudo da Igreja era conduzido segundo critérios apologeticos e jurídicos.¹²²

No mesmo período, a eclesiologia protestante coloca em destaque quase exclusivamente o caráter místico e invisível da Igreja, recorrendo somente às escrituras e negligenciando totalmente a Tradição. Só ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é que a eclesiologia católica abandona o método apologetico e jurídico em favor do histórico e bíblico, considerando a Igreja como povo de Deus, como sacramento de salvação e como comunhão de caridade antes do que instituição hierárquica.

A intensificação do diálogo ecumênico, durante e depois do Vaticano II, favoreceu, sobretudo, os autores católicos. O encontro com a eclesiologia protestante colaborou para uma nova descoberta e apreciação de aspectos que antes tinham subestimado ou ignorado – por exemplo, a tensão entre o mistério da

¹²⁰ A missão de evangelizar é compreendida pelo papa Francisco como uma ação pessoal e coletiva de cada cristão. Seja em seu sentido individual, seja dentro de associações, movimentos e pastorais. “A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional. Proponho que nos detenhamos um pouco nesta forma de compreender a Igreja, que tem o seu fundamento último na iniciativa livre e gratuita de Deus.” (EG n.110)

¹²¹ MONDIN, B., *As Novas Eclesiologias*, p.6.

¹²² O conceito de Igreja expressado por Belarmino não consegue tocar na profundidade da essência da Igreja como mistério: “A Igreja é uma sociedade composta de homens unidos entre si pela profissão de uma idêntica fé cristã e pela comunhão aos mesmos sacramentos sob a jurisdição de pastores legítimos, sobretudo do Pontifício romano”. BELARMINO, *De ecclesia* III, 1.

Igreja e o Reino de Deus na Igreja, o sacerdócio dos fiéis. Ao contrário, o encontro com a eclesiologia ortodoxa levou-os a redescobrir a dimensão cósmica da redenção e da Igreja, o papel eclesiológico da eucaristia, a pneumatologia e a doutrina dos carismas, o sentido da unidade na diversidade.

Até o Vaticano I a eclesiologia permanece substancialmente centralizada na autoridade hierárquica. Desde a reforma gregoriana em diante (século XI), o esforço do papado consistiu em definir a Igreja como realidade que não é somente uma associação espiritual, mas uma sociedade propriamente dita, visível, institucionalmente diferenciada, hierárquica e independente, que recebe de Deus uma ordem própria, dotada não somente dessas realidades espirituais, mas de meios visíveis, exteriores. Enfim, compreende-se uma sociedade perfeita, que além do mais possui, a título especial, não somente ministérios espirituais que dirigem as consciências pessoais para a autoridade toda espiritual de Deus, mas também ministérios propriamente hierárquicos, que receberam e representam, aqui na terra, de maneira visível e propriamente jurídica, uma autoridade sobrenatural, conferida positivamente por Deus. Autoridade que existe nos bispos e que existe, sobretudo, por instituição formal e especial de Deus, como autoridade de governo supremo, sacerdócio e ministério, no papa sucessor de Pedro e vigário de Cristo, delegado de seus poderes.

No período entre as duas guerras mundiais, o despertar eufórico do sentido da Igreja em toda vida eclesial produziu, no campo teológico, “uma renovação eclesiológica que determina a trajetória ascendente do progresso da eclesiologia no desenrolar desses dois decênios”. A grande guinada cultural produzida neste momento possibilitou também uma renovação que pode oferecer uma imagem da Igreja mais correspondente e mais importante ao desenvolvimento de um retorno às fontes, seja pelo movimento litúrgico, seja pelo patrístico e bíblico.¹²³

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja começa a viver uma acentuada guinada no sentido de busca e aprofundamento a respeito de uma sóbria e intensa visão de sua consciência eclesiológica. Georges Dejaifve escreveu:

¹²³ O trabalho teológico entre católicos e protestantes possibilita uma abordagem mais ampla das nuances teológicas e pastorais do cristianismo na história. Confere um discernimento sobre o modo de transmissão da beleza da fé tendo o testemunho como um esforço de caminhar e refletir juntos: “Desde una voluntad de fidelidad a la Palavra de Dios, podemos comulgar con los trabajos de todos los cristianos que aportan su punto de vista a nuestro descubrimiento y a nuestra asimilación de la Palavra. Estamos en una época de total recuperación de la tradición de los Padres, y hasta nuestros hermanos protestantes comienzan a destacar en ello.” LE GUILLOU, M.-J., *El Rostro Del Resucitado*, p.224.

Na história da Igreja, o dia que marcou a promulgação da Constituição *Lumen Gentium* constitui inegavelmente, a meu ver, uma nova reviravolta na eclesiologia católico-romana. Pode-se dizer que passamos de uma Igreja instituição para uma Igreja-comunidade, de uma Igreja-potência a uma Igreja pobre e peregrina”.¹²⁴

Destacamos, aqui, alguns traços importantes que Georges Dejaifve descreve como originais na visão eclesiológica do Concílio Vaticano II:

- a) Distinção entre Reino de Deus e Igreja: a Igreja é somente o começo e o “germe” e não ainda a plena realização do reino;
- b) Comunalidade: existe paridade essencial entre todos os membros da Igreja, enquanto todos gozam das mesmas graças fundamentais e dos mesmos deveres; desse modo “não é temeridade falar de autêntica democracia sobrenatural, da qual o Espírito Santo é garantia em cada um, não obstante a diversidade dos deveres”.
- c) Sacramentalidade: o mistério da Igreja caracteriza-se como o sacramento da união com Deus e da unidade de toda humanidade: “tal aspecto sacramental caracteriza todos os elementos desta comunhão eclesial e conferir-lhe-á a estrutura ontológica, antes de cada consideração jurídica aí predominante”.
- d) Catolicidade: entendida não tanto em sentido quantitativo, mas qualitativo, ou seja, como atitude para abraçar a multiplicidade e para dar espaço à diversidade; “para ser verdadeiramente o sinal de salvação do universo, o povo de Deus deve ser uno e diverso ao mesmo tempo, segundo a diversidade dos povos”;
- e) Politicidade: ou seja, atenção para os problemas sociopolíticos que interessam à humanidade: “a Igreja toma consciência da própria missão temporal no mundo, como condição de salvação total e unidade da humanidade”.¹²⁵

3.2.1 A Igreja como “Povo de Deus”

Uma das notas mais significativas no Concílio Vaticano II para definir a Igreja é a de “Povo de Deus”. A Igreja é o povo de Deus. Um povo que vive dentro de uma história de relação com o seu Deus, e que é descrita a partir da

¹²⁴ DEJAIFVE, G., L’eclesiologia dal Vaticano I al Vaticano II, p.87-8.

¹²⁵ DEJAIFVE, G., L’eclesiologia dal Vaticano I al Vaticano II, p. 91-4.

história de salvação desse mesmo povo.¹²⁶ O mistério da geração desse povo de Deus se realiza em virtude da conformação filial com o Espírito Santo, somente a ação de Cristo, Palavra de Deus, anunciado e manifestado pela pregação e realizado nos sacramentos, dá forma ao povo de Deus.¹²⁷

A Igreja como povo de Deus é a comunidade daqueles que vivem na gratidão e na consciência de fazerem parte do grande projeto de amor do Pai para a humanidade. Parte deste povo fermenta, nas relações humanas, os valores do Reino de Deus de tal modo que a sua presença encoraje, revigore e produza esperança para todos (EG n.114). Dentro das promessas feitas primeiramente ao povo judeu, o projeto divino do Pai se universaliza no propósito de levar a outros povos a verdade e as promessas salvíficas desse que agora se constitui povo de Deus.¹²⁸

Dentro de todo um percurso feito pela Igreja desde o período de preparação, desenvolvimento e aplicação do Concílio Vaticano II, a Igreja, e de forma específica a Igreja da América Latina, percebeu a grande importância de acentuar a missão do leigo como sujeito eclesial (EG n.111). A influência e a necessária colaboração dos grandes teólogos do Concílio Vaticano II e o diálogo com os Bispos do Brasil proporcionaram este novo olhar sobre a Igreja, e abriram um caminho irreversível em que o leigo se torna um autêntico interlocutor entre a sociedade e a Igreja.

Contudo, se verifica que por vezes, no interior da vida eclesial, há diversas discontinuidades, mediante uma possível sedução de tornar a vida pastoral e os ministérios na Igreja apenas um funcionalismo eclesiástico, em que o serviço da fé torna-se tão somente uma questão de empoderamento, e não acolhimento de um dom, o exercício de um legado espiritual na própria comunidade de fé. Reconhecer a comunidade num todo, e de maneira una, é reconhecer que o seu

¹²⁶ Chenu bem expressou-se quando descreveu a decisão do povo de Deus de viver a fé frente aos desafios nos dias atuais: “Si la Iglesia es el ‘pueblo de Dios’ y no una aristocracia de cultura espiritual, tiene que encontrar los medios de expresión de su fe en las grandes inspiraciones populares, en sus formas, sus figuras y sus símbolos que son las fuentes y valores reales de una cultura de masas. No hay que buscarlos en los museos sino en la vida real, en la espontaneidad de las miradas, en el sobresalto de las emociones, en la fuerza de los mitos, de las expresiones populares de la historia del ‘misterio’”. CHENU, *Peuple de Dieu dans le monde*, p.145-56.

¹²⁷ LE GUILLOU, M-J., *El rostro del Resucitado*, p.157; LG n.10.

¹²⁸ LOHFINK, G., *Deus precisa da Igreja? Teologia do Povo de Deus*, p.24.

rosto como povo de Deus acontece nessa cooperação e participação mútua no projeto salvífico de Deus no mundo.¹²⁹

Recolocar a missão de todo o povo de Deus¹³⁰ em evidência novamente, através da presença operante e melhor visível dos leigos em nossos dias, é lançar uma nova luz sobre o cenário que cabe aos leigos no mundo – criando novas estruturas de circularidade de governo e visibilizando um novo modo de viver o cristianismo e a sua missão na Igreja – e à Igreja para o mundo, numa importante referência de sua presença no mundo através da participação testemunhal dos leigos.

Um dos grandes desafios que verificamos em nossos dias é o de possibilitar uma melhor compreensão da dimensão do múnus de Cristo presente no ministério comum dos leigos. O múnus do ensino, da santificação e principalmente do governo no interior da Igreja. É justo fazer a constatação que, de fato, existe um grande avanço no que tange ao múnus de ensino eclesial em que uma grande abertura fora dada aos leigos no sentido de participarem deste compromisso de ensino dentro das cátedras teológicas em diversas universidades que a Igreja administra. Também há uma necessária abertura à função do múnus catequético¹³¹, desenvolvido, por vezes, até mesmo com grande heroicidade por diversos leigos, que enfrentam as mais diversas situações para comunicarem e transmitirem a fé, mesmo diante de dificuldades no horizonte de compreensão do conteúdo da fé.

Ao olharmos para o exercício do múnus de santificar no ministério comum dos leigos, percebemos que o testemunho oferecido pela Igreja, por parte de muitos cristãos que verdadeiramente e com autenticidade de vida vivem com profundidade a sua vida cristã, é de fato um caminho de edificação de todo o Corpo de Cristo. Muitos dos que compõem o povo fiel de Deus têm doado e

¹²⁹ Destacamos aqui alguns aspectos que enfraqueceram o protagonismo dos leigos na Igreja no decorrer de seu caminho e sua missão nos séculos, tornando a missão da evangelização uma tarefa delegada a uma classe de clérigos dotados de uma formação especial: “o perigo das heresias, a elevação do cristianismo a religião oficial do império romano, a sociedade medieval em suas classes sociais bem definidas, a disputa pelo poder da Igreja com os principados no tempo da cristandade e posteriormente com o Estado nascente, apresentando-se como uma sociedade perfeita, tal como a sociedade civil dotada de hierarquias e distribuição desigual de poder”. MIRANDA, Igreja Sinodal, p.15; LAFONT, Imaginer L’Église Catholique, p. 49-84.

¹³⁰ “(...) podemos pensar que os diferentes povos, nos quais foi inculturado o Evangelho, são sujeitos coletivos ativos, agentes da evangelização.” (EG n.122).

¹³¹ “No catequista, o encontro pessoal com o Senhor dá não apenas credibilidade às suas palavras, mas também ao seu ministério, ao que ele é e ao que ele faz.” BERGOGLIO, J. M., Anunciar o Evangelho. Mensagens aos catequistas, p.50.

consumido sua vida para que a Igreja avance em sua missão de ser irradiação da presença do Reino de Deus no mundo. Verificando a ação eclesial dentro desse aspecto do mistério, vemos uma grande abertura e sensibilidade em buscar, por meio da oração, da vida litúrgica unida aos inúmeros sacrifícios cotidianos e de uma perseverança na prática das virtudes, um belo modo de fazer avançar, na vida cotidiana e laborial dos leigos, a missão da Igreja no mundo. A Igreja vive um permanente florescer do Espírito Santo em muitas Igrejas particulares, em que os leigos são verdadeiros mestres da oração e da vida cristã, sendo, em sua quase maior parte, os responsáveis diretos pela evangelização e pelo cuidado da prática da vida espiritual em muitos lugares onde a fé da Igreja vive e sobrevive na prática da fé por meio da sua ação e confiança na graça de Deus.¹³²

O que mais toca uma concreta realização objetiva de uma realização real dessa dimensão da Igreja como povo de Deus é, ainda em certo sentido, uma marginalização dos leigos no que se refere ao governo da própria Igreja, ou seja, o *Múnus regendi*. Aqui se verifica, notadamente, uma grande fraqueza que conspira contra aquilo que é vital, ou seja, o de ser um corpo bem ajustado, como que pedras vivas onde cada um encontra no templo vivo que é a comunidade sua justaposição no que se refere ao todo. Por vezes, pode-se julgar que a vida laical, ou pelo menos aqueles que nela se apresentam de forma mais simples, não teria muito a dizer, ou ensinar. Contudo, se essas partes do corpo forem consideradas menos honrosas, constatamos que é aí que o poder de Deus se manifesta. É na fraqueza que se revela a graça de Deus, é justamente dos considerados pequenos que podemos também perceber a ação do *sensus fidei*¹³³ conduzindo a Igreja, pois esta não deve somente defender a fé dos mais humildes, mas perceber como a sua força é capaz de sustentar no testemunho, na fidelidade, a própria mensagem e a

¹³² “Os fiéis leigos estão na linha mais avançada na vida da Igreja: por eles, sobretudo, devem ter uma consciência cada vez mais clara não somente que pertencem à Igreja, mas que são a Igreja, isto é, comunidade dos fiéis na terra sob a direção do chefe comum, o Papa e dos bispos em comunhão com ele. Eles são Igreja” AAS 149 (1946); citado na CfL, n. 9 e no CigC, n. 899.

¹³³ Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. O povo de Deus é santo em virtude desta unção, que o torna *infalível in credendo*, ou seja, ao crer, não pode enganar-se, ainda que não encontre palavras para explicar a sua fé. O Espírito guia-o na verdade e o conduz à salvação. Como parte do seu mistério de amor pela humanidade, Deus dota a totalidade dos fiéis com um *instinto da fé* – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus. A presença do Espírito confere aos cristãos uma certa conaturalidade com as realidades divinas e uma sabedoria que lhes permite captá-las intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão. (EG n.119)

própria visibilidade do conteúdo da fé em sua beleza, no que se refere ao que é essencial e vital da vida cristã como presença no mundo.

3.2.2

A Igreja como comunidade do mistério, comunhão e missão do Deus humanado

Dentro do trabalho que estamos desenvolvendo, julgamos de fundamental importância dar um acento a três conceitos eclesiais que clarificam o que vem a ser a Igreja de Cristo, e como melhor explicitar o seu rosto em nossos dias. Esses três conceitos são: “mistério, comunhão e missão”. Pretendemos trabalhar uma compreensão desses conceitos para perceber a sua incidência em toda a obra atual da nova evangelização.¹³⁴

O reconhecimento dessas dimensões eclesiais – mistério, comunhão e missão – que o Concílio deu à visão eclesiológica foram de fundamental importância para que tenhamos, diante dos olhos, o modo como a Igreja aparece e caminha em sua missão no mundo. Ao fazer referência à Exortação *Christifideles Laici*, são João Paulo II afirma que

sintetizando a doutrina conciliar, [a Exortação] apresenta a Igreja como mistério, comunhão e missão: ela “é mistério porque o amor e a vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo constituem o dom absolutamente gratuito oferecido a quantos nasceram da água e do Espírito (Jo 3,5), chamados a reviver a própria comunhão de Deus e a manifestá-la e comunicá-la na história (missão).¹³⁵

O Concílio Vaticano II, quando apresenta a Igreja como povo de Deus, a coloca dentro da importante compreensão desse povo enquanto um “Corpo” se apresenta como expressão deste mistério que habita o mundo. Mistério¹³⁶ não

¹³⁴ SCHNACKENBURG, R., *La Chiesa nel Nuovo Testamento*, p.178.

¹³⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, n.8; AAS 81 (1989) p.405; SÍNODO DOS BISPOS, II Assembleia Geral Extraordinária, 1985; JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-Sinodal Pastores *Dabo Vobis*, p.34.

¹³⁶ “Não creia que ela foi chamada esposa ou Igreja só após a vinda do Salvador na carne; ao contrário, ela existe desde as origens da raça humana e da criação do mundo, ou, para as origens da raça humana e da criação do mundo, ou para buscar ainda mais longe a origem desse mistério, a exemplo de Paulo, antes mesmo da criação do mundo. Eis o que ele diz: ‘assim, escolheu-nos nele, antes da constituição do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo’ (Ef 1,4-5). Nos salmos também está escrito: ‘Lembra-te Senhor de tua assembleia que tu reuniste desde a origem (Sl 74,2)’ (Comentário ao Cântico dos Cânticos, Orígenes, II); FIGUEIREDO, F. A., *O alvorecer da Igreja na África*, p.114.

como algo obscuro, incapaz de ser dito ou descrito, mas como presença da Trindade que se desvela dentro dos acontecimentos humanos na história.

Todo ser humano traz, em si, o desejo de conhecer mais profundamente Deus, e de conhecer o mistério e o significado da própria existência. É justamente nessa busca de sentidos e de significados que a Igreja olha para o ser humano e propõe o mistério do Deus humanado. O ser humano aspira conhecer, e nessa busca fundamental, colocam-se diante dele também outras dimensões da própria existência, que o impedem de cogitar profundamente sobre o seu existir, como, por exemplo, o entretenimento, a diversão e o espetáculo.¹³⁷ Não que sejam realidades a serem desprezadas, mas é preciso aprender a experienciá-las não como fuga do cotidiano, mas como valor cultural a ser valorizado e, ao mesmo tempo, discernido.

A vida envolta pelo tumulto dos espetáculos nem sempre permite ao homem a capacidade de postar-se diante de si, e fazer questionamentos a si mesmo que alarguem as dimensões de seu próprio conhecimento e sentido. É nesta abertura e crise existencial de uma constante fuga do ser humano de si mesmo, que a Igreja lhe apresenta o mistério de Deus que compreende a encarnação como proximidade e possibilidade de um desvelar de sua identidade mais profunda. A Igreja reconhece que possui uma missão e um lugar intransferível com relação ao mistério na vida humana: “A verdadeira missão da Igreja é fazer conhecer às pessoas o mistério. Como antídoto contra o espetáculo.”¹³⁸

O mistério de Deus opera como caminho de unidade interna e externa da dimensão humana, tendo como desafios atuais o “racionalismo e o subjetivismo que esvaziam a ética e justificam os piores ataques à dignidade da pessoa e da vida humana, e pretendem fundar a ordem moral sobre o consenso social, sem qualquer referência à natureza da pessoa e seus atos.”¹³⁹ A Igreja, ao referir-se ao mistério de Deus, buscou ter sempre presente o mistério do ser humano diante de

¹³⁷ Uma das reflexões que nos ajudam a perceber a grandeza do ser humano já fora descrita por Pascal, quando afirma que o homem é, em si mesmo, o objeto mais prodigioso da natureza (...) Pensamentos 72; “(...) procuram nisso (espetáculo, divertimento, ruído...) apenas uma ocupação violenta e impetuosa que os desvie de pensar em si mesmos, e é por isso que se propõe um objeto atraente que os encante e os atraia com ardor, que deixaria os adversários sem resposta. Mas não respondem assim, pois não se conhecem a si mesmos. Não sabem que é a caça e não a presa que procuram.” Pensamentos 139. BLAISE, Pensamentos, p.60-77. Coleção Os pensadores.

¹³⁸ L’Osservatore Romano, Pe. Robert Francis Prevost, O.S.A, Prior da Ordem de Santo Agostinho (Agostiniano), 27 out 2012, n.43, p.10.

¹³⁹ L’Osservatore Romano, D. Benedito Beni Dos Santos, bispo de Lorena (Brasil), 27 out 2012, n.43, p.9.

si. De forma mais demarcada, vemos que as reflexões que partiram do grande evento do Concílio Vaticano II ventilaram novas formas de compreensão do mistério de Deus na vida humana. Reflexões que buscaram realçar a profunda conexão do mistério de Deus e do ser humano que encontram seu lugar comum na história:

Na economia divina, não há dois mundos separados e sobrepostos: um mistério da criação numa ordem “natural” e, em seguida, um mistério sobre imposto da redenção, numa ordem “sobrenatural”. Não há o mundo natural, de um lado, e a Igreja sobrenatural, de outro lado, como duas realidades concorrentes, com fronteiras mais ou menos pacíficas. Não há a construção do mundo, duma parte, sem interesse nem valor para o Reino, e doutra parte, o Reino de Deus sem interesse nem contribuição na construção do mundo. Não, criação e encarnação são compreendidas numa involução recíproca. Pois a encarnação redentora se completou nesta total recapitulação de toda verdade, de todo bem, de todos os valores humanos, em germes na criação.¹⁴⁰

A comunidade do mistério é a comunidade da inclusão e não da exclusão. É a comunidade que convida a comunhão com Deus a cada pessoa humana. Cada uma deve ser vista como alguém precioso. A comunidade do mistério é a casa do Pai, é esse rosto que devemos contemplar no rosto da Igreja, uma comunidade para os fracos e frágeis, é para eles que o Senhor quer se dar em alimento.¹⁴¹

3.2.3 Espiritualidade de comunhão e a missão

Abordaremos, agora, uma outra nota que aparece com relevante importância: a Igreja como sacramento, isto é, sinal da comunhão do ser humano com Deus e sinal recíproco de comunhão entre o gênero humano (LG n.1). O estar no mundo não é um permanente exercício militar de combate entre a Igreja e o mundo, o autêntico embate é ajudar o mundo compreender a sua própria lógica no que se refere à dignidade do humano no mundo, e de sua relação com o próprio doador de sua dignidade, que é Deus.

O mandato missionário de Jesus Cristo cultivava a atenção a uma outra dimensão que é de fundamental importância, e cujo descuido viria a dificultar, em

¹⁴⁰ CHENU, M. D., A missão da Igreja no mundo de hoje, p.340.

¹⁴¹ “A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. Estas convicções têm também consequências pastorais, que somos chamados a considerar com prudência e audácia. Muitas vezes, agimos como controladores da graça, e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa.” (EG n.47)

muito, o impulso missionário, que é justamente a espiritualidade de Comunhão.¹⁴² Seria contraditório, seja para os mais simples fiéis, seja para os presbíteros e bispos em suas respectivas dioceses, falar de discipulado e missão sem que houvesse uma abertura verdadeira e sincera para viver uma espiritualidade de comunhão, que resultasse numa nova evangelização eficaz para toda a Igreja.

Falar de evangelização, hoje, é justamente atentar para a importância da conversão de corações, através de uma reorientação integral da própria vida. Não se transmite uma experiência viva da fé se o transmissor ou o comunicador não se dispõe a ser o primeiro a deixar-se atingir pela mensagem que é maior do que aquele que a anuncia. A evangelização não é apenas uma iniciativa humana. Não é o ser humano, com sua própria iniciativa, a fazer algo para Deus. Se o desejo de evangelizar emergiu no coração humano, é justamente uma chamada do próprio Deus. O ser humano aberto à vontade divina, e colaborando com ela, pode ou não corresponder a esse chamado. A nova evangelização precisa de um chão, ou um fundamento seguro e sólido que só pode ser encontrado na espiritualidade, senão seria apenas um corpo atuando sem alma, fadado ao fracasso com o passar do entusiasmo.

Um dos pontos de urgência no percurso da nova evangelização é o de aprofundar, e fazer própria, a autêntica espiritualidade cristã. Aos que se colocam neste empreendimento pelo Reino é pedido uma substancial busca de “viver em Cristo”, e “no Espírito”, que se aceita na fé, se expressa no amor, é animado pela esperança e se traduz no cotidiano da comunidade eclesial. O papa João Paulo II bem descreveu o sentido da espiritualidade de comunhão:

Que significa isso concretamente? Também aqui o nosso pensamento poderia fixar-se imediatamente na ação, mas seria errado deixar-se levar por tal impulso. Antes de programar iniciativas concretas, é preciso promover uma espiritualidade de comunhão, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasmam o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades. Espiritualidade de comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade de comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo

¹⁴² Do mesmo modo que Deus não criou os homens para viverem isolados, mas para se unirem em sociedade, assim também lhe “aprouve (...) santificar e salvar os homens, não individualmente e com exclusão de qualquer ligação mútua, mas fazendo deles um povo que o reconhecesse em verdade e o servisse santamente. Desde o começo da história da salvação, ele próprio escolheu os homens, não só como indivíduos, mas como membros de determinada comunidade”. (GS n.32)

místico, isto é, como “um que faz parte de mim”, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade. Espiritualidade de comunhão é ainda a capacidade de ver antes de tudo o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um “dom para mim”, como o é para o irmão que diretamente o recebeu. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber “criar espaço” para o irmão, levando “os fardos uns dos outros” (Gl 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. Não haja ilusões! Sem essa caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento.¹⁴³

A nova evangelização é inseparável de uma renovação da comunhão eclesial. É de fundamental importância para a Igreja que exista uma relação bem estabelecida da dimensão carismática com a dimensão hierárquica.¹⁴⁴ Constatou-se que nas relações entre hierarquia e vida consagrada, por vezes, não faltaram alguns desentendimentos: em alguns casos devido a uma certa ignorância a respeito dos carismas e do seu papel na missão e na comunhão da Igreja; em outros devido à inclinação de alguns consagrados à contestação do magistério.¹⁴⁵ Contudo, o que se verifica nos últimos decênios é justamente um grande crescimento da dimensão carismática na Igreja, e o que deve ser revisto nos aspectos de relação entre hierarquia e carismas é justamente a oportunidade para ambos crescerem e se renovarem superando divisões no corpo diocesano e paroquial em suas relações, sejam com os bispos, sacerdotes, novas comunidades e novas formas de consagração para que, por meio desta comunhão, aconteça uma nova primavera do Espírito Santo potencializando uma nova evangelização na Igreja e no mundo.

A Igreja é chamada a ser, como bem expressara Dietrich Bonhoeffer, a “casa fraterna”, em que, pelo testemunho visível de unidade, ilumina as dimensões da convivência humana.¹⁴⁶ O que se pretende fomentar na espiritualidade de comunhão é a eclesiologia de comunhão incentivando uma nova liberdade para a evangelização, e o cuidado pastoral, percorrendo o caminho de uma permanente e oportuna comunhão com a Sé apostólica e todas as outras

¹⁴³ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte, n.43, p.65.

¹⁴⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta Iuvenescit Ecclesia. Sobre a relação entre os dons hierárquicos e carismáticos para a vida e a missão da Igreja, p.17.

¹⁴⁵ L'Osservatore Romano, Cardeal Marc Quillet, Durante décima quinta congregação geral, 17 nov 2012, n.46, p.19.

¹⁴⁶ LOEW, J., Vocês serão meus discípulos, p.142.

expressões do tecido eclesial.¹⁴⁷ Essa mesma Sé apostólica, consciente de ser um instrumento precioso para a unidade da fé, deverá perceber a urgência de uma nova relação entre Igreja católica e as outras Igrejas históricas e comunidades eclesiais.¹⁴⁸

A espiritualidade de comunhão é profundamente trinitária.¹⁴⁹ O convite à comunhão é mais que um slogan. É a conversão do coração. Os ministros e os agentes de pastoral, assim como os movimentos eclesiais e as congregações religiosas, com a espiritualidade formada e reavivada pelo mistério da Santíssima Trindade, abrirão novos caminhos ao diálogo com o mundo secularizado, dando contribuição à nova evangelização¹⁵⁰, e possibilitando um modo de ser Igreja que parta da comunhão, ou seja, de uma relação entre as pessoas em que implique fazer da vida um dom para o outro, compartilhando a riqueza e a beleza que cada um traz em si, e pode dispor para o Reino.

Ressaltamos outras dimensões da espiritualidade de comunhão que se expressam como parte fundamental de uma comunidade autenticamente cristã e que estão presentes nos Atos dos Apóstolos (At 2,42; 46-47). O livro dos Atos dos Apóstolos apresenta a comunidade que perseverava na fração do pão e nas orações: a eucaristia é fonte inesgotável de vida cristã. Outro aspecto era a perseverança nos ensinamentos dos apóstolos, anunciadores da Palavra de Deus, em todos os âmbitos da existência humana. A perseverança na comunhão: tinham tudo em comum, partilhavam os seus bens com todos irmãos porque antes partilharam o maior de todos os bens, o próprio Cristo. E, por fim, a alegria da atração, o Senhor juntava à comunidade novos irmãos que desejavam viver o mesmo estilo de vida marcado pelo encontro com a pessoa de Jesus Cristo, que transbordava na alegria de serem salvos.¹⁵¹

O fruto da espiritualidade de comunhão¹⁵² que deverá sinalizar a comunhão eclesial não é uma tarefa somente a ser realizada no âmbito do mundo católico,

¹⁴⁷ L'Osservatore Romano, Cardeal George Alencherry, Durante a nona congregação geral, 3 nov 2012, n.44, p.15.

¹⁴⁸ L'Osservatore Romano, Cardeal Francesco Coccopalmerio, Durante a décima primeira congregação, 3 nov 2012, n.44, p.22.

¹⁴⁹ L'Osservatore Romano, D. John Corriveu, O.F.M. CAP., Durante a Terceira congregação geral, 20 out 2012, n.42, p.13.

¹⁵⁰ L'Osservatore Romano, D. John Corriveu, O.F.M. CAP., Durante a Terceira congregação geral, 20 out 2012, n.42, p.19.

¹⁵¹ L'Osservatore Romano, Cardeal Angelo Scola, arcebispo de Milão, 3 nov 2012, n.44, p.22.

¹⁵² Documento 105 n.194.

mas é um convite a uma unidade entre os cristãos para que o mundo creia. O grande obstáculo para a evangelização é a divisão entre os cristãos. A colaboração entre Igreja católica e outras comunidades eclesiais pode ser um recomeço para melhorar e reforçar a confiança no anúncio do evangelho, como caminho de unidade para o bem integral do ser humano.

A nova evangelização deve contar com todas as energias do mundo cristão em todas as suas diversidades e especificidades, crendo na multiforme graça de Deus que atua em todo o tecido eclesial, seja no mundo católico, seja no ortodoxo e protestante.¹⁵³ Potencializar a comunhão nos leva a descobrir um caminho de cura originador de uma oportuna fraternidade mística e contemplativa.¹⁵⁴

A missão da nova evangelização deve, também, apresentar uma explícita compreensão soteriológica da Igreja em nossos dias, o que, de fato, é um desafio delicado, pois a cultura moderna é permeada por um subjetivismo que produz uma pretensão de afirmar que a salvação é um acontecimento unicamente do encontro pessoal com Jesus Cristo, sem quaisquer implicações com a comunidade de fé e o mundo. Aqui faz-se necessário apresentar a Igreja na sua dimensão diaconal que se coloca a serviço de toda a sociedade.¹⁵⁵

A dimensão diaconal da Igreja não é aquela que se coloca como a detentora de todos os meios sem a qual ninguém poderá chegar à salvação, fechada em um frio eclesiocentrismo, mas como aquela que deseja, reza e auxilia cada crente para que vivencie a salvação e sinta-se como pertencente a esse corpo eclesial, mesmo que esta pertença, por vezes, não seja plena ou ainda não testifique uma plena unidade cristã em diferentes aspectos, doutrina, costumes e disciplinas internas,

¹⁵³ L'Osservatore Romano. Cardeal Francesco Cocco Palmerio, Presidente do Pontifício Conselho dos Textos Legislativos (Cidade do Vaticano), 3 nov 2012, n.44, p.22.

¹⁵⁴ “Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom. Precisamente nesta época, inclusive onde são um pequenino rebanho (Lc 12, 32), os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG n.92)

¹⁵⁵ “La Iglesia es, pues, el signo visible y eficaz que Dios ha escogido para expresar en la historia humana su voluntad eterna de salvar a la humanidad entera y al mundo. (...) Sierva del designio del Padre, la Iglesia ama reconocer, allí donde ejerce su labor (...) El servicio a Dios pasa pues por el servicio al mundo. LE GUILLOU, M-J., El rostro del Resucitado, p.168.

seja das Igrejas mais históricas, seja das novas comunidades eclesiais recentes.¹⁵⁶ Os novos evangelizadores se esforçarão por reconhecer-se, enquanto Igreja, como o “Corpo de Cristo”:

Agora Vós sois o Corpo de Cristo e, cada um segundo a própria parte, seus membros (I Cor 12,13). A base de nossos esforços na nova evangelização deve ser o reconhecimento de que no batismo Cristo deu a cada um de nós dons do Espírito Santo. É o Espírito, a alma da Igreja, que nos liga numa unidade que supera qualquer tipo de divisão (I Cor 12, 13). A nova evangelização deve falar da vontade salvífica de Deus e ao mesmo tempo reconhecer que Jesus ofereceu um percurso claro e único para a redenção e salvação. A Igreja não é um entre os muitos modos para se alcançar Deus, considerados todos igualmente válidos. Enquanto Deus quer que sejamos todos salvos, é precisamente por sua vontade salvífica universal que Deus enviou Cristo para nos fazer filhos adotivos e levar-nos à eventual glória eterna.¹⁵⁷

A nova evangelização é inseparável de uma renovação da comunhão eclesial na relação entre dimensão carismática e hierarquia.¹⁵⁸ A Igreja como comunhão tem na figura dos “santos” o modelo pelo qual tende a buscar cada vez mais ser a expressão visível da comunhão plena da Trindade no mundo.¹⁵⁹

Esta presença-mistério da Igreja no mundo aparece como uma espécie de “sociedade paralela”, vista com desconfiança por muitos, mas a Igreja, na verdade, apesar de seu rosto alternativo em meio aos projetos de construir um rosto social-comum entre os homens, quer ser, dentro do contexto de sociedade, uma presença que fermenta e produz vida.¹⁶⁰ Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face intuiu a catolicidade da Igreja como uma forma de abraçar a

¹⁵⁶ SÍNODO DOS BISPOS. Instrumentum Laboris. A nova evangelização para a transmissão da fé, p.44-5.

¹⁵⁷ L'Osservatore Romano, Relatório do cardeal William Wuerl, relator-geral, antes do debate geral, por ocasião da primeira congregação geral do sínodo dos bispos, 13 out 2012, n.41, p.21.

¹⁵⁸ L'Osservatore Romano, Cardeal Marc Quillet, P.S.S, Prefeito da Congregação para os Bispos, 17 nov 2012, n.46, p.19.

¹⁵⁹ Ao tocar no mistério da comunhão dos santos na Igreja, bem descreveu o aspecto comunal o teólogo francês H. de Lubac: “Noi professiamo che la nostra chiesa è santa – *credo sanctam Ecclesiam* – e che è la chiesa dei santi – *Ecclesia sanctorum*. Queste formule non significano evidentemente che tutti suoi capi siano santi e che nel suo seno non esistano peccatori; esse significano invece, sempre per un riferimento a Colui che solo è il ‘Santo’, che da una parte essa è la chiesa santificatrice e dall’altra è la chiesa santificata dallo Spirito santo, la chiesa dei santificati”. LUBAC, H., Meditazione sulla chiesa, p.63.

¹⁶⁰ O cardeal Carlo Maria Martini intuiu o sentido de presença alternativa da Igreja no mundo quando expressou: “Una comunità alternativa nel senso del Vangelo non è dunque una setta, né un gruppo autoreferenziale che si distacca orgogliosamente dal tessuto sociale comune, né un’alleanza di alcuni per emergere e contare. Non è perciò necessariamente e sempre visibile come gruppo compatto, perché sa accettare anche la diaspora, può cioè trovarsi, per diverse circostanze storiche, in ‘dispersione’. Ma nell’insieme ha caratteri di visibilità e in ogni caso, visibile o meno, agisce sempre come il lievito, le cui particelle operano in misterioso collegamento fra loro e si sostengono a vicenda per far fermentare la pasta”. MARTINI, C. M. Ripartiamo da Dio!, p.34.

totalidade das fontes salvíficas e comuniais do Corpo de Cristo, através da afirmação: “escolho tudo”¹⁶¹, tudo que sinaliza a graça. A fé, desse modo, abraça todas as dimensões da vida.

Outro elemento importante na compreensão da apostolicidade da Igreja é a sua extensão testemunhal, representada pela sucessão dos apóstolos, mas também creditada pelo esplendor da fidelidade e da entrega de tantos homens e mulheres que transmitiram esta fé por uma plausível relevância de sua perseverança e a profissão pública de sua fé, testemunhando e instaurando, por meio de suas vidas, o Reino de Deus.¹⁶²

No coração da Igreja, a grandeza de cada cristão resplandece a partir de sua experiência com o Ressuscitado. O cristão não está na Igreja apenas como alguém que deve seguir uma série de costumes e disciplinas, mas ele é sujeito corresponsável pela transmissão do tesouro da fé que foi colocada em o seu coração. Este mesmo *sensus fidei* o possibilita, na caridade, recordar a cada membro da Igreja a sua missão e o seu sentido de ser discípulo de Cristo.¹⁶³

3.2.4

A missão da pastoral orgânica como um desafio eclesial

O grande desafio a ser observado na execução de uma missão, que seja integral na abordagem e na concretização da conversão pastoral, é justamente a

¹⁶¹ Em Teresa de Liseux aparece a consciência do todo na parte, e da parte no todo no que se refere à dimensão comunal da Igreja: “La giovane carmelitana, ricordando un fatto della propria fanciullezza – le era stato chiesto di scegliere un regalo da un cesto ed ella aveva risposto ‘Io scelgo tutto!’ – annotava: ‘Questo piccolo fatto della mia infanzia è il riassunto della mia vita (...)’. Allora come nei giorni della mia prima infanzia ho esclamato: Mio Dio, scelgo tutto. Non voglio essere una santa a metà [...]’ Secondo von Balthasar queste parole di Santa Teresa dicono ‘esattamente che cos’è la cattolicità: scelgo tutto.’ Teresa di Gesù Bambino, Manoscritto A, 10r-10v, p.91; Balthasar, Quattro meditazioni, p.48 apud CAZZAGO, A., I Santi danno Fastidio, p.53;

¹⁶² “Quando Jesus, depois de haver sofrido a morte na cruz pelos homens, ressuscitou, apareceu como Senhor, Messias e Sacerdote eterno (At 2,36; Hb 5,6; 7,17-21), derrama sobre os seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai (At 2,33). A partir de então, a Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste reino. Entretanto, no seu lento crescer, aspira ao reino perfeito, e com todas as suas forças espera e deseja unir-se ao seu Rei na glória.” Lumen Gentium n.5; “La cattolicità non può essere ridotta a una mera ‘qualificazione geografica’”. NISSIOTIS, N. Aspetto pneumatologico della cattolicità della Chiesa, p.36.

¹⁶³ Dobbiamo almeno accennare a due altri esempi di questa testimonianza della dottrina apostolica. Santa Caterina da Siena (1347-1380), povera e non istruita, si trova a scrivere al garante della stessa successione apostolica Papa Gregorio XI, allora ad Avignone: “Voglio che siate quello e buon pastore, che se aveste cento miglia di vite, disponiate a tutte darle per onore di Dio e per salute delle creature (...) Virilmente, e come uomo virile seguitando Cristo di cui vigario siete (...). Su dunque, Padre, e non più negligenza” Lettera 85. SICARI, Nuovi ritratti di santi, p.151-75.

responsabilidade de desenvolver em conjunto ações eclesiais que sejam como um *leitmotiv* para direcionar toda a ação evangelizadora da Igreja.

A pastoral orgânica deve ser justamente o primeiro âmbito da missão e da comunhão. O bispo, ao presidir essa pastoral, deve estar aberto aos carismas e ministérios e procurar um caminho que seja frutuoso a todos os setores eclesiais. Todas as potencialidades pastorais e ministeriais, assim como as carismáticas, devem tender a um projeto que seja comum, em que se procurará produzir frutos positivos no próprio território em que atuam. A tomada de consciência a respeito da nova evangelização deve proporcionar, entre aqueles que pretendem fazer com que ela tome corpo e consistência, a compreensão da importância desse projeto pastoral não apenas como um lenitivo contra a crise presente e que se instala sobre a Igreja e o mundo. A nova evangelização é uma missão constante na Igreja, que deve fazer parte da agenda dos discípulos de Cristo (EG n.25).

O desenvolvimento do projeto pastoral não acontece apenas através de uma modalidade. Aqui residiria o perigo de cair no uniformismo, em que também as iniciativas singulares e que partissem de grupos com índoles específicas se veriam tolhidas por tais iniciativas tomadas. É preciso, contudo, que haja uma linguagem comum que integre e produza comunhão de modo que tudo possa emergir para uma solidificação de toda a Igreja, de maneira mais ampla do que apenas uma experiência particular.¹⁶⁴

O trabalho e o empreendimento missionário em prol de uma nova evangelização devem levar em consideração a fundamental colaboração de uma eficaz pastoral orgânica. A Igreja particular precisa de um programa pastoral para poder cumprir, em circunstâncias concretas de espaço e de tempo, a vontade salvífica de Deus Pai, plenitude cumprida no seu Filho Jesus.¹⁶⁵ A organização de uma pastoral orgânica demanda empenho de todos os fiéis no projeto da nova evangelização. O programa missionário diocesano não é uma simples estratégia, mas uma ação conjunta de pastores e fiéis em atitude de abertura ao Espírito Santo, ao mesmo tempo discernindo e lendo os sinais dos tempos.

O plano pastoral encontrará sempre uma solidez maior quanto maior for a colaboração dos diversos setores da Igreja particular. Trata-se de organizar a

¹⁶⁴ L'Osservatore Romano, D. Rino Fisichella Intervenções dos Padres Sinodais durante a terceira congregação geral, 20 out 2012, n.42, p.12.

¹⁶⁵ L'Osservatore Romano, Durante a terceira Congregação Geral. D. Fabio Suescún Mutis, 20 out 2012, n.42, p.16.

missão de evangelizar na Igreja diocesana, inspirando-se no discernimento do Espírito e com participação autêntica e direta dos fiéis. Dedicando-se à oração e contemplação, porque nos dão a liberdade de espírito que nos permite superar os moralismos e fundamentalismos doutrinários tão iníquos. Esta é a mística que nos convida a unir fé e vida, fé e razão e, sobretudo, fé e amor.¹⁶⁶

Outro elemento importante para colocar em marcha essa guinada missionária é justamente pôr em andamento uma missão que abranja a dimensão *ad intra* e *ad extra* da própria Igreja.

3.2.5

Uma nova evangelização para dentro da Igreja (*ad intra*)

Evangelizar no interior da Igreja significa suscitar um novo entusiasmo pelo anúncio do evangelho, e não apenas cuidar da fachada da Igreja que está gradualmente se desgastando. A nova evangelização deve iniciar-se dentro da Igreja, cada cristão buscando superar as deficiências internas com relação à crise de fé, e esforçando-se por consolidar as razões da sua própria esperança. A Igreja conserva em si um grande desejo que os teólogos possam superar uma teologia de gabinete (EG n.133). Resgatando, desse modo, a consciência que toda a forma eclesial de uma autêntica renovação se inicia por um testemunho de fidelidade ao evangelho, vivendo com otimismo a própria fé.

Outro elemento importante no processo de evangelização interno da Igreja é a atitude de gratuidade: “O que tens que não recebestes?” (1Cor 4,7). Esta gratuidade conduz a Igreja a assumir a missão de formar, viver e aprofundar a fé de cada cristão, de modo que seja capaz de expressar com simplicidade, mas com profunda adesão de coração, a certeza que a anima.

Um dos grandes desafios que a Igreja tem pela frente, em nossos dias, é o de apresentar o rosto de Cristo. Apresentá-lo de modo que seja atraente e autêntico. Quando a Igreja vive essa missão de apresentar o rosto de Cristo com maior clareza, ela própria reconhece a necessidade de superar a tentação da autorreferencialidade e consegue recuperar a frescura original do evangelho. Apresentando uma nova estrada, métodos criativos, formas de expressões dinâmicas e atuais, sinais mais eloquentes, palavras carregadas de um renovado

¹⁶⁶ L'Osservatore Romano, D. Pedro Mario Ossanron Bucjevic, bispo titular de La Imperial - auxiliar de Santiago (Chile), 27 out 2012, n.43, p.18.

significado para o mundo atual. Na verdade, toda autêntica ação evangelizadora é sempre nova (EG n.11).

O grande desafio da Igreja, em nossos dias, é o de concentrar-se no essencial, isto é, reconhecer sua missão querigmática no mundo, ser sinal e manifestação daquele mistério salvador que faz com que a Igreja, centrada no essencial, não dê voltas sobre os seus próprios problemas, mas reconheça sua missão de ser presença e expressão da comunhão da Trindade no mundo:

A experiência do encontro transformador com Jesus Cristo insere seus discípulos na comunhão com a Santíssima Trindade e lhes comunica a missão de anunciar o Reino de Deus, com palavras e sinais. A Igreja existe no mundo como obra das três Pessoas divinas, é povo de Deus (em relação ao Pai), corpo e esposa de Cristo (em relação ao Filho) e templo vivo (em relação ao Espírito Santo). Ela é “o povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Como comunhão (koinonia) divino-humana ela “constitui na terra o germe e o início do Reino”, pois Jesus a iniciou “pregando a boa nova, que é a chegada do Reino de Deus”. E, desse modo, ela é no mundo sacramento de salvação, como afirmou o Concílio Vaticano II: Jesus Cristo, “ao ressuscitar dentre os mortos (Rm 6,9), comunicou seu Espírito vivificante, por meio do qual constituiu seu corpo, que é a Igreja, como sacramento universal de salvação”.¹⁶⁷

Anunciar o querigma não significa esquecer ou desqualificar o conjunto de toda doutrina católica (EG n.177), mas é apresentá-la com beleza a partir de uma fé que opera pela caridade (Gal 5,6) o que possibilita um primeiro anúncio que seja uma proposta convincente para alguém que está em busca do rosto de Deus e não se contenta, simplesmente, em olhar para a Igreja e sua missão e não conseguir reconhecer, entre as hierarquias de verdades, aquelas que são centrais e primárias como o amor, a misericórdia e a graça de Deus.

A mensagem da misericórdia, a busca de unidade entre os cristãos, no interior da Igreja, torna a Igreja mais credível em seu testemunho no mundo. O contrário seria ficarmos presos a disputas internas de poder e de espaços, que acabam por enfraquecer o corpo. O que leva a Igreja a se questionar a respeito de quem desejamos evangelizar com tais comportamentos? (EG n.100)

Dentro do corpo de Cristo, que é a Igreja, surge uma importante necessidade de fazer emergir um testemunho que procure integrar as diversas escolhas e experiências pastorais e espirituais, de modo que os caminhos já percorridos, e os que ainda devem ser percorridos pela comunidade de fé, sejam

¹⁶⁷ CNBB, 53ª Assembleia Geral Aparecida, Documento 102, n.7.

um sinal credível no mundo.¹⁶⁸ É preciso superar as diferenças buscando perceber, na história, a grandeza de cada experiência e integrá-la à missão e à vida da Igreja, de modo que, naquilo que a experiência tem de positivo, seja reconhecida como uma via que tem seu sentido no mistério de Deus e na vida concreta da Igreja:

As diversas linhas de pensamento filosófico, teológico e pastoral se deixam harmonizar pelo Espírito no respeito e no amor e podem fazer crescer a Igreja, enquanto ajudam a explicitar melhor o tesouro riquíssimo da Palavra. A quantos sonham com uma doutrina monolítica defendida sem nuances por todos, isto poderá parecer uma dispersão imperfeita; mas a realidade é que tal variedade ajuda a manifestar e desenvolver melhor os diversos aspectos da riqueza inesgotável do Evangelho”. (EG n.40)

Na cadência da missão da Igreja em sua tarefa *ad intra* e *ad extra* surgiram momentos difíceis, e por vezes de tensões, pois na busca da verdade que promove a vida surgiram situações que impeliram a Igreja a buscar um discernimento sobre determinadas situações históricas e pessoais em que foi preciso produzir purificações de determinadas motivações e intencionalidades, e na busca da excelência do seguimento da pessoa de Jesus Cristo se constataram certas tensões nos membros do Corpo de Cristo.¹⁶⁹

3.2.6

Uma nova evangelização para fora da Igreja (*ad extra*)

A Igreja se encontra, em nosso tempo, diante de novas estruturas que lhe colocam novos desafios (EG n.52). A missão em nossos dias é posta frente a desafios em vários planos, no teológico, religioso, espiritual, pastoral e cultural, desenvolvendo-se em um contexto secular, em meio a uma pluralidade de religiões e novas expressões cristãs.

¹⁶⁸ “Tenendo presente l’obietivo comune – Dio stesso e la vita eterna come nostra partecipazione alla vita divina – saremo in grado di superare gli scontri e i contrasti nella nostra chiesa. Non c’è motivo di costruire fazioni conservatrici o liberali secondo il nostro modello politico, di destra o di sinistra. Nella Chiesa non possono esserci alternative o slogan di natura politica. La Chiesa dev’essere ‘conservatrice’ quando è in gioco la tradizione apostolica e la salvaguardia della fede, e ‘progressista’ nel suo orientamento al futuro e nelle relazioni umane, che nell’amore possono sempre crescere.” AUGUSTIN, G., *La Chiesa secondo Papa Francesco*, p.117.

¹⁶⁹ “É um acaso que os grandes santos não tenham estado somente em tensão com o mundo, mas também com a Igreja, com a tentação da Igreja de se tornar mundo, e que tenham sofrido por obra da Igreja e na Igreja: (...) O que falta à Igreja de hoje (e de todos os tempos), não são os panegiristas da ordem constituída e, sim, homens nos quais a humildade, a obediência não é menor que a paixão pela verdade, homens que dão testemunho, não obstante toda a possível deturpação e ataque; numa palavra, homens que amem a Igreja mais do que a comodidade e a tranquilidade do próprio destino”. RATZINGER, J., *Il nuovo popolo di Dio*, p.278-88.

O conteúdo da fé¹⁷⁰ que se funda sobre a revelação de Deus apresenta-se como conteúdo que exige uma permanente dinamicidade dos discípulos de Jesus, para que o apresentem de modo que seja sinal do Reino de Deus para cada ser humano. Isso é bem mais do que apenas uma adaptação a novas realidades como se fosse apenas um programa e um planejamento políticos.

Um aspecto decisivo da fé cristã é o escândalo da cruz de Cristo. Sem o Espírito de Cristo, torna-se impossível acolher e apreender a lógica da cruz em suas diversas manifestações, que exige do discípulo um espírito de fé e a persistência em levar o Reino ao coração do mundo. Isso possui uma grande relevância no anúncio do evangelho, se tomamos verdadeiramente a peito fazer perceber melhor a beleza da fé. Em todo o caso, não poderemos jamais tornar os ensinamentos da Igreja uma realidade facilmente compreensível; a fé conserva sempre um aspecto de cruz, certa obscuridade que não tira a firmeza à sua adesão. Há coisas que se compreendem e apreciam só a partir dessa adesão, que é irmã do amor, para além da clareza com que se possam compreender as razões e os argumentos. Por isso, é preciso recordar-se que cada ensinamento da doutrina deve situar-se na atitude evangelizadora que desperta a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho (EG n.42).

Uma importante verdade a ser considerada por toda a Igreja é a missão de preparar cada cristão para ser testemunha corajosa e missionário no ambiente em que a sua vida acontece. Dentro desse espírito missionário, é preciso que os líderes e pastores na Igreja colaborem para facilitar este engajamento, e não dificultá-lo com questionamentos desnecessários e uma burocracia pastoral que impeça decisão e comunhão na nobre missão de evangelizar. Aqui é necessário pensar caminhos formativos que agreguem a doutrina, os fundamentos bíblicos e, principalmente, uma mistagogia (EG n.163-166) que caminhe junto no aprofundar a própria experiência do mistério.

A força inspiradora da fé, no contexto do mundo contemporâneo, pode oferecer preciosas colaborações que auxiliam na construção de uma sociedade e uma cultura marcadas pela justiça e pelo amor, buscando apresentar moderadas interrogações pessoais para a vida social, política e familiar. Hoje, faz-se

¹⁷⁰ “La revelación no es sólo el contenido de una doctrina custodiada por la Iglesia (...), es la expresión concreta del acto de Dios manifestando lo absoluto de su amor a través de los acontecimientos históricos, y en definitiva em Jesucristo constituyendo su Iglesia por medio del Espíritu.” LE GUILLOU, M-J., El Rostro Del Resucitado, p.87.

necessário pensar em uma cultura que não autodetermine tudo arbitrariamente, como uma forma de ingerência sobre as identidades que coabitam em um mesmo espaço. Contudo, a fé cristã pode atuar como fonte de inspiração para configuração de uma cultura aberta aos valores autênticos que configuram a própria vida e a convivência humana.¹⁷¹

Ao pensar a oportuna contribuição da fé cristã à sociedade, podemos compreender essa contribuição sobre a dimensão transcendental da mensagem evangélica que leva em conta a liberdade humana. Liberdade essa que se desdobra também como liberdade religiosa, que é um desafio à própria fé cristã.

Uma das particulares contribuições oferecidas por Bento XVI nos ajuda a compreender um dado complementar na tarefa da nova evangelização, que é justamente a “transmissão da fé cristã”¹⁷², o que dá a conotação de uma unidade da fé cristã que costuma ser transmitida pela vivíssima Tradição da Igreja. Sem esse componente essencial, a nova evangelização poderia consistir numa experiência que poderia se tornar mais uma experiência intimista e subjetivista do que algo que direcionasse a um engajamento maduro no Corpo de Cristo.

Conceitos como encarnação, ressurreição, redenção, sacramentos e a graça são temas fundamentais para compreensão da própria fé vivida pela Igreja.¹⁷³ É necessário que o evangelizador esteja aberto a abordar outras temáticas importantes, sendo ele mesmo um grande responsável por socializar e clarificar melhor o evangelho na vida. Buscando, com sabedoria, “popularizar” a mensagem do evangelho sem perder a profundidade no modo e meio de explicitá-la.

3.2.7 A nova evangelização e o catolicismo popular

Uma dimensão importante para compreender a penetração da experiência eclesial da fé em nossos dias é o que chamamos de catolicismo popular. No

¹⁷¹ “Uma cultura ispirata alla fede cristiana punta a una società cicile in cui gli individui possano svilupparsi nel contesto di una viva solidarietà con gli altri. È una cultura che mette al centro il bene della persona nella sua integralità e di tutte le persone. Tale cultura è pertanto comunicabile a tutti, è aperta al mondo e permette a tutte le persone di buona volontà, indipendentemente dalla loro appartenenza religiosa, di instaurare un dialogo e di impostare il nostro mondo in modo giusto e umano come un’unica famiglia, indirizzandolo verso il bene.” AUGUSTIN, G., *La Chiesa secondo Papa Francesco*, p.131.

¹⁷² SÍNODO DOS BISPOS. XIII Assembleia Geral Ordinária. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. (Lineamenta), n.1.

¹⁷³ L’Osservatore Romano. Relatório do cardeal William Wuerl, relator-geral, antes do debate geral, por ocasião da primeira congregação geral do sínodo dos bispos 13 out 2012, n.41, p.21.

pensamento de são João Paulo II, o catolicismo popular aparece como: “A verdadeira expressão da alma de um povo enquanto tocada pela graça e forjada no encontro feliz entre a obra de evangelização e a cultura local”.¹⁷⁴

Alguns autores preferem fazer uma distinção entre catolicismo popular e piedade popular, reconhecendo algumas variantes que distinguem essas duas expressões em modalidades que carregam a sua particularidade.¹⁷⁵ Entretanto, a busca de uma compreensão, em nossos dias, da expressão popular da fé, deve ser abordada não primariamente como um conceito de oposição entre um catolicismo de elite e um catolicismo de pessoas simples ou pouco cultas. Resgatar o conceito de “popular” é colocá-lo dentro da perspectiva do termo, não apenas sociológica, de povo, mas dentro do discurso eclesiológico e teológico de “povo de Deus” como comunidade hierárquica de quantos creem em Jesus Cristo. O que se distingue bem de colocá-lo como uma classe subalterna paralela.¹⁷⁶

Outro elemento importante a ser considerado no catolicismo e na piedade populares é que eles se caracterizam com uma experiência profunda que se dá no coração dos fiéis. É um partir do coração, da vida, que se pode falar de uma prática da fé por meio da oração e da piedade. Podemos, também, constatar que a vivência das práticas de piedade é um modo de transmissão da fé, de uma fé praticada por meio da oração.¹⁷⁷

Quando pensamos o catolicismo popular, devemos olhar para aqueles que, na simplicidade do seu coração, encontram segurança através da fé, seja para a vida,

¹⁷⁴ JOÃO PAULO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, p.293.

¹⁷⁵“O catolicismo popular não se identifica totalmente com a piedade popular, expressão que habitualmente se entende como dom do Espírito Santo, através da qual a fé católica se exprime no culto, na ritualidade, no exercício de alguma particular devoção; isso refere-se à relação com Deus em todos os ambientes da vida, do nascimento à morte, é um direcionamento de Deus a todos os homens, quando ora, mas antes quando nasce, cresce, trabalha, se casa, ama, luta, cai, projeta.” SCHINELLA, *Cattolicesimo e pietá popolare. Uma sfida per il terzo millenio*.

¹⁷⁶ PRANDI, C. *La tradizione popolare fra tradizione e modernità*, p.87; COMPAGNONI & PIANA & PRIVETERA, *Nuovo Dizionario di teologia morale*, p.1091-1102. O catolicismo popular “è una prova continua della presenza attiva dello Spirito Santo nella Chiesa. E Lui accende la fede nei cuori, la speranza e la carità, queste virtù supreme che donano il loro valore alla pietá cristiana. È lo stesso Spirito che nobilita le forme così varie e numerose con cui esprime attraverso i secoli l’annuncio cristiano in accordo con le culture e i costumi propri a ogni luogo.” GIOVANNI PAOLO, *Omelia pronunciata a La Serena*, 1987.

¹⁷⁷ “Il cattolicesimo popolare costituisce una vera e própria forma di trasmissione del vangelo e dela fede, recuperando il significato di tradizionale com la T maiúscula: La trasmissione vivente del Vangelo”. CARRARA, P., *Transmissione della fede e cristianesimo popolare*, p. 528-53; “La religiosità popolare significa che la fede mette radici nel cuore dei singoli popoli, così che essa viene introdotta nel mondo della quotidianità. La religiosità popolare è la prima e fondamentale forma di inculturazione della fede, che si deve continuamente lasciare orientare e guidare dalle indicazioni della liturgia, ma che a sua volta feconda la fede a partire dal cuore”. RATZINGER, J., *Commento teologico*, in *Congregazione per la Dotrina della Fede, Il messaggio di Fatima*, 2000.

seja para a morte.¹⁷⁸ A fé opera como uma via que aproxima muitos do mistério do “amor sem medidas” do próprio Deus.¹⁷⁹ A piedade popular é, também, manifestação pneumática da multiforme ação do Espírito Santo na Igreja.¹⁸⁰

3.3 Antropologia cristã na nova evangelização

A abordagem da dimensão antropológica cristã na nova evangelização tem como caminho a ser percorrido a apresentação da verdade sobre a pessoa enquanto dom e tarefa no mundo e deve indicar a própria origem da nossa dignidade humana, o conhecimento e a realização de si dentro de um horizonte antropológico cristão mais amplo. Evangelizar será o esforço de colocar o ser humano frente ao projeto de Deus para sua própria vida. Abeirando-se dos direitos fundamentais a respeito da vida humana, da família e de tudo aquilo que promove integralmente a humanidade:

A nova evangelização deve basear-se sobre a compreensão teológica que é Cristo que revela o homem a si mesmo, e que a verdadeira identidade do homem está em Cristo, o novo Adão. Este aspecto da nova evangelização tem um significado muito prático para o indivíduo. Se é Cristo quem nos revela quem é Deus e, por conseguinte, quem somos e como nos relacionamos com Deus, então Deus não está distante ou incrivelmente distante.¹⁸¹

O fundamento antropológico da nova evangelização deve contemplar o desejo natural, que todos sentimos, de comunhão com o transcendente, ou seja, com a Trindade Santa. Esse desejo de comunhão do ser humano com a Trindade está profundamente presente em sua estrutura antropológica, pois essa mesma

¹⁷⁸ “Avevo sperimentato personalmente quale verità essa esprima; quanto grande e pura fosse anche allora la sicurezza che la Chiesa poteva dare in vita e in morte. Non dimenticare questo fatto mi sembra che sia decisivo proprio anche nel periodo post-conciliare. In definitiva la Chiesa in tempi torbidi ed in tempi grandi vive nel più intimo della fede di coloro che sono di cuore semplice é il tesoro più preziosos della Chiesa; servire ad essa e viverla é il compito più alto di un rinnovamento ecclesiale”. RATZINGER, J., Problemi e risultati del Concilio Vaticano II, p.158.

¹⁷⁹ RATZINGER, J., Problemi e risultati del Concilio Vaticano II, p.158.

¹⁸⁰ O catolicismo popular “è una prova continua della presenza attiva dello Spirito Santo nella Chiesa. E Lui accende la fede nei cuori, la speranza e la carità, queste virtù supreme che donano il loro valore alla pietà cristiana. È lo stesso Spirito che nobilita le forme così varie e numerose con cui esprime attraverso i secoli l’annuncio cristiano in accordo con le culture e i costumi propri a ogni luogo”. GIOVANNI PAOLO Omelia pronunciata a La Serena, 1987.

¹⁸¹ SÍNODO DOS BISPOS, Instrumentum Laboris. A nova evangelização para a transmissão da fé, p.30.

antropologia participa do mistério do Deus Uno e Trino sendo o próprio homem¹⁸², particularmente a imagem da Trindade, pela iluminação que o Verbo opera ao criá-lo¹⁸³, e pela participação original do Espírito. Por força dessa imagem, a unidade trinitária vive no mundo e a criatura espelha harmonicamente o criador.¹⁸⁴

A compreensão antropológica sobre a abertura do homem a Deus o coloca diante do drama do enfrentamento do mal e do pecado na própria vida. Frente a esse drama, o ser humano tem o auxílio do próprio Cristo para empreender um peregrinar a uma vida nova, buscando superar e ir além do que lhe apequena a dignidade. Essa é a tarefa da nova evangelização, ajudar o ser humano a reconhecer que, através da luz da fé que tem sua visibilidade na encarnação e na humanidade do Filho de Deus, Ele, também ser humano, torna o homem mais plenamente homem.¹⁸⁵

A nova evangelização tomando a pessoa do verbo como sua referência central encontra em sua atividade evangelizadora uma abertura a uma dialogicidade em que o encontro, a palavra, as atitudes são como que sacramentais que operam como caminho de abertura à mensagem do Reino.

3.4

A nova evangelização em um contexto de mundo secularizado

A fé cristã já há algumas décadas vem experimentando, enfrentando e discernindo o processo de secularização. Processo este que a influência, seja no

¹⁸² Ao comentar o texto bíblico Gn 1,26, são Cirilo de Alexandria comenta: “Dizendo ‘façamos’ e ‘a nossa semelhança’ indica a Santíssima Trindade. De fato, o Pai pelo Filho no Espírito criou e chamou à existência todas as coisas”. (PG 74, 500C).

¹⁸³ “O verbo de Deus ‘ilumina a todo homem que vem a este mundo’ não através do ensinamento, como podem fazer os anjos e também os homens, mas através da criação, pois é Deus que põe em cada um dos chamados a ser a semente da sabedoria, isto é, do conhecimento divino, inserindo a raiz da inteligência, tornando-o, assim, animal racional na participação da sua natureza, e colocando dentro da mente com raios fúlgidos do seu inefável esplendor, segundo a medida e o modo que ele sabe.” (PG 73, 128B)

¹⁸⁴ No texto de Gn 2,7 “soprou-lhes nas narinas o sopro da vida”, Cirilo vê constantemente a infusão original do Espírito Santo, PG 73, 160. 208. 752; 74, 277. 541; FORTE, B. Nos caminhos do Uno. Metafísica e teologia, p.65.

¹⁸⁵ Torna-se mister em nossos dias apresentar a preciosa verdade sobre o homem pela Igreja, através do seu testemunho de presença, acompanhamento da vida em todas as suas circunstâncias. A Igreja possui, graças ao evangelho, a verdade sobre o homem. Esta se encontra numa *antropologia* que a Igreja não cessa de *aprofundar* e de *comunicar*. A afirmação primordial desta *antropologia* é a do homem como imagem de Deus irredutível a uma simples parcela da natureza ou a um elemento anônimo da cidade-humana. Neste sentido, escrevia Santo Ireneu: “A glória do homem é Deus, mas o receptáculo de toda ação de Deus, de sua sabedoria, de seu poder é o homem. (Santo Ireneu, *Adversus haereses*, L. III, 20, 2-3)”. Homilia de João Paulo II na abertura da CELAM, em Puebla.

modo de compreender a história, seja no de organizar-se como sociedade. Será de fundamental importância para esta pesquisa um discernimento que procure clarear os aspectos positivos e os menos positivos do processo de secularização¹⁸⁶, uma vez que esse fenômeno, por vezes, foi confundido com o secularismo, o que torna grave de fato a relação entre a dimensão transcendente e imanente no ser humano.

A busca de sentido feita dentro do contexto da modernidade coloca o homem, de certa forma, em um ambiente em que percebe certa decadência dos antigos projetos de engajamentos em realidades que, para ele, seriam de vital importância, como descreve William Mc Namara:

O meu lamento em relação à sociedade contemporânea é devido à sua decadência. Há uns poucos prazeres que ainda me atraem, mas quase nenhuma beleza me cativa e nada de heroico me excita. Não me sinto provocado ou desafiado por nenhum círculo ou posição intelectual, nem por novas teologias e filosofias e não há nenhuma arte que me prenda a atenção ou me desperte a mente. Tampouco existem movimentos sociais, políticos ou religiosos que me entusiasmem ou me animem. Não há homens livres a quem possa submeter-me, nem santos em quem possa encontrar inspiração. Não há pecadores descontrolados o bastante para me impressionar ou com quem eu possa compartilhar a minha infeliz condição. Ninguém suficientemente humano para validar o estilo de vida “corrente”. É, portanto, muito difícil viver neste enfadonho mundo sem se sentir dominado pelo tédio. O futuro está nas mãos daquela minoria de coração humilde e compassivo, que apaixonadamente busca Deus no mundo maravilhoso e ao mesmo tempo confuso de realidades redimidas e interligadas que se estende diante de nosso nariz.¹⁸⁷

O conceito de salvação aparece, na modernidade, encapado por um engajamento na mundaneidade, o que permite voltar novamente a uma divinização do mundo sem uma justa diferenciação das realidades que o constituem. É preciso retomar de modo equilibrado a presença do divino no mundo. Ratzinger afirmou que a incredulidade no pensamento e a humildade ante o desconhecido parecem aconselhar ao agnosticismo, entretanto o ateísmo declarado pretende saber demais e leva consigo claramente um elemento

¹⁸⁶ Boaventura Kloppenburg precisou, quando definiu com propriedade, o que vem a ser o processo de secularização: “A secularização se entende por um processo histórico pelo qual o mundo toma consciência de sua consistência e de sua autonomia; seria, portanto, um processo geral de libertação, pelo qual o homem, a sociedade e a cultura seriam libertados da tutela e do controle do mito, da religião e da metafísica ou das normas ou instituições dependentes do âmbito sacro ou religioso. As atenções são fortemente voltadas contra o mito (desmitização), contra o sacro, (dessacralização), contra a metafísica, contra o sobrenatural e contra a religião como tal.” KLOPPENBURG, B., O cristão secularizado, p.21-2.

¹⁸⁷ MCNAMARA, W., The Human Adventure, p.9.

dogmático.¹⁸⁸ Em seu livro *O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos*, Bento XVI, demonstra de forma incisiva qual é sua atual abordagem da relevância da fé e do mundo secularizado, quando com grande propriedade procura captar a situação do mundo atual no que se refere ao secularismo:

Encontramo-nos diante do confronto entre dois mundos espirituais, o mundo da fé e o mundo do secularismo. A questão é: em que o secularismo tem razão? Em que coisa, portanto, a fé deve apropriar-se de formas e imagens da modernidade, e em que deve, ao contrário, opor resistência? Esta grande luta atravessa hoje o mundo inteiro. Os bispos do Terceiro mundo dizem-me: “Também entre nós existe o secularismo; aqui, porém, mistura-se a estilos de vida ainda arcaicos. Muitas vezes nos perguntamos como é possível que cristãos, que são pessoalmente crentes, não encontrem a força para tornar a sua fé politicamente operante. Devemos buscar sobretudo que as pessoas não percam de vista Deus; que reconheçam o tesouro que possuem; e que, além disso, elas mesmas, a partir da própria fé, no embate com o secularismo, possam praticar o discernimento espiritual. Este processo enorme é a verdadeira, a grande tarefa do momento presente. Podemos apenas esperar que a força interior da fé que existe nas pessoas adquira vigor também na opinião pública, formando a opinião pública, e, ao agir assim, impeça a sociedade de cair em um poço sem fundo.”¹⁸⁹

A tentativa que o processo de secularização realiza de tornar a fé meramente um departamento privado da vida humana inquietou Bento XVI, que, por vezes, afirmou que Deus se encontra marginalizado no mundo moderno:

Na vida política, parece quase indecente falar de Deus, como se fosse um ataque à liberdade de quem não crê. O mundo político segue as suas normas e os seus caminhos, excluindo Deus como uma realidade que não pertence a esta terra. O mesmo acontece no mundo do comércio, da economia e da vida privada. Deus fica à margem. No entanto, parece-me necessário voltar a descobrir (...) que também as esferas política e econômica têm necessidade de uma responsabilidade moral, de uma responsabilidade que nasce do coração do homem e que, em última análise, tem a ver com a presença e a ausência de Deus. Uma sociedade em que Deus esteja absolutamente ausente autodestrói-se.”¹⁹⁰

3.5

Papa Francisco e a resposta testemunhal à questão da secularização

Ao lançarmos um olhar sobre o pontificado exercido na pessoa do papa Francisco, vemos que o processo de secularização também ocupa um lugar de reflexão. Francisco constata, através de um olhar sinodal, que o “processo de

¹⁸⁸ RATZINGER, J., *Mirar a Cristo. Exercícios de fé esperança e amor*, p.17.

¹⁸⁹ BENTO XVI, *O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald*, p.70.

¹⁹⁰ BLANCO, P., *Joseph Ratzinger uma bibliografia*, p.155.

secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito do privado e íntimo” (EG n.64). Para Francisco, quando o homem perde ou não leva em conta a sua dimensão espiritual, a transcendência de sua visão antropológica mergulha no vazio, desembocando em um relativismo progressivo. O olhar do papa Francisco não se situa somente na preocupação secular do homem moderno em se emancipar de toda e qualquer instituição, mas o papa percebe que, ao desconsiderar a dimensão transcendental presente na vida humana, a desorientação se generaliza na sociedade, a adolescência e a juventude tornam-se joguete de um relativismo moral (EG n.64), incapaz de propor ao ser humano caminhos que promovam a verdadeira pessoa em sua dignidade.

Outro aspecto que é destacado pelo papa Francisco é justamente a atual crise cultural profunda pela qual passa a família. O matrimônio, na visão do papa, deve superar o nível da afetividade e das necessidades ocasionais do casal, e por outro lado deve conduzir o casal a uma dimensão da vida matrimonial que apresente esse compromisso como uma união de vida total (EG n.66). Outro aspecto que deve ser observado refere-se ao processo de secularização, que, como compreende Francisco, é justamente o individualismo pós-moderno e globalizado. Este tipo de individualismo debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares.

Ao levantarmos alguns traços do pensamento do papa Francisco sobre o processo de secularização, destacamos aqui outra realidade, que são justamente os caminhos apresentados pelo papa para encontrar um modo de mudar essa paisagem negativa gerada pelos avanços de uma secularização que não considera o ser humano em sua dimensão transcendental, metafísica e espiritual. Um dos pontos ou dos caminhos que o papa Francisco apresenta é uma ação pastoral que promova e incentive uma comunhão salutar, que fortaleça os vínculos pessoais:

Enquanto no mundo, especialmente em alguns países, reacendem-se várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer e ajudar o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar as cargas uns dos outros” (Gl 6,2). (EG n.67)

O caminho que o papa Francisco propõe percorrer e indicar como caminho comum para toda a Igreja é um caminho testemunhal (LG n.35). O desafio da Igreja na contemporaneidade não se situa unicamente no confronto de ideias, ou confrontar conceitos cristãos com os conceitos abraçados pelo processo de

secularização. Mas a urgência que se encontra hoje, no tecido eclesial, é buscar caminhos para que a caridade de Cristo continue sendo um acontecimento por meio do qual a Igreja do Verbo Encarnado sinalize, em suas atividades, os valores do Reino de Deus em meio aos seus contemporâneos, despertando alguns cristão da tentação de permanecer em uma sonolência doutrinal e cômoda, não se permitindo contemplar a beleza da fé no testemunho e na vida dos seguidores de Cristo.

Redescobrir o aspecto acolhedor do evangelho, o olhar do bom samaritano¹⁹¹, para o qual pessoa alguma é invisível, será o começo para que se iniciem novas mudanças dentro das estruturas eclesiais, superando, assim, a atitude burocrática, em que o aspecto administrativo sufoca a ação pastoral, desembocando em uma sacramentalização que não visualize outros caminhos oportunos à evangelização.

A grandeza e o tesouro da fé cristã devem encontrar seu fim e sua realização na promoção da vida dos homens e mulheres de nosso tempo. Reconhecer a grandeza de cada pessoa humana permite a Igreja cuidar e zelar, para que aquilo que desfigura o ser humano, e lhe rouba sua dignidade, seja sempre confrontado com os valores do Reino de Deus. Em sua missão, a Igreja abraça o ser humano e todas as realidades que o envolvem, assim como os processos em que esse mesmo ser humano está inserido, pois os discípulos de Cristo, ao buscarem ser reflexo de uma humanidade restaurada, vivem as alegrias e as tristezas, as angústias e esperanças de seus contemporâneos.¹⁹²

Ao assumir como seu caminho a pessoa humana, a Igreja reconhece que deve proporcionar a esse ser humano um desenvolvimento que lhe possibilite viver com sobriedade a própria vida, de modo que cada pessoa contribua para o desenvolvimento da cultura e da vida social de modo integral. Sem essa perspectiva das diversas dimensões da pessoa, a missão da Igreja não seria integral. A missão integral que a Igreja assume como seu “conteúdo

¹⁹¹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20171009_aqueles-passam-adiante.html. Acesso em: 20 set 2018.

¹⁹² “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.” (GS n.1)

programático” inspira-se no evangelho, e busca respeitar as identidades pessoais, assim como a configuração coletiva de cada cultura.¹⁹³ Propõe sempre uma inspiração cristã, sabendo que existem elementos significativos e transcendentos na cultura cristã que possibilitam a tolerância, o diálogo e o respeito, características essas indispensáveis à vida humana e às relações enquanto pessoa – e enquanto um povo.¹⁹⁴

3.6 A santidade como caminho de humanização

A santidade é uma das metas que pretende todo o empenho da vida cristã por uma eficaz nova evangelização. Essa nova evangelização encontra sua fonte de inspiração em seu modelo trinitário–cristológico, mas também em como esse mistério se desdobra na vida dos santos – sejam os canonizados há mais tempo, sejam os contemporâneos. Mais do que métodos e recursos técnicos, são necessários evangelizadores com uma profunda experiência de fé, alimentada na comunhão com Deus. Essa comunhão com o Deus Uno e Trino é que se tornou, no itinerário de vida dos santos, a via de santificação e divinização¹⁹⁵ pela qual o mistério de Deus encontrou ressonância na entrega autêntica de cada um à obra de santificação operada pela Trindade. Os santos, ao longo da história da Igreja, foram cristãos autênticos e evangelizadores eficazes. Nas diversas situações

¹⁹³ “Uma cultura ispirata alla fede cristiana punta a una società cicile in cui gli individui possano svilupparsi nel contesto di una viva solidarietà con gli altri. È una cultura che mette al centro il bene della persona nella sua integralità e di tutte le persone. Tale cultura è pertanto comunicabile a tutti, è aperta al mondo e permette a tutte le persone di buona volontà, indipendentemente dalla loro appartenenza religiosa, di instaurare un dialogo e di impostare il nostro mondo in modo giusto e umano come un’unica famiglia, indirizzandolo verso il bene.” AUGUSTIN, G., *La Chiesa secondo Papa Francesco*, p.131.

¹⁹⁴ “Sabemos que ‘a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens’ (NR 146). É o critério da universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, dado que o Pai quer que todos os homens se salvem; e o seu plano de salvação consiste em ‘submeter tudo a Cristo, reunindo n’Ele o que há no céu e na terra’ (Ef 1,10). O mandato é: ‘Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura’ (Mc 16, 15), porque toda ‘a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus’ (Rm8, 19). Toda a criação significa também todos os aspectos da vida humana, de tal modo que ‘a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho’ (NR 147). A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história.” (EG n.181)

¹⁹⁵ A Trindade coeterna, consubstancial e indivisa eternamente na tríade divina Pai, Filho, e Espírito Santo e como tal adorada e conglorificada pela salvação que o Pai eterno, no seu designio insondável de amor, realizou, mediante as duas missões salvíficas do Filho e do Espírito Santo pela santificação e divinização da humanidade. (DS n.60, 145, 527, 3325).

históricas no decorrer dos séculos, testemunharam um amor que em nada se opunha ou sobrepunha ao amor de Deus:

Há quem se console, dizendo que hoje é mais difícil; temos, porém, de reconhecer que o contexto do Império Romano não era favorável ao anúncio do Evangelho, nem à luta pela justiça, nem à defesa da dignidade humana. Em cada momento da história, estão presentes as fraquezas humanas, a busca doentia de si mesmo, a comodidade egoísta e, enfim, a concupiscência que nos ameaça a todos. Isto está sempre presente, sob uma roupagem ou outra; deriva mais da limitação humana que das circunstâncias. Por isso, não digamos que hoje é mais difícil; é diferente. Em vez disso, aprendamos com os Santos que nos precederam e enfrentaram as dificuldades próprias do seu tempo. Com esta finalidade, proponho-vos que nos detenhamos a recuperar algumas motivações que nos ajudem a imitá-los nos nossos dias. (EG n.263)

Um elemento importante da dimensão antropológica cristã, e do discurso da fé, é a santidade. O chamado universal da pessoa à santidade é reconhecido pela Igreja como caminho à plenificação do ser humano que é o próprio Deus. Este é um caminho que o povo de Deus e a Igreja têm percorrido na história da salvação, que prolonga-se de modo admirável com a encarnação do Verbo de Deus, em que se reconhece a santidade de profetas e patriarcas do Antigo Testamento, assim como uma grande nuvem de testemunhas de discípulos de Jesus no Novo Testamento e na história da Igreja. Uma beleza testemunhal que faz irradiar o sol da fé sobre toda a casa que é a Igreja no mundo.¹⁹⁶

Todo cristão, pela graça do batismo, é convocado a viver a santidade,¹⁹⁷ vivendo a sua liberdade enquanto um dom que é ofertado a Deus, fecundando o mundo através do testemunho dado, em seu estado de vida de plena adesão ao Senhor e ao seu plano de amor. Torna-se dessa forma evidente o chamado universal à santidade a que todos os discípulos missionários de Jesus devem tender. Este caminho proposto por Deus, o de viver a santidade, aparece desde o princípio da história da salvação, e se faz presente ainda na vida de tantos homens e mulheres que fazem brilhar o seu amor a Deus nos diversos gêneros e ocupações da vida, em que testemunham sua fé em Deus e deixam-se conduzir pelo Espírito

¹⁹⁶ “La ragion d’essere della Chiesa è perciò di suscitare quella dimensione antropologica integrale che è la santità”. DANIELOU, *La nostra Chiesa*, p.55.

¹⁹⁷ “Todos os cristãos são, pois, chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado. Procurem, por isso, ordenar retamente os próprios afetos, para não serem impedidos de avançar na perfeição da caridade pelo uso das coisas terrenas e pelo apego às riquezas, em oposição ao espírito da pobreza evangélica, segundo o conselho do Apóstolo: os que usam no mundo, façam-no como se dele não usassem, pois é transitório o cenário deste mundo (1 Cor. 7,31).” (LG n.42)

Santo, progredindo sem desfalecimentos pelo caminho da fé viva, que estimula a esperança e que atua pela caridade. (LG n.4)

A santidade na Igreja é irradiação e transbordamento de Deus no mundo. Partindo desta perspectiva de um caminho de plenificação do homem, em que toda sua pessoalidade é chamada a uma união com Deus, é que buscamos apresentar a dimensão culminante da visão teológica e antropológica do humano em sua plenificação. A partir dessa verdade sobre o homem é que apresentaremos a missão como um caminho testemunhal da presença de Jesus Cristo em meio aos homens, através desses mesmos homens agora mergulhados, iluminados e confirmados nesta missão de serem “sal da terra e luz do mundo”¹⁹⁸.

3.7

Concluindo o capítulo 3

Ao apresentar algumas considerações trinitário-cristológicas, buscamos destacar, neste capítulo, o propósito de Deus de continuar perpetuando sua presença no mundo através do Corpo de Cristo que é a Igreja. Essa presença dignifica e corresponsabiliza o cristão em sua tarefa de testemunhar, dentro das estruturas internas e externas da Igreja, o sentido profundo do existir da Igreja, que é evangelizar. Este movimento *ad intra* e *ad extra* implica uma autoconversão eclesial essencial, pois sem que a Igreja se autoevangelize o anúncio do evangelho seria apenas uma propaganda insólita.

Um elemento importante que destacamos, aqui, é o da espiritualidade de comunhão. Em um contexto de sociedade marcada por divisão, rupturas e conflitos em todos os níveis sociais e mesmo religiosos, a busca por comunhão aparece como um caminho de restauração da capacidade de conviver a partir da mensagem central do evangelho, que é a força do amor. Essa espiritualidade de comunhão interpela superar os bairrismos eclesiais e uma visão teológica e espiritual que não contempla o todo, mas se agarra a formas de eclesiocentrismos que minimizam a missão.

¹⁹⁸ A atenção à santidade do evangelizador, proposta pelo papa João Paulo II ao indicar a santidade como prioridade pastoral para o terceiro milênio (NMI, n.30), conta e é determinante na ação evangelizadora. Somente no horizonte de uma vida pautada pelo seguimento de Cristo e pelo anúncio do seu nome é que o testemunho do cristão pode se tornar crível e despertar outros para o mesmo seguimento. Portanto, a ação evangelizadora da Igreja precisa qualificar-se na escola do discipulado e da missão. (DAp, n.170; Documento sobre o querigma da CNBB, n.6)

A beleza do tesouro espiritual do evangelho, do qual toda Igreja é servidora, resplandece em seu modo de proceder testemunhal, em que a credibilidade da mensagem através da vida dos discípulos de Cristo revela o rosto servidor do Filho de Deus, que se fez servo por amor a cada ser humano. Essa dimensão diaconal da Igreja faz-se vital. Por isso, os santos são os autênticos reformadores e renovadores na e da Igreja. Na vida da Igreja, somente a santidade é capaz de produzir uma tensão positiva que desinstala e faz a Igreja “sair” e “subir” a um testemunho que fere e fascina o coração do homem contemporâneo através de uma pública profissão de fé carregada de esperança e amor por Deus e pelo mundo.

4

As dimensões missiológico-pastorais da nova evangelização

Ao adentrarmos o quarto capítulo, vamos buscar apresentar o ser humano como o “locus missional” de Deus, assim como o modo de compreender a nova evangelização não apenas como uma ideia humana, mas um “primeirar”¹⁹⁹ de Deus em direção ao ser humano. Num segundo momento, apresentaremos e destrincharemos um pouco mais o sentido do discipulado missionário em nossos dias, e como este está na raiz da vivência de todos os estados de vida na Igreja.

Adiante abordaremos o conceito de nova evangelização no pensamento do papa Francisco presente de modo programático na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Vamos refletir em que existe uma continuidade e em que existe uma renovação em algumas categorias da nova evangelização apresentada pelo papa. Analisaremos como esse renovado olhar paradigmático é hoje, para a Igreja, verdadeiro referencial divisor de águas na vida missionária, que motiva toda a Igreja a viver uma profunda transformação missionária e espiritual.

E por fim iremos dar um acento importante à necessária e renovada contribuição da dimensão mistagógica da fé, como modo de fazer maturar, crescer e enraizar no coração de cada ser humano a relação de proximidade com o mistério da Trindade, de onde a evangelização se entende como irradiação da vida de Deus sobre o mundo, e não apenas uma “propaganda *fidei*”. Vamos apresentar como esta via missionária e mistagógica pode ser beneficiada com a contribuição da mística e, de modo específico, elegemos Santa Teresa de Jesus, figura que, sendo o objeto formal do trabalho que estamos desenvolvendo, influenciou e influencia frutuosamente o caminho cristão.

4.1

A compreensão do conceito missiológico e pastoral no contexto da nova evangelização

Ao abordarmos a dimensão missiológica e pastoral da nova evangelização, queremos destacar a proposta que a Igreja possui de apresentar, de modo

¹⁹⁹ Termo usado pelo papa Francisco, que significa o ato de chegar antes, adiantar-se ao outro, tomar iniciativa.

renovado, o belo desafio de colocar em ação a compreensão de toda a sua vida em chave missionária. Faz ressoar novamente com a devida *parresía* aquilo que faz parte constituinte da sua natureza que é o seu “ser peregrina”.²⁰⁰ Esse olhar profundo que acentua a pastoral em “chave missionária” exige o compromisso de se desvencilhar do cômodo critério pastoral de que “sempre foi feito desta maneira” (EG n.33). Uma renovada ação missionária se faz necessária como “paradigma para toda obra evangelizadora da Igreja” (EG n.15).

O primeiro passo que damos, neste capítulo, é o de compreender a nova evangelização dentro de sua fecunda relação com a pastoral. O termo “pastoral” deriva de pastor. No início de seu uso (finais do século XVIII e princípios do século XIX) referia-se basicamente à doutrina e prática de formar pastores (presbíteros), e ao modo de realizar o ofício da *cura animorum* (cuidado das almas), próprio do pároco.²⁰¹ Contudo, dentro da eclesiologia do Concílio Vaticano II, compreendemos a pastoral dentro de uma perspectiva de ministérios onde cada membro do corpo de Cristo, dentro de seu carisma e vocação específica, colabora para uma autoedificação da própria comunidade eclesial a partir do paradigma testemunhal do próprio Jesus. Faz-se necessária a compreensão nesse contexto da importante relação entre evangelização e pastoral:

Entendendo-se por evangelização o anúncio da Boa-Nova do Reino e do amor do Pai, manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado, para a salvação, podemos dizer que a pastoral e a evangelização não se identificam, mas são interdependentes e complementares; a evangelização é a tarefa que deve ser realizada (o que), e a pastoral é o modo necessário de concretizar tal tarefa (o como); a evangelização é uma e única, a pastoral é diversa e com métodos variados. O ministério pastoral é instrumento e canal, o Evangelho, a fonte. Daí que o mais importante não seja realizar ações, mas evangelizar por meio delas. Conclusão: se o ministério não fizer presente Jesus Cristo e sua práxis, não é evangelizador e não merece o qualificativo de “pastoral”.²⁰²

Uma das atuais e oportunas definições sobre a pastoral encontra-se no discurso do papa Francisco no encontro que teve com o episcopado brasileiro por ocasião da Jornada da Juventude em 27 de julho de 2013:

²⁰⁰ A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo. (AGn.2)

²⁰¹ FLORISTÁN, C., Teología práctica, teoría y práxis de La acción pastoral, p.108.

²⁰² VALADEZ FUENTES, S., Espiritualidade Pastoral: Como superar uma pastoral “sem alma”?, p.21.

Pastoral nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão. Por isso, faz falta uma Igreja capaz de descobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem misericórdia poucas chances temos, hoje, de inserir-nos em um mundo de “feridos”, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor.²⁰³

Ao abordarmos com proximidade o conceito pastoral, constatamos que este conceito vai tomando, nesta nova guinada missionária da Igreja, uma conotação missionária. A pastoral enquanto participação no múnus profético, real e santificador vivido pelo próprio Jesus Cristo, e confiada à sua Igreja, é uma forma de corresponsabilizar todos os batizados a viverem a partir do exercício de sua missão no cuidado e na promoção da própria vida humana, seja na sua relação com Deus, seja na relação com as pessoas. Dentro desta perspectiva do cuidado e do envolvimento com a vida concreta das pessoas, a Igreja aponta para uma vida pastoral que transborde em missionariedade.²⁰⁴

Quando lançamos um olhar para o grande evento do Concílio Vaticano II, percebemos que o desejo de uma autêntica atualização é uma busca sincera de que este *aggiornamento* pastoral pudesse expressar o verdadeiro sentido da missão da Igreja à luz da proximidade e da promoção da dignidade da pessoa em seus dramas interiores e relacionais, sociais, culturais; sendo a fé cristã “a expressão de uma caridade desejosa de testemunhara perene e atual vitalidade do ministério eclesial”²⁰⁵ enquanto expressão plausível na missão de cada cristão em seus desafios cotidianos.

4.2 A pessoa como locus missional de Deus

Em nossos dias, a Igreja vem expressando de modo bastante contundente que o seu caminho é a pessoa. A pessoa humana é o locus missional de Deus no mundo. Assim, como as missões específicas da Trindade têm uma incidência

²⁰³ FRANCISCO, Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil, p.54.

²⁰⁴ A vitalidade da Igreja está em sua total liberdade de oferecer de modo universal a cada pessoa a possibilidade de vivenciar a experiência salvífica do evangelho: “A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser ‘sacramento universal de salvação’, por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato do seu fundador procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. Já os próprios apóstolos em que a Igreja se alicerça, seguindo o exemplo de Cristo, ‘pregaram a palavra da verdade e geraram as Igrejas’. Aos seus sucessores compete perpetuar esta obra, para que ‘a palavra de Deus se propague rapidamente e seja glorificada’ (2Ts 3,1), e o reino de Deus seja pregado e estabelecido em toda a terra.” (AG n.1)

²⁰⁵ DESCALZO, El Concilio de Juan y de Pablo. Documentos pontificios sobre La preparación, desarrollo e interpretación Del Vaticano, p.596-8.

objetiva sobre a vida das pessoas, também o caminho da Igreja é o homem e a mulher de nossos dias.²⁰⁶ É em direção à pessoa humana que a Igreja se encaminha como mistério, comunhão e missão. Podemos falar que, assim como a missão da Trindade acontece na história e no mundo, de modo concreto, na vida das pessoas, também a Igreja é enviada a promover o primado de Deus no primado da vida.²⁰⁷

Essa proximidade e relação do ser humano com a Santíssima Trindade vai efetivando sua participação na vida divina. O ser humano vai tornando-se presença sinalizadora do eterno no tempo. Ser trinitarizado é ser irradiação desta presença viva de Deus no mundo²⁰⁸, é reconhecer que a história é um construir, mas um construir em relação. Aqui compreendemos que essa relação na vida cristã se dá por meio da oração de modo mais profundo, pois a oração é uma história de relação. A vida no espírito como vida de relação com a Trindade é uma vida grávida de experiências.

A experiência pascal marca o ser humano definitivamente na história. Perceber-se e sentir-se amado pelo pai na criação, regatado pelo Filho na redenção e sustentado no amor pela presença do Espírito que se derramou em pentecostes faz com que o cristão se abra à verdade de quem é Deus, e de quem ele é a partir da verdade do próprio Deus ao ser humano. Na mesma medida em que Deus se revela na história, Ele vai revelando qual a grandeza e missão do próprio ser humano (cf. Mt 16, 16-19). Em toda a verdade existe o seu lado prático, assim como em toda a verdade sobre Deus existe uma práxis proposta para o ser humano. A epifania de Deus é também epifania do ser humano, pois todo o caminho de Deus na história tem com via a pessoa humana:

Se a Igreja se afirma presente na defesa e na promoção da dignidade do homem, faz na linha da sua missão, que apesar de ser de caráter religioso, e não social ou político, não pode deixar de considerar o homem na integridade do seu ser. O

²⁰⁶ RATZINGER, J., João Paulo II, Vinte anos de História, p.14.

²⁰⁷ A defesa da dignidade da pessoa assumida pela Igreja se configura a partir de um profundo posicionamento missionário: “Se a Igreja se faz presente na defesa ou na promoção da dignidade do homem, o faz na linha de sua missão, que, mesmo sendo de caráter religioso e não social ou político, não pode deixar de considerar o homem na integridade de seu ser. O Senhor delineou na parábola do bom samaritano o modelo da atenção a todas as necessidades humanas, e declarou que, em última análise, se identificará com os deserdados, enfermos, encarcerados, famintos, solitários a quem se tenha estendida a mão.” DPb, A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: Conclusões, p.25.

²⁰⁸ Trata-se de uma expressão proposta por Dom Domenico Sorrentino. Faculdade de Assis, Itália, 6 mar 2017 (anotações pessoais).

próprio Senhor delineou, na parábola do Bom Samaritano, o modelo da atenção a todas as necessidades humanas (Lc 10,30s); e, mais, declarou que no juízo final se identificará com os desvalidos, enfermos, encarcerados, famintos, solitários a quem se tenha dado a mão (Mt 25,31s). A Igreja aprendeu nessas e noutras páginas do Evangelho (Mc 6,35-44) que a sua missão implica, como parte indispensável, a ação em prol da justiça e as tarefas de promoção do homem e que entre evangelização e promoção humana existem laços muito fortes de caráter antropológico e teológico e da ordem da caridade; de maneira que “a evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens”.²⁰⁹

Quando pensamos a missão de Deus no mundo, partirmos desta premissa de que “Deus nos amou primeiro” (1 Jo 4,10) e que toda a iniciativa para se fazer próximo do ser humano é uma iniciativa que parte de Deus por primeiro. Isso demonstra que no desejo da Igreja de proteger, promover e sustentar a dignidade do ser humano se faz presente uma ação primeira da Trindade e que à Igreja é confiado este prolongamento missional em que o ser humano se torna, por assim dizer, o lócus missional de Deus.

4.2.1

A defesa da dignidade humana como via missional

Um dos temas que julgamos de fundamental importância e que assinala o desejo de visibilizar os valores do Reino na missão do Corpo de Cristo é o tema do testemunho da justiça frente as situações constantes de injustiças em todos os níveis da vida. As diversas modalidades de pobreza e misérias²¹⁰ que são trabalhadas pelo papa Francisco num sentido mais amplo, quando ele aborda a questão da injustiça, mostram a injustiça como produtora de todas as espécies de desigualdades sociais, que inviabiliza um correto e sadio equilíbrio na distribuição dos bens em uma sociedade.

Quando pensamos a questão das pobreza, sejam elas existências, morais, sejam físicas, refletimos profundamente sobre aquilo que pode ser uma desembocadura de estruturas de injustiça em questões que nos colocam frente a uma reflexão que aponta para a dimensão egoísta do coração humano, quando este

²⁰⁹ DPb, A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: Conclusões, p.25; EN n.78.

²¹⁰ “A miséria não é uma fatalidade: há causas que devem ser reconhecidas e removidas, em prol do bem de muitos irmãos e irmãs.” Disponível em: https://twitter.com/Pontifex_pt/status/931137274896674816 Publicação no Twitter do papa Francisco em 16 nov 2017. Acesso em: 5 mar 2019.

se fecha em si mesmo e, por conseguinte, dificulta a promoção do todo. Sabemos que grande parte dos países do chamado “terceiro mundo” sofrem fortemente com uma desigualdade que produz uma camada de injustiça e miséria que toca profundamente uma considerável porcentagem da população mundial. Quando o ser humano se desconecta daquilo que é de fundamental importância nas relações que permitem uma proexistência do todo, algo de errado começa a surgir e começa a interferir nas relações, de modo que essas são prejudicadas. Pensar e refletir sobre isso nos remete aos valores evangélicos, em que os talentos precisam ser continuamente investidos no sentido de produzir um bem que permeie o mundo a partir de uma lógica que difere da lógica utilitarista e de domínio. Lógica essa que não contempla o ser humano como um todo, mas somente na sua capacidade de produção.²¹¹

A lógica do evangelho não se assenta tão somente sobre um pleno desenvolvimento pessoal, mas abrange o desenvolvimento do coletivo. Assim pensavam os Padres da Igreja. O desenvolvimento e o cuidado integral com o todo são de fundamental importância para um razoável e benéfico testemunho cristão no mundo. Sem esta razoabilidade de um interesse sincero em equilibrar e buscar sanar o escândalo da desigualdade (2Cor 8,1-15), a Igreja encurtaria a missão do Reino e a dilatação de sua presença na sociedade:

Que faço eu de errado, pergunta [o rico insensato], guardando o que é meu? Como podes dizer-me [Basílio] que é teu? De onde o tiraste, guardando-o para tua manutenção? É como alguém que, no teatro, assume a peça e quer excluir todos os outros, pensando que o que pertence a todos pertence somente a ele...Assim são os ricos. Eles tomam posse do que pertence a todos; baseado numa premissa falsa, eles tomam tudo para si. Se tão somente cada um tomasse quanto lhe fosse exigido para satisfazer suas necessidades imediatas, deixando o restante aos outros que igualmente o necessitam, ninguém seria rico e ninguém seria pobre. Quem é avarento? Aquele que não conhece o que significa suficiente. Quem é o espoliador? Aquele que toma o que pertence a todos? E tu, não és tu avaro? Não és espoliador? Não recebeste para administrar e tomaste tudo? Aquele que despe o que está vestido é tido como ladrão de roupas. Mas, aquele que não veste ao nu, podemos fazê-lo merecer outro nome? O pão que reténs pertence ao faminto. Ao nu, pertencem as roupas que manténs em teus armários. Aos pés-descalços, os sapatos que apodrecerão em tua casa. O dinheiro que guardas no cofre pertence ao

²¹¹ “Assim como o mandamento ‘não matar’ põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, também hoje devemos dizer ‘não a uma economia da exclusão e da desigualdade social’. Esta economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão.” (EG n.53)

necessitado. Destarte é injusto por todas as vezes em que podes distribuir e não o fazes.²¹²

São Basílio Magno encontra no caminho da promoção da justiça pelo viés da generosidade um poderoso instrumento para começar a fazer ruir o quanto é possível o “muro das desigualdades”, pois o bispo Basílio compreende que a desigualdade somente pode ser superada quando os corações se abrem para buscar o bem do todo e não somente da parte. O esforço por criar novos processos deve ser uma realidade presente na consciência dos discípulos de Jesus que não podem se colocar frente as injustiças como meros espectadores impotentes.

O cristão, seja ele rico ou pobre, deve reconhecer que o que possui é *charitos*, ou seja dons que o próprio Deus lhe confiou para que se tornem *Koinon*, “comum”. Sevem para tornar o cristão sinal dessa liberalidade de Deus ao modo de José do Egito, que era *Philanthropias Kerigmati*, um “proclamador da liberalidade” de Deus Pai que move os corações, não para o ajuntamento de coisas para si, mas para a partilha a partir de uma perspectiva escatológica. Os bens que possuem sejam, para os ricos, dons no seu caminho de redenção,²¹³ através do exemplo daquele que se esvaziou de si mesmo (Fl 2, 6-11) para nos enriquecer, vivendo uma profunda *kênosis*, testemunhando desse modo o amor universal do Pai por cada ser humano, como bem descreveu o então chamado o “último” dos Padres da Igreja:

(...) Hás de promover aos cargos não aqueles que o desejam, mas os que o recusam; não os que correm para eles, mas os que se detêm. Aqueles que, fora Deus, não temem ninguém e que, se não for de Deus, nada esperam. Que defendam varonilmente os aflitos e façam justiça aos humildes da terra...que sigam a Cristo e não ao ouro; para que os reis da terra sejam como o Batista, para os egípcios como Moisés... para os mercadores como Cristo. Que ensinem o povo, em lugar de desprezá-lo; que aos ricos não adulem, os assustem; aos pobres não lhe façam a vida mais difícil, fomentem neles a esperança; que não entrem atropelando nem saíam lançando faíscas (...); que não espremam os bolsos, mas que renovem os corações (...) Aquele cuja amabilidade não está em sua verborreia, mas por suas ações, que são humildes com os humildes e inocentes com os inocentes, mas respondem com dureza aos duros...e que não se apressam por enriquecer a si ou aos seus com o dote da viúva e o patrimônio do Crucificado, mas que dão de graça o que de graça receberam, e que gratuitamente fazem justiça aos injustamente tratados (...)²¹⁴

²¹² HoLuDe. Homilia sobre Lucas 12: Vou demolir meus celeiros. Basílio, 7, PG 31, 276B-277^a.

²¹³ SIEPIERSKI, P., A “Leiturgia” Libertadora de Basílio Magno, p.82-5.

²¹⁴ De Consideratione, escrita entre 1149 e 1152; PL 182, 771-778; BARREIRO, A., Igreja, povo santo e pecador, p.207.

Ao abordar a dimensão do evangelho em seus desdobramentos na promoção da dignidade humana, não o distanciamos de uma compreensão antropoteológica da vida, mas encontramos na mais culminante reflexão teológica sobre a glória de Deus um fundamento seguro para pensar o humano no prisma dessa mesma dignidade a partir de Deus. Uma das formas de compreender o conceito de glória de Deus dentro do percurso teológico da Igreja foi o de visibilizá-la na concretização da promoção do ser humano no *modus operandis* da prática da justiça cristã com relação àqueles que são os mais feridos pelas injustiças. A Trindade é a grande promotora da vida humana em todos os seus aspectos.²¹⁵

Um dos grandes teólogos da Igreja, Urs Von Balthasar, quando escreve sobre a glória de Deus em sua obra *Estética Teológica*, afirma: “o profetismo mais antigo põe, no centro das exigências do pacto feito por Deus, o justo tratamento com os pobres, que são incapazes de fazer valer e impor o seu próprio direito”²¹⁶. Esta importante afirmação de Balthasar nos remete a um outro autor que é Santo Hilário de Poitiers, que afirma que a glória de Deus pode ser descrita como “*claritas, honor e Maiestas*”²¹⁷. As duas primeiras correlacionam-se com a Trindade e o ser humano, e a última apenas com a Trindade, contudo afirma Balthasar que “a glória de Deus integrada na graça do pacto já é presença da Majestade de Deus sobre Israel”²¹⁸.

Martin Luther King compreende o amor como uma opção pela comunidade frente ao possível caos dos conflitos e interesses humanos. O amor sempre visa o todo, e considera mais o outro que a si mesmo ou, se preferirmos, é a “culminação de si mesmo” no reconhecimento da valorização da dignidade do outro. Em seu último sermão, King expressa bem o seu conceito de amor-justiça quando cita a parábola do bom samaritano, dando a sua compreensão sobre o texto, em que o levita coloca para si um questionamento:

²¹⁵ O conceito sobre a glória de Deus que pretendemos abordar aqui abarca a sua dimensão teológica, assim como os seus desdobramentos antropológicos. “A glória não tem somente uma realidade divina, eterna e imutável, mas conhece uma história e uma economia, segundo a qual é dispensada aos homens, como o foi a carne humana de Cristo na transfiguração. É a dimensão soteriológica da Doxa. A glória tem eficácia salvífica, porque glorificar equivale a levantar da condição terrestre. A presença de Cristo no mundo introduz a presença da glória entre os homens.” FIERRO, Sobre a glória em San Hilário. Una síntesis doctrinal sobre la noción bíblica de “Doxa”, p.119-20.

²¹⁶ BALTHASAR, U., *Gloria. Una estética teológica*, p.147.

²¹⁷ SANTO HILÁRIO Trin. 5,23; “*claritas glorie*”; “*Honor et glória Tr. Os 55,7*; “*Gloria Maiestatis*” in mt. 4,1.

²¹⁸ BALTHASAR, U., *Gloria. Una estética teológica*, p.255.

A primeira pergunta que o levita se fez foi: “Se eu parar e ajudar esse homem, o que me acontecerá?” Mas o bom Samaritano apareceu e ele inverteu a pergunta: “Se eu não parar para ajudar esse homem, o que acontecerá a ele?”. Esta é a pergunta que lhes faço esta noite. Não se perguntem: “Se eu parar para ajudar os trabalhadores da limpeza pública, o que acontecerá com o meu emprego?” Não se pergunte: “Se eu parar para ajudar os trabalhadores da limpeza pública, o que acontecerá com as horas de todas as manhãs e de todas as semanas que consumo passar em meu escritório no meu ofício de pastor?” A pergunta não é: “Se eu parar para ajudar esse pobre homem, o que me acontecerá?” A verdadeira pergunta é: “Se eu não parar para ajudar os lixeiros, o que acontecerá a eles?”²¹⁹

Penso que, do mesmo modo, a comunidade de fé sempre deva se questionar sobre a necessidade de parar para ver, julgar e agir. Sem este impulso do coração produzido pelo Espírito de Deus, o caminhar da Igreja no mundo seria apenas um caminho de si para si, mas o caminho da Igreja é um sair de si, partindo do olhar do crucificado ressurreto, sendo capaz de se aproximar e tocar as chagas de Cristo presentes nas chagas dos que sofrem²²⁰, ou seja, dos pequeninos do Reino de Deus. Deste olhar carregado de esperança, e desta justiça que opera pela caridade, é que a Igreja transcende a si mesma espelhando sobre o mundo a multiforme graça de Deus através das ações de seus membros no mundo.

4.3 Ser discípulo-missionário de Jesus Cristo

Um importante conceito que apareceu na Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe em 2007, em Aparecida, foi o que apresentou a identidade do cristão contemporâneo como discípulo missionário de Jesus Cristo. Esta definição possibilitou uma melhor compreensão da identidade e da missão do cristão hoje (DAp n.33).

Ao retomar no âmbito da vida eclesial o tema do discipulado missionário faz-se necessário uma melhor compreensão do que significa ser discípulo de Jesus Cristo, de forma que, melhor conhecendo a própria identidade cristã, opere-se um

²¹⁹ Discurso proferido por Martin Luther King no templo Bispo Charles Mason, em Memphis, Tennessee, em 3 de abril de 1968; CARSON, C.; SHEPARD, K., Um apelo à consciência: os melhores discursos de Martin Luther King, p.169.

²²⁰ Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo. (EG n.270)

movimento de crescimento e amadurecimento desta mesma identidade. Quando abordamos esse tema do discipulado, tendo sempre em mente a sua complementaridade na missão, percebemos que a Igreja necessita preparar-se com toda a energia de seus membros para o grande empreendimento da nova evangelização. Os leigos são de fundamental importância nessa tarefa de comunicar o evangelho (*EN* n.1) e os tesouros da fé.

A Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* recorda que “os leigos podem também sentir-se ou ser chamados a colaborar com seus pastores no serviço da comunidade eclesial, para o crescimento e a vitalidade dela mesma, exercendo ministérios muito diversos, segundo a graça e os carismas que o Senhor quiser dispensar” (*EN* n.73). Desse mesmo modo, destaca-se essa missão laical na conferência episcopal latino americano de Santo Domingo, quando esta assume a Exortação Apostólica *Christifidelis laici*:

Que todos os leigos sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessário à promoção constante do laicato, livre de qualquer clericalismo e sem redução ao intraeclesial. Que os batizados não evangelizados sejam os principais destinatários da nova evangelização. Ela será efetivamente cumprida se os leigos, conscientes do seu batismo, respondem a chamada de Cristo a converter-se em protagonistas da nova evangelização.²²¹

A Conferência Episcopal dos Bispos Latino Americanos e do Caribe, assim como o Sínodo dos Bispos de 2012, foram eventos e ocasiões propositivas para que todos os bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos e leigos fossem interpelados à permanente renovação na fé e na vida cristã, para que aspirem um discipulado missionário, e à transmissão da Boa Nova, com referência ao magistério da Igreja, a liturgia, a vida de oração e a formação permanente.²²² Muitos viram a urgência de acompanhar de maneira progressiva a formação dos presbíteros e dos leigos através da criação de seminários e de centros de formação, assim como trabalhar em traduções bíblicas que ajudem em uma frutuosa compreensão das Sagradas Escrituras.²²³ No caminho do discipulado, é preciso compreender as escrituras em conexão com os grandes questionamentos do coração humano:

²²¹ DSD, Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8), n.97.

²²² L’Osservatore Romano, D. Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, arcebispo de Bang-Kok, 3 nov 2012, n.44, p.21.

²²³ L’Osservatore Romano, D. Jean-Baptiste Tiama, bispo de Sikasso, Presidente da Conferência Episcopal (Mali), 3 nov 2012, n.44, p.21.

Hoje, a maioria dos cristãos fica feliz se ninguém lhe faz perguntas. Entre cinco homens, que podemos encontrar na vida cotidiana, três estão a percorrer o mesmo caminho do emissário etíope, ou seja, estão a regressar depois de ter vivido um momento de socialização religiosa na sua vida atual. Trazem consigo interrogações sobre o sentido da própria vida, desde seu passado, limitando-se a lê-las tristemente, sem compreender o que têm a ver com as suas próprias vidas. Compraram até um documento da mensagem bíblica, exatamente como o viajante tinha comprado o trecho de Isaías, mas não tem ninguém para orientá-los, ninguém para lançar uma ponte entre a palavra da fé e sua vida cotidiana. (...) Muitas vezes, não nos deixamos envolver pelos problemas das outras pessoas porque temos medo de tê-los que resolver em seu lugar. Talvez eles precisem apenas de serem ouvidos, de partilhar os seus pensamentos e de um ato benéfico por parte de alguém capaz de se pôr em seu lugar, que suba na carroça de sua vida e leve a sério as suas perguntas. Isso significa iniciar a refletir a partir do lugar onde o outro se encontra.²²⁴

É importante insistir, no âmbito da vida eclesial, nessa questão do discipulado cristão. Como comunidade de fé, existem vários testemunhos importantes neste sentido, como, por exemplo, a inculturação do cristianismo nas dimensões asiáticas. O discipulado tornou-se uma arte a se viver:

Para nós, a religião é mais o discipulado de uma pessoa do que a adesão [a] uma doutrina ou a obediência a uma série de regras. A pessoa de Jesus é profundamente fascinante: a sua mensagem e a sua vida, a sua paixão, morte e ressurreição. A adesão a uma doutrina nasce como fruto do discipulado de um mestre. Foi deste modo que os primeiros cristãos proclamavam a boa nova.²²⁵

Retomar o tema do discipulado é procurar compreender melhor a própria identidade cristã e sua missão na Igreja e no mundo. É preciso que os pastores das Igrejas locais promovam uma adequada formação e acompanhamento, promovendo deste modo a missionariedade no coração dos fiéis:

O dever de anunciar a verdade salvífica não é só responsabilidade do clero e dos religiosos. Aliás, o sínodo ressaltou o importante papel de cada discípulo de Cristo na missão de difundir a fé. O debate acentuou a participação decisiva e vital de cada católico na missão evangelizadora, sobretudo mediante o compromisso lícito e graças aos dons dos fiéis leigos.²²⁶

Vemos, de modo claro, que a convocação para viver o discipulado e a missão na Igreja não é uma tarefa direcionada a um grupo de pessoas especiais, mas uma convocação a todo o batizado:

²²⁴ L'Osservatore Romano, Cardeal Joachim Meisner, arcebispo de Köln (Alemanha), 27 out 2012, n.43, p.11.

²²⁵ L'Osservatore Romano, cardeal Oswald Gracias, 20 out 2012, n.42, p.10.

²²⁶ L'Osservatore Romano, cardeal Wuerl, relatório post disceptionem, s 27 out 2012, n.43, p.4.

Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que a salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários”. (EG n.120)

É dentro dessa consciência e chamado universal ao discipulado que se vai compreendendo o que é ser discípulo: significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus Cristo; e isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho (EG n.128). Dentro dessa dimensão do seguimento de Cristo, o discípulo do Senhor vive sob o prisma de confiança em Deus, frente à imprevisibilidade dos novos cenários públicos que são, para ele, lugares de testemunho de sua fé e do seguimento da pessoa de Jesus Cristo.²²⁷

4.3.1 Bispos, presbíteros, religiosos e leigos: discípulos missionários de Jesus Cristo

Outro elemento importante na nova evangelização é a sua dimensão de suscitar vocações. Uma autêntica evangelização corresponde ao desejo de Jesus de “pedir ao Senhor da colheita que envie operários para sua colheita” (Mt 9,38). Evangelização e vocação são dois elementos inseparáveis. Aliás, critério de autenticidade de uma eficaz evangelização é a sua capacidade de suscitar vocações, de amadurecer projetos de vida evangélica, de envolver inteiramente as

²²⁷ “O discípulo é arrancado de sua relativa segurança de vida e lançado à incerteza incompleta (isto é, na verdade, para a absoluta segurança e proteção da comunhão com Jesus); de uma situação previsível e calculável (isto é, na verdade, de uma situação totalmente imprevisível) para dentro do imprevisível e fortuito (na verdade, para dentro do único que é necessário e previsível); do domínio das possibilidades finitas (isto é, na realidade das possibilidades infinitas) para a única realidade libertadora.” BONHOEFFER, D., Discipulado, p.21.

peçoas que são evangelizadas, até torná-las discípulos, testemunhas e apóstolos.²²⁸

O despertar de vocações deve ser compreendido não como uma mera conquista, mas como uma presença servidora.²²⁹ A vocação é sempre uma participação no mistério pascal de Cristo, e de modo específico, se formos correlacionar a vocação e o discipulado, veremos que na origem de toda vocação está presente o encontro com a cruz de Cristo. Ser discípulo de Cristo é assumir, por meio de uma vocação, uma forma de ser e estar junto à Igreja e ao mundo, as sendas da cruz. A cruz é imprescindível ao seguimento de Cristo por meio do discipulado: “Quando caminhamos sem a cruz e buscamos um Cristo sem cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor”²³⁰.

4.3.1.1

Os bispos discípulos missionários de Jesus Cristo

O bispo discípulo missionário tem a missão confiada pelo seu Senhor de ir visitar as suas ovelhas nas casas, nas praças onde se reúnem os jovens, nos campos desportivos, nos lugares de festa, nas prisões, nos hospitais, nas escolas e em qualquer outro lugar para lhes dizer que o caminho da felicidade, da verdade e da vida verdadeira é Jesus Cristo. É muito importante que o primeiro anúncio e a aproximação dos pastores não sejam um tanto quanto reprovativos, mas educativos, ensinando e infundindo positivamente valores, ao invés de simplesmente reprovar e não acompanhar aqueles que necessitam de instrução religiosa. Verificaram-se, várias vezes, na Igreja, que quando o bispo é protagonista da evangelização na própria diocese, toda a sua Igreja local o segue. Aqui está também a arte pastoral que é “catequizar, antes, durante e depois da celebração”²³¹.

A evangelização como arte de viver será um caminho pelo qual, vivenciando a amizade com Cristo e sendo configurado na sua existência a Ele, o

²²⁸ “Logo que acreditei que Deus existia, compreendi que só podia viver para Ele.” (GE n.155)

²²⁹ L’Osservatore Romano, Pe. Pascual Chávez Villanueva, 27 out 2012, n.43, p.17.

²³⁰ FRANCISCO, Homília na Santa missa com os cardeais (Roma, 14 de março de 2013). In: AAS 105 (2013), p. 365-6.

²³¹ L’Osservatore Romano, D. Juan de La Caridad Garcia Rodríguez (Cuba), 20 out 2012, n.42, p.10.

bispo junto à sua comunidade diocesana buscará, enquanto amigo de Deus, tornar-se também amigo de seu povo:

O encontro com Cristo reveste um caráter profundamente pessoal, de tipo amistoso. Os amigos são destinatários da dedicação redentora do Senhor (Jo 15, 18), aos quais Jesus revela o Pai (Jo 15, 15). Nós bispos corremos o risco de perder a humanidade e a sensibilidade pastoral se os outros compromissos não nos deixarem tempo para cultivar relações de amizades concretas.²³²

É nesta proximidade com o povo real que a vida pastoral vai tomando tonalidades e sentidos importantes para o bispo. Prosseguindo para além de um funcionalismo empresarial ou de uma postura de generais derrotados, é mais oportuno que os bispos se reconheçam em sua entrega e paixão pelo Reino de Deus como soldados preciosos no campo do Senhor (EG n.96).

4.3.1.2

Os presbíteros discípulos missionários de Jesus Cristo

Onde trabalha um sacerdote zeloso, um homem de vida santa, a fé cresce, enquanto que onde trabalha um sacerdote tíbio, tudo se extingue. Os bispos e os sacerdotes devem ser homens da nova evangelização, este aspecto da sua vida deve ser desenvolvido já desde a sua formação no seminário.²³³

O Sínodo dos Bispos de 2012 apresentou caminhos importantes para serem trilhados por aqueles que desejam tornar-se um presbítero construtivo no desempenho de sua colaboração com o bispo local, no exercício de seu sacerdócio. Dessa mesma forma se reconhece a importância de que alguns teólogos possam desenvolver e oferecer à Igreja e ao mundo trabalhos relevantes em prol do Reino de Deus. Por outro lado, se constatou algumas deficiências e alguns obstáculos à nova evangelização advindos da má vivência do ministério sacerdotal e magisterial:

O maior obstáculo para se tornar teólogo ou pastor construtivo, e, por conseguinte, eficaz na perspectiva da nova evangelização, é sem dúvida alguma a soberba com o seu aliado natural: o egoísmo. A mania de se tornar grande, original, importante levam não poucos a serem “pastores que apascentam a si mesmos e não o rebanho”

²³² L'Osservatore Romano, D. Antonio Arregui Yarza, arcebispo de Guayaquil, presidente da Conferência Episcopal do Equador, 20 out 2012, n.42, p.15.

²³³ L'Osservatore Romano, D. Ján Bab Jack S.J., arcebispo metropolitano de Presov dos católicos de rito bizantino, presidente do conselho da Igreja Eslovaca, 27 out 2012, n.43, p.14.

(Ez 34, 8; Santo Agostinho, Sobre os Pastores), na realidade tornam-se pouco relevantes no Reino dos céus, contraproducentes para o crescimento da Igreja e para a evangelização. Dado que em cada um de nós, depois do pecado original, há uma dose de soberba, devemos fazer constantemente nesta matéria um sólido exame de consciência e, aos pés da cruz, aprender a humildade e o amor autêntico.²³⁴

Um ministério presbiteral vigoroso exige o compromisso de cada presbitério no desafio de viver uma formação permanente, mas exige também a proposta institucional das Igrejas locais, singularmente ou com as outras Igrejas da região ou do país.²³⁵ Promover uma permanente formação dos presbíteros possibilitando uma melhor atualização teológico-pastoral-espiritual. Essa iniciativa mostra-se fecunda em todos os sentidos, uma vez que muitos presbitérios se veem carentes de uma sólida e atualizada formação.

A Igreja constatou, por várias experiências vividas no decorrer dos anos, que a ignorância, o cansaço, o desencorajamento, a indiferença, a rotina danificaram imensamente o espírito presbiteral.²³⁶ Por outro lado, é preciso ver o sacerdote de hoje não apenas como um “ministro do culto”, mas também um representante de Cristo-esposo, que veio para desposar a humanidade.²³⁷ O sacerdote deve ser, ele também, um apaixonado pela humanidade. O *mínus regendi* vivido pelos sacerdotes diz respeito a um governo que opera pelo serviço a Deus e à humanidade:

Não se esqueça que, quando falamos da potestade sacerdotal, “estamos na esfera da função e não na da dignidade e da santidade”. O sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza ao serviço do seu povo, mas a grande dignidade vem do Batismo, que é acessível a todos. A configuração do sacerdote com Cristo Cabeça, isto é, como fonte principal da graça, não comporta uma exaltação que o coloque por cima dos demais. Na Igreja, as funções “não dão justificação à superioridade” de uns sobre os outros. (EG n.104)

O frutuoso anúncio do evangelho por parte do sacerdote discípulo-missionário terá o desejado impacto não apenas pelo discurso que este pode apresentar à sua comunidade, mas principalmente através de sua proximidade. Um

²³⁴ L'Osservatore Romano, Cardeal Zenon Grocholewski, prefeito da Congregação para a Educação Católica (Cidade do Vaticano), 20 out 2012, n.42, p.13.

²³⁵ L' Osservatore Romano, D. Carlos Maria Franzini, bispo de Rafaella (Argentina), 20 out 2012, n.42, p.15.

²³⁶ L'Osservatore Romano, D. Fábio Svescún Mutis, bispo ordinário militar (Colômbia), 20 out 2012, n.42, p.16.

²³⁷ L'Osservatore Romano, D. André Léonard, arcebispo de Malina-Bruxelas, presidente da Conferência Episcopal (Bélgica), 20 out 2012, n.42, p.23.

pastor próximo, que caminha junto ao povo, acompanhando as alegrias e os diversos processos dolorosos da vida, sendo capaz de edificar essas pessoas com a eloquência do bom exemplo.²³⁸

4.3.1.3

Os religiosos discípulos missionários de Jesus Cristo

A vida consagrada sempre foi um precioso sinal histórico e escatológico do Reino de Deus no mundo, contribuindo de modo fecundo na missão evangelizadora da Igreja. Hoje, mais do que nunca a Igreja percebe a necessidade de um renovado testemunho da vida religiosa, e a necessidade de continuar por meio deste testemunho profético anunciando os valores do Reino que se fazem presente em meio aos homens. Isto implica em colocar Cristo no centro da própria vida e a coragem de testemunhar abertamente a sua pessoa.²³⁹ A Igreja procurou novamente convidar à vida consagrada, fazer confluir as potencialidades de cada carisma específico em uma preciosa colaboração no programa diocesano de evangelização.

A vida consagrada, dentro desta dimensão de conversão pastoral, é convocada a dar um testemunho mais eloquente de presença, e de abertura, e a lançar-se em meio aos novos desafios, vencendo a tentação de se tornarem multinacionais, mas desempenhando um trabalho bom e útil para responder as necessidades materiais, contudo, sem esquecer-se de seu fim principal, que é o de anunciar o evangelho.²⁴⁰

A vida religiosa discípula missionária deve recuperar o amor, a evangelização e o compromisso com o mundo:

Hoje, nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores, não

²³⁸ L'Osservatore Romano, D. Benjameim Phiri, auxiliar de Chipata, Zâmbia, 3 nov 2012, n.44, p.18.

²³⁹ L'Osservatore Romano, Pe. Mauro Johri, O.F.M. Cap, Ministro Geral da Ordem Franciscana dos Frades Capuchinhos, 27 out 2012, n.43, p.17.

²⁴⁰ L'Osservatore Romano, Cardeal Telesphore Placidus Toppo, arcebispo Ranchi, presidente da Conferência Episcopal (Índia), 10 nov 2012, n.45, p.18.

obstante rezem, uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. São três males que se alimentam entre si (EG n.78).

É de fundamental urgência recuperar em muitas comunidades, em que se vive a vida consagrada, o caráter profético da missão. Em primeiro lugar, serem profetas nas estruturas *ad intra*, para depois serem também profetas e sinais do reino de Deus nas estruturas *ad extra*:

Para quantos estão feridos por antigas divisões, resulta difícil aceitar que os exortemos ao perdão e à reconciliação, porque pensam que ignoramos a sua dor ou pretendemos fazer-lhes perder a memória e os ideais. Mas, se virem o testemunho de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas, isso é sempre uma luz que atrai. Por isso me dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. A quem queremos evangelizar com estes comportamentos? (EG n.100).

A vida consagrada possui a grande tarefa de continuar buscando a edificação da vida espiritual, humana, social de cada cristão, fecundando todas as dimensões da vida à luz do evangelho, buscando encontrar no próprio carisma abraçado, a força e o impulso do Espírito Santo, para transmitir o dom recebido, que é um bem para toda Igreja e para humanidade. O carisma deve brilhar e transbordar, por meio dos membros da comunidade de consagrados, para iluminar a grande casa comum que é o mundo. Um carisma que fascina através da entrega autêntica de cada um daqueles e daquelas que o vivem é um caminho precioso para a santidade pessoal, fecundando e fazendo crescer de modo eficaz a santidade na Igreja local onde atuam os consagrados (LS n.1).

4.3.1.4

Os leigos discípulos missionários de Jesus Cristo

São de fato os leigos que, pela sua índole secular, têm a responsabilidade de transformar a realidade social, cultural, política e econômica dos nossos povos.²⁴¹ É preciso potencializar a missão dos leigos no interior e, principalmente, no exterior da Igreja, e parar de vê-los apenas como objetos de evangelização. Na verdade, os leigos são a ofensiva da nova evangelização, através de um

²⁴¹ L'Osservatore Romano, D. José Luis Azuaje Ayala, bispo de El Vigía-San Carlos Del Zulia, presidente da Conferência Episcopal (Venezuela), 3 nov 2012, n.44, p.20.

testemunho eficaz no coração da sociedade.²⁴²É preciso, também, que esses mesmos leigos encontrem em seus pastores a fraternidade e o auxílio necessários para que sejam confirmados em sua missão dentro da vida eclesial e secular.

A nova evangelização deve ser abraçada com intensidade de coração pelos leigos na Igreja, e não pode ser um evento apenas em nível paroquial, mas deve ser um acontecimento que leve ao encontro com aqueles que se distanciaram da vida e da prática da fé. A autêntica evangelização procurará encurtar caminhos e colocar-se em direção aos irmãos que ficaram pelo caminho. É preciso ir até o encontro daqueles que não se identificam com a Igreja, aproximar-se de seus próprios ambientes, como por exemplo; clubes, creches, hospitais, prisões e shoppings. É preciso ir até a casa das mães e pais daqueles que se preparam para a primeira comunhão, é preciso pôr-se a caminho para ir ao encontro dos cristãos que vivem no anonimato, ou seja, aqueles que são movidos em seus atos por um sincero amor ao ser humano, amor este que, por vezes, é movido pelo testemunho do próprio Cristo e seus discípulos.

A Igreja reconhece o belo testemunho que muitos leigos têm oferecido na tarefa da nova evangelização. Os leigos desempenham um papel de verdadeiros protagonistas, muitos dedicam a própria vida à missão evangelizadora da Igreja.²⁴³Muitos leigos transmitem com seu testemunho a fé, manifestando aos parentes, vizinhos e colegas a alegria humilde de conhecer Cristo.²⁴⁴

Hoje, a Igreja precisa de leigos bem formados e informados, capazes de renovar e frutificar a ordem temporal. Para tal, a formação dos leigos deve estar no cimo da lista de prioridades na Igreja.²⁴⁵O dinamismo é importante para um novo impulso missionário, em que o laicato não delega a sua missão ao clero ou à vida consagrada, mas se reconhece componente, e parte do grande ícone da nova evangelização, por onde o mistério do amor e da presença de Deus no mundo se faz presença e proximidade. Deste modo, se afrontam as tentações de uma paralisia espiritual e missional na vida laical:

²⁴² L'Osservatore Romano, D. José S. Palma, arcebispo de Cebu, presidente da Conferência Episcopal (Filipinas), 17 nov 2012, n.46, p.21.

²⁴³ L'Osservatore Romano, D. Benedito Beni dos Santos, bispo de Lorena (Brasil), 27 out 2012, n.43, p.9.

²⁴⁴ L'Osservatore Romano, D. Yves Le Sux, bispo de Le Mans (França), 27 out 2012, n.43, p.11.

²⁴⁵ L'Osservatore Romano, D. Julian Winston Sebastian Fernando, bispo de Badulla (Siri Lanka), 17 nov 2012, n.46, p.20.

Quando mais precisamos dum dinamismo missionário que leve sal e luz ao mundo, muitos leigos temem que alguém os convide a realizar alguma tarefa apostólica e procuram fugir de qualquer compromisso que lhes possa roubar o tempo livre. Hoje, por exemplo, tornou-se muito difícil nas paróquias conseguir catequistas que estejam preparados e perseverem no seu dever por vários anos. (...) Muitas vezes, as pessoas sentem imperiosamente necessidade de preservar os seus espaços de autonomia, como se uma tarefa de evangelização fosse um veneno perigoso e não uma resposta alegre ao amor de Deus que nos convoca para a missão, e nos torna completos e fecundos. Alguns resistem a provar até o fundo o gosto da missão e acabam mergulhados numa acédia paralisadora. (EG n.81)

Quando uma Igreja local vive uma autêntica *parresia*, ela opera sobre uma dinamicidade frutuosa que é ação do Espírito Santo, atuando por meio dos fiéis que, através de seu apostolado, vivem e cultivam no coração uma profunda familiaridade e intimidade com aquele que é o cabeça da Igreja: Cristo Jesus. Dessa intimidade surge a caridade que move a lançar-se em um apostolado que tem suas origens na própria fonte do amor (AA n.3) e no amor colocam-se a servir seus irmãos com a oferta da própria vida, dilatando a presença do Reino de Deus e fazendo da vida uma missão permanente.

4.4

Um novo paradigma eclesial: a transformação missionária da Igreja

A transformação da Igreja em chave missionária²⁴⁶ não é apenas um planejamento teórico sobre o qual a Igreja pretende se empenhar, mas é uma identidade que expressa a natureza da própria Igreja e do ser cristão como missionário e sinal do Reino de Deus neste mundo. Afirma o papa Francisco:

A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto uma pessoa se revela enfermeira no espírito, professor no espírito, político no espírito, ou seja, pessoas que decidiram, no mais íntimo de si mesmas, estar com os outros e ser para os outros. (EG n.273)

²⁴⁶ “La pastorale in chiave missionaria esige di abbandonare il comodo criterio pastorale del ‘si è fatto sempre còs’. Invito tutti a essere audaci e creativi in questo compito di ripensare gli obiettivi, le strutture, lo stile e i metodi evangelizzatori delle proprie comunità (EG n.33). Papa Francesco desidera che intendiamo tutta la vita ecclesiale come evangelizzazione, un’evangelizzazione sia verso L’interno che verso L’esterno. Una chiesa in uschita deve fondare tutte le sue attività su un’ottica missionaria: la missione è L’apertura del cristiano verso L’esterno, L’evangelizzazione è il modo di esistenza della chiesa.” AUGUSTIN, G., La chiesa secondo Papa Francesco, p.103.

A missão continental é verdadeiramente um grande sopro do Espírito Santo que trará tempos novos para o ambiente eclesial, partindo da América Latina e Caribe para toda a Igreja. A Conferência dos Bispos que se realizou em Aparecida foi, de fato, um grande pentecostes para todo o continente, e posteriormente para toda a Igreja, uma referência de como andar à luz dos caminhos do Espírito para viver um novo pentecostes no interior da Igreja, e fora de seus muros físicos. O acontecimento dessa V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe retomou com intensidade o termo *Ecclesia peregrinans natura sua missionária est*. Como a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária²⁴⁷, é a partir desta chave de leitura que se propõe uma renovada ação evangelizadora e pastoral:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. (EG n.27)

A V Conferência Episcopal não terminou com um documento, mas é justamente referência para a Igreja Universal que se faz presente em toda sua face do *urbi* e do *orbe*. O acontecimento eclesial de Aparecida empenha profundamente a Igreja no continente latino-americano, porém têm uma real significação para a Igreja em sua universalidade. O acontecimento de Aparecida tomou proporções maiores com a convocação para o Sínodo dos Bispos em 2012.

Queremos aqui apresentar alguns pontos que foram assinalados no Sínodo de 2012, e que denotam justamente o grande sinal de esperança que foi para a Igreja todo o acontecimento de Aparecida, agora remodelado em uma maior configuração. Este acontecimento fora uma iniciativa do Papa Bento XVI e dos Padres Sinodais para pensar e refletir mais amplamente o ano da Fé²⁴⁸, considerando de modo particular a missão evangelizadora da Igreja.

²⁴⁷ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*, n.2, 5-6, 9-10; LG n.8, 13, 17, 23; Decr. *Cristus Dominus*, n.6.

²⁴⁸ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html Acesso em: 23 out 2018.

A experiência de missão no continente latino-americano e no Caribe quer ser, na Igreja, uma motivação universal, que a tira de uma ação de “simples administração” e a coloca num “estado permanente de missão” (EG n.25). A missão *ad extra* está intimamente ligada à missão *ad intra*, elas enriquecem-se mutuamente exortando a servir de forma única à missão da nova evangelização.²⁴⁹

A experiência da Igreja no continente latino-americano e no Caribe destacou a importância da presença da ação pastoral no interior da Igreja e sua presença no mundo. De modo específico, nos últimos duzentos anos, o significado de pastoral tem ampliado o seu raio de ação, de tal forma que, por primeiro, se refere ao trabalho dos pastores e dos leigos empenhados nos desafios da Igreja na sociedade, depois às tarefas intraeclesiais e, por último, ao diálogo com o mundo.²⁵⁰ A pastoral faz referência à sua ação de modo específico, tendo como referência a ação do próprio Deus na história por meio daqueles que o Senhor escolhe para colaborar em seu pastoreio e evangelização:

Podemos, pois, dizer que a salvação de Deus em relação ao seu povo foi apresentada a Israel em termos pastorais, e esta salvação se desenvolveu por meio de mediações humanas, nem sempre fiéis como deveriam. E como a fidelidade de Deus supera a resposta humana, o seu pastoreio exige uma novidade no comportamento de seus pastores e que expresse na radicalidade a ação de Deus. Isto nos mostra como a ação Divina e ação humana caminham juntas na pastoral e esta exigência está presente nos tempos messiânicos.²⁵¹

A transformação missionária da Igreja, que implica hoje uma conversão pastoral, é uma convocação evangélica a renovar a profundidade do encontro com a pessoa de Jesus Cristo e o seu estilo evangelizador. Esse encontro é um convite a passar de uma tradição fraca a uma Tradição cheia de vivacidade, por meio da adesão pessoal a Jesus Cristo e ao seu projeto.²⁵² A conversão Pastoral quer ser,

²⁴⁹ L'Osservatore Romano, D. Olivier Schitthausler, M.E.P., bispo titular de Catabum Castra, vigário apostólico de Phnom-Penh (Camboja), 3 nov 2012, n.44, p.22.

²⁵⁰ RAMOS, A. J., Teologia Pastoral, p.18.

²⁵¹ CONRADO, S., O Planejamento Pastoral à Luz do Documento de Aparecida. Revista de Cultura Teológica, 2008, p.75-88.

²⁵² “A evangelização tem como finalidade a conversão dos homens, ou seja, o acolhimento da novidade de Cristo (*Instrumentum Laboris*, n.24) Esta conversão começa dentro da Igreja, realizando mudanças pastorais. Trata-se, nos países de antiga tradição cristã, de passar de um cristianismo de tradição para um cristianismo de adesão pessoal à pessoa de Jesus Cristo e de um compromisso missionário. Esta conversão pastoral diz respeito a todos os batizados e participantes da vida eclesial, mas, sobretudo, aos pastores: bispos e sacerdotes. A fim de que a nova evangelização não se reduza a um slogan, ou a uma ação a cumprir, que não seja sufocada pelo imobilismo da burocracia ou do clericalismo, é importante que todos os pastores sejam mais bem preparados para a prática do governo pastoral.

nos tempos atuais em que a Igreja vive, a oportunidade para renovarmos o grande acontecimento de pentecostes: “Precisamos de um novo pentecostes para que a salvação de Jesus possa alcançar o mundo inteiro, e transformá-lo, a fim de que a Igreja possa ser renovada e a santidade prospere nela e, por fim, para que nós, cristãos, procedamos com a nova evangelização”²⁵³.

Outra dimensão importante que ressalta o papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é, justamente, a de levar a Igreja a viver a conversão pastoral na missionariedade, ou seja, no envio e na abertura, na disposição de uma vida que se torne uma oferta da pessoa no dom de si mesma a Deus e aos outros, sinalizando deste modo o evangelho como irradiação de grande alegria que povoa o coração:

Uma pastoral em chave missionária não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa”. (EG n.35)

A conversão Pastoral é o novo desafio que a Igreja coloca a si mesma, no intuito de retomar um revigorador frescor evangélico:

Para reencontrar este fervor primitivo do evangelho, aceitaríamos nós uma segunda conversão? Por vezes temos dificuldade de aceitar a expressão carregada de emotividade. Mas se trata de saber se nós, adultos, aceitamos revisões tanto mais difíceis quanto os hábitos de longos anos e o orgulho da vida, que se opõe ao espírito de pobreza e a espera de Deus. O orgulho da vida cria uma fissura pela qual se escoa todo o frescor evangélico. Mas, se aceitamos esta conversão em sua totalidade, em nós o Cristo penetrará as regiões da inteligência e do coração. Ele

Esta conversão dos pastores depende primeiramente de uma obra de santificação pessoal, acompanhada de uma profunda releitura dos textos conciliares e do magistério da Igreja em vista de uma compreensão eclesial e teológica da renovação missionária. Esta conversão requer, ainda, a aprendizagem de um novo modo de exercer a responsabilidade pastoral; pôr em primeiro lugar, na pastoral ordinária, o anúncio direto da fé, promover uma catequese de iniciação de tipo catecumenal para os principiantes e para os que recomeçam os percursos apologéticos adequados, desenvolver uma eclesiologia de comunhão que considere a complementaridade dos estados de vida e dos carismas, favorecer a criação de lugares de acolhimento e de diálogo aberto às expectativas espirituais, suscitar nos cristãos o testemunho da caridade.” L’Osservatore Romano. D. Dominique Rey, bispo de Frejus-Toulon (França), 3 nov 2012, n.44, p.22.

²⁵³ L’Osservatore Romano, D. Gustavo Garcia-Siller, M.S.P.S., arcebispo de Santo Antônio (EUA), 20 out 2012, n.42, p.14.

atingirá mesmo nossa carne até as entranhas, de modo que, por nossa vez, ‘tenhamos entranhas de misericórdia’²⁵⁴.

A urgência missionária de nossos dias exige uma renovada práxis pastoral, é preciso convocar todas as forças vivas da Igreja para difusão do evangelho.²⁵⁵

4.5

A nova evangelização a partir do pontificado do papa Francisco: “primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar”

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, no número 24, entrega um programa importante para ser desenvolvido no que se refere à presente estação da nova evangelização na Igreja e no mundo em nossos dias.

Francisco nos coloca diante de cinco verbos, sendo um, o primeiro, cunhado pelo próprio papa: primeirar; envolver-se; acompanhar, frutificar; festejar.

Pretendemos refletir sobre as dimensões teológicas e pastorais que implicam estes verbos dentro de uma perspectiva de nova evangelização. Contudo, apresentamos primeiramente uma reflexão sobre o sentido de abraçar este novo paradigma eclesial, que é a transformação missionária da Igreja, pois o acento na missionariedade da Igreja é colocado como uma prioridade na atual tarefa evangelizadora.

O atual programa de evangelização proposto pelo papa Francisco com a *Evangelii Gaudium* nos apresenta o estilo de Jesus como um perfil para todo discípulo missionário, que segundo a sua índole própria encontra no perfil do Filho de Deus um paradigma de vida e de missão. O estilo de Jesus²⁵⁶, em sua terna hospitalidade, se identifica por ele viver a partir de sua profunda experiência com o Pai. A paternidade de Deus em Jesus se expressa como um aspecto importante do mistério da encarnação que se faz caminho através da comunhão e que convoca à missão. Do coração do Pai ao coração do povo de Deus, esse é o caminho que percorre e em que transita o Filho de Deus. Vivendo sua missão na comunhão e na sintonia com um mistério do qual ele mesmo se apresenta como servidor.

²⁵⁴ SCHUTZ, R., Dinâmica do provisório, p.34.

²⁵⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Carta circular sobre A Identidade Missionária do Presbítero na Igreja como dimensão intrínseca do exercício dos Tria Munera (Doc 5), p.25.

²⁵⁶ THEOBALD, C., Le christianisme comme style. Une manière de faire de la théologie em postmodernité, p.173.

4.5.1

Primeirear: a experiência de Deus como experiência “exodal”

Quando lançamos um primeiro olhar sobre as Sagradas Escrituras como fonte da revelação, vemos como Deus constantemente procura encurtar a distância entre Ele e seu povo. Deus é o mais interessado em se fazer próximo de seu povo (Ex 3,7-12). Se o evento do pecado quebrou drasticamente a comunhão do ser humano para com Deus, através dos patriarcas e dos profetas, Deus mesmo quer reaproximar-se de seu povo. A palavra profética e a tentativa de selecionar um povo que guarde a sua aliança são formas utilizadas por Deus para demonstrar o quanto quer estar junto e no meio de seu povo (Gn 12,1-3). Na plenitude dos tempos, Ele tentou novamente esta reaproximação através de seu Filho muito amado Jesus Cristo (Hb 1,1-2).

A missão da Igreja em nossos dias é um convite a vivermos em permanente “saída”. Uma Igreja em saída (EG n.97) é aquela que se desprende de suas ilusórias seguranças e de sua autorreferencialidade e vai ao encontro das pessoas. O modelo passado, em que a Igreja era o centro matricial de todos os acontecimentos do mundo, do estado e das cidades, já está superado. É necessário que a Igreja viva sua missão em torno, e no centro, do coração e da vida dos acontecimentos que tocam a existência de cada pessoa. Uma Igreja em saída (EG n.46) é uma Igreja que vai ao encontro às pessoas, seja nas escolas, seja na vida profissional, seja no mundo dos esportes, seja em meio aos momentos de entretenimentos. Deste modo a Igreja se fará presente com uma atitude que procura encurtar as distâncias, sendo sinal da esperança que deseja descer até a vida concreta das pessoas, compartilhar de suas autênticas aspirações e, por vezes, de suas dolorosas histórias, na busca de lançar luzes em meio aos lugares onde vivem as pessoas.

O atual caminho da nova evangelização é um encorajamento a quantos desejam ajudar o ser humano não apenas a passar pela comunidade de fé em alguns períodos de sua vida (batizado, primeira eucaristia, crisma, matrimônio, exéquias), mas a viver a experiência que pretende trazer ao coração das pessoas a possibilidade de saborear uma existência que encontre seus fundamentos na única verdade capaz de dar sentido à vida e à morte. Quer proporcionar um novo horizonte que engaja melhor a pessoa nas suas relações consigo e com os outros,

isto é, no encontro decisivo com a pessoa de Jesus.²⁵⁷ Desse aproximar-se carregado de ternura e do respeito pelo outro brota um frutuoso envolvimento com o mistério que é cada pessoa, abrindo uma busca maior de compreensão a partir do grande mistério que se anuncia através da presença e da revelação do Deus humanado.

4.5.2

Envolver-se: a experiência relacional de Deus com a humanidade

Outra palavra que descreve este novo impulso evangelizador é “envolver-se”. Deus não é um Deus que fala ao homem de um lugar que impossibilita esse mesmo homem de aproximar-se de sua pessoa. O modo como Deus fala ao ser humano expressa sempre o desejo de proximidade, familiaridade e intimidade. Um dos meios que mais expressam essa experiência do envolvimento de Deus com a pessoa humana é o mistério da encarnação do Verbo. A Trindade se envolve no drama da condição humana²⁵⁸, oferecendo o seu auxílio, a sua presença e a sua amizade fontal, restituindo ao ser humano a possibilidade de uma autêntica relação com suas fontes vitais que tem suas origens no próprio mistério trinitário.

Os evangelhos bem demonstram, através de suas narrações, como o Verbo de Deus se envolvia com o ser humano. Os evangelhos, dentro dos contextos cotidianos da vida, são experiências de envolvimento de Deus com seu povo, levadas a uma intensidade incomparável na história do povo de Israel. Elas têm o seu ponto mais sublime na forma com que Deus se relaciona com o seu povo, através da pessoa de Jesus Cristo. A missão da Igreja no mundo não é manter-se distante das pessoas e de seus dramas e desafios diários, mas é justamente viver o seu chamado de “ser-para e ser-com-os-outros”: “Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se, e se for necessário até à humilhação, e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro das ovelhas’, e estas escutam a sua voz” (EG n.24).

Este movimento da encarnação do Verbo e a missão que Ele confia à sua Igreja a enraízam no tempo e no espaço. O cristianismo é religião entranhada na

²⁵⁷ BENTO XVI, Deus caritas est, n.1.

²⁵⁸ BERGOGLIO, J. M. Mente aberta, coração que crê, p.251-8.

história (*NMI* n.5). A história está grávida da vinda do Verbo de Deus na plenitude dos tempos. Agora, toda ela se encaminha para o Verbo em seu mistério divino e humano que se encarna na história e se faz presente o Cristo, que envolvendo-se com o ser humano se apresenta como o fundamento, como centro e a meta última para a história.

4.5.3

Acompanhar: promover os processos a partir da lógica do Reino de Deus

O discipulado e a missionariedade na Igreja implicam o acompanhamento espiritual recíproco. Qualificar a vida espiritual e pastoral pelo acompanhamento espiritual possibilita aos discípulos oferecerem um importante testemunho de comunhão. É no caminhar em comunhão que se realizam uma ação audaciosa e amorosa da presença da Igreja em meio às pessoas e um testemunho que seja plausível, em um contexto de mundo dividido por várias situações de guerras, desigualdades, indiferenças, desamor. Dentro deste contexto de mundo fragmentado e enfraquecido em diversos aspectos da vida é que se faz urgente a preciosa e frutuosa contribuição da direção espiritual²⁵⁹, que volta a ter lugar no desenvolvimento da vida eclesial e no caminho do cristão em suas relações com Deus.

A autenticidade do discipulado é imprescindível através de um caminho autêntico de conversão, seja por parte do diretor espiritual, seja por parte daquele que se dispõe a crescer nos caminhos do Espírito com o auxílio de um diretor espiritual, que não substitui a ação da Trindade, mas que, trabalhando com ela, colabora para que o dirigido possa crescer na docilidade da missão que é a sua própria vida neste mundo.

A direção espiritual sempre foi um instrumento precioso para o crescimento integral num proveitoso discernimento, seja quanto ao estado de vida, seja como um suporte para acompanhar as pessoas nas missões específicas em que cada cristão engaja a sua vida na Igreja e no mundo, seja em realidades que acometem a existência humana colocando, por vezes, interrogações e questionamentos no coração. Um discípulo missionário acompanha outro discípulo missionário (*EG* n.173), este é um aspecto muito importante da comunhão que se estabelece entre

²⁵⁹ ŠPIDLÍK, T. R., *Teologia Pastorale a partire dalla bellezza*, p.390-4.

os discípulos de Jesus Cristo. A vida em comunidade implica discernimento, suportação²⁶⁰ e *kênosis*, para que a obra que o próprio Senhor iniciou possa ser um acontecimento profícuo na vida dos discípulos que buscam superar as suas próprias fragilidades.²⁶¹

O caminho do acompanhamento considera o valor evangélico de acompanhar com misericórdia e paciência as possíveis etapas de crescimento das pessoas (EG n.44), sendo capaz de pôr à parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho (EG n.46). Procura sempre, por meio do acompanhamento, cuidar e fortalecer novos processos de evangelização que levem em conta a história pessoal de cada ser humano, reconhecendo os aspectos positivos de suas próprias tradições católicas em suas diversas manifestações e valorizando e respeitando outras tradições religiosas (EG n.69).

Acompanhar a vida de uma pessoa, que confia o terreno sagrado do seu coração e da sua consciência, é um passo importante para auxiliar o outro a viver um caminho de cura e restauração, possibilitando, assim, àquele que se deixa acompanhar usufruir de um auxílio em que possa exprimir-se com plena sinceridade e abertura, verificando ser esse um caminho de confiança e que expressa uma vontade de crescer (EG n.172).

4.5.4

Frutificar: produzir frutos a partir da força renovadora do evangelho

Um importante verbo utilizado na *Evangelii Gaudium* pelo papa é o verbo “frutificar”. Ele está conectado ao propósito de Jesus de verificar que o anúncio do Reino de Deus não é um evento superficial, mas que tem o poder de fazer florescer, frutificar e produzir a vida de Deus. Receber a mensagem do evangelho é ser fecundo dentro da dinâmica do Reino. O caminhar da Igreja como uma comunidade de fé não substitui a dimensão relacional pela dimensão operacional. Quando cada cristão busca com autenticidade viver a sua relação com Deus, ele produz bons frutos de conversão e santificação. O testemunho de cada cristão na

²⁶⁰ A partir desta firmeza interior, é possível aguentar, suportar as contrariedades, as vicissitudes da vida e também as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos: “se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?” (Rm 8, 31). (GE n.112)

²⁶¹ “Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações”. (EG n.24)

Igreja é importante, pois ao encarnar no mundo seu amor por Deus e pela vida ele cria um processo²⁶² de expansão do Reino de Deus.

Destacamos outro aspecto do frutificar na ação evangelizadora da Igreja, descrito por São João Paulo II, que é a importância de frutificar no compromisso de um amor ativo e concreto a cada ser humano, de modo que vá configurando um estilo eclesial e uma programação pastoral (*NMI*n.49). Isso abre-nos a consciência para uma atividade missionária da qual partimos da experiência de fazer da vida um dom, pois em Cristo encontramos graça, misericórdia e perdão, possibilitando um nova primavera do Espírito Santo sobre a Igreja. Essa primavera será frutuosa e florescerá com mais intensidade à medida que nos dispormos a avançar para águas mais profundas.

A busca por fazer frutificar a vinha do Senhor, que é a Igreja em sua presença no mundo, implica reconhecer que o Senhor é a verdadeira vida de sua vinha (Mt 21,33-43), e que fora dele “nada podemos fazer” (Jo 15,5) que seja fecundo para o Reino de Deus. Contudo, quando esta seiva divina produz vida nova na existência de seus discípulos missionários, que vivem no mundo e na Igreja, não como consumidores egoístas, seja de bens materiais seja espirituais, eles se abrem a fazer de sua própria vida neste mundo um permanente oferecer, do que são e do que tem, se colocam à disposição do Reino de Deus, recebendo os dons da graça e da natureza. Desse modo, tornam-se pessoas “eucaristizadas”, que como Cristo dão o seu corpo e o seu sangue para produzir vida abundante onde o Senhor lhes confia a missão.²⁶³

Uma Igreja frutuosa é uma Igreja que não vive em si mesma ou para si mesma, mas uma Igreja que busca diligentemente gerar novos processos em que o Reino de Deus avança no mundo. É a partir deste semear “saindo de si” que apresenta e propõe a cada pessoa os tesouros da fé. Estes tesouros não significam um encontro com uma doutrina fria, mas uma experiência promotora de vida, uma experiência que atualiza o permanente mistério de Pentecostes, por meio do qual o Espírito Santo continua derramando o amor de Deus nos corações (Rm 5,5), e

²⁶² “Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços.” (EG n.223)

²⁶³ Aproximar-se das limitações e fragilidades é, em Teresa de Calcutá, uma forma de superação de si mesmo: “(...) sim, tenho muitas fraquezas humanas, muitas misérias humanas. (...) Mas Ele abaixa-Se e serve-Se de nós, de ti e de mim, para sermos o seu amor e a sua compaixão no mundo, apesar dos nossos pecados, apesar das nossas misérias e defeitos. Ele depende de nós para amar o mundo e demonstrar-lhe o muito que o ama”. GE n.107; MADRE TERESA DE CALCUTÁ, Cristo en los Pobres, p.37-8.

dilatando a presença do Reino no mundo por meio de palavras e atitudes (EG n.21).

Um fator importante para que contemplemos a expansão do Reino de Deus, assim como para pôr em marcha os valores do evangelho, é iniciar novos processos. Processos estes que dizem respeito à valorização do tempo como oportunidade “kairológica”. A obsessão, por vezes, do controle do espaço acaba por minimizar a importância de uma guinada que deve se desdobrar no tempo. Valorizar esses processos é abrir-se a uma dinamicidade capaz de frutificar na direção de todos e para todos.²⁶⁴

4.5.5

Festejar: a alegria de celebrar a expansão do Reino de Deus no mundo

O verbo festejar aparece dentro do projeto da nova evangelização como uma ação celebrativa, que quer produzir o fascínio por ver a palavra de Deus crescer em meio ao seu povo. Ela produz bons frutos no mundo, pois o Verbo de Deus continua inquietando e propondo novos caminhos de vida ao coração das pessoas em nossos dias, para gerar um mundo mais capaz de viver o amor e a justiça, fazendo circular oportunidades a todos²⁶⁵. Se a vida do homem é a glória de Deus, o próprio Deus é o mais interessado em fazer com que a sua obra cresça em meio aos seus.

²⁶⁴ Pensar a interpolarização entre espaço e tempo nos conduz a escolhas que buscam promover os processos, ou seja, o todo, do que apenas a parte, ou somente a parte de alguns (...). “Um dos pecados que, às vezes, se nota na atividade sociopolítica é privilegiar os espaços de poder em vez dos tempos dos processos. Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente, para tentar tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação. É cristalizar os processos e pretender pará-los. Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos duma cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás. Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes.” (EG n.223)

²⁶⁵ “A comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre ‘festejar’: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar.” (EG n.24)

A festividade, para o povo, expressa sua necessidade de ser um povo com memória do seu passado, com consciência de seu presente e com esperança para com o seu futuro²⁶⁶:

Mas a festa é uma categoria teológica, encontra-se também na Bíblia. Quando voltardes para casa, lede Deuteronômio 26. Ali Moisés, em nome do Senhor, diz o que os camponeses devem fazer todos os anos: levar ao templo os primeiros frutos da colheita. Diz assim: “Vai ao templo, leva um cesto com os primeiros frutos para oferecê-los ao Senhor como ação de graças”. E depois? Primeiro, recorda. E faz-lhe recitar um pequeno credo: “Meu pai era um arameu errante, Deus chamou-o; fomos escravos no Egito, mas o Senhor libertou-nos e concedeu-nos esta terra (...)” (cf. Dt 26, 5-9). Primeiro, a memória. Segundo, entrega o cesto ao encarregado. Terceiro, dá graças ao Senhor. E quarto, volta para casa e festeja. Faz festa e convida os que não têm família, os escravos, os que não são livres, convida também o vizinho para a festa (...) A festa é uma categoria teológica da vida.²⁶⁷

Dentro desta dimensão da festa inserida no contexto da nova evangelização, destacamos aqui o grande evento de Pentecostes na Igreja. No tratado sobre a festa de Nisã e a festa das premissas em *De specialibus Legibus*, Filon de Alexandria trata da existência de uma festa na festa, que acontece no primeiro dia, que é chamada festa da colheita.²⁶⁸ O Espírito Santo derramado em Pentecostes produz sempre a festa num coração que se deixa povoar por Deus. Essa festa de Pentecostes aparece nos Padres como um dia de liberdade²⁶⁹, como o Grande Domingo²⁷⁰, símbolo da esperança e da remissão²⁷¹. O Pentecostes é o ápice do mistério pascal, é o ponto mais alto das celebrações dos mistérios da vida de Jesus Cristo, e que promete o derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja.

Fazer memória através dessa dimensão festiva do mistério é um ato que ultrapassa uma simples recordação, é um envolver-se de modo renovado nesse mistério. Esse aspecto da vida da Igreja jamais pode ser descuidado dos grandes eventos dogmáticos e de sua disciplina, pois a comunhão, na verdade, está

²⁶⁶ Uma das mais precisas definições sobre o sentido antropológico e teológico da festa encontramos no teólogo americano Harvey Cox: “A festividade não é jamais um fim em si. Expressa nossa alegria sobre alguma coisa. Celebra um evento que tem o seu lugar na história humana, seja no passado ou no futuro. (...) Se não tivéssemos nem passado nem futuro para celebrar, vítimas seríamos dum presente atemporal e anistórico. Se, por outro lado, não cessássemos jamais de fazer história nem nunca celebrássemos, descambaríamos igualmente num mourejar ininterrupto, já não conhecendo nem descanso, nem alegria, nem liberdade.” COX, H., *A Festa dos Foliões*, p. 51.

²⁶⁷ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/papa-francesco_20150516_religiosi-roma.html Acesso em: 22mai 2018.

²⁶⁸ FÍLON DE ALEXANDRIA, *De specialibus Legibus*, 2, 162.

²⁶⁹ ATANÁSIO, *Cartas Festivas*. In: P.G. 26, 1366 A.

²⁷⁰ ATANÁSIO, *Cartas Festivas*. In: P.G. 26, 1366 B.

²⁷¹ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromate*, VI, 2; SC 446, 11.

implícita na fé e na oração da Igreja, que motiva jubilosamente a celebração, uma vez que ao recordar pelo calendário litúrgico as grandes festas e a proclamação dos grandes dogmas o fazemos de maneira festiva e orante. O atual empenho na nova evangelização será um evento que convoca a uma profunda atenção ao seu aspecto celebrativo, festivo e alegre.

A dimensão antropológica da festa é parte constituinte na vida de muitos povos, tanto no sentido comunitário celebrativo, quanto dentro do contexto da família doméstica. A festa é uma força renovadora da vida²⁷². Retomamos como exemplo, novamente, o mistério de Pentecostes. Celebrar Pentecostes significa algo mais que fazer memória histórica de um acontecimento passado, isso deve tornar-se, em nossos dias, a alegria de sair na força do Espírito Santo para colher no mundo os frutos que o próprio Deus preparou, e suplicar a Deus a graça de lançar-se em sua vinha para colher de suas mãos o que Ele mesmo nos entregará (Jo 17,24).

4.6 Novos evangelizadores-mistagogos

Destacamos aqui algumas qualidades necessárias para os novos evangelizadores na Igreja. Quatro qualidades deveriam ser evidenciadas nestes novos evangelizadores que, por sua vez, devem também tornar-se mistagogos.

A primeira qualidade encontra-se no livro dos Atos dos Apóstolos: é a coragem. A figura de São Pedro é apresentada corajosamente pregando o evangelho da ressurreição (At 2,14-36), e mais tarde Paulo retoma o tema e, lançando-se numa corrida de gigante pelo mundo (At 13,44-52), vai anunciando esta mesma Palavra²⁷³ Hoje, a nova evangelização deve mostrar uma coragem nascida da confissão da pessoa de Cristo. Quando se fala de coragem, podemos nos reportar tanto a figuras de santos carismáticos como São Maximiliano Maria Kolbe, Santa Madre Teresa de Calcutá, como aos mártires, sejam eles da Coréia, Nigéria ou Japão. Sabemos que vários cristãos, hoje, vivendo nos mais diferentes ambientes institucionais como hospitais, serviços sociais, escolas e universidades,

²⁷² “(...) É bom vencer a rotina com a festa, não perder a capacidade de celebrar em família, alegrar-se e festejar as experiências belas. Precisam de compartilhar a surpresa pelos dons de Deus e alimentar, juntos, o entusiasmo pela vida. Quando se sabe celebrar, esta capacidade renova a energia do amor, liberta-o da monotonia e enche de cor e esperança os hábitos diários.” (AL n.226)

²⁷³ SÍNODO DOS BISPOS. Instrumentum Laboris. A nova evangelização para a transmissão da fé, n.41.

estão buscando ser, dentro de seu chamado, vida e sinal da luz de Cristo dentro dessas realidades.

Os evangelizadores de hoje devem ser homens de fé, capazes de descobrirem que a nova evangelização exige um caráter profético: o “profeta é aquele que interpreta as circunstâncias e os acontecimentos com o olhar de Deus, mas é também aquele que antecipa de forma simbólica o caminho da história”²⁷⁴.

A segunda qualidade que deverão portar os novos evangelizadores será o compromisso de realizarem a evangelização num *sentire cum Ecclesia*. A unidade e o testemunho de comunhão eclesial são fundamentais para que o mundo creia. A solidariedade entre ministérios e carismas é de substancial importância. O caminhar em comunhão com os pastores da Igreja deve ser a marca de quem deseja anunciar o evangelho “com”, “na” e junto à própria Igreja.²⁷⁵

A terceira qualidade que devem portar os novos evangelizadores é a urgência. O fato de serem urgentes implica em “estar de prontidão” para anunciar o evangelho. Temos sempre a necessidade de voltar ao Evangelho de Lucas, em que nos é narrada a visitação de Maria a Isabel, modelo para o nosso sentido de urgência. O evangelho narra como Maria partiu às pressas para uma longa viagem de Nazaré a uma aldeia nas colinas da Judéia.²⁷⁶ Não havia tempo a perder porque a missão era muito importante. É justamente esse o sentido de urgência, prontidão e disponibilidade tão necessárias para estar junto às situações existenciais que se enfrentam no cotidiano. Todavia, se o sentimento constante de não estar preparado para evangelizar permear a mentalidade de alguns cristãos, algo muito grave estará acontecendo na identidade do próprio ser cristão.

Por fim, a última qualidade que auxilia os novos evangelizadores a um novo impulso missionário mais convincente é a alegria. Os evangelizadores dos tempos atuais devem lançar sementes de vida nova no campo aberto do mundo de hoje, sabendo serem eles próprios alvos deste evangelho redentor. A alegria deve caracterizar os novos evangelizadores.²⁷⁷ A mensagem que anunciamos é uma

²⁷⁴ L'Osservatore Romano, Cardeal Angelo Bagnasco, arcebispo de Gênova, presidente da Conferência Episcopal (Itália), 17 nov 2012, n.46, p.17.

²⁷⁵ SÍNODO DOS BISPOS. Instrumentum Laboris. A nova evangelização para a transmissão da fé, n.77-78.

²⁷⁶ SÍNODO DOS BISPOS. Instrumentum Laboris. A nova evangelização para a transmissão da fé n.138; 149.

²⁷⁷ Testemunhas da alegria. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20120315_youth.html Acesso em: 28 out 2018.

mensagem de grande alegria, é a mensagem de que Cristo ressuscitou, Cristo está conosco. Sejam quais forem as circunstâncias que atravessamos como seus discípulos, o nosso testemunho deve irradiar, juntamente com os frutos do Espírito Santo, amor, paz e alegria (Gl 5, 22).

A nova evangelização sinaliza, e tem como uma das suas tarefas principais, a responsabilidade de promover uma renovação espiritual, que comporta o encontro com a pessoa de Jesus Cristo e uma catequese que promova o crescimento espiritual.²⁷⁸ Contudo, “só seremos novos evangelizadores, se nos renovarmos primeiramente”²⁷⁹. Somente assim poderemos comunicar, aos de dentro e aos de fora do ambiente eclesial, a alegria de evangelizar, sabendo que “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”²⁸⁰.

O caminho proposto pela nova evangelização encontrará, na celebração dos mistérios de Deus, uma fonte permanente que permitirá amadurecer e fazer crescer a vida espiritual de cada cristão: “Guiar de modo pedagógico os fiéis nos percursos mistagógicos que permitem que o fiel entre na experiência do mistério de Deus”²⁸¹.

Quanto mais as Sagradas Escrituras e a sua aplicação mistagógica forem elementos que proporcionem uma proveitosa catequese, mais servirão a grandiosa causa da nova evangelização.²⁸² Outra modalidade bem utilizada como um itinerário mistagógico é a escola dos Ícones. Por meio dos ícones se apresentam de forma simbólica uma particular colaboração no ensino sobre pontos fundamentais da fé cristã. É, de fato, parte de uma tradição antiga, porém sempre pode ser revisto com um olhar renovado que contribui de modo singular à nova evangelização.²⁸³

A catequese, atualmente, percebe a necessidade de integrar-se a uma dimensão querigmática e mistagógica. A catequese e a educação são um serviço

²⁷⁸ L'Osservatore Romano, Cardeal Wuerl, O relatório post disceptationem, 27 out 2012, n.43, p.5.

²⁷⁹ L'Osservatore Romano, Cardeal D. Gerhard Ludwig Muller, prefeito da Congregação para Doutrina da Fé (Cidade do Vaticano), 20 out 2012, n.42, p.13.

²⁸⁰ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n. 41: AAS 68, 1976, p.31.

²⁸¹ L'Osservatore Romano, Relatório de D. Carlos Aguiar Retes, arcebispo de Tlalnepantla, 20 out 2012, n.42, p.7.

²⁸² L'Osservatore Romano, Cardeal Quillet, Relatório sobre a Exortação Apostólica Pós-Sinodal da precedente Assembleia Ordinária, Atuação da *Verbum Domini*, 20 out 2012, n.42, p. 18.

²⁸³ L'Osservatore Romano, D. Virgil Berle, bispo de Ordea Mare, Grão-Variano dos Romeno (Romênia), 10 nov 2012, n.45, p.11.

de crescimento na vida eclesial e são meios para fazer ressoar a mensagem do evangelho. Nesse percurso pedagógico, a Igreja propõe novamente uma mistagogia que seja ao mesmo tempo iniciática e permanente.²⁸⁴

4.6.1

A liturgia e a contemplação como pedagogia mistagógica a serviço da nova evangelização

A liturgia sempre é um lugar privilegiado de encontro com o Senhor por meio da ação sacramental da Igreja: “Uma preparação atenta da liturgia e dos demais aspectos da celebração constitui a melhor catequese aos fiéis, por isso, proclamação e cânticos bíblicos devem conduzir-nos a uma participação consciente ativa e frutuosa”²⁸⁵ Uma nova pedagogia de transmissão da fé encontra-se na capacidade de fazer presente os seus valores por meio de uma pedagogia mistagógica. A beleza fascinante e contagiosa do mistério escondido dos ritos e nos símbolos deve manifestar-se com toda a força para que a liturgia seja realmente evangelizadora. “A nova evangelização depende, portanto, em ampla medida, da capacidade de fazer da liturgia a fonte da vida espiritual.”²⁸⁶ A Igreja “evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar” (EG n.24).

Quando olhamos para a grande pirâmide da atividade humana e toda ação evangelizadora da Igreja, devemos atentar para a importância da contemplação como o coroamento de toda a ação humana em prol do Reino de Deus. Um dos conceitos tidos como de fundamental importância para a ação evangelizadora da Igreja em nossos dias, e que foi retomado de modo mais intenso nos últimos anos por parte de alguns padres sinodais, é justamente a atitude contemplativa da Igreja

²⁸⁴ “A iniciação mistagógica (...) significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade duma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa. O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta.” (EG n.166)

²⁸⁵ CONCÍLIO VATICANO II. Sacrosanctum Concilium Constituição, n.14.

²⁸⁶ L’Osservatore Romano, D. Geraldo Lyrio Rocha, arcebispo de Mariana (Brasil), 10 nov 2012, n.45, p.19.

e dos cristãos: “Só de um olhar adorante sobre o mistério de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, só da profundidade de um silêncio que se apresenta como seio que acolhe a única Palavra que salva, pode brotar um testemunho credível para o mundo”²⁸⁷. O compromisso em prol da evangelização encontra sua alegria e sua força na contemplação.²⁸⁸

4.6.2

A renovação da consciência da mistagógica como caminho de transmissão da fé

Quando pensamos na palavra mistagogia, a correlacionamos com a palavra *mysterion*, que denotava a relação dos místicos com os mistérios. Já nos Santos Padres, a palavra mistagogia aparece em sua relação com o mistério dos mistérios cristãos:

(...) toda a vida cristã orientada à escatologia; também os sacramentos; e o que refere a palavra de Deus; toda ação que emerge da vida cristã ou espiritual com suas etapas; o sacerdócio, a vida monástica, o apostolado; a vida cotidiana, a relação com Deus enquanto se realiza por Cristo e no Espírito Santo. Tudo se convertia em mistagogia.²⁸⁹

Ao abordarmos em nossos dias o conceito de mistagogia, nos reportamos também à figura do mistagogo. O mistagogo não é apenas alguém que ensina sobre um caminho, ou aquele que o descreve de modo belo, mas alguém que junto faz o caminho. A figura do mistagogo é aquele que, ao instruir a respeito do caminho, junto aos que estão sendo instruídos, se reconhece peregrino no mesmo mistério de fé. O mistagogo se aventura no caminho com aquele que com ele adentra esta via da busca de uma sempre e progressiva união com Deus. Deste modo, o mistagogo tem a missão de revelar o rosto amoroso do Pai que na sua infinita bondade acolhe seus filhos e os introduz em um caminho de aprofundamento do mistério de fé. Ao mesmo modo, o mistagogo propõe ao catecúmeno, ou àqueles que já receberam o sacramento, perceber o contínuo abraço da igreja que agora

²⁸⁷ L'Osservatore Romano, 3 nov 2012, n.44, p.8.

²⁸⁸ L'Osservatore Romano, Padre Bruno Cadoré, O.P, Mestre Geral dos Padres Pregadores (Dominicanos), 10 nov 2012, n.45, p.16.

²⁸⁹ CHECA, R., Pastoral da Espiritualidade Cristã. Fundamento Teológico, Setores de atuação, orientação mistagógica, p.175.

como mãe e mestra os acolhe e acompanha neste caminho de salvação e santificação.²⁹⁰

Um aspecto importante do viver de modo renovado a dimensão mistagógica é que essa dimensão é aberta a todo o cristão disposto a realizar a aventura de entrar na órbita de Deus e deixar-se seduzir por Ele. Ao pensar no caminho mistagógico como a Igreja dos primeiros séculos a vivenciaram, devemos compreender que iniciar-se mistagógicamente significa dispor-se à experiência do mistério, preparar o encontro, ajudar a que o homem se abra à ação de Deus. São João captou muito bem as palavras de Jesus Cristo e o seu sentido profundo quando descreveu: “Ora, a vida eterna é que eles te conheçam, o único e verdadeiro Deus, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). A mistagogia veio pôr em relevo a experiência espiritual que contém inúmeras verdades, muitas vezes não tão bem integradas na vida. Não se trata apenas de cultura religiosa. São verdades essenciais a respeito de ser ou não ser cristãos.²⁹¹

Uma dimensão insubstituível na vida espiritual é a relevância dos promotores dessa vida espiritual, ou seja, os mistagogos. A tradição espiritual sempre reconheceu a importância de valer-se dos recursos e auxílios que estes promotores podem transmitir no sentido do acolhimento e na vivência da fé por parte das pessoas que desejam avançar na abertura e na busca de aprofundar o mistério de Deus em si. Ao observarmos a tradição da Igreja, encontramos esses promotores da vida espiritual –diretores, mestres, formadores, pregadores de exercícios e retiros, monitores de oração animadores, comunicadores, artistas e todos o que buscam promover a espiritualidade.

Pretendemos, nos capítulos seguintes, apresentar dois grandes testemunhos da promoção da vida espiritual que podem nos auxiliar com preciosa contribuição, seja na experiência mistagógica que viveram, seja na contemplação frutuosa dos mistérios de Deus, seja na experiência que viveram no anúncio explícito do evangelho por meio do seu testemunho e colóquios com aqueles que, no contato com eles, se beneficiavam tanto de sua direção e aconselhamento como de sua amizade espiritual.

²⁹⁰ “Os catecúmenos que, movidos pelo Espírito Santo, solicitam por vontade explícita incorporar-se à Igreja, se unem a ela por este mesmo desejo, e a mãe já os abraça amorosa e solicitamente como filhos.” (LG n.14)

²⁹¹ CHECA, R., Pastoral da Espiritualidade Cristã. Fundamento Teológico, Setores de atuação, orientação mistagógica, p.177.

Santa Teresa conheceu profundamente a importância de eleger um abalizado orientador espiritual. Ela mesma pôde descrever o grande drama que foi ter que apreender a discernir quais são os orientadores que fazem realmente a pessoa progredir no caminho da experiência de Deus e da santidade.²⁹² Para Santa Teresa, é de fundamental importância que a alma avance no caminho da oração e da experiência: “Se a alma não tiver muita experiência, mesmo que os livros explicassem muito, o esforço por entender a si mesma ainda assim seria grande”²⁹³. Ela chega a afirmar que buscou durante vinte anos um bom orientador e, não o encontrando, sentiu-se prejudicada e como que retrocedendo.²⁹⁴

Outra testemunha e mestre da oração, que se dedicou de modo pleno à orientação daqueles que se aventuraram no caminho da oração e por sua vez se tornaram irradiação do evangelho, foi São João da Cruz. Quando entramos em contato com esse santo, experimentamos o seu cuidado com o avanço da pessoa na experiência do mistério de Deus.²⁹⁵ A delicada missão de ser um mistagogo implica não apenas conduzir pelo caminho dos mistérios de Cristo, mas que ele mesmo deseje e faça com o novo discípulo de Cristo esse caminho, empenhe-se nele e busque de tal modo a conformação com Cristo que, avançando nas sendas do Espírito Santo, possa ele mesmo guiar com profundidade o dirigido ao mistério de forma que não se aplique a fazê-lo contentar-se somente em permanecer nos caminhos do princípio e mais comuns:

Deste modo, muitos diretores espirituais prejudicam grandemente muitas almas; como não entendem as vias peculiares do espírito, ordinariamente induzem as almas à perda destas unções de delicados perfumes com que o Espírito Santo as vai unguendo e dispondo para si. Ocupam-se em dirigi-las por outros caminhos mais comuns que eles conhecem por experiência ou por leituras, e que servem apenas para principiantes.²⁹⁶

²⁹² “(...) há poucos, tão raros, que não têm demasiada discrição nesse caso, que penso ser essa, em grande parte, a razão de os principiantes não se elevarem mais depressa a grande perfeição” V 13, 6. As citações do *Livro da Vida* de Santa Teresa de Jesus serão doravante indicadas desse modo: V, capítulo, número.

²⁹³ V 14, 7.

²⁹⁴ V 1, 8.

²⁹⁵ Causa lástima ver muitas almas às quais Deus dá alento e graças para irem adiante e, se quisessem, ter ânimo, que chegam a este estado de perfeição; e ficam paradas, sem progredir, no seu modo de tratar com Deus, não querendo ou não sabendo, por falta de orientação, desapegar-se daqueles princípios”. S. Prólogo 3. As citações do livro *Subida*, de São João da Cruz, serão doravante indicadas desse modo: S, capítulo, número.

²⁹⁶ Ch 3, 31. As citações do livro *Chama Viva de Amor*, de São João da Cruz, serão doravante indicadas desse modo: Ch, capítulo, número.

4.7

O cristão como contemplativo de Deus, do outro e do mundo

Outro sinal de autenticidade da nova evangelização é reconhecer o rosto de Cristo presente também no rosto dos pequeninos e nas fragilidades de nossos irmãos. Colocar-se ao lado de quem está ferido pela vida não é só uma prática de sociabilidade, mas antes de tudo um fato espiritual. Porque no rosto do pobre resplandece o próprio rosto de Cristo: “Tudo o que fizerdes a um dos meus irmãos mais pequeninos é a mim que o fazeis” (Mt 25,40). Aos pobres deve ser reconhecido um lugar privilegiado nas nossas comunidades, um lugar que não exclui ninguém, mas quer ser um reflexo de como Jesus se ligou com eles. A presença dos pobres em nossas comunidades é misteriosamente poderosa: “muda as pessoas mais que um discurso, ensina fidelidade, e faz compreender a fragilidade da vida, pede oração: em síntese, conduz a Cristo”²⁹⁷.

O olhar contemplativo sobre mundo e sobre a cidade é um auxílio precioso para perscrutar o mistério de Deus. A busca pelo mistério de Deus não exclui o interesse pelo mistério do homem em suas diversas relações com o mundo e consigo mesmo:

Precisamos identificar a cidade a partir dum olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam Tateando, de maneira imprecisa e incerta. (EG n.71)

Ao retomarmos a reflexão sobre o olhar contemplativo, não queremos nos evadir de nossas responsabilidades cristãs e temporais, mas queremos justamente dar razões mais profundas que nos motivam a sermos anunciadores do evangelho dentro destas mesmas realidades:

A melhor motivação para se decidir comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta. Por isso, é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários dum bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros. (EG n.264)

²⁹⁷ L' Osservatore Romano, 3 nov 2012, n.44, p.9.

É o olhar contemplativo sobre o mistério e sobre o mundo que nos permite uma aproximação em profundidade da própria realidade. A contemplação deve permear nossas atividades: “A nossa contemplação deve ser universal e incessante”²⁹⁸. A contemplação remonta às origens fontais da evangelização: “Desta contemplação nasce, em toda força interior, a urgência da missão, a necessidade imperiosa de ‘anunciar o que vimos e ouvimos’, a fim de que todos estejam em comunhão com Deus (1 Jo 1, 3)”²⁹⁹.

4.8 Concluindo o capítulo 4

Ao concluirmos a abordagem missiológica e pastoral desenvolvida neste quarto capítulo, em que realizamos e refletimos sobre o conceito de discipulado e missionariedade presente em todo corpo eclesial, e que fora especificado no Documento de Aparecida, posteriormente incorporado ao sínodo de 2012 sobre a nova evangelização e a transmissão da fé cristã, e também contribuído para preciosas reflexões do Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, podemos afirmar que, no sentido fontal do discipulado e da missionariedade na Igreja, todo o cristão tem como tarefa e dom recebido por Deus ser um ícone e uma presença do atuar de Deus no mundo, seja por meio de palavras e, principalmente, de obras, trazendo à visibilidade de nossos contemporâneos a beleza e a vitalidade salvífica da fé. Visibilidade que lança não apenas uma esperança após a morte, mas possibilita um aspecto redentor que comunica sentido para a vida, e uma visibilidade das motivações do Reino que impelem os cristãos a atuar como seu sinal no mundo.

Outra abordagem que aqui acentuamos foi a respeito do que consideramos o coração de todo o impulso missionário por uma “Igreja em saída” em nossos dias, que podemos encontrar no número 24 da *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, que se utiliza de cinco verbos que sintetizam de modo nuclear a proposta de uma missionariedade altamente mistagógica, em que toda a ação da Igreja atua como uma presença centrípeta e centrífuga para dentro do mistério de Deus e da pessoa. Estes verbos são: primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar, festejar. Nesses

²⁹⁸ LEBRET, L. J., Princípios para a ação, p.76.

²⁹⁹ BENTO XVI, Silêncio e Palavra: Caminhos de Evangelização, p.8-9.

acentos encontramos não apenas um programa, mas um modo de ser da Trindade. Descrevem como, na pessoa de Cristo, podemos ver o agir de Deus em meio a seu povo.

Em Cristo, vemos um Deus que primeiramente ao criar a vida humana para colocá-la em comunhão consigo; um Deus que se envolve não a abandonando, mesmo quando esta mesma criação se rebela, mas oferece-lhe novamente salvação, vida e sentido; um Deus que acompanha seus processos e se interessa pelo crescimento e desenvolvimento integral da pessoa e do cosmos: um Deus que atua como seiva que permite frutificar e produzir, na história, recurso de edificação pessoal e mútua; um Deus festeiro que, quando vê o poder da redenção entrando na casa e na vida de seus filhos, salvando-os de uma vida sem sentido e sem horizontes, ao passo que todo desejo, decisão e atitude de buscar deixa-se envolver pelo seu Espírito vivificador, é capaz de colocar os céus em festa. Deus aparece como um Deus da alegria e promotor da vida por reencontrar o que se perde e vivificar o que estava morto – como aparece no evangelho em Lc 15. Toda vez que o Reinado de Deus se dilata no coração da pessoa, e isto se visibiliza em amor, misericórdia e justiça, o céu é posto em festa, se trinca e se rasga, possibilitando, na fenda do coração de Deus, em Cristo aberto na cruz, a ressurreição que repropõe ao ser humano novos recomeços.

A partir deste paradigma apresentado pelo caminhar da Igreja, tendo como referencial a sua ação evangelizadora no mundo, tendo a nova evangelização como um dos mais belos frutos do Concílio Vaticano II, e do conteúdo programático apresentado pelo Papa Francisco, é que fechamos este capítulo, que refletiu a missão e a pastoralidade da Igreja. Neste sentido, destacamos e introduzimos o aspecto da contemplação e os elementos mistagógicos da fé que sempre acompanham o anúncio da fé. Cremos que a mística de Santa Teresa oferece uma redescoberta do aspecto contemplativo da fé, e mesmo o conceito de contemplação no sentido espiritual e existencial, para o tempo atual.

A experiência de Santa Teresa de Jesus possibilita aos cristãos reconhecerem que a experiência da contemplação é um grande bem eclesial para toda a Igreja. Não se busca a contemplação sem que ela tenha profunda incidência na missão e na vida da Igreja, e da humanidade. Quando observamos as motivações fontais do carisma teresiano, encontramos esta marca do carisma

contemplativo apostólico, que vem produzindo preciosos frutos de santificação, seja dentro da família carmelitana, seja na vida de tantos cristãos que, na proximidade dessas fontes da vida espiritual, têm encontrado uma preciosa contribuição para compreender o que significa ser cristão, enquanto resposta ao acolhimento de um dom recebido e como missão a ser realizada. Não de modo solitário, mas dentro de um corpo que, crescendo na valorização das individualidades, convoca a um “nós” maior como sinal de um testemunho da comunidade dos que creem em Cristo, isto é, a Igreja.

4.9

Concluindo a primeira parte

Apresentamos nesta primeira parte do trabalho as dimensões da nova evangelização que consideramos ser importantes em uma abordagem mais ampla, no sentido do conceito e de seus desdobramentos no caminhar da Igreja nas últimas décadas, e que se conectam com a proposta de melhor visualizarmos a sua gênese e o encaminhamento de toda a intencionalidade do trabalho. Observamos e constatamos que o grande evento do Concílio Vaticano II, é uma força identitária e missional da Igreja, e, posteriormente, o ministério petrino assumido pelos papas posteriores ao Concílio Vaticano II deu um grande impulso para recolocar a missão da Igreja em sua ordem de importância frente aos tempos modernos, valendo-se desta nova categoria teológica que veio a ser configurada e descrita como a nova evangelização. Com esta apresentação histórica e teológica de algumas dimensões e estruturas da nova evangelização, queremos agora avançar para a contribuição direta que Santa Teresa de Jesus oferece à nova evangelização através da mística que configurou a sua própria experiência espiritual. O carisma fontal da experiência de Santa Teresa como mãe e fundadora de um novo carisma se estendeu não apenas sobre os filhos do Carmelo, mas a todos os cristãos que encontram nesta via um caminho para alimentar em si o ardor e a dinamicidade em sua relação com Deus, e para com a missão que tem sua fonte na contemplação.³⁰⁰ O que abordaremos, nos próximos capítulos, é justamente como

³⁰⁰ “Há uma forma de oração que nos incentiva particularmente a gastarmo-nos na evangelização e nos motiva a procurar o bem dos outros: é a intercessão. Fixemos, por momentos, o íntimo dum grande evangelizador como São Paulo, para perceber como era a sua oração. Esta estava repleta de seres humanos: ‘Em todas as minhas orações, sempre peço com alegria por todos vós (...), pois

o desabrochar da mística teresiana na Igreja oferece uma inédita possibilidade de potencializar a nova evangelização através da mística apostólica de Santa Teresa, uma vez que a sua vida está marcada em palavras e atos por um transbordamento revitalizador de uma proposta de reforma e renovação interior e eclesial, que também se configura como missão na Igreja nessa sua atual estação evangelizadora para o século XXI.

A mística de Santa Teresa é o instrumento que utilizaremos como objeto formal para esta proposta, e que comunicará, através de seu magistério escrito e oral, elementos para enriquecermos a atual estação missionária da Igreja. As reflexões sobre os escritos e a vida de Santa Teresa de Jesus passarão a ser as lentes que utilizaremos para fazer dilatar o conceito de nova evangelização, com corte teresiano, o que nos possibilitará entrarmos no que chamamos a “alma de toda a evangelização”, ou seja, a experiência de Deus e a vida no Espírito Santo que transborda como promoção integral da existência, da missão da pessoa no serviço de entrega à sublime missão de evangelizar.

2ª Parte

A mística de Santa Teresa: contribuições teológicas para a nova evangelização

Nesta segunda parte da tese, abordaremos o grande legado que Santa Teresa, de modo pertinente, apresenta à Igreja nos dias atuais, através do seu testemunho dentro do contexto histórico em que situa sua vida e sua obra. Pensar sobre a vida dessa doutora da Igreja é justamente se aproximar daquilo que de modo mais contundente habitava seu pensamento – a proposta de que cada pessoa descubra sua grandeza e sua identidade mais profunda a partir da relação com o mistério de Deus. A mística teresiana continua sendo, em nossos dias, esta proposta de conhecer-se e conhecer Deus. Esse conhecimento, em Teresa, não surge precipitadamente, é um conhecimento que parte da Palavra revelada, que é o Verbo da vida. Deus, por meio do seu Verbo, mostrou seu rosto na pessoa de seu Filho Jesus Cristo.

A experiência mística vivida por Santa Teresa de Jesus é sempre um convite a toda Igreja a reviver um despertar de caminhos que possam veicular o mistério de Deus por meio da experiência aos corações dos que creem. A fé, em Teresa, não é apenas uma ideia, mas uma experiência viva. Refletir em nossos dias sobre a importância da mística é recolocá-la dentro de sua missão diaconal no serviço à Igreja e sua missão no mundo, como uma forma de “participação na função profética de Cristo, um serviço à renovação e à edificação da Igreja, é um enriquecimento na compreensão e na transmissão da revelação”³⁰¹.

³⁰¹ PEDROSA-PÁDUA, Santa Teresa de Jesus: mística e humanização, p.25.

5

Convergências históricas e teológicas do pensamento de Santa Teresa de Jesus

Neste quinto capítulo, abordaremos como a mística teresiana se apresenta como um auxílio profético para a atual estação evangelizadora da Igreja. Toda iniciativa de renovação dentro da Igreja somente se demonstrará viável se consolidada dentro de uma autêntica busca de redescobrir e reviver a experiência transformadora da oração dentro de um horizonte pessoal ou comunitário. Sem esta dimensão místico-profética, toda proposta de renovação e reforma dentro da Igreja seria apenas um belo e bem preparado esquema, que posteriormente se transformaria em um documento sem importante incidência na vida dos fiéis. Também sem a abertura ao Espírito Santo, pensar a nova evangelização se tornaria um perseguir nossas próprias ideias, e não um pôr-se à escuta da Palavra de Deus e realizar uma leitura atenta dos sinais dos tempos, buscando crescer como novo evangelizador como um “contemplativo da palavra, e também do povo” (EG n.154).

A Igreja tem, em nossos dias, uma proposta evangelizadora de viver uma nova transformação missionária da Igreja. Neste trabalho, mantemos a atenção às contribuições das experiências vividas por Santa Teresa³⁰², e que nos levam não somente a uma espécie de encanto com sua experiência pessoal, mas a “sentir e ver” a estratégia que Teresa possuía e queria imprimir na vida de suas monjas e, por conseguinte, na de seus leitores na diversidade de seu estado de vida e missão na Igreja e no mundo, Essa estratégia consentia em que eles próprios, pessoal e comunitariamente, deveriam se abrir à multiforme graça de Deus, pois quando esta encontra espaço no coração de cada pessoa não deixa de realizar aquilo pelo qual pensou na criação, redenção e no derramamento do Espírito Santo sobre a humanidade. Busca trazer cada um à fonte de seu chamado e sua convocação para participar do mistério da Trindade-Amor.

³⁰² As experiências místicas vividas por Santa Teresa serão em seu itinerário espiritual como que um método por onde se desenvolve o seu pensar e agir. Neste sentido é importante ao leitor e todo aquele que se aproxima de Teresa e de seus escritos considerar a importante hermenêutica e dinâmica de suas experiências para perceber como ela se move em sua prática e reflexão teológica: “não fará nada que não tenha por experiência”. C prol. 3/ V 18, 8; C 2,7.

Os próximos capítulos apontarão alguns caminhos possíveis da transmissão da fé por meio de vida e doutrina de Santa Teresa de Jesus, e que pode trazer preciosos auxílios à nova evangelização nos tempos atuais (NMI n.33).

5.1

O ambiente religioso, político e social de Santa Teresa

Neste primeiro passo rumo à compreensão de Santa Teresa de Jesus, buscaremos descrever algumas linhas que consideramos ser essenciais para compreendermos o contexto em que Santa Teresa de Jesus vive a sua experiência com Deus. Sua experiência foi vivida no descobrimento do sentido de humanidade situada no contexto em que está inserido o século XVI, isto é, o século de ouro espanhol.

O ambiente cultural em que Santa Teresa transita está repleto de diversas tradições religiosas judias, cristãs e mulçumanas. Em meio a esta diversidade religiosa, se faz perceber uma tensão principalmente entre a Igreja católica e as outras tradições, uma vez que o império espanhol, marcado pela identidade católica, pretende manter a sua hegemonia mesmo diante das graves situações de desigualdades sociais e conflitos culturais. Mesmo entre os católicos existe uma tensão para manter a unidade, e controlar o poder, nos aspectos econômico, religioso, cultural e bélico.

Entre os grandes embates que configuram o cenário da Espanha do século XVI, surgem os movimentos reformistas que propõem acabar com a decadência em que a sociedade e os ambientes eclesiais se encontravam, como bem descreve Don Vicente de la Fuente:

Para o literato espanhol, e sobre o aspecto histórico, possuem os escritos de Santa Teresa não poucos atrativos, ainda prescindindo de seu valor ascético. Consistem estes na narração exata de alguns atos, que, ainda que desse a impressão na opinião de alguns pequenos e isolados, contudo, caracterizam pontualmente as ideias, costumes, gênio, paixões e até a vida privada de nossos antepassados no século XVI (...). Para a história da Igreja da Espanha é uma das mais notáveis e preciosas fontes; necessária é consultá-las para conhecer os costumes do clero secular e regular, tanto em seu estado perfeito como de relaxação.³⁰³

³⁰³ FUENTE, V., Escritos de Santa Teresa, p.7.

Através de um programa de reforma, principalmente espiritual, a Igreja necessitou de bases firmes para suportar o impacto do início do protestantismo, tendo este a sua força justamente na profunda contestação que faziam os que outrora se consideravam “filhos da Igreja” e que, após o movimento de cisão produzido de modo especial por Lutero, tornaram-se os subseqüentes apoiadores deste novo modo de vida eclesial. A partir de outra perspectiva, Teresa orchestra com sua densa amizade com Deus um caminho de reformar da Igreja – não rompendo, mas discernindo na e com a Igreja o que é preciso acentuar e o que é preciso limpar. Principalmente, reforma no que se refere à corrupção interna, assim como a uma visão e abordagem superficiais do mistério da Igreja. Aborda ainda o que se refere ao bem e a promoção espiritual e integral da pessoa humana tendo como base o encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Sem esta experiência pessoal, não se pode manter firme a convicção, e muito menos perseverar em uma evangelização cheia de ardor (EG n.266).

Historicamente, não possuímos nenhum relato que Santa Teresa tenha chegado a conhecer o Rei Carlos V, contudo viveu intensamente a sua época imperial. Ainda que não apareça nos seus escritos nada referente a Carlos V, a Santa esteve bem informada de alguns fatos que sucederam durante o seu reinado, como a convocação do Concílio de Trento (1545-1548 e 1551-1552). Com relação ao reinado de Felipe II (1556-1598), a santa teve uma relação de proximidade e de amizade. Ela lhe suplicou o encorajamento de sua reforma e recorreu a ele quando percebeu a situação em que se encontrava São João da Cruz depois que fora preso no cárcere de Toledo. Outro acontecimento que impacta a vida da Santa foi a tensão entre a Igreja e o protestantismo que avançava pela Espanha, o que a faz reconhecer este como um dos motivos que a moveu para colocar em marcha a reforma do Carmelo e, a partir dele, a consolidação do testemunho cristão.³⁰⁴

No próximo subcapítulo, buscaremos descrever o como o cenário e o ambiente vivido por Santa Teresa vão lhe doando elementos que estarão presentes em sua vida e em suas obras. Esses elementos se compõem por uma cultura marcadamente católica, em que estão em ebulição os diversos interesses de expansão da coroa espanhola. Dentro de um âmbito religioso, encontramos em contrapartida o vislumbre pela vida conventual e monástica, assim como o

³⁰⁴ MAROTO, D. P., *Mi Teresa*, p.47-8.

surgimento de ordens marcadamente contemplativas e apostólicas, como os jesuítas e, posteriormente, o Carmelo reformado por Santa Teresa e São João da Cruz.

5.2

O surgimento da espiritualidade teresiana no palco da história e suas influências

No coração dos acontecimentos do século XIV, vem a nascer Teresa de Cepeda y Ahumada em Ávila, em 1515. Ela faleceu em Alba de Tormes em 1582. Viveu uma infância profundamente marcada por fecunda tensão entre o mundo espiritual e as experiências cotidianas da vida. Alimentava dentro de si o conhecimento da verdade³⁰⁵ e, formada dentro do imaginário próprio de sua época, teve consciência do impacto produzido por uma visão teológica que se apoiava em um discurso que constantemente refletia a tensão entre céu e inferno, salvação ou perdição eterna.³⁰⁶ Em Santa Teresa, a experiência da visão do inferno resultou uma grande graça:

Por isso repito ter sido esta uma das maiores graças que o Senhor me concedeu, pois me trouxe grandes proveitos, tanto para que eu perdesse o temor das tribulações e contradições desta vida como que me esforçasse por padecê-las e dar graças ao Senhor por me ter livrado, como é agora minha convicção, de males tão perpétuos e terríveis.³⁰⁷

Um das características que acompanharam tal graça na vida de Teresa, ela mesma a descreve associando-a à sua missão posteriormente: “Imaginando o que poderia fazer por Deus, pensei que a primeira coisa era seguir o chamamento que sua majestade me fizera para ser religiosa, respeitando a minha regra com a maior perfeição possível”³⁰⁸.

Teresa sempre esteve rodeada por uma numerosa família. Dentre o número de irmãos, somavam-se duas irmãs e nove irmãos. Uma importante consideração que damos aqui a este dado é pelo fato destes irmãos de Santa Teresa estarem engajados com a conquista de novas terras para a Espanha, em que buscavam ampliar a extensão da coroa Espanhola. Quando Teresa percebe que os

³⁰⁵ V 3,5.

³⁰⁶ V 7,22; V 8,7.

³⁰⁷ V 32,4.

³⁰⁸ V 32,9.

empreendimentos abraçados pelos seus irmãos na busca de novos horizontes de conquista implicavam o contato deles com povos de culturas diferentes, e tendo os olhos postos no bem espiritual das almas, já intui a necessidade de que muitos se tornassem batizados e alcançados pela fé cristã, e o Reino de Cristo se estendesse a partir deste propósito “evangelizador”. Entretanto, quando a Santa tem contato com a situação através do Franciscano Alonso de Maldonado, que foi discípulo de Bartolomeu de las Casas, sobre a real intenção que movia os espanhóis a realizarem incursões a estes novos continentes, percebe que acendeu em si uma grande inquietação missionária. Intuiu que o modo como agiam era de fato uma usurpação dos territórios por eles invadidos, atitudes diversas de um propósito verdadeiramente cristão, e que Frei Bartolomeu de las Casas, à semelhança da Santa, já condenava em sua obra *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*.³⁰⁹ Teresa descreve a indignação que a corroía por dentro, ao notar que muitos destes sonhadores e buscadores de riquezas não tinham como principal interesse estender o reinado de Cristo, mas o seu próprio reinado sobre os povos que seriam encontrados por estes colonizadores:

(...) que nos juntemos para procurar sua maior honra e glória e algum proveito das almas. Isto é o que muito me faz sofrer: o considerar quantas se perdem, em particular esses índios, que não me custam pouco. O Senhor lhes dê luz. Por aqui como por lá, há muita desventura. Como ando por tantos lugares e muitas pessoas me falam, não sei muitas vezes o que pensar, senão que somos piores que animais, pois, não entendemos a grande dignidade de nossa alma, rebaixando-a a coisas tão baixas como são as da terra. O Senhor nos dê luz!³¹⁰

As grandes navegações e os grandes desenvolvimentos que envolvem o contexto histórico de Santa Teresa nos trazem um campo de reflexão para sentirmos como ela se coloca dentro destes acontecimentos, exercendo um discernimento espiritual pessoal e familiar. Dentro das possibilidades que tem de

³⁰⁹ Um dos incansáveis autores que buscaram disponibilizar o pensamento de Frei Bartolomeu de las Casas no Brasil é o Frei Carlos Josaphat, O.P. De fato, ter acesso ao pensamento de Las Casas nos possibilita sanar e perceber que a nova evangelização em nossos dias não pode deixar-se enredar por uma apologia fria e impiedosa, mas esta é convocada a se tornar uma resposta testemunhal aos profundos anseios do coração humano, se quer dar a entender o mistério e o amor de Cristo aos nossos contemporâneos, buscando viabilizar a beleza de Deus na beleza moral e espiritual de seus seguidores como descreve Frei Bartolomeu: “Pois, convém que tais sejam os primeiros pregadores da fé e os primeiros homens aos quais os infiéis conheçam que se prezam do nome de cristãos, a saber: mansos, humildes, pacíficos, piedosos, imaculados, nobres, prudentes, irrepreensíveis, para que, ao vê-los, cada um sinta estupor, admire-se e diga: esses homens são de Deus, pois tal é seu comportamento.” FREI BARTOLOMEU DE LAS CASAS, *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, 2005, p.240.

³¹⁰ Carta 25. A Dom Lorenzo de Cepeda em Quito. Toledo, 17 de Janeiro de 1570.

influenciar positivamente os seus próprios irmãos, assim ela o fará. Vamos descrever aqui um pouco daquilo que se percebe dentro do seu contexto familiar um tanto quanto empreendedor, característica que irá influenciar o modo de perceber o relacionamento com Deus como o maior de todos os empreendimentos que se pode realizar na vida.

5.3 Empreendedorismo familiar e o desejo de Teresa de conhecer novos mundos

Ao pensar o empreendedorismo familiar presente na família de Santa Teresa, nos deparamos com alguns pontos que nos levam a considerar as várias facetas e elementos que vão compondo a sua visão contemplativo-apostólica. Ao mesmo tempo em que Teresa aparece no cenário do Carmelo com seu desejo impetuoso dar “dar mil vidas para salvar uma só alma”, a vemos como uma grande admiradora da vida contemplativa, a ponto de descrever e discorrer de modo exaustivo sobre a vida de personagens que lhe eram contemporâneos, acentuando sua vida de recolhimento, solidão e oração, como por exemplo São Pedro de Alcântara.³¹¹

No *Livro da Vida* encontramos o interesse de Santa Teresa, ainda criança, pela literatura, quando ela descrevia os grandes feitos dos santos, os martírios e tantos outros modos que encontravam para gozar Deus na entrega da própria vida. Todo este imaginário heroico descritos nos livros sobre a vida dos santos despertou em Teresa e seus irmãos a decisão de fazer algo para alcançar este mesmo gozo que os bem-aventurados alcançaram em servir Deus. De um modo ou de outro queriam servir Deus ou pelo martírio, ou por uma vida consagrada a Deus, o que os levava a construírem ermidas no quintal de casa.³¹² Podemos

³¹¹ V 27, 16-20.

³¹² V 1, 4-5.

afirmar que estes elementos próprios do ambiente eclesial de Teresa, ou seja, a missão na entrega e no risco de perder a vida por Cristo e a solidão numa vida contemplativa, vão ser para ela o ambiente de solidificação e fortaleza de fundamentos de um novo carisma que surge no seu coração, e que tem como laboratório de iluminação a própria vida familiar.

No caminhar de Teresa e dentro de seu itinerário de conversão pessoal, estes aspectos vão tomando contornos específicos. Na sua pessoa se concretiza uma busca de síntese entre contemplação e apostolado, empreendedorismo e missão. Para melhor descrever esta passagem entre o mundo do imaginário eclesial infantil e os acontecimentos que se deram posteriormente na família de Teresa e na sociedade espanhola de seu tempo, vamos trazer agora um pouco do sucedido na vida de seus irmãos para compreender a dimensão do contexto em que Teresa e sua família vivem e participam das mudanças que vão ocorrendo no horizonte de constantes descobertas, que tinham a Espanha como cenário à época.

Apresentamos o itinerário dos irmãos de Santa Teresa em países que foram chamados, posteriormente, de países de missão³¹³:

- 1) Juan: O mais velho de todos, filho do primeiro matrimônio, que teria combatido na África e na Itália;
- 2) Hernando de Ahumada: esteve no Peru, e depois no Equador, na batalha de Iñaquito como alferes (tenente) e porta-estandarte, na guerra civil entre Virrey Blasco Nuñez Vela e Gonzalo Pizarro; na Colômbia (Pasto), onde chegou a ser “vereador perpétuo e tenente da Suprema Justiça”. A Academia Colombiana de História o reconhece (1992), afirmando que ele jamais explorou os indígenas e nem se enriqueceu com os ofícios burocráticos. Morreu em Pasto em 1565;
- 3) Rodrigo: o querido irmão de Teresa figura entre os “fundadores de Buenos Aires” (Argentina) e Asunção (Paraguai). Passou mais tarde também pelo Uruguai. Combateu na batalha de Iñaquito a favor de Virrey Blasco Nuñez Vela e sobreviveu. Passou pelo Chile e morreu nas mãos de araucanos em 1557.

³¹³ ENE, J.; HUET, E.; MARIE, L., *Le monde est en Feu! Colloquedu Vº centenaire de la Naissance de Thérèse d’Avila*, p. 91-101; MAROTO, D. P., *Mi Teresa*, p.105-17.

- 4) Lorenzo: teve uma aproximação e uma comunicação mais constante com Teresa. Esteve no Peru, depois lutou ao lado de seus irmãos em Iñaquito; em Pasto, Colômbia, foi tenente do governador, alto cargo político e econômico, e tesoureiro das arcas reais. Estabeleceu-se em Quito, posteriormente, onde se casou com Juana Fontes de Espinosa. Enriqueceu com seus cargos, e seu dinheiro ajudou seus irmãos, de modo específico a Santa Teresa na fundação de São José de Ávila, em 1562, e no Carmelo de Sevilha, depois de sua volta à Espanha, em 1575. Sua proximidade com Teresa lhe permitiu aprofundar um caminho na vida interior. Recebeu o apoio de Santa Teresa, fosse no que se referia à direção espiritual, fosse no que dizia respeito ao modo de lidar com o dinheiro e a educação de seus filhos.
- 5) Jerônimo: esteve sempre próximo de Lorenzo. Embarcaram juntos para a América, em 1540, e juntos voltaram em 1575. Morreu no Panamá durante uma viagem de volta à Espanha.
- 6) Pedro: embarcou para a América em 1548, o último dos Cepedas. Esteve no Caribe, na Flórida, mas terminou em Pasto (Colômbia) com seu irmão Hernando, onde chegou a ser vereador por alguns anos. Porém, foi uma pessoa azarada, no sentido econômico, e voltou para a Espanha; melancólico, neurótico, vivia em situações precárias, da caridade feita por seu irmão Lorenzo. Veio a trazer algumas dificuldades entre o filho de Lorenzo Francisco e seu pai, o que trouxe bastante inquietação a Teresa.
- 7) Antônio: embarcou para América depois da morte de seu pai, em 1543, e morreu ferido na batalha de Iñaquito em 1546.
- 8) Agustín: quando chegou à América com seu irmão Antônio foi o mais aventureiro de todos os irmãos e fez com que a Santa se preocupasse enormemente com a sua salvação. Esteve no Peru e no Chile, ocupando cargos de grande responsabilidade, como capitão, vereador, governador, o que lhe proporcionou grandes benefícios econômicos. Recebeu benefícios reais em sua volta à Espanha em 1585. Obteve estes benefícios em Tucumã na Argentina, contudo, durante a viagem, morreu em Lima em 1591.
- 9) Maria e Joana: Maria era irmã mais velha de Teresa, filha do primeiro casamento, e Joana ficou órfã um pouco depois de nascer. As duas foram

casadas e tiveram filhos. Teresa manteve com elas uma íntima amizade, e também se preocupou para que elas fossem cristãs. A morte do pai fez com que elas perdessem muitos credores, mas vieram a ter um auxílio quando iniciaram um pleito de fidalguia³¹⁴ para recuperar a herança de suas mães. Esta situação comovia o coração de Teresa de Ahumada, já monja no mosteiro da Encarnação.

No período de sua adolescência, Teresa viveu um delicado momento em que descobriu a fascinação pelo mundo, percebendo as suas sutilezas, amores, o que é próprio deste período em que a pessoa centrada em si começa a descobrir um universo à sua volta, e as ofertas que este apresenta. Entretanto, Santa Teresa percebe que, mesmo tendo gosto por muitos aspectos deste mundo repleto de contos de cavalaria, em que ela transita e aprende de certo modo, permanece um vazio em si, se o sentido não está em Deus. Foi também um período muito delicado para Teresa. Sua mãe, Dona Beatriz, vem a falecer aos trinta e três anos, em plena adolescência de Teresa, o que fez com que a jovem tomasse a Virgem Maria da caridade como sua mãe a partir desse episódio.

A importância de uma nova evangelização que não seja um projeto de “nova cristandade”, mas uma proposta eclesial com base antropológica, existencial e espiritual, como estilo de vida marcada por uma aliança e uma relação com Jesus Cristo, se faz vital em nossos dias, no contexto do tecido eclesial latino-americano e universal. Poderíamos nos perguntar se seria agora o momento da mística teresiana ser uma proposta para estas culturas, por vezes marcadas por um cristianismo de cristandade já enfraquecido? É possível pensar em uma fé que tenha um rosto mais relacional, que através da experiência de um Deus próximo penetre as diversas dimensões da vida, e não apenas a transmissão de disciplinas e doutrinas, em que faltam autênticos mistagogos para poder tirá-las do papel e introduzi-las num processo pessoal de caminho na busca de Deus.

Um dos questionamentos que colocamos neste trabalho é a reflexão sobre o discernimento apropriado de uma nova evangelização, considerando sua compreensão mais recente através da atual transformação missionária da Igreja

³¹⁴ Historicamente o pleito de fidalguia não era meramente honorífico, mas proporcionava consequências muito favoráveis aos que o possuíam, sendo estes descendentes de judeus conversos. Por exemplo, os que o possuíam não pagavam impostos reais. Ter o prestígio social da honra, ou seja, o direito de ser honrado e estimado pelos outros. O ramo colateral do pai de Santa Teresa possuía muitos judeus conversos, e somente no Pleito de 1544 que Maria e Joana puderam usufruir destes bens deixados por suas mães. MAROTO, D. P., *Mi Teresa*, p.115.

proposta no pontificado de Francisco. Uma importante colaboração pode ser dada através da chave de leitura do testemunho luminoso da mística vivida por Santa Teresa de Jesus (NMI 33), que ajuda a salientar a insubstituível missão evangelizadora da Igreja.

Hoje, faz-se necessário redescobrir Deus como centro e habitante de cada pessoa, em que o caminho para o crescimento pessoal e comunitário passa pelo propósito de empenhar-se em construir pontes que nos aproximem através do amor, ao invés de nos fecharmos atrás de muros que só nos distanciam como pessoas e habitantes da casa comum. Pensemos um pouco, “se o menos, não é mais”, principalmente para uma Igreja que deve dilatar o Reino de Deus no mundo, não será através do exercício de um poder arbitrário, que somente serve para causar várias fraturas na história e nas pessoas, que a Igreja deverá atuar. Ela traz, em si, no germe de amor que possui interiormente, a capacidade de revelar o poder amoroso de Deus, que é capaz de amar “até ao extremo”. Está revestida de um amor, de uma fé e de uma esperança que “nem as torrentes das grandes águas” (Ct 8,7) e tribulações são capazes de apagar o que a Trindade acendeu em seu interior.

Ao levantarmos alguns questionamentos, buscaremos perceber na vida e nas obras de Santa Teresa de Jesus como vão emergir e se desdobrar aspectos interessantes da sua relação com Deus, o que vai marcar todo um caminho tanto trinitário quanto cristológico, antropológico quanto eclesial e tanto missionário quanto pastoral. Começamos esta aproximação e verificação a partir da vida e alguns aspectos de alguns acontecimentos que se sucederam na vida da Santa.

5.4 **Infância e adolescência e a descoberta dos “afetos” da alma**

O período da adolescência de Teresa foi um tempo de descoberta de alguns aspectos da literatura espanhola, seja no sentido espiritual, seja no sentido da literatura secular – que transitava pelas mãos de várias mulheres de seu tempo –, as leituras de cavalaria. Dom Alonso havia adquirido livros sobre a vida cristã, já os livros de cavalaria eram apresentados a Teresa através de sua mãe, Dona Beatriz de Ahumada. As duas liam com voracidade surpreendente, e a própria Teresa chega a afirmar que “era tão extremo o seu embevecimento que se não

possuísse um livro novo não tinha alegria”.³¹⁵ Posteriormente, Teresa, em sua autobiografia, o *Livro da Vida*, reconhece que todo o interesse cultivado pelos romances de cavalaria somente lhe esfriaram a fé, e proporcionaram um cuidado excessivo da aparência e do corpo.

Ao olharmos para a adolescência de Teresa, percebemos que, apesar do seu *mea culpa*, esta linguagem e estilo dos romances de cavalaria marcam de certa forma o seu estilo em alguns escritos. Elementos estes que se percebem quando ela fala da lealdade, do cumprimento das promessas feitas, de viver com firmeza os projetos propostos e de honrar a própria palavra mantendo uma inquebrantável determinação. Apesar de ser uma literatura que tenha despertado em Teresa uma distração na vivência de sua afetividade, ela afirma que, mesmo não tendo pecado mortalmente, colocou em perigo a sua honra, o que fez com que sua família, percebendo a turbulência do momento em que vivia, decidisse levá-la às Agostinianas de Santa Maria das Graças, em Ávila.³¹⁶

Ao conviver com algumas mulheres consagradas e virtuosas, Teresa descobre o dom de uma afetividade positiva e o caminho de conversão quanto a algumas posturas que vinham acontecendo em sua vida. Isso fez com que, de modo maduro, pudesse avaliar quais são as amizades que verdadeiramente permitem as pessoas amadurecerem e internalizarem valores que, de fato, conduzem a um crescimento pessoal e interior. Teresa descobre, através da amizade de uma monja no mosteiro, que a conversação com uma pessoa madura em sua vocação e missão no mundo pode ser um meio para direcionar a existência para uma realização sadia. De modo diverso, a decisão de estar ou de colocar alguém em determinado lugar, mesmo que seja um mosteiro, pode ser profundamente nociva se a pessoa não tiver boas influências, ou, ao menos, o desejo de cultivar relacionamentos que edifiquem:

Se quisessem o meu conselho, os pais que põem as filhas em mosteiros onde elas, em vez de encontrar recursos para seguir o caminho da salvação, correm maiores riscos do que no mundo, fariam melhor, para a própria honra da filha, se as casassem mesmo em condições humildes, ou as mantivessem em casa. Isto é preferível a tê-las nesses mosteiros, a não ser que elas tenham ótimas inclinações.³¹⁷

³¹⁵ V 2,1.

³¹⁶ V 2,6.

³¹⁷ V 7,4.

O caminho de maturação pessoal, a partir de uma rede de relacionamentos com pessoas engajadas pelo Reino, será determinante na decisão de Santa Teresa para a vida religiosa – e em seu próprio caminho. A dimensão espiritual e a dimensão afetiva em Santa Teresa vão como que buscando na relação com Deus uma via de crescimento. Este crescimento humano e espiritual em Teresa encontrou, em alguns momentos, episódios de maior tensão. Essa tensão não diz respeito apenas a uma passagem de idades ou etapas diferentes na vida, mas tensões que a preparavam para um caminho de purificação e união mais profunda com Cristo. Via esta pela qual Teresa receberá de Deus uma clareza mais objetiva para fazer escolhas fontais em sua vida, como a escolha pela vida consagrada.

5.5

Teresa, uma monja: uma decisão maturada em meio às noites escuras

Aos vinte anos, Teresa sai de casa e entra no Mosteiro da Encarnação decidida a viver outra aventura, que era a de ser monja. Apesar de ter admiração e reconhecer o significado da vida consagrada, ainda não sente que sua vocação está consolidada. Justamente porque sendo escassas as possibilidades de crescimento, em sentido geral quanto à vida da mulher no contexto em que Teresa vive, os únicos horizontes reais e que mais se contemplavam eram a família ou o convento.³¹⁸ Teresa vai sofrer momentos de crises dilacerantes, que serão para ela o lugar de sua profunda experiência vocacional. Em Teresa estavam mesclados, até então, o discernimento da vocação e uma preocupação familiar quanto ao seu futuro, e quanto à honra de sua própria família.

As crises, os embates vividos por Teresa e a sua busca de Deus num período praticamente de quarenta anos preparam Teresa para uma experiência que podemos dizer decisiva em sua vida, isto é, a experiência epifânica, com o *Ecce Homo*, Cristo, chagado e flagelado. Ela percebe, ao meditar sobre a paixão do Senhor, o seu amor incomensurável pela humanidade de Cristo. Essa experiência proporciona um olhar para a sua interioridade, o que possibilita enxergar a dilaceração do seu coração diante da sua própria vocação e do propósito de Deus para a sua vida.

³¹⁸ MARTINEZ-BURGO, P., Historia de las mujeres. p.602.

A experiência com o *Ecce Homo* (V 9,1.) faz com que Teresa reconheça o seu chamado carismático no coração da Igreja, que é ser presença permanente de diálogo, adoração e contemplação. Outro fato contribui para que Teresa, no limiar da metade de sua existência terrena, se decida a ser mais do que apenas a Senhora Alhumada vivendo “piedosamente” dentro de um convento, a experiência que pode ser descrita como “visão do inferno.”³¹⁹ Esta experiência singular nos remete ao período que Teresa vai transitar entre as sextas moradas³²⁰, que é “este crisol do amor (...) e um novo modo de sentir e medir os pecados”³²¹, o que leva a questionar: “Sentiu a experiência daqueles homens do antigo testamento que desconheciam o encontro com Ele depois da morte? Ou melhor, quis o Senhor dar-lhe a entender o significado da experiência recolhida no credo: ‘Desceu à mansão dos mortos’?”³²².

O que podemos afirmar com certeza é que este conjunto de experiências interiores sucedeu a descoberta de seu carisma pessoal e comum, no encontro de um novo olhar para o evangelho. Teresa, impulsionada pelo Espírito Santo, vai dar início a um novo estilo de vida carmelitana, tendo como modelo fontal o colégio apostólico.³²³

Viver dentro de um contexto de avanço do protestantismo na Europa, e percebendo a grande decadência na vida consagrada e eclesiástica, foram elementos e provocações históricas que a interpelaram a reagir de modo pessoal e comunitário a estes desafios que despontavam tanto no sentido social, quanto no tecido espiritual da vida cristã de seu tempo.³²⁴ Mediante esses eventos, Santa Teresa vai percebendo a importância da reforma na vida carmelitana, o que a impulsiona a começar a reforma pelo ramo feminino e depois tratar do masculino. Ela não tem projetos estrondosos para suas reformas, mais busca viver sua identidade como consagrada a partir de um novo olhar sobre o evangelho. O que Teresa pretende é viver uma vida mais simples, mais humilde, e, contudo, mais

³¹⁹ V 32,2.

³²⁰ GIL MUÑOZ, T., *La noche oscura en el itinerario espiritual. Interpretación cristológica*, p.56.

³²¹ DICIONÁRIO DE SANTA TERESA DE JESUS, p.183.

³²² CASTRO, S., *El fulgor de la palabra*, p.83.

³²³ SICARI, A. M., *El “Castillo interior” de Santa Teresa de Ávila*, p.66.

³²⁴ Após o Concílio de Trento várias tentativas de reforma se iniciaram na Espanha. A princípio surgiu uma tensão entre a coroa e os superiores gerais que vinham realizar estas reformas, o que fez com que surgisse uma *reforma del Re* frente a *reformatio* de Trento, pois os Reis preferiam que a reforma fosse realizada por superiores eleitos na Espanha. RODRIGUEZ, J. V., *Aspectos Históricos de San Juan de la Cruz*, p.119.

profunda e testemunhal na coerência e autenticidade da vocação a respeito daqueles que se decidiram por amar e seguir Cristo.

O testemunho e a proposta de Teresa não influenciaram somente a si e àqueles que seriam seus filhos no carisma, mas este espírito teresiano de viver a vida carmelitana vai influenciar muitos sacerdotes, leigos e religiosos contemporâneos a ela a buscarem a reforma em suas próprias vidas. Isso acentua os impactos desta amizade que crescia e progredia, entre Jesus e Teresa.

5.5.1

O florescimento da vida com Cristo e o nascimento do carisma teresiano

Ao buscar descrever aqui o carisma teresiano, gostaríamos de fazer algumas observações que consideramos importantes na vida de Santa Teresa. Todo o carisma tem uma origem, possui sua dimensão histórica, em que a pessoa do fundador, buscando viver em Cristo, vai percebendo um chamado específico dentro do seu contexto para viver uma vocação e missão. Deve ser um caminho pelo qual o Espírito Santo continua a consolidar, no espaço e no tempo, a expansão do Reino de Deus no mundo.

Em sua experiência histórica, Teresa vai percebendo que a transcendência de Deus é uma realidade que abre mil possibilidades de maturação e crescimento interior ³²⁵ e relacional – com Deus, consigo e com os outros. Outro elemento que configura o pensar de Santa Teresa é a sua experiência com a verdade. Ela percebe que a vida precisa de um fundamento, de um solo. Não se pode colocar a vida sobre o nada, é preciso que ela seja confrontada com a verdade de Deus e com a verdade de si mesmo. Para isso, é necessário que o convento seja antes de tudo um lugar onde se possa viver este propósito de busca da verdade de Deus e de si. O Carmelo teresiano e a vida consagrada precisam ser o lugar onde se vive autenticamente o espiritual, sem descuidar o que é humano na pessoa.³²⁶ Neste sentido, afirma a Santa: “não era minha intenção impor tanta aspereza no exterior,

³²⁵ Uma preciosa descrição do processo de maturação espiritual e humana de Santa Teresa se pode encontrar nas palavras de São Paulo VI: “é reformadora e fundadora de uma insigne Ordem religiosa, como escritora genial e fecunda, como mestra de vida espiritual, como contemplativa incomparável e incansável alma ativa. Que grandeza única e humana, e que atraente a figura de Santa Teresa de Jesus!” SERRANO ÁLVARES, J. M., Trece documentos papales sobre Santa Teresa de Jesús. PAULO VI, Homilia al proclamar doutora de la Iglesia a Santa Teresa, 27 de setembro de 1970, p.49.

³²⁶ MADRIGAL, S., Renovación y reforma de la Iglesia: una perspectiva histórica. Aula de estudios sobre religión. XXXI Curso de teología, , p.2.

nem que a casa não tivesse rendimentos; eu preferia que houvesse condições de nunca lhe faltar nada”³²⁷.

Por último, o elemento que constitui em Teresa a firme decisão de se abrir à ação de Deus em Cristo para solidificar a própria vida nele é a compreensão que somente Deus é um fundamento firme para a vida. Toda vez que ela procurou colocar ou fundar a sua alegria, o seu tempo, as suas opções em algo que não favorecesse a sua relação com Deus, somente percebia em si grandes inquietações.

Todo autêntico carisma nos coloca na missão de Cristo. Teresa percebe que na sua experiência de Deus em Cristo existe uma atualização da missão do próprio Cristo através do carisma que Ele mesmo suscita em seu coração. Isso permite afirmar que “na vida e doutrina de Santa Teresa, é impossível separar a Teresa contemplativa e mística da Teresa em missão. Oração e missão se exigem e se fecundam”³²⁸

Dentro do carisma que Teresa acolhe do próprio Deus, encontra-se um elemento fundamental que será determinante no avanço do carisma de todo o movimento de renovação e reforma que acontece em sua época. Esse movimento veio a ser chamado de *descalcez*, ou seja, um movimento que interpelava a vida consagrada a “despir-se” de todos os mecanismos de ostentações nas diversas dimensões da vida e buscar a simplicidade abraçada por Cristo. Cristo, no movimento da *descalcez*, será o modelo e convite a uma volta ao frescor do evangelho, lembrando a Igreja de sua permanente necessidade de reforma. Descreveremos um pouco quais serão os impactos deste movimento na vida e na obra da Santa reformadora.

5.5.1.1

A influência do movimento da *descalcez* como projeto reformador em Santa Teresa

Um dos caminhos que Santa Teresa vai abraçar no princípio do seu projeto de reforma é a via da pobreza evangélica. Esse é um tema que se tornou, para ela, um verdadeiro ponto de confronto interior a respeito dos acentos e

³²⁷ Verificamos aqui o desejo da Santa de que as suas fundações fossem ambientes onde se valorizasse a dignidade de cada pessoa e se aprendesse a arte de viver, ou seja, a amizade com Deus através de condições que protegessem esta liberdade de organizar a vida de modo a valorizar a sobriedade. (C 1,1)

³²⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., *Mística e profecia na espiritualidade cristã*, p.775.

direcionamentos que deveria indicar no testemunho de suas primeiras fundações. Para Teresa, a relação que se tem com as rendas é muito importante para perceber como se move a nossa confiança na Providência Divina.

Teresa não tem o propósito de transformar esta questão num problema de consciência, mas sabemos que, neste período, alguns de seus interlocutores irão tratar esse tema com o maior rigor possível. Somente com o avanço de sua obra ela vai adquirindo liberdade interior de trabalhar com os recursos que possui sem ter nestes mesmos recursos uma confiança ilusória. No uso do dinheiro e dos bens é preciso uma permanente cautela para que esse ponto não venha a atrapalhar a vida de oração e o testemunho de sobriedade mediante o seu uso, assim como manter uma justa relação com as pessoas que com os recursos beneficiam essas mesmas fundações.

Viver o voto de pobreza, ou vivê-lo de modo renovado, para Teresa significa ter atenção a todo o comportamento e relação com as coisas, seja no que se refere ao vestir, ao corpo, aos bens e à maneira de falar e conversar, seja na postura que se assume perante a vida, tendo como modelo central a pessoa de Jesus. Teresa encontra na dimensão da pobreza evangélica um modo excelente de viver a descalcez. Esta vai ser a escolha de Teresa, viver a sobriedade na vida, valorizando o sentido positivo da pobreza como caminho de libertação e de liberdade interior e exterior.³²⁹

5.5.1.2

A descalcez como um “partir de Cristo” em Santa Teresa

Um dos pontos que agora pretendemos abordar é justamente a dimensão evangélica nos escritos de Santa Teresa. O que leva Teresa a desejar uma profunda renovação no Carmelo e, deste modo, proporcionar o andamento de uma

³²⁹ Um dos comentários que bem vão precisar o sentido positivo da pobreza e que abre a uma compreensão da interpretação que Santa Teresa faz sobre a descalcez foi bem precisado por Rômulo Quartas: “O Senhorio e a liberdade que provem da pobreza se fundamentam no cultivo de atitudes genuinamente cristãs; a liberdade frente as riquezas: lidar com as coisas como senhores e não debaixo de dependências da cobiça e da idolatria; empregá-las na causa do Reino. Liberdade frente as pessoas: relações de fraternidade, amar sem cultivar dependências. Com respeito à vida, saber que vale tanto quanto se entrega. Com respeito à morte, não temê-la; que importa se morremos: respeito à cruz, não inventá-la nem criar ilusões sobre ela, abraçá-la como um grande presente e oportunidade. Em tudo buscar cumprir a vontade de Deus, descoberta na oração e assumida como grande manifestação do seu amor.” FERMIN, S.; CUARTAS LONDONO, R., Camino de Perfeccion de Santa Teresa de Jesús, p.291.

necessária renovação também de toda Igreja a partir dos evangelhos? Dentro de todo movimento que está acontecendo na Igreja de seu tempo, existe um desejo de renovação que procura recuperar o frescor do evangelho. Teresa percebe o grande perigo de propor somente uma renovação de cunho ascético, fechada em práticas penitenciais. Ela reconhece o “heroísmo” de muitos contemporâneos seus que viveram algumas práticas de mortificação, contudo, em Teresa essas mesmas práticas não encerram o que verdadeiramente é vital para vida cristã. Reconhece a importância, mas não perde de vista o que é essencial, ou seja, realizar a vontade de Deus mediante o exercício autêntico da liberdade interior.

Quando Teresa faz a opção por viver uma vida mais radical, escolhe o caminho da pobreza como meio de manter a sobriedade diante das coisas, das pessoas e de si mesma. A mística teresiana tem como fim a renovação do homem todo, e tem como meta restaurar o diálogo da criatura com o criador, ou seja, estabelecer uma relação filial com Deus. Teresa, sentindo a grande onda de renovação estrutural da Igreja, por importantes iniciativas também realizadas a partir da Espanha, como os novos avanços nos estudos bíblicos, tendo ao seu lado pessoas e diretores espirituais que apontavam para uma leitura profundamente eclesial das Escrituras, percebe que este é um fundamento seguro no qual se pode lançar as bases de uma promissora reforma. O modo de interpretar e viver a descalcez em Santa Teresa possui este acento bíblico indispensável, o que faz com que a sua leitura de Deus seja bíblica, em suas diversas facetas.³³⁰

Ao lermos os escritos de Teresa, percebemos que a Escritura não é apenas um material utilizado para legitimar as suas experiências, mas que ela reproduz na sua escrita aquilo que através da palavra de Deus vivencia em seu interior, pois sabe que não existe palavra que melhor possa fundar a vida de oração do que aquela que sai dos lábios do Salvador (C 21,3). Essas mesmas palavras que impactam o seu coração e a sua mente são palavras que também atuam como fonte de inspiração e modelo de toda a obra que Teresa empreende no Carmelo, e na Igreja.

Quando Santa Teresa pensa em uma nova comunidade e quando isto lhe é sugerido, ela logo busca um discernimento a respeito de quais seriam os modelos que mais se configurariam para um frutuoso empreendimento de sua obra, e o que

³³⁰ FLORES, D. J., Llamados a nos comprometernos, p.68.

vai encontrar são o evangelho e o modelo apostólico. Teresa quer reproduzir este modelo apostólico em pleno século XVI. Ela não está interessada primeiramente na quantidade de religiosas aglomeradas em um mesmo lugar, para ela isto não é sinal de vitalidade e nem mesmo de projeção e boa impressão na sociedade, ou seja, não importa o alto número de religiosas vivendo em um convento. Santa Teresa propõe uma reforma que toca integralmente muitos aspectos da vida consagrada, e o primeiro deles é justamente a necessidade de voltar ao modelo da comunidade de Jesus e seus discípulos.

A intuição de Santa Teresa passa por várias situações difíceis, no princípio. Inicialmente, foram os diversos obstáculos que surgiam até a fundação do primeiro mosteiro, o de São José. Teresa vive como priora do Mosteiro da Encarnação, onde fervilham várias situações. Em todas estas situações, Teresa vai percebendo o modo como Deus vai preparando-a para uma grande obra e, ao mesmo tempo, vai entendendo que tudo isto tem um preço, pois todos os favores de Deus implicam uma entrega maior de sua pessoa a este mistério que a transforma a partir de dentro.

A renovação espiritual e institucional que Teresa vive nos convida a não perdermos a proximidade com aquilo que é o essencial em toda experiência autenticamente cristã, isto é, a dilatação do Reino de Deus na pessoa, na Igreja e no mundo. Teresa, ao partir de Cristo, encontra seu referencial evangélico e vital para a fundação de um novo carisma na Igreja e no Carmelo. O acesso que Teresa tem à palavra de Deus, e a sua compreensão desta mesma palavra, unido à sua experiência de oração, lhe fazem desfrutar um conhecimento de si e de Deus que se transforma em crescimento de amor, e audácia para empreender a missão que o Senhor lhe confiara.

O processo reformador presente em Teresa apresenta um aspecto fundamental que aqui desejamos destacar, que é o seu amor pela Igreja. Ao viver uma aventura na vida de oração, Teresa tem diante de si a grande responsabilidade de contribuir de modo testemunhal para uma fecunda reforma da Igreja. Reforma esta que somente os santos são capazes de realizar. Um aspecto importante da reforma que Teresa desencadeia no pequeno e médio mundo que a cerca no espaço de sua vida, ou seja, sua família religiosa e a cidade, se tornará uma grande referência para alargamento em um mundo maior de possibilidades de renovação

após a sua morte. Santa Teresa de Jesus é proposta como grande modelo de reforma da vida consagrada pela Igreja, posteriormente.

O impacto reformador que tem a vida e a experiência de Santa Teresa não diz apenas respeito a uma reforma feminina da vida consagrada, mesmo que isso seja de fundamental importância. Neste trabalho, queremos destacar a contribuição de Santa Teresa no todo da vida eclesial e social. Hoje, podemos falar da contribuição de Santa Teresa no contexto de uma atual conversão pastoral, de uma transformação missionária da Igreja. Santa Teresa propõe aos pastores da Igreja uma abertura para a reforma de si mesmos, para que sejam instrumentos nas mãos de Deus para que se possa desencadear uma reforma em todo o corpo de Cristo.

O círculo de influência de Santa Teresa conta com diversos nobres, bispos, sacerdotes e leigos, e isto nos leva a crer que, mais do que ser influenciada pelo pensamento deles, ela, com o seu testemunho e com a sua vida cristificada e trinitarizada, suscitava um positivo desejo de renovação espiritual em muitos deles ao ponto de despertar desejos e provocar atitudes de autênticas reformas interiores. Assim, cremos que a mística teresiana continua sendo um veículo importante para se pensar as permanentes reformas estruturais necessárias dentro do tecido eclesial e iluminar a presença dos cristãos na sociedade.

O grande amor de Santa Teresa pela Igreja é como o solo seguro em que a sua mística transita e se consolida. Esse amor à Igreja nasce na experiência que ela vive com aquele que é o esposo da Igreja e esposo de sua alma, o próprio Cristo. Sem esta experiência que abre o coração, os olhos e a mente, o amor pela Igreja poderia ser comparado apenas como um amor a uma ideia, ou a um grupo de pessoas. Esse é um dos elementos importantes nos escritos de Santa Teresa, pois a sua experiência de reforma tem como objetivo principal propor uma restauração de toda pessoa, entretanto, essa reforma somente é possível se ela ocorre dentro deste ambiente eclesial. Aqui se faz outra reflexão que consideramos profundamente importante, que é a de considerar a reforma ou a conversão dos pastores de sua época. Isto tomou muito a atenção de Teresa e podemos dizer que foi uma de suas estratégias principais. A reforma da vida dos pastores contribui para a reforma da vida do rebanho de Cristo. Neste sentido, a mística teresiana é uma mística de renovação que busca restaurar a pessoa, e restaurar tudo a partir e em Cristo.

5.6 Concluindo o capítulo 5

Finalizamos o capítulo quinto tendo apresentado alguns elementos do contexto histórico de Santa Teresa de Jesus e da reforma proposta por ela ao Carmelo e a Igreja. Apresentamos um panorama de sua autobiografia, através de sua obra o *Livro da Vida*, assim como a descrição de sua vida e teologia narradas por alguns teresianistas. Vamos agora abrir o próximo capítulo dando acento no que se refere à sua antropologia teológica, explicitada no livro *Castelo Interior*. Buscaremos extrair do pensamento teresiano elementos que emergem e que se apresentam como dados importantes, e através da chave de leitura da mística pretendemos refletir sobre a dimensão antropoteológica da nova evangelização a partir da experiência vivida e proposta por Santa Teresa.

6

Aspectos antropológicos da mística teresiana e a nova evangelização

A partir de uma aproximação dos escritos de Santa Teresa sobre a vida espiritual, percebemos como ela procurou propor esta renovação e reforma, não apenas destacando a precariedade da condição humana, ferida pelo pecado, mas dando ênfase à grandeza de cada pessoa à luz do projeto de Deus ao criar o ser humano. A partir deste olhar positivo, vamos destacar a visão antropológica de Santa Teresa que acena à nova evangelização uma atenção em abarcar todo o homem e o homem todo, pois o *Castelo Interior*³³¹ é um escrito que foi trabalhado pela Santa num ponto alto de sua maturidade humana e espiritual.

³³¹ Antes de entrar especificamente na descrição que Santa Teresa faz das Moradas vamos descrever de modo sintético algumas imagens e personagens que ela utiliza para descrever a vida que acontece no castelo interior. **O castelo** é a alma com vários aposentos superiores e inferiores, a morada central a moradia do rei-esposo Cristo, estas moradas têm forma concêntrica (1M 1,3; 1M 2,8; 1M 1,1-5; 1M 2, 1-5.) **Os guardas** são os que fazem a ronda do castelo, mas não têm o desejo de conhecer o que se passa no seu interior, e nem quem nele habita (1M 1,5.) **As moradas** e os aposentos são enumerados por sete e possuem a imagem de um palmito por não estarem alinhadas, mas voltadas para o centro (5M 1,5), e na sua raiz bíblica em Jo 14,2. Afirma a Santa que: “gozaremos daquela eternidade onde são as moradas conforme o amor com que temos imitado a vida de nosso bom Jesus (F. 14,5). **A câmara nupcial e o aposento do céu** são a parte de maior familiaridade com o Rei. Pode-se considerar como “um céu na Terra” (C 13,7). **O sol** é Deus que em seu esplendor comunica valor a todas as obras humanas, conduzindo a pessoa a abrir-se a esta luminosidade, sem a qual “as obras ficam sem a luz, sem nenhum valor” (1M 2,5). **A árvore da vida é a água viva** que simboliza a graça de Deus e a fonte de onde transborda a vida de Deus para a vida da alma (1M 2,3). **A porta do castelo** é a oração, é o meio e o acesso pelo qual a pessoa estabelece um relacionamento com Deus (1M 1,7). **Os governantes, mordomos, mestres-salas e criados** são, na descrição de Teresa as potências da alma (vontade, entendimento, memória) e os sentidos. Esta é a vida presente no castelo. A saúde destas potências e sentidos é o que vai proporcionar o triunfo ou a derrota (1M 2,6). **Os vassallos** são os que dão a vida no combate e os que vivem nos aposentos mais baixos são aqueles que ainda não se determinaram a avançar, vivem, por vezes, como cúmplices de algumas situações, passando nelas dias ou anos (4M 3,2). **Os demônios** são uma das realidades mais sutis que buscam gerar danos a união com Deus, combatendo contra a alma (2M 1,5). **Animais peçonhentos, parasitas, serpentes, víboras e bestas** são as paixões e os apetites que sempre se apresentam a alma com sua força de sedução, pois se caracterizam pela sedução que o mundo apresenta. Estes animais se apresentam e se estacionam próximos, quando a pessoa passa por situações em que percebe os maus pensamentos e a aridez com estas formas disformes e peçonhentas que lhes figuram animais e insetos repugnantes (2M 1,5; 2M 1,2; 1M 1,6; 2M 1,2). **As lagartixas** são descritas como os pequenos pensamentos que inquietam a imaginação, e mesmo que os danos não sejam tão graves são molestos pois impedem a liberdade plena da alma, impedindo a pessoa a ver com perfeição a luz que procede do palácio onde o Rei habita (3M 2,7). Os que habitam fora do castelo são os que vivendo distante de Deus se deixam enredar pelo pecado distanciando-se dele que é a fonte da vida e da salvação. Estas pessoas ficam em um estado de amordaçamento, paralisia e cegueira e vão perdendo a consciência de sua altíssima vocação que é a comunhão com Deus (1M 1, 5-6). Por fim descrevemos a imagem das trevas utilizada por Santa Teresa. **Trevas** em Teresa é a situação de pecado em que uma pessoa se encontra, contudo mesmo nesta situação o desejo de Deus é salvar sempre. O modo como Teresa apresenta o castelo interior não é apenas para acentuar a condição

A abordagem antropológica e cristã que surge do pensamento de Santa Teresa de Jesus tem como sua fonte principal a pessoa de Jesus Cristo, e por meio dele o Pai no Espírito Santo. Para Santa Teresa, a contemplação dos mistérios mais sublimes da vida de Cristo não deve nos fazer perder de vista o mistério da encarnação.

Ao deparar-se com a pessoa de Jesus Cristo, o ser humano descobre a sua grandeza, e descobre a beleza de um lindo castelo que habita em sua interioridade.³³² O conceito que Santa Teresa tem da alma humana e da pessoa está presente no início do *Castelo Interior*, quando começa narrando com uma imagem ao que, para ela, a alma é comparada:

Não é pequena lástima e confusão que, por nossa culpa, não nos entendamos a nós mesmos nem saibamos quem somos. Não seria grande ignorância filhas minhas, que se perguntasse a uma pessoa quem é e ela não se conhecesse, não soubesse quem foi seu pai, sua mãe ou a terra em que nasceu? Se isso seria grande insensatez, muito maior, sem comparação, é a nossa quando não procuramos saber quem somos e só nos detemos no corpo. Sabemos que a nossa alma existe apenas por alto, porque assim ouvimos dizer e porque assim nos diz a fé. Mas, poucas vezes consideramos as riquezas existentes nessa alma, seu grande valor, quem nela habita; e, assim, não damos importância a conservar a sua formosura. Todos os cuidados se consomem na grosseria do engaste ou muralha deste castelo, que são os nossos corpos.³³³

A partir desta observação feita por Santa Teresa de Jesus, reconhecemos a grandeza e a beleza da alma, daquilo que somos como pessoas, adentrando em um primeiro nível que é o de buscar conhecer-se a si mesmo. O conhecimento de si sempre foi fundamental dentro da vida espiritual, pois o conhecimento do mistério de Deus implica também uma abertura para conhecer o mistério do homem. Somente com o conhecimento do verbo encarnado é que o homem pode conhecer-se em profundidade.³³⁴

Quando Santa Teresa utiliza a imagem do castelo para descrever a grandeza da interioridade humana, ela pretende descrever o que de mais belo se encontra

humana ferida pelo pecado, mas para dar um acento à beleza daquilo que habita em cada pessoa que é o próprio Deus. Teresa quer tirar os entraves, expulsar os vendilhões, limpar a casa mostrando e fazendo entender que cada ser humano que é preciso plantar e enraizar a vida próxima às águas vivas da vida (1M 2,1). SEVERO, J. T. P. Desenvolvimento humano e espiritual em Teresa de Ávila, p.199-206.

³³² ÁLVAREZ, T., Estudios teresianos I. Biografía e História, p.349.

³³³ 1M 1, 2.

³³⁴ GS 22

dentro de cada pessoa. Afirma a Santa que nossa alma é como um castelo todo de “diamante ou cristal”, e acrescenta que “não é outra coisa a alma do justo senão um paraíso onde Ele disse ter suas delícias”³³⁵. O propósito de Teresa é que o ser humano lance um olhar para a profundidade que existe em seu âmago. Esta busca de reconhecer a própria grandeza encerrada em nosso interior nos faz pensar que dentro do contexto de Santa Teresa circula, por meio de outros escritores não católicos, a apresentação de uma visão semelhante à qual ela expressa, como, por exemplo, a descrição antiga de um florilégio da mística islâmica, e que se encontra publicado no final do século XVI, em *Nawâdir*.³³⁶

Nesta parte do capítulo, pretendemos refletir como a percepção da pessoa humana em *Castelo Interior* contribui com a nova evangelização, tendo em conta que a nova evangelização não é apenas um acontecimento que se dá fora de nós, mas inicialmente na interioridade³³⁷ daqueles que em nossos dias pretendem viver sua missão enquanto discípulos missionários de Jesus Cristo. Acreditamos que, neste livro das Moradas, Teresa apresenta uma antropologia que entendemos como experiencial-existencial e mística, ou seja, a experiência que ela faz do mistério da beleza da alma humana, que, por conseguinte, retrata a profundidade e a integralidade de toda pessoa em Deus e a partir de Deus, possibilita que o ser humano compreenda a sua vocação e a sua convocação frente a este mistério de ser a própria pessoa habitada pela Santíssima Trindade.

³³⁵ 1M1,1. Esta imagem utilizada por Santa Tereza encontra-se também em escritores como Lindolfo de Saxônia em *La vida de Cristo*, Sistema de manutenção de materiais (MHSI), U.P Comillas, 2010.

³³⁶ “Para todo filho de Adão Deus dispôs sete castelos, dentro dos quais ele está, e fora dos quais está satanás latindo como um cachorro. Quando o homem permite que se abra uma brecha em um deles, satanás entra. Convém, vigiar e guardar todo cuidado, praticamente com relação ao primeiro castelo, pois enquanto permanecem intocáveis, e em seus fundamentos não temos o que temer. O primeiro dos castelos é a pura pérola da mortificação dos sentidos da alma sensitiva. Dentro dele existe um castelo de esmeralda, que é a pureza e a sinceridade de intenção. Dentro dele tem um castelo de brilhante pedra, que é o cumprimento dos mandamentos de Deus positivos e negativos. Dentro dele tem um castelo de pedra que é a gratuidade dos benefícios divinos e a conformidade com a sua aprovação divina. Dentro dele tem um castelo de ferro, que é a entrega nas mãos de Deus. Dentro dele tem um castelo de prata que é a fé mística. Dentro dele tem um castelo de ouro, que são outros documentos da literatura espiritual islâmica.” LÓPEZ-BARALT, L., *Teresa de Jesús y El Islam*, p.1.

³³⁶ MARTINEZ, F., *Crer em Jesus Cristo. Vivir en el Cristiano*, p.301-302. ASIN-PALACIOS, M., *El símil de y moradas em La mística islâmica y em Teresa de Jesús*, p. 243-274. A citação se encontra nas páginas 267-268. O ensaio está incluído no livro póstumo de M. Asin-Palacios e editado em 1990, p. 349-350. Uma análise do texto citado se encontra junto a outros documentos da literatura espiritual islâmica – no artigo da Dra. Luce López-Baralt, investigadora em literaturas românicas na Universidade de Harvard y catadrática de literatura espanhola e comparada na Univesidade de Puerto Rico, reportado à nota 306.

³³⁷ PACOT, S., *L'évangélisation*, 1997.

O castelo interior apresenta uma antropologia experiencial, existencial e mística, de como Teresa vai descobrindo e aprendendo a ler através de sua experiência antropológica a dimensão profunda e teológica da pessoa na sua relação com Deus. Abordar este propósito de Teresa é compreender como a Santa descreve um caminho para a vivência de uma espiritualidade integral. Em Teresa se faz presente o conhecimento de si e o conhecimento de Deus.

Dentro do núcleo do pensamento teresiano com relação à sua visão antropológica do ser humano, através de uma síntese do livro *Castelo Interior*, promoveremos uma reflexão acerca do caminho da pessoa ao seu mais profundo centro, onde o Esposo, o Bem maior da alma se encontra. Compreendemos deste modo a humanização de Deus como princípio da divinização do homem: “Ele (Jesus) se fez o que somos nós, nos façamos o que Ele é. Uniu, portanto, as perspectivas pedagógico-educativa, moral-exemplar, jurídico-expiatória e místico-divinizadora da salvação”³³⁸. Teresa fixa seu olhar em Cristo como o homem em plenitude, e busca direcionar o olhar daqueles com quem trata para a grandeza que habita cada pessoa, convidando a este desabrochar do humano e sua dignidade na relação com Deus.

6.1

Primeira morada: o conhecimento de si e o conhecimento de Deus

Um dos pilares do itinerário pelo qual caminha a pessoa na busca de conhecimento de si e do conhecimento de Deus passa certamente pela liberdade que o ser humano possui de abrir-se a um relacionamento progressivo e gradual, que permite a cada pessoa, em sua relação com o mistério de Deus e com o mistério de si mesma, aprofundar gradualmente a compreensão de sua própria dignidade. Isso possibilita apresentar ao homem de hoje qual é a sua grande dignidade, a beleza de sua vocação à comunhão com Deus.³³⁹ Toda a atenção da Santa no ponto quanto à ação do pecado na vida do ser humano tem como fim

³³⁸ MARTINEZ, F., Crer em Jesus Cristo. Vivir en el Cristiano, p. 301-2.

³³⁹ Quando se pensa na grandeza da dignidade humana a Igreja vai buscar como fundamental de apoio a relação com Deus: “A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador.” (GS n.19)

auxiliá-lo nesta atenção a si para não permitir que nada o frustrasse em seu altíssimo chamado de viver a união com Deus.³⁴⁰

Um dos pontos fundamentais a que queremos aqui dar destaque é o conhecimento de si descrito por Santa Teresa. Este conhecimento é a busca de um saber que permite a pessoa descobrir-se na relação com o próprio Deus. A busca do conhecimento próprio já é abertura a um cultivo fundamental da humildade, caminho pelo qual a pessoa trabalha para a “fabricação do seu próprio mel”³⁴¹, significando que ela recolha bem os frutos e os positivos efeitos do seu itinerário de busca do conhecimento de Deus. Santa Teresa, quando descreve a necessidade do conhecimento de Deus, está consciente que este conhecimento nos revela a nós mesmos e se transforma em conhecimento da nossa verdade: “Sua majestade ainda procurava dar-me a entender coisas que eu jamais saberia imaginar para que eu melhor me conhecesse”³⁴².

No trajeto da busca da relação com Deus, o conhecimento de si jamais pode ser negligenciado. Sem ele, tudo pode estar ameaçado, não se avança para dentro da profundidade do que somos sem nos conhecermos. Teresa chega a afirmar que “enquanto estamos na terra não há coisa mais importante que a humildade. (...) é muito bom, é extremamente bom, entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio antes de voar aos outros, porque esse é o caminho”.³⁴³ O caminho do conhecimento de si não é um caminho de temores, de ingênuas atitudes que tentam mascarar à pessoa aquilo que é de fato a sua verdade, e na transparência das relações que estabelece com os outros. O conhecimento de si em Santa Teresa permite dar a conhecer que alguns dos prejuízos que causamos a nós próprios, quando não nos conhecemos, é o de não possibilitar ao nosso “intelecto e vontade se tornarem mais nobres e dispostos a todo bem”.³⁴⁴

Em Santa Teresa de Jesus, toda a guinada renascentista que está se desencadeando em seu tempo, e que possui como princípio colocar o homem no centro de tudo, faz com que, de modo muito sutil, ela questione esta pretensão. Não com relação a reconhecer o ser humano como o coroamento de toda a

³⁴⁰ ÁLVAREZ, T., *Guía al interior del castillo*, p.20.

³⁴¹ 1M 2,8.

³⁴² V 22,11.

³⁴³ 1M 2,9.

³⁴⁴ 1M 2,10.

criação, mas não permitindo que este mesmo ser humano caia no esquecimento de quem é, e qual é o seu centro mais profundo.

Ao descrever o conhecimento de si pela via da humildade, Santa Teresa nos empenha em um esforço por compreender que o seu intento não consiste em promover um temor quanto a possíveis situações que podem ser encontradas no caminho – como a noite do espírito. Ela faz perceber, pela luminosidade das moradas³⁴⁵ presente na interioridade humana, vias de superação para possíveis desesperos, inquietações, perturbações e autodepreciação em prol de uma suposta humildade. O caminho que a humildade deve percorrer no itinerário da vida cristã é o caminho da paz do contentamento, ampliando o coração, tornando a alma capaz de servir Deus.³⁴⁶ Esta compreensão sobre a via da humildade demonstra que “o conhecimento de si, não tem como fim a humilhação e a tristeza da pessoa, mas a humildade de ver-se intensamente amada, ainda que não mereça”³⁴⁷, ou pelo menos carregue este sentimento dentro de si. Todavia, sabemos que a todo ser humano é oferecida a graça misericordiosa de Deus e a possibilidade de recomeçar pelo caminho da humildade.

Reafirmamos a importância do conhecimento de si, ou seja, de um olhar humilde para sua própria verdade como um caminho de conversão. Quando olhamos alguns episódios nas Sagradas Escrituras e para a história da Igreja, nos deparamos com importantes testemunhos de fé, pessoas que viveram e tiveram experiências da descoberta de sua própria missão ao abrir-se ao reconhecimento da grandeza de Deus em sua própria história.

Um dos exemplos bíblicos que temos de busca do conhecimento de si é o apóstolo São Paulo, que, após a experiência com o Ressuscitado no caminho de Damasco, se retira por um tempo para aprofundar o conhecimento de si e o conhecimento de Deus, que o escolheu para ser seu apóstolo.³⁴⁸ O caminho antropológico de avanço na união com Deus, para Teresa, constrói por meio da

³⁴⁵ CASTRO, S., *Teresianum*, v.66 p. 229-57, 2015.

³⁴⁶ C 39,2.

³⁴⁷ SICARI, A. M., *El “Castillo interior” de Santa Teresa de Ávila*, p.91.

³⁴⁸ Um dos fatos que se demonstram de grande interesse na vida de São Paulo foi com relação ao tempo que passou na Arábia, no reino de Nabateo de Aretas IV Filopatrís, na Transjordânia. Muitos comentários são emitidos no sentido de compreender sua ida a este lugar. Um destes comentários afirmam que Paulo retirou-se na solidão para meditar e preparar-se para o seu novo ministério como apóstolo, outros afirmam que Paulo lá se encontrava para uma peregrinação no Sinai onde declararia posteriormente a superação e insuficiência da lei: BROWN, E. et al., *Comentário Bíblico San Jerônimo*. p.555.

humildade uma ponte em direção a Deus. Está é uma via bem conhecida por alguns místicos cristãos: “Conhecer-se, conhecer a Deus! Eis a perfeição do homem. Aqui, toda imensidade, toda perfeição, o bem absoluto.”³⁴⁹ Na grande esteira da franciscanidade, Santa Teresa bebe desta compreensão da via da humildade:

Tu és Santo, Tu és o altíssimo, Tu és o bem, todo bem, o sumo bem. Tu és Amor, Tu és sabedoria. Tu és paciência. Tu és beleza, Tu és segurança, Tu és quietude, Tu és alegria, Tu és esperança, Tu és fortaleza, Tu és toda a nossa doçura. Pois bem, entre estas e outras invocações, ressoa de modo surpreendente a que diz Tu és Humildade.³⁵⁰

Deste conhecimento de si, a pessoa, em sua busca de Deus, pode perceber que, apesar de iniciar por si, muito tem que avançar na superação de si, o que por vezes pode ser uma grande batalha interior. Nesta batalha que agora se trava na interioridade, é mister avançar com perseverança.

6.2

Segundas moradas: combates, suportação e perseverança

Nesta segunda morada, Santa Teresa vai apresentar o caminho que, na relação entre pessoas, se estabelece entre Deus e o ser humano. Na revelação de seu rosto na pessoa de Jesus Cristo, vai adquirir tom de seguimento, que se concretiza na oração de meditação, na prática sacramental, na virtude da perseverança, no amor ao próximo e no desapego a todo o criado.³⁵¹

Nesta morada, a pessoa percebe as primeiras comunicações de Deus, as percepções que tem que Deus está falando através das situações e acontecimentos que se dão em sua existência. Teresa descreve alguns eventos que contribuem para este “abrir-se”, que são os conselhos, as pregações, a leitura espiritual e até mesmo as tribulações que atravessam. Esta morada não é um castelo semelhante aos castelos encantados dos contos, como “um país das maravilhas”³⁵², mas um lugar de luta para que o Reinado de Deus se estabeleça a partir de dentro no coração humano.

³⁴⁹ FOLIGNO, A., *Les libre des visions et instructionis de la Bienheureuse*, p.92.

³⁵⁰ FONTI FRANCESCANE, n.261. (Sicari 93)

³⁵¹ ARRONDO, A., *El Itinerario Espiritual en El Castillo Interior* [2014], p.231.

³⁵² ÁLVAREZ, T., *Guía al interior del castillo*, p.20.

Nestes acontecimentos podemos afirmar que se dá uma primeira percepção de como Deus se comunica com a pessoa.³⁵³ Por outro lado, a alma percebe um autêntico combate que se estabelece em sua interioridade, e Teresa reconhece a necessidade de ter os olhos fixos em Cristo: “Pois, se nunca olhamos para ele, nem consideramos o que lhe devemos e a morte que sofreu por nós, não sei como o poderemos conhecer nem fazer obras em seu serviço”³⁵⁴.

As segundas moradas demandam a decisão do orante, pois este somente caminhará perdido se o desejar, como o filho pródigo que decidiu perder-se.³⁵⁵ A santa descreve a importância de não se deixar vencer citando o exemplo de Gedeão e demonstrando que a alma não deve prostrar-se diante das suas dificuldades, manifestando a valentia que deve ter para avançar nesta morada. Este não é momento da alma desfrutar o maná dos deleites de Deus, mas de perseverar no caminho, do contrário seria um construir sobre a areia.³⁵⁶ A santa reconhece que esta perseverança é um caminhar com Deus, sem ele não é possível avançar, (cf. Jo 15,5) e este avançar demanda “moldar” a própria vontade a de Deus, de modo que, nesta via, “quem mais amoldar a sua vontade à do Senhor mais receberá dele e mais adiantado estará no caminho”³⁵⁷. Manter esta unidade interior entre a vontade de Deus e a vontade da pessoa é fundamental, pois auxilia a avançar na busca e na abertura a esta comunhão com Deus.³⁵⁸

Este caminho de configuração significa abandonar os caminhos que colocam a pessoa em “perigo” (c.f. Eclo 3,27). O perigo, no aspecto salvífico, é viver uma vida sem sentido, pois a “porta para entrar neste castelo é a oração. Ora, pensar que entraremos no céu sem entrar em nós mesmos, conhecendo-nos e considerando a nossa miséria e o que devemos a Deus e pedindo-lhe muitas vezes misericórdia, é desatino”³⁵⁹.

³⁵³ 2M 1,2.

³⁵⁴ 2M 1,11.

³⁵⁵ 2M 1,4; Lc 15, 15-16.

³⁵⁶ 2M 1,7; Mt 2,26.

³⁵⁷ 2M 1,8.

³⁵⁸ Para o teólogo francês Henri de Lubac, mesmo quando o ser humano se distancia desta proximidade com Deus no seu interior permanece uma inquietação e uma ânsia no coração humano que nada pode eliminar: “Sua vontade é a nossa; e se nos rebelamos contra ele, ao preço de rompimento em nosso ser interior, de um desperdício enorme de nós mesmos. Nossa vontade está unida a sua desde os fundamentos da criação. Ele criou o mundo junto conosco (...), quão suave é este pensamento de que nós, nem quando o ofendemos, jamais deixamos completamente de ansiar o que ele ânsia, no santuário mais oculto de nossa alma.” LUBAC, H., *Mística e Mistério Cristiano*, p.106.

³⁵⁹ 2M 1,11.

A Santa termina as segundas moradas com três perguntas: que valor pode ter a fé sem obras? O que valerão estas se não se unirem aos merecimentos de Jesus Cristo, nosso Bem? E quem nos despertará a amar este Senhor?³⁶⁰ Existe uma evolução na compreensão da Santa quanto à vida de oração, seja no sentido de um progredir no seguimento de Cristo, em que o discípulo se reconhece menor que o seu Senhor e reconhece que está num caminho de seguimento (Mt 10,24), seja porque o caminho da oração é um caminho de salvação (Mc 10,17). Por último, esse caminho de seguimento e de salvação de uma existência em si, para uma existência em Deus, e para-os-outros, é somente viabilizado com perseverança e confiança no Senhor. Para Teresa, as nossas obras, precisam ser expressões de nossa fé, e a nossa fé somente pode ser fecunda se faz com que a nossa existência seja o canteiro de obras onde Deus trabalha por primeiro. O que possibilita que a obra seja produto da fé é a relação com Deus. Uma relação que demanda fidelidade para não cair mais – e não andar – em tentação³⁶¹, pois fora do castelo não se encontra segurança e paz.³⁶²

Nesta segunda morada, percebemos como o interesse de Santa Teresa é demonstrar um caminho exodal e de seguimento, em que entrar mais profundamente em si provoca a descoberta na sua grandeza, para poder sair do que, para ela, constitui a sua baixeza. Ao compreender as moradas como um caminho entre “sair e entrar”, Teresa vai interiorizando esta dinâmica por meio de seu contato e escuta da bíblia, compreendendo a alma como um castelo, uma terra santa.³⁶³

6.3

Terceiras moradas: Uma fé que opera pelo amor (GI 5,6)

Podemos afirmar que estas moradas são as moradas da decisão, em que a pessoa decide abandonar todas as máscaras e as mediocridades. Quando Teresa escreve essas moradas, tem diante de seus olhos o jovem a quem Jesus chamou para segui-lo. Esse jovem, chamado o jovem rico (cf Lc 15,11-32) respondeu negativamente ao chamado de Jesus. Teresa traz bem presente em sua mente à

³⁶⁰ 2M 1,11.

³⁶¹ 2M 1,11.

³⁶² 2M 1,4.

³⁶³ CASTRO, S., El fulgor de la Palabra, p.254-5.

figura deste jovem, pois no seu entender o chamado do jovem acontece de modo semelhante ao chamado que Jesus fez aos doze discípulos.³⁶⁴ Essa morada insiste no seguimento de Cristo, a Santa vai mostrando testemunhos como o de São Pedro, que no encontro com Cristo deixa as redes. O encontro com Cristo toca e marca profundamente a existência da pessoa e a engaja em um caminho pelo qual a sua própria existência vai se abrindo para se tornar uma existência eucaristizada – uma existência em que não nos tornamos apenas receptáculos do divino, mas reconhecemos que este encontro nos lança em uma atitude de vida. Essa atitude reflete uma permanente ação de graças por aquilo que Deus está realizando, produz um senso de gratidão a Deus, que por diversas maneiras demonstrou o seu amor e encurtou o caminho entre Ele e o ser humano.

Que podemos fazer por um Deus tão generoso, que morreu por nós, nos criou e nos dá vida? Podemos dar-nos por venturosos de ir amortizando um pouco o que lhe devemos, por nos ter Ele nos servido como nos fez. (...) e ainda lhe pediremos novas graças e consolações?”³⁶⁵

A Santa descreve a necessidade de desprender-se de todas as coisas para seguir a Cristo e dar a vida por Ele. Como exemplo, traz o próprio apóstolo São Tomé, que fez o convite chamando os apóstolos a subir a Judeia com Ele ³⁶⁶, seguindo-o até as extremas consequências que poderiam suceder pelo caminho.

A pessoa nas terceiras moradas começa a avançar para a vivência de uma beleza moral, em que suas palavras, atitudes, modo de vestir, distanciamento de situações de pecado vão se constituindo um estilo com o qual a pessoa se abre em liberdade para uma configuração mais profunda a Cristo, aprendendo a administrar o seu tempo melhor e dando acento importante na oração.³⁶⁷ Nessa morada, a pessoa se determina a jamais consentir pecados, mesmo que sejam veniais, pois tem a firmeza de prosseguir até alcançar a meta, que é estar no aposento do Rei. É preciso entrar sempre no interior, alegrando-se por ser servidores do Senhor, livres de todo e qualquer pensamento que por nossos serviços possamos alcançar a graça de uma maior familiaridade com o Rei. Santa

³⁶⁴ CASTRO SANCHEZ, S., El sorprendente Jesús de Marcos, p.271-80.

³⁶⁵ 3M 1,8.

³⁶⁶ 3M 1,8.

³⁶⁷ 3M 3,5.

Teresa deixa claro que o caminho da meritocracia não é o caminho por onde passam os critérios deste Rei.³⁶⁸

O caminho de restauração e de ordenação da alma é o da humildade de perseverar, permitindo que a pessoa passe por esta via de restauração. Deus cuida de suas imperfeições, feridas e fraquezas da alma de tal modo que a pessoa perceba que a seu tempo “o cirurgião, que é Deus, vira ao seu encontro para restituir sua saúde.”³⁶⁹

Um dos caminhos que proporcionam este crescimento espiritual em santa Teresa é justamente esta prontidão para avançar: “se uma viagem de um lugar para o outro pode ser feita em oito dias, seria bom andar um ano e meio a ventos, neves, chuvas, e percorrendo estradas ruins? Não seria melhor trilhar o caminho de uma vez?”³⁷⁰.

Ao descrever esta prontidão, nos recordamos de Maria que, ao fazer a experiência de ser saudada pelo anjo e sabendo-se mãe do Salvador, abriu-se e determinou-se com prontidão a servir o Verbo de Deus, que se fez presente no mais profundo centro de si mesma. Este movimento de peregrinar ao centro de si para depois missionar em direção ao todo é também um movimento extático, ou seja, que põe o sujeito para fora de si – contudo, para uma culminação de si.

O caminho para avançar e progredir em Santa Teresa não passa pelo excesso de prudência e nem pelos rigores consigo mesmo e para com o próprio corpo, mas pelo fazer o caminho com grande humildade, pois sem ela ficaríamos “a vida inteira no mesmo lugar, em meio a mil sofrimentos e misérias”³⁷¹. Firmar-se naquilo que é essencial permite a pessoa abrir-se ao que realmente a faz progredir. Outra maneira como Deus trabalha na pessoa para fazê-la crescer na fidelidade e no louvor a ele são as graças interiores. Na disposição do coração e na perseverança no conhecimento de Deus, algumas pessoas fazem a experiência de algumas graças interiores que lhe permitem perceber esta familiaridade com Deus – o que pode configurar um sinal de encorajamento no caminho.

Teresa descreve que tendo feito essas experiências, pôde compreender melhor qual era o fim que estas mesmas graças e contentamentos traziam em si,

³⁶⁸ 3M 1,6.

³⁶⁹ 3M 2,6.

³⁷⁰ 3M 2,7.

³⁷¹ 3M 2,8-9.

pois vinham “carregados de amor e apoio, a fim de podermos caminhar sem trabalho e ir crescendo em virtudes e boas obras.”³⁷²

Nestas primeiras, segundas e terceiras moradas do castelo interior, percebemos como Deus foi trabalhando a pessoa através deste processo primeiro, que seria a “noite dos sentidos”, utilizando uma linguagem sanjuanista, em que na purificação da pessoa emerge sua identidade espiritual. Acontece a transição de uma vida centrada em si para uma vida centrada em Deus, é o momento da superação das mediocridades³⁷³, para aprender a amar Deus como ele espera ser amado. A pessoa vive, então, momentos em que se depara com seus limites, fraquezas, miséria, limitações morais e relacionais. Todavia, esta situação possibilita perceber a proximidade de Deus, que vai realizando uma profunda transformação interior. Esta experiência produz na pessoa uma lucidez na forma de uma nova consciência de si mesmo, como chave de interpretação desta noite ou desta aventura por dentro das moradas interiores.³⁷⁴

6.4

Quartas moradas: O abraço amoroso do Pai

É o primeiro passo na vida mística, começa a brotar uma fonte interior, em que a pessoa sai do estado de meditação para o princípio de vida mística. Agora, Deus mesmo toma a iniciativa de conduzir a pessoa. Ao descrever as quartas moradas, Santa Teresa já está praticamente em um percurso avançado de sua busca espiritual. Teresa tem, nesta altura, 39 anos e percebe que possui mais luz e experiência para “saber dizer” as mesmas experiências do que quando as descreveu pela primeira vez, em 1562, ao escrever o *Livro da Vida*. Em 1572 ela já vive o matrimônio espiritual, o que lhe possibilita falar com maior propriedade sobre temas profundos como o das quartas moradas, em que a pessoa já começa a ter oração de quietude e oração de recolhimento. As quartas moradas inauguram algo novo, que diz respeito à preparação dos estados místicos³⁷⁵.

Quando a Santa começa a descrever e a explicar os contentamentos e gostos que a ela vive na oração, apresenta com propriedade singular em que consistem

³⁷² 3M 2,11.

³⁷³ ARRONDO, A., *El Itinerario Espiritual en El Castillo Interior* [2013], p.475.

³⁷⁴ GIL MUÑOZ, T., *Castillo Interior. Hacia La Morada principal atravesando noches*, p.355.

³⁷⁵ TEIXEIRA, F., *Moradas de Santa Teresa*, p.93.

estes contentamentos e gostos. Os gostos “nascem das próprias obras de virtudes que realizamos, constituindo de alguma forma fruto do nosso trabalho.”³⁷⁶ O natural é o ponto de partida para os contentamentos, que ocorrem na oração e terminam em Deus. O natural é um dado antropológico que, para Santa Teresa, consiste numa demarcação referencial por onde acredita que a experiência de Deus passa. Teresa reconhece o dado antropológico como uma espécie de suporte pelo qual a graça de Deus pode encontrar espaço na pessoa que vivencia tais experiências. A santa chega mesmo a citar um importante exemplo:

A herança inesperada de uma grande fortuna, o encontro súbito com uma pessoa muito querida, a realização de um negócio muito importante ou algum feito ilustre que todos reconhecem, ou ainda o ver regressar vivo um marido, irmão ou filho que se julgava morto.³⁷⁷

O contexto das experiências que o ser humano faz na vida tem um grande significado para Santa Teresa, pois vai configurando a imagem de um Deus próximo, presente. Reconhece a beleza das experiências humanas fundamentais e que movem o desejo e a vontade da pessoa na busca de um sentido e de uma forma de crescer naquilo que é específico dos dons naturais de cada um. A partir do humano, Teresa encontra um trampolim para o segundo momento do que ela está tratando, que são os “gostos” na vida de oração. Teresa afirma que os “gostos começam em Deus, e são sentidos pela nossa natureza”³⁷⁸.

Ao comparar os contentamentos, assim como os gostos, Santa Teresa reconhece que existe uma diferença importante. Os contentamentos produzem na pessoa uma tensão espiritual interna, pois ela é profundamente comovida até as lágrimas. Chora por causa da paixão de Cristo e chora por causa de seus próprios pecados.³⁷⁹ Outro elemento importante para ascender, que Santa Teresa destaca, é o afeto: “para ter benefício neste caminho e subir às moradas que desejamos, importante não é pensar muito, mas amar muito”³⁸⁰. Tudo o que deve despertar um maior amor no orante deve ser causa da sua busca, pois “o amor não consiste no gozo que se encontra na oração, mas em contentar Deus, não o ofender, e em pedir o aumento da glória de seu Filho”³⁸¹.

³⁷⁶ 4M 1,4.

³⁷⁷ 4M 1,4.

³⁷⁸ 4M 1,4.

³⁷⁹ 4M 1,6.

³⁸⁰ 4M 1,7.

³⁸¹ 4M 1,7.

Dentro desta experiência que a alma vive, em que as potências estão fixas em Deus e recolhidas nele, a imaginação fica alvoroçada.³⁸² Teresa descreve que jamais se deve descuidar do fato de a pessoa precisa ser instruída no caminho da oração, pois grande mal pode advir quando não possui abertura para melhor compreender o que acontece em seu interior:

(...) e o mal é que, como não pensamos ser preciso mais do que pensar em vós, nem sabemos perguntar aos que tem instrução, nem consideramos que haja necessidade de perguntar. Experimentamos terríveis sofrimentos por não nos entendermos. E chegamos a pensar que é grande culpa o que, longe de ser mau, é bom. Daqui provêm as aflições de muitas pessoas voltadas para a oração, ao menos das que são pouco esclarecidas. Elas se queixam de sofrimentos interiores, tornam-se melancólicas, perdem a saúde e até abandonam a oração por completo, desconhecendo que há um mundo interior em nós.³⁸³

Teresa percebe que nem sempre o modo de compreender os consolos que Deus concede à pessoa na vida de oração se mescla com as nossas paixões.³⁸⁴ Para melhor descrever o que denomina “gostos de Deus”, ela utiliza o conceito de “oração de quietude”. Deste modo ilustra o que está falando e utiliza o exemplo da água. Os contentamentos são como águas trazidas por encanamentos. Aqui trabalha o pensamento, recorrendo à meditação com o auxílio do intelecto. Outra fonte, ou seja, a oração de quietude, a água vem de sua própria nascente, que é Deus. Ao contrário da primeira que trabalha com o entendimento, cansando-se, a segunda fonte “produz esta água com grandíssima paz, quietude e suavidade no mais íntimo de nós mesmos”³⁸⁵.

As experiências que vão se realizando na interioridade da pessoa produzem uma dilatação do coração: *dilatasti cor meum* (cf. Sl 118,32). Esta experiência a descreve Teresa como um acontecimento que produz bens indizíveis na vida de quem a tem.³⁸⁶ Entretanto, essas experiências não devem distrair a pessoa do que é fundamental. Teresa motiva a fixar-se sempre no que é vital na experiência cristã, ou seja, ter uma vida enraizada na vivência dos mandamentos: “(...) Sua majestade não é obrigada a conceder-nos gostos, como o é de dar-nos a glória

³⁸² 4M 1,8.

³⁸³ 4M 1,9.

³⁸⁴ 4M 2,1.

³⁸⁵ 4M 2,3-4.

³⁸⁶ 4M 2,6.

eterna se seguirmos os seus mandamentos. Sem essas graças poderemos salvar-nos, sabendo Ele melhor que nós o que nos convém e quem O ama de verdade”³⁸⁷.

Ao descrever suas experiências de oração, Santa Teresa registra algo que é de singular valor, os efeitos e os frutos dessas experiências na vida da pessoa. O modo como ela apresenta a oração é, de fato, muito simples, sem deixar de ser profundo. Quando fala da oração, tenta ao máximo descomplicar sua compreensão, pois para ela a oração não consiste em ficar às escuras, ou em fechar os olhos, nem em coisa alguma exterior, muito embora nesta morada ela reconheça que involuntariamente se fechem os olhos e se deseje a solidão.³⁸⁸

Ao trabalhar a dimensão espiritual das moradas, dentro de uma chave de leitura antropológica que perpassa toda a obra da Santa, percebemos o interesse que ela possui em descrever como os sentidos e as faculdades interiores da pessoa vivenciam a experiência na oração. Compara essas faculdades a amigos que merecem uma atenção especial para não caminhar na presença de gente estranha. Mas mesmo essas faculdades, quando se descuidam, são capazes de retornar a si quando escutam os assovios suaves do pastor.³⁸⁹ Nestas quartas moradas, não é necessário fazer como o ouriço ou a tartaruga que se escondem dentro de si mesmos, pois aqui o recolhimento é graça de Deus.

Teresa, ao descrever algumas graças que considera obra do Espírito Santo na alma, afirma que nesta experiência das quartas moradas a pessoa coloca-se com humildade na presença deste Deus que sabe o que convém àquele que suplica, pois aqui as obras são mais suaves quando se está nas mãos de Deus, a preocupação não está tanto centrada em si, mas em Deus.³⁹⁰

O último aspecto antropológico e espiritual que destacamos nas quartas moradas é a sua consideração quanto a alguns desequilíbrios no modo de compreender e viver o caminho da oração. Teresa chega a chamar de *pasmaceira*, ou *abobamiento*, certos desfalecimentos exteriores, corporais e interiores. Em algumas situações a Santa considera ser fome, sono e excesso de penitência. E percebe que, ao equilibrar a vida, a própria relação com Deus se torna algo mais saudável no que diz respeito à compreensão que se deve ter dela. Afirma a Santa: “entenda-se bem: quando é coisa verdadeiramente de Deus, embora haja

³⁸⁷ 4M 2,2.9.

³⁸⁸ 4M 3,1.

³⁸⁹ 4M 3,2.

³⁹⁰ 4M 3,5-6.

desfalecimento interior e exterior, a alma não desfalece. Pelo contrário, tem grandes sentimentos ao ver-se perto de Deus”³⁹¹.

Enfim, essas quartas moradas se encerram quase que num tom terapêutico, considerando algumas fragilidades que se notam em algumas pessoas de oração, consagradas ou leigas. Teresa orienta que, para estas pessoas, melhor será que não tenham muitas horas de oração, que durmam bem e comam bem, não ocupem ofícios, e não tenham muito tempo de solidão, caso contrário a sua própria saúde estaria comprometida, devido à demasiada austeridade.³⁹²

6.5

Quintas moradas: A força transfiguradora e unitiva do amor

Aqui começa a acontecer a “união de vontades”. O verme transforma-se pouco a pouco em uma bela borboleta. É Cristo que conduz a alma pela senda do espírito a esta profunda transformação. Santa Teresa demonstra nesta morada que é preciso estar atento a um refinado discernimento espiritual, pois muitos podem ser os enganos para aqueles que adentram esta morada. Faz-se necessário um bom discernimento de modo que a pessoa avance nos caminhos do espírito crendo que são graças pela qual Deus conduz o orante, não permitindo que ele se deixe facilmente paralisar por possíveis dúvidas do caminho.³⁹³

A pessoa, nas quintas moradas, continua cavando os tesouros escondidos de Deus.³⁹⁴ Mais do que um bom ânimo para fazer o caminho, é importante contar com o precioso discernimento dos eruditos, pois:

Porque, ainda que não tenham passado por essas coisas, eles têm um não sei que próprio dos grandes letrados. Como Deus os destina a iluminar a sua Igreja, quando se trata de uma verdade, dá-lhes luz para que a admitam; e se não são dissipados, mas servos de Deus, nunca se espantam com as suas grandezas, pois bem sabem que Ele pode muitíssimo mais. Enfim, quando se trata de coisas não perfeitamente esclarecidas, eles encontram meio de explicá-las por meio de outras já descritas. Através destas, veem que as primeiras são possíveis.³⁹⁵

Por outro lado, toda vez que a Santa lidou com semiletrados encontrou algumas dificuldades, pois no parecer dela: “julgo que tem bem fechada a porta ao

³⁹¹ 4M 3,12-13.

³⁹² 4M 3,13-14.

³⁹³ 5M 1,7.

³⁹⁴ 5M 1,2.

³⁹⁵ 5M 1,7.

recebimento dessas graças aquele que não crê que Deus pode mais. Bem como teve e tem por bem comunicar algumas vezes às suas criaturas”³⁹⁶. A experiência de Deus que a pessoa faz nesta quinta morada é tão intensa que “Deus se fixa a Si mesmo no interior da alma de modo que quando esta volta a si, de nenhuma maneira pode duvidar que esteja em Deus e Deus nela”³⁹⁷. Deus se introduz na pessoa, no centro dela mesma como no livro cântico dos cânticos: “Levou-me o Rei a adega dos vinhos, ou introduziu-me.” (Ct 2,4; 3,2.). A pessoa é introduzida em Deus, e Deus também se introduz nela, no centro da alma.³⁹⁸

Para Santa Teresa, a pessoa é como que vivificada e transfigurada a partir do que ela chama o “calor do Espírito Santo”. Todos os recursos e mediações oferecidos pela Igreja, tais como os sacramentos, as pregações, as boas leituras são como remédios para a pessoa que agora entra em processo de transformação.³⁹⁹ Santa Teresa começa a utilizar a imagem das transformações que ocorrem nos processos em que a lagarta vai se tornando uma bela borboleta:

a lagarta começa a fabricar a seda e edificar a casa onde há de morrer. Eu gostaria de explicar que essa casa é, para nós, Cristo. Creio ter lido ou ouvido em algum lugar que a nossa vida está escondida em Cristo ou em Deus – o que é a mesma coisa – ou que a nossa vida é Cristo. Para o meu propósito, qualquer uma dessas expressões serve.⁴⁰⁰

A experiência que começa a suceder com a pessoa nestas moradas apresenta como que um deslumbramento frente àquilo que acontece na sua interioridade, pois esta alma não tinha consciência e conhecimento profundo de si mesma: “e não sabe como pode merecer tanto bem – de onde ele pode advir”⁴⁰¹. As impressões que começam a ser produzidas na pessoa é que é preciso avançar em sua relação com Deus, pois uma vez que a lagarta vive o processo de transformação começa a se desprender do casulo e cria asas. Partindo de Deus, percebe que “tudo quanto pode fazer por Deus lhe parece pouco, comparado com seus desejos. Não acha muito o que os santos fizeram, uma vez que já entende por experiências como o Senhor ajuda uma alma a ponto de transfigurá-la”⁴⁰².

³⁹⁶ 5M 1,8.

³⁹⁷ 5M 1,9.

³⁹⁸ 5M 1,12.

³⁹⁹ 5M 2,3.

⁴⁰⁰ 5M 2,4; Col 3,3-4.

⁴⁰¹ 5M 2,7.

⁴⁰² 5M 2,8.

A descrição de todas estas experiências que a pessoa vai vivendo neste itinerário de transformação interior tem precisamente um propósito – o benefício da própria pessoa e do benefício de outros. Nas experiências que vive,

fica com esses desejos e virtudes durante todo o tempo em que perdura no bem, ela beneficia outras almas, comunicando-lhes calor a partir de seu próprio calor. E, mesmo depois de perdido esse calor, ainda lhe fica a ânsia de fazer o bem aos outros e o gosto de lhes comunicar os favores concedidos por Deus a quem O ama e serve.⁴⁰³

Para Teresa a união com Deus passa pela união de vontades, e estas não sofrem nenhum impedimento quando é necessário ter atenção para com o próximo. A união que Teresa descreve que almeja é a “união clara e segura”⁴⁰⁴, pois ela tem consciência que mesmo:

Aqueles que evitam ofender o Senhor e abraçam o estado religioso imaginam que tudo está feito. Que engano! Restam algumas lagartas que não se dão a conhecer, até que, como a que roeu a hera de Jonas, acabam por nos roer as virtudes; como o amor-próprio, a estima de si mesmos, o hábito de julgar os outros, ainda que em coisas pequenas, a falta de caridade para com o próximo, a quem não amamos como a nós mesmos. Com isso, vamos nos arrastando e cumprimos a obrigação apenas para evitar o pecado; no entanto, não chegamos nem de longe ao que é necessário para estar inteiramente unidas à vontade de Deus.⁴⁰⁵

Dentro desta perspectiva, compreendemos a visão de Santa Teresa sobre o caminho que cada cristão faz no sentido do seguimento de Cristo. Para ela, a vida de perfeição não se resume apenas em escolher um estado de vida, e acreditar que este estado por si só já possui a garantia de perfeição. O caminho de perfeição é antes de tudo um itinerário, um estar num caminho, um vínculo que se expande e que se dilata na fidelidade e na relação que se estabelece entre a figura do discípulo e a figura do mestre, entre Cristo e cada cristão que na liberdade escolhe perseverar no caminho. Avançar na vida interior é viver a dinâmica de manter-se aberto à graça de tal forma que o discipulado não é apenas algo extático, mas demanda uma abertura permanente para discernir os caminhos do Espírito. É estar sempre apreendendo a seguir e avançar na realização da missão que o próprio Cristo confia a cada um e à comunidade.

⁴⁰³ 5M 1,3.

⁴⁰⁴ 5M 3,5.

⁴⁰⁵ 5M 3,6; Jn 4, 6-7.

No que se refere à união de vontades – humana e de Deus – nas quintas moradas, Santa Teresa dá um acento profundamente humano. Para ela não se trata de buscar o tema desta união, que para ela não consiste em buscar a ferro e fogo a união num sentido apenas vertical, mas importa perceber o entorno das situações, como, por exemplo, a própria família:

Não penseis que a união consista em resignar-me eu à vontade de Deus a ponto de não sentir a morte de meu pai ou de meu irmão. Ou então, ao passar eu por sofrimentos e enfermidades, padecê-los com alegria. É bom fazê-lo, constituindo às vezes discricção; sabedores de que nada podemos fazer, transformamos a necessidade em virtude. Quantas coisas assim faziam os filósofos, ou outras de diferentes espécies, por terem tanta sabedoria! Aqui, só duas coisas nos pede o Senhor: amor a sua Majestade e ao próximo.⁴⁰⁶

A “união de vontades” nos escritos de Teresa remetem ao cume da experiência mística ao amor a Deus e, estendendo suas raízes, no amor às pessoas.⁴⁰⁷ Afirma Teresa: “Se entendêsseis a real importância desta virtude, não teríeis outro anseio na vida!”⁴⁰⁸ A vida no testemunho de uma fé que se revela em amor coloca a experiência mística sobre um patamar seguro, pois uma pessoa que avança na contemplação de Deus torna-se por assim dizer mais perfeita na ação amorosa para com o próximo. Afirma Teresa que Deus quer “obras”:

Se vedes uma enferma a quem podeis dar algum alívio, não vos importeis em perder essa devoção e tende compaixão dela. Se ela sente alguma dor, doa-vos como se sentísseis vós. E, se for necessário, jejuai para que ela coma; não tanto por ela, mas porque sabeis que o vosso Senhor deseja isso. Essa é a verdadeira união com a vontade de Deus. E se virdes uma pessoa ser grandemente louvada, alegrai-vos mais do que se louvassem a Vós.⁴⁰⁹

A busca da união com Deus como compreende Teresa nas quintas moradas aprofunda-se através do noivado espiritual. A pessoa mantém o seu olhar atento ao olhar do esposo, pois sabe que “basta a sua visão para que alma se torne mais digna do enlace, de dar-lhe a sua mão, como dizem.”⁴¹⁰ A linguagem que Santa Teresa utiliza aqui é tomada da comparação do sacramento do matrimônio, pois, nenhuma outra lhe satisfaz no sentido de aproximação daquilo que sucede entre a pessoa e Deus. Este noivado potencializa a pessoa a realizar muitas coisas por

⁴⁰⁶ 5M 5,7.

⁴⁰⁷ 5M 3,9.

⁴⁰⁸ 5M 3,10.

⁴⁰⁹ 5M 3,12.

⁴¹⁰ 5M 4,4.

amor a este esposo. Pois, pela fidelidade desta mesma alma, o que sucede é uma irradiação desse mesmo esposo através de suas ações que resultam em numerosas conversões. Contudo, reconhecer tais graças na vida de muitos santos não autoriza o cristão apenas a fixar-se no maravilhamento de tais acontecimentos apenas, mas a revestir-se da certeza que também, através de sua vida “esse Senhor está disposto a conceder-nos as mesmas graças.”⁴¹¹

A vida com Cristo é um progredir no amor. Teresa interpela: “procuremos avançar. (...) O amor jamais está ocioso, sendo assim, muito mau sinal é não avançar”.⁴¹² As graças, as virtudes com as quais Deus quer confiar a alma não é algo somente para um porvir, mas para Teresa, Deus “recompensa com tanta generosidade já aqui na terra”⁴¹³, a pessoa que se determinou a amá-lo e a servi-lo.

6.6

Sextas moradas: a noite escura da ação apostólica

Nas sextas moradas, Santa Teresa começa a descrever como a pessoa já “ferida” pelo amor do esposo procura ocasiões de estar a sós com ele de “acordo” com a sua condição.⁴¹⁴ Nos comunica aqui à impressão que Santa Teresa ao descrever os acontecimentos daquilo que se realiza na alma nestas moradas, tem claro para si que não apenas as suas monjas irão ter acesso a estes escritos, mas todas as pessoas que de bom grado se propõem a seguir por este caminho. Para a doutora seráfica, trilhar o caminho das profundas experiências de transformações pelas quais o Espírito Santo conduz a pessoa nas suas relações com Deus é um caminho de enfrentamentos, sofrimentos indesejados e situações com as quais a pessoa deverá deparar-se, pois nem sempre tudo é previsível quando se trata deste itinerário pelo qual Deus conduz a pessoa nos caminhos da vida interior.⁴¹⁵

O caminho de transformação interior está repleto de situações que vão como que burilando o modo de vida do discípulo de Cristo. Seja através de sofrimentos exteriores na relação com as pessoas, através das críticas que estas lhe fazem⁴¹⁶, seja através de situações interiores, quando ao buscar nas pessoas que deveriam

⁴¹¹ 5M 4,6.

⁴¹² 5M 4,10.

⁴¹³ 5M 5,4.11.

⁴¹⁴ 6M 1,1.

⁴¹⁵ 6M 1,6.

⁴¹⁶ 6M 1,4.

lhe dar uma adequada instrução, elas por vezes terminam por condenar tais manifestações espirituais, não sabendo bem do que se trata. A estes confessores Santa Teresa denomina-os como confessores temerosos, pois no entender deles as pessoas às quais Deus deveria dar graças deveriam ser como anjos, o que a Santa contradiz: “o que é impossível enquanto se vive no corpo”⁴¹⁷.

A misericórdia é o remédio pelo qual Deus medica a alma em meio a esta tempestade de sofrimentos interiores e exteriores, frente a está batalha perigosa que se enfrentará a partir desta morada.⁴¹⁸ Outro remédio é ocupar-se em obras de caridade e outros ofícios exteriores, esperando na misericórdia de Deus, que nunca falta aos que nela confiam.⁴¹⁹ Os sofrimentos que a pessoa começa a enfrentar não têm como propósito o recuo frente à dor e nem mesmo a desconfiguração da pessoa, mas preparar a alma para fazê-la voar mais alto ainda, e desejar intensamente o noivado espiritual.⁴²⁰ Ao passo em que a pessoa caminha em meio a estas situações de sofrimentos internos e externos, Deus, no mais profundo centro da alma, a fere de maneira saborosa⁴²¹, que a faz desejar “não sarar jamais aquela ferida”⁴²².

A pessoa, qual ovelha, identifica “o silvo penetrante” do pastor no interior de si.⁴²³ Por diversos caminhos esse belo pastor vai despertando e habilitando a alma a viver esta comunhão consigo. O bom pastor vai despertando os sentidos internos da alma para acolher sua proximidade, seja por meio da sua voz, seja por meio de seu toque abrasador,⁴²⁴ perfume tão intenso dando a entender o desejo de colocar a pessoa nesta experiência amorosa e “despertar na alma um saboroso

⁴¹⁷ 6M 1,8.

⁴¹⁸ 6M 1,10.

⁴¹⁹ 6M 1,13.

⁴²⁰ 6M 2,1.

⁴²¹ Ao descrever este modo penoso, contudo saboroso, porque implica uma união maior com Deus, encontramos em São João da Cruz uma precisão do que vive a alma nesta doença de amor: “Mostra-me a tua presença!/ Mata-me a tua vista e formosura;/Olha que esta doença/ De amor jamais se cura,/ a não ser com a presença e a figura”. Comenta o Santo: “Deseja a alma ver-se enfim possuída por este grande Deus cujo amor lhe roubou e feriu o coração; e, não podendo mais suportar, pede determinantemente nesta canção lhe descubra e mostre sua formosura, isto é, sua divina essência, e, para isto, lhe venha dar a morte como sua vista; que a desprenda uma vez do corpo com o qual não o pode ver nem gozar conforme deseja. Representa ao amado a doença e ânsia do coração, em que persevera penando por seu amor, sem poder achar outro remédio a não ser essa gloriosa vista de sua divina essência”. Cântico Espiritual B 11,2.

⁴²² 6M 2,2

⁴²³ 6M 2,3.

⁴²⁴ 6M 2,4.

desejo de fruir Dele, dispondo-a a fazer grandes coisas e louvar muito a Nosso Senhor”⁴²⁵.

Quando se trata da relação da pessoa com Deus, e o modo como Ele comunica sua interioridade, fazendo-a progredir em seu itinerário interior no sentido de refinar o discernimento pessoal quanto à compreensão do que se sucede, deve também a pessoa manter uma atenção interna e externa quanto à forma com que Deus se utiliza para se comunicar. Quando Teresa descreve as “falas da alma”, ela propõe um discernimento para que se possa identificar se essas são de Deus, do maligno ou da própria imaginação.⁴²⁶

Teresa não descarta a possibilidade de Deus falar a uma pessoa através de uma palavra interior, contudo, insiste na discricção, principalmente no que se refere à palavra comunicada a pessoa, e apresenta alguns critérios de discernimento. Se a palavra provém de Deus, não torna a pessoa melhor por si só; se a palavra não se harmoniza com a Sagrada Escritura, “deveis desconsiderar como se tivésseis como que ouvido a voz do demônio, mesmo que seja a voz da própria imaginação considerando uma tentação contra a fé”⁴²⁷. A voz de Deus, por vezes irrompe a obscuridade do intelecto e a aridez interior que uma pessoa possa estar vivendo em meio a uma situação de tribulação⁴²⁸, trazendo paz e grande luz: “Não te aflijas” ou “sou eu, não tenhais medo”, dissipando todo o medo e trazendo consolo à alma.⁴²⁹

Este exercício de escuta e discernimento será uma constante nesta morada. No exercício de atenção interior por meio de discernimento, não apenas a pessoa viverá uma experiência de comunicação de Deus, mas esta mesma comunicação vai produzindo seus efeitos e frutos na própria pessoa:

A purificação se dá mediante o amor; tem como objeto as virtudes teologais e prepara a alma para agir não mais de maneira humana, mas, sim, de maneira divina. Na prática, a pessoa que sofre tal purificação, sem deixar de ser humana,

⁴²⁵ 6M 2,8.

⁴²⁶ 6M 3,4.

⁴²⁷ 6M 3,4.

⁴²⁸ Jairo Gómez Díaz, ao abordar o seguimento de Cristo à luz das sextas moradas de Santa Teresa afirma que “À medida que cresce o amor, cresce a pena interior por sentir a ausência do Amado. (...) O objetivo destas operações de Deus na pessoa é o de purificar e transformar a psique humana para que se aumente os desejos por Deus e se disponha a união divina o desposório espiritual, logo a consumação do matrimônio espiritual.” GÓMEZ DIAZ, J., *Las moradas de Santa Teresa: Teología del seguimento de Cristo*, p.192.

⁴²⁹ 6M 3,5.

torna-se divina. Isso significa que a alma vê as coisas e os fatos e os julga todos com o mesmo olhar de Deus.⁴³⁰

Descrevemos aqui alguns dos efeitos que essas palavras produzem. Iniciam as palavras a dispor a alma a louvar Deus,⁴³¹ o segundo sinal é que essas palavras ficam esculpidas na memória, deixando uma grande certeza, mais do que as palavras de importantes eruditos, e se fosse capaz a alma morreria por aquela verdade que escutou. Outro modo é o despertar, na pessoa, de um desejo de empreendimentos sumamente árduos que visam à maior glória de Deus.⁴³² Por fim, quando a palavra recebida veio de Deus ela se realiza gerando um desejo de permanentes louvores a Deus pela veracidade de suas palavras.⁴³³ Contudo, um importante detalhe que a Santa verifica é que: “tratando-se de assuntos graves, alguma obra a empreender ou negócios de outras pessoas, ela nada deve fazer. Nem lhe passe pela cabeça agir sem opinião de um confessor erudito, prudente e servo de Deus.”⁴³⁴

A importância de um discernimento mais amplo se reveste de fundamental importância em Santa Teresa, seja pelo fato de dar crédito ao que se faz com o apoio de letrados, seja pelo perigo de caminhar sozinho, correndo o risco de encurtar o discernimento e cair em alguns erros doutrinários, e mesmo pelo contexto cultural em que a mulher se encontrava na época de Teresa. Ao descrever nas quintas moradas os autênticos impactos das visões, tanto imaginárias quanto intelectuais, nas almas, a mestra dos espirituais não tem outro propósito senão demonstrar como estas visões, enquanto são autênticas e não fruto da imaginação, são capazes de produzir profundos desejos de entrega e despertam grandes desejos de servir a Deus e à alma: “gostaria de ter mil vidas para empregá-las todas em Deus. Quisera que todas as coisas da terra fossem línguas para louvar o Senhor em seu nome”⁴³⁵.

Para Santa Teresa, o que se refere às graças que Deus concede na oração não se deve ter temeridade, pois quer o Senhor elevar esta alma a um trato de

⁴³⁰ DI BERARDINO, P. P., Itinerário de Santa Teresa de Ávila. Mestra de oração e doutora da Igreja, p. 193.

⁴³¹ 6M 3,6.

⁴³² 6M 3,7.

⁴³³ 6M 3,8.

⁴³⁴ 6M 3,11.

⁴³⁵ 6M 4,15.

amizade mais profundo com Ele por meio do desposório espiritual⁴³⁶. O que é vital e um importante discernimento é saber e perceber em si como Deus atua, e continuamente buscar manter diante dos próprios olhos o conhecimento de si, identificando que todo bem que realizamos é, antes de tudo, iniciativa de Deus: “Nosso Senhor se contenta com que nos conheçamos e procuremos examinar e reexaminar a nossa miséria, vendo que nada possuímos que não tenhamos recebido Dele”⁴³⁷. Estas visões produzem na pessoa grandes lucros, desprendendo o coração da afeição das coisas, “caso estas não possam ser aplicadas ao serviço de tão grande Deus”⁴³⁸.

Teresa descreve aqui a ousada determinação que a alma é revestida na experiência de sua amizade com Deus. Determinação de enfrentar a si e ao mundo para manter sua fidelidade a sua vocação e a missão que Deus lhe confia: “ela não cometeria advertidamente um único pecado venial segundo lhe parece mesmo que a fizessem em pedaços”⁴³⁹. Prossegue a Santa, descrevendo a força transformadora no amor que opera no coração daquele que se decidiu apoiado na graça a levar em frente a missão que Jesus confia a pessoa:

Gostaria de introduzir-se no mundo, a fim de contribuir para que ao menos uma alma louve a Deus. Se se trata de mulher, aflige-se por não poder fazê-lo, já que está presa à sua natureza. Tem grande inveja dos que são livres para alçar a voz e anunciar a todos quem é este grande Deus das Cavalarias.⁴⁴⁰

Esta decisão amorosa que envolve a pessoa e que a desperta a evangelizar é percebida por Teresa como chamamento a dar-se totalmente ao Esposo: “daria mil vidas, se tantas tivessem para que uma única alma, por seu intermédio, vos louvasse um pouquinho mais”⁴⁴¹. Esses desejos, afirma Teresa, não são

⁴³⁶ O conceito de desposório espiritual trabalhado pelo Padre Maximiliano Herraiz Garcia é descrito como um “conhecimento de Deus em profundidade, que enamora e acelera a fidelidade purificadora responsiva do homem, com vista da união total do matrimônio. (...) Ação amorosa violenta que produz uma concentração de todo o ser em Deus. ‘solidão estranha’ de tudo; solidão que ninguém, senão o que ama, pode encher”. GARCIA, M. H., *Oração história de amizade*, p.120. Outro teresianista, o Padre Daniel Pablo Maroto, afirma que “estritamente falando, mais que um grau de oração, o desposório é um nível alcançado pela alma no seu aperfeiçoamento religioso. No sistema teresiano, tanto o desposório como o matrimônio, são formas ou graus de oração”. MAROTO, D. P., *Dinámica de la oración*, p.231.

⁴³⁷ 6M 5,7.

⁴³⁸ 6M 5,10.

⁴³⁹ 6M 6,2.

⁴⁴⁰ 6M 6,3.

⁴⁴¹ 6M 6,4.

passageiros, “mas permanentes e firmes”⁴⁴², impelindo a alma a esforçar-se por adquirir virtudes sólidas.

Uma das interessantes manifestações que a alma experimenta nestes momentos de oração entre as coisas “perturbadoras e saborosas”, segundo Teresa, são certos júbilos e uma oração tão estranha que a própria alma não sabe definir. Apenas percebe que esta graça aumenta o sentido do louvor na pessoa unindo as faculdades, ao mesmo tempo a deixando com liberdade para se entregar a esse gozo, o mesmo fazendo com os sentidos.⁴⁴³ Ao descrever alguns traços desta oração Teresa relata que:

Trata-se de uma felicidade tão grande da alma que ela não desejaria gozá-la a sós, mas comunicá-la a todos, a fim de que a ajudassem a louvar Nosso Senhor. É para isso que se dirige todo ímpeto. Oh! Quantas festas fariam e, se pudesse, quantas demonstrações dariam, para que todos entendessem a sua felicidade! A alma parece ter se encontrado a si mesma e, tal como o pai do filho pródigo, gostaria de convidar a todos a fazer grandes festejos, porque se vê em segurança, ao menos nessa ocasião. E creio que ela tem razão; não podem ser do demônio tanto gozo interior, tanta paz e um contentamento que só suscita louvores a Deus.⁴⁴⁴

Ao falar da manifestação jubilosa, Teresa descreve que a alma se encontra com grande alegria ao ponto da pessoa, às vezes, verbalizar isto em gritos de júbilo como o fazia São Francisco de Assis quando andava pelo campo gritando que era arauto do grande Rei ⁴⁴⁵, ou outros, que se retiravam para o deserto a fim de apregoar os louvores de Deus, e mesmo São Pedro de Alcântara, que era tido por louco pelos que alguma vez o ouviram.⁴⁴⁶ Mesmo que pareça uma loucura para quem não experimenta essa forma de oração, Teresa diz: “Oh! Que boa loucura, irmãs! Oxalá Deus no-la desse a todas!”⁴⁴⁷.

Além de ser uma experiência pessoal, Teresa a descreve também, como algo que acontece comunitariamente:

Eu gostaria, irmãs, que fizésseis isso com frequência, porque quando uma começa, as demais são estimuladas. E em que melhor podeis ocupar a vossa língua, quando estais juntas, do que com os louvores de Deus, já que temos tantos motivos para

⁴⁴² 6M 6,5.

⁴⁴³ 6M 6,10.

⁴⁴⁴ 6M 6,10.

⁴⁴⁵ Legenda Mayor de San Francisco e Santa Clara (Toledo, 1526).

⁴⁴⁶ V 27, 16-20; 30,2-7.

⁴⁴⁷ 6M 6,11.

fazê-lo? Preza a sua majestade dar-nos amiúde essa oração, pois é muito segura e suscita grandes benefícios.⁴⁴⁸

Nesta experiência descrita por Santa Teresa a pessoa a não fica fora de si, e nem permanece como alguém que perdeu o juízo, mas vivencia algo que poderíamos comparar à “sóbria embriaguez de Espírito Santo”⁴⁴⁹, já descrita pelos padres da Igreja, e que fazem referência a uma experiência que os próprios apóstolos viveram no dia de Pentecostes.

6.6.1

A humanidade de Cristo como lugar de encontro e relação com Deus

O caminho das experiências interiores e espirituais que viabilizam um crescimento humano na fé, segundo Santa Teresa, jamais devem se afastar da meditação sobre os mistérios da sacratíssima humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Teresa descreve uma dificuldade de compreender tais pessoas que, após começarem um caminho de oração, afastam-se da meditação sobre coisas corpóreas ou sobre episódios da paixão e vida de Cristo:

Não consigo imaginar o que pensam essas pessoas. Afastar-se de tudo que é corpóreo e viver abrasados de amor são coisas próprias de espíritos angélicos, e não dos que vivemos em um corpo mortal. [...] Que grave engano afastar-se propositalmente de todo o nosso bem e remédio, que é a sacratíssima humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eu não posso crer que o cometam. Mas parecem não se entender a si mesmos, causando mal a si e aos outro.⁴⁵⁰

O imergir-se em realidades “divinas” pode ser um caminho de limitação, quando estas experiências impedem de tomar Cristo como o caminho até ao Pai. Para Teresa, tais pessoas que não se aproximam destes mistérios da humanidade de Cristo se limitam e não entram nas duas últimas moradas, pois ninguém pode chegar ao Pai se não por ele, e “quem me vê, vê o Pai. (Jo 14, 6; 8,12; 14,9)”⁴⁵¹. O

⁴⁴⁸ 6M 6,12-13.

⁴⁴⁹ C 31,3.

⁴⁵⁰ 6M 7,6.

⁴⁵¹ Romulo Cuartas Londoño apresenta a Humanidade sacratíssima de Cristo não apenas como um ponto de partida, mas como um fator culminante em Teresa: “Apesar da invasão e permanência da presença da Trindade é preciso notar que a consumação do matrimônio se consuma com a humanidade santíssima de Cristo!” CUARTAS LONDOÑO, R. Experiencia trinitária de Santa Teresa de Jesús, p.530.

perigo, para Teresa, é que quando o intelecto se vê fragilizado na oração ele não oferece ajuda para inflamar a vontade.⁴⁵²

Um modo de conceituar o que pensa sobre a meditação da sagrada humanidade de Cristo Teresa começa por descrever:

Chamo de meditação o discorrer muito com o intelecto, da seguinte maneira: começamos a pensar na graça que Deus nos concedeu em nos dar o seu único Filho, e não paramos aí, avançamos para os mistérios de toda a sua gloriosa vida. Ou, meditando na oração do horto, o intelecto não se detém até a pregação na cruz. Ou ainda escolhemos uma passagem da Paixão, por exemplo, a prisão e percorremos esse mistério considerando detalhadamente as circunstâncias que nele oferecem para refletir e sentir, como a traição de Judas, a fuga dos apóstolos e tudo o mais. E essa é uma oração muito meritória e admirável.⁴⁵³

Destacamos aqui o acento que Teresa dá não somente ao mistério pascal, mas ao olhar para “toda gloriosa vida de Cristo” como uma realidade pascal, ou seja, a pascalidade da vida de Jesus está presente também em todos os momentos de sua vida terrena, de modo que, ao pensarmos, agora, sobre o mistério pascal, a paixão, morte e ressurreição de Cristo a contemplamos a partir da ótica de todo o conjunto de sua existência. Isso nos leva a afirmar que este mistério pascal constitui a paixão, morte, ressurreição e toda a vida de Jesus Cristo. Olhar para vida de Cristo e abrir-se como Ele o fez, vivendo e cumprindo a vontade do Pai⁴⁵⁴. O ponto central da contemplação de Cristo, em Teresa, é a sua humanidade.⁴⁵⁵

Partindo da humanidade de Cristo, Teresa encontra uma via excelente de missão e de trato com Deus a partir da interioridade. Contemplar o rosto de Cristo em seus vários desdobramentos na vida da Igreja e no que corresponde à sua ação no mundo é significativamente importante. As graças que uma pessoa recebe na oração são como uma alavanca por meio da qual Deus lança a pessoa em desafios sempre novos, e o que a faz viver estas graças não é fruto tão somente do querer da pessoa, mas ação de Deus. Isso independe da santidade da pessoa, mas é um

⁴⁵² 6M 7,7.

⁴⁵³ 6M 7,10.

⁴⁵⁴ Teresa Gil Muñoz, em seu trabalho sobre a noite escura de Santa Teresa, apresenta um importante elemento que a humanidade de Cristo apresenta neste processo que Teresa vive na noite, quando afirma categoricamente que “a humanidade sacratíssima de Cristo é a constelação cristológica da experiência teresiana na noite”. GIL MUÑOZ, T., *La noche oscura de Teresa de Jesús. (aproximación, fenomenológica, teológica e mistagógica)*, p.273.

⁴⁵⁵ Um dos pontos de descontinuidade entre os gregos e Santa Teresa apontado por Secundino Castro é que “os gregos pensavam que toda forma e figura deveriam serem transcendidas, já em Teresa de Jesus a humanidade de Cristo é a fonte da mística”, ou seja, o ponto e o eixo de salvação e encontro com o mistério de Deus. CASTRO SANCHEZ, S. *Jesucristo, plenitude de moradas, o moradas la Revelación una cristofania*, p. 485-513.

ato da liberalidade de Deus de atuar conduzindo cada um por caminhos que Ele reconhece serem os mais frutuosos: “há pessoas santas que nunca souberam o que é receber uma dessas graças, ao passo que existem outras que, tendo-as recebido, não são santas”⁴⁵⁶. Teresa, apesar de acentuar a liberalidade de Deus quanto às graças que concede a alma, ressalta a importância de avançar em direção ao estreitamento desta aliança com o amado. É sobre esta dimensão de progressão no amor que vamos abordar a ação do Espírito Santo na alma a conduzindo à profundidade amorosa das sétimas moradas.

6.7

Sétimas moradas: esponsais e alianças do Amado para com a amada

Ao adentrarmos na descrição das sétimas moradas, queremos aqui fazer uma importante referência de como Santa Teresa indica e apresenta a grandeza do mistério de Deus, que se desvela na grandeza de suas obras, e a importância da relação com Deus como caminho para ser mais fecundo para o Reino no mundo: “Se a grandeza de Deus não tem limites, tampouco o terão suas obras”⁴⁵⁷. Em Teresa, saber que Deus se comunica as criaturas, as pondo na sétima morada, estreitando uma relação que se consuma em matrimônio espiritual é motivo de grande louvor.⁴⁵⁸ Verifica-se aqui uma profunda consciência da grandeza de Deus mediante o que a pessoa testemunha em sua experiência nesta morada:

Introduzida a alma nesta morada, mediante a visão intelectual se lhe mostra, por certa espécie de representação da verdade, a Santíssima mediante visão Trindade - Deus em três pessoas: primeiro lhe vem ao espírito uma inflação que se assemelha a uma nuvem de enorme claridade. Ela vê então nitidamente a distinção das divinas pessoas; por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta serem as três uma substância, um poder, um saber, um só Deus. Dessa maneira, o que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo nem da alma, porque não se trata de visão imaginária. Na sétima morada comunica-se com ela e lhe falam as três Pessoas. Elas lhe dão a entender as palavras do Senhor que estão no evangelho: que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que o ama e segue seus mandamentos.⁴⁵⁹

⁴⁵⁶ 6M 9,16.

⁴⁵⁷ 7M 1,1.

⁴⁵⁸ 7M 1,1-2.

⁴⁵⁹ 7M 1,6.

Nas sétimas moradas se vive uma proximidade, a companhia de uma permanente presença do Senhor.⁴⁶⁰ Causa grande espanto a Santa Teresa perceber a grandeza de Deus em seu mistério, e lhe confere também uma grande fascinação sobre o mistério da pessoa e de suas faculdades. O modo como estas faculdades participam da relação com Deus em sua interioridade:

São tantos e tão delicados os mistérios que existem em nosso interior que seria atrevimento empenhar-me em enumerá-los. No céu os veremos, se o Senhor, por sua misericórdia, nos conceder a graça de levar-nos a esse lugar onde os segredos nos serão revelados.⁴⁶¹

Dentro desta profundidade de intercâmbios entre a pessoa e Deus (*sacrum commercium*), Teresa descreve uma de suas visões, em que após a comunhão escuta tal afirmação: “já era tempo de tomar como seus os interesses divinos, enquanto Ele cuidaria dos interesses dela”⁴⁶². Este episódio da vida de Santa Teresa descreve de modo específico o momento de seu matrimônio espiritual, a partir do instante em que ela começa a viver esta “secreta união que se passa no íntimo da alma”⁴⁶³. Estreita-se a relação com a sagrada humanidade do Senhor, ao passo que acompanha “naquele momento a glória do céu, fazendo de um modo mais infável que em qualquer outra visão ou gosto espiritual”⁴⁶⁴. Deus se apresenta como aquele que dá vida a esta vida, e a toda vida que habita este castelo, através deste seio divino, qual fontes por onde jorram estes “veios divinos”⁴⁶⁵.

A mística em Santa Teresa é profundamente contemplativa e apostólica, pois, para Teresa, ser mergulhada nestes rios caudalosos do amor de Deus interpela a pessoa a universalizar a sua oração tendo como este mesmo fim e ápice a vocação humana, a íntima união com Deus, à semelhança do testemunho deixado por Jesus: “Não rogo só por eles, mas por todos aqueles que também hão de crer em mim.” (Jo 17,21).

A graça de poder testemunhar os benefícios espirituais e humanos que se encerram nestas sétimas moradas não dispensa a pessoa de manter uma importante sobriedade por meio da humildade em tudo quanto toca a sua salvação:

⁴⁶⁰ 7M 1,7-9.

⁴⁶¹ 7M 1,11.

⁴⁶² 7M 2,1; Relação 35.

⁴⁶³ 7M 2,3.

⁴⁶⁴ 7M 2,3.

⁴⁶⁵ 7M 2,6.

Não quero dizer como pode parecer que, chegando a receber de Deus essa graça, a alma esteja segura de sua salvação e de não tornar a cair. Não afirmo tal coisa. E, em qualquer lugar em que me referir a esse assunto (a segurança da alma), entenda-se que ela a possui enquanto a Divina Majestade a mantém em sua mão e ela não O ofende. Pelo menos sei disso com certeza através da pessoa que mencionei; embora se veja neste estado e este permaneça durante anos, ela não se sente segura.⁴⁶⁶

Ao aprofundar-se sobre as grandezas de Deus, a pessoa de modo singular percebe suas próprias misérias, e sente que “um abismo atrai outro abismo” (Sl 42,7), à semelhança do publicano, sente-se indigno de levantar os olhos (Lc 18,13). Estas pessoas desejam servir mais a Deus, mesmo diante de situações onde o sentido da meta se desvela por meio da cruz. Através da humildade, dentro desta busca pessoal de manter uma proximidade da Trindade, cresce não apenas a certeza de que está no caminho certo, mas a decisão de não o abandonar jamais. E mesmo reconhecendo as debilidades de poder se autoafirmar seguro, sabe que em si habita uma certeza de não permitir nenhum pecado mortal que lhe impeça de crescer na amizade com Deus.⁴⁶⁷

O que Teresa pretende com a descrição do castelo interior e com os relatos das graças e dos seus efeitos em sua vida, e a partir da leitura que faz da vida daqueles que conheceu e teve contato por meio da literatura espiritual e da amizade, é justamente buscar perceber que, em tudo isto, o que Deus deseja são obras: “para fazer nascer obras, sempre obras!”⁴⁶⁸ Obrar por Deus é “a verdadeira prova de ser coisa e graça concedida por Deus”⁴⁶⁹, todas essas experiências que se sucedem nestas moradas. O processo de autenticidade que se dá no cristão, é um caminho pelo qual o Espírito Santo trata de “harmonizar as obras com os atos e as palavras”⁴⁷⁰.

Nas sétimas moradas, ao apresentar o seu conceito de ser espiritual, Teresa o define de maneira evangélica, interrogando e respondendo:

Sabeis o que significa ser de fato espiritual? É fazer-se escravo de Deus, marcado com o seu selo, o da cruz. Assim, nos poderá vender como escravos de todo mundo, como ele próprio foi. Com isso não nos injuria, mas nos concede imensa graça. Já lhe entregamos toda nossa liberdade. Se não tiverdes esta determinação,

⁴⁶⁶ 7M 2,9.

⁴⁶⁷ 7M 4,3.

⁴⁶⁸ 7M 4,6.

⁴⁶⁹ 7M 4,7.

⁴⁷⁰ 7M 4,7.

não espereis grande benefício. Porque o fundamento de todo edifício, como eu já disse, é a humildade.⁴⁷¹

Este grande empreendimento de uma vida espiritual fecunda que resulte como que um bem eclesial para tantas vidas é fruto de uma consolidação da própria experiência que se vive de amizade com Deus.⁴⁷² É importante lançar bons fundamentos. Estes fundamentos não se restringem somente a orar e contemplar, mas em buscar virtudes e o seu exercício, pois “quem não cresce diminui”⁴⁷³. Para a doutora seráfica, não existem exemplos mais sublimes de entrega e doação do que a vida dos santos. O que Teresa exalta quando traz a recordação deles é o modo com que a santidade de Deus resplandece por meio da vida deles. Neste sentido, a oração no pensamento teresiano não é um luxo, ou apenas um desfrute do que se pode experimentar de Deus quando a pessoa goza de sua presença, por vezes, de modo sensível, mas uma verdade que nos fixa em direção a um alvo a ser atingido: “Apreciemos a oração, ocupemo-nos dela, não para deleitar, mas para ter essas forças para servir”⁴⁷⁴.

Um dos antigos caminhos pelos quais a Igreja sempre procurou refletir foi sobre esta justa harmonização entre contemplação e apostolado. Sempre houve uma tensão entre o acento que se deve dar a uma ou a outra. Utilizando-se de uma figura bem conhecida na tradição da espiritualidade cristã, que é a figura das duas irmãs Marta e Maria, Santa Teresa começa a encerrar de modo magistral sua compreensão sobre as sétimas moradas, apresentando uma abordagem de proximidade e de integração entre estas duas dimensões, dizendo que devem convergir como “Marta e Maria devem andar juntas”⁴⁷⁵. Para Teresa, o fato de Maria ter escolhido a “melhor parte”, implica toda uma busca e não apenas uma

⁴⁷¹ 7M 4,8.

⁴⁷² No pensamento do teresianista Padre Antonio Mass, o “crucificado abarca também os crucificados do mundo. O verdadeiro amante e servidor de Jesus Cristo compreende que seu itinerário acontece a serviço dos sofredores do mundo, cooperando com Cristo. (...) Proponho definir a cristologia das moradas como uma ‘escatologia realizada ativa’ de tipo joânico, onde cruz e ressurreição mantêm relação dialética eterna”. ARRONDO, Antonio Mass, *El itinerario espiritual en el Castillo Interior*, p. 465-484. Na esteira da mesma contribuição e colaboração teresiana para com o crucificado, afirma o Padre Secundino Castro: “Toda sua obra tem um caráter apostólico e compreende expressamente sua espiritualidade como um forma de ajuda ao crucificado. Assim, explica nas moradas o sentido de todas as graças recebidas. (7M 4,4). CASTRO SÁNCHEZ, S., *La mística de Teresa de Jesús*, p.258.

⁴⁷³ 7M 4,10.

⁴⁷⁴ 7M 4,12.

⁴⁷⁵ 7M 4,12.

circunstância específica (Lc 10,42;7,37-38), afirmando que “ela não estava sempre com deleite de contemplação aos pés do Senhor”⁴⁷⁶.

Dentro de seu contexto histórico, e dentro de uma demarcação um tanto quanto delimitada do papel da mulher na Igreja e no mundo, Santa Teresa tenta expandir esta visão, pois algumas consagradas julgavam-se inúteis para contribuir na salvação de seus contemporâneos. Percebe que devia ajudar as mulheres a darem atenção às “coisas viáveis e possíveis” que poderiam realizar, tais como a prática da humildade, a mortificação, o serviço eclesial⁴⁷⁷, por meio de uma intensa caridade movida pelo amor que se tem a Deus, e conclui que “sua Majestade entenderá que faríeis muito mais e vos recompensará como tivésseis levado muitas almas a ele”⁴⁷⁸. A Santa conecta o sentido das obras não apenas a uma dimensão soteriológica pessoal, mas à ação missionária das obras ligada a uma soteriologia mais ampla da Igreja, tendo sempre diante dos olhos a “salvação das almas, que deve ser sempre a lei suprema na Igreja”⁴⁷⁹.

A grandeza do amor em Teresa não consiste somente em realizar algo, ou mesmo na tarefa evangelizadora da Igreja, mas no testemunho que se oferece ao mundo, na intensidade de amor com que toda a pessoa está empenhada nesta transformação pessoal e comum através da abertura a este grande amor de Deus, que por sua vez nos interpela a servir. Não se pode desconsiderar a renovação do todo sem a renovação da parte, desejar uma mudança global se não considerar a pessoal: “tantos melhores forem, tanto mais agradáveis ao Senhor serão seus louvores e tanto mais a sua oração beneficiará as almas que lhes estão próximas”⁴⁸⁰. Completa com outra verdade, dizendo que “o Senhor não olha tanto a grandeza das obras quanto o amor com que as realizamos”⁴⁸¹.

Santa Teresa tem em si uma clareza quanto à percepção da universalidade dos benefícios que resultam do testemunho cristão no mundo. Cada cristão, ao descobrir em sua vida quais são as interpelações do Espírito Santo no sentido pessoal e comum, melhor perceberá como ser um sinal escatológico e histórico do Reino de Deus no mundo. Para Teresa, o caminho da oração é um caminho de transfiguração, que cada pessoa percorre por meio da oferta do dom de si a Deus,

⁴⁷⁶ 7M 4,13.

⁴⁷⁷ ÁLVAREZ, T., 100 Fichas sobre Santa Teresa de Jesús, p. 181.

⁴⁷⁸ 7M 4,14.

⁴⁷⁹ CIC 1752.

⁴⁸⁰ 7M 4,15.

⁴⁸¹ 7M 4,15.

que a introduz em um caminho de busca de sua autêntica liberdade interior. Esse é um tema caro a ela, e um dos que mais explicita sua mística apostólica, em que cada alma deve redescobrir na liberalidade da grandeza do amor de Deus sinalizada neste castelo interior que a pessoa traz dentro de si, podendo entrar e passear nele a qualquer hora. Este movimento para Deus transborda como movimento em direção aos que Ele ama:

A oração é força de e para o serviço. O serviço é a medida da oração. O que autentica e o que expressa. É por isso que Teresa anota, na sua vida e na sua palavra, que a máxima expansão da oração é a máxima presença de serviço, a máxima conversão ao amor, amor ao homem, que passa a ser não só dominante, mas determinante da vida do orante. O querer “estar com Deus e querer gozar da sua presença sem as limitações que impõe a corporalidade passa a ser suplantado pelo querer estar com e ao lado do homem para o servir.⁴⁸²

A vida com Deus, para Teresa, é união e proximidade de amor.⁴⁸³ A partir deste acesso e proximidade com o Senhor, que nos propõe a antropologia teresiana na obra Castelo Interior, buscaremos perceber como esta visão de pessoa que cultiva Teresa é um caminho que aponta para uma culminância da experiência pneumática e cristológica de plenitude na consumação do matrimônio espiritual.⁴⁸⁴ Para Teresa, a vida cristã não é um “aspecto extático” de viver em um estado que possa conferir, primeiramente um “status de perfeição”, mas é uma via, ou seja, um modo sempre novo pelo qual Cristo introduz seus discípulos em um surpreendente caminho de perfeição que, quando o discípulo se dispõe a seguir, uma dinâmica de renovação o acompanha em suas buscas diárias de viver o frescor do evangelho de Cristo.

6.8 Concluindo o capítulo 6

A descoberta do discípulo de Cristo da grandeza de sua realidade antropológica tem consequências importantes para um encaminhamento para Aquele em que sua humanidade é “modelo e luz”⁴⁸⁵. Um dos pontos essenciais a serem resgatados é a dimensão antropológica positiva do Ser humano, e é justamente neste sentido que encaminhamos as reflexões teológicas partindo deste

⁴⁸² GARCIA, M. H., Oração história de amizade, p.221.

⁴⁸³ 7M 4,15.

⁴⁸⁴ DEL PIE, E. T., Escatologia anticipada y proyectiva em “Moradas”. Un Ensayo de escatologia mística teresiana, p.567-99.

⁴⁸⁵ CC 14.

capítulo que abordamos. O resgate da visão antropológica que considera a dignidade do ser humano em si é também um chamado para valorizar a missão desse mesmo ser humano no mundo. Para Santa Teresa, a missão da pessoa no mundo está profundamente implicada com o reconhecimento de sua dignidade e de seu compromisso pelo Reino. Neste aspecto, cada cristão e toda a Igreja devem estar abertos a este importante discernimento de como cada pessoa pode ser fecunda, no ambiente eclesial, e a partir desse fecundar o mundo acolhendo a sua missão intransferível de mostrar Deus.⁴⁸⁶

Uma vez que a pessoa é mergulhada neste mistério, de um Deus que é Trindade-Amor e o chama à comunhão, a partir dele assume, em virtude de seu batismo, o discipulado e a missionariedade. Dentro desta perspectiva é que se atualiza e se equilibra o fato de reconhecer a dignidade humana da pessoa, e abrir espaço para que seja apoiada, acompanhada e promovida em iniciativas que são inspiradas pelo Espírito Santo a cada membro do corpo de Cristo: “A nova evangelização deve implicar um protagonismo de cada um dos batizados” (EG n.120).

Dentro do pensamento teresiano, antropologia e cristologia são convergentes, ou seja, a partir da humanidade de Cristo o cristão descobre alguns aspectos do segmento que lhe abrirão a uma configuração com o Senhor no testemunho da oração e da vida. Abordaremos, a partir deste momento, alguns aspectos do livro *Caminho de Perfeição* que contribuem para uma nova estação evangelizadora da Igreja em que a transformação missionária encontra terreno fértil no discípulo missionário de Jesus Cristo.

⁴⁸⁶ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato.html Acesso em: 12 set 2019.

7

Aspectos cristológicos da mística teresiana e a nova evangelização

Buscaremos, a partir do *Caminho de Perfeição*, pensar nas vias que Teresa utilizou para colocar em marcha a reforma que desejou para o seu primeiro mosteiro reformado, o Carmelo de São José, e que foi um modo de contribuir com a grande reforma que a Igreja esperava da vida cristã em seu tempo. Suas intuições fundacionais nos servem como uma preciosa fonte, da qual podemos partir para pensar, através da nova evangelização e da transformação missionária da Igreja, caminhos de reforma permanente no tecido da vida eclesial em nossos dias. Teresa tem como ponto de partida o desejo de ajudar, no que puder, as almas de suas irmãs a avançar no serviço do Senhor. O caminho utilizado por ela de modo específico é um caminho testemunhal, pois não pretende falar de nada de que não tenha visto em sua própria vida e na vida de suas irmãs.⁴⁸⁷

Teresa tem diante de si uma paisagem de conflitos internos dentro da Igreja. Conflitos estes que acabam desembocando no início daquilo que veio a ser chamado de protestantismo, a partir de Lutero e seus anseios de reforma. Notícias chegam até Teresa de “danos e estragos” que os luteranos estavam fazendo na França.⁴⁸⁸ Aquilo que toca o Corpo de Cristo, que é a Igreja, toca também o coração de Teresa e ela vai procurar meios para que, de algum modo, diante a tantas graças que o Senhor concedia a ela e às suas irmãs, possa agir. O carisma com que Deus presenteou Teresa foi a virtude de servir a Igreja neste contexto, para que sua unidade de algum modo fosse solidificada.

A primeira atitude encontrada por Teresa como meio de enfrentamento da situação foi a decisão de seguir os conselhos evangélicos, com toda a perfeição, procurando que suas irmãs fizessem o mesmo. A segunda forma, orar pelos defensores da Igreja, pregadores e letrados que a sustentam, pondo, assim, a pedra angular de sua reforma e da finalidade de sua primeira e futuras fundações: “foi com este fim que Ele vos reuniu aqui. Esta é a vossa vocação; esses devem ser os

⁴⁸⁷ Prol. C 3.

⁴⁸⁸ C 1,2.

vossos cuidados, e os vossos desejos; empregai aqui vossas lágrimas e para isso dirigi vossos pedidos”⁴⁸⁹.

7.1 Voltar ao essencial: olhos fixos em Cristo

O princípio desta “santa pretensão teresiana”, ela indica às pioneiras desta reforma: “Fitai vosso esposo: Ele vos há de sustentar”⁴⁹⁰. A Santa encontra no evangelho um itinerário poderoso de reforma para a Igreja. Coloca-se dentro de sua missão pessoal de reformadora e remonta às fontes vitais do cristianismo que sempre encontra sua força no evangelho.⁴⁹¹ A pessoa de Jesus Cristo e sua pobreza desafiam aquele primeiro grupo a avançar na certeza de que: “a pobreza é um bem que traz em si todos os bens do mundo; é uma grande soberana”⁴⁹². Uma das grandes inquietações da Santa, no princípio, foi a questão da honra e do dinheiro: “A meu ver, as honras e o dinheiro quase sempre andam juntos; e quem quer honra não despreza o dinheiro, ao passo que quem o desdenha pouco valor dá as honras”⁴⁹³. A questão não é somente ter ou não ter honra e dinheiro, mas quais são os fundamentos que devem preceder uma autêntica reforma no corpo de Cristo que é a Igreja. Este empreendimento santo não pode consistir em seguranças humanas, mas em ter aquele que “sendo rico se fez pobre” como alicerce e pedra angular desta reforma pretendida, e que demanda uma abertura para experienciar mais de perto o movimento de desprendimento necessário para seguir o Filho de Deus, que se fez homem e escolheu testemunhar sua união e conformação absoluta à vontade do Pai.

Ao dissertar sobre a pobreza, Teresa vai buscando desdobrar no que consiste a fundamental pobreza como autêntico testemunho e seguimento de Jesus Cristo quando descreve: “Nossos estandartes devem ter esses brasões, e tudo fazamos para defendê-lo: na casa, nas roupas, nas palavras e, muito mais, no

⁴⁸⁹ C 1,5.

⁴⁹⁰ C 2,1.

⁴⁹¹ Precisamente neste sentido bem descreveu Secundino Casto o intento da Santa de reviver a experiência da simplicidade de um povo onde o Filho de Deus nasceu e viveu: “Não poderia o evangelho ter nascido num lugar tão significativo como o da Galileia. Também o caminho de perfeição não poderia nascer em outro lugar que em Castilha, a Galileia de Teresa.”. CASTRO, S., Revista de Espiritualidad, p. 465-90.

⁴⁹² C 2,5.

⁴⁹³ C 2,6.

pensamento”⁴⁹⁴. O estilo de vida de Cristo deve ser abraçado na reforma proposta por Teresa de modo que toda a vida deva ser permeada pela virtude da humildade, que tanto encantava e fascinava os autênticos reformadores da Igreja, que são os santos. Os primeiros mosteiros de Santa Teresa vão trazer esta marca de simplicidade, pois não encanta a Teresa as suntuosidades e as ostentações dos edifícios, principalmente se são construídos com “a economia dos pobrezinhos”⁴⁹⁵. Ela demonstra aqui sua consciência da grandeza do testemunho cristão quando este é reflexo autêntico de uma vida evangélica, ou seja, de um seguimento que tem como centro tão somente a vida de Cristo.

7.2

A Santidade como reforma de si, da Igreja e da humanidade no pensamento de Santa Teresa

O caminho que Santa Teresa de Jesus pretende utilizar para esta reforma é um caminho testemunhal, uma expansão do Reino, e não apenas a expansão do poder da coroa e do clero em sua fome de conquista de novos espaços. A Santa está convencida que “as forças humanas não são capazes de conter o fogo ateadado por esses hereges”⁴⁹⁶ e possui a convicção de que a reforma somente poderá ser uma realidade se os capitães deste castelo ou cidade que é a Igreja se tornarem notáveis no caminho do Senhor e progredirem em sua perfeição e vocação.⁴⁹⁷

Um testemunho capaz de propor significativas transformações dentro do corpo da Igreja somente será possível se os que são os responsáveis deste testemunho “estiverem interiormente fortalecidos”⁴⁹⁸, e “se não agirem assim, sequer vão merecer o nome de comandantes; nem permita o Senhor que saiam de suas celas nessas condições, pois provocarão mais danos que benefícios”⁴⁹⁹.

⁴⁹⁴ C 2,8.

⁴⁹⁵ C 2,9.

⁴⁹⁶ C 3,1.

⁴⁹⁷ C 3,2.

⁴⁹⁸ C 3,4.

⁴⁹⁹ C 3,3. A atitude de continuar combatendo pela via da fidelidade e do testemunho faz-se necessária em nossos dias. Francisco percebe esta urgência de voltar novamente a empenhar toda a vida pelo Reino, ao invés de se entregar a mesquinhos privilégios. EG n.96: Neste contexto, alimenta-se a vanglória de quantos se contentam com ter algum poder e preferem serem generais de exércitos derrotados antes que simples soldados dum batalhão que continua a lutar. Quantas vezes sonhamos planos apostólicos expansionistas, metuculosos e bem traçados, típicos de generais derrotados! Assim negamos a nossa história de Igreja, que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho fadigoso, porque todo o trabalho é suor do nosso rosto.

Teresa compreende que nessa “batalha” apostólica, os “perfeitos” são aqueles que vivem uma autêntica união com Deus, e farão mais do que aqueles que não a vivem, e acautela todos que, ao se lançarem nesta batalha, não se deixem levar pelos inúmeros cantos de sereias desse mar perigoso⁵⁰⁰, que por vezes tenta agitar as águas do coração destes letrados, consagrados e consagradas, com o desejo de honra, renda e dinheiro – como muitas vezes ela experimentara em si mesma estes tumultos de pensamentos.⁵⁰¹

Este desejo de reforma em Santa Teresa tem como único objetivo o favorecimento da vida da Igreja pela santidade de seus membros. Uma reforma do todo sem uma reforma de si mesmo consiste apenas numa hemorragia de palavras, documentos e planejamentos, que não chegam ao alvo, que é a maior glória de Deus, a santificação de seus membros e o amor que Ele manifestou ao mundo através da ação amorosa da Igreja. Os meios ascéticos e místicos de união com Deus devem convergir nesta espiritualidade marcada por uma mística apostólica e eclesiológica: “Quando as vossas orações, desejos, disciplinas e jejuns não estiverem voltados para isso de que falo, tende certeza de que não alcançais nem cumpris o objetivo para o qual o Senhor nos reuniu aqui”⁵⁰².

7.3

Pontos estratégicos de reforma: amor ao próximo, desapego e humildade

O projeto de reforma pensado por Teresa é um projeto simples, que constitui um refinado discernimento em observar o que se professou enquanto seguimento de Cristo, contudo, ela percebe que há uma diferença entre “guardar e guardar”⁵⁰³. O guardar em Teresa é um guardar imperativo, que valoriza o conjunto dos meios que podem auxiliar a vida interior. Todos estes recursos devem sinalizar algo maior, algo que tira a pessoa de uma situação de inércia e descaso quanto à sua vida interior e a coloca a caminho de um novo aprofundamento da relação com Deus – o que demanda um necessário esforço e dedicação: “para que a oração seja

⁵⁰⁰ C 3,5.

⁵⁰¹ C 3,7.

⁵⁰² C 3,10.

⁵⁰³ C 4,1.

verdadeira, devemos recorrer a isso, pois os prazeres e a oração são incompatíveis”⁵⁰⁴.

Antes de entrar propriamente em um ensino mais detalhado sobre a oração, Teresa começa a destrinchar algo sobre estas três coisas que para ela são fundamentais na vida cristã: amor ao próximo, desapego e humildade. Sem uma atenção a estas dimensões do que sucede em nosso exterior, e sem uma prática da fé nos contextos mais cotidianos de nossa vida, é impossível avançar muito no serviço do Senhor, é impossível “falar do interior”⁵⁰⁵ de modo mais profundo e fecundo para quem deseja avançar nos caminhos pelos quais o Espírito Santo conduz. Essas três coisas, quando praticadas e vividas, têm como função principal pacificar e dispor a vida à união com Deus. Esta paz e tranquilidade de caminhar por uma via segura ordenam em si o amor, e suas manifestações frente aos desafios que são colocados para um testemunho fecundo.

7.4 Reformar pelo amor

Ao discorrer sobre o amor, percebemos em Teresa sua atenção voltada para a grandeza desta virtude teologal, mas também nos questionamos a respeito de como podemos nós, cristãos iluminados por este amor, evitarmos viver de tal modo que gere autênticas rupturas no corpo de Cristo que é a Igreja? O autêntico amor é descrito como uma virtude que facilita a reconciliação: “é extremamente importante amar-vos umas às outras; porque não há problema que não seja resolvido com facilidade entre os que se amam”⁵⁰⁶. Teresa entra em um tema muito delicado quando discorre sobre o aumento do amor na vida interior, que é a atenção que se coloca no modo de viver as amizades. Ela especifica o discernimento que se deve ter com as amizades particulares, que na sua visão somente servem para criar partidos⁵⁰⁷, entres irmãos costuma ser peçonha, e entre parentes, pestilência.⁵⁰⁸

Ao discorrer sobre os males das amizades particulares, Teresa traz a reflexão sobre as virtudes que devem ter os discípulos de Cristo, que lhes

⁵⁰⁴ C 4,2.

⁵⁰⁵ C 4,3.

⁵⁰⁶ C 4,5.

⁵⁰⁷ C 4,6.

⁵⁰⁸ C 4,7.

permitem adquirir uma beleza interior. Quanto a este ponto, Teresa propõe o modelo do colégio apostólico iniciado em São José de Ávila: “Aqui todas haverão de ser amigas, todas hão de se amar, todas haverão de querer-se bem, e todas se ajudarão”⁵⁰⁹. Esta “pretensão” teresiana tem como fim o cultivo da liberdade nas relações, frente a possíveis tiranias da vontade e intimidade, em que a pessoa acaba por se deixar escravizar pelo outro.⁵¹⁰ O amor ao próximo possui um sentido soteriológico, isto é, que busca torná-lo mais amigo de Deus e a sua salvação, quando expressa o desejo de lançar sua vida nas mãos de Deus para que a obra de salvação do Senhor se estenda sobre o mundo: “os mais ardentes desejos de trabalhar pela salvação [dos outros]. Parece-me, verdadeiramente, que para livrar uma só alma de tão terríveis tormentos sofreria voluntariamente mil vezes a morte”.⁵¹¹ Este amor espiritual e soteriológico em Santa Teresa é um amor relacional que vai formando e configurando o coração de seus frades para que estes apreendam a conduzir vidas pela senda da suavidade de espírito, como verificamos em uma de suas visitas a Igreja dos descalços em Pastrana:

Sendo noviço (o venerável) Pe. Agostinho dos Reis aconteceu-lhe com nossa Madre algo que se tornou célebre. Foi ela a Pastrana visitar o mosteiro das monjas, que havia fundado, mas primeiro foi ouvir missa no convento dos frades. Entrando na Igreja viu Frei Agostinho ajudando a missa com tanta modéstia que lhe pareceu um anjo baixado do céu. A Santa, com liberdade de mãe, vendo-o tão modesto e devoto, aproximou-se e o abraçou. Era tanta a sua compostura que não levantou os olhos para ver quem o abraçava; compreendendo, porém, pelo hábito, que era mulher, deixou no altar o sacerdote e entrou na sacristia, tão perturbado e pálido que nem falava, nem se refazia de seu espanto. Saindo o sacristão, disse-lhe a Santa o que havia acontecido e ambos o comentaram, ficando ela muito bem paga de sua ação.⁵¹²

O exercício da maternidade espiritual em Santa Teresa tem como propósito a renovação pessoal e estrutural da vida carmelitana e torna-se uma contribuição importante para a vida laical, religiosa e clerical de seu tempo. O exercício e a vivência autêntica do amor são caminho por onde Cristo chega a muitas vidas, podemos afirmar que a verdade em Teresa entra pela porta do amor. O amor espiritual que é um amor autêntico: “Na pedagogia do caminho, o amor puro é alvo ideal. Mas franqueado de dificuldades concretas: o perigo dos ‘bandinhos’, o

⁵⁰⁹ C 4,7.

⁵¹⁰ C 4, 8.

⁵¹¹ V 32,6.

⁵¹² Réforme des Déchaussés, L. IX, cap.21, n.3. Citado por Frei Gabriel de Santa Maria Madalena, p.27.

sentimentalismo, o monopólio de afetos alheios”⁵¹³. Teresa tem consciência de que o amor pelo Reino é um amor que dilata o coração e jamais o privatiza, é para este amor que Teresa aponta, um amor total, universal e livre.

7.4.1

A reforma das mediações para viver a liberdade do amor

O interesse de Santa Teresa ao discorrer sobre o amor perfeito no que se refere ao trato com as pessoas é o de ajudar suas irmãs a progredirem na harmonia dessa perfeição do amor. Em um segundo momento, Teresa quer instruir a respeito daqueles que na Igreja agem como mediadores e colaboradores de Deus. Para com esses também é necessária uma demarcação sobre o modo e o conteúdo que oferecem para ajudar no caminho de perfeição. As “tendências frívolas”, o ‘ensejo a vaidades’, a ‘não compreensão uma ‘linguagem afeiçoada a falar de Deus’, podem ser sinais claros que se deve evitar amizades com estes confessores, procurando tão somente “ter amizade a não ser com quem seja muito servo de Deus”⁵¹⁴, seja capaz de acalmar, curar e não prejudicar.⁵¹⁵

Algo inovador e renovador é pensado por Santa Teresa, quando ela propõe às futuras prioristas que cultivem este espaço da “santa liberdade” de confessar com sacerdote em que a pessoa percebe que melhor progride espiritualmente, mesmo que este não seja de sua mesma ordem: “Louvai muito, filhas, a Deus por essa liberdade que tendes, graças à qual podeis tratar com alguns, embora não com muitos, mesmo que não sejam confessores comuns, que vos deem luz para tudo”⁵¹⁶.

Outro elemento que Teresa percebe que Deus auxilia de modo singular a uma pessoa que está trilhando o caminho da oração é ter confessores que tenham conhecimento para esclarecer. Em alguns, irão encontrar santidade e conhecimento. Quanto melhor são auxiliadas e acompanhadas as pessoas que se dedicam a oração, quanto melhores forem as suas bases, mais fecundas serão suas obras e orações.⁵¹⁷ Um auxílio precioso que estes confessores podem oferecer é o de ajudar estas pessoas a terem uma boa consciência e a se libertarem até mesmo

⁵¹³ SCIADINI, P., Dicionário de Santa Teresa de Jesus, p.72.

⁵¹⁴ C 4,15.

⁵¹⁵ C 4,16.

⁵¹⁶ CE 8,2.

⁵¹⁷ C 5,3.

dos pecados veniais. Teresa reconhece que sofreu muito nas mãos de alguns confessores, não porque fossem maus, mas porque eram desprovidos de “melhores recursos”⁵¹⁸, no sentido de contribuírem para colocar fortes estruturas sobre o edifício da vida interior, sobre o qual se assentaria devidamente a vida de oração.⁵¹⁹

São muitos os caminhos pelos quais Deus conduz às pessoas de oração, “e um confessor não os há de conhecer forçosamente”⁵²⁰. Ter bons e competentes amigos espirituais seria de fundamental importância para as irmãs, e lhes possibilitaria ter esta liberdade interior, seja quanto ao cultivo de seus valores interiores no que se refere no guardar a lei de Deus com perfeição, seja quanto ao espaço onde a vida deve acontecer, sem ingerências que pudessem atrapalhar o recolhimento, a honestidade da casa e o progresso interior e exterior, bem como alertar o prelado quando houver falta; mas que nenhum deles seja superior.⁵²¹

7.4.2

O amor espiritual: pôr os olhos no bem integral da pessoa

Ao descrever alguns elementos que constituem o verdadeiro amor espiritual, Teresa instrui que “aquele ao qual Deus tiver dado esta graça deve louvá-lo muito, pois deve ter muita perfeição”⁵²². Esta perfeição que descreve a Santa não é apenas uma questão de considerar o tempo vivido, mas de experiências em que o próprio Deus vai dando a entender a substância das coisas, de tal modo que este conhecimento experiencial aparece como algo superior, ao que chamaríamos de um pensar e crer. Aqui é o Senhor mesmo que instrui a respeito do amor, e o faz possibilitando a pessoa a discernir as diferenças entre o modo de amar.⁵²³

As características de um amor espiritual é que ele “não se apega apenas ao corpo”⁵²⁴, e “não procura amar tendo em vista apenas um contentamento pessoal”⁵²⁵, e “quando amam, vão além dos corpos e põem os olhos nas almas,

⁵¹⁸ C 5,3.

⁵¹⁹ C 5,4.

⁵²⁰ C 5,5.

⁵²¹ C 5,6.

⁵²² C 6,1.

⁵²³ C 6,4.

⁵²⁴ C 6,4.

⁵²⁵ CV 6,6.

vendo se há o que amar”⁵²⁶. Este amor espiritual possui um horizonte de eternidade, pois tem um “ardente desejo de que ele seja digno do amor de Deus”⁵²⁷, e “tudo que deseja e quer é ver a alma amada plena de bens celestes”⁵²⁸, tão diferentes, no parecer de Santa Teresa, dos “amores desastrados do mundo”⁵²⁹.

O amor espiritual e lícito em Santa Teresa é um amor que vai se despreendendo de tantas situações que não viabilizam o exercício do amor de Deus. Este amor não se fecha em si mesmo, não é egoísta, privando que todos façam intercâmbio com os demais:

esse amor se assemelha ao que teve por nós Jesus, nosso bom amigo, imitando-o. Assim, quem ama dessa maneira acolhe todos os sofrimentos e deixa que os outros, sem sofrer, colham os benefícios. Desse modo, muito ganham os que têm a sua amizade; e crede que quem assim ama os deixará de ter pelo amigo particular ou conseguirá de Nosso Senhor que ele siga o seu caminho.⁵³⁰

Teresa traz em si uma fina psicologia relacional quando propõe a visibilidade da caridade: “É bom e necessário demonstrar, algumas vezes, ternura na amizade, e até mesmo tê-la, chegando a sentir alguns sofrimentos e enfermidades das irmãs”⁵³¹. Diz que é importante este conselho para que “saibamos condoer-nos dos sofrimentos alheios, por menores que sejam”⁵³². O amor espiritual é reflexo deste amor de Cristo em ação, é o lugar em que a mistagogia da oração se apreende na mistagogia da caridade e da compaixão. O caminho de perfeição em Santa Teresa é um caminho pelo qual o amor de Deus, que é ágape, se manifesta no testemunho daqueles que são seus filhos. Deste modo verifica-se que o amor a Deus é também transmitido através das obras: “Esforçai-vos nisso, para ensinar com obras”⁵³³.

O amor de amigo e de irmãos atinge o seu cume quando, marcado pelo ágape de Cristo, se torna um movimento de saída de si mesmo na direção da promoção de um amor para com o outro, amor este que se traduz em alívio das cargas cotidianas como oferta e dom de si aos demais: “uma boa mostra de amor

⁵²⁶ CV 6,8.

⁵²⁷ CV 6,9.

⁵²⁸ CV 7,1.

⁵²⁹ CV 7,1.

⁵³⁰ CV 7,4.

⁵³¹ CV 7,5.

⁵³² CV 7,6.

⁵³³ C 7,7.

é procurar aliviar as irmãs do trabalho, tomando a si os ofícios”⁵³⁴, outras vezes, “recreando-se com as irmãs quando estas tiverem necessidade disso, e no momento costumeiro, ainda que não seja do nosso gosto, já que havendo prudência tudo é amor perfeito”⁵³⁵. O amor perfeito ou espiritual deve sempre manter esta atenção principalmente para com as próprias atitudes frente ao próximo, seja quanto, ao que refere a alguma “palavrinha dita de repente, (...) grupinhos, desejos de ser mais que as outras”, ou “questões ligadas a honra” e, deve-se corrigir de imediato e orar muito: “Pensai e crede que expulsaste vosso Esposo da casa e que O obrigaste a procurar outra pousada, pois O deixaste fora do Seu lar”⁵³⁶. Deste modo, Teresa acautela as irmãs ao primado do amor, pois quando este não está presente, as relações e a missão da Igreja se encontram enfraquecidas e ameaçadas a viver uma prejudicial esterilidade.

7.5

O desapego como liberdade do coração

Ao descrever o caminho do desapego, Santa Teresa pretende continuar criando um espaço de abertura na vida daqueles que pretende motivar a uma vida de oração e de liberdade frente às coisas, a si mesmo e às pessoas. É um desprender-se do amor às coisas para “apegar-se apenas ao criador”⁵³⁷. Ao descrever o caminho do desapego, faz uma constatação no tocante ao exterior “já se vê quão afastadas estão de tudo”⁵³⁸ as monjas de São José, contudo, algo que nos parece espinhoso em Santa Teresa e que ela enfrenta corajosamente é a temática do apego aos parentes. Ao falar do amor espiritual, Teresa já planificou as diferenças entre o amor espiritual e perfeito dos outros tipos de amor, que mesmo sendo espiritual se deixa mover por afetos que são influenciados pela paixão.

Teresa, ao entrar neste tema, assegura esta liberdade de espírito e paz perfeita, frente a algumas inquietações que podem atrapalhar a pessoa no seguimento de Jesus Cristo. Por exemplo: o desejo de querer “consolar-se” por meio do encontro com os parentes e não oferecer a eles consolo quando estes

⁵³⁴ C 7,9.

⁵³⁵ C 7,7.

⁵³⁶ C 7,10.

⁵³⁷ C 8,1.

⁵³⁸ C 8,2.

necessitam pode assinalar no pensamento teresiano uma desarmonia nos afetos. Mas ela reitera que caso eles fossem pessoas de oração, isto não implicaria em imperfeição.⁵³⁹ O que nos leva a compreender que a decisão por Cristo e pelo seu seguimento deve produzir um discernimento de mudança de mentalidade e de conversão frente à missão e a vocação que cada pessoa abraça. Quando o relacionamento com determinados parentes não contribui para que se viva bem a vocação que a pessoa escolheu, este mesmo relacionamento deve ser questionado, assim como sua influência sobre a vida de uma pessoa que esteja vivendo situações em que somente um experiente diretor espiritual, ou um familiar autenticamente maduro nos caminhos do Espírito, auxiliaria a discernir as situações com um olhar mais profundo, que considere as circunstâncias em que a pessoa se encontra. Pelo que compreendemos, a Santa traz em si o discernimento de sua convivência familiar e, posteriormente, dentro da vida consagrada.

Esta atitude de total desprendimento interior do afeto primordial aos parentes tem como finalidade o seguimento de Cristo. Esta atitude tem em vista a determinação da alma de “abrigar-se junto ao bom Jesus”⁵⁴⁰, é em Cristo que a alma encontra o seu tudo, seu bem supremo. Uma vez que a pessoa compreende esta verdade acontece que “pode ser que, depois, o Senhor, para nos dar cruz na própria coisa em que costumávamos ter prazer, venha a desejar que tenhamos contato com os parentes”⁵⁴¹. O caminho de transformação que a experiência de Deus realiza na pessoa permite com que viva um nível de relacionamento no amor de modo mais qualitativo, um amor que, além de ser parental, deve trazer as marcas do amor de Deus. Cada pessoa vai neste itinerário de comunhão de vida com Cristo aprendendo amar, porque o amor tem valor em si mesmo, e não apenas amar para ser amado, ou amar para que o ame, o que poderia ser apenas uma relação de interesses, de jogos de afetos.

7.6 A via kenótica da humildade

Prosseguindo na busca da compreensão das virtudes fundamentais para se adquirir a “santa liberdade de espírito” tão preciosa para Santa Teresa de Jesus,

⁵³⁹ C 8,3.

⁵⁴⁰ C 9,5.

⁵⁴¹ C 9,5.

descrevemos, segundo ela, os benefícios da humildade no caminho da oração e da vida espiritual. Esta virtude aparece como “moderadora” na vida interior, colocando a pessoa diante das “pretensões de heroísmo” quando, de fato, cada pessoa deve centrar-se no que é possível, realizando o que lhe compete através do amor pelo Reino de Deus. Santa Teresa, por meio de questionamento, convida as irmãs a uma autorreflexão dizendo: “decidi-vos, pois, irmãs; viestes para morrer por Cristo, e não para viver ao bel-prazer por Ele”⁵⁴².

Por um lado, Teresa constata um amor exacerbado de algumas pelo corpo, e uma preocupação quanto à manutenção da saúde frente aos desafios de guardar as regras próprias da Ordem. Por outro lado, há a tentação de algumas em se entregarem a penitências sem critério, o que pode ocasionar prejuízos à saúde física e mental. O discernimento de Teresa é que o acento principal que se deve dar às mortificações orientadas pela prudência e pelo conhecimento humilde de seus próprios limites é buscar viver o cotidiano segundo as pequenas exigências da regra, evitando criar novas penitências, mas deter-se no que é já o essencial, como por exemplo, o silêncio, a assistência ao coro.⁵⁴³ Em sua atenta percepção dos melindres do corpo, diz: “Nosso corpo tem um defeito: quanto mais cuidamos dele, mais necessidades ele descobre. É espantoso como ele gosta de ser cuidado”⁵⁴⁴, e descreve através de sua fina ironia:

Se o corpo zomba de nós tantas vezes, por que não zombaríamos dele também alguma? E crede que essa determinação é mais importante do que podemos entender; porque, se aos poucos superamos o corpo, ao fim de algum tempo seremos, com o favor de Deus, senhoras dele.⁵⁴⁵

A partir de uma perspectiva teresiana da humildade que contempla não somente alguns elementos da pessoa humana, mas o seu todo é que refletimos sobre a humildade como forma de reconhecimento e autoavaliação dos próprios limites, mas também das próprias capacidades presentes na pessoa humana. Neste sentido, nada seria mais nocivo do que uma visão um tanto quanto limitada da

⁵⁴² C 10,5.

⁵⁴³ C 10,6.

⁵⁴⁴ C 11,2.

⁵⁴⁵ C 11,5.

humildade, o que viria a ser de fato uma falsa humildade⁵⁴⁶, aquela que não reconhece também as potencialidades e os dons presentes em si e nos outros.

7.6.1

A humildade e a questão das honras em Santa Teresa

O caminho de perfeição é um caminho universal, pois a santidade para Teresa é uma via aberta a todos os cristãos, que empenhados pessoalmente e abertos à ação de Deus podem viver o amor espiritual e autêntico, o desprendimento e a humildade, independente do lugar onde estejam.⁵⁴⁷ O caminho da humildade permite a pessoa recapitular a sua vida a partir de Cristo que, mesmo sendo Deus, “se fez humilhar a si mesmo para nos deixar um exemplo de humildade”⁵⁴⁸. Para remediar alguns movimentos interiores que tendem prender a pessoa nas teias das preeminências humanas, Teresa adverte a combater pensamentos tais como: “eu sou a mais antiga”, “tenho mais anos”, “tenho trabalhado mais”, “tratam outra melhor do que a mim”: “se estes pensamentos vierem, deveis combatê-lo de imediato”⁵⁴⁹.

A vida cristã, para Teresa, ou traz em si a sabedoria da cruz de Cristo ou não é vida cristã. Muitos dos que se dizem cristãos querem buscar em suas próprias razões quando, em meio aos relacionamentos, se veem ofendidos ou não valorizados devidamente dizendo: “fizeram-me isso sem razão”, “tive razão”, “não teve razão quem fez isso comigo”. Este tipo de proteção do próprio ego, segundo a Santa, deve fazer a pessoa “fugir em desabalada carreira”⁵⁵⁰. Ao descrever tais posturas frente às situações conflitantes, Teresa procura refletir sobre a necessária abertura de como prosseguir e melhor avançar no processo de discipulado: “(...) quem tem esta falha sempre tem a impressão de saber mais o que lhe convém do que os sábios; esse é um mau sinal que considero incurável, porque só por milagre deixa de trazer consigo a malícia”⁵⁵¹.

⁵⁴⁶ Quanto à falsa humildade, vale destacar a descrição que Maria Del Puerto faz sobre ela: “a falsa humildade produz fechamento, distorce a própria imagem, impossibilita trabalhar bem, porque mina a autoestima o que produz desconfiança de si e de Deus chegando a por em dúvida a sua misericórdia.” Revista de Espiritualidad, p.53-81.

⁵⁴⁷ C 12,5.

⁵⁴⁸ C 12,6

⁵⁴⁹ C 12,4.

⁵⁵⁰ C 13,1.

⁵⁵¹ C 14,1.

O estilo que busca propor às suas religiosas é um estilo marcado pela simplicidade de Jesus de Nazaré. Que mesmo sendo simples jamais deixou de ser profundo em suas ações e em suas palavras, pois estas eram carregadas da presença do cotidiano e daquilo que ia ao fundo do coração de cada pessoa. É guiada por este estilo simples de Jesus que Teresa encontra um caminho discipular seguro, “porque há simplicidades santas que pouco valem nos negócios e estilo do mundo, mas que são muito valiosas para tratar com Deus”⁵⁵². A busca de caminhar pela senda da humildade de um seguimento gratuito e generoso da pessoa de Jesus vai gerando no discípulo uma identificação e identidade desprendidas de qualquer pretensão que não seja a de servir para dar maior glória a Deus. Esta é a lógica do grão de mostarda em que “podemos nos acostumar às coisas muito pequenas para alcançarmos vitória nas grandes”⁵⁵³. Teresa motiva desta forma um apostolado por obras, ser pregadores por obras, uma vez que nem todos têm esta possibilidade de ser por meio de palavras.⁵⁵⁴

7.6.2

Humildade como um dispor a Deus e aos outros o dom da vida

Ao descrever as conexões entre o amor pelo próximo, o desapego e a humildade, Teresa vai “entabulando o jogo”⁵⁵⁵, no sentido de mostrar a importante conexão entre oração e vida. A oração para Teresa está na vida, no sentido que a vida é um acontecimento em que a oração acompanha, e lança luzes sobre diversas situações, permite encontrar forças para continuar a se deixar conduzir. A Santa chega a afirmar que a oração possui uma importância tão grande na vida que, “por mais perdido que esteja, jamais deve-se deixá-la”⁵⁵⁶.

Uma das grandes realizações que a humildade opera na vida de quem começa a meditar e pensar em seus pecados é mover-lhe a vontade para uma autêntica entrega a Deus, pois a pessoa sabe que “este Rei só se entrega a quem se dá de todo a Ele”⁵⁵⁷. Para bem compreender o que significa oração mental, é

⁵⁵² C 14,2.

⁵⁵³ C 15,3.

⁵⁵⁴ C 15,6.

⁵⁵⁵ C 16,1.

⁵⁵⁶ C 16,3.

⁵⁵⁷ C 16,4.

necessário, antes de tudo, “nos empenharmos em adquirir as grandes virtudes”⁵⁵⁸. Por meio do caminho das virtudes, Deus vai sarando a alma de algumas enfermidades interiores, tirando-a de seu “mau estado”, e por misericórdia começando a dar-lhe gostos, consolos e ternura, “começando a despertar-lhes desejos, até pô-las em contemplação, mas raras vezes, e por pouco tempo”⁵⁵⁹. Teresa deixa claro que a atitude de entrega é imprescindível como disposição para receber as visitas de Deus e unir-se de modo a não querer mais afastar-se dele:

Quando nos entregamos a sua majestade com a determinação com que Ele se dá a nós, é grande favor o fato dele nos deixar na oração mental e nos visitar de quando em vez, como os trabalhadores de suas vinhas. Os outros são filhos queridos, que Ele não quer afastar, nem afasta de Si, porque eles mesmos já não querem se afastar, Ele os senta a sua mesa, dá-lhes do alimento que come, a ponto de tirar da própria boca para dá-los a Eles.⁵⁶⁰

Determinar-se e dispor-se à ação de Deus na vida é sempre uma condição essencial para permitir que de modo integral Deus possa atuar sobre a história pessoal, ao ponto de o desejo humano ir se tornando na pessoa desejo de Deus, desejo de, por amor, realizar obras para Ele. O desejo de Deus para Teresa é sempre obras: “seu desejo é obrar”⁵⁶¹, obras que são eventos que se dão na história e na vida de cada ser humano. Obras que possibilitam sermos santos, pois “desde que Deus nos dê a mão; não tenhais medo de que Ele nos falte, se nós não lhe faltarmos”⁵⁶². Para Teresa, tais pensamentos são expressões desta “santa pretensão”, que faz crescer a humildade e nos confere uma “santa ousadia”.

O verdadeiro humilde é capaz de buscar esta salutar integração entre a dimensão contemplativa e a dimensão ativa da vida espiritual. Em Teresa existe um desejo que sua ordem fosse reconhecida como casa de Santa Marta⁵⁶³, no sentido que se deve buscar acolher o divino hóspede de todas as formas que for possível e servi-lo de todos os modos. Contudo, tornar-se mais íntimo Dele já não está mais em nossas mãos: “contemplar, ter oração mental, ter oração vocal, curar enfermos, servir nas coisas da casa e trabalhar mesmo nas tarefas mais humildes é servir ao Hóspede que vem ter convosco, ficando em nossa companhia, comendo

⁵⁵⁸ C 16,6.

⁵⁵⁹ C 16,8.

⁵⁶⁰ C 16,9; Mt 21,37.

⁵⁶¹ C 16,10.

⁵⁶² C 16,12.

⁵⁶³ C 17,5.

conosco e conosco se recreando, que nos importa servi-lo mais de uma maneira que de outra?”⁵⁶⁴

Perseguir e alcançar a contemplação deve ser a meta de cada cristão, entretanto, enquanto não recebermos o chamado do Senhor a uma maior aproximação com Ele, devemos perseverar como bons soldados a serviço de nosso divino capitão que é Cristo, por meio da oração mental. Quem não puder, faça oração vocal, leitura e colóquios com Deus.⁵⁶⁵ Um modo descrito por Teresa para identificar se estamos progredindo na virtude é o de ter sobriedade sobre o que somos diante dos que estão ao nosso lado, ou seja, somos servos, de modo que por meio de nossas obras procuremos beneficiar e fazer avançar aqueles que caminham ao nosso lado.⁵⁶⁶ Um sinal claro de quem está progredindo no caminho do Senhor, ou seja, no caminho da oração, é que este promova quem caminha ao seu lado. A vida interior não se torna para esta pessoa uma fuga ou uma alienação, mas um caminho de serviço a Deus e aos irmãos: “a vossa oração sempre deve procurar o bem dos demais”⁵⁶⁷.

A verdadeira amizade, os laços mais profundos de parentesco, somente podem ser estabelecidos entre pessoas que amam a Deus. Isto implica para Teresa que nossa relação com as pessoas somente pode ser frutuosa se contribuir para que os que são nossos amigos tornem-se melhores amigos de Deus. Ter a “oração como assunto e linguagem”⁵⁶⁸ é o diferencial e a contribuição que os autênticos discípulos de Cristo podem oferecer àqueles que não o conhecem, meio pelo qual se pode beneficiar e conceder a muitos uma verdadeira amizade.

7.7

A mistagogia experiencial e prática do Pai-Nosso em Santa Teresa de Jesus

Uma das maiores aventuras que podem existir na vida de um ser humano é arriscar-se na bem-aventurança desta viagem divina que é a oração, chamada por Santa Teresa de “via régia para o céu”⁵⁶⁹. Teresa começa descrevendo que quem se decide por realizar esta viagem deve:

⁵⁶⁴ C 17,6.

⁵⁶⁵ C 18,4.

⁵⁶⁶ C 18,7.

⁵⁶⁷ C 20,6.

⁵⁶⁸ C 20,4.6.

⁵⁶⁹ C 21,1.

Ter uma grande e muito decidida determinação de não parar enquanto não alcançar a meta, surja o que surgir, aconteça o que acontecer, sofra-se o que se sofrer, murmure quem murmurar, mesmo que não se tenham forças para prosseguir, mesmo que se morra no caminho ou não se suportem os padecimentos que nele há, ainda que o mundo venha abaixo. E quantas vezes não acontecem de ouvirmos dizer; “há perigos”, “fulana se perdeu por aqui”, “o outro se enganou”, “Aquele que rezava muito caiu”, “prejudicam a virtude”, “não é para mulheres, pois podem sobrevir ilusões”, “Será melhor que vão fiar”, “deixem de lados essas delicadezas”, “basta rezar o Pai-Nosso e a Ave-Maria”!⁵⁷⁰

A oração que Teresa percebe ser a que mais corresponde o seu caminho espiritual é a oração que está fundada nas próprias palavras pronunciadas por Deus, e desta forma de modo excelente nas palavras do evangelho: “É sempre um grande bem fundardes vossa oração em palavras ditas pelos lábios como os do Senhor”⁵⁷¹, palavras que sempre geraram afeição em Teresa. O caminho mais seguro para Teresa na vida cristã é o caminho da oração. Uma oração que se caracteriza como engajamento ao Reino, tendo como centro o Reinado de Deus no amor.⁵⁷² Oração como verdade que transforma a vida e desperta a pessoa a “seguir a vida de Cristo”⁵⁷³. Teresa é uma entusiasta da oração mental e, por conseguinte, vocal, pois para ela a diferença entre estas não consiste apenas em ter a boca fechada ou não, mas em ter a consciência com quem falo,⁵⁷⁴ e de que modo haveremos de tratar com Deus.⁵⁷⁵ Todavia, sendo este Rei humilde “gosta mais da grosseria de um pastorzinho humilde que Ele vê que, se mais soubesse, mais diria do que os mais sábios e eruditos”. Ainda que sejam elaborados os seus raciocínios, devem “se dirigir a Ele com humildade. O fato de ser Ele bom não justifica, no entanto, que sejamos irreverentes.”⁵⁷⁶

O caminho da oração demanda grande determinação⁵⁷⁷, e a Santa reconhece que os ritmos de vida de diversos cristãos são diferenciados. Nisto Teresa demonstra sua capacidade de ser autêntica, quanto às condições reais de cada um, comprovando que o interesse de Deus é ter a totalidade de nossa decisão: “Digo ‘de todo’ para que não entenda que deixar o tempo da oração em algum momento, ou por alguns dias, devido a justas ocupações ou a alguma indisposição, seja

⁵⁷⁰ C 21,2.

⁵⁷¹ C 21,3.

⁵⁷² PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Profecia na espiritualidade cristã*, p.762.

⁵⁷³ C 21,10.

⁵⁷⁴ C 22,1.

⁵⁷⁵ C 21,3.

⁵⁷⁶ C 21,4.

⁵⁷⁷ C 23,1.

tomá-lo de volta. Que a intenção esteja firme, pois o Senhor não é dado a melindre, nem fica pensando em detalhezinhos”⁵⁷⁸. Descreve que, neste sentido, aquele que experimentou o prazer da amizade com o Senhor sabe o que significa receber mais do que possa pedir nesta viagem que é a da oração.⁵⁷⁹

7.7.1

A contemplação como cristopatia e caminho para autenticidade de vida

Uma constatação que Santa Teresa de Jesus percebeu já em seu tempo (século XVI) é com relação a certo mal estar, ou até mesmo um “atemorizar-se” no que se refere à palavra contemplação ou oração mental.⁵⁸⁰ Neste ponto a Santa percebe a sua grande maestria quando afirma que pode ensinar e aconselhar no sentido de dar a compreender que é justo que “entendais o que dizeis”⁵⁸¹. A contemplação consiste por primeiro em começar a concentrar-se ou meditar antes de tudo no que rezamos, por exemplo, quando rezamos o credo e o Pai-Nosso; quando digo “creio”, “parece-me razoável que eu entenda e saiba aquilo que creio; e quando digo ‘pai-nosso’, exige amor que eu compreenda quem é esse Pai nosso e quem é o Mestre que ensina essa oração”⁵⁸².

A Santa reconhece que é possível que Deus ponha uma pessoa em contemplação perfeita rezando o Pai-Nosso.⁵⁸³ A contemplação perfeita “não é um bem que se possa merecer em troca de todos os sofrimentos juntos da terra. Ela é dom do Senhor do céu e da terra, que o dá como quem é”⁵⁸⁴. A descrição feita por Teresa da oração mental quer desfazer todo espanto e temeridade quanto ao tema em si, pois orar mentalmente é “pensar e entender o que falamos com Quem falamos e quem somos nós que nos atrevemos a falar com tão grande Senhor”⁵⁸⁵.

Além da consciência de presença que se possui na oração, é louvável considerar o olhar de Deus para aquele que o busca. Ao falar sobre a contemplação, Teresa vai discorrer sobre este jogo de olhares por meio do qual a pessoa se exercita por trazer a presença do Senhor em si no intuito de “falar com

⁵⁷⁸ C 23,3.

⁵⁷⁹ C 23,6; Mt 19,29; Lc 11,9.

⁵⁸⁰ C 24,1.

⁵⁸¹ C 24,2.

⁵⁸² C 24,2.

⁵⁸³ C 25,1.

⁵⁸⁴ C 25,2.

⁵⁸⁵ C 25,3.

ele muitas vezes”⁵⁸⁶, buscando recolher-se e lançar um “olhar para dentro de si”⁵⁸⁷, e de abrir-se a este olhar do senhor que continuamente nos atrai: “vede que o Vosso Esposo nunca tira, filhas, os olhos de vós (...) Se quiserdes, achá-lo-eis. Ele gosta tanto de um olhar nosso que tudo faz para consegui-lo”⁵⁸⁸. Teresa como que atrai seus leitores para uma cristopatia, buscando neste jogo de olhares colocar a pessoa de Cristo diante de si, a fim de despertar a compaixão, a proximidade e o amor daquele é contemplado com um amor maior:

Se estais alegres, vede-O ressuscitado, pois o simples imaginar que Ele saiu do sepulcro vos alegrará. Com que esplendor, com que formosura, com que majestade, quão vitorioso, quão alegre! Como quem se saiu bem da batalha e conquistou um reino tão importante, que ele deseja dar-vos por inteiro, junto consigo. Assim, será muito que volteis os olhos de vez em quando para Aquele que tanto vos dá? Se estais padecendo ou tristes, vede-O a caminho do horto. Que aflição tão grande Lhe ia à alma, já que, sendo todo paciência, chegou a confessá-la e a queixar-se dela! Ou vede-O atado à coluna, cheio de dores, com a carne toda feita em pedaços pelo muito que vos ama, padecendo muito: perseguido por uns, cuspidos por outros, renegado pelos amigos, desamparado por eles, sem ninguém que O defendesse, gelado de frio, posto em imensa solidão. Se o fizerdes, um com o outro vos podeis consolar. Contemplai também o Senhor carregando a cruz, sem que O deixassem recobrar o fôlego. Ele porá em vós os seus olhos formosos e piedosos, cheios de lágrimas, esquecendo-se de suas dores para consolar as vossas, só porque ides consolar-vos com Ele e voltais a cabeça para fitá-lo.⁵⁸⁹

A oração em santa Teresa aparece como um movimento empático que tende a criar uma comunhão de vida, em que o viver do orante se torna o viver de Cristo em si, e o viver em si é um compartilhar desta presença que cristifica toda a existência: “Juntos andemos Senhor, por onde fordes, terei de ir; por onde passar, terei de passar”⁵⁹⁰. O seguimento de Cristo pela vida e oração é primeiro passo para se alcançar as virtudes. A oração é percurso de transformação como vamos descrever a partir deste próximo tema do Pai-Nosso.⁵⁹¹

7.7.2

O Pai-Nosso como programa de oração e vida em Santa Teresa

Quando lemos o livro *Caminho de Perfeição*, percebemos que oração e vida em Santa Teresa se interpenetram. Ou seja, se ora como se vive, e se vive como se

⁵⁸⁶ C 26,9.

⁵⁸⁷ C 26,8.

⁵⁸⁸ C 26,3.

⁵⁸⁹ C 26,5.

⁵⁹⁰ C 26,6.

⁵⁹¹ ÁLVAREZ, T., *Estudios teresianos I. Biografía e História*, p.449.

ora. Vida e oração fazem parte de uma mesma realidade que é a do ser humano na sua relação com Deus. Ao dar-nos o Pai-Nosso, Jesus entrega a seus discípulos uma forma de viver. Teresa reproduz esta mesma intencionalidade de Cristo. Teresa não apenas quer ensinar a respeito de algumas práticas oracionais, mais deseja colocar a pessoa diante de si e diante da vida, para que refletindo suas relações consigo e com as pessoas possa pensar em suas relações com Deus, pois estas iluminam aquelas. A oração em Santa Teresa rompe com todos os enquadramentos fechados e coloca o Reino no centro de toda relação autêntica com Deus. Um dos perigos que Bernardino de Laredo já percebia em seu tempo era o do enquadramento quanto à percepção pessoal e minimizadora de alguns religiosos.⁵⁹²

Rer o Pai-Nosso através da ótica de Teresa é poder perceber a conexão entre oração e vida, ou seja, perceber o evangelho como a arte de viver. Isto interfere de modo singular para pensarmos hoje a oração como poderoso auxílio para bem viver a missão, de modo que a missão seja um evento de transformação, que inspira e engaja os discípulos missionários de Jesus Cristo a compreender “o amor que Ele vos tem. Não é pequeno bem e consolo, para o discípulo, ver que o seu mestre o ama”⁵⁹³, sendo que o discípulo receptor deste amor é também transmissor deste amor. Neste sentido, trazemos aqui esta conexão de vida e oração no Pai-Nosso, tão apreciado e comentado anteriormente pelos Padres da Igreja⁵⁹⁴, sendo eles os primeiros a perceberem que “é sempre um grande bem fundardes vossa oração em orações ditas por lábios como o do Senhor”⁵⁹⁵, como afirmou a Santa.

⁵⁹² LAREDO, B., Subida Del Monte Sion, p.308.

⁵⁹³ C 26,10.

⁵⁹⁴ Como aparece em Tertuliano, Teresa tem a percepção que as palavras mais convenientes para a oração são aquelas que se inspiram ou encontram o seu núcleo na oração que fora ensinada por Jesus aos seus discípulos: “Quiça a melhor apresentação desta ideia do Pai-Nosso como síntese, breviário de todo o evangelho (*breviarium totius Evangelii*), mais ainda, de toda a Revelação, a temos em Tertuliano (+ c.220): “Em um compêndio de tão poucas palavras temos os oráculos dos profetas, as palavras dos evangelhos, dos apóstolos, as palavras do senhor, suas parábolas, seus exemplos e mandamentos. Quantas coisas se tocam ao mesmo tempo! A honra de Deus no Pai, O testemunho da fé em seu nome, a oblação e o obséquo de nossa vontade, a memória da esperança no Reino, a súplica da vida no Pão, A confissão admirável de nossas ofensas na súplica do perdão, o cuidado das tentações no solicitar proteção. Pode haver algo mais admirável? Somente Deus pode ensinar a orar como se deve orar. (Tratado da oração IX, 1-3); FERMÍN, S.; CUARTAS LONDOÑO, R., Camino de Perfeccion de Santa Teresa de Jesús, p.145.

⁵⁹⁵ C 21,3.

7.7.2.1

“Pai nosso que está nos céus”: redescobrir a paternidade de Deus

Para Teresa, descobrir a paternidade amorosa de Deus é vital para vida humana, e de modo específico para o “ser cristão no mundo”. O fato de recorrermos a Deus como nosso pai já encerra muitos bens em uma só Palavra: Pai.⁵⁹⁶ Um Pai que é capaz de “suportar, por mais graves que sejam, as nossas ofensas; se nos voltarmos para Ele, como o filho pródigo, Ele há de nos perdoar, de nos consolar em nosso padecer, de nos sustentar como o faz um Pai, que forçosamente vai ser melhor que todos os pais do mundo”⁵⁹⁷. Este dizer e buscar compreender, mesmo com o intelecto, já é capaz de “fazer o nosso coração em pedaços ao ver tamanho amor”⁵⁹⁸ que o pai tem para com seus filhos. Para Teresa, quando Jesus começa a oração chamando Deus de Pai, ele não apenas revela, mas professa de forma patente este grande amor que o Pai tem por nós.⁵⁹⁹ Meditar sobre estas verdades não apenas nos coloca diante deste mistério “tremendo e fascinante” da paternidade de Deus, que se fez próxima à nossa existência, mas nos coloca em relação com a Trindade, ou seja, nos tornamos pelo batismo partícipes desta comunidade e família divina. O encontro com o Espírito Santo, nesta relação de amor entre o Pai e o Filho, molda “nossa vontade pela ação Espírito Santo e se prende a este grande amor que Ele tem por nós”⁶⁰⁰.

Por meio desta comunhão e filiação adotiva em Cristo, trazemos em nós o próprio Deus: “Pois claro está que, onde está o rei, está, como se diz, a corte, isto é, onde Deus está é o céu”⁶⁰¹. O exercício da oração consiste em recolher-se neste “pequeno céu de nossa alma onde está Aquele que o fez”⁶⁰², neste palácio de “grandíssima riqueza”⁶⁰³ onde não nos encontramos ociosos vazios, mas trazemos o maior de todos os hóspedes, que nos convida constantemente a nos entregar a Ele com toda a determinação, pois Ele “não se entrega de todo enquanto não nos damos a Ele por inteiro”⁶⁰⁴. Este dar-se dentro da lógica teresiana é um ganhar-se a si para si, é “aproveitar-se dos sentidos em prol da vida interior. Se falar,

⁵⁹⁶ C 27,2.

⁵⁹⁷ C 27,2; Lc 15,20.

⁵⁹⁸ C 27,5.

⁵⁹⁹ C 27,4.

⁶⁰⁰ C 27,7.

⁶⁰¹ C 28,2.

⁶⁰² C 28,5.

⁶⁰³ C 28,9.

⁶⁰⁴ C 28,12.

procure lembrar-se de que há Alguém com quem falar dentro de si mesmo; se ouvir, recorde-se que deve escutar a voz que mais de perto lhe fala”⁶⁰⁵. A paternidade de Deus em Cristo gera proximidade, escuta e diálogo filial, e produz a convicção que o trato com Deus, ou seja, a oração, é o tema central da mensagem de Santa Teresa.⁶⁰⁶

7.7.2.2

“Santificado seja o vosso nome, venha nós o vosso Reino”

A consciência que deve moldar um discípulo missionário de Cristo é que, ao apresentar ao Senhor as suas súplicas, deve estar consciente que não busca um modo de apenas receber o que pede, mas que por meio de seu pedido Deus possa ser glorificado e o seu nome, santificado:

Quem há, por disparatado que seja, que, quando pede, alguma coisa a uma autoridade, não tenha antes pensado como lhe há de pedir, para agradá-la, e não ser descortês com ela, bem como no que há de pedir e com que objetivo o pede, especialmente se pedir uma coisa importante, como nos ensina que peçamos o nosso bom Jesus?⁶⁰⁷

Os pedidos que Deus nos move a fazer, mesmo que sejam grandes, não são impossíveis.⁶⁰⁸ Teresa descreve que conheceu uma pessoa que por meio da oração vocal tinha pura contemplação, e testifica que um dos sinais evidentes que esta oração e estas experiências eram verdadeiras era o fato de que “ela bem revelava em suas obras receber graças tão grandes, pois aproveitava bem a sua vida”⁶⁰⁹, ou seja, o seu testemunho de autenticidade comprovava que aquilo que acontecia na vida de tal pessoa era ação de Deus.

Quando Teresa medita e reza com as Sagradas Escrituras, ela descobre como a experiência de Deus na oração é capaz de confirmar o que a fé proclama ou aquilo que as profecias já anunciavam. Vemos isso quando Teresa descreve o *nunc dimitis* (Lc 2,29), a experiência que Simeão teve ao encontrar-se com o menino, em que a pessoa “entende, mas não sabe como entende, tendo a certeza

⁶⁰⁵ C 29,7.

⁶⁰⁶ ÁLVAREZ, T., Estudios teresianos I. Biografía e História, p.4

⁶⁰⁷ C 30,1.

⁶⁰⁸ C 30,6.

⁶⁰⁹ C 30,7.

de que vê o Reino, ou ao menos perto do Rei que lhe há de dar o Reino”⁶¹⁰, e “sente-se um enorme deleite no corpo e grande satisfação na alma”⁶¹¹, e “está tão embebida e absorta”⁶¹², à semelhança de São Pedro, que chegou a dizer a Cristo: “Senhor, façamos aqui três moradas” (Mt 17,4). Teresa descreve esta experiência como um grande sinal, a pessoa que recebe este dom recebe o dom de ter vida ativa e contemplativa ao mesmo tempo. É “Marta e Maria [que] andam juntas”⁶¹³, e se tornam na pessoa um sinal em que convergem o amor a Deus e o amor ao próximo, sinais eminentes da presença do Reinado de Deus sobre a pessoa.

Estas experiências oracionais e vitais descritas por Santa Teresa são um caminho pelo qual o Rei, ou seja, o próprio Cristo vai estabelecendo na alma, de tal forma que com a sua presença e a dilatação de seu Reino na pessoa, todo o território de sua existência seja um ambiente onde o Reinado de Deus se faz presente, pois, o que é a evangelização senão a presença do Reinado de Deus? A evangelização avança através da vida daqueles que já se tornaram territórios conquistados por esse mesmo Rei, por isso importa para Santa Teresa corresponder à graça que o Senhor dispensa àqueles que desejam ser seus servidores, buscando “louvar e santificar o seu nome: como pessoas da família, glorifiquem o Senhor e O louveis com mais afeto e desejo, parecendo que não deixais de servi-lo”⁶¹⁴. A consciência da missão cresce, deste modo, a partir das experiências em que a pessoa percebe a presença do Reino na sua interioridade, e sua visibilidade através de sua entrega à missão da Igreja e nas diversas circunstâncias no mundo.

7.7.2.3

“Seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no céu”

A autêntica experiência de Deus na vida do cristão jamais será algo intimista, um movimento fechado em si mesmo. A experiência de Deus é uma experiência que lança a pessoa para a missão, para o serviço de Deus e de seu Reino: “vejamos o que Ele quer que demos a Seu Pai, o que Lhe oferece por nós e o que pede, pois, é justo que O sirvamos em alguma coisa quando recebemos tão

⁶¹⁰ C 31,2.

⁶¹¹ C 31,3.

⁶¹² C 31,3.

⁶¹³ C 31,5.

⁶¹⁴ C 31,13.

grandes favores”⁶¹⁵. Teresa compreende por “terra” nossa própria realidade humana que tornada “céu” pode ser ambiente propício onde Deus possa atuar, apesar de suas limitações.⁶¹⁶

O realizar a vontade de Deus por parte dos discípulos leva Teresa a compreender um modo de compartilhar seu amor e suas dores: “Aquele que lhe dá amor para que peçam um meio tão árduo de provar que o amam também lhes dará para suportá-lo”⁶¹⁷. Este ato de entrega da própria vontade se torna viável a partir das experiências que se têm dos benefícios desta entrega: “embora não sem interesse, pois já experimentei e tenho grande experiência do lucro que obtenho ao entregar livremente minha vontade a vossa”⁶¹⁸. O texto que aqui nos ajuda a compreender um pouco este vislumbre dos lucros que encerram este seguimento e esta entrega é o mistério da transfiguração do Senhor, em que ao contemplar a glória de Deus na manifestação da Trindade os discípulos vislumbram um primeiro prelúdio daquilo que os espera, enquanto manifestação do amor de Deus por cada um, preparando-os a beber da água viva. Sem esta determinação de entregar-se de todo àquele que de todo se entregou por nós, jamais se poderá beber desta fonte de modo mais abundante que é a contemplação perfeita. Ao compreender o que implica este *Fiat voluntas tua* em sua vida, Teresa suplica:

Cumpra-se em mim, Senhor, a Vossa Vontade, de todos os modos e maneiras que vós, Senhor meu, quiserdes. Se desejais que eu tenha sofrimentos, dai-me forças para suportá-los e mandai-os; se perseguições, enfermidades, desonras e necessidades, aqui estou, e não vou virar o rosto, Pai meu, nem a razão para dar-vos as costas. Se o Vosso Filho deu em nome de todos esta minha vontade, não há razão para que eu falhe, mas sim que me façais vós a graça de me dar o Vosso reino para que eu então possa fazer, já que Ele me pediu que fizesse, deixando que disponhais de mim como de coisa Vossa, de acordo com vossa vontade.⁶¹⁹

O cumprimento da vontade de Deus na vida daquele que se entrega à sua vontade resulta em receber de Deus “grandes favores, já que o Senhor não se cansa de nos pagar nesta vida”⁶²⁰. A amizade com Deus aqui se estreita de tal modo que Deus não apenas devolve a vontade que uma vez já fora ofertada, como “lhe entrega a Dele; como o Senhor se alegra com uma amizade tão grande,

⁶¹⁵ C 32,1.

⁶¹⁶ C 32,2.

⁶¹⁷ C 32,3.

⁶¹⁸ C 32,4.

⁶¹⁹ C 32,10.

⁶²⁰ C 32,12.

permite que cada qual mande uma vez, como se diz: Ele cumpre a vontade dela, de acordo com o que ela pede, do mesmo modo como a alma segue as Suas ordens”⁶²¹. Podemos afirmar que este é o caminho pela qual a determinação de se entregar a Deus e fazer a sua vontade é gratificada pelo modo como Deus se entrega à pessoa, plenificando e integrando a vontade humana à sua:

A suma perfeição não se traduz em deleites interiores, em grandes arroubos, nem em visões ou em espírito de profecia; ela consiste em estar a nossa vontade em tamanha conformidade com a vontade de Deus que jamais deixemos de querer com todas as nossas forças tudo aquilo que percebemos que Ele quer, aceitando com a mesma alegria o saboroso e o amargo e compreendendo que sua majestade assim o quer.⁶²²

Teresa encontra esta conformidade de vontades explícita de forma plena na vida de Jesus. A vida do Filho foi uma vida de conformidade à vontade do Pai, mesmo quando esta implicou passar pelo “vale escuro da sombra da morte”, vale e labirinto que Jesus vislumbrou não apenas após sua entrega na cruz. Podemos afirmar que a vida de Cristo foi uma contínua entrega nas mãos do Pai frente à presença da morte, na qual caracterizou sua radical união com a vontade do Pai como afirma Schillebeeckx: “Jesus morreu como viveu: em plena fidelidade à vontade do Pai”⁶²³.

7.7.2.4

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje”

O cume e o ápice de toda evangelização e ação eclesial é justamente conduzir a pessoa à união com Deus. Teresa vê na eucaristia um importante recurso que Jesus deixou à sua Igreja para que a pessoa possa amá-lo e amar o próximo. Para ela, os diagnósticos circunstanciais sobre a situação em que cada um se encontra não bastam para superar uma situação minimizadora pessoal em sua relação com Deus. Teresa exemplifica dizendo que não basta falar para um rico da necessidade de compartilhar os bens com os pobres, ou a um murmurador que tenha paciência, assim como a um religioso que seja mais empenhado em viver os seus votos⁶²⁴, é preciso ajudá-los a redescobrir recursos que lhe permitam

⁶²¹ C 32,12.

⁶²² F 5,11.

⁶²³ SCHILLEBEECKX, E., Jesús la história de um vivente, p.367.

⁶²⁴ C 33,1.

serem auxiliados em tais determinações, e um excelente recurso para Santa Teresa é a eucaristia.⁶²⁵ Ao instituir a eucaristia, Cristo procura um modo de continuar nos amando: “Ele sabia que devia nos amar como a Si mesmo e, assim, tentava cumprir esse mandamento com maior perfeição, mesmo que em detrimento de si mesmo”⁶²⁶. Este amor de Cristo em si próprio é um modo de perpetuar o seu amor entre nós, nos amando e nos oferecendo este precioso recurso que nos capacita a realizar o seu querer, pois “Ele não está aqui conosco senão para ajudar, para nos sustentar e para nos animar a fazer essa vontade que temos pedido que faça-se em nós”⁶²⁷.

O alimento de maior importância e auxílio para a vida espiritual, e para fomentar a missão à luz do pensamento de Santa Teresa, é o sacramento do amor, isto é, a eucaristia. Este sacramento eucarístico não é apenas alimento para alma, mas também para os males do corpo. Quando é recebido com a devida dignidade, a pessoa experiencia preciosos prodígios, maravilhas, reavivando deste modo a sua fé.⁶²⁸ Teresa várias vezes se beneficiou dessas comunhões remontando o cenário onde ela se colocava, por exemplo, como Maria aos pés do Senhor chorando por seus pecados, ou seja, a eucaristia era uma realidade “anamnética” em Teresa, . Não apenas o mistério se atualizava, mas ela se envolvia de modo profundo com este mesmo mistério que a transformava a partir de dentro.

Para Santa Teresa, esta luz sobre a eucaristia e seus benefícios contribuem de modo singular para que aconteça um encontro verdadeiramente renovador, e não apenas uma simples lembrança do que se sucedeu há centenas de anos atrás. A consciência eucarística de Teresa é descrita de uma maneira tão intensa que ela não tem dúvida de estar, através da eucaristia, com o mesmo Cristo total: “Ele, quando andava no mundo, curava os enfermos sem que esses precisassem mais do que tocar-Lhe as vestes, por que haveríamos de duvidar que faça milagres estando tão dentro de nós, se tivermos fé, e que nos dê o que pedirmos, visto que está em nossa casa? Sua majestade não costuma pagar mal a hospedagem quando encontra boa acolhida”⁶²⁹. Para Teresa, essa é uma ótima “ocasião para negociar”⁶³⁰ o que possa servir para sua maior glória.

⁶²⁵ C 33,2.

⁶²⁶ C 33,3.

⁶²⁷ C 34,1.

⁶²⁸ C 36,6.

⁶²⁹ C 34,8.

Outro modo excelente de união com o Senhor é a comunhão espiritual. Mesmo quando a pessoa não comunga ao participar de uma missa, é possível tirar um enorme proveito no sentido de procurar recolher-se para que se “imprima profundamente em [sua] alma o amor desse Senhor; porque, se nos preparamos para receber, Ele jamais deixa de dar de várias maneiras que estão além do nosso conhecimento”⁶³¹. Para Teresa, o desejo de Deus já é uma experiência desta força atrativa do amor que nos interpela à intimidade com o próprio Deus, intimidade que Teresa via espezinhada por parte dos eventos que se sucediam no contexto de tensão por parte de alguns membros da Igreja, que passavam a desprezar o Santíssimo Sacramento: “pois parece que querem expulsá-lo outra vez do mundo, tirá-Lo dos templos, perderem tantos sacerdotes, profanar tantas Igrejas, mesmo entre os cristãos, que às vezes vão lá com a intenção antes de ofendê-lo do que de adorá-lo”⁶³².

7.7.2.5

“Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”

Uma consequência óbvia na vida cristã e que explicita Teresa é que se supõe que aquele que diz *Fiat voluntas tua*, já se dispôs a viver o *Dimite nobis debita nostra* no sentido de que não é uma oração que tem em vista o perdão a ser concedido. Não é “como vamos perdoar”, mas como “nós perdoamos”, ou seja, o perdão já oferecido.⁶³³ A Santa interpela a ir além destas “casinhas de palha”, que se constroem com questões como a da honra.⁶³⁴ Para transpor as muralhas da honra e liberar a graça do perdão é preciso passar por esta *kênosis* fundamental, é preciso aprender que muitas ascensões no sentido espiritual demandam importantes descidas. Isto é a prática da humildade, ponto delicado para Santa Teresa, pois ao conhecer a natureza humana sabe que:

temos a inclinação para subir, embora não cheguemos ao céu por aqui, que não queremos saber de descer. Ó Senhor, Senhor! Não sois Vós nosso modelo e mestre? Sim, por certo! Então, em que esteve a Vossa honra, exemplo da Honra?

⁶³⁰ C 34,10.

⁶³¹ C 35,1.

⁶³² CE 62, 3.

⁶³³ C 36, 2.

⁶³⁴ C 36,3.

Não a perdeste, sem dúvida, ao serdes humilhado até a morte? Não, Senhor, Vós a ganhaste para todos.⁶³⁵

O seguimento de Cristo em Santa Teresa é *kênosis*, ao viver o descendimento com Cristo, a pessoa não é desfigurada de sua dignidade, mas transfigurada, uma vez que a dor e o sofrimento não são capazes de roubar-lhe sua identidade, pois esta se encontra profundamente enraizada no mistério de Cristo. Este é um sinal evidente dos efeitos das graças de Deus na vida de uma pessoa, ou seja, o mal não a desconfigura e, se não for assim, algo deve ser questionado quanto à autenticidade destas mesmas experiências:

Quando uma alma a quem Deus concede as graças de que eu falei na oração de contemplação perfeita não sai dela muito determinada a perdoar todas as injúrias, não deve confiar muito em sua oração. Porque uma alma que Deus atrai a Si numa oração tão elevada não é alcançada pelas injúrias nem se incomoda mais em ser ou não estimada⁶³⁶

A fidelidade passiva do discípulo sofredor, diante de adversidades no seguimento de Cristo, resulta em “graças e favores perpétuos, num dia, do que poderia vir a ganhar em dez anos com sofrimentos escolhidos pela própria alma”⁶³⁷. Isto não significa que a pessoa não sinta, a princípio, as dificuldades inerentes a estes mesmos sofrimentos, mas percebe que é possível garimpar em todas as situações que vive o que existe de mais precioso e valioso em meio a estas experiências. Para os contemplativos, os sofrimentos são como que ouro e joias que se encontram no caminho, e por estarem “afastadas da mínima estima de si mesmas (...) e ter tanta humildade e tanto amor de Deus”⁶³⁸ não se deixam prender facilmente pelas garras dos ressentimentos que por vezes envenenam a vida em suas relações:

Quando o Senhor começa a conceder essas graças, pode ser que a alma não fique logo tão forte; mas afirmo que, se Ele continuar a dá-las, breve ela o ficará. Se não o ficar na prática de outras virtudes, ao menos vai ficar na de perdoar. Não posso acreditar que uma alma que tanto se aproxime de sua misericórdia onde conhece quem é e o muito que Deus lhe tem perdoado, deixe de perdoar logo com toda a facilidade e não se disponha a ficar muito bem com quem a ofendeu, por ter bem presentes o regalo e a graça que Deus lhe concedeu, tendo visto sinais de grande

⁶³⁵ C 36,5.

⁶³⁶ C 36,8.

⁶³⁷ C 36,9.

⁶³⁸ C 36,10.

amor, razão por que agora se alegra por ter a oportunidade de mostrar algum de sua parte.⁶³⁹

A legitimidade dos efeitos das experiências de Deus que vive um discípulo missionário de Cristo no seu seguimento resulta como uma graça eclesial em que o seu testemunho de amor resplandece como sinal da ação de Deus. Ser um evangelizador em nossos dias é ser agente de restauração, alguém que permite por meio de sua vida que Deus continue a curar tantas fraturas presentes na vida da humanidade. Por isso, quando um discípulo vive esta experiência da graça se torna um facilitador da proximidade com o Senhor. Grande graça é viver e comunicar a misericórdia de Deus através do perdão⁶⁴⁰, da abundante misericórdia de Deus neste mundo de feridos.

7.7.2.6

“Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém”

Um dos pontos presentes na espiritualidade cristã, e que fora assumida pela espiritualidade carmelitana a partir de sua regra⁶⁴¹, é o combate espiritual. Uma certeza que povoa o pensamento de Teresa é a certeza de que quem avança na perfeição não pede ao Senhor que o livre de sofrimentos, das tentações, nem das perseguições e lutas. Essas pessoas “são como soldados, quanto mais há guerras, tanto mais contentes ficam, visto esperarem obter o maior ganho. Se não há guerra, elas só recebem o soldo, mas veem que assim não podem florescer muito.”⁶⁴² Os piores combates, segundo a Santa, são contra “os inimigos traiçoeiros, demônios disfarçados em anjo de luz. Estes que não se revelam até terem prejudicado muito a alma; eles ficam bebendo o nosso sangue, e acabando com as nossas virtudes, e nos deixam mergulhados na tentação sem que nos demos conta”⁶⁴³. A vigilância é de grande importância, aqui, para não arrefecer na humildade e deixar-se levar pela vanglória.⁶⁴⁴ A humildade deve sempre ser buscada, não como algo já conquistado e seguro, mas como uma realidade que se procura possuir, assim como a devida atenção às ocasiões em que nos tornamos

⁶³⁹ C 36,2.

⁶⁴⁰ C 36,12.

⁶⁴¹ REGRA DO CARMO 16.

⁶⁴² C 38,1.

⁶⁴³ C 38, 2.

⁶⁴⁴ C 38,4.

mais vulneráveis a uma crítica, a uma murmuração⁶⁴⁵, buscando sempre nas adversidades manter uma atitude de louvor a Deus.⁶⁴⁶

Outra tática utilizada pelo demônio para impedir o progresso dos discípulos de Cristo, segundo Teresa, é infundir-lhes uma falsa humildade de não serem dignos da oração e de se aproximar do Santíssimo Sacramento.⁶⁴⁷ Contudo, a verdadeira humildade afirma Teresa: “não inquieta, não desassossega, nem deixa na alma um alvoroço, por maior que seja; ao contrário, vem com tranquilidade”⁶⁴⁸. Outras duas tentações são as penitências exageradas⁶⁴⁹, que acentuam um desejo de sentir-se melhor que as demais, em detrimento à obediência quando a pessoa se vê confrontada pelo discernimento de um superior, e as ocasiões arriscadas⁶⁵⁰, realidades às quais é preciso sempre um discernimento que demanda um conhecimento próprio, sabendo quais são as situações em que a pessoa deve manter a coerência no testemunho.

Dois são os remédios propostos por Santa Teresa para enfrentar esta guerra sem grandes sobressaltos: o amor e o temor. Pois o “amor nos fará apressar o passo; o temor nos levará a atentar onde pomos os pés, para não cairmos numa trilha tão pedregosa que é a desta vida”.⁶⁵¹ Aqueles que amam Deus verdadeiramente “amam tudo o que é bom, desejam tudo o que é bom, estimulam tudo o que é bom, louvam tudo o que é bom. Aos bons se unem sempre, favorecendo-os e defendendo-os; não amam senão a verdade e as coisas verdadeiramente dignas de amor”⁶⁵². A verdade do amor está fundada em uma base sólida que é a certeza de que seremos retribuídos com outro amor, este amor nos sustenta no itinerário de nossa vida, e nos consola no derradeiro momento de nossa morte, porque será de grande importância na hora da morte sabermos que seremos julgados por aquele a quem amamos acima de todas as coisas.⁶⁵³

Quanto ao temor, Teresa descreve como ele vai se fazendo presente na vida do discípulo de Cristo, quando este começa “afastar-se dos pecados e das

⁶⁴⁵ C 38,6.

⁶⁴⁶ C 38,8.

⁶⁴⁷ C 38,1.

⁶⁴⁸ C 38,3.

⁶⁴⁹ C 39,3.

⁶⁵⁰ C 39,4.

⁶⁵¹ C 40,1.

⁶⁵² C 40,3.

⁶⁵³ C 40,8.

ocasiões, bem como das más companhias, e se veem outros sinais”⁶⁵⁴, tais como a súplica a Deus, que o livre de tentações violentas que o levem a ofender Deus, buscando preferir “perder mil vidas que praticar um pecado mortal”⁶⁵⁵, assim como seguir seus próprios caprichos e apetite ao fazer a vontade de Deus. Para Teresa, a questão do temor é uma questão vital para a vida espiritual, sem esta determinação é impossível obter a santa liberdade⁶⁵⁶. Ao reconhecer nossa fragilidade, “não devemos confiar em nós; quanto mais determinados, menos confiemos em nós, pois é de Deus que nos há de vir a confiança”⁶⁵⁷.

O temor nos faz conservar a boa fama e a amizade do amigo⁶⁵⁸, de modo que jamais se rompa este elo. O autêntico temor em Santa Teresa é um incentivo para sempre manter uma justa amizade com as pessoas a partir da verdade do que se é e do que se crê, contudo sempre manifestando afabilidade para com todos, de tal modo que “apreciem vossa conversa, desejem o vosso modo de viver e tratar e não se atemorizem nem amedrontem de praticar a virtude, (...), pois, quanto mais santa for uma pessoa, mais afáveis nas conversas”⁶⁵⁹.

Por meio destes dois fundamentos: o amor e o temor, Teresa propõe um caminho em que a vontade de modo determinado não recue jamais diante da guerra que trava contra o mundo. O maligno cede onde o Reinado de Deus vai se estabelecendo na pessoa, em meio às fragilidades de nossa própria vontade, que amparada pela graça de Deus é capaz de triunfar:

Oh, Quão diferente deveria ser esta vida para que não se desejasse a morte! Como a nossa vontade se inclina diversamente daquilo que é a vontade de Deus! Ele deseja que busquemos a verdade, nós queremos a mentira; deseja que busquemos o eterno, nós nos inclinamos para o que se acaba; deseja que busquemos coisas grandes e elevadas, nós queremos baixas e terrenas; desejaria que só buscássemos o seguro, mas amamos o duvidoso.⁶⁶⁰

A oração do Pai-Nosso nesta percepção teresiana encerra em si todo o caminho espiritual, ou seja, vida e oração. Uma pessoa orante é uma pessoa que permite que sua vida seja trinitarizada, de modo que isso traga à luz a sagrada humanidade de Cristo. É nesta relação que se estabelece no seguimento de Cristo

⁶⁵⁴ C 41,1.

⁶⁵⁵ C 41,3.

⁶⁵⁶ C 41,4.

⁶⁵⁷ C 41,4.

⁶⁵⁸ C 41,5.

⁶⁵⁹ C 41,7.

⁶⁶⁰ C 42,4.

que a pessoa é introduzida de modo mais intenso na família Trinitária, podemos dizer que é o Filho que vai viabilizando o acesso ao Pai. O discípulo, ao beber nas fontes de Deus, procurará progredir, e busca permitir que sua vida se torne uma fonte por onde jorra do seu interior rios de água viva (Jo 7,38).

O caminho de perfeição pensado por Teresa visa a santidade dos discípulos no grande mosaico da missão evangelizadora da Igreja. Esta é a proposta mais acertada para um fecundo apostolado, que consiste na configuração com a pessoa de Cristo. Em Cristo, Teresa compreende a necessidade desta busca de viver um amor para com Deus e com o próximo. A “mãe dos espirituais” compreende que a autêntica liberdade é a de ter o coração desprendido e capaz de ir para além dos territórios aparentemente seguros ou nomadismo sem raízes, é estar profundamente envolvido e comprometido com o Reino e, se possível for, “dar mil vidas por ele”.

7.8 Concluindo o capítulo 7

A partir do enfoque da mística teresiana, podemos olhar para a atual estação evangelizadora da Igreja e descobrir o antigo e perene paradigma cristológico presente em toda autêntica renovação da Igreja e do mundo. O seguimento de Jesus pensado por Santa Teresa, em seu contexto, abre-nos para uma leitura de continuidade e de configuração ao evangelho, que possui uma jovialidade permanente quando se vive aberto à experiência com Jesus Cristo e à experiência de sua amizade:

Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar Tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n’Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa, assim como a sua amizade. (EG n.266)

A partir deste mesmo “conteúdo programático” que é Cristo, em seu sentido fundante e iluminador⁶⁶¹ é que buscaremos no próximo capítulo, segundo o

⁶⁶¹ SCAMPINI, J. A. La reforma y las reformas en la Iglesia, p.484.

pensamento teresiano, entrar na sala da Trindade, onde o Filho convoca os seus discípulos para abrirem-se aos seus esplendores. Dentro desta perspectiva experiencial da Trindade, buscaremos abordar a partir de agora como a relação de Trindade, ou seja, sua paternidade e ação transformadora e unitiva no Espírito pode iluminar os novos evangelizadores nesta atual transformação missionária da Igreja.

8

Aspectos trinitários e eclesiológicos da mística teresiana e a nova evangelização

O pensamento de Santa Teresa de Jesus encontra o seu ápice naquele que é o maior mistério da fé cristã, ou seja, o mistério da Santíssima Trindade. Entretanto, para a Santa, o seu interesse principal se centra na busca de conhecer amorosamente esta presença na alma humana. As obras de Santa Teresa transbordam beleza quando descreve os encontros que vive com a Santíssima Trindade, o que a faz descrever sua própria vida nesta relação com o mistério da inabitação da Trindade na pessoa.⁶⁶² Este é o caminho pelo qual percorre a reflexão de Teresa, e ao falar da Trindade a sua atenção repousa em como esta presença é percebida, de modo que ao viver a experiência se relaciona com este mistério de tal forma que a proximidade se configura sua “elementar aprendizagem teológica e elementar piedade trinitária”⁶⁶³.

8.1

A Trindade como mistério de amor relacional em Santa Teresa

Vivemos em nossos dias uma atenção especial no que se refere à reflexão teológica que compreende a importância de dar um acento mais claro à dimensão cristológico-trinitária da fé. É preciso fazê-lo não apenas repetindo as necessárias afirmações dogmáticas firmadas nos grandes concílios da história da Igreja, mas entender, em nosso tempo, como olhar para o mistério da Trindade e pensar as relações humanas, sociais, e espirituais a partir do mistério de Deus. Teresa buscou esta importante conexão entre os grandes mistérios da fé e a vida, seja em seus desdobramentos no amor para com suas irmãs, seja com todo aquele que encontrou pelo caminho ao qual o Senhor a conduzia. Isto não significa afirmar de antemão que a Trindade viva um exílio na dimensão experiencial e cotidiana da fé, mas pensar que a pátria da Trindade, onde ela pode viver e atuar é a vida dos cristãos em meio às diversas circunstâncias, lugares e experiências em que se

⁶⁶² R 6,9; 16; 4M 1,6-7.

⁶⁶³ GARCIA, C., Teresa de Jesús. Experiencia Trinitaria, p.3; ÁLVAREZ, T., Teresa de Jesús, p.1344-5.

encontram e vivem. Neste sentido, o papa Francisco apresenta uma via a ser considerada quando relaciona a fé na Trindade e a vida do cristão:

Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que “assim lhe confere uma dignidade infinita”. Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque “Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens”. Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permeiar toda a situação humana e todos os vínculos sociais: “O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis”. A evangelização procura colaborar também com esta ação libertadora do Espírito. O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos. A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros. (EG n.178)

Este “desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros”, segundo Francisco, fora como que o *leitmotiv* de toda experiência vivida por Santa Teresa em sua relação com a Trindade. Ao descrever o que compreende e o que experimenta, Teresa, no que toca ao mistério da Santíssima Trindade, possibilita uma abordagem renovada do mistério da fé: “Depois da Escritura, os ricos e inumeráveis documentos dos grandes místicos cristãos são os lugares teológicos tão interessantes, mais que muitos dos documentos da tradição viva da Igreja”⁶⁶⁴, pois eles não o fazem de um modo mecânico, repetindo apenas o que já fora dito e afirmado pela doutrina da Igreja. O modo como Teresa procede aqui é tirando justamente o sumo desta experiência vital com este mistério Trinitário, que é antes de tudo uma dilatação de amor que se verifica em atos e na vida como bem relata sua experiência:

Introduzida à alma nesta morada, diante da visão intelectual se lhe mostra, por certa espécie de representação da verdade, a Santíssima Trindade – Deus em três pessoas: Primeiro lhe vem ao espírito uma inflamação que se assemelha a uma nuvem de enorme claridade. Ela vê nitidamente a distinção das divinas Pessoas; por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta serem três uma substância, um poder, um saber, um só Deus. Dessa maneira, o que

⁶⁶⁴ RUIZ SALVADOR, F., *Función del místico en la teología y en la Iglesia de hoy*, p.269-300.

acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo nem da alma, porque não se trata de visão imaginária. Na sétima morada comunicam-se com ela e lhe falam as três pessoas. Elas lhe dão a entender as palavras do Senhor que estão no evangelho: que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, morar na alma que o ama e segue seus mandamentos.⁶⁶⁵

A experiência com a presença e com a inabitação da Santíssima Trindade na alma nos dá a entender, a partir desta fé experiencial, um conhecimento vivido. Crê não apenas naquilo que ouviu a respeito de Deus, mas por uma convicção interior mais profunda e clara, que por nada colocaria em questão, justamente pelo fato de ser verificável posteriormente pelos frutos manifestados na própria vida:

A alma se vê num átimo, sábia e tão instruída sobre o mistério da Santíssima Trindade e de outras coisas muito elevadas que não há teólogo com quem ela não se atrevesse a argumentar acerca da verdade dessas grandezas. É tamanho o espanto que basta uma graça dessas para provocar uma reviravolta na alma, levando-a a não amar senão Aquele que a ela vem, sem nenhum trabalho seu, torná-la capaz de tão grandes bens, comunicando-lhes segredos e tratando com ela com tanta amizade e amor que não é possível descrever.⁶⁶⁶

Quando lemos as páginas do conjunto do *corpus teresianum*, percebemos as permanentes experiências de Deus que viveu Santa Teresa em sua vida. Experiências que produziram posteriormente autênticas amizades espirituais, vidas compartilhadas em prol da missão do corpo de Cristo, auxílio oportuno em meio às tribulações. Estas experiências de Deus em Santa Teresa são como fermento na massa, capazes de dar o “tom da graça” em toda a iniciativa que tem como fim a maior glória de Deus “até que todos alcancem a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e chegemos à maturidade, atingindo a medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,1). Esses são os verdadeiros efeitos de uma experiência com o mistério da Trindade que transborda na vida:

O fato é que nestas coisas interiores de espírito a oração mais aceita e segura é a que deixa melhores efeitos. Não me refiro a inspirar logo muitos desejos, pois estes, embora apreciáveis, nem sempre são como os pinta aos nossos olhos o amor-próprio. Chamo efeitos quando são confirmados por obras, e os desejos da honra de Deus se traduzem em trabalhar por ela muito deveras, e empregar a memória e o entendimento em investigar os meios de agradar o Senhor e mostrar-lhe melhor o grande amor que se lhe tem. Oh! é esta a verdadeira oração, e não uns gostos que só servem para nosso deleite e nada mais, pois quando se oferecem as ocasiões de que falei, há logo muita frouxidão, temores e sustos de que nos faltem com a

⁶⁶⁵ 7M 1, 1.

⁶⁶⁶ V 27,9.

estima. Outra oração não quisera eu, fora da que me fizesse crescer nas virtudes. Se fosse acompanhada de grandes tentações, securas e tribulações, porém me deixasse mais humilde, a essa teria eu por boa, pois consideraria mais oração aquilo que mais agradasse a Deus.⁶⁶⁷

Ao descrever tais experiências teresianas feitas com a Trindade nesta parte de nosso trabalho, apontamos de modo objetivo a percepção sobre a nova evangelização a partir da mística vivida por Santa Teresa. À luz da experiência teresiana, é possível ver como o encontro com o mistério de Deus nos lança para além de nós mesmos, nos põe em caminho, nos transforma a partir de dentro, permitindo e impelindo-nos a um testemunho e uma vivência determinada na causa do Reino de Deus. Tal relação com a Trindade nos faz acolher o convite de sentar à mesa no Reino como o fez Teresa, que apesar de suas inúmeras debilidades e fraquezas, denunciadas por ela mesma em suas obras, vivencia a experiência com “Deus, Pai das misericórdias”, e para ela encaminha e aponta a todos. Sem esta experiência com a paternidade amorosa de Deus, é difícil compreender o que significa verdadeiramente um encontro com o evangelho, ou seja, com uma boa notícia realmente transformadora.

8.2

A experiência de “Deus, Pai das misericórdias” em Santa Teresa de Jesus

Quando lemos os escritos de Santa Teresa, vemos de modo contundente o desejo que ela expressava de que se reconhecesse a infinita misericórdia de Deus atuando em sua vida. Mesmo que a pedido de seus confessores, ou pelo menos sob a autorização e o consentimento deles, Santa Teresa procurasse dar o acento em sua fragilidade enquanto mulher que se atreve a falar de Deus e dos seus mistérios, ao contrário de cair na tentação de ser pedante, apresentava um discurso místico elevado sobre suas experiências de Deus. “É verdade que senti mais por falar dos favores que o Senhor me tem feito do que das ofensas que tenho cometido contra sua majestade”⁶⁶⁸, contudo, sabemos que sempre o pano de fundo do ensinamento teresiano quanto a seu testemunho pessoal situa-se no desejo que todos conheçam a este “Pai das misericórdias”. De diversos modos Ele a surpreendeu com o seu amor, “não permitindo que se perca esta alma que Ele,

⁶⁶⁷ Ct 129.

⁶⁶⁸ Epílogo, Vida.

com tantos artifícios e de tantas maneiras, tem tirado inúmeras vezes do inferno e trazido para si”⁶⁶⁹.

No testemunho da mestra dos espirituais encontramos esta sobriedade interior de quem, à semelhança dos grandes convertidos, se vê alvo da misericórdia de Deus. Somente quem “sofreu” esta misericórdia sentida no mais profundo de uma autêntica contrição interior sabe o que é ser “misericordiado” por Deus. Teresa é golpeada por uma contrição e por uma conversão que a levam a profundas e estruturais mudanças em sua vida. Uma mudança que não resulta apenas em uma *fuga mundi*, mas em um *pro Deum in mundi*. Teresa não pode conter em si a experiência de Deus e de sua misericórdia. Esta experiência poderosa da misericórdia precisa, no parecer da Santa, transbordar sobre a Igreja.

A compreensão de um dos atributos de Deus em Teresa se reveste de um caráter profundamente experiencial: “o Todo-Poderoso”. O “Todo-Poderoso”, numa linguagem teresiana, possui uma conotação majestática. Teresa diversas vezes se aproxima do Todo-Poderoso referindo-se à “sua majestade”. Se no imaginário religioso contemporâneo de Teresa o Rei é o homem que detém este poder temporal, material e, por vezes, de forte influência espiritual, na Santa a majestade de Deus configura-se com tal senhorio que, ao agir através de seu poder, convida o ser humano a fazer experiência com sua misericórdia. Misericórdia no Deus de Teresa é o poder que move o coração humano a ter “Deus Pai por amigo”. À semelhança do filho pródigo, Deus não apenas restitui os direitos ao filho mais novo, mas oferece seu amor e familiaridade, o que tem um efeito profundamente transformador na vida do filho ao gozar da misericórdia, através de um pai que se propôs perdoar antes mesmo de o filho se arrepender. Uma vez arrependido e golpeado pelo perdão do pai, o filho não apenas encontra a alegria de um lar tendo na consciência a possibilidade de desfrutar os direitos restituídos, mas quer viver na companhia do pai como um filho-servidor. Esta misericórdia opera no filho o maravilhoso testemunho de que nada nem ninguém poderá assumir o absoluto de Deus em sua vida, e esta gratidão será o caminho por onde outros verificarão o agir próximo e pessoal com o Pai, ou dizendo de modo mais amplo com toda a Trindade:

⁶⁶⁹ V 40,24.

Representaram-se em mim três Pessoas distintas, pois a cada uma se pode ver e falar individualmente. E depois pensei que só o Filho tomou carne humana, o que prova essa verdade. Essas Pessoas se amam, comunicam-se e se conhecem. Mas, se cada uma existe por si só, como podemos dizer que as três são uma mesma essência, e acreditar nisso, tomando-a por grande verdade, sendo eu capaz de morrer por ela mil vezes? Em todas essas três pessoas não há senão um querer, um poder e um domínio, de modo que nada pode uma sem a outra: de quantas criaturas há, é só um Criador. Poderia o Filho criar uma formiga sem o Pai? Não, pois o poder é todo um, e o mesmo ocorre com o Espírito Santo; assim é que há um só Deus Todo-Poderoso, e todas as três pessoas são uma só majestade.⁶⁷⁰

Uma só majestade são as três pessoas da Trindade. Deste modo, Teresa, ao descrever a majestade do Deus Uno e Trino, não coloca divisão, mas reconhece que se pode falar à Trindade tanto abrindo um diálogo com as três pessoas ao mesmo tempo, como acentuando que se pode falar a “cada uma individualmente”. Neste sentido é que buscamos nos escritos teresianos estas particularidades no Pai, no Filho e no Espírito e como estas experiências vividas por Teresa assumem tonalidades importantes.

8.3

A experiência do *Abba* em Santa Teresa de Jesus

Um elemento importante que verificamos nos escritos de Santa Teresa é o modo como ela se relaciona com Deus Pai. As inúmeras referências e orações que Santa Teresa dirige a Deus Pai nos dão a entender como ela compreendia esta relação filial, em que Deus se mostra como um pai amoroso sempre preparado para oferecer o seu amor aos seus filhos. Esta experiência pessoal que Teresa vive com a pessoa de Deus Pai é justamente o que vai fazer com que ela avance na vida interior, e na missão que o Senhor lhe confia. Teresa, na relação que vive com Jesus, encontra em sua humanidade um caminho até a sala do Trono, até a intimidade e a proximidade com Deus Pai. Aqui buscamos uma aproximação do pensamento de Santa Teresa com o pensamento do apóstolo Paulo, que em uma de suas orações reconhece no *Abba* esta paternidade de Deus, que vai se expressar também em gemidos inexprimíveis. Teresa passa por estas experiências e com dificuldade procura expressar este “não sei quê”⁶⁷¹ do Espírito Santo que toca a sua alma e a faz sentir o infinito amor do Pai. A Santa tenta proteger a grandeza

⁶⁷⁰ R 34.

⁶⁷¹ R 5,11

amorosa e misericordiosa do Pai através do Filho⁶⁷², pois percebe a grandeza da ingratidão da humanidade diante de tanto amor manifestado por este Pai:

Ó Filho de Deus e Senhor meu! Como dais tantos bens junto à primeira palavra? Se já Vos humilhais tanto ao juntar-Vos a nós no pedido, fazendo-Vos irmãos de coisa tão baixa e miserável, como ainda nos dais, em nome de Vosso Pai, tudo o que se pode dar, obrigando-O a nos ter por filhos, já que Vossa palavra não pode faltar? Vós O obrigais a cumpri-la, o que não é pequena carga, já que sendo Ele Pai, há de nos suportar, por mais graves que sejam as nossas ofensas; se nos voltarmos para Ele, como o Filho pródigo. Ele há de nos perdoar, de nos consolar em nossos padeceres, de nos sustentar como o faz um tal Pai, que forçosamente vai ser melhor que todos os pais do mundo, já que nele não pode haver senão perfeição de todos os bens. E, depois de tudo isso, fará de nós participantes e herdeiros do seu reino Convosco.⁶⁷³

Esta paternidade divina a qual não é apenas um conceito em Teresa, mas uma experiência que comunica sentido terno e eterno a sua existência, por Teresa vai ser vista como uma paternidade insuperável em amor. Entretanto, Teresa percebe que a pessoa que media esta experiência de paternidade e amor é o próprio Filho. Nele é possível cada ser humano perceber como Deus ama, como Deus se faz próximo à sua criação, como Deus perdoa. Nas palavras e ações do Filho, Deus está constantemente se revelando como um Pai amoroso que vai “incondicionalmente em busca da ovelha desgarrada (cf. Lc 15,3-7)”⁶⁷⁴.

8.4 **Espírito Santo como parresia e ímpeto para a missão em Santa Teresa**

Dentro do ambiente eclesial, vemos hoje um contínuo apelo à busca de uma nova parresia por parte dos cristãos no coração do mundo. Alguns teólogos como Karl Ranher foram de certo modo impetuosos ao fazerem determinadas constatações em seu tempo, quando viam a Igreja por vezes temerosa em alguns de seus posicionamentos frente aos novos desafios de encher este mundo com o fogo de uma fé vibrante e realmente transformadora:

Sendo sinceros, no terreno do espiritual somos até certo extremo, uma Igreja sem vida. Onde se fala línguas de fogo de Deus e do seu amor? Onde na Igreja não somente se ora, senão que se experimenta a oração como um dom pentecostal do Espírito, como graça sublime? Onde tem além de toda inculcação racional da

⁶⁷² ÁLVAREZ, T., Estudios Carmelitanos, p.84.

⁶⁷³ C 27, 2.

⁶⁷⁴ AUGUSTIN, Por uma Igreja “em saída”, p.17.

existência de Deus, uma mistagogia de frente a experiência viva de Deus que parta do núcleo da própria existência?⁶⁷⁵

Quando Santa Teresa vivencia suas experiências cristológica, com o Ressuscitado, abre-se a compreensão de sua missão no mundo e na Igreja. Teresa percebe que não pode recuar mesmo diante de sua condição de ser mulher, religiosa e fazer parte de um grupo de pessoas que teria de tudo para passar os seus dias sendo apenas parte de um cenário de transformações que acontecem diante de seu olhos, isto é, ser uma espectadora impotente no cenário da vida e da Igreja. Contudo, Teresa vive experiências que terão desdobramentos importantes gerados por esta parresía, pelo Espírito que a interpela a ir em frente rompendo interditos e iniciando novos processos. Citamos aqui alguns aspectos interessantes que dizem respeito a algumas dimensões em que a Santa, em sua sagacidade habitual e potencializada pelo Espírito, vai abrir novos horizontes de reflexão na Igreja, contribuindo de modo singular em alguns aspectos antropológicos, eclesiológicos, cristológico-trinitário, missiológico-pastoral e bíblico.

8.4.1

Sentido antropológico da parresia teresiana

Teresa em sua obra *Castelo Interior* apresenta a pessoa através de uma antropologia positiva em que o ser humano é visto de modo integral, a partir da beleza e da dignidade que o habita. Teresa se situa dentro de um contexto de profundas mudanças antropocêntricas, o que a faz ter uma percepção interessante, pois valorizando a pessoa, salvaguarda aquilo que é o seu centro – o próprio Deus. Partindo do ser humano e de seu centro, ela vai desenvolver magistralmente sua reflexão sobre o castelo interior, que fora escrito no ano de 1577 em um período de 5 meses, já em uma fase de maturidade humana e espiritual da Santa:

Não é pequena lástima e confusão que, por nossa culpa, não nos entendamos a nós mesmos nem saibamos quem somos. Não seria grande ignorância filhas minhas, que se perguntasse a uma pessoa quem é e ela não se conhecesse, não soubesse quem foi seu pai, sua mãe ou a terra em que nasceu? Se isso seria grande insensatez, muito maior, sem comparação, é a nossa quando não procuramos saber quem somos e só nos detemos no corpo. Sabemos que a nossa alma existe apenas por alto, porque assim ouvimos dizer e porque assim nos diz a fé. Mas, poucas vezes consideramos as riquezas existentes nessa alma, seu grande valor, quem nela habita; e, assim, não damos importância a conservar a sua formosura. Todos os

⁶⁷⁵ RAHNER, K., Cambio estructural en la Iglesia, p. 102-10.

cuidados se consomem na grosseria do engaste ou muralha deste castelo, que são os nossos corpos.⁶⁷⁶

8.4.2

Sentido cristológico e trinitário da parresia teresiana

Ao pensar sobre os avanços que Santa Teresa dá quanto ao seu pensamento cristológico-trinitário afirmamos que um dos divisores de águas na sua vida fora a compreensão que teve sobre a humanidade de Cristo. A partir da humanidade de Cristo, Santa Teresa compreende que a sua pascalidade é caminho pelo qual a pessoa é introduzida na sala da Trindade, e nesta sala Teresa poderá aprofundar sua percepção e a relação entre o mistério de Deus e o mistério do homem. Para ela, ser verdadeiramente espiritual é “mirar Cristo” e tornar-se se servidor por amor (F 5,17), e envolvimento que lança a pessoa a dar “mil vidas” para povoar as “milhares de moradas” preparadas por este amor misericordioso de Deus. O resgate ou o conceito de salvação em Teresa é configurado não somente em um acontecimento post-mortem, ou seja, salvar para depois da morte, mas para Teresa a salvação que Cristo comunica é uma experiência de salvação para a vida, e com motivações de um projeto para uma existência bem-aventurada.

Neste aspecto a dimensão cristológico-trinitária é relacional, e se exprime por meio de uma “inquebrantável determinação” de prosseguir na relação com Deus, que para Santa significa a “via régia para o céu” (C 21,1), colocando a pessoa num intercâmbio e numa relação que é histórica e eterna quando se inicia com “inquebrantável determinação.” (C 21,2)

8.4.3

Sentido eclesiológico da parresia teresiana

A mística teresiana é uma mística autenticamente eclesiológica. Teresa sente e reflete as fraturas que acontecem no corpo de Cristo através do avanço do luteranismo, ao passo que percebe que o quê contribui para o desencadeamento de várias rupturas internas é o enfraquecimento do testemunho dos próprios filhos da Igreja. A Igreja fora se tornando mais o lugar e o espaço do reinado dos homens do que um processo vital da dinâmica transformadora da presença do Reino de Deus no mundo. O carisma teresiano e sua mística vêm de encontro a estas

⁶⁷⁶ 1M 1,1.

hemorragias internas, buscando tratá-las através de uma proposta eclesiológica que oferece caminhos possíveis de ação:

- a) Partir de Cristo e reproduzir o modelo apostólico qualificando os pequenos grupos (minoria criativa-Bento XVI): “tudo fazemos para defendê-lo (estandartes da pobreza) na casa, nas roupas, nas palavras e, muito mais no pensamento” (C 2,7).
- b) Viver de modo autêntico o ideal evangélico (testemunho): “Seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição e ver que essas poucas irmãs que aqui estão fazendo o mesmo” (C 1,2).
- c) Perceber a necessária convergência entre o aspecto contemplativo-apostólico: “Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e tê-Lo sempre consigo, não o recebendo mal e negligenciando sua comida” (7M 4,12).
- d) Acentuar a eclesialidade do carisma na intenção de que a reforma do todo seja também a reforma de si: “Quando as vossas orações, desejos, disciplinas e jejuns não estiverem voltados para isso de que falo, tende certeza de que não alcançais e nem cumpris o objetivo para o qual o Senhor vos reuniu aqui” (C 4,10), e “não permita o Senhor que isso saia algum dia de vossa memória, por quem sua majestade é” (CE).

Amor e verdade se entrelaçam nas atitudes de Teresa que, no desejo de servir a Igreja, reconhecendo seus deveres, ela não deixa de reconhecer seus direitos como membro de corpo.

8.4.4 Sentido missiológico pastoral da parresia teresiana

Santa Teresa de Jesus conhecida como a doutora seráfica é também a doutora das gentes. Em Teresa se une desejo de amar Deus e desejo que outros o façam. A alegria de Teresa se situa em ver louvando a Deus e servindo ao próximo aqueles que ela influencia com seu testemunho.

Em Teresa arde a chama da missão. Teresa vê a expansão do Reino da Espanha pelo mundo, mas é capaz de discernir que nem todo desejo de ampliar os espaços da instituição real e eclesial é desejo de tornar o reinado de Cristo presente. Isso a faz exortar constantemente seus irmãos através de cartas, uma vez

que eles vieram para América Latina empenhados na conquista de novas terras para a Espanha:

(...) que nos juntemos para procurar sua maior honra e glória e algum proveito das almas. Isto é o que muito me faz sofrer: o considerar quantas se perdem, em particular esses índios, que não me custam pouco. O Senhor lhes dê luz. Por aqui como por lá, há muita desventura. Como ando por tantos lugares e muitas pessoas me falam, não sei muitas vezes o que pensar, senão que somos piores que animais, pois, não entendemos a grande dignidade de nossa alma, rebaixando-a a coisas tão baixas como são as da terra. O Senhor nos dê luz!⁶⁷⁷

O empreendedorismo na família de Teresa é uma realidade da qual ela faz parte, todos os seus irmãos e o seu pai estão envolvidos. Entretanto, Teresa percebe que sua área de empreender é outra. Desejava ir em missão se pudesse, mas reconhece que a sua missão será a Espanha. Fundou em vida 17 mosteiros femininos e dois masculinos. Mesmo sendo mulher, funda convento de frades. Esta parresia vivida em suas fundações a interpelava a fazer com que a sua obra estivesse no coração das grandes cidades.

A fuga do mundo defendida por tantos espirituais se tornou, em Teresa, uma promoção da vida de Deus no coração do mundo. É nos grandes centros onde a vida comercial, política, econômica e religiosa da Espanha está acontecendo que Teresa deseja edificar os seus mosteiros. Podemos afirmar que é uma negociante de Deus, e a eucaristia é para ela o lugar do qual partem as grandes negociações e empreendimentos. Sua sagacidade e inteligência espiritual lhe permitem agir com discernimento prático em algumas situações, como quando decide fundar os dois primeiros conventos de frades descalços para auxiliar as monjas (F 1,5):

- a) Encomendei muito o caso a Nosso Senhor;
- b) Escrevi ao Padre Geral (Batista Rossi);
- c) Expliquei que as razões que iriam contribuir para maior glória de Deus seriam maiores que os inconvenientes;
- d) Os prováveis inconvenientes não eram motivo para o abandono de um empreendimento tão santo;
- e) Seria um grande serviço feito a Nossa Senhora, de quem o geral era devoto.

⁶⁷⁷ Carta 25. A Dom Lorenzo de Cepeda em Quito. Toledo, 17 de Janeiro de 1570.

8.4.5 Sentido bíblico da parresia teresiana

Ao refletir sobre o doutoramento de Santa Teresa de Jesus e o fato inédito que sucedeu na Igreja – a partir dele a mulher tem a possibilidade de ensinar – nos ocorrem algumas reflexões sobre a contribuição de Santa Teresa para uma aproximação dos textos das escrituras que busca considerar não a precisão de uma exegese sofisticada ou uma hermenêutica historicamente objetiva quanto ao conhecimento das Sagradas Escrituras. O que nos desperta o interesse na relação de Santa Teresa com a escritura é a sua atitude de liberdade ao se aproximar, comentar, refletir e argumentar com a escritura o caminho que vai percorrendo na sua relação com Deus. Neste aspecto, ela se sente livre e impelida a viver com parresia sua aproximação das escrituras, demonstrando qual é a sua real intenção ao fazê-lo:

a) Percebe a inexorabilidade das Sagradas Escrituras: “Disseram-me os letrados (rogando-lhes eu que me declarassem o que o Espírito Santo quer dizer e o verdadeiro sentido das palavras), os doutores têm escrito muitas exposições e ainda não conseguiram atribuí-lo” (CAD n.8).

b) Comentar com liberdade sem ferir a unidade:

E se o que eu disser não for a propósito daquilo que Ele quer dizer, tomo-o eu a meu propósito; porque, sem fugir o que dizem a Igreja e os santos (e, para isso, primeiro o examinarão bons letrados que disso entende antes que o vejais), licença nos dá o Senhor, segundo penso (...) para que nos deleitemos e consolemos em suas palavras e obras.⁶⁷⁸

Ao descrever estes vários aspectos citados em que os pensamentos de Santa Teresa carregados de parresia penetraram e contribuíram para a vida da Igreja, vê-se como o doutorado de Teresa abriu um episódio sem precedência para a ação da mulher na Igreja, que deve prosseguir e muito contribuir em nossos dias através desta nova estação da nova evangelização que é a transformação missionária da Igreja. É belo ver como pessoas pioneiras na teologia e na missão da Igreja tiveram e terão o grande desafio de deixar-se conduzir pelo Espírito Santo quando, aparentemente, o sentimento é de nebulosidade no tecido social e eclesial. Entretanto, estas situações são oportunidades para eficazes respostas que o

⁶⁷⁸ CAD n.9.

Espírito Santo vai dando à Igreja, mesmo diante a episódios em que parece que alguns caminham com escamas nos olhos.

Terminamos recordando as observações do Bispo Felipe Segá em diálogo com Padre João de Jesus, a respeito das iniciativas revolucionárias de Teresa: “mulher inquieta, andarilha, desobediente e contumaz, que a título de devoção inventa más doutrinas, e andando fora da clausura, contra a ordem do Concílio Tridentino e prelados, ensinando como mestra contra o que São Paulo ensinou, mandando que as mulheres não ensinem”⁶⁷⁹. Com relação a ser andarilha, escrevia a um amigo seu Jesuíta: “De mim dizem que sou uma vagabunda e inquieta” (Carta 4.10.78, 254,3), e com relação à citação de Paulo concluí recomendando aos seus consultores a dizerem a seus detratores: “Dize-lhes que não se conduzam somente por uma passagem da Escritura, mas que olhem outras e vejam se por ventura poderão atar-me as mãos” (R n.19).

8.5

O Espírito Santo presente nas experiências de Santa Teresa

Descrever as experiências que Santa Teresa viveu torna-se um grande desafio, pois, muitas vezes, vêm descritas dentro do seu pensamento cristológico – é Cristo que comunica o Espírito. Vamos descrever algumas destas experiências que nos parecem fundamentais em Santa Teresa, e que entendemos ser juntamente com a sua abordagem cristológica da humanidade de Cristo uma descrição muito interessante da ação do Espírito Santo em Santa Teresa.

O *Livro da Vida* apresenta alguns eventos interessantes da ação do Espírito Santo na vida⁶⁸⁰. Deparamo-nos com uma experiência pentecostal vivida por Teresa nas vésperas da Solenidade ao Espírito Santo, ao ler atentamente trechos de um livro escrito por um cartuxo. Ela percebe que em muitas das descrições sobre a ação de Deus na alma ela mesma já pode desfrutar, e por isso começa a agradecer Deus por perceber em si a obra que o próprio Espírito Santo vinha realizando. Em meio a estas considerações, descreve:

⁶⁷⁹ Roca, segundo o Padre Francisco de Santa Maria em Reforma 1, I.I.V, c 30, n.4, p.660-1. Ela mesma faz eco deste rótulo em uma carta a um amigo jesuíta: “De mim dizem que sou uma vagabunda e inquieta” (4.10.78, 254,3).

⁶⁸⁰ V 38.

Quando eu fazia estas considerações, veio-me um ímpeto imenso cuja causa não percebi; parecia que a alma queria sair do corpo, não cabendo mais em si nem se achando capaz de achar tanto bem. Era um ímpeto tão excessivo que eu não podia controlar, sendo pois distinto dos outros. Eu não entendia o que se passava na alma nem o que ela desejava para estar tão alterada. Reclinei-me, pois nem sentada conseguia ficar, já que me faltava toda a força natural. Estando nisso, vejo sobre minha cabeça uma pomba, bem diferente das de cá, porque não tinha penas e exibia asas de umas conchinhas que lançavam para todos os lados um grande resplendor. Ela era maior que as pombas comuns, e pareceu-me ouvir os ruídos que faziam com as asas. Isto durou talvez o espaço de uma Ave-Maria.⁶⁸¹

Mesmo que, ao lermos os escritos de Santa Teresa, tenhamos em um primeiro momento a impressão de que não foi do interesse dela apresentar um fundamento tão bem colocado como foi o cristológico, é perceptível que a pneumatologia está presente e implícita em toda a sua experiência.⁶⁸² A experiência pneumática é o ponto decisivo pelo qual a Santa receberá de Deus o grande impulso para um caminho de reforma de si mesma, e um itinerário que tem como uma de suas prioridades a santidade:

A experiência que Santa Teresa de Jesus tem do Espírito Santo entronca de cheio com este delineamento soteriológico. É uma experiência essencialmente soteriológica, que sela o processo de renovação e santificação, até a sua culminação no mistério da inabituação, que tem, enfim, em sua vida uma manifestação fortemente carismática.⁶⁸³

Ao analisarmos em conjunto a pneumatologia implícita em Santa Teresa de Jesus, iremos perceber de modo mais testemunhal que a sua pessoa e a sua vida são uma patente e potente manifestação do Espírito Santo. O carisma e a obra fundacional de Santa Teresa na Igreja, assim como seu empenho literário desenvolvendo um magistério escrito e coloquial são dons do Espírito Santo à Igreja e formam parte da experiência e relação de Teresa com o Paráclito e da missão que Ele lhe confia.⁶⁸⁴ Ao contemporizarmos a compreensão da experiência que Teresa viveu com o Espírito Santo, encontraremos de modos bem pontuais elementos preciosos para iluminar muitos evangelizadores em nossos dias. Eles poderão verificar no agir de Teresa a ação daquele que é a alma da Igreja e o protagonista de toda evangelização na Igreja, o Espírito Santo (EN n.75).

⁶⁸¹ V38, 9-10.

⁶⁸² V 38-40.

⁶⁸³ GARCIA, Espírito Santo, p.320.

⁶⁸⁴ CUARTAS LONDOÑO, R., Experiência Trinitária de Santa Teresa, p.515-35.

8.6

A abordagem mística esponsal no pensamento eclesiológico de Santa Teresa de Jesus

A partir da visão eclesiológica de Santa Teresa presente em suas obras, buscaremos aprofundar, em sua experiência e vivência eclesial, o modo como o seu pensamento e percepção eclesial foram sendo configurados dentro dos instrumentos e conteúdos, informações que poderia acessar a partir de suas possibilidades. Um dos pontos que julgamos de fundamental importância em Santa Teresa é o seu olhar para Cristo e seus discípulos. Vemos uma percepção evangélica que rompe com seus modelos contemporâneos, no contexto em que viviam nos diversos mosteiros de sua época, em muitos deles havia um grande número de religiosas.

O marco fundacional da reforma teresiana é o evangelho, e nele Teresa redescobre uma pequena comunidade formada por Jesus e seus discípulos. Esta comunidade que busca sua referência no modelo apostólico vai se tornar para Teresa o modelo fundador de sua reforma na dimensão visível de atuação. O projeto teresiano de reforma é profundamente evangélico, Teresa quer atualizar a sua experiência cristã através das pequenas comunidades. Para Santa Teresa, as grandes comunidades nem sempre são sinal de uma vida saudável e verdadeiramente próspera no sentido espiritual.⁶⁸⁵ Outro elemento que aparece é a importância de perceber dentro da vida comunitária a ação do Espírito Santo.

Teresa demonstra estar profundamente aberta a perceber ação de Deus atuando na vida de cada uma daquelas que habitam estas novas comunidades animadas pelo carisma que Deus lhe confiara. Atenta e fixando a vontade de Cristo como lei suprema de seu coração, Teresa avança para constituir e fazer expandir este verdadeiro oásis de espiritualidade como um ato de amor, colaboração e serviço à Igreja local e universal.

⁶⁸⁵ Descrevemos aqui uma abordagem paradigmática segundo o pensamento de Bento XVI e as considerações que fez com relação ao cristianismo no futuro/presente, em alguns continentes onde a secularização é uma realidade estruturalmente presente: “são as minorias criativas que determinam o futuro, e neste sentido a Igreja católica deve compreender como minoria criativa que tem uma herança de valores que não são coisas do passado, mas uma realidade muito viva e atual. A Igreja deve atualizar-se.” Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2009/september/documents/hf_benxvi_spe_20090926_interview.html. Acesso em: 4 nov 2019.

Outro aspecto que pretendemos destacar aqui é o da escuta em Teresa. Ela está profundamente atenta à ação do Espírito Santo, que atua por meio de vários sinais e vários dons na Igreja. Teresa reconhece que cada pessoa que providencialmente se aproxima dela, e que faz parte de sua história, e até mesmo de sua família, podem ser preciosos instrumentos de Deus para prepará-la no acolhimento da vontade de Deus em todas as suas formas de manifestação. Por isso, Teresa não apenas percebe em si uma santa inveja dos dons com que Deus cumula estas pessoas de graças e virtudes, mas tenta perceber os sinais do Espírito Santo que no testemunho da vida de outros ilumina a sua própria vida e caminho.

Pensar aqui sobre o carisma teresiano é refletir a grandeza de cada carisma na Igreja, pois cada carisma existe a serviço do bem comum da Igreja e da humanidade. Ele vem ao encontro das necessidades da Igreja, e se torna uma espécie de ferramenta espiritual para a ação da Igreja no mundo. A eclesialidade do carisma teresiano promove uma espiritualidade de comunhão que consolida a relação dentro do corpo eclesial. Quando Teresa vive a experimenta aquilo que o Senhor está fazendo em si percebe que este carisma tem amplitude onde ela deseja que sirva a Igreja no sentido universal e local, pois busca acentuar na Igreja a importância da comunhão e promover a missão.

8.6.1 Uma mística ao serviço do corpo de Cristo

Neste contexto, pretendemos abordar a dimensão diaconal da mística teresiana. Quando aqui apresentamos o rosto diaconal do carisma teresiano, percebemos que suas experiências místicas poderão contribuir com todo o Corpo de Cristo. Não estamos aqui exaltando as experiências místicas em si mesmas, mas os frutos e os efeitos que produzem na pessoa, e por meio da pessoa ou de uma comunidade em todo corpo que é a Igreja. De maneira alguma devemos fazer uso da espiritualidade em sentido consumista, pois a espiritualidade é, antes de tudo, uma presença que desafia toda a pessoa a se abrir à presença de Deus que vive em cada um e convocar a esta comunhão de vida com Ele. A espiritualidade teresiana oferece critérios de discernimento missionário, pastoral e espiritual para melhor ver, julgar e agir.

8.6.1.1

O “ver” de Santa Teresa de Jesus sobre a Igreja e o mundo

Santa Teresa vai percebendo que na história da Espanha do século XVI ela não fora chamada para ser uma expectadora impotente, seja no que se refere às mudanças que se operam em nível de sociedade, seja quanto às mudanças que se dão em nível eclesial. Teresa move-se dentro de suas possibilidades, ou seja, dentro das possibilidades que Deus vai viabilizando através de sua relação com ela. Entretanto, a percepção que tem de sua missão foi por vezes causa de incompreensão e mesmo resistência por parte de alguns a esta mulher que tencionava ir além dos interditos que lhe apresentavam, como visto na carta do Bispo Segá em diálogo com Padre João de Jesus Roca, em que a chama de mulher inquieta, andarilha, desobediente e contumaz.⁶⁸⁶

Para Santa Teresa, lutar pelo bem para que muitas pessoas descubram o que trazem dentro de si mesmas é um modo de viver sua missão na Igreja e, por conseguinte, sua tarefa frente ao mundo. O olhar de Teresa para cada pessoa, podemos afirmar, contempla também toda a Igreja e o mundo. O que nos leva a pensar que Santa Teresa não se encontra sozinha nesta percepção do todo, como vemos na ressonância de experiências similares em outros cristãos na história – a escritora inglesa Caryl Houselander [1901-1954] descreve o que ocorreu com ela quando, se sentindo decepcionada, estava a ponto de decidir abandonar a Igreja católica:

Estava em um vagão abarrotado de gente no metrô. Trabalhadores de todos os tipos que voltavam para sua casa depois de um dia de trabalho. Rapidamente veio em meu pensamento, a claridade de uma esplendida pintura, de Cristo em cada um deles. E ainda vi mais. Não só via a Cristo em todos eles, morrendo neles, alegrando-se neles, sofrendo com eles, mas como Ele estava em todos eles, e eles estavam todos ali, o mundo inteiro se encontrava ali. Todo o mundo em um vagão de metrô. E não somente o mundo que estava ali naquele momento, não somente todos os homens de todas as nações do mundo, mas também todos os que haviam vivido e todos que teriam ainda de nascer. Ao sair para a rua eu caminhei por um bom tempo entre a multidão. Na multidão, em cada pessoa, em cada lugar, estava Cristo. Havia visto a Igreja!⁶⁸⁷

Algumas experiências epifânica parecidas se encontraram nos escritos de Thomas Merton, quando descreve sua experiência em descobrir a presença do Eterno no temporal, e se vê não mais como um ser diferente, mas profundamente enraizado na raça humana, parte e dentro de um povo em que Deus se faz

⁶⁸⁶ Ver p. 232.

⁶⁸⁷ HOUSELANDER, K., *Essential Writings*, p.36 (tradução nossa).

presente, abrindo-o à totalidade da beleza de sua nova missão daquele momento para frente:

Em Louisville, em uma esquina de Fourth e Walnut, no centro comercial da cidade, fui subitamente tomado pela consciência de que eu amava todas aquelas pessoas, que eram minhas e eu era delas, que não poderíamos ser estranhos uns aos outros embora fôssemos totalmente desconhecidos (...). Tenho a imensa alegria de ser humano, de pertencer a uma espécie na qual o próprio Deus se encarnou. Como se os pesares e estupidez da condição humana pudessem me esmagar agora que percebo o que todos nós somos. Ah, se todo mundo pudesse dar-se conta disto! Mas isto não pode ser explicado. Não há como dizer às pessoas que todas elas andam pelo mundo brilhando como o sol!⁶⁸⁸

Quando pensamos no empenho de Santa Teresa de viver a sua entrega a Deus por meio da Igreja não vemos somente um esforço para manter um compromisso e uma fidelidade de “manutenção” da Igreja, mas percebemos justamente que em Teresa a fidelidade ao mistério e ao ministério da Igreja no mundo é, antes de tudo, um modo de corresponder àquele que a motiva e a sustenta em seu sim, que é justamente o Esposo, o Cristo Crucificado.⁶⁸⁹

8.6.1.2

O “julgar” teresiano e a leitura dos sinais dos tempos

Uma das tarefas decisivas que teve Santa Teresa para obter fecundidade foi justamente a atenção necessária quanto às mediações que iria utilizar para levar a obra que o Senhor lhe estava confiando à frente, e também abrir-se a um discernimento compartilhado. Esta decisão Teresa ocasionou uma maturidade interior para perceber cada situação com mais amplitude, principalmente o desejo de deixar impresso em seus filhos e filhas um grande amor à Igreja, mesmo que isto lhe custasse por vezes dificuldades na convivência com alguns membros desta mesma Igreja. Contudo, Teresa sempre buscou realizar uma leitura de continuidade e permanência na comunhão, e não se deixou seduzir por uma tentação de protagonismo solitário. Uma das coisas que desejamos descrever aqui é a relação de Santa Teresa com um magistério mediado da Igreja, que eram justamente os teólogos da Igreja. Sabemos que Teresa teve grandes amigos teólogos que, de certa forma, a influenciaram positivamente no sentido teológico,

⁶⁸⁸ MERTON, T., Reflexões de um espectador culpado, p.181.

⁶⁸⁹ 6M 9,22.

bíblico, dogmático, canônico. Uma descrição desta busca de viver a comunhão com esse magistério mediado pelos teólogos era sua amizade com Frei Domingo Bañes:

Não é de espantar que muito se faça por amor a Deus, pois tanto poder tem o de Frei Domingo, que o que a ele parece, que se uma coisa lhe parece bem, logo a mim parece, e aquilo que quer, eu também quero, e não sei onde vai parar esta espécie de fascinação.⁶⁹⁰

Ao se aproximar dos grandes teólogos de sua época, ela não apenas se beneficia do conhecimento deles, mas contribui para a experiência espiritual destes mesmos teólogos, de tal modo que sua teologia ganha um novo condimento e saber que é justamente a contemplação experiencial dos mistérios que compreende teologicamente. Estes teólogos ajudaram Santa Teresa a balizar suas experiências através do conhecimento que tinham das escrituras, e Teresa foi como que uma memória permanente da totalidade e da canonicidade do sentido universal da escritura para eles, pois, sabendo que a escritura se compreende nas diversas conexões internas que possui, Teresa bebe desta universalidade escriturística no seu caminho de discernimento, por onde o Espírito Santo a conduz no vital discernimento de toda ação apostólica que empreende na Igreja. Isto se verificou quando Teresa, ao ser questionada quanto à sua ousadia de comentar e falar das Escrituras, declara que não devem se deixar guiar apenas por uma parte dela, demonstrando o conhecimento que tem.

8.6.1.3

O “agir” missional e pastoral de Santa Teresa de Jesus

Quando pensamos no agir de Santa Teresa, estamos trabalhando dentro de um campo que para ela não era estranho, pois a “apostolicidade em Santa Teresa está na configuração de seu ser”.⁶⁹¹ Teresa procura sempre fazer crescer naqueles que estão ao seu redor este ímpeto missionário, primeiro fortalecendo laços e criando redes de apoio através de amizades espirituais que pudessem compartilhar com ela não apenas de seus desejos de reforma das estruturas, mas também seu interesse de tomar a peito, de modo pessoal, um caminho autêntico de conversão.

⁶⁹⁰ Cta. 60 5.1574.

⁶⁹¹ CASTRO SÁNCHEZ, S., *Mística y espiritualidad eclesial*, p.259.

Este caminho iria redundar em um benéfico auxílio tanto para a vida laical como para o fortalecimento da missão de muitos teólogos e pregadores:

Eu gostaria que este pacto fosse feito pelos cinco que no momento nos amamos em Cristo; assim como outros, nos últimos tempos se juntavam em segredo contra sua majestade e para tramar maldades e heresias, procuremos juntar-nos alguma vez a fim de nos desenganar mutuamente e dizerem que poderíamos nos corrigir e contentar mais a Deus. Porque não há quem se conheça tão bem a si quanto os conhecem que os observam, se é com amor e cuidado pelo nosso proveito.⁶⁹²

O amor de Teresa por Deus é um amor que se encarna em seu engajamento e entrega total ao Senhor no espaço e no tempo no território real das missões que Ele vai confiando a ela, e no convívio e contato que vai tendo com diversas personalidades na vida eclesial e na vida social. É permeada por um pensamento teocêntrico forte: “o amor não está no maior gosto, mais na maior determinação de desejar contentar a Deus, em procurar, na medida do possível, não ofendê-lo e em pedir-lhe o aumento contínuo da honra e glória de Seu Filho, bem como a prosperidade da Igreja Católica”⁶⁹³.

Buscar a glória de Cristo e a prosperidade da Igreja implica viver uma proximidade com o Senhor que realmente seja existencialmente significativa: “Uma forte experiência pessoal com Cristo vai ser a única saída que Santa Teresa encontra para viver um cristianismo vivo, e é somente desta perspectiva que se compreende globalmente sua experiência”⁶⁹⁴. Nela as graças operam como “instrumentos a favor do Reino”, pois estas mesmas graças fazem com que o Reinado de Deus avance mediante a justiça, misericórdia e o amor no mundo: “o demônio tenta muito mais uma alma destas do que várias outras a quem o Senhor não tenha concedido essas graças. Isso porque as almas que a receberam podem

⁶⁹² B.M.C, t. 18, p.417-472; V 16,7. Comentário: “os cinco”. É difícil fixar com exatidão os seus nomes. São certo os de Garcia de Toledo, e de Francisco de Salcedo; prováveis, o Mestre Daza e dona Guimar de Ulloa. Assim como outros se juntavam em segredo contra sua majestade: provável alusão às maquinações de Cazalla e do seu grupo de adeptos, castigados no famoso auto de 24 de maio de 1559 em Valladolid. Nas informações de Salamanca, Ana de Jesus depôs: “quando quiseram falar das heresias de Cazalla e dos seus sequazes com Dona Guimar de Ulloa e outras senhoras viúvas e religiosas, estes, vendo que elas tinham relação com pessoas de diferentes Ordens, disseram que não queriam entrar em casa de tantas portas; com isso, elas se livraram de saber de suas coisas... Eles também tentaram falar com a Santa antes de saberem que ela se relacionava com muita gente”.

⁶⁹³ 4M,1,7.

⁶⁹⁴ CASTRO, S., Aproximación al pensamiento religioso de Teresa, p.236.

causar-lhes grande prejuízo levando outras consigo e, provavelmente, beneficiando muito a Igreja de Deus”⁶⁹⁵.

O interlocutor principal da relação da Santa com a Trindade, e da percepção que ela tem desta relação e da relação de cada pessoa com Deus, é o próprio Cristo. Será neste processo de configuração com Cristo e de proximidade com Ele que a pessoa vai descobrir a beleza da Santíssima Trindade. Aqui vemos algo muito peculiar em Santa Teresa, a percepção de que Cristo é aquele que nos dá a conhecer o Pai e o Espírito Santo. Não que estes não estejam presentes em todos os processos trinitários, mas é como ela percebe Cristo, como o grande revelador do Pai.

Podemos afirmar esta proximidade de Santa Teresa da Trindade, enquanto caminho mistagógico, em que o Filho é o mistagogo que aponta as vias de acesso ao Pai. Ao ser colocada na sala da Trindade pelo Filho, ela faz uma experiência que será verdadeiramente decisiva, em que percebe que a meta principal de seu caminho não se encerra no matrimônio espiritual, mas em, a partir deste, viver uma vida escondida com Deus, isto é, viver submergida neste mistério e ser presença de irradiação desta mesma manifestação trinitária no mundo.

A experiência com a humanidade de Cristo apresenta os efeitos e impactos deste evento em sua vida, tal como consolo, purificação e uma chama que parece “abrasar e destruir todos os desejos da vida”⁶⁹⁶. O *Livro da Vida* apresenta Cristo introduzindo Teresa nesta experiência trinitária. A experiência que ela vive do mistério de Deus é uma experiência em que Cristo é o pedagogo da alma. É Ele quem toma Teresa pela mão e a introduz na sala da Trindade. A experiência nos reporta ao evento do mistério da transfiguração, em que Cristo, levando os seus discípulos ao alto do monte, se transfigura diante deles. A vida consagrada, nos últimos anos, foi instruída a ter esta estrutura de seguimento e de compreensão do mistério da Trindade. O papa João Paulo II trouxe novamente com maior intensidade uma visão trinitário-cristológica desta pertença absoluta do consagrado ao mistério de Deus.⁶⁹⁷

Não somente dentro do ambiente da vida consagrada, mas também no âmbito de toda a vida cristã está a percepção do mistério da Trindade, manifestada

⁶⁹⁵ 4M 1,10.

⁶⁹⁶ V 38, 17-18.

⁶⁹⁷ VC. 19.

de modo excelente através do Filho, que nos aproxima de modo mais fecundo daquelas que são as fontes da vida cristã. Na pessoa de Cristo conhecemos quem e como é o Pai, e na pessoa de Cristo conhecemos quem está e atua sobre ele na força do amor entre o Pai e o Filho, que é o Espírito Santo.

Um ponto que buscaremos aqui desenvolver é sobre a pascalidade da vida de Cristo nos escritos e nas experiências místicas de Santa Teresa de Jesus. Quando olhamos para os seus escritos, vemos que suas experiências convidam a olhar o mistério pascal de uma forma mais ampla, no sentido de considerar a pascalidade de Jesus não somente a partir de sua paixão, morte e ressurreição, mas olhá-la na história, e a partir do anúncio do anjo à Maria. São momentos em que se prevê duas atitudes diferentes: primeira é a atitude de preparação histórica para acolhida do menino, a outra é a de sua rejeição. A partir desse episódio, podemos pensar porque para Santa Teresa a vida toda de Jesus traz os sinais do mistério pascal; paixão, morte, ressurreição e sua vida ou sua humanidade.

O mistério da encarnação nos ajuda a compreender por que para Santa Teresa é tão significativa a humanidade de Cristo. Assim, como Cristo transitou entre a morte e a vida, também o cristão é convocado a transitar nesta dimensão de mudança, ou melhor, de conversão. A vida de Cristo em nós vai ganhando o território integral de todo o nosso ser.

Um dos livros importantes do *Corpus Teresianum* é o livro *Caminho de Perfeição*. Neste livro, Santa Teresa vai apresentar sua intencionalidade mais profunda que é justamente a de “ajudar a quem puder para que as almas das minhas irmãs muito avancem no serviço do Senhor”⁶⁹⁸. Teresa sabe que é justamente em alguns pontos que surgem “pequenas tentações”, que não disponibilizam a alma a avançar nas “coisas de oração”.⁶⁹⁹ Em Teresa se atualiza o desejo que os discípulos possuíam de aprender a arte de orar no pedido: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11,1).

Diante do pedido de suas irmãs para que as ajudasse a orar, vemos uma importante pedagogia apresentada por Teresa, em que se coloca a oferecer o melhor de si apresentando um caminho pedagógico e mistagógico da oração, pois, para ela, muito mais do que apresentar um método, o importante é justamente

⁶⁹⁸ Prólogo 2.C.

⁶⁹⁹ Prólogo 1.C.

fazer juntas um caminho. Caminho que ela conhecia por experiência.⁷⁰⁰ De tal modo que o falar e o ensinar de Teresa são um convite à abertura que se torna um caminho para experimentar a relação com o Senhor. Ao lermos os seus escritos percebemos de modo claro esta fineza de uma mestra que ensina continuamente, e por outro lado vemos também uma perene discípula que sabe sempre poder aprender do Senhor e com o testemunho das irmãs.

Apresentamos duas circunstâncias, para além daquelas já descritas pela própria Santa no prólogo, e que inspiraram ou a provocaram a começar escrever às suas irmãs. A primeira diz respeito ao que estava acontecendo na Igreja. Podemos dizer que fora uma motivação circunstancial – a Santa percebe o avanço do protestantismo sobre vários países de tradição católica, e esse avanço se concretiza “graça” a tantos “inimigos e poucos amigos que tinha o Senhor ao seu lado”⁷⁰¹. A Santa vai tentar amenizar aquilo que já estava se tornando uma realidade em sua época, ou seja, a grande ferida que começava a surgir no corpo de Cristo, e que a interpela a se posicionar buscando tomar alguns posicionamentos:

- 1) Criação de um pequeno grupo de pessoas escolhidas para empreender um estilo de vida contemplativo-apostólico;
- 2) Determinar-se a viver com este grupo um ideal evangélico de serem cristãos autênticos;
- 3) Viver um ideal contemplativo: oração como meio apostólico;
- 4) Ter um destino e uma razão eclesial: buscando com que estes grupos de cristãos sejam centros de oração pela Igreja.

Além destes motivos que elencamos para além dos que a Santa apresentara no prólogo, há a sua motivação fontal cristológica de colocar-se ao lado de Cristo neste momento em que a sua esposa passa por sofrimentos diversos. Para Teresa, tudo aquilo que diz respeito à Igreja e sua missão, em sua fidelidade de ser sinal do Reino de Deus neste mundo, toca diretamente o Corpo do seu esposo, que se veria novamente pregado na cruz.⁷⁰² Teresa jamais dissocia Cristo da Igreja. O que Teresa vê como caminho neste momento é colocar-se ao lado de Cristo,

⁷⁰⁰ Prólogo 3 C.

⁷⁰¹ C 1,2.

⁷⁰² C 1,2.

“chorar com Ele”; “dar mil vidas para salvar muitas das que se perdiam”⁷⁰³, servir ao Senhor para que os poucos amigos que Ele tem fossem bons; buscar contentá-lo em alguma coisa; e “ajudar a este Senhor meu, tão atribulado por aqueles a quem fez tanto bem”⁷⁰⁴. Estas são as motivações cristológicas que movem Santa Teresa a traçar uma de suas maiores estratégias de combate no serviço ao Senhor, e que veio a se tornar o livro *Caminho de Perfeição*.

Ao lançamos um olhar sobre o primeiro capítulo do livro já percebemos que as motivações do Prólogo são extrapoladas por aquilo que ela apresenta no primeiro capítulo. Contudo, compreendendo a sua liberdade diante do que pretende, percebemos que a Santa ao mesmo tempo em que deveria delimitar o tema de sua abordagem apresenta a ampliação de seus horizontes no decorrer da obra, sem deixar de fazer um caminho, realizando as primeiras intenções que foram apresentadas no Prólogo.

Algo que percebemos no decorrer dos seus escritos é que ela não consegue desconectar a experiência de Deus com a experiência concreta da vida. Experienciar Deus não é um esvair-se das situações que acometem o mundo, mas a oração é um modo pelo qual a vida vai adquirindo uma performance que possibilita a pessoa a progredir na fé, ao passo que este crescimento resulte também em corresponsabilidade pela vida e pelo mundo, assim como pela Igreja.

8.7 Concluindo o capítulo 8

Ao realizarmos a conclusão deste capítulo, ressaltamos a intenção de apresentar a experiência trinitária em Santa Teresa de Jesus, e como a Santa encontrou na Trindade o modelo de Igreja e um modo de se autocompreender em sua missão no mundo. A experiência vivida por Teresa, através de suas relações com a Trindade, lhe abriu uma grande compreensão sobre a dimensão antropológica e eclesiológica mais adequada para que a pessoa reconheça a vida como dom e missão. É justamente este princípio trinitário o “amor fontal” (AG n.2), em que a existência para Teresa assume um caráter doxológico.

A partir desta dinâmica trinitária de relação Teresa, se vê como filha da Igreja e atua enquanto tal. Para ela, o ser filha da Igreja possui uma dignidade e

⁷⁰³ C 1,2.

⁷⁰⁴ C 1,2.

uma verdade tão grandes em si, que os títulos de honra dados no mundo são efêmeros diante da graça de se tornar filha adotiva de Deus pela graça do batismo. A mística teresiana está toda ela centrada na Trindade. Um dos grandes progressos da teologia pós-conciliar foi recolocar de modo mais amplo a reflexão sobre a Trindade em todos os níveis da vida da Igreja. Um exemplo disso podemos encontrar na exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* do Papa João Paulo II⁷⁰⁵, que coloca os fundamentos e as bases da vida consagrada sob os aspectos cristológico-trinitários. Podemos ampliando este sentido dado a vida consagrada, afirmar que toda a vida cristã é chamada a ser uma confissão da Trindade, um sinal de fraternidade e um serviço de amor.

A mística teresiana e suas abordagens de temas são preciosos à teologia com a área trinitária e a eclesiológica. É nesta relação e aproximação do mistério Uno e Trino que se compreende a missão da nova evangelização e sua missão no Corpo de Cristo e com ele no mundo. Ser cristão não significa ser um agente passivo no cenário da Igreja, mas é reconhecer que é o Espírito Santo aquele que “unifica a Igreja com vários dons hierárquicos e carismáticos”⁷⁰⁶, e por vezes atua renovando as instituições eclesiais para não serem uma bela peça de museu apenas. É o Espírito Santo o protagonista da nova evangelização colocando “no coração dos fiéis o mesmo espírito missionário, pelo qual era movido Cristo. Por vezes previne mesmo visivelmente a ação apostólica. E de vários modos a acompanha e a dirige”⁷⁰⁷. Podemos afirmar que Teresa é uma mulher consciente de sua missão na Igreja, e oferece aos novos discípulos missionários de Jesus Cristo um oportuno testemunho de abraçar a missão pessoal com parresia, e de ser, nos mais diversos ambientes onde a vida acontece, um evangelizador com Espírito Santo, mesmo que isto implique por vezes desgastes. Contudo, no corpo de Cristo que é a Igreja, os carismas e ministérios, os dons hierárquicos e carismáticos se purificam mutuamente para que apresentem por meio do rosto da Igreja o modo de ser e de agir da Trindade.

⁷⁰⁵ JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*. Sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1996.

⁷⁰⁶ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática sobre a igreja. *Lumen Gentium*, 4:AAS 57 (1965), p.7.

⁷⁰⁷ Ad Gentes 4.

3ª Parte

A diaconia da mística teresiana: contribuições missiologico-pastorais no desafio da nova evangelização

Nesta terceira parte, buscaremos estabelecer relações com as duas anteriores, contudo enfocando de modo mais incisivo ainda a contribuição da mística teresiana para aos desafios evangelizadores em nossos dias. Ao ter contato com a vida e os escritos de Santa Teresa de Jesus, percebemos que o *'modus operandis'* da Santa revela e traz dados fortemente humanizadores, e porque humanizadores, espirituais e capazes que comunicar o frescor do evangelho.

Quando Teresa propõe uma revisão em alguns 'paradigmas espirituais' vigentes em sua época, como o acento no rigorismo, a Santa pretende deste modo antepor a virtude do amor a Deus e ao próximo como prioridades invioláveis na vida e na espiritualidade cristã. Por esta via a Santa abulense vai introduzindo uma visão mais humana do modo de abarcar e se abrir aos caminhos do Espírito, seja no que se refere à relação pessoal com Deus, seja no modo com que esta relação transborda como missão e serviço humilde aos irmãos na pastoral e na vida da Igreja.

Para Santa Teresa a experiência de Deus, ou seja, o fator místico é sempre um caminho que agrega, integra e aproxima a pessoa do mistério de Deus e do mistério que habita a própria pessoa, todavia este mistério não é algo em Teresa do qual não se deva falar ou descrever, pelo contrário a experiência de Deus em Teresa não apenas é vivida, interpretada, mas também transmitida, pois Teresa sabe que aquilo que vivencia na oração e na relação com Cristo e a Trindade não é um bem privado para si, mas um dom para todo o corpo de Cristo que é a Igreja.

A partir destes elementos apresentamos o aspecto missional e pastoral da fé em Santa Teresa, destacando elementos que nos auxiliam a dilatar o nosso modo de pensar a nova evangelização, buscando perceber na vida e nos escritos da "mestra dos espirituais" o testemunho não apenas da grandeza Daquele que delega o anúncio da mensagem, mas a força que esta possui de penetrar primeiramente o mensageiro e através destes aqueles que são os privilegiados de acolher e compartilhar a força salvífica e humanizadora do evangelho, como

verificamos na grande nuvem de testemunhas, missionários, contemplativos e particularmente pastoralistas influenciados pela mística de Santa Teresa de Jesus.

9

Aspectos missiológicos e pastorais da mística teresiana e a nova evangelização

Ao iniciarmos a reflexão de alguns aspectos da dimensão missiológica e pastoral nos escritos e na vida de Santa Teresa, buscaremos abordar os aspectos de reforma e renovação que estas mesmas abordagens nos comunicam. A partir deste paradigma de uma oportuna transformação missionária da Igreja, podemos pensar a respeito de sua significativa contribuição para a nova evangelização em nossos dias. O livro central que utilizaremos aqui é o *Livro das Fundações* de Santa Teresa, para pensarmos o *modus operandis* utilizado por ela no que se refere a todos os modos pelos quais buscou criar uma rede de contatos, seja com as autoridades eclesíásticas, com os religiosos, nobres, seja com todos aqueles que a ela recorriam para que pudessem desfrutar daquilo que poderíamos afirmar ser um novo pentecostes⁷⁰⁸ no contexto que a Igreja vivia no século XVI. Paralela às reformas que iam se sucedendo, de modo específico descrevemos aqui como a reforma teresiana contribuiu com este grande mosaico de reformas que se operavam no mundo, especialmente a profunda experiência cristológica e trinitária de Deus⁷⁰⁹ que ela traz e vai contribuir de modo significativo para a transformação missionária da Igreja.

9.1

O Espírito missional teresiano e a nova evangelização

É importante destacar aqui que ao pensarmos em reforma, renovação, nova evangelização ou a atual transformação missionária da Igreja estamos buscando, através do pensamento teresiano, compreender a leitura comparativa (e colaborativa) que podemos fazer do contexto de Santa Teresa e de nosso atual. Santa Teresa não possuía somente o desejo de que suas monjas fossem

⁷⁰⁸ Um dos fatores interessantes e que procuramos destacar aqui é que Santa Teresa vivia neste período de sua vida aquilo em que em seu livro castelo interior ela vem a chamar matrimônio Espiritual, caracterizado por um recolhimento absoluto, por uma paz inabalável mesmo diante de todas as contradições exteriores. Maximiliano Herráiz Todos somos hábiles para amar. La oración en el libro de las Fundaciones, p.247.

⁷⁰⁹ PEDROSA-PÁDUA, L., *Mística e Profecia na espiritualidade cristã. O testemunho de Santa Teresa.* p.769.

performaticamente melhores, mas queria dar uma resposta a Deus diante de tantas situações que chegavam ao seu conhecimento – por exemplo, as informações de que nas Índias, ou seja, na atual América Latina e no Caribe, muitos povos se perdiam por falta de doutrina. Esta informação, tomada por Teresa através de Frei Alonso Maldonado⁷¹⁰, relatando uma série de injustiças acompanhadas de escravidões, produziram em Teresa um grande propósito de entrega e doção de si à oração e à missão, que iria se concretizar a partir da fundação do mosteiro de São José em Ávila:

(...) que nos juntemos para procurar sua maior honra e glória e algum proveito das almas. Isto é o que muito me faz sofrer: o considerar quantas se perdem, em particular esses índios, que não me custam pouco. O Senhor lhes dê luz. Por aqui como por lá, há muita desventura. Como ando por tantos lugares e muitas pessoas me falam, não sei muitas vezes o que pensar, senão que somos piores que animais, pois, não entendemos a grande dignidade de nossa alma, rebaixando-a a coisas tão baixas como são as da terra. O Senhor nos dê luz!⁷¹¹

Este propósito de ser “contemplativa-apostólica” foi um modo de Teresa não permanecer como uma espectadora impotente diante das diversas mudanças que se operavam na Igreja e no mundo. Dentro de suas possibilidades históricas, e para além dos condicionamentos que se lhe impunha sua condição de mulher, Teresa busca dar uma resposta principalmente no tocante à maior autenticidade do testemunho cristão no mundo e sua contribuição com a evangelização. Neste sentido, suplica ao Senhor que lhe dê “recursos para salvar uma única alma”⁷¹², o que posteriormente escuta do próprio Cristo em oração: “Espera um pouco, filha, e verás grandes coisas”⁷¹³.

O modo como foi se desdobrando a reforma teresiana nos abre a compreensão sobre como Teresa percebia os caminhos pelos quais Deus queria chegar a cada ser humano. Buscaremos fazer aqui uma aproximação do pensamento missiológico-pastoral de Santa Teresa abordando os três âmbitos em que a nova evangelização deve se fazer presente segundo a importante escuta ao Espírito feita pela Igreja em nosso tempo:

Em primeiro lugar, mencionamos o âmbito da pastoral ordinária, “animada pelo fogo do Espírito a fim de incendiar os corações dos fiéis que frequentam

⁷¹⁰ F 1,7.

⁷¹¹ Carta 25.

⁷¹² F 1,7.

⁷¹³ F 1,8.

regularmente a comunidade, reunindo-se no dia do Senhor, para se alimentarem da sua Palavra e do Pão de vida eterna”. Devem ser incluídos também neste âmbito os fiéis que conservam uma fé católica intensa e sincera, exprimindo-a de diversos modos, embora não participem frequentemente no culto. Esta pastoral está orientada para o crescimento dos crentes, a fim de corresponderem cada vez melhor e com toda a sua vida ao amor de Deus. (EG n.14)

Quanto ao citado primeiro âmbito da pastoral ordinária, se refere à consciência que Teresa tem de ajudar outras pessoas a progredirem no amor a Deus para além da vida ordinária da fé, o que já é de certo modo uma atenção a Deus e ao seu mistério, seja no testemunho diário seja numa prática litúrgica semanal. Teresa têm sede de ver estas pessoas progredirem um pouco mais: “Daria mil vidas, se tantas tivesse, para que uma única alma, por seu intermédio, Vos louvasse um pouquinho mais”⁷¹⁴, e explicita a consciência da missão que têm que é a de contribuir para que cresça nos corações o louvor a Deus, para “desacovardar” as pessoas. “Particularmente se trata de assunto que, se bem cumprido, beneficiará sobremaneira as almas, ou de empreendimentos sumamente árduos que visam a maior glória de Deus”⁷¹⁵, para que “a alma das minhas irmãs muito avance no serviço do Senhor”⁷¹⁶.

No que se refere ao âmbito das “pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo”:

Em segundo lugar, lembramos o âmbito das “pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo”, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé. Mãe sempre solícita, a Igreja esforça-se para que elas vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho. (EG n.14)

Para Teresa este segundo âmbito implica redescobrir um grande amor pela Igreja em seu sentido profundo e místico, sem desconsiderar sua estrutura humana e organizacional. Quando ela se descobre filha da Igreja, e que por meio desta encontra sentido de vida na relação com o seu fundador, percebe que Deus lhe permitiu conhecer grandes servos que lhe auxiliaram em momentos muito delicados na sua história e experiência pessoal, até mais do que seus próprios parentes: “diante dos grandes sofrimentos por que passei, foram os que menos me

⁷¹⁴ 6M 6,4.

⁷¹⁵ 6M 6,3.

⁷¹⁶ Prol. C 3.

ajudaram neles (parentes), ao contrário dos servos de Deus”⁷¹⁷. Isso nos leva a perceber que estes mesmos servos de Deus ajudavam Teresa a fazer uma leitura mais profunda das situações pelas quais passou. Ter amigos espirituais foi para Teresa mais do que necessário, foi vital. Por fim, com relação aos que não praticam a sua fé, Santa Teresa lhes propõe uma via eucarística na qual ela vê grande eficácia, no sentido não apenas de tentar convencer o outro através da força das palavras.⁷¹⁸ Não que Teresa despreze este recurso, pois ela mesma já o utilizou, mas a forma pela qual a Santa acredita surtir maior efeito é colocar a pessoa em relação com outra pessoa, no caso aqui com o próprio Deus.

Através de uma via eucarística, ou seja, na relação de pessoa a pessoa por meio dos sacramentos, é possível experienciar as eficácias deste precioso recurso⁷¹⁹ que o próprio Senhor deixou ao seu povo, é possível experienciar o grande amor do Pai e o grande amor do Filho. Para Teresa, quando a pessoa se abre a esta relação com o próprio Senhor na eucaristia entra numa relação em que Cristo ama-se a si mesmo em nós: “Ele sabia que devia nos amar como a si mesmo e, assim, tentava cumprir esse mandamento com a maior perfeição, mesmo em detrimento de si mesmo.”⁷²⁰

Teresa desenvolve uma reflexão eucarística que nos permite avançar neste mistério da entrega de Deus por nós, que se perpetua no sacramento da eucaristia, e que nos atrai a entregarmos nossa vida por Ele. É a lógica de quem recebe o Pão da vida e, plenificado por este pão lhe devolve em gratidão a própria vida: “não há diferença entre Ele e nós; mas nós criamos uma diferença entre nós e Ele para não nos darmos a cada dia por sua majestade”⁷²¹.

O último ponto quanto ao quadro de uma ação evangelizadora da Igreja hoje é o anúncio:

Por fim, frisamos que a evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de anunciá-lo, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma

⁷¹⁷ C 9,3.

⁷¹⁸ C 33,1

⁷¹⁹ C 33, 2.

⁷²⁰ C 33.3.

⁷²¹ C 33, 5.

alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas «por atração. (EG n.14)

Neste contexto de evangelização, podemos crer que a compreensão da missão que carrega cada cristão frente aos desafios da nova evangelização é que se assuma com toda diligência possível o “sentido bélico do apostolado”⁷²² que Teresa designa enquanto enfrentamento testemunhal da fé dando a conhecer o “Grande Deus das cavalarias”⁷²³. Na sua época, esta determinação de aproximar-se era de fundamental importância, pois se formos fazer uma leitura histórica iremos perceber que

os crentes podem ter tido parte não pequena na gênese do ateísmo, na medida em que, pela negligência na educação da sua fé, ou por exposições falaciosas da doutrina, ou ainda pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social, se pode dizer que antes esconderam do que revelaram o autêntico rosto de Deus e da religião.⁷²⁴

Contudo é possível pensar um caminho em que a proposta de um retorno se faz possível no sentido de um renovado testemunho, que seja um anúncio que anuncie e se predisponha a ser feito através do diálogo:

Quanto ao remédio para o ateísmo, ele há de vir da conveniente exposição da doutrina e da vida íntegra da Igreja e dos seus membros. Pois a Igreja deve tornar presente e como que visível a Deus Pai e a seu Filho encarnado, renovando-se e purificando-se continuamente sob a direção do Espírito Santo. Isto há de alcançar-se, antes de mais, com o testemunho duma fé viva e adulta, educada de modo a poder perceber claramente e superar as dificuldades. Magníficos testemunhos desta fé deram e continuam a dar inúmeros mártires. Ela deve manifestar a sua fecundidade, penetrando toda a vida dos fiéis, mesmo a profana, levando-os à justiça e ao amor, sobretudo para com os necessitados. Finalmente, o que contribui

⁷²² Dentre os três aspectos da nova evangelização em nossos dias, um dos aspectos mais exigentes é o da evangelização aos que não conhecem Jesus Cristo ou aos que recusam. O desafio se coloca aos novos evangelizadores, no sentido pessoal de discernirem a respeito de como discernir os caminhos do Espírito diante de cada ambiente e contexto onde se encontrem, e como estes podem compreender estes mesmos desafios como um caminho de maturação da própria vida cristã em situações em que deverão apreender a falar a memória, a inteligência e ao coração de seus contemporâneos, percebendo que um anúncio testemunhal é tão importante quanto um anúncio apenas doutrinário. “Pediremos ao Senhor neste dia a graça de entrarmos no sentido bélico de nossa vida apostólica, graça que nos livre do néscio infantilismo que nos leva tanto a ‘jogar pela paz’ como para ‘jogar com a guerra’. Captar o sentido bélico de nossa vida apostólica supõe reconhecer que, em nosso coração, se queremos servir a Deus, haverá luta bem como a cruz enquanto único lugar teológico de vitória; luta que implica capacidade de condenação, generosidade para oferecer-se ao trabalho maior e mais desgastante. O andar neste caminho conduz como ao Senhor, a Jerusalém. BERGOGLIO, J. M., *Mente aberta, coração que crê*, 2013.

⁷²³ O Deus das cavalarias para Teresa é o Senhor Deus dos exércitos. Para Teresa consumir-se de zelo pelo Senhor é também um consumir-se por sua Igreja que é o seu povo. (Ex 14,21-22, Js 3,13, Rs 19 et seq.); 6M 6,3.

⁷²⁴ GS n.19.

mais que tudo para manifestar a presença de Deus é a caridade fraterna dos fiéis que unanimemente colaboram com a fé do Evangelho e se apresentam como sinal de unidade.⁷²⁵

As comunidades teresianas contemplavam os centros urbanos em desenvolvimento, em sua época⁷²⁶, as grandes confluências de pessoas se faziam presentes, e lá também era preciso que o Reino se fizesse presente, através destas novas fundações que haveriam de ser “foco de luz e de fogo”. Teresa utiliza-se de toda discrição e sabedoria para poder focar seus empreendimentos na cidade, mesmo que a princípio tivesse que dar o primeiro passo optando por viver em suas proximidades, como acontecera no caso da fundação de Valladolid.⁷²⁷ O desejo de Teresa era fazer com que estes centros fossem povoados por pessoas que pretendessem viver o desafio de sua vida, e que começassem a desfrutar da vida de Deus já a partir de sua interioridade.⁷²⁸ Teresa pretende fazer avançar o Reino através de um testemunho eloquente de pessoas que realmente amem e sirvam Deus⁷²⁹ sendo sinais de sua presença na vida da cidade.

Em algumas, situações Teresa enfrenta verdadeiras batalhas interiores para encontrar ânimo para prosseguir e “ganhar território”, fazendo presente estas comunidades na vida da cidade. Estes entroncamentos ocasionaram uma primeira indisposição dos bispos, revelada nas tantas burocracias exigidas no decorrer da fundação, que vão drenando seus ânimos⁷³⁰. Essas dificuldades tornaram-se bem reconhecidas por Teresa principalmente quando outras dificuldades lhe esperavam pelo caminho. O mestre interior a ajudava a discernir e a fortalecia: “Em geral cada vez que vai haver trabalhos em alguma fundação, Nosso Senhor, que sabe ser eu tão miserável, sempre me ajuda com palavras e obras. E já tenho visto que

⁷²⁵ GS n.21.

⁷²⁶ As comunidades teresianas se moviam em meio às cidades. O Senhor da História que se mostra agora como trovador dos corações que se põe a vibrar ao ritmo destes santuários (F 29,1; 31,3). Também, em Josué se tem em certa medida este fenômeno. Não somente arrasava cidades, senão encontrava em seu caminho grupos que o saudavam como autênticos libertadores (Js 9,1-16). p.243.

⁷²⁷ F 10, 1.7.

⁷²⁸ A missão, o envio, e ser para os outros são essencialmente intrínsecos à vocação cristã. É a “condição de Deus” que nos apresenta no ato de nossa criação “a sua imagem e semelhança”, e no envio de seu Filho para a recriação definitiva. Desde o princípio Deus nos pergunta: “Onde está teu irmão?” (Gn 4,9). Resposta plenamente dada por Jesus, e em seu seguimento por aqueles que confessam a sua fé como o fez e escreveu Santa Elizabete da Trindade, que foi ser uma “humanidade por acréscimo” a do Verbo, na qual se renovam os mistérios da redenção.

⁷²⁹ F 31,14.

⁷³⁰ F 31,4.

quando não vai haver dificuldades Sua Majestade não me dá nenhum aviso”⁷³¹. Houve situações em que a Santa foi repreendida de modo contundente pelo Senhor quando quis justificar-se mediante as dificuldades e empecilhos que eram colocados diante das situações – seja pela morosidade das pessoas envolvida, pelo seu humor abalado, seja até mesmo pelo frio: “Não te incomodes com estes frios, pois Eu sou o verdadeiro calor. O demônio empenha todas as suas forças em impedir aquela fundação; empenha-te em meu nome para que se faça, e não deixes de ir em pessoa, pois te trará grande proveito”⁷³².

O discernimento e a determinação sempre foram preciosos auxílios que a Santa pudesse dispor através destas intervenções do Senhor em oração, e através de seus confessores e amigos que lhe davam o suporte para ampliar seu campo de discernimento. Verificamos que em alguns episódios a Santa teve que atuar audaciosamente, ou seja, com parresia, para poder deste modo remover os montes que se opunham ao avanço da obra que tinha como principal fundador⁷³³:

Decidi ir falar com o governador; fui para uma Igreja próxima de sua casa e mandei suplicar-lhe que, por favor, fala-se comigo. Há mais de dois meses que o procurávamos e cada dia era pior. Quando me vi em sua presença, eu lhe disse que era absurdo haver mulheres que queriam servir com tanto rigor, perfeição e recolhimento e que quem não passava por nada disso, vivendo em meio aos prazeres, ficassem impedindo obras que tanto serviriam a Nosso Senhor. Disse-lhe essas e muitas outras coisas com a grande determinação que o Senhor me dava. Deus lhe comoveu o coração que, antes de eu me despedir, concedeu a licença.⁷³⁴

Ao conseguir licença do ordinário para a fundação, Santa Teresa tinha como certa a sua realização, “tudo mais me parecia tão fácil que eu julgava que, tendo o consentimento do ordinário, o mosteiro já estava feito”⁷³⁵. Impressiona pensar que estas fundações realizadas por Santa Teresa em sua grande maioria foram iniciativas não diretamente dos ordinários locais, mas justamente do desejo do povo, de sacerdote, religiosos, e membros da nobreza que desejavam ter próximos de si, estes oásis de misericórdia que vieram ser os mosteiros fundados por Santa Teresa. Teresa persiste, insiste, negocia, reza, e de certa forma enfrenta verdadeiras batalhas consigo, com Deus, e com pessoas que dificultam o avanço

⁷³¹ F 31,4.

⁷³² F 31,11.

⁷³³ F 27,11.

⁷³⁴ F 15,5.

⁷³⁵ F 18,2.

daquilo que ela considerava serem estes “portaizinhos de Belém”⁷³⁶, em que por meio da simplicidade, despojamento, oração e fraternidade se atualizava a vida de Nazaré.

9.2

As novas fundações teresianas: intuição humana e inspiração divina

Quando buscamos percorrer algumas páginas do *Livro da Vida* vamos percebendo como a reforma teresiana estava dentro de uma reforma maior que estava ocorrendo na Igreja por meio do movimento da descalcez. Os efeitos que produziam na Igreja e na vida cristã chegaram até Santa Teresa, assim como os frutos que estava produzindo através de vários sacerdotes religiosos, leigos que começavam a “descalçar-se”, ou seja, a buscar uma vida mais recolhida e orante.

Este movimento causou um grande impacto, fosse positivo, fosse de difícil aceitação, principalmente por parte de alguns eclesiásticos que o viam com uma série de restrições, pondo muitas vezes grandes obstáculos àqueles que dele se aproximassem, como foi no caso de Santa Teresa. Entretanto, por outro lado, esta oposição foi até necessária no sentido de purificar o que nestes movimentos espirituais existia de excessos e até mesmo de farsas e sérios desvios doutrinários e disciplinares, como acontecia no caso com os alumbrados.

Os princípios do que chamamos intuições humanas e inspirações divinas em Santa Teresa de Jesus são registrados por ela a partir da época em que começa a tratar com algumas pessoas sobre o que estava acontecendo na Igreja. Teresa apresenta dois movimentos que percebe através dos acontecimentos fundantes do carisma que Deus lhe comunica. Um diretamente humano, que a princípio coloca Teresa dentro de um discernimento a partir daquilo que ela vê a respeito do que está acontecendo na Igreja e na sociedade⁷³⁷ em sua época. Consegue assim fazer uma leitura dos acontecimentos históricos, ao passo que isto lhe serve como discernimento para dar uma resposta frente à ebulição de iniciativas espirituais que chegam até ela como desafios aos quais se sente chamada:

⁷³⁶ F 14,6.

⁷³⁷ Em Santa Teresa o espírito profético se une a um justo discernimento da realidade, o que a faz atuar profeticamente sem perder o bom senso: “Tenía la Santa un gran sentido de la realidad. Un carisma, que tiene su origen en causas naturales, como es su genio religioso, su talento intuitivo; pero, sobre todo, en sus experiencias sobrenaturales y místicas”. La mística: el encanto sonoro de la poesía de Santa Teresa de Jesús. PUIG, M., Aurora, p.291-306.

Certa feita, estando na companhia de uma pessoa, disseram a mim e a outras que se quiséssemos ser monjas à maneira das Descalças, seria talvez possível fundar um mosteiro. Eu, como o desejava, comecei a tratar disso com aquela minha companheira, a viúva, como eu disse, tinha o mesmo desejo. Ela começou a esboçar planos para obter recursos, planos que agora vejo não serem muito viáveis, parecendo-nos que eram devidos ao nosso desejo. Mas eu, por outro lado, estando muito contente na casa que estava, que me agradava muito, assim como a cela que ocupava, que muito me servia, ainda me detinha. Contudo, combinamos de encomendar muito a Deus o nosso plano.⁷³⁸

Quanto ao aspecto de inspiração da fundação teresiana de um carisma específico de viver a espiritualidade carmelitana, iniciado por ela, observamos outro elemento que descreve o modo como adentra um caminho que podemos afirmar ser um modo pedagógico como a graça de Deus vai preparando Teresa e suas amigas a darem este passo que seria decisivo para o início das carmelitas descalças reformadas, ou propriamente dizendo, o que veio a se chamar o Carmelo teresiano.

Certo dia, depois da comunhão, sua Majestade me ordenou expressamente que me dedicasse a este empreendimento com todas as minhas forças, prometendo-me que o mosteiro não deixaria de ser feito e dizendo que ali seria muito bem servido. Disse-me que devia ser dedicado a São José; esse santo glorioso nos guardaria uma porta, e nosso Senhor, a outra; Cristo andaria ao nosso lado, e a casa seria uma estrela da qual sairia um grande resplendor. Além disso, embora as religiões (Ordens) estivessem relaxadas, eu não deveria pensar que Ele é pouco servido nelas, pois o que seria do mundo se não houvesse religiosos? O Senhor me ordenou ainda que revelasse tudo ao meu confessor e lhe rogasse, em Seu nome, que não se opusesse ao projeto nem criasse obstáculos a ele.⁷³⁹

Tendo dado um passo significativo com a fundação do mosteiro de São José, a Santa quer ir mais longe, pois reconhece a importância de ampliar esta obra através de uma eficaz reforma também no ramo masculino, pois tinha a consciência que era necessário, naqueles momentos, que os frades que compartilhassem daquele carisma fossem grandes entusiastas de sua transmissão e de todo um programa de reforma que iria se suceder por meio destes frades contemplativos apostólicos.⁷⁴⁰ A Santa colocou prontamente em execução seu

⁷³⁸ V 32,10.

⁷³⁹ V 32,11.

⁷⁴⁰ Um significativo aspecto que também procuraremos abordar vai ser o *modus procedendi* interno das fundações, ou seja, como Santa Teresa trabalha de forma interna a comunicação do carisma a partir de suas monjas e de seus frades no intuito de fazer com que esta experiência de Deus pudesse ser de forma oportuna um caminho de renovação interna deles e das estruturas sociais e eclesiais em geral. A leitura que se fez sobre o espírito missionário de santa Teresa por muitos de seus filhos que assumiram posteriormente o governo do ramo masculino possibilitou uma grande contribuição missionária para toda a Igreja. Um exemplo desta leitura contemplativa-apostólica do

propósito, apresentando ao Bispo local, Dom Álvaro de Mendonza, e ao Padre Geral dos carmelitas em exercício na época, que era Frei João Batista Rubeo Rossi.⁷⁴¹ Teresa apresenta três atitudes fundamentais para obter o que deseja, no sentido de iniciar uma nova fundação: a primeira é encomendar a situação a Deus por meio da oração; a segunda é a demonstração por meio de argumentos que possam através de sua razoabilidade convencer os responsáveis de conceder a licença, já que a fundação vai servir para maior glória de Deus; e a terceira era fazer entender que os “prováveis inconvenientes não eram motivo suficiente para o abandono de tal empreendimento tão santo”⁷⁴². Deste modo Teresa vai tornar-se uma das grandes pioneiras no que chamamos de as grandes reformas do século de ouro que se realizaram na Igreja católica em sua época, compartilhando com suas irmãs que empreendem as novas fundações a corresponsabilidade de deixarem um legado e um testemunho de fidelidade entre a tradição (primeiros pais do Carmelo), e a renovação (Carmelo teresiano), para tantos outros que viriam e fariam parte desta família. Eles poderiam desfrutar deste patrimônio espiritual, assim como serem instruídos no precioso testemunho deixado por aquelas que, vivendo na fidelidade criativa do evangelho, deixaram um testemunho convincente de amor a Cristo e a sua Igreja:

Devemos sempre nos considerar alicerces dos que vierem mais tarde. Porque, se agora os que vivêssemos não tivéssemos perdido o fervor dos antepassados e se os que viessem depois de nós fizessem outro tanto, a edificação sempre estaria firme. Que proveito tenho com o fato de os santos antepassados terem sido desta ou daquela maneira se eu for tão ruim depois, se estragar, com maus costumes, o edifício? Porque claro está que os que chegam não se lembram tanto dos que morreram há muito quanto daqueles que veem vivos.⁷⁴³

carisma foi a realizada pelo primeiro propósito geral do Carmelo descalço não espanhol: o Padre Paulo Simon de Jesus Maria, que se chamava Paulo Ruvaiola, nascido em Gênova em 10 de abril de 1576. Professou em Gênova em 12 de novembro de 1595. Ele, com o Padre João Tadeu de Santo Eliseu e outros companheiros levaram a cabo da delegação Papal ao Shaabbas de Pérsia, que partiu de Roma em 1604, e se dirigiu àquele país pela Polônia, Rússia para levar finalmente à Pérsia em 1607. Foi geral da ordem no triênio 1623-1626, e novamente 1632-1635, e 1641-1643. Promoverá com todas as suas forças as missões, como se vê para sua dinamização durante seus governos. ACTA CAPITULI GENERALIS O.C.D. Congregationis S. Elie. Monumenta Historica Carmeli Teresiani; 11. Volume I (1605-1641) – Paravitetediti. Antonius Fortes o.c.d. Archivarius Generalis- Romae Teresianum – Piazza S. Pancrazio 5/A – 1990. Capítulo Geral VII de 1623 – Geral: Padre Pablo Simón de Jesús Maria.

⁷⁴¹ V 2,1.

⁷⁴² F 2,5.

⁷⁴³ F 4,6.

Em Teresa, a transmissão da fé não consiste em viver sob a casca de uma cultura cristã defasada, olhando apenas para as glórias do passado, mas em reconhecer o desafio de mostrar Deus no hoje para os que vivem. Teresa transita entre a tradição da intencionalidade dos primeiros pais e a coragem dos grandes reformadores que foram pioneiros no seu tempo e pensaram caminhos novos para a vida da Igreja, como alguns de seus amigos, São João da Cruz, São Pedro de Alcântara, São João de Ávila. Sentindo as novas interpelações do Espírito Santo em sua época, todos buscaram dar respostas sólidas às novas situações que lhes eram apresentadas distanciando-se desta maneira de pensar resultados novos fazendo sempre as coisas do mesmo modo, e sem uma abertura à dinamicidade do Espírito que sopra onde quer (Cf. Jo 3,8).

9.3

O colégio apostólico como valoração das primeiras comunidades em Santa Teresa

Quando vamos às fontes dos escritos de Teresa verificamos o interesse da reformadora em iniciar o primeiro grupo de carmelitas reformadas com apenas treze irmãs, de modo com que fizesse referência direta ao colégio apostólico. Teresa tem a mente atenta às origens, às fontes evangélicas, tomando assim o grupo de Jesus e seus discípulos como fonte de inspiração para este início.⁷⁴⁴ Posteriormente mudou este número para vinte e um. O propósito de Teresa era o de proporcionar maior quietude e união, a promoção da vida interior e da vida fraterna⁷⁴⁵, para que, dando um acento merecido a estas dimensões, a vida apostólica e a missão da mística teresiana pudessem transbordar como irradiação da experiência de Deus e de uma vida comum na autenticidade do amor, ao estilo do propósito de Jesus para com o colégio apostólico⁷⁴⁶:

⁷⁴⁴ F 1,1.

⁷⁴⁵ Ao comentar sobre o livro das fundações de Santa Teresa, Secundino Castro conseguiu descrever o sentido vital da fraternidade no ambiente carismático da vida carmelitana pensada e vivida por Teresa e suas irmãs: “A leitura do processo fundacional mostra a fraternidade teresiana no núcleo do carisma, porque o amor é a característica fundamental. O amor é o que calibra a vida do grupo”. (F27, 18); CASTRO, S., El Dios de la promesa, de la tierra y de la historia en el libro de Fundaciones, p.298.

⁷⁴⁶ A alegria do evangelho marca de modo decidido o carisma teresiano, de modo que pensar a estratégia de renovação desejada por Teresa a partir do livro Caminho de Perfeição em seu tempo, e buscar contemporaneizar esta mensagem por meio da nova evangelização é atualizar o evangelho no agora da Igreja: “O rosto de Deus era o de Cristo, e o de Cristo era o que aparecia nestas novas comunidades, que buscavam imitar a comunidade apostólica. Não esqueçamos que o caminho de

Estando em São José de Ávila, na véspera da páscoa do Espírito Santo, na ermida de Nazaré, considerando uma grandíssima graça que Nosso Senhor me concedera num dia como este, há vinte anos pouco mais ou menos, começaram a tomar conta de mim um ímpeto e um grande fervor de espírito que me puseram em suspensão. Nesse grande recolhimento, ouvi de nosso Senhor o que agora direi: Que dissesse aos Padres Descalços, de Sua parte, que procurassem observar estas quatro coisas e que, enquanto as observassem, esta Ordem sempre teria maior crescimento, bem como que, quando a elas faltassem, compreendessem que estavam menosprezando o seu princípio. A primeira, que as cabeças estivessem em conformidade; a segunda, que, embora eles tivessem muitas casas, em cada qual houvesse poucos frades; a terceira, que tivessem pouco contato com os seculares, e isso para o bem de suas almas; a quarta, que ensinassem mais com obras do que com palavras.⁷⁴⁷

A partir do crescimento e desenvolvimento das fundações, vemos a força atrativa que o carisma teresiano vai exercendo na vida daqueles que encontra em seu caminho. Obra esta que Teresa considera ser mérito de Deus: “Só Ele poderia, partindo de bases tão frágeis, levar essa obra às alturas em que ora se encontra”⁷⁴⁸. Teresa enche-se de contentamento quando verifica que seus primeiros frades se dedicam com amor apostólico a cuidar da promoção da vida interior daqueles que por eles são assistidos: “Eles iam pregar em muitos lugares da comarca sem nenhuma doutrina”⁷⁴⁹, e “vinham confessar-se ali cavalheiros que moravam nas adjacências”⁷⁵⁰. Edificavam com o bom exemplo, e a Santa narra que não cessavam do grande bem que faziam naquelas redondezas, “eu não me fartava de dar graças a Nosso Senhor, com imenso gozo interior, porque me parecera ver um princípio deveras proveitoso para a nossa Ordem e para o serviço do Senhor”⁷⁵¹.

9.4

Um novo Pentecostes à luz dos “atos apostólicos teresianos”

Quando começamos a aprofundar o conteúdo das fundações percebemos aí uma forte conotação pentecostal. No sentido de que a experiência vivida por Teresa (V 38,8-11), enquanto impacto da ação do Espírito Santo em sua vida,

Perfeição que as conduz é um evangelho. O grupo tem presente o Deus das bem-aventuranças. São grupos felizes, e um dos elementos mais particulares do carisma teresiano é a alegria comunitária.” (F 27,12). (CASTRO, S., El Dios de la promesa, de la tierra y de la historia en el libro de Fundaciones, p.244).

⁷⁴⁷ R 66.

⁷⁴⁸ F 13,7.

⁷⁴⁹ F 14,8.

⁷⁵⁰ F 14,9.

⁷⁵¹ F 14,11.

torna-se um desencadear de sucessivas experiências e efusões do Espírito Santo. Teresa vai percebendo como Deus, através de sua graça, vai conduzindo todo empreendimento de reformas que se operam no tecido eclesial através do Carmelo teresiano. Estas graças, recebidas por Teresa e suas irmãs enquanto manifestações de fenômenos místicos, poderiam ser descritas como uma realidade semelhante a que se encontra presente no livro dos Atos dos Apóstolos.⁷⁵²

Como se não bastasse Teresa estar vivendo estas experiências pneumatológicas, ao redor dela vão aparecendo uma série de pessoas que já estavam vivendo, de certa forma, estas mesmas experiências, e que ao se encontrarem com Teresa entendem uma confirmação da direção pela qual o Espírito Santo iria conduzir muitos contemporâneos de Santa Teresa a atualizar aquilo que descreve o livro Atos dos Apóstolos.⁷⁵³ Estas comunidades cresciam e se fortaleciam cada dia mais, e Santa Teresa ficava fascinada com o modo que Deus estava atuando através daqueles princípios.⁷⁵⁴ Este fascínio era como fruto desta ação e acompanhamento da graça de Deus que ia suscitando sempre novas personagens profundamente dedicadas a Ele que, ao encontrarem Teresa colocavam seus dons a serviço do Reino por meio daquele carisma. Assim, Teresa vai percebendo os cuidados de Deus que move os corações quando deseja que sua obra se torne realidade.⁷⁵⁵

9.5

A virtude provada em Santa Teresa como testemunho profético de perseverança

O livro das Fundações é um livro onde podemos entender como extensão da autobiografia de Santa Teresa. Contudo, nele o que Teresa pretende é antes de tudo mostrar como Deus atua na história humana através de nossa determinação em reconhecer que não apenas podemos permitir que Deus realize algo através de nossa pessoa, mas que o trabalhar de Deus é, antes de tudo, um agir em nós. Este

⁷⁵² CASTRO, S., El Dios de la promesa, de la tierra y de la historia en el libro de Fundaciones, p.249-250.

⁷⁵³ Uma abordagem interessante feita por Secundino Castro foi a relação das comunidades apostólicas, com as novas comunidades teresianas e a sua associação a teologia das Tribos em Israel: Os conventos de Teresa são como tribos, com certa independência entre si, e diversidade de estilos. CASTRO, S., El Dios de la promesa, de la tierra y de la historia en el libro de Fundaciones, p.236).

⁷⁵⁴ F 3,18.

⁷⁵⁵ F 28,37.

é um dos motivos que Teresa descreve como impulso missionário que Deus lhe comunica através do dom que ele lhe confia de fundadora. Ela é edificada também através do que vai acontecendo no caminho por meio daquilo que Deus vai realizando, principalmente em sua vida.

O contexto da missão é sempre um lugar de testemunho e Teresa, diversas vezes, pôde tocar e fazer experiência deste Deus que lhe impele a caminhar, pois por si mesma seria incapaz de vencer-se, de seguir adiante frente a tantas adversidades. Ela avança e prossegue, pois sabe que sua experiência mística é desafio profético na Igreja e no mundo, como foi a vida de Cristo que sustentou sua missão por meio de “constante de oração e de profunda contemplação”⁷⁵⁶.

Um dos caminhos importantes na maturação do seguimento de Cristo é justamente o discernimento. Sem este elemento muitas coisas estariam ameaçadas no que se refere à vivência e centralidade de Cristo no testemunho que o cristão deve apresentar ao mundo e na vida eclesial, no que se refere a este aspecto.⁷⁵⁷

O modo com que devemos atualizar o testemunho cristão em nossos dias não é apenas através de uma hermenêutica do reducionismo, mas saber dar uma resposta à altura dos grandes desafios de modo profético e corajoso. Já no tempo de Teresa se atribuía aos tempos antigos às grandes graças que acompanhavam aqueles que se lançavam a missão e Teresa faz uma observação: “não atribuam aos tempos, pois para Deus conceder grandes favores a quem O serve de veras qualquer tempo é tempo”⁷⁵⁸, o que nos parece contemporâneo, em sintonia com um sentir comum da Igreja:

Há quem se console, dizendo que hoje é mais difícil; temos, porém, de reconhecer que o contexto do Império Romano não era favorável ao anúncio do Evangelho, nem à luta pela justiça, nem à defesa da dignidade humana. Em cada momento da história, estão presentes a fraqueza humana, a busca doentia de si mesmo, a comodidade egoísta e, enfim, a concupiscência que nos ameaça a todos. Isto está

⁷⁵⁶ Santa Teresa é pedagoga e mistagoga. (PEDROSA-PÁDUA, L., *Mística e Profecia na espiritualidade cristã*, p.767;760.

⁷⁵⁷ Esta conexão entre profetismo, testemunho e virtudes no sentido de trazer bem presentes a si estas dimensões vividas por Teresa verificamos no modo como Lúcia Pedrosa-Pádua acentua ao falar sobre o livro das fundações: “Na relação entre oração e missão, o discernimento é fundamental. O discernimento da missão é alimentado pela observação da vida, pela escuta das situações, pelo conhecimento assumido dos limites pessoais, pela valorização dos próprios pensamentos, preocupações e sentimentos. Não é possível separar as circunstâncias da vida concreta da relação entre oração e missão. O livro *Fundações* mostra claramente como oração, missão e discernimento diante das situações concretas é inseparável, e isso é paradigmático para a maturidade da espiritualidade de todos os cristãos.” PEDROSA-PÁDUA, L., *Mística e Profecia na espiritualidade cristã*, p.776.

⁷⁵⁸ F 4,5.

sempre presente, sob uma roupagem ou outra; deriva mais da limitação humana que das circunstâncias. Por isso, não digamos que hoje é mais difícil; é diferente. Em vez disso, aprendamos com os Santos que nos precederam e enfrentaram as dificuldades próprias do seu tempo. Com esta finalidade, proponho-vos que nos detenhamos a recuperar algumas motivações que nos ajudem a imitá-los nos nossos dias. (EG n.263)

Para Teresa, importa avançar nas virtudes, no sentido de que elas vão disponibilizando e direcionando nossa determinação em realizar o que o Senhor nos confia, pois, “Deus não quer mais do que essa determinação para fazer tudo com a sua”⁷⁵⁹, o que nos infunde a certeza que, uma vez as virtudes confirmadas em diversas situações da vida, e as ocasiões serão tão somente lugares onde se testemunhará de modo profético a presença e a ação de sua graça, que lançou raízes no coração humano.⁷⁶⁰

A vida em Deus para Santa Teresa é um prolongamento deste louvor de sua glória em cada situação que sucede na vida. Nada deve fazer que o louvor seja cessado no coração daqueles que pretendem realizar o que Ele lhes confia. Esta determinação de Santa Teresa nos recorda as palavras de São Paulo em meio às perseguições, quando afirma: “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18).

Indispensável para vida cristã são as virtudes, pois, é por meio delas que verdadeiras fortalezas que se elevam contra o avanço do Reinado de Deus⁷⁶¹ são abatidas: “Quão poderosas são a Santidade e as virtudes”⁷⁶², pois sendo autênticas são capazes de mudar as opiniões primeiras, e tornar evidente ser obra de Deus o que primeiro se pensará ser apenas um projeto humano, como aconteceu com a fundação de São José de Ávila:

Quando se começou a rezar o ofício, o povo começou a ter grande devoção com esta casa. Recebemos mais noviças, e o Senhor começou a mover os que mais nos tinham perseguido para que muito nos favorecessem e dessem esmolas. Assim, foram aprovando o quanto haviam reprovado e, aos poucos, desistiram do pleito, dizendo-se convencidos de ser a casa obra de Deus, já que, com tanta oposição, sua Majestade desejara que fosse adiante.⁷⁶³

⁷⁵⁹ F 28,19.

⁷⁶⁰ F 30,13.

⁷⁶¹ GE 112-121.

⁷⁶² F 28,43.

⁷⁶³ V 36,25.

Esta mesma experiência interior de todo atuar exterior fora bem exigente na missão confiada à Santa, tal qual a São José de Sevilla, e Teresa diz que os trabalhos interiores foram maiores do que os exteriores.⁷⁶⁴

9.6

Santa Teresa de Jesus e a confiança na providência de Deus

Uma das características que queremos acentuar aqui é a confiança incondicional de Teresa ao Senhor ao começar as novas fundações que Ele lhe pede. Uma das grandes dificuldades dela era justamente a questão de como seria possível levar tal empreendimento à frente sem que os meios a serem utilizados atrapalhassem aquela pobreza apostólica tão admirada por Teresa na vida de Jesus e de seus apóstolos. Por um lado, Teresa tinha consciência de sua influência para poder levantar os recursos necessários àquela obra, contudo sabia que toda diligência ao lidar com o dinheiro e com as condições de vida que este poderia proporcionar seria pouco, pois não desejava reproduzir o modelo de vida anterior no qual ela estava encerrada. O que pretendia era que estas novas fundações tivessem as marcas daquela confiança de quem se decidiu em buscar primeiramente o Reino dos céus, e de não ter a pretensão, cômoda, de fiar-se nos recursos que cada um pode angariar para si e para suas obras. O fundamental em Santa Teresa é que através da reforma que ela estava empreendendo tudo deveria passar por esta renovação, até mesmo o modo como lidar com o dinheiro, buscando viver uma vida sóbria e mantendo a liberdade interior para servir verdadeiramente a Deus.

As experiências da providência de Deus na vida de Teresa a partir das fundações vão consolidando a sua confiança neste Deus providente, que convida a esta relação filial que demanda um relacionamento em confiança “Naquele que nos fortalece”⁷⁶⁵. Através das fundações, Deus vai de modo pedagógico e mistagógico fazendo Teresa olhar o futuro com esperança, e se transformar em sinal desta esperança para aqueles que o buscam como fundamento de sua entrega.

Um significativo fator no entendimento destes princípios é a verdade de que todas as coisas que vão se sucedendo enquanto providência são consideradas por

⁷⁶⁴ F 26, 2.

⁷⁶⁵ FERMIN, F., *Providencia y confianza en Dios*, p.270; Mt 6,28-31; Mt 8,20; Mt 10,15; Mt 10,31.

Santa Teresa como acontecimentos que provém das “mãos poderosas de Deus”⁷⁶⁶. O testemunho de confiança torna-se sinal claro de que caminhar na fé é um caminhar na presença do Senhor, que não apenas nos interpela ao seguimento como nos guia no caminho. Isto é de singular importância, pois Teresa percebe que a simplicidade é o ambiente em que Deus se dispõe, de modo incomparável, a atuar. Este viver primordial da memória de Deus possibilita vê-la renovar-se constantemente: “Crê e espera, que eu sou o que tudo pode”⁷⁶⁷. As fundações promovidas por Teresa lhe permitiam tocar aquela pobreza apostólica na qual, no evangelho, vemos continuamente Jesus instruindo os seus discípulos. Essa mesma pobreza tornou-se para Teresa e suas irmãs um grande bem: “Tudo isso nos fez um grande bem, porque eram grandes o nosso consolo interior e a nossa alegria (...) A privação que sofremos me parecia uma suave contemplação”⁷⁶⁸.

Esta perspectiva da pobreza e da confiança sempre se faz presente em Teresa, no que se refere à missão de fazer presente a obra de Deus. Quando se pretende desenvolver um trabalho que tem como fim a maior glória de Deus e o seu serviço, é necessário possuir aquilo que Santa Teresa vai chamar de “ânimo-animosos”: “Ele não vos negará a sua misericórdia, e se tiverdes confiança Nele e vontade firme coisa de que sua majestade muito gosta, não havereis de temer que vos falte algo.”⁷⁶⁹ Teresa descreve que a providência de Deus sempre está disposta a contribuir quando somos solícitos, confiantes e animados pelo Espírito de Deus. Isto implica em tornarem-se pessoas que se entregam e caminham na certeza de que Deus está ao seu lado, ajudando a perceber que “a vida é viver sem temer a morte nem os acontecimentos de nossa existência”⁷⁷⁰, pois Ele, o Senhor, é a providência dos que Nele confiam. Isto é ter “ânimo-animosos” e ser verdadeiramente evangelizadores no Espírito (EG n.259), animados e animadores na/da vida no Espírito, na história humana, e na vida da Igreja em sua missão insubstituível de evangelizar.

Na fundação de Medina del campo, Teresa descreve como Deus vai surpreendendo-a de maneira muito concreta a partir de sua decisão de fazer avançar as fundações mesmo diante da simplicidade do início, em que por vezes

⁷⁶⁶ F 27,12.

⁷⁶⁷ F 22,23.

⁷⁶⁸ F 15,14

⁷⁶⁹ F 27,12.

⁷⁷⁰ F 27,12.

se toca de modo palpável a situação de pobreza com que se iniciam os grandes projetos de Deus, como o testemunhara Teresa. Mas é em meio a esta plena dependência de Deus que sucede o despertar de um novo ardor em meio a seu povo, que sabe identificar os sinais da presença e da ação do Verbo de Deus em meio à simplicidade das situações, como no mistério da encarnação, avivando o ardor, e colocando em adoração sejam reis, sejam pastores, que são atraídos até ele para adorá-lo: “Durante todos esses dias, acorriam muitas pessoas, que não apenas não consideravam mau ver Nosso Senhor outra vez num portal, como até tinham aumentada a sua devoção. Sua majestade, como quem nunca se cansa de humilhar-se por nós, não parecia querer sair dali”⁷⁷¹.

Todos estes sinais da presença providencial de Deus por meio das fundações na vida de Teresa e de sua nova família religiosa vão se tornando um caminho kenótico e metanoico, pelo qual Deus vai “nestes novos evangelizadores, de tal modo que a questão da famigerada “honra negra”⁷⁷² tão deplorada por Santa Teresa vai perdendo consistência na vida daqueles tem agora diante dos olhos o Jesus dos evangelhos, que livremente escolheu ser pobre. É Ele o modelo para a vida destes novos apóstolos, que buscando apenas contar com uma renda suficiente⁷⁷³ para o início de determinadas fundações ficariam despertos com relação a apoderar-se de algo que lhes poderia roubar aquela tão estimada liberdade interior que os que servem Deus com “desprendimento de coração” possuem. A Santa sempre procurou lidar com coerência os bens que lhe favoreciam:

Embora miserável e ruim, digo, para honra e glória sua, e para que vos alegreis de ver como foram fundadas essas suas casas, que nunca em nenhuma circunstância eu fiz, quanto aos bens de alguém, alguma coisa que me parecesse contrariar num único ponto a vontade do Senhor, mesmo quando acreditasse que, para me sair bem, teria de fazê-lo, seguindo o conselho dos meus confessores (que sempre foram desde que a isso me dedico, como sabeis, grandes letrados e servos de Deus); e, se, me lembro bem, sequer me passou pela cabeça semelhante atitude.⁷⁷⁴

⁷⁷¹ F 3,13.

⁷⁷² F 10,13.

⁷⁷³ F 20,14.

⁷⁷⁴ F 27,15.

9.7

O humanismo Teresiano e a “missão” da pastoral da Santidade

Ao abordarmos o humanismo teresiano e sua contribuição para uma pastoral da Santidade, queremos aqui refletir sobre a contribuição e a lucidez com que Teresa aborda temas que são de relevante importância no sentido da busca de um itinerário em direção à maturidade humana também no que diz a vida de oração⁷⁷⁵. É bem verdade que quando nos aventuramos pela senda da oração, entramos neste caminho com a nossa história e com todos os eventos e acontecimentos que se sucederam nela, tanto os aspectos positivos como os negativos, pois é a pessoa toda que entra nesta relação com Deus e a partir desta relação percebe estes desdobramentos na relação com os demais. Teresa, como mestra de interioridade, reconhece que sua missão se expande para além de suas monjas, de modo que vai aos poucos fazendo com que todos percebam a bondade do Senhor mesmo em meio às “provas” que passam na história:

Muitas pessoas, tanto homens como mulheres, ao lado das monjas dessas casas, têm vindo a mim, e eu muitas vezes reconheço com clareza que, sem querer, elas se enganam a si mesmas. Acredito que o demônio deve se imiscuir aqui pretendendo zombar de nós. Porém, há muitas que, como eu disse, pela bondade do Senhor, não me parecem ter sido abandonadas por Ele. É possível que Ele queira, permitindo esses enganos, apenas submetê-las a prova, a fim de lhes dar mais experiência. Por nossos pecados, as coisas de oração e de perfeição estão em tamanha decadência no mundo que preciso explicar-me assim. Porque, se as pessoas, sem ver perigo, temem trilhar este caminho, como agiriam se lhes mostrássemos algum? Se bem que, na realidade, em tudo o há e, enquanto vivermos, necessitamos agir com temor, pedindo ao Senhor que nos ensine e não nos desampare. Mas, como eu já disse, segundo creio uma vez, se há alguma coisa em que o perigo é muito maior, é a situação daqueles que mais pensam em Deus e procuram aperfeiçoar sua vida.⁷⁷⁶

Ao descrever suas experiências com Deus e narrá-las com precisão e sabedoria, Santa Teresa reconhece que Deus lhe comunica uma preciosa percepção da vida espiritual, e que este mesmo Senhor potencializa que transmita oralmente e por escrito os eventos que se realizam em seu interior, qual uma nova história da salvação que se lhe repete interiormente. Entretanto, Santa Teresa é capaz de ter a delicadeza de indicar que muitos são os caminhos do Espírito e deixa em aberto a liberdade de outros seguirem por caminhos diferentes que o seu, não tendo nem mesmo a pretensão de vê-los apressadamente como infalíveis:

⁷⁷⁵ CV 158.

⁷⁷⁶ F 4,2.

Não é minha intenção nem pensamento afirmar que o que digo esteja tão correto que possa ser tido como regra infalível. Tratando de coisas tão elevadas de dificuldades, fazê-lo seria um absurdo. Como há muitas formas de trilhar o caminho do espírito, talvez eu consiga falar com acerto acerca de algumas delas. As almas que porventura não me entenderem por certo seguem outra via. E se o que digo não servir a ninguém, O Senhor há de aceitar a minha boa vontade.⁷⁷⁷

Os caminhos que os novos evangelizadores no Espírito são chamados a percorrer são caminhos em que na liberdade de sua própria entrega a pessoa possa perceber sua maturação e sua fecundidade na relação com Jesus. Para Teresa, caminhar com Cristo é descobrir um caminho de plena liberdade. O humanismo teresiano acentua uma antropologia aberta ao mistério. Quanto mais a pessoa progride na liberdade de sua relação com Cristo, mais se plenifica em sua pessoalidade, pois está profundamente implícita nesta espiritualidade marcada pela liberdade de espírito tão desejada e transmitida por Teresa: “liberdade de espírito tão desejado e apreciado dos perfeitos, onde reside toda felicidade que se pode desejar nesta vida; porque, não querendo nada, os perfeitos tudo possuem”⁷⁷⁸.

9.7.1

Santa Teresa e o cuidado das fragilidades no itinerário pessoal de cada um

Um dos aspectos deste ministério de aconselhamento e acompanhamento espiritual presente em Santa Teresa é justamente o cuidado para com as pessoas no seu caminho espiritual e humano. Isto se verifica quando as irmãs pedem a ela que lhes orientem com relação a algumas situações que estão sucedendo nos conventos: “pediram-me encarecidamente para dizer algo como se deve proceder com as irmãs que têm um humor melancólico”⁷⁷⁹. Teresa faz isso dentro da experiência que lhe permite descrever alguns sinais que está percebendo em tais irmãs, ao passo que motiva as priorosas a terem cautela no trato com elas, uma vez que “a tantas as invenções que esse humor procura para fazer a sua vontade

⁷⁷⁷ F 5,1.

⁷⁷⁸ F 5,7.

⁷⁷⁹ F 7,1.

que é preciso descobri-las para suportá-las e governar as pessoas que o têm sem prejudicar as outras”⁷⁸⁰.

O cuidado e o discernimento tendem a fazer uma distinção entre os graus de prejudicabilidade desta melancolia, pois nem todos os que têm este humor são “tão difíceis de aturar”⁷⁸¹, pois existem graus maiores e menores. Uma das características deste humor é subjugar a razão; e, estando esta obscurecida, o que não farão nossas paixões? Ao que parece, “quando falta a razão vem a loucura; e isto de fato acontece”⁷⁸². Aqui é indispensável que a priora governe com prudência, exterior e interiormente, pois a “razão, que na enferma está obscurecida, precisa estar mais clara na prelada”⁷⁸³. A priora deve aprender a observar e a identificar tais comportamentos das irmãs: “Se bem observarmos, o que mais procura quem está assim é dizer tudo quanto lhe vem à cabeça, ver as faltas alheias, encobrir as próprias, e regalar-se com o que lhe agrada, agindo, enfim, como quem não sabe dominar-se”⁷⁸⁴.

Em algumas situações, Teresa reconhece ser acertado agir de modo mais incisivo para poder manter e preservar a boa convivência na comunidade:

Conheço algumas pessoas a quem não falta quase nada para perder o juízo. Mas elas têm almas humildes e tão temerosas de ofender a Deus que, embora se desfaçam em lágrimas, de si para si, não deixam de fazer o que lhes é ordenado, suportando esta enfermidade como qualquer outra, mesmo que seja um insuportável martírio. Agindo assim, elas alcançarão maior glória, submetendo-se aqui ao purgatório para não passar por ele depois. Mas digo ainda uma vez: as preladas devem obrigar as que não se submeterem voluntariamente, e não devem deixar-se enganar por piedades indiscretas, para que mais tarde não venham todas as se alvoroçar com seus descomedimentos ⁷⁸⁵

Para Teresa, a melancolia, além de ser um estado em que a pessoa se encontra no seu humor, pode implicar questões que poderiam envolver a sua própria salvação⁷⁸⁶ quando este mal toma proporções de isolamento, obstinação e impedimento de auxílio.⁷⁸⁷ Todavia, a maior atenção de Teresa está posta sobre o

⁷⁸⁰ F 7,1.

⁷⁸¹ F 7,2.

⁷⁸² F 7,2.

⁷⁸³ F 7,3.

⁷⁸⁴ F 7,3.

⁷⁸⁵ F 7,5.

⁷⁸⁶ F 7,4.

⁷⁸⁷ O papa Francisco, na missa matinal de 27 de setembro de 2016, descreve a situação de alguns cristãos em seu itinerário espiritual atualizando a reflexão já desenvolvida por Santo Inácio de Loyola e os demais jesuítas no decorrer dos séculos quando abordavam situações semelhantes da melancolia descrevendo-as como desolação: “A desolação espiritual é uma coisa que acontece

cuidado que a priora deve dispensar a estas irmãs para que não se distanciem de si, de sua relação com a comunidade, e mesmo a perda do sentido de pertença à comunidade e de sua vocação. Pois isso, a forma de tratamento deve ser igual com todas, no sentido de não deixar de fazer as devidas observações quando extrapolam no comportamento as demais, assim como quando se pretendem tomar tais liberdades: “a priora que por compaixão deixar que as melancólicas tenham liberdades, no final já não o conseguirão suportar e, quando afinal administrarem o remédio, verão que o mal feito às outras é muito grande”.⁷⁸⁸

Outro ponto que se deve observar, segundo a forma terapêutica teresiana de cuidar destas irmãs, refere-se ao cuidado com a generalização: “agora se abusa do termo, considerando-se melancolia tudo quanto seja vontade própria e liberdades”⁷⁸⁹, o que para Teresa estas “certas liberdades” devem ser tidas como enfermidade grave. Já a melancolia em um estágio mais grave, é preciso empregar algum remédio, ou seja, realizar um tratamento medicamentoso e manter o doente na enfermaria até que melhore para voltar a conviver com a comunidade.

A caridade para com estas pessoas deve ser de fundamental importância por parte daquelas que são responsáveis de cuidar de suas irmãs, pois devem “sem que as doentes o entendam, conduzi-las com muita piedade, como verdadeiras mães, recorrendo a todos os meios possíveis para remediar a doença”⁷⁹⁰. Demonstrando

com todos nós: pode ser mais forte ou mais fraca, mas é uma condição da alma obscura, sem esperança, desconfiada, sem vontade de viver, que não vê a luz no fim do túnel, que tem agitação no coração e nas ideias. A desolação espiritual nos faz sentir como se nossa alma fosse ‘achatada’: quando não consegue, não quer viver: ‘A morte é melhor!’ Desabafa Jó. ‘Melhor morrer do que viver assim’. E nós devemos entender quando nosso espírito está neste estado de tristeza geral, quando ficamos quase sem respiro. Acontece com todos nós, e temos que compreender o que se passa em nosso coração”. Uma experiência semelhante vive Martinho Lutero quando descreve através de outros meios a experiência que faz daquilo que chamou de *Anfechtungen* o que no sentido literal da língua portuguesa fica traduzido por “a ser combatido”. Lutero compreendia esta expressão como uma luta pessoal enfrentada com a equidade de Deus e com a pecabilidade da humanidade. Lutero deixou descritos vários enfrentamentos que viveu no que se refere ao seu embate com a melancolia: “Eu mesmo fui atacado mais de uma vez, e levado à profundidade e ao abismo do desespero, tanto que desejei nunca ter nascido” (GRITSCH, E. M.; JENSON, R., *Lutheranism: The Theological Movement and Its Confessional Writings*, p.153). Em outro momento, afirmou Lutero: “podem-se extinguir as tentações da carne, mas oh! Como é difícil lutar contra as tentações da blasfêmia e do desespero!” (BRINGLE, M. L., *Despair: Sickness or Sin? Hopelessness and Healing in Christian Life*, p.67.) Esta situação por vezes, pode ser uma dolorosa experiência para quem devotou a sua vida a servir a Deus, contudo, sempre se deparou com os seus próprios dramas e conflitos internos.

⁷⁸⁸ F 7,6.

⁷⁸⁹ F 7,8.

⁷⁹⁰ F 7,8.

a estas irmãs “que muito a ama, dando-o a entender por atos e palavras”⁷⁹¹. Quanto à rotina da comunidade, buscará a priori ocupá-las em muitas tarefas, impedindo-as de dar:

vazão a imaginação visto estar nisto todo mal. Mesmo que elas não sejam perfeitas nos trabalhos, é recomendável perdoar algumas faltas suas para não ter de suportar outras maiores, advindas da sua perda de controle. Entendo se esse remédio mais eficaz a ser-lhes administrado. Evite-se também que façam orações prolongadas, mesmo as habituais, porque a maioria delas tem a imaginação fraca, o que é deveras prejudicial.⁷⁹²

Um segundo cuidado que se deve dispensar para com aqueles que empreendem um caminho espiritual junto a uma comunidade de fé é justamente a atenção que se deve dar à questão dos escrúpulos e as “pretensas” visões que possa acreditar ter neste caminho. Santa Teresa aborda alguns cuidados que se deve ter para com algumas pessoas que muito bem motivadas podem manifestar certos posicionamentos na vida espiritual que acabam por se tornar vícios espirituais que impedem a alma caminhar com a devida liberdade interior que realmente produz uma sadia vida interior e relacional.

9.8

Santa Teresa “nova evangelizadora e discípula missionária” de Jesus Cristo

Descrever o discipulado missionário em Santa Teresa foi um desafio que nos colocamos neste trabalho, no intuito de compreender como Teresa contribui com seu pensamento, vida e experiência para vivermos, no século XXI, os desafios missionários, pastorais e espirituais que nos são colocados. Dificilmente compreenderíamos o pensamento de Santa Teresa fora de uma perspectiva discipular e missionária. Semelhante a um jogo de xadrez, Santa Teresa sabe entabular bem as peças, pois sabe onde pretende chegar com a formação e a preparação de novos cristãos para a glória de Deus e para que se realize a missão da Igreja.

Em Santa Teresa, o discipulado e a missão fazem parte de uma mesma estratégia de evangelização. Teresa sabe unir uma planificação prévia com uma

⁷⁹¹ F 7,9.

⁷⁹² F 7,9.

planificação no caminho.⁷⁹³ Percebemos que no seu discurso místico faz-se presente uma estratégia que descreve o sentido combativo do apostolado para transmitir o amor e a verdade do evangelho ao coração daqueles que se propõem seguir Jesus, e para que seu reinado avance no mundo.

Teresa introduz a importância da experiência como um suplemento espiritual para a fé: “que muito se distingue de apenas crer e pensar”⁷⁹⁴, mas que unido a estas pode potencializar a visão sobre o caminho a percorrer e a direção a seguir. Após uma visão panorâmica de alguns acontecimentos singulares da vida de Santa Teresa de Jesus, buscaremos perceber como o caminho interior da Santa é também um percurso antropológico. Ao fazer uma leitura das páginas do *Castelo Interior* vemos que aparecem 176 vezes a palavra homem, e 2.042 vezes a palavra alma, o que “todavia convém associar à noção de alma, que na sua rica polissemia, designa o ser humano objeto da antropologia teológica”⁷⁹⁵. Isso nos faz perceber o interesse de Teresa pelo mistério do ser humano dentro do mistério de Deus.

Buscaremos verificar no arco da existência de Santa Teresa a presença do mistério de Deus em que a relação com Deus faz emergir na experiência de Teresa a consciência de qual será o rosto de Deus que ela assume como “Senhor, amigo e esposo” e, por conseguinte, configura qual é a imagem de pessoa que ela vai cultivar. A imagem de uma atualizada e revisada experiência antropológica do ser humano a partir não de uma ideia sobre ele, mas como um ser “querido, desejado e acolhido” em relação de vital de amor com Deus.

Teresa é uma nova evangelizadora no sentido que busca retomar uma percepção dinâmica da evangelização, que vai sendo configurada por aquilo que podemos chamar de cultura do encontro. Nela o Senhor vai aproximando pessoas de Teresa para que ela não apenas compartilhasse de suas experiências, mas pudesse também crescer com as experiências e sabedoria que Deus estava comunicando àquelas que com ela conviviam. Principalmente no diz respeito à virtude, pois “essas servas do Senhor muito me ensinaram acerca da virtude da obediência”⁷⁹⁶, assim como a grande fé e certeza que muitas possuíam e que

⁷⁹³ MARCOS, J. A., *Mística e Subversiva: Teresa de Jesús*, p.143-160.

⁷⁹⁴ CP 6,3.

⁷⁹⁵ ZACHARIE, I., *Dimora-dimorare: antropologia dell'unione nel Castello Interiore di santa Teresa*, p.259-82.

⁷⁹⁶ F 1,5.

Teresa, ao descrever, demonstra uma importante maturidade interior, sabendo reconhecer os seus dons e querendo caminhar junto, deixando um belo testemunho às próximas que viriam, para que edificassem o modo de viver das primeiras.

O fato dos grandes conventos e beatérios possuírem um grande número de monjas, ou de pessoas que ali desejam viver um estilo de vida consagrada, não implica que vivessem com autenticidade, seja a vida consagrada, seja a vida cristã enquanto tal. Teresa percebe que Deus lhe confere um carisma especial para conduzir pessoas por um caminho de “estreitamento”, de suas relações com Ele, sem deixar de perder a liberdade interior. Reconhece que somente é possível obter êxito neste empreendimento, se ela de fato deixar-se atrair por este novo frescor do evangelho que se verifica nas experiências que a pessoa vai tendo com Deus ao ponto de sentir-se profundamente grata por esta amizade com o Senhor e fazer conhecida esta proposta amorosa de Deus a todo ser humano.

Ao descortinar-se no grande palco do ambiente eclesial, a descalcez, enquanto um novo “método”, vai sendo abraçada por muitos, assim como por Terea, no maior empreendimento de sua vida. Isso possibilitará dar passos no que se refere a voltar às fontes do evangelho, buscando um caminho que possibilite fazer a experiência do frescor do evangelho, que traz o sinal de relações marcadas pela caridade e pela misericórdia. Um dos aspectos desta “nova evangelização” em Teresa é que ela deve se fazer presente no coração das grandes cidades (tal qual fala o papa Francisco). Neste sentido, as fundações vão sendo pensadas por Santa Teresa como uma presença do Reino que adentra em terra de ídolos, de honra e de dinheiro, sendo como que santuários na terra que deve ser conquistada, a semelhança das primeiras comunidades paulinas.⁷⁹⁷

Pensar aqui em Santa Teresa como discípula missionária é colocá-la dentro de algo que podemos dizer ser específico do testemunho teresiano de abertura à ação do Espírito Santo presente na Igreja. Assim também na vida de suas companheiras, que viveram o princípio deste movimento de reforma como se fosse um novo Pentecostes, de tal modo que teve implicações e efeitos também no surgimento do ramo masculino. Teresa soube, no exercício de sua maternidade

⁷⁹⁷ El Dios de la promesa, de la tierra y de la historia en el libro de Fundaciones (Reflexión teológica, y bíblico-literaria sobre el libro de Fundaciones). CASTRO, S., El fulgor de la Palabra, p.425-447.

espiritual, viver o seu desejo de progredir espiritualmente e caminhar de modo seguro por meio do discernimento que Deus concedia aos seus primeiros “filhos” espirituais, que foram dentro deste círculo de convivência pneumatológico os discípulos e os mestres de Teresa.⁷⁹⁸

A Santa soube tanto guiá-los no início, assim, como deixar-se conduzir por eles no decorrer do desenvolvimento do carisma, possibilitando desta forma abrir espaço a esta escuta do Espírito frente a situações concretas vividas após a fundação deste novo carisma.

9.8.1

A relevância e a contribuição da mística teresiana para a transformação missionária da Igreja nos tempos atuais

Dentro do trabalho que estamos desenvolvendo quanto à abordagem da nova evangelização à luz da mística teresiana, percebemos a relevância de ter como um dos interlocutores o papa Francisco e seu programa de transformação missionária da Igreja, sabendo que toda a ação missionária é, antes de tudo, um transbordamento de uma amizade e de uma relação com o próprio Senhor.

Somos escravos vossos, vendidos por Vosso amor de boa vontade à virtude da obediência, por termos por ela deixado, de algum modo, de fruir o próprio Deus. E isso não é nada se levarmos em conta que, por obediência, Ele saiu do seio do Pai para tornar-se nosso escravo. Como será possível pagar ou agradecer por essa graça? Temos de cuidar das obras, mesmo das de obediência ou de caridade, para recorrermos muitas vezes a Deus em nosso interior. E acreditai-me: o que beneficia a alma não é um longo tempo de oração, já que, quando empregamos o tempo em obras, isso muito nos ajuda a, em breve, conseguir uma disposição para aceder o amor superior à alcançada em muitas horas de consideração. Tudo vem das mãos de Deus. Bendito seja Ele para sempre.⁷⁹⁹

A experiência de Deus em Santa Teresa traz em si uma marca caracteristicamente missionária. Viver o mistério é para Teresa transmiti-lo, poderíamos até mesmo pensar a expressão utilizada por Santo Tomás de Aquino

⁷⁹⁸ Santa Teresa descreve que São João da Cruz “era tão bom que mais podia eu aprender com ele que ele comigo”. Deste modo vemos a grande abertura da Santa de discipular e de ser discipulada, pois aquilo que sobrava nela como experiência e sabedoria sabia colher nos seus filhos o que possuíam de prudência e ciência adquirida por amor a Deus. Poderíamos aqui descrever uma série de nomes que foram como que instrumentos nas mãos de Teresa para levar aquele empreendimento para frente. Como o próprio Padre Antonio, Frei Jerônimo Gracian, Padre Mariano, Padre Dorian e tantos outros que de modo providencial contribuíram com a Santa neste caminho fundacional em seus princípios. Outros que não foram carmelitas mais que fizeram parte do círculo de Teresa como, por exemplo, São Julian de Ávila (Fundação 13,5).

⁷⁹⁹ F 5,17.

que bem descreve o pensamento de Santa Teresa de Jesus quando se refere a *Traditio allis tradere*, no sentido de transmissão das coisas contempladas. As coisas contempladas na relação com Deus podem ser compartilhadas na missão e na vida ordinária da fé uma vez que não contradizem o que é o depósito da fé, mas auxiliam em uma compreensão mais profunda destes mesmos tesouros da fé, como afirma a Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II *Dei Verbum*:

Esta tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (Lc 2, 19.51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade. Isto é, a Igreja, no decurso dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus (DV n.8).

Em Santa Teresa, o conhecimento de Deus e a experiência com o seu mistério lançam o discípulo em um engajamento e missão pelo Reino. A contemplação, o estudo e a meditação dilatam a percepção do mistério e envolvem a pessoa na missão buscando transmitir a fé através tanto do testemunho pessoal, quanto de diversos modos pelos quais a experiência humana de Deus transborda pelos dons e sobrenaturais do Espírito Santo, como verificamos na vida de Teresa. Neste sentido, a experiência de Teresa jamais será uma experiência intimista, pois transborda sobre a Igreja a beleza de sua humanidade indelevelmente tocada pelo Espírito Santo. Uma humanidade que plenificada pelo Espírito irradia a experiência de Deus por meio da poesia, dos livros espirituais, de relatos pessoais de suas experiências com Deus, de um humorismo peculiar, dos encontros com as pessoas de todas as situações, das milhares de cartas escritas. Tudo para se fazer próxima através da direção espiritual, pensando em tornar cada pessoa mais próxima a Deus, dialogando, aprendendo e ensinando os teólogos a respeito de Deus, reunindo pessoas e engajando-as na grande aventura da vida, tendo como companheira a oração.

9.9

Concluindo o capítulo 9

Ao concluirmos este capítulo sobre os aspectos missiológicos e pastorais da mística teresiana para a nova evangelização refletimos sobre o legado espiritual de

Santa Teresa de Jesus para o nosso tempo. Percebendo estes desdobramentos sobre a vida e a missão da Igreja hoje, buscaremos agora, no capítulo que se abre, pensar teologicamente à luz da experiência mística de Santa Teresa como a nova evangelização pode continuar propondo um novo Pentecostes à Igreja em nossos dias. Este foi o desejo de São João XXIII, quando abriu o Concílio Vaticano II, de que o Concílio fosse um evento que propusesse `z Igreja uma autêntica atualização do mistério de Pentecostes. Pensar teologicamente esta reforma e renovação da Igreja é pensar no seu aspecto fontal, que é a persistência e a permanência na presença e na atenção ao mistério de Deus que se faz verificável por meio da vida de oração que envolve e caracteriza os discípulos de Cristo. Sem este perseverar na sala do cenáculo em unanimidade de oração, e com o coração e a alma entrelaçados no desejo que levar à frente a missão da Igreja, nada se faz de realmente substancial quanto a esta imperiosa missão que a Igreja possui de evangelizar.

A partir da mística cristã, vivida e interpretada por Santa Teresa, e sua contribuição à nova evangelização vamos apresentar alguns elementos que entendemos ser fundamentais para a contribuição de um novo Pentecostes em nossos dias, seja no que se refere à missão *ad extra* e *ad intra* no tecido eclesial e suas estruturas, seja na expansão deste evento no mundo. A nova evangelização à luz da mística teresiana é uma proposta em que a experiência de Deus se torna um acontecimento não apenas sentido, mas comunicador de sentido da própria existência cristã, isto é, uma estrutura em que a pessoa redescobre a vida dentro de sua relação com Deus e o seu mistério de amor, e percebe esta mesma vida que é dom como uma missão no mundo.

10

A mística teresiana e sua diaconia para a promoção de um novo Pentecostes na Igreja e no mundo

Ao buscar descrever neste último capítulo a missão diaconal da mística teresiana e seu imprescindível papel colaborativo na nova evangelização, verificamos que a mística teresiana é uma permanente fonte dentro da espiritualidade cristã, promotora de um contínuo Pentecostes no Corpo de Cristo que é a Igreja. A experiência de Deus em Santa Teresa de Jesus é uma experiência que transcende o fato do experimento “em si”, pois a “pessoa que se entrega para além do que sente [entra] em outro nível de ser, onde não conta tanto o que se experimenta, senão o sentido do que se vive e do que se faz”⁸⁰⁰. Pensar no mistério de Pentecostes em nossos dias não é evadir-se em uma experiência intimista, mas é justamente reconhecer a finalidade de cada experiência, e como esta incide sobre a Igreja e sua missão no mundo.

Ao recordarmos o evento dos Atos dos Apóstolos na comunidade primitiva, narrado pelo evangelista São Lucas, percebemos as dimensões que aquelas experiências produzidas pelo Espírito Santo teriam causado sobre aquela nova comunidade de fé que se expandia pelo anúncio do evangelho (At 2,37-41), e como a autenticidade de vida daqueles primeiros homens e mulheres foram capazes de fazer com que a Palavra de Deus anunciada oralmente pelos apóstolos transbordasse na forma de uma alegria, atraente e decisiva na vida daqueles que, no encontro com a pessoa de Jesus Cristo, se abriam a um novo caminho de fé, em que convergiam a Lei, os profetas e a realização das promessas na pessoa de Jesus Cristo (At 2,22-28). O resgate de alguns elementos vividos pela Igreja primitiva e que foram configurando a vida da Igreja nos séculos posteriores nos possibilita repensar o hoje da Igreja. Qual seriam as fontes em nossos dias, e as chaves de leituras apropriadas para avançarmos na busca desta promoção de uma nova primavera do Espírito Santo sobre a Igreja? Uma das chaves de leituras que apresentamos é o potencial da mística cristã, e neste trabalho apresentamos a mística teresiana como um sopro do Espírito Santo que impactou a Castilha do século XVI, e que se tornou, de certa forma, uma “Sala do Cenáculo” de onde

⁸⁰⁰ FERNANDEZ, V. M., La fuerza transformadora de la mística amor y belleza para todos, p.13.

partiram missionários a estender o Reino de Deus pelo mundo, através do anúncio do evangelho. Desde o princípio de suas experiências, a mestra dos espirituais sempre compreendeu que somente o Espírito Santo é capaz de produzir e incendiar vidas, e movê-las a continuar a missão que Cristo confiou aos apóstolos: “Parece-me que o Espírito Santo deve ser o mediador entre a alma e Deus, e o que move com tão ardentes desejos que a faz incendiar-se no fogo soberano que está tão próximo dela”⁸⁰¹. Pensar o novo pentecostes sobre a Igreja é abrir-se a uma necessária efusão do Espírito Santo, que na glorificação do Senhor é prometido como um dom para a Igreja: “O Espírito Santo já estava presente na vida de Jesus em sua vida mortal, mas até a sua glorificação não estava para ‘ser-dado’. A efusão do Espírito sobre a Igreja e os homens é, portanto, uma consequência da glorificação do Senhor”⁸⁰².

O anúncio do Evangelho centrado na pessoa de Cristo é um reconhecimento de que Cristo é o “Senhor do Pneuma”⁸⁰³ e que, por isso, na sua pessoa:

Sobrevém toda a plenitude do Espírito Santo, porque Ele é o corpo íntegro da Igreja; mas em nós, que somos contados entre os seus membros, nos foram distribuídos os dons e carismas do mesmo Espírito em particular, de modo que, com a pregustação destas graças como da fonte de dons e obras que é Cristo, chegassem até nós as correntes do mesmo Espírito.⁸⁰⁴

Ao refletir sobre o mistério de pentecostes, o analisamos a partir de um evento em que a dimensão pascal do mistério de Cristo atinge a sua plenitude. Esta plenitude tem como meta conduzir a pessoa a uma culminante realização de seu ser na relação com Deus e de sua missão no mundo. Nesta relação com o Senhor e com os outros, saímos de uma situação apenas de indivíduo e nos tornamos pessoa. E esse ser pessoa, a partir da configuração com Cristo, que é aquele que revela a sua autêntica humanidade (GS n.22). Além de ser a revelação de Deus para o homem, Cristo é a revelação do homem para si mesmo, dando-lhe a conhecer-se. Dentro desta dinâmica revelacional e comunicativa, pensamos a pessoa de Jesus Cristo como aquele que também comunica o Espírito Santo, conduzindo a pessoa a gerar relações que tenham esta marca relacional e característica da pessoa do Filho de Deus. Sinais estes que são o amor, a

⁸⁰¹ CAD 5,5.

⁸⁰² LADARIA, L. F. Jesús y el Espíritu. La unción, p.23.

⁸⁰³ LADARIA, L. F. Jesús y el Espíritu. La unción, p.17,

⁸⁰⁴ LADARIA, L. F. Jesús y el Espíritu. La unción, p.151; GREGÓRIO DE ELVIRA. Tratado XX, 12 (444, 6-12).

compaixão, a misericórdia, a fraternidade e a justiça. O mistério de Pentecostes promove a vida no Espírito e a partir do Espírito, através do amor, a *caritas* de Deus, que constantemente se aproxima da humanidade, mesmo em suas crises:

A Igreja assiste em nossos dias a uma grave crise de humanidade que trará consigo profundas mudanças. Uma ordem nova se está gestando, e a Igreja têm diante de si tarefas imensas, como nas épocas mais dramáticas da história. Porque o que se exige hoje da Igreja é que infunda nas veias da humanidade atual a força perene, vital e divina do evangelho.⁸⁰⁵

A força humanizadora do evangelho, e sua força divina penetrarão no coração da sociedade em nossos dias, se a Igreja – na pessoa de seus membros – atuar na consciência de que o Corpo de Cristo existe para ser dado e entregue a todos para a salvação do mundo. O fechamento em si mesmo, ou em grupos elitizados, poderia provocar na Igreja um sentimento de que ela existe para manter o *status quo* de determinados grupos. Santa Teresa de Jesus, no processo de sua maturação na fé, percebe que o corpo de Cristo deve ser uma realidade “extática” no mundo, ou, na linguagem do papa Francisco, ser uma Igreja em “saída” (EG n.21). Em saída não pelo fato de que deve ir ao encontro das pessoas apenas, mas em saída porque tem o que levar a este encontro, o que torna mais grave a emergência de viver “em” e “a partir de Cristo”. A necessidade de estreitamento da relação com a pessoa de Cristo não enquadra o discípulo, mas o coloca em uma relação de abertura à Trindade, às pessoas e ao mundo.

Neste ponto da história, percebemos que a Igreja está empenhada em fazer um grande exame de consciência quanto ao modo como a evangelização ocorreu na América Latina, onde, em como em todo o período da história da Igreja, se verificaram “debilidades, compromissos mundanos e incoerências, em outras palavras, pelo pecado de seus filhos, que desfiguraram a novidade do Evangelho, a luminosidade da verdade e a prática da justiça e da caridade. No entanto, o mais decisivo na Igreja é sempre a ação santa de seu Senhor” (DAP Introdução 5).

Não podemos desconsiderar que a superioridade militar de alguns conquistadores e certas técnicas chegaram a reprimir ou mesmo subjugar a cultura local de muitos povos presentes em muitas regiões, como os mayas, astecas, incas

⁸⁰⁵ JOÃO XXIII. Constituição Apostólica *Humanae Salutis*. Para a convocação do Concílio Vaticano II. 1961, § 3. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html Acesso em: 12 set 2019. BLÁSQUEZ, R., Del Vaticano II a la Nueva Evangelización, p. 103.

e guaranis.⁸⁰⁶ O “amor pelas almas” não foi suficiente para defender, naquele contexto, o amor pelas pessoas. Contudo, nem todos tinham esta consciência de controle sobre as mentes e os corpos, e nem todo buscaram persuadir ao invés de impor-se, testemunhar a intimidar, ser exemplo no lugar de ser dominador.

A respeito da obra missionária da Igreja, e a consciência que Santa Teresa possuía sobre a transmissão da fé, ela comunicou o seu pensamento ao futuro e grande colaborador do carisma teresiano, e um dos primeiros que contribuíram de forma insigne para o início da Congregação da Propaganda Fidei⁸⁰⁷, Padre Jerônimo Gracian, quanto aos caminhos e ao modo como deveria ser configurada a autêntica reforma do Carmelo e da Igreja, segundo o espírito do Evangelho:

Oh! Como me contenta a perfeição com que escreve Vossa Paternidade a Esperança! Com efeito, cartas que hão de ser vistas, é bom serem assim, mesmo pelo que diz respeito a vossa paternidade. Grandíssima razão tem em dizer que para levar a termo a reforma, não se hão de conquistar as almas à força armada, como os corpos. Deus me guarde quem tanta alegria me dá! Para encomendá-lo muito a Deus, quisera ser muito boa, quero dizer, para que se tornem realidade os meus desejos. O ânimo jamais o acha covarde, glória a Deus! A não ser quando se trata de Paulo.⁸⁰⁸

A proposta de Santa Teresa está no cerne de um projeto evangelizador e humanizador. A Santa é uma grande entusiasta de Deus e do ser humano. Neste sentido pensar em transmissão da fé dentro da percepção da mística teresiana é abrir espaço a uma permanente renovação em que o Espírito Santo é aquele que leva a frente tal projeto e tal empreendimento, e que para Teresa é a grande tarefa

⁸⁰⁶ ACTAS DEL CONGRESO INTERNACIONAL MISIONERO OCD. São Roque [Brasil] 24-27 de Julio de 2012. “La Evangelización en una sociedad Plural”. JUCHEM, M., Las misiones a 50 años del Vaticano II. Lectura y actualidad del decreto ‘Ad Gentes’ en Latinoamérica., p. 293-313.

⁸⁰⁷ Um dos fatores que desejamos aqui considerar é o auxílio que os filhos de Santa Teresa ofereceram a missão da Igreja no mundo, através da conhecida Propaganda Fidei. Apresentamos aqui um pouco das suas origens. Com a Bula Inscrutabili Divinae, (22 de junho 1622) emanada por Papa Gregório XV, a Congregação teve o seu início, sob a denominação Propaganda Fidei, com o tempo foi-se acrescentando outros documentos pontifícios fundamentais como: Romanum decet (com a mesma data), Cum inter multiplices (14 de dezembro de 1622), Cum nuper (13 de junho de 1623), e por fim Immortalis Dei (1 de agosto de 1627). A tarefa primordial da Congregação é desde sempre a propagação da Fé pelo mundo inteiro, com a específica competência de coordenar todas as forças missionárias, de proporcionar diretivas para as missões, de promover a formação do clero e das hierarquias locais, de incentivar a fundação de novos Institutos missionários e de prover às ajudas materiais para as atividades missionárias. A recém-criada Congregação se transformara deste modo, o instrumento ordinário e exclusivo do Santo Padre e da Santa Sé, para o exercício da jurisdição sobre todas as missões e a cooperação missionária. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/documents/rc_con_cevang_20100524_profile_po.html. Acesso em: 6 nov 2019.

⁸⁰⁸ Carta 168. Ao Padre Jerônimo Gracian, em Sevilla. Toledo, 9 de janeiro de 1577.

da Igreja.⁸⁰⁹ Em Teresa, evangelizar não se reduz em apenas propagar a fé, mesmo que esta propagação seja necessária, ela avança e vai mais longe compreendendo a evangelização como irradiação de uma relação viva com Deus. Ao irradiar Cristo, a Igreja atrai as pessoas com a força de seu amor.⁸¹⁰ Somente por meio desta relação com o mistério de Deus e com a pessoa de Jesus Cristo, enquanto revelação plena do Pai, que podemos aprender do Filho como o Pai ama, perdoa, acolhe e restaura a humanidade.

10.1

A mística teresiana, um carisma entre a tradição viva da Igreja e sua urgência de renovação e reforma nos tempos atuais

Quando pensamos a mística teresiana e sua presença na Igreja, estamos pensando em um carisma que está dentro de uma Tradição viva, ou seja, uma experiência que não se cristaliza, mas que, em mobilidade e dinâmica interna, continua sendo uma proposta de renovação para toda a Igreja:

Alguns acham que a tradição é um museu de coisas antigas. Gosto de repetir o que disse Gustav Mahler: “A tradição é a salvaguarda do futuro e não a custódia das cinzas”. É como a raiz de onde vem a seiva que faz a árvore crescer para dar fruto. Pegar nisto e fazer com que avance é como os primeiros pais conceberam o que era a tradição. Receber e caminhar no mesmo sentido, com aquela tríplice dimensão tão bela de Vicente de Lerins, já no século V: “o dogma cristão, permanecendo absolutamente intacto e inalterado, consolida-se com os anos, desenvolve-se com o tempo, aprofunda-se com a idade”⁸¹¹

⁸⁰⁹ Martínez conseguiu descrever esta força, jovialidade e frescor da mística teresiana quando percebeu a sua capacidade de renovação permanente, seja diante das diversas mudanças históricas, culturais e geográficas que o mundo sofreu desde o início da obra que o Senhor confiou a Santa Teresa de Jesus até nossos dias. “Um carisma capaz de renovar e se enriquecer ao longo do tempo, capaz de responder a diferentes realidades temporais e geográficas. Um carisma que, dado por Cristo à Igreja através das experiências espirituais e da palavra de Teresa de Jesus, se espalhou e se diversificou sem perder um átomo de sua essência. Santa Teresa é, de fato, Mãe e Fundadora. Fundadora de um novo e necessário carisma. Novo como intimamente ligado ao Evangelho de Jesus. Necessário porque, na noite da História, o Espírito sempre se agitou sobre as águas, sobre o calor do sofrimento dos homens e mulheres deste mundo, para fazer brotar, das mãos dos fundadores, carismas que mantêm vivo o fogo deste mesmo evangelho”. MARTÍNEZ, E. J., Teresa de Jesus fundadora. Ayer, hoy y mañana de un proyecto necesario, p.403.

⁸¹⁰ DAp. Missa do Papa Bento XVI na missa de Inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na esplanada do Santuário de Aparecida. VI Domingo da Páscoa, 13 de maio de 2007.

⁸¹¹ FRANCISCO. Discurso ao final da Assembleia Sinodal. Sínodo Panamazônico. 26 outubro, 2019. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191026_chiusura-sinodo.html Acesso em: 2 nov 2019.

Uma Igreja em reforma e permanente renovação é uma Igreja aberta a este sopro restaurador do Paráclito. É o Espírito Santo que moveu os santos a desencadarem em seus contextos significativas reformas, e é este mesmo Espírito que conduz a pessoa ao mistério, fazendo com que, na relação com Deus, o cristão possa expandir a Igreja no seu testemunho e na expressão de seu ser:

O místico pode ser definido como aquele que busca a plena significação da palavra revelada, não somente das coisas últimas (escatologia), senão do mistério de Deus, de Cristo, do Espírito Santo, da Igreja e de todos os demais dogmas cristãos conhecidos não somente pela fé, senão mediante a experiência, o contato pessoal com Deus.⁸¹²

A experiência de Deus, e toda sua ressonância na vida de Teresa, será um caminho primeiro para uma reforma pessoal e, a partir desta, uma reforma mais ampla no sentido eclesial, que envolve a Igreja no tempo e no contexto em que Santa Teresa de Jesus está inserida. Vários são os caminhos que Teresa propõe para a reforma da Igreja e aqui queremos citar três que são de grande importância: 1) a oração e a relação com a Palavra de Deus; 2) o testemunho e o cuidado com a dignidade de cada pessoa; 3) a pregação do evangelho alimentado pelo fogo do amor pela missão.

10.1.1 A oração e sua relação com a Palavra de Deus

A atitude de Santa Teresa de Jesus, de querer não apenas conhecer e viver a experiência de Deus pela oração, mas aprofundá-la através da leitura e meditação da Palavra de Deus, revela uma consciência do lugar das Sagradas Escrituras em sua vida. Uma vez que a Escritura é a “alma da Teologia” (DV n.24), Teresa descobre na Palavra de Deus um espaço de liberdade para aprofundar a sua experiência humana de fé e oração. Sabemos, contudo, que o contato com as Escrituras sempre foi algo muito delicado na história da Igreja, ainda mais com relação à leitura feita pelas mulheres, assim como a sua interpretação. Entretanto para Teresa, a Escritura é uma via experiencial de Deus, e o que lhe faz entrar em contato com a tradição viva da Igreja. Ou seja, a sua exposição é a possibilidade de lê-la com maior liberdade, dilatando seu sentido e pondo-a em relação com a

⁸¹² MAROTO, D. P., *Interpretação mística da Palavra de Deus*, p.549-570 (tradução nossa).

experiência dos fiéis que nos precederam e que deixaram um testemunho de acolhimento da vontade de Deus por meio de sua palavra e os que, em seu tempo, buscaram contemporaneizar esta relação com a Palavra através de suas vida e missão.⁸¹³

Quando lemos na biografia da Santa o seu interesse pelas Sagradas Escrituras, e a sua ousadia em comentá-las, como o fez com o livro cântico dos cânticos⁸¹⁴, vemos que, para Teresa, o mais importante não era apenas fazer da bíblia um livro a ser decorado, mas um livro vivo, dinâmico, capaz de proporcionar ao seu leitor uma expansão de consciência e de compromisso com Deus e com a missão evangelizadora da Igreja, mesmo que, por vezes, esta proximidade com a palavra sempre fosse temida por muitos contemporâneos de Teresa, e até por ela própria. Quando, por exemplo, descreve a leitura de textos da Escritura, como o livro do Cântico dos Cânticos, encontramos comentários tais como o de Carranza: “Por mais que muitos reclamem com insaciável apetite comer deste fruto [leitura da Bíblia], é necessário vedá-lo e pôr espada de fogo para que o povo não se achegue a ele”⁸¹⁵. Por outro lado, em sua experiência pessoal, a mestra dos espirituais afirma que a Sagrada Escritura, e de modo específico o livro Cântico dos Cânticos, “recolhia e movia mais a minha alma”⁸¹⁶, no sentido que este livro a introduzia melhor que outros ao diálogo com Deus pela oração.

Santa Teresa, a despeito dos medos que a circundavam, afirmava que desejava “gozar das riquezas do Senhor, mesmo com atrevimento”⁸¹⁷. Dizemos atrevimento porque fora uma atitude ousada de Teresa comentar tal livro em um contexto em que os grandes comentadores deste livro estavam sofrendo incompreensões, como o exímio professor de Salamanca, Frei Luís de Leon, que fora aprisionado em Valladolid de 1572 a 1576, e o próprio São João da Cruz, no

⁸¹³ MUÑIZ RODRIGUEZ, V. Experiência de Dios y lenguaje em el Tercer Abecedario Espiritual de Francisco de Osuna, p.15; CASTELLANO CERVERA, J. El entremado bíblico del Castillo Interior, p.119-142.

⁸¹⁴ Após vários anos de meditação sobre o livro do Cântico dos Cânticos (1568-1572), Santa Teresa de Jesus decide publicar suas meditações sobre ele. A primeira edição é a Edição Príncipe, publicada por Frei Jerônimo Gracian em Bruxelas. Roger Velpio a reproduz em facsímile: Burgos, Monte Carmelo, 1979. Edições críticas, pelo Frei Silvério de Santa Teresa em Biblioteca Mística Carmelitana, 4. Burgos, 1977. p.211 et seq.

⁸¹⁵ CABALERO, F. Conquenses ilustres II, p.598.

⁸¹⁶ CAD, Prólogo 1.

⁸¹⁷ CAD 1,12.

ano de 1577, passando nove meses na prisão conventual de Toledo, ousa em fazer todo um itinerário da vida espiritual a partir do livro Cântico dos Cânticos.

Esses episódios marcam profundamente o ministério de homens e mulheres que, por amor a Igreja e a pessoa, buscaram sustentar um olhar mais profundo sobre a fé, refletindo sobre uma eclesiologia com um corte incisivamente antropológico das relações de Cristo, o esposo, e a Igreja, a esposa. Em sua reflexão, Teresa reproduz esta visão não só eclesiológica do Cântico dos Cânticos, mas antropológica, pois é na pessoa do cristão que a Igreja continua padecendo e levando à frente a sua missão. Teresa percebe que é preciso avançar nas relações entre o esposo e a esposa, entre o cristão e o seu Senhor, tendo como um dos caminhos viabilizadores as Sagradas Escrituras, pois, são a rocha e fundamento da própria vida e de todo o compromisso missionário.⁸¹⁸

10.1.2

O testemunho e o cuidado com a dignidade de cada pessoa

Um dos diagnósticos mais precisos de nossos contemporâneos quanto à missão evangelizadora da Igreja no mundo hoje foi feita pelo Papa Paulo VI, quando afirmou que “o homem contemporâneo escuta com maior gosto os que dão testemunho do que os que ensinam, ou se escutam os que ensinam, é porque dão testemunho” (EN n.41). Percebe-se em nossos dias, dentro de uma visão integral sobre o conjunto dos ambientes religiosos, que existe uma saturação de exposição de doutrinas, pensamentos, opiniões, contudo, nada testifica mais a autoridade de um discurso do que ele realmente vir acompanhado do testemunho de uma vida que se dispõe a entrar no mistério do que se comunica. Quando escutamos alguns testemunhos de pessoas que encontraram com Teresa após ela ter determinado a “dar-se de todo a Deus”, verificamos a busca de coerência que a Santa possui para fazer ressoar na vida a verdade daquilo que saía de seus lábios:

Me chamou o Senhor à Religião – nos disse a irmã Maria de São José vendo e conversando com nossa Madre e suas companheiras, as quais moviam as pedras com admirável vida e conversação, e o que me fez segui-las foi a suavidade e a descrição de nossa boa Madre. Creio verdadeiramente que os que têm ofício de

⁸¹⁸ DOCUMENTO DE APARECIDA. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe na sala de conferência do Santuário de Aparecida. Discurso de 13 de maio de 2007, p.256.

aproximar almas de Deus, se usassem destes traços e truques que aquela Santa usava, chegariam muito mais que as que chegam hoje.⁸¹⁹

Aprender Teresa e seu modo de evangelizar é percebê-la sempre indo à fonte do Evangelho. Teresa tem os olhos fixos em Deus, neste Deus humanado que formou incisivamente o seu ser e o seu estar na Igreja e no mundo. Neste aspecto, as ações vividas pela Santa, ao mesmo tempo em que são uma tentativa de reproduzir a caridade de Cristo, são profundamente paradigmáticas, pois ela não quer se valer de uma suposta autoridade para fazer valer suas ideias, mas aprende de Cristo que o melhor modo de evangelizar e de levar alguém a abraçar uma rota de conversão é fazê-la perceber que o evangelho é, antes de tudo, uma mensagem de alegria que faz desabrochar o melhor de si na relação com Deus e com as pessoas. Evangelizar, no modo de atuar de Santa Teresa de Jesus, é humanizar.

A via que Santa Teresa encontra para o testemunho é o caminho das virtudes, pois as virtudes expressam e sinalizam a abertura da pessoa a uma permanente configuração a Cristo e uma ação de Deus que perpassa a palavra e a vida em seu testemunho de fé, esperança e amor. Este é o sentido que ela encontra para a promoção de uma teologia das virtudes, pois enxerga nelas algo mais viável e autêntico para uma evangelização da pessoa em profundidade, permitindo um equilíbrio, ao contrário de um estilo de vida marcado por um rigor que, por vezes, produziu diversas patologias dentro da vida cristã e consagrada. Ela fez com que a mística abulense tomasse uma direção mais humana e testemunhal, como quando indicava a um de seus filhos espirituais a seguir o seu conselho: “Entenda, meu Padre, que eu sou amiga de apertar muito nas virtudes, mas não no rigor, como irão ver pelas nossas casas. Deve ser pelo fato de ser eu pouco penitente.”⁸²⁰ O caminho das virtude transcendendo a busca pessoal de uma necessária performance espiritual e humana no testemunho da fé, é, antes, um caminho que traz diante de si os demais, ou seja, o que vive na proximidade da rede de relação em que todos estamos conectados no mesmo propósito. Neste sentido, a virtude, ou seja, a firmeza interior como dom da graça para, na firmeza, permanecer decidindo por Cristo e pelo seu Reino, se faz presente como firmeza para confirmar e sustentar no amor aqueles que conosco caminham:

⁸¹⁹ MORIONES, I. El carmelo Teresiano, p.47-55.

⁸²⁰ Carta Ao Padre Ambrósio Mariano de São Benito. Toledo, 12 de Dezembro de 1576.

A primeira destas grandes características é permanecer centrado, firme em Deus que ama e sustenta. A partir desta firmeza interior, é possível aguentar, suportar as contrariedades, as vicissitudes da vida e também as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos: “se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?” (Rm 8, 31). Nisto está a fonte da paz que se expressa nas atitudes dum santo. Com base em tal solidez interior, o testemunho de santidade, no nosso mundo acelerado, volúvel e agressivo, é feito de paciência e constância no bem. É a fidelidade (*pistis*) do amor, pois quem se apoia em Deus também pode ser fiel (*pistós*) aos irmãos, não os abandonando nos momentos difíceis, nem se deixando levar pela própria ansiedade, mas mantendo-se ao lado dos outros mesmo quando isso não lhe proporcione qualquer satisfação imediata. (GE n.112)

Quando se têm diante de si a grandeza da dignidade da pessoa, principalmente diante de suas inumeráveis fragilidades, torna-se indispensável mostrar que o evangelho é o modo operante de Cristo. Com amor, não somente “levou a plenitude”, mas revelou o espírito de toda a lei fundada nos valores do amor a Deus e ao próximo. Teresa, aprendendo de Cristo, ensina suas filhas a dar o tom da compaixão e da misericórdia à vida de suas comunidades, dom necessário que supera na liberdade interior toda rigidez e fechamento das normas, como se elas fossem fins e não meios:

De que a madre superiora esteja melhor me tenho tranquilizado muito. Se sempre houvesse carne, pouco importa que a coma ainda que seja na quaresma, pois não se vai contra a regra quando há necessidade, nem nisso se aperte. Virtudes eu peço a Nosso Senhor que me dê, em especial humildade e amor umas para com as outras, que é o que vem ao caso. Queira sua majestade que nisto as veja eu crescidas, e peçam o mesmo para mim.⁸²¹

Um elemento característico e programático na vivência da promoção da dignidade da pessoa na mística teresiana e que atua na forma de liberdade, diálogo e na partilha das experiências vitais que se vive no âmbito de uma comunidade são as recreações. A recreação teresiana tem, pois, um sentido de comunicação, que na forma do eremitismo tradicional aparece de um modo restrito, senão abolida totalmente, mas, no modo como Teresa a compreende, aparece como comunhão, entretenimento salutar, coisa que muitos consideram incompatível com a verdadeira penitência.⁸²² Contudo, em Santa Teresa, o recreio além de ser um modo de distensão e fraternidade tem uma conotação tão importante quanto a oração, pois a comunhão como dom de Deus que se estabelece na cadência da oração deve tomar tonalidades revigoradoras quando esta é alimentada na relação

⁸²¹ Carta às descalças de Soria. Avila, 28 de Dezembro de 1581.

⁸²² INSTITUTO HISTORICUM TERESIANUM. 13 Idelfonso Moriones. Teresa de Jesús Maestra de Perfección. Roma: Scuola Tipografia São Pio X, 2012. p.54.

e na partilha. Compartilhar experiências espirituais, inteirar-se da vida da Igreja e seus desafios, a escuta mútua neste espaço de liberdade produzem na vida discipular um comungar fraterno, sentir-se de modo mais entranhado e parte de um projeto comum.⁸²³ Em nossos dias, as pessoas não apenas buscam uma escolarização doutrinária sobre a fé, mas um estreitamento de vidas, que possibilita resgatar uma convivialidade mais intensa, seja no compartilhar a mesa da palavra, a mesa da eucaristia, seja a mesa da fraternidade. Momentos como o recreio se tornam, assim, um modo de acolhimento e fortalecimento mútuos na fé. Hoje verificamos, no interior da Igreja, um verdadeiro transbordamento de novas comunidades. Poderíamos nos questionar sobre o interesse de tantos leigos desejarem viver uma vida cristã mais intensa. O que desperta o desejo de não apenas frequentar os sacramentos, mas fazer parte de um carisma, um projeto e uma comunidade que seja testemunho sacramental de uma vida marcada e inspirada no modo de vida de Jesus e seus discípulos?

Ao lançar um olhar para os métodos utilizados por Jesus, vemos que o seu ministério está marcado por esta proximidade e este espaço de familiaridade não apenas com seus discípulos, mas com todos. O evangelho de São Lucas narra que os pecadores se aproximavam para ouvir Jesus, e que Jesus comia com eles (Lc 15,1-2). O encontro com a pessoa de Jesus produzia esta proximidade comensal, Jesus sentava-se à mesa para, através de todos os meios, fazer com que a compreensão do Reino de Deus e de sua missão tocasse aspectos cotidianos da vida das pessoas, como as refeições. Ao comer com elas, Jesus se recreava, se entretinha e se autorrevelava àqueles que, na alegria do evangelho, o escutavam. Alguns tomavam decisões tão autênticas que expressavam um encaminhamento

⁸²³ Uma das grandes colaboradoras de Santa Teresa de Jesus a Beata Ana de São Bartolomeu conseguiu captar de modo preciso o pensamento da Santa no que se refere à importância espiritual e humana do recreio dentro da obra iniciada por Santa Teresa. Este aspecto do carisma teresiano, ao mesmo tempo em que contempla o bem-estar das irmãs através de uma justa partilha e diálogo, possui também um caráter apostólico. Para Santa Teresa, relata a Beata Ana de São Bartolomeu, jamais se deve deixar de realizar o recreio com pretextos e cores de recolhimento e por motivações espirituais onde o amor às irmãs fica prejudicado. O recreio é um lugar onde se vive a caridade, estas horas são como “ofícios de serafins”, são momentos que a semelhança do relato de São João no Apocalipse quando os serafins davam de comer uns aos outros, assim também, nos momentos de recreação as irmãs se reúnem e se ajudam umas as outras para que juntas se ajudem a pegarem fogo do amor de Deus, e chega mesmo a citar São João da Cruz que convida através da estrofe 16 do Cântico Espiritual a entrar na “caverna de vinho marinado de suas maçãs”, que é o sangue precioso de suas chagas, para que embriagados dele saiam das casas de seus pais manifestando quem é o Senhor e ajudando a que todas o conheçam,; como fez a samaritana, que ao saborear a água viva, estava confessando o filho de Deus (Jo 4,29). Sejam os Samaritanas e cananeias (Mt 15, 21-28), e publiquemos a Deus a sua Divina Lei. ANA DE SAN BARTOLOME. Discípula y heredera de S. Teresa. Obras Completas, p. 616-618.

para uma mudança significativa de horizontes na própria vida – é o que verificamos em Zaqueu, quando ao ver Jesus em sua casa declara, de modo solene, que irá rever as suas atitudes e atuar de modo justo para com as pessoas. A misericórdia e a proximidade de Jesus levaram Zaqueu a quebrar o círculo de fechamento em si e de egoísmo. Transpassado pelo amor de Cristo, promete a restituição dos roubos produzidos. A partir desta presença amigável e amável de Jesus em sua casa, acontece a restituição de Zaqueu, que começava a passar de uma situação de corrupção para uma vida na verdade e na justiça. A mensagem do evangelho produzia, a partir do interior de Zaqueu, mudanças reais em suas relações não apenas consigo, mas com as pessoas (Lc 19,1-10).

Este modo de evangelização, captado por Teresa, através dos evangelhos e na sua experiência pessoal com Cristo é o que ela transmite às suas filhas. A proteção à dignidade inviolável de cada pessoa com a atitude de primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar é uma preciosa diretriz para os nossos dias, como aponta o papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG n.24). Santa Teresa de Jesus aprende, de Cristo, a promover esta dignidade – em seu caminho de conversão, uma das primeiras atitudes que toma é a de dissipar de seu ambiente relacional o ato de difamar, murmurar e agir com juízos precipitados quanto àquilo que envolve a honra das pessoas. Ao “dar as costas”, ou *hacer espaldas*, Teresa descreve como a proteção e a luta pela comunhão são um fundamental aspecto na vida de um novo evangelizador que, no tecido da vida eclesial e secular, reconhece a sua missão de unir e não de separar, de inserir-se em meio à diversidade e na pluralidade das relações que se estabelecem na vida de uma cidade, com o intuito de ser um sinal histórico e escatológico do Reino no mundo. Desse modo, a mística teresiana e a nova evangelização são espaços e processos em que se formam cristãos que se esforçam, antes de tudo, para serem peritos em humanidade.

10.1.3

A pregação do evangelho alimentado pelo ardoroso fogo do amor pela missão

Quando percorremos alguns escritos de Santa Teresa de Jesus e como ela compreende a missão da Igreja, percebemos uma antecipação de linhas fundamentais que posteriormente o Concílio Vaticano II desenvolveu. Pois o CV

II reconhece que é imprescindível cultivar clareza quanto ao caminho pedagógico e principalmente mistagógico que um convertido necessariamente percorrerá na maturação da fé. Isto equivale a não apenas dar por assumida e assimilada uma fé que supostamente foi contratualmente implantada no passado – como se o ser cristão resultasse apenas do fato de ter nascido em uma determinada cultura, o que equivaleria, por conseguinte, abraçar a fé como apenas uma consequência cultural e histórica. A implantação de uma cultura e de uma fé demonstrou-se, por vezes, carregada de inconsistências. O modo como a Igreja concebe, em nossos dias, o caminho da fé é um modo em que o desvelamento do mistério na adesão livre do fiel lhe proporciona, no uso de sua liberdade, abraçar o ser cristão e fazer isso de modo testemunhal, através de uma conversão que respeita o itinerário pessoal de cada um:

Sempre que Deus abre a porta da palavra para anunciar o mistério de Cristo a todos os homens, com confiança e constância, seja anunciado o Deus vivo, e Aquele que Ele enviou para a salvação de todos, Jesus Cristo, para que os não cristãos, sob a inspiração interior do Espírito Santo, se convertam livremente à fé no Senhor, e adiram sinceramente Aquele que, sendo “caminho, verdade e vida” (Jo. 14,6), cumula todas as suas esperanças espirituais, mais ainda, supera-as infinitamente. Esta conversão há de considerar-se como inicial, mas suficiente para o homem cair na conta de que, arrancado ao pecado, é introduzido no mistério do amor de Deus, que o chama a entabular relações pessoais consigo em Cristo. Pois, sob a ação da graça de Deus, o neoconvertido inicia o caminho espiritual pelo qual, comungando já pela fé no mistério da morte e ressurreição, passa do homem velho ao homem novo que tem em Cristo a sua perfeita realização. Esta passagem, que traz consigo uma mudança progressiva de mentalidade e de costumes, deve manifestar-se e desenvolver-se, com as suas consequências sociais, durante o tempo do catecumenato. Porque o Senhor em que acreditamos, é sinal de contradição (14), o homem convertido experimenta frequentemente rupturas e separações, mas também alegrias que Deus concede sem medida. A Igreja proíbe severamente obrigar quem quer que seja a abraçar a fé, ou induzi-lo e atraí-lo com processos indiscretos, do mesmo modo que reclama com vigor o direito de ninguém ser afastado da fé por meio de vexações iníquas. Em conformidade com o antiquíssimo costume da Igreja, investiguem-se os motivos da conversão e, se for necessário, purifiquem-se. (AG n.13)

Na relação que Santa Teresa de Jesus estabelece com muitos dominicanos que chegaram a se tornar seus amigos, ela se mostra em sintonia com muitos teólogos e missionários dominicanos e franciscanos que pensam que a melhor forma de transmitir a fé é pelo testemunho e exemplo. O ensinamento da doutrina e as pregações precisam ser acompanhados com a exemplaridade, que se torna um instrumento necessário para que a pregação não permaneça apenas em abalar

consciências ou um colonialismo⁸²⁴ que se impõe à custa de um constrangimento ou através do cerceamento da liberdade da pessoa quanto à sua capacidade de adesão ou não à fé cristã:

Existem elementos para afirmar que Teresa não era partidária de uma evangelização de tipo triunfalista, mas de um trabalho evangelizador que com muita paciência, cautela e discrição acompanha e deixa Deus atuar. Para ela é necessário em primeiro lugar ter uma profunda experiência de Deus encarnada no momento histórico em que se vive; depois contar com uma pequena comunidade de vida, que de uma forma criativa se viva uma real e profunda experiência de Deus cristã, e por último, uma pastoral mistagógica, capaz de introduzir a cada homem e mulher no mistério revelado. Em uma sociedade como a nossa em que a fé já não é patrimônio comum que se herda, não tem outro modo de fundamentar a vida cristã e missionária que começar por uma experiência pessoal com Deus.⁸²⁵

A partir da experiência de Deus vivida por Santa Teresa de Jesus, podemos abordar – através de uma chave de leitura mistagógica e pastoral em três níveis⁸²⁶, que a Santa doutora descreve para trazer à luz a sua própria experiência espiritual – o que no âmbito de uma teologia da nova evangelização nos aparece um caminho a ser considerado e refletido no que toca a missão da Igreja hoje, ou seja, a verdade de que a alma de toda a missão e pastoral da Igreja é a mística. No primeiro nível, é a graça do encontro, isto é, a recepção de um dom que, apesar de poder e ser sentido, dá sentido, comunica sentido à própria existência da pessoa. Outro nível é o nível do entendimento, ou seja, compreender o que se sente e o que poderíamos chamar a inteligência da fé, e por fim, num terceiro nível, a transmissão do que se sentiu e entendeu. Esta compreensão Teresa aprendeu, em um primeiro momento, de Francisco de Osuna:

Um dom é Deus dar a graça, e outro é dar a conhecer; o que tem senão o primeiro dom, conheça que lhe convém calar e gozar, e ao que tiver a um e outro, ainda se deve muito aprender no falar; porque com um ímpeto que não todas as vezes é do

⁸²⁴ Consciente de algumas direções tomadas por membros da Igreja no passado o Papa Francisco exortou a Igreja e aos novos evangelizadores a se deixarem conduzir pelo autêntico fogo da missão ao contrário do fogo estranho da colonização: “o fogo de Deus, como no episódio da sarça ardente que não se consome (Ex 3, 2). É fogo de amor que ilumina, aquece e dá vida; não fogo que alastra e devora. Quando sem amor nem respeito se devoram povos e culturas, não é o fogo de Deus, mas do mundo. Contudo quantas vezes o dom de Deus foi não oferecido, mas imposto! Quantas vezes houve colonização em vez de evangelização! Deus nos preserve da ganância dos novos colonialismos. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191006_omelia-sinodo-amazzonia.html Acesso em: 4 nov 2019.

⁸²⁵ Teresa de Jesús, Misionera. ROS GARCIA, S. ocd. p.367-404. Actas del Congreso Internacional misionero OCD, São Roque [Brasil] 24-27 de julio de 2012. La evangelización em una sociedade plural”. Monte Carmelo, Burgos, v.120, n.3, 2012.

⁸²⁶ V 17, 5.

espírito bom, acontecerá dizer o que, depois de olhar nele, pesara gravemente de o haver dito, pois o primeiro têm remédio e o segundo não.⁸²⁷

A partir destes níveis de apreensão da experiência de Deus na oração, Teresa vai também entabular o seu método de “despertar nas almas uma avidez por um bem tão elevado” (V 18,8), o que se refere na língua castelhana a “engulosinar as almas”, buscando despertar nelas o desejo de Deus e de estabelecer um trato de amizade com Ele. Teresa busca com todas as suas energias, através de seus escritos, abrir espaços na inteligência, vontade e memória dos seus leitores e amigos para compreender a vida dentro de uma perspectiva do louvor a Deus. Não basta apenas o reconhecimento de quem é Deus de modo intelectual, mas, em Teresa, saber a respeito de Deus é amá-lo e louvá-lo. Teresa tem o propósito, como Daniel, de colocar toda a criação em permanente louvor a Deus (Dn 3,51-90). Assim compreende ela o sentido da vida, em ser um louvor da glória de Deus no mundo (Ef 1,6).

Relacionar, confrontar e desenvolver uma hermenêutica e uma leitura atualizada da missão da nova evangelização e da mística teresiana no mundo atual nos faz pensar nas categorias descritas por Teresa para aqueles que trazem este fogo do apostolado no coração. Para Santa Teresa, quanto mais uma pessoa esta íntima, interiormente e autenticamente unida a Deus, mais intensamente arde dentro de si o desejo de comunicar e fazer este Deus conhecido. O avivamento pessoal da fé em uma pessoa deve resultar em um desejo de incendiar o mundo com o amor de Deus, ou seja, de lançar fogo sobre a terra (Lc 12,49). Um dos graves desafios em nossos dias não está somente na ausência de motivações de muitos leigos para contribuírem na missão de evangelizar, mas na falta de uma vigorosa renovação espiritual na vida de muitos pastores na Igreja hoje.

Quando não se produz uma verdadeira conversão pastoral, ou seja, quando os pastores não são os primeiros a serem tomados por esse fogo do Espírito e esse desejo de encher o mundo com os valores do Reino de Deus, se corre o risco

⁸²⁷ O autor responsável por conferir a Santa Teresa a compreensão da oração mental e dos três níveis de compreensão da experiência de Deus foi Francisco de Osuna. Aqui o citamos como uma das fontes onde Teresa bebe e apreende alguns caminhos do Espírito: “um dom é Deus dar a graça, e outro é dar a conhecer; o que tem senão o primeiro dom conheça que lhe convém calar e gozar, e ao que tiver a um e outro, ainda se deve muito aprender no falar; porque com um ímpeto que não todas as vezes é do espírito bom, acontecerá dizer o que, depois de olhar nele, pesara gravemente de o haver dito, pois o primeiro têm remédio e o segundo não”. OSUNA, F., *Tercer Abecedario Espiritual*, tr. 3 Cap 2, M. André. Madrid: BAC, 1972, p. 183; ROS GARCIA, S., *Mística e siglo XXI: La seducción de los místicos Teresa de Jesús y San Juan de La Cruz.*, p.47-61; ÁLVAREZ, T., *Teresa de Jesús mística*, Vita Cristiana ed esperienza mistica, p.199-229.

desse mesmos pastores virem a se tornar irrelevantes burocratas que tentam equilibrar a Igreja na corda bamba de suas relações com a sociedade.⁸²⁸ A Igreja não precisa nem se equilibrar, temer ou fugir do mundo – ela precisa correr o risco de mostrar a que veio, mesmo quando for ferida e estiver enlameada pela lama do caminho (EG n.49), e não esquecer que veio para dar a sua vida pelo esposo-Cristo. A Igreja não pode esquecer que muitos leigos já são sua presença no mundo. É preciso reconhecer que cada leigo, em seu dom, em seu carisma⁸²⁹ e talentos pessoais e suas capacidades naturais e mesmo sobrenaturais, deve ser reconhecido e motivado a ser presença histórica e escatológica do Reino no mundo. Enquanto não se romper com uma prudência estéril e infrutífera, nunca se avançará no caminho da evangelização que exige, antes de tudo, um fogo que arde na alma e nos ossos, ou seja, o fogo do Espírito Santo.

10.2

A vida teologal em Santa Teresa como “atos testemunhais de Cristo”

Um fator determinante para os novos evangelizadores com espírito (EG n.259) é viver alinhado primordialmente naquilo que é o centro da vida cristã, ou seja, a vida teologal. Quando pensamos a fé a partir das categorias teologais estamos pensando na vida concreta dos discípulos de Jesus, e o modo como a vida de Cristo transparece na vida de seus discípulos através de seus atos testemunhais. Ao mesmo tempo em que Jesus os interpela à fé, ele os exorta a não se fecharem à dúvida e ao medo do que poderia sobrevir. Teresa, dentro desta mesma

⁸²⁸ Uma preciosa indicação nos oferece o Papa Francisco quando reflete sobre o ardor apostólico e a prudência. Coisa importante na missão de quem governa, para não lançar-se numa evangelização sem critérios, e para não transformarem a prudência numa virtude do medo: o fogo que reacende o dom é o Espírito Santo, dador dos dons. Por isso, São Paulo continua: “Guarda, pelo Espírito Santo que habita em nós, o precioso bem que te foi confiado” (2 Tm 1, 14). E antes escrevera: “Deus não nos concedeu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de prudência” (1, 7). Não um espírito de timidez, mas de prudência. Alguém pode pensar que a prudência seja a virtude “alfândega”, que, para não errar, faz parar tudo. Mas não! A prudência é virtude cristã, é virtude de vida; mais, é a virtude do governo. E Deus deu-nos este espírito de prudência. Em oposição à timidez, Paulo coloca a prudência. Que é, então, esta prudência do Espírito? Como ensina o Catecismo, a prudência “não se confunde com a timidez ou o medo”, mas “é a virtude que dispõe a razão prática para discernir, em qualquer circunstância, o nosso verdadeiro bem e para escolher os justos meios de o atingir” (n.1806). A prudência não é indecisão, não é um comportamento defensivo. É a virtude do Pastor que, para servir com sabedoria, sabe discernir, sensível à novidade do Espírito. Então, reacender o dom no fogo do Espírito é o oposto de deixar as coisas correr sem se fazer nada. E ser fiéis à novidade do Espírito é uma graça que devemos pedir na oração. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papafrancesco_20191006_omelia-sinodo-amazonia.html Acesso em: 6 nov 2019.

⁸²⁹ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Presbyterorum Ordinis 1170.

perspectiva, exorta a não apenas acomodar-se friamente aos artigos da fé. Para ela, é preciso entrar na substância de cada artigo através da experiência. Uma fé de ouvir falar não é para Teresa critério de adesão e de seguimento autêntico da pessoa de Cristo:

A fé ensina-lhe o que deve fazer. A memória recorda-lhe onde vão parar todas as coisas do mundo, tornando-lhe presente a morte (e algumas súbitas) dos que muito fruíram destas frivolidades. Alguns, vistos em grande prosperidade, jazem debaixo da terra pisada pelos transeuntes, esquecidos de todos. Quantas vezes, ao passar por uma dessas sepulturas, a alma se lembra que ali se encontra aquele corpo fervilhando de vermes, não escapando igualmente outras coisas que lhe podem acontecer. A vontade inclina-se a amar Aquele em quem tem visto tão inumeráveis coisas e mostras de amor. Ela gostaria de corresponder a pelo menos uma delas, especialmente quando considera que esse verdadeiro amigo nunca se afasta dela, acompanhando-a e dando-lhe a vida e ser. O intelecto, por sua parte, logo acorre e dá a entender a alma que ela não pode encontrar melhor amigo, ainda que viva muitos anos, que o mundo está cheio de falsidades e que os contentamentos que o demônio lhe oferece estão permeados de sofrimentos, cuidados e contradições. Diz-lhe ainda o intelecto que, fora desse castelo, não encontrará nem segurança nem paz, devendo abandonar as casas alheias, já que a sua casa está repleta de bens que ela pode saborear. Ninguém acha tudo o que precisa senão em sua casa, em especial quando acolhe tal hóspede, que a fará senhora de todos os bens. Se a alma quiser não andar perdida, como o filho pródigo, comendo alimento dos porcos.⁸³⁰

Teresa descreve a situação e as consequências da mediocridade ou de uma falsa humildade que ameaçam a atividade das virtudes teologais na pessoa. As virtudes teologais possuem uma escatologia existencial. O saneamento das faculdades interiores contribui para um avivamento das virtudes teologais na pessoa do cristão:

Nessas ocasiões, a fé está tão adormecida quanto as outras virtudes, embora não perdida, pois a alma acredita no ensinamento da Igreja. Vocalmente, ela age, mas sente, por outro lado, que está sendo esmagada e entorpecida, pois tem a impressão de que conhece a Deus de maneira muito vaga. O amor que ela tem é tão pequeno que, quando ouve falar de Deus, escuta como se acreditasse ser Ele porque a Igreja o ensina, mas não se recorda do que experimentou Dele em si. (V 30,12)

Pensar nas virtudes teologais é constatar que Deus mesmo é o centro destas virtudes. A atitude e a postura espiritual de Santa Teresa frente à obra que Deus lhe confia a conduzem a reconhecer como as graças conferidas por Deus a ela lhe possibilitaram encontrar a fortaleza necessária para levar a frente a obra:

⁸³⁰ 2M 4.

Se nosso Senhor não tivesse feito as graças que me fez, não me parece que eu teria tido ânimo para as obras realizadas nem forças para os sofrimentos que se têm passado as contradições e maus julgamentos. Assim, depois que se começaram as fundações, foram-me tirado os temores que eu antes tinha de estar enganada, sendo infundida em mim a certeza de que era Deus, o que me fazia lançar-me a coisas difíceis, se bem que sempre seguindo conselhos e submetendo-me a obediência. Por isso percebo que sua majestade Nosso Senhor, como quis despertar o princípio da ordem e, por sua misericórdia, me tomou como instrumento, foi obrigado a suprir o que faltava, para que tivesse efeito e se mostrasse melhor a Sua grandeza em coisa tão ruim.⁸³¹

Ao descrever o modo como Teresa vive o mistério de Deus em sua vida e ao relacioná-lo com as virtudes teologais, vamos percebendo que a presença de Teresa no mundo vai se tornando um tabernáculo de Deus no meio de seu povo, como afirma Federico Garcia Lorca: “é inútil pensar compreender o espírito daquela mulher. Ela foi como que o próprio Deus naquelas andanças dolorosas da vida. Bem que sofreu sua grande paixão na carne, mas ao fim deu liberdade ao seu sangue e ao coração de sua alma”⁸³². A influência de Santa Teresa de Jesus como fundadora e reformadora do Carmelo inspira não somente os seus próprios filhos, mas faz com que membros da antiga observância do Carmelo reconheçam nela uma mulher que produz, pelo seu testemunho teologal, um impulso renovador em toda a ordem, como bem afirmou o carmelita Frei Agustín Nunez Delgadillo.O.Carm:

Veio a Santa Madre a comunicar vida a nossa ordem, e resultou à ordem um ser vivente. Por esta forma ficou com uma nova vida e um novo lustre esta ordem sagrada, e como a vida do corpo é efeito da alma, assim atribuo eu a Madre Teresa a vida dos calçados, pois suas orações nos dão vida.⁸³³

Este atuar em fé no contexto de reforma por parte de Santa Teresa é um belo testemunho de uma fé que opera pela caridade, como destaca Frei Murillo, franciscano nos descalços de Zaragoza: “entre as inumeráveis graças que teve Santa Teresa, uma delas foi, sendo agradável a Deus, também sumamente agradecer aos homens. Era a pedra ímã do mundo, atraía tudo atrás de si com uma violência amorosa”⁸³⁴.

⁸³¹ R 34.

⁸³² ÁLVAREZ-SUÁREZ, A. El “Libro de las Fundaciones” de Santa Teresa de Jesús, p. 365-396.

⁸³³ SALGADO, F. H., La figura humana e espiritual de Santa Teresa de Jesús en los sermones de su beatificación, p.11-52.

⁸³⁴ SALGADO, F. H., La figura humana e espiritual de Santa Teresa de Jesús en los sermones de su beatificación, p.17.

Nas constituições de 1590, o Padre Dória, então superior geral dos descalços, convocou um capítulo extraordinário, em que procurou imprimir o seu espírito na ordem. Isso ocasionou um distanciamento daquele espírito apostólico e evangélico de Teresa, em que o primordial não estava na performance pessoal de cada membro no cumprimento das regras em si, mas no testemunho que a comunidade pudesse oferecer à Igreja dentro de um horizonte maior, no âmbito eclesial e missionário.

Ordenamos que nenhum religioso nem prelado de nossa ordem, nos negócios, ainda que piedosos e de pregação dentro ou fora da vida regular da religião, a qual estamos obrigados por nossa profissão; e de tal maneira se tenha conta com a pregação e com os próximos que a vida regular não receba prejuízo algum. Glosa marginal: a vida regular se prefere a outras coisas.⁸³⁵

Um dos grandes desafios enfrentados pelos discípulos de Santa Teresa de Jesus contemporaneamente é o de limpar o conceito e a compreensão que foram transmitidos a respeito das observâncias no interior da vida na Ordem. A princípio, muitos contemplaram e conseguiram mirar numa mesma direção os anseios da Santa Madre Teresa, contudo, no decorrer dos anos, algumas mudanças e algumas posturas que começaram a ser tomadas enublaram e colocaram na penumbra o belo carisma contemplativo apostólico da Santa. O exercício de um carisma e a sua compreensão implicam um ato de fé na intenção que o fundador comunicou aos seus primeiros discípulos. Não se pode perder a intencionalidade, desejos e unção presentes na vida, obras e palavras do fundador:

Os que caminham nas pegadas do Santo “tem fé” no que o Santo “contempla” e que eles próprios não conseguem contemplar. É o critério essencial para diferenciar, precisa e seguramente, a santidade genuína das outras categorias de modelos: acima da pessoa do Santo da origem não existe nenhuma regra geral, nenhuma norma pela qual se poderia medir o valor de seu desejo ardente, de seus atos, suas obras, de sua própria pessoa. Em outras palavras, é o tipo humano que desperta a fé nos seguidores, não porque a bondade de seus atos e a verdade de suas palavras se conformam a uma norma preestabelecida, mas porque os seguidores têm fé nele, na sua pessoa, graças à unção carismática da pessoa, de seu ser, de sua essência. E porque recebeu a unção, julgam ser verdadeira a sua palavra e bom o seu agir. Está aí então o critério infalível para julgar a autenticidade do santo. Os milagres que realiza, os elevados pensamentos que expressa, as ações e gestos que executa, não constituem provas, mas apenas testemunhos, confirmações e sinais de sua profunda originalidade, santidade e união ímpar com Deus.⁸³⁶

⁸³⁵ FORTUNATUS A JESUS – BEDA A SS. TRINITATE, *Constituciones Carmelitarum Discalceatorum 1567-1600*. Roma 1968, p.169.

⁸³⁶ SCHELER, M., *Modelos e líderes*, p. 62-3.

Dentro de uma leitura prática e teológica das virtudes teologais, percebemos que essas virtudes nos unem a Deus, pois é ação mesma de Deus que se realiza no ser humano, e a partir dela na relação com os outros. Podemos falar dos desdobramentos sociais das virtudes teologais, pois é na relação com as pessoas que vivemos a fé, a esperança e o amor. Neste sentido, são as motivações da fé que nos permitem admirar essas virtudes que encontramos em outros irmãos, que se tornam para nós como que ícones da luz de Deus. Assim também o cultivo da esperança em circunstâncias que demandam este caminhar juntos para superar tudo o que ameaça a esperança:

A esperança impulsiona incessantemente a gerir projetos e projetos para o futuro, que os técnicos elaboram. A esperança anima a buscar de maneira concreta e histórica as vias de solução aos problemas pessoais e sociais da hora presente. A Igreja não tem soluções técnicas de ordem para superar a crise; mas nutre a esperança para que o homem não perca o alento, não se prostre e não atire a toalha, isto é, um serviço precioso.⁸³⁷

Outra virtude teologal que nos desperta a atenção é o amor. O amor que penetra as situações mais delicadas da existência e que chega até o lugar onde a dignidade das pessoas se encontra espezinhada. O amor de Deus é capaz de reconstruir vidas, visões e percepções quanto à fé e à esperança que se deve ter em sua presença, e a partir dele vivê-lo na relação com o outro. O outro também se torna lugar de exercício da fé, que apesar e a despeito de todas as fragilidades humanas continua crendo numa humanidade possível. Lugar também de prática da esperança é o outro, pois na rede de relações ninguém espera sozinho, crê sozinho, ama sozinho. A atividade das virtudes teologais na vida do cristão é capaz de atuar na história, transformando e levedando as relações com o sabor do Reino, mesmo que a princípio possa gerar tensões inevitáveis entre os que creem. Por vezes, o modo de tentar traduzir em gestos e palavras a mensagem do evangelho para a situação atual pode ser julgado por alguns como transgressão, e por outros uma graça eclesial:

Essa transgressão pode promover o distanciamento do ideal de santidade, mas não o inviabiliza, pois o amor é maior, pode tudo e tudo refaz. Consegue dar nomes novos, desconcertar o rígido, encher de alegria o ensimesmado, revigorar o fraco e plantar a audácia solidária no coração. O amor quebra os grilhões das burocracias e

⁸³⁷ BLÁSQUEZ, R. Del Vaticano II a la Nueva Evangelización, p.126-127.

faz balançar as convencionalidades que engessam pessoas e, não raramente, fazem apagar a esperança. (...) A afeição é remédio que cura os doentes, alenta os desolados, levanta os caídos, fortalece os fracos, produz a sabedoria profética com força para mudar o imutável. Quebra os grilhões de prisões que envelhecem e até esclerosam a novidade do amor.⁸³⁸

Outros aspectos das virtudes encontramos no exercício diário de atitudes que vão consolidando hábitos virtuosos em nossa interioridade. Nem sempre este caminho de assimilação das virtudes é um caminho sem tensões. A consciência de se deixar conduzir por estas forças interiores, e que são lapidares do nosso caráter, faz com que não desistamos, mas avancemos. Nesse aspecto, as virtudes teologais pensadas por Santa Teresa na sua relação com Deus e com o próximo são uma forma de produzir caridade e esperança no que se refere aos mais pequeninos. Santa Teresa possui uma grande percepção das fragilidades dos que são os menos favorecidos, e propõe a caridade cristã como forma de servir, ou seja, pelo dom que muitos possuem de promover o bem pela misericórdia, e serem autênticos mordomos de Deus no mundo a distribuir e a potencializar a vida dos pequeninos através dos dons e bens compartilhados:

Poderíeis enganar-vos na paz que o mundo vos dá de muitas maneiras (...) As pessoas, quando tem em abundância aquilo de que precisam e muito dinheiro na arca, julgam que basta se guardarem de cometer pecados graves para tudo estar feito. Gozam daquilo que têm, dão uma esmola de vez em quando; não veem que os bens não são seus, para que repartissem com os pobres, não haverão de perceber que vão dar contas estritas do tempo durante o qual os mantêm de sobra, na arca, privando deles os pobres, se estes estão padecendo. Isso só nos serve para que supliqueis ao Senhor que os ilumine para que não fiquem nesse embevecimento e tenham o destino do rico avarento, bem para que louveis Sua Majestade, que vos fez pobres, tomando isso por graça particular sua.⁸³⁹

Não temer as fragilidades humanas e pessoais, mas estabelecer pela determinação um caminho de prosseguimento, mesmo quando isto pareça difícil. Teresa, diversas vezes, percebia em si momentos em que estava pronta para dar mil vidas para salvar uma só alma, mas percebia em outras circunstâncias uma ausência de desejo de até realizar o básico de uma vida cotidiana e conventual:

Por outras palavras, as virtudes organizam-se sempre e necessariamente *in habitu*, embora os condicionamentos possam dificultar as operações desses hábitos virtuosos. Por isso, faz falta “uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do mistério”. Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente

⁸³⁸ AZEVEDO, W. O., Do Galinheiro à praça, p.7.

⁸³⁹ CAD 2,7.

livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa. Como dizia o Beato Pedro Fabro: “O tempo é o mensageiro de Deus”. (EG n.171)

Sabendo que o estilo de Deus é a paciência⁸⁴⁰, e que este perfil do novo evangelizador não faz perder de vista seu empenho histórico por Cristo, necessário se faz retomar o caminho das virtudes como uma abertura ao Espírito Santo que realiza no caminho a sua obra na vida dos discípulos de Cristo. É no caminho, ou seja, no seguimento de Cristo, que Ele se faz presente na vida dos seus, através da sua graça age não apenas neles, mas com eles e através deles. As virtudes abrem, no discípulo missionário, um espaço favorável para a atuação da graça. Deus somente pode levantar a construção de seu projeto de edificação do Reino através da sua Igreja se ele mesmo for aquele que consolida o terreno onde pretende construir (Sl 127,1). Deste modo, as virtudes e o trato com Deus serão os ferros que entrelaçam por dentro os alicerces da construção. O construir e o solidificar são necessariamente firmar a vida do discípulo missionário no testemunho de Deus. No tempo em que vivemos, a fé não pode ser um adereço a mais num conjunto de diplomas e certificados que podemos angariar durante a vida. A fé implica *martiría*, implica firmeza e testemunho público daquele que anima a nossa existência:

Como, Deus meu, não é suficiente que me mantenhais nesta vida miserável e que eu, por amor a vós, passe por isso e deseje viver onde tudo são empecilhos para fruir de vós, tendo de comer, dormir, tratar de negócios e falar com as pessoas? Bem sabeis, Senhor meu, que isso me causa imenso tormento, que padeço por vos amar; e, no entanto, nos poucos momentos que me restam para regozijar Convosco, Vós vos escondes de mim. Como conciliar isto com a Vossa misericórdia? Como pode suportá-lo o amor que me tendes? Creio, Senhor, que se eu pudesse esconder-me de Vós como Vos escondes de mim, não o consentiríeis, dado o amor que eu creio e penso que tendes por mim. Vós, porém, estais comigo e sempre me vedes. Isso não pode, pois, ser assim, Senhor meu! Eu Vos suplico que reconheçais ser isto magoar aquela que tanto Vos ama.⁸⁴¹

Santa Teresa sempre foi promotora de uma vida virtuosa, mais do que apenas uma vida rigorosa ou extremamente ascética. Teresa compreende a cadência do caminho que cada cristão vai seguindo, mas alerta a permanecer firme e predisposto à ação de Deus na vida. Ao buscar uma vida virtuosa, Teresa não apenas ensina os seus discípulos e leitores um caminho para se adquirir uma

⁸⁴⁰ Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/a-paciencia-e-o-estilo-de-deus>.

Acesso em: 16 nov 2019.

⁸⁴¹ V 37,8.

beleza moral e espiritual, mas prepara-os para combater o bom combate (2Tm 4,7-8), prepara-os para arrebatá-los através de uma violência terna e amorosa o Reino de Deus (Mt 11,12).

10.3

Sagacidade, maternidade e sponsalidade em Santa Teresa de Jesus como promoção do feminino na nova evangelização

É inquestionável, no cenário evangelizador da Igreja, a percepção que a grande maioria dos agentes de evangelização em nosso tempo são as mulheres. Quando pensamos na atividade feminina no mundo, seja na vida familiar, seja mesmo na vida profissional, identificamos que a presença feminina hoje na sociedade é uma presença que fermenta a grande massa das atividades humanas e que tem em vista a promoção e o progresso das cidades e dos países. Ao verificar o desempenho feminino na vida eclesial, não podemos ignorar que na vida cristã as mulheres desde sempre foram uma insubstituível presença na comunicação da fé, tanto no próprio âmbito da vida familiar, quanto no que se refere à transmissão da fé através de uma caridade operante no mundo. Graças a uma visão atualizada sobre a mulher, que vem progredindo⁸⁴² ao longo dos anos, é que vamos percebendo que cresce cada dia mais a valoração do papel feminino também dentro dos ambientes eclesiais. Quando verificamos o empenho histórico de grandes figuras femininas no quadro dos santos canonizados na Igreja, percebemos muitas mulheres que atuaram de forma incisiva em muitos contextos históricos e eclesiais. Uma figura feminina que para a fé cristã católica é, de fato, iconográfica é a da Virgem Maria, modelo de acolhimento radical a vontade de Deus. O estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja (EG n.288) nos ajuda a compreender a figura esposal e materna da Igreja:

⁸⁴² Teresa é formada dentro de uma mentalidade profundamente estreita quanto à função da mulher na vida e na sociedade, contudo, supera isso pela percepção que tem da sua grandeza e missão no mundo. Quando lemos o decreto de Graciano de 1140, verificamos como a visão sobre a mulher é determinantemente de sujeição e não de colaboração com a missão do homem: “as mulheres devem ficar sujeitas aos homens. A ordem natural para a humanidade é que a mulher sirva aos homens e os meninos aos seus pais, pois é justo que o inferior sirva ao superior. A imagem de Deus está no homem e é única. A autoridade da mulher é nula; em todas as questões se submeta ao domínio do homem. Não podem ensinar, ser testemunha, dar certezas, sentar-se em juízo.” BARRENA SANCHEZ, J. Teresa de Jesús, una mujer educadora, p.31.

A Igreja é mais do que “povo”, uma estrutura e uma ação: nela vive um misto de maturidade e de amor conjugal que faz possível a maternidade. Quando a Igreja não é vista mais do que uma maneira masculina, estrutural e institucional seu caráter próprio, esse elemento central ao qual se referem a bíblia e os padres da Igreja, cada vez que falam da Igreja, desaparecem.⁸⁴³

Dentro da mística carmelitana, encontramos figuras como a de São João da Cruz que em seus escritos faz sentir um tom profundo de sponsalidade. O cântico dos cânticos, de São João da Cruz, todo ele remete a esta imagem sponsal da alma, assim como o livro Chama Viva de Amor, em que a motivação principal do autor é descrever o itinerário místico da pessoa que, conduzida ao mistério inefável de Deus, é impelida pelo amor do esposo a se colocar em uma permanente busca de união transformadora. O uso de uma linguagem ligada ao feminino permite autores espirituais bem precisarem este itinerário cristão de união e relação que se estabelece entre Deus e a pessoa:

Pode-se dizer que os escritos de São João da Cruz são mais masculinos do que os de Teresa de Ávila? Não é fácil demonstrá-lo. A distinção entre a receptividade feminina e atividade masculina, por exemplo, já não pode ser sustentada. De fato, no terreno da relação com Deus, podemos afirmar que, em toda experiência mística, Deus toca no centro no qual o ser humano, homem ou mulher, só pode ser fundamentalmente receptivo.⁸⁴⁴

Dentro de um viés carismático próprio do carisma teresiano, percebemos em uns dos grandes colaboradores de Santa Teresa de Jesus, Frei Jerônimo Gracian, a fina compreensão do espírito feminino e sua capacidade de acolhimento do mistério de Deus, assim como a abertura intelectual para aprofundá-lo:

Aquele que é a verdadeira luz, que ilumina a todo homem que vem a este mundo, em cujo divino peito estão os tesouros da ciência e sabedoria escondidos, não esconde os raios do conhecimento das coisas soberanas às inteligências das mulheres, nem deixa de dar a elas luz, para que elas alcancem a perfeição na vida cristã e resplandecem como luzes no firmamento e céu da Igreja católica.⁸⁴⁵

Redescobrir estas intuições fundamentais nas origens do Carmelo teresiano de modo pessoalíssimo em algumas de suas personagens, como Frei Jerônimo Gracian e São João da Cruz, é para o Carmelo e para Igreja um grande manancial no desafiador caminho de condução e missão da direção e acompanhamento espiritual de modo específico das mulheres, seja na vida consagrada, seja na vida

⁸⁴³ RATZINGER, J.; VON BALTHASAR, H. U. Maria Madre de la Iglesia, p.30-1.

⁸⁴⁴ FERNANDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada. Profundidade espiritual em ação, p.220.

⁸⁴⁵ ANA DE JESÚS, p.94; BMC 6, p. 411-412.

laical. A compreensão de algumas dimensões do feminino possibilita potencializar o auxílio que muitas mulheres oferecem à Igreja, e a sua missão não apenas em lugares estratégicos e funcionais, mas na missão mesmo, acompanhando de forma personalizada pessoas no seu itinerário a Deus, através da palavra, da escuta e da oração. Para São João da Cruz, o acompanhamento das consagradas tornou-se a sua universidade em humanidades e espiritualidade. Os mosteiros que frequentava e as diversas irmãs que acompanhou e com as quais compartilhava as experiências vividas na oração e na vida fizeram dele um autêntico mestre de almas, como testemunha Santa Teresa de Jesus em uma carta a Madre Ana de Jesus:

Achei graça Filha, de ver como se queixa sem razão, pois tem aí a meu Padre Frei João da Cruz, que é um homem celestial e divino; pois eu lhe digo, minha filha, que desde a sua partida para aí, não achei em toda Castela outro como ele, que tanto afervore no caminho do céu. Não pode imaginar a saudade que me causa a sua falta.⁸⁴⁶

A esponsalidade e maternidade espiritual de Teresa por várias ocasiões foram provadas, mas em todas as situações a Santa triunfa através de seu amor a Cristo e a Igreja. Por vezes, Santa Teresa chega mesmo a sorrir e com uma fina ironia descreve o seu inabalável assentimento à fé da Igreja:

Achei muita graça e ri, porque nunca tive temor disso, pois bem sabia que, em matéria de fé, eu antes morreria mil vezes do que me oporia a qualquer coisa da Igreja ou a qualquer verdade da Escritura. Eu lhes disse que não temessem quanto a isso, pois em estado bem ruim estaria a minha alma se houvesse nela algo que levasse a reear a inquisição; se achasse que havia, eu mesmo iria procurá-la. Eu disse ainda que, em caso de falsos testemunhos, o Senhor me livraria de tudo e ainda me propiciaria algum benefício. (V 33,5)

Esta descrição de acontecimentos que Teresa traz ao conhecimento tem como finalidade demonstrar como ela percebe a presença de Deus que a acompanha em todos os processos, encontros e desencontros que se dão na vida. Indo para além das suspeitas e acusações sofridas, percebemos que ela foi uma das precursoras para abrir para a mulher um caminho de colaboração na vida eclesial e social. Abrindo espaços para que as mulheres atuem em decisões importantes, e oferecendo um singular auxílio ao partilhar responsabilidades pastorais juntos com sacerdotes, e acompanhando pessoas, famílias ou grupos, para que na Igreja os seus membros acolham e promovam os “talentos de cada

⁸⁴⁶ Carta 269. A Madre Ana de Jesús, em Beas. Ávila, Novembro de 1578.

pessoa, mais do que os bens que oferecem”⁸⁴⁷. Se descobrir o papel da mulher, a presença feminina na sociedade⁸⁴⁸ e na nova evangelização é de singular importância, quanto mais será um “abrir” espaços para que isto aconteça efetivamente. São propostas nem sempre ausentes de tensões, como se verifica na vida de Teresa, que ao buscar espaço e iniciar processos deparou-se com uma série de rótulos femininos, contudo soube na prudência superá-los como mulher, entendendo o tempo oportuno para agir com sagacidade⁸⁴⁹, mas de maneira que não extrapolasse nem atrapalhasse o que pediam seu estado e a missão na Igreja.⁸⁵⁰

10.4

Repensar a proposta para uma pastoral da santidade como caminho e impulso para promover novos evangelizadores com espírito

A promoção da vida espiritual sempre foi um acontecimento permanente na missão da Igreja. Vemos que hoje é mais do que vital pensar melhor e de um modo sistemático esta promoção da vida espiritual e, sem perder a liberdade do Espírito, promover uma pastoral da espiritualidade que seja capaz de trazer, por meio de uma leitura contextualizada, os grandes temas da espiritualidade cristã. Uma pastoral da santidade não é uma pastoral de elite, ou para grupos especiais. Uma pastoral da santidade quer apontar para a plenitude que cada membro de Cristo é chamado a viver a partir do seu batismo, como expressa São Paulo na carta aos Efésios:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo. Nele ele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, Ele nos predestinou para sermos seus para louvor e glória da sua graça, com a qual ele nos agraciou no Amado. (Ef 1,3-5)

Ao falarmos de uma pastoral da santidade, não pretendemos ter uma atitude neopelagianista que confia nos próprios recursos para atingir tão alta meta, mas estamos justamente pensando em um caminho que possa descortinar de modo

⁸⁴⁷ Modo de Visitar os conventos nº 24.

⁸⁴⁸ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “fragilidade” e gênio: O lugar da mulher na Evangelium Gaudium, p.235.

⁸⁴⁹ Carta ao Padre Jerônimo Gracian, Ávila, 21 de abril de 1579.

⁸⁵⁰ Carta a Dom Lorenzo de Cepeda, Valladolid, 27 de julho de 1579.

mais amplo a multiforme graça de Deus que se faz presente na Igreja⁸⁵¹ como um patrimônio espiritual acessível a todos os membros do Corpo de Cristo. A Igreja possui, dentro de sua experiência espiritual, uma série de escolas de espiritualidades e testemunhos que são verdadeiramente luminosos e podem auxiliar numa descoberta da arte da oração⁸⁵² e em uma renovada necessidade de orar:

Uma hagiografia renovada pelo método histórico, e iluminada a partir do alto pelos principais mestres da teologia mística seria para a Igreja a fonte de incomparáveis riquezas doutrinárias (...). Um santo é uma encarnação do evangelho e de todos os princípios mais elevados da espiritualidade cristã. Concebida desta forma a hagiografia seria, por sua vez, uma lição de teologia e uma escola de santidade.⁸⁵³

A purificação e o saneamento de alguns aspectos na vida dos santos podem ser de fundamental importância nas novas hagiografias que são produzidas atualmente. Buscar contemplar a vida dos santos como uma contínua abertura a Deus, mesmo diante dos grandes desafios interiores vividos por eles, nos auxilia a compreender o caminho real pelo qual a vida da graça e a sua humanidade foram como que vasos comunicantes. Com eles, a humanidade enriquecida pela experiência de Deus comunica a esta mesma experiência uma consciência humilde de que, mesmo diante da progressão na fé, é sempre necessário manter-se numa atitude de atenção a si e empenho no amor a Deus e aos irmãos, que se torne um serviço humilde pelo Reino: “Vigia a ti mesmo e a doutrina. Persevera nestas disposições porque, assim fazendo, salvarás a ti mesmo e aos teus ouvintes” (1Tm 4,16). A reconquista de algumas verdades deverá seguramente passar pela via do amor e da humildade, se quiser surtir efeitos no coração das pessoas em nossos dias:

Devemos recuperar as percepções mais humildes, mais simples e mais radicais do mistério cristão. Antes estas verdades se nos eram transmitidas vitalmente sem que fora necessário aprofundá-las; mas para frente serão verdades mortas se não voltarem a ser reconquistadas espiritual e intelectualmente, e elevadas ao grau de incandescência que as devolva sua incomparável atração.⁸⁵⁴

⁸⁵¹ CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, n.37: AAS (1965), p.42-43.

⁸⁵² NMI 32-33.

⁸⁵³ PHILIPON, M. Santa Teresa de Liseux. Un camino enteramente nuevo, p. 9-10.

⁸⁵⁴ LE GUILLOU, M.-J., El que viene de outra parte. El inocente, p.11.

Um dos grandes desafios que enfrentamos em nosso tempo é o da crise de fé e de oração. Um despertar para a vida de oração, através de exercícios espirituais, meditação, reflexão, ações e estudo pode abrir novos espaços para uma nova evangelização. A transmissão da fé implica a experiência da fé, e a experiência da fé se produz pela oração. Neste sentido, pensar uma nova evangelização, seja nos setores mais secularizados, seja nos ambientes mais pobres, é pensar no grande auxílio que as escolas de oração oferecem, elas são de fundamental importância.⁸⁵⁵ A consciência de Deus e a abertura à verdade da fé encontram na oração um terreno fértil para a solidificação da fé, e uma frutuosa realização pessoal, uma vez que o “projeto de Deus está orientado para a realização plena da pessoa; no sentido que se pode afirmar que a expressão: ‘quero realizar-me plenamente’ é equivalente a ‘quero cumprir a vontade de Deus perfeitamente’”⁸⁵⁶.

Outro caminho é a redescoberta mistagógica da fé, a atenção e a conexão entre Palavra, sacramentos, ritos e sinais. A grandeza e a beleza das formas, assim como a pobreza e a simplicidade, podem abrir espaço no espírito humano para adentrar o mistério da fé. Quando tomamos nas mãos um livro espiritual como o de Santa Teresa, por exemplo, o *Livro da Vida*, percebemos um grande limite no sentido metodológico na sua organização, mas quando o lemos quase como quem comunga suas palavras, percebemos como é capaz de incendiar e despertar o desejo de Deus em seus leitores. Os livros de Santa Teresa e a sua mistagogia explicitam e dão a impressão que eles continuamente perpassam e resistem ao tempo em sua originalidade, o que a torna uma mistagoga com um magistério sempre capaz de ser compreendido e abordado – não somente pelo viés teológico, mas através de várias outras ciências:

Santa Teresa têm a graça da comunicação, o carisma da mistagogia, capacidade de impacto e da indução a experiência, o que explica também o êxito de seus escritos, o fato de que todavia ainda hoje, depois de quase cinco séculos, se siga lendo seus livros com atualidade que não tem os que ela os leu.⁸⁵⁷

⁸⁵⁵ A busca de caminhos que despertam o desejo de aprofundar a partir do amor e do afeto as verdades da fé ocupam lugares importantes no itinerário proposto por Teresa: buscava que as monjas que deixavam o mundo e entravam na vida religiosa que deixassem todas ou o maior número de devoções vocais e dava a elas pontos de meditação para que andassem todo o dia a ruminar pontos de meditação. MARIA DE SÃO FRANCISCO. Proc. Alba 1610, 74º: BMC t.20, p. 201.

⁸⁵⁶ GOYA, B. Psicologia e vida espiritual, p.372.

⁸⁵⁷ Faz-se importante aqui fazer uma descrição sobre o aspecto mistagógico da fé. Mistagogia é uma palavra grega composta de duas raízes: o substantivo *mystes*, derivado de *mysterion*, o iniciado nos mistérios; e o verbo *agogeio*: levar, conduzir, educar, iniciar. A mistagogia, portanto, é

A catequese e a introdução no conhecimento experiencial com a Palavra de Deus na nova evangelização é um caminho seguro para a superação de lacunas que muitos apresentam ao abraçar a fé ou no decorrer de sua vida cristã. Uma das grandes carências que verificamos no modo como se catequiza é a ausência da mística. O catequista não é um transmissor metodológico apenas de doutrinas, ensinamentos, e tratados sobre a fé, mas é alguém que, a partir de sua relação com a pessoa de Jesus Cristo, transmite o *bios pneumatikós* que produzirá no catequizado o desejo de Deus, e de entrar, segundo o doutor místico São João da Cruz, na “espessura de sabedoria e ciência de Deus”⁸⁵⁸, onde se pode penetrá-la sempre mais profundamente. Ao lançarmos um olhar sobre a nossa catequese, perceberíamos a necessidade de que entre a grade ou a relação do conteúdo formativo se introduzisse melhor os aspectos da adoração, silêncio, leitura orante da palavra de Deus, assim como as diversas formas de oração que possibilitam maior liberdade ao cristão de viver a dimensão insubstituível da fé que é a própria oração. Quando olhamos para os grandes catequistas da Igreja primitiva, encontramos pessoas que trabalhavam bem a experiência da fé através dos sentidos. Elas carregavam a percepção de que os sentidos eram portas para despertar o conhecimento. Quando entravam com os catecúmenos na celebração dos mistérios, os incentivavam primeiro a ver e a contemplar atentamente tudo e somente depois interrogar. Primeiro, observar; segundo, questionar o visto: o que vistes? A partir dos sentidos, se prosseguia em um itinerário de desvelamentos dos mistérios. Havia uma importante relação entre doutrina e experiência, o insondável e o sensível.

A reeducação dos sentidos para o mistério é vital em nossos dias. Nos escritos de Santa Teresa de Jesus, transbordam as citações em que ela descreve a relação com Cristo, que praticamente permeiam todos os seus sentidos. O problema em nossos dias não são os sentimentos que a experiência da fé

a arte de conduzir, ajudar, iniciar nos mistérios, na experiência mística, possibilitando emergir o que tem no interior do sujeito. Esta maneira de atuar concorda com a etimologia do termo educar, que procede do verbo latino *educere*, “sacar de dentro”. À diferença de indoutrinação, a mistagogia parte do núcleo da própria existência religiosa genuína, o modo de chegar a uma experiência religiosa pessoal sob a orientação de um mestre experimentado, a capacidade de refleti-la (*hacerla reflexa*) e de comunicá-la. SCHEREIBER, M. A., *Mistagogia. Comunicazione e vita spirituale*, p.3-58; ÁLVAREZ, T., *Mística y mistagogia en la Teología Spirituale*, p. 735-43; PESENTI, G. G., *Mistagogia*, em *DICCIONARIO DE MÍSTICA*, p.1176-80 (tradução nossa)

⁸⁵⁸ Cântico Espiritual 36,10.

proporciona aos nossos sentidos, mas como a experienciamos, compreendemos e transmitimos. Um dos grandes promotores de uma espiritualidade em que a experiência de Deus passa pelos sentidos é o cardeal José Tolentino Mendonça. Em seus escritos encontramos preciosos elementos da experiência cristã dos sentidos, em que afirma que “o corpo que somos é uma gramática de Deus”⁸⁵⁹.

Um indispensável elemento em nossos dias para pensar a pastoral da santidade é a abordagem da dimensão humana na vida cristã. Neste aspecto, Santa Teresa se distingue como uma grande mestra em humanidades quando consegue unir o empenho por uma autenticidade de vida cristã e uma moderação salutar que evita que desequilíbrios profundamente danosos acometam pessoas entregues à missão. O discernimento se mostra vital para manter a saúde humana, psicológica e fraterna. Com um fino humor, Teresa aconselha um dos seus grandes colaboradores a equilibrar seus empenhos no intuito de não se “queimar” prejudicialmente em trabalhos a título de servir a honra de Deus:

Creia que achei graça em ocupar-se vossa paternidade agora em lavar um confessionário, como se não tivesse outro trabalho; parece-me muito sobrenatural a sua atividade. Contudo, não havemos de pedir a Deus milagres, e é bom Vossa Paternidade considerar que não é de ferro e que há muitas cabeças perdidas na companhia por excesso de trabalho.⁸⁶⁰

Quando verificamos o grande número de sacerdotes, religiosos e leigos que, muitas vezes, se fragilizam, no campo do Senhor, nos questionamos o que levou tantos a adoecerem-se em meio a uma vocação e missão tão bela, que é a de anunciar o evangelho. Verificamos o perigo de um ativismo predador, que nos dá a entender uma busca muitas vezes desmedida, e não orientada adequadamente à missão. O “dar a vida” e o “perder-se” na lógica do Reino não significam diretamente um enfermar-se, um descuidar de sua própria saúde ou, menos ainda, distanciar-se de elementos tão vitais à vida humana, como as amizades autênticas com pessoas que estão ligadas aos mesmos anseios por amor ao Reino. Como Corpo de Cristo, é preciso considerar aonde perdemos de vista tantos irmãos que começaram um caminho de serviço tão belo ao Reino e, depois, se encontraram como que à margem da vida de fé, ou mesmo mergulhados em inúmeros

⁸⁵⁹ MENDONÇA, J. T., A mística do instante: o tempo e a promessa, p.12.

⁸⁶⁰ Carta 168. Ao Padre Jerônimo Gracian em Sevilla, Toledo, 9 de Janeiro de 1577 (tradução nossa).

ressentimentos pessoais, desacreditando da possibilidade de haver uma autenticidade cristã na vida dos discípulos de Cristo.

O olhar teresiano sobre a dimensão de entrega à missão aponta numa direção diferente, aponta para uma doação plena, ao mesmo tempo contemplando a inteireza da pessoa e a descrição que são fundamentais na doação daqueles que se entregam pelo Reino. A partir de agora, passamos a descrever e a colocar em relação alguns aspectos que caracterizam uma Igreja extática, ou em “saída” – a relação entre a mística teresiana e a nova evangelização a partir no número 24 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do papa Francisco, vendo nestas duas forma de abordagem da missão evangelizadora da Igreja os vasos comunicantes.

10.5

Primeirrear, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar a partir da mística teresiana e a nova evangelização

Dentro das múltiplas e possíveis abordagens que podemos fazer de Santa Teresa, aparece o seu grande interesse pela teologia mística. Compreender a experiência de Deus e comunicá-la, para ela, deve ser um ofício que jamais deve ser abdicado pelos que têm a responsabilidade de serem, no Corpo de Cristo, como os capitães da fé (C 3,10). Mesmo que Teresa jamais tenha sentado no banco de uma universidade, sempre fora perscrutadora das verdades da fé, e desejou que suas irmãs e frades o fossem. O conhecimento teológico não podia parar somente na erudição, mas transitar entre erudição e experiência. Ao estar com os eruditos, Santa Teresa lhes propunha a experiência, e ao estar com os espirituais que buscavam a todo o custo a santidade, ela lhes propunha o estudo como forma de equilíbrio de sua busca e a instrução da fé. A beleza do saber teológico em Santa Teresa é o cultivo da amizade com Deus. Nesta mesma direção, Angel Cordovilla se aproxima muito, em sua reflexão teológica, do pensamento teresiano quando afirma quais devem ser as motivações para o estudo teológico:

Por que estudar a teologia? Por que consagrar a vida, a verdade desde o exercício da teologia? A resposta é simples: por vocação apostólica e amizade teologal. Hoje para sermos testemunhos temos que ser na verdade teólogos. Uma teologia que cultiva uma amizade profunda e arraigada em Deus. Porque a teologia não é uma

ciência autossuficiente e fechada em si mesma, senão uma ciência a serviço da missão da Igreja no mundo e da vida espiritual dos cristãos, que creem.⁸⁶¹

Em nossos dias, fazer uma separação entre a missão dos teólogos e dos novos evangelizadores seria um grande erro, porque a missão de ambos devem convergir para a missão da Igreja no mundo. Os teólogos não são agentes apenas instrutivos a respeito do conjunto da doutrina da fé, mas são agentes construtivos no sentido de promoverem, no hoje da vida da Igreja, caminhos que estejam intrinsecamente ligados com sua missão salvífica:

A Igreja, comprometida na evangelização, aprecia e encoraja o carisma dos teólogos e o seu esforço na investigação teológica, que promove o diálogo com o mundo da cultura e da ciência. Faço apelo aos teólogos para que cumpram este serviço como parte da missão salvífica da Igreja. Mas, para isso, é necessário que tenham a peito a finalidade evangelizadora da Igreja e da própria teologia, e não se contentem com uma teologia de gabinete. (EG n.133)

Ao pensarmos sobre o carisma dos teólogos e pastores construtivos na missão do Reino, gostaríamos de refletir sobre o importante intercâmbio que existe no pensamento do papa Francisco, no que se refere à transformação missionária da Igreja, e no modo como Santa Teresa abordava a relação da experiência de Deus e o apostolado. Um dos termos que julgamos interessante pensar quando nos referimos a uma Igreja “em saída”, segundo Francisco, é pensar uma Igreja “extática” em Santa Teresa, no sentido de sair de sua autorreferencialidade para ser uma Igreja que percebe que sua intimidade “com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão reveste “essencialmente a forma de comunhão missionária. Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo” (EG n.23), primeireando, envolvendo-se, acompanhando, frutificando e festejando (EG n.24).

10.5.1

Primeirear: a audácia de novos caminhos e a promoção de um novo estilo evangelizador em Santa Teresa de Jesus

Ao olhar o modo como Teresa acolhe sua missão pelo Reino, encontramos nesta mulher sinais de quem “primeireia”, seja no seu desejo de evangelizar, seja através do magistério que o Senhor lhe confia como *mater spiritualis*, segundo a

⁸⁶¹ CORDOVILLA, A., El ejercicio dela teologia, p. 261 (tradução nossa).

sua experiência de vida e do mistério. Ao primeirear, foi também primeireada, a partir do momento em que a Igreja reconhece, através das de suas obras, santidade, originalidade, atualidade e universalidade de sua doutrina – conferindo a ela o título de doutora da Igreja em 1970, por São Paulo VI. Steggink bem definiu o aspecto reformador e fundador de Santa Teresa de Jesus e sua inspiração evangélica explicitando como ela viveu este primeirear, seja na reforma descalça introduzida no Carmelo através de seu carisma próprio, seja em seu testemunho de reformadora. Isso demonstra que as autênticas reformas começam a partir de si mesmo, em direção ao todo:

Não se deve considerar, contudo, sua obra como uma simples reforma, isto é, uma extirpação de abusos e a reorganização da vida regular. Muito pobre seria o nosso conceito da obra teresiana se víssemos nela uma simples rebelião contra os abusos e defeitos da organização. A nova forma de vida carmelitana, inspirada no mais profundo espírito evangélico e no ideal eremítico-contemplativo carmelitano, com sua clara finalidade dogmática, mais que de reforma deve qualificar-se de obra criadora e fundadora, que coloca a Madre Teresa de Jesus entre as primeiras figuras da Igreja da contrarreforma. Sua atuação reformadora não parece ser mais um aspecto secundário da obra.⁸⁶²

Ao olhar para Santa Teresa como uma mulher que dá o primeiro passo, principalmente no que se refere à evangelização, nos confrontamos com uma singular evangelizadora que, de certa forma, interpela a Igreja a lançar-se num empenho corajoso para realizar o anúncio do evangelho. A coragem e a empatia teresiana são frutos da ação do Espírito Santo, e são como uma força motriz que impulsiona Santa Teresa a não temer as diversas contrariedades que surgem no caminho, lançando-se sempre com mais determinação na missão que o Senhor lhe confia. Quando vemos em Teresa a atitude de querer contribuir com a missão da Igreja avançando, sem quebrar a comunhão, vemos uma atitude de uma verdadeira reformadora, ou seja, de uma Santa reformadora.

Quando pensamos Teresa como reformadora, a vemos tanto no contexto interno do Carmelo como na fundação de um novo carisma. Uma reforma que transforma não apenas estruturas, mas o próprio estilo da Igreja agir. É o que sucedeu, por exemplo, quando Teresa se refere à missão da mulher ensinar na Igreja. Até o ano de 1965 era quase impossível pensar uma mulher doutora, e ensinando em universidades:

⁸⁶² STEGGINK, O., *Arraigado e innovación*, p.185 (tradução nossa).

A Gregoriana era tipicamente uma universidade eclesiástica para eclesiásticos: sua função era de formar estudantes para docência nas faculdades, nos seminários, nos escolasticados, para servir como canonistas, para se prepararem para os encargos pastorais, como demonstrado pelo grande número de bispos entre os antigos [alunos] da PUG [Pontifícia Universidade Gregoriana]. Eles compunham quase um terço dos bispos integrantes do Concílio. A comunidade acadêmica de então era inteiramente formada por jesuítas, que ocupavam postos de ensino, administração e direção. (...) O corpo estudantil era formado de eclesiásticos, de seminaristas, de padres, de religiosos. Era um meio eclesiástico e exclusivamente masculino. (...) Havia muitos poucos leigos e nenhuma mulher estudante, nem leiga, nem religiosa. Era impensável que uma mulher pudesse se tornar doutora em teologia ou em direito canônico.⁸⁶³

O doutorado de Santa Teresa de Jesus foi um romper de interditos que até então permaneciam, sob o rótulo de coisas “teologicamente” impensáveis e inquestionáveis. A sua maturidade teológica e o avanço na compreensão e na verdade sobre a missão da mulher na Igreja e no mundo foram potencializando um novo olhar sobre o seu papel na evangelização. Este novo olhar para a mulher, que tem como uma das forças propulsoras a pessoa de Santa Teresa, é precioso, e faz compreendermos como ela foi pioneira em levar a Igreja para além do medo de alguns de seus membros de trair, ou de não transmitir com exatidão o tesouro da fé. Para Santa Teresa de Jesus, a grande pérola preciosa da fé é a relação com a pessoa de Jesus Cristo. Uma cultura cristã sem a vitalidade do encontro com Cristo se tornaria um “saber de ouvir falar”, enquanto para Teresa é necessário “ver” Deus atuando em nossa vida e na nossa história (cf. Jó 42,5).

A cultura cristã para ela somente pode ser promovida com o cultivo da experiência de Deus. A experiência de Deus na pessoa de Teresa, assim como na pessoa de tantas mulheres na Igreja, abriu os olhos de muitos homens, de modo especial depois do Concílio Vaticano II, para a grandeza da mulher na vida da Igreja, e trazê-las não apenas como modelo de santidade, o que já era algo notório. Também forçou uma maior abertura no apostolado, no ensino e em outras instâncias na Igreja para que as mulheres possam atuar, impulsionadas não somente por ideias pessoais, mas pelo fogo da missão que ardeu no coração de muitas mulheres que lhes precederam na vinha do Senhor.

10.5.2

⁸⁶³ CARRIER, H., L'Université Grégorienne après Vatican II, p.22-3.

Envolver-se: de uma vida espiritual performática a uma caridade missionária transformadora

Teresa não quer ser uma expectadora frente a um cenário de transformações constantes que acontecem diante do seu nariz, ela intervém principalmente através de milhares de cartas enviadas a diversas personalidades de seu tempo (bispos, padres, nobres, leigos, comerciantes, soldados, Rei), mostrando que, na medida de suas possibilidades, quer provocar a ação da graça na vida de seus contemporâneos, estando presente na vida da cidade, do país e do mundo. O desejo e o carisma de Santa Teresa produziram profundo impacto em alguns dos primeiros discípulos – julgamos oportuno descrever aqui como a memória do amor de Teresa pela missão foi capaz de produzir uma conversão missionária em diversos homens que tinham como princípio modelar da vida cristã tão somente o modelo eremítico. Citamos o exemplo de um dos grandes empreendedores da evangelização através do Carmelo teresiano, o Padre Tomás de Jesus:

O Padre Tomás de Jesus, defensor convicto da vida eremítica, depois de viver um tempo em Batuecas, vive uma conversão das missões na qual consta na sua obra *Fundações*. Vive uma graça em Batuecas. Esta graça mística o levaria a empenhar sua vida em ajudar por todos os meios possíveis e mais conformes à perfeição evangélica a propagação da fé católica e o aumento da Santa Igreja, procurando com único e particular intuito a oração e conversão de todos aqueles que estão fora da Santa Igreja, convém saber, infieis, hereges, cismáticos, seja por palavras como por obra, por si e por outros, e isto sem interrupção até a morte.⁸⁶⁴

Quando lançamos um olhar sobre todos os trabalhos que são dispensados para o bem da Igreja pelos filhos de Santa Teresa poderíamos nos perguntar se o trabalho dela tinha em vista apenas a reforma através do Carmelo descalço ou se a reforma pensada por Teresa também possuía desdobramentos pessoais e estruturais no que concerne a antiga observância. E a resposta que encontramos é a verificação que a partir da reforma que Teresa vive, em sua pessoa, ela pretende

⁸⁶⁴ A decisão do Padre Tomás de Jesus foi tomada através de sua nova consciência da missão do Carmelo teresiano no mundo, ou seja, por meio da decisão de um significativo superior na ordem que foi o Padre João de Jesus Maria. Ao visitar o espírito da fundadora Madre Teresa de Jesus, assim como o primeiro documento erigido por Padre Jerônimo Gracian em Valladolid, a 19 de março de 1582, e aos anais do capítulo provincial de Almodóvar em 1583, decidiu, em 1605 em um capítulo geral, propor a todos os superiores a renunciarem seus cargos, o que os impeliu a fazerem voto de que iriam a qualquer missão para a conversão dos hereges. ANTONÍN, F., *Monte Carmelo*, v.96, p.2; JOSÉ DE SANTA TERESA. *Reforma de la descalzes ne nuestra Señora del carmen*, Tomo IV, Madrid, 1685, LXIII, C. 39, n.5, p.689 (tradução nossa).

não somente colaborar com a reforma da Antiga observância , mas de toda a Igreja, possibilitando que a mística vivida por ela fosse um meio de contribuição em nossos dias para a nova evangelização sob o signo de transformação missionária da Igreja. Ela foi a primeira a se abrir a esta conversão espiritual de profundas conotações missionárias e pastorais. Descrevemos aqui isso que podemos chamar de conversão pastoral de Santa Teresa, ou seja, o momento em que ela fica consciente que nem mesmo os seus projetos pessoais estão acima do bem da Igreja. Ela se abre a esta conversão para estar onde Deus deseja a sua entrega, onde a Igreja e a ordem lhe pedem para atuar – mesmo que o seu desejo fosse o de estar junto à sua nova comunidade carmelitana, Teresa se abre a uma perspectiva maior no horizonte de Deus, no serviço às suas irmãs também na encarnação, após sua escolha como priora do mesmo mosteiro em que viveu o primeiro período de vida religiosa. Seu confessor e diretor espiritual Padre Jerônimo Gracian procurou registrar as palavras da Santa Madre Teresa por ocasião do início de seu priorado:

Senhoras Madres e irmãs minhas, Nosso Senhor, por meio da obediência, me enviou a esta casa, para fazer este ofício, e disto estava eu tão descuidada, tão distante de merecer. Tem me dado muita pena esta eleição, assim por haver-me posto em coisa que eu não saberei fazer, como vossas mercês deixaram a mão que tinham para fazer vossas eleições e lhes deram priora contra a sua vontade e o seu gosto, e priora tal, que faria bem aprender da menor que aqui está o muito bem que tem. Somente venho para servi-las, e presentear-lhes em tudo o que eu puder, e a isto espero que muito me ajude o Senhor, e que no demais qualquer uma possa ensinar-me e reformar-me, Por isso, vejam senhoras minhas, o que eu posso fazer por qualquer uma, ainda que seja dar o sangue e a vida o farei de muita boa vontade. Filha sou desta casa, e irmã de todas; de todas ou da maior parte, conheço as condições e as necessidades; não há por que estranhar de quem é tão de vocês. Não temam meu governo, pois até aqui tenho vivido e governado entre as descalças, se bem que é pela bondade do Senhor que se tem que governar as que não o são. Meu desejo é que servimos todas ao Senhor com suavidade e este pouco que nos manda nossa regra e constituições, o façamos por amor àquele que tanto devemos. Bem conheço nossa fraqueza que é grande; mas já que aqui não chegamos com desejos, quão piedoso é o Senhor, e fará que pouco a pouco as obras igualem com a intenção e desejo.⁸⁶⁵

Neste ponto de abertura e envolvimento com a vida da Igreja e da vida consagrada presente na sua cidade, percebemos em Santa Teresa de Jesus um referencial de conversão pastoral, ou seja, de alguém que se permite discernir as situações tendo como modelo para sua missão de governo a pessoa de Jesus o

⁸⁶⁵ GRACIÁN, J., Scholias y addiciones: El Monte Carmelo, p.118 (tradução nossa).

Bom pastor, e apreendendo a possuir os mesmos pensamentos e sentimentos que nele habitam. Quando pensamos o contexto de uma comunidade monástica, não podemos perder de vista o seu aspecto pastoral. Ser uma comunidade de vida ativa, como também uma comunidade com um acento maior na vida contemplativa, não dispensa o aspecto pastoral, pois quando se vive sob a condução de um superior podemos pensar o contexto da comunidade como um ambiente marcadamente pastoral, basta olharmos para um dos mais belos escritos de São Gregório Magno: a Regra pastoral.

Um livro para superiores monásticos, contudo, precioso para todo bispo, sacerdote, madres e superiores, e pessoas que exercem liderança na Igreja. Dentro deste prisma, vemos Teresa como uma autêntica capitã na vida pastoral e espiritual. Sabe que é preciso governar, entretanto, busca através de sua amizade e proximidade oferecer uma via que suavize o seguimento de Cristo, pois aprendeu com Ele que seu jugo é suave e o seu fardo é leve (Mt 11, 29). O modo de agir de Cristo é o caminho utilizado por Teresa para realizar a sua missão como superiora, e ainda aponta para os novos evangelizadores nos tempos atuais a nobre missão de governar promovendo a vida espiritual, fraterna e pastoral. Teresa tem consciência que uma vida espiritual pertinente necessita de um ambiente relacional sadio, de tal modo que a pastoral seja um transbordamento da relação com Deus e da relação com as pessoas.

10.5.3

Acompanhar: do assenhorar-se do rebanho à liberdade interior de compartilhar projetos espirituais e missionários

Ao olhar para a maternidade vivida por Teresa no âmbito da própria ordem, notamos uma grande e intensa atividade no governo dos mosteiros fundados por ela, no acompanhamento de diversos leigos, sacerdotes e consagrados que reconhecem nas palavras de Teresa a fina flor da doutrina católica que matura e faz crescer a pessoa na vida cristã. A arte do acompanhamento é notória em Teresa justamente porque ela jamais quis se distanciar deste importante auxílio para vida espiritual. Teresa, enquanto mestra de espírito e no discernimento espiritual, fez do acompanhamento espiritual uma ferramenta de tal quilate que ela própria jamais desejou caminhar sem diretores, dentre os quais alguns se tornaram preciosos amigos espirituais:

É muito importante que o mestre seja inteligente, isto é, de bom entendimento e experiente. Se, além disso, tiver instrução, será perfeito. Contudo, não sendo possível achar as três coisas juntas (discrição, virtude e ciência), as duas primeiras são mais relevantes, porque, no caso seja necessário, os principiantes podem recorrer aos letrados para alguma consulta. No início, os mestres que não fazem oração, ainda que sejam sábios, são de pouca ajuda; não digo que não se deva ter contato com letrados, porque um espírito que não comece pela verdade melhor faria em não orar. Além disso, a instrução é muito boa porque ensina aos que pouco sabemos e nos dá luz, para que, chegando às verdades da Sagrada Escritura, façamos o que devemos; de devoções tolas livre-nos Deus.⁸⁶⁶

A rede de amigos espirituais com os quais Santa Teresa de Jesus manteve contato nos dá a entender o cuidado que a Santa conservava para que o discernimento a respeito dos caminhos do Espírito acontecesse de modo realmente preciso e acertado. Mesmo a fragilidade no que se refere ao discernimento de alguns pode ser suprida pela ciência e experiência de outros. Destacamos aqui alguns destes nomes: Francisco de Salcedo, Dona Guiomar de Ulloa, Gaspar Daza, Gonzalo de Aranda, São João de Ávila, Bispo Alonso Velasquez, Vicente Barrón O.P, Pedro Ibañes O.P, Garcia de Toledo, O.P, Domingo Bañes, O.P, Diego de Cetina, S.J, San Francisco de Borja, S.J, Juan de Prádanos, S.J, Baltasar Álvarez, S.J, Gaspar de Salazar, S.J, São Pedro de Alcântara, OFM, Jerônimo Gracian, OCD, São João da Cruz, OCD.

O acompanhamento na formação dos novos evangelizadores é um elemento imprescindível para que se avance na maturidade pessoal e de uma comunidade que pretende ser ardorosamente evangelizadora. No percurso formativo de Santa Teresa verificamos a sua postura dialogal, em que ela aprende e comunica. O novo evangelizador é aquele que, numa relação dialógica e aberta, reconhece que ensina aprendendo e aprende ensinando. Esta forma pedagógica teresiana e mistagógica de compartilhar conhecimentos e experiências revela a liberdade de uma evangelização que é circular no sentido de reconhecer que a beleza da experiência de Deus perpassa de forma pessoal a todos. Esta percepção teve Frei Jerônimo Gracian:

Estive em Beas – conta Gracian – muitos dias, nos quais comentávamos todas as coisas da ordem, assim passadas como presentes, e o que era mister para prevenir as futuras; e ademais, de toda maneira de proceder no espírito, e como se havia de sustentar assim tanto nos frades como nas monjas. Ela me examinou em tudo quanto sabia desta doutrina, por letras e por experiência. Ensinou-me tudo quanto

⁸⁶⁶ V 13, 16.

ela sabia, dando-me tantas doutrinas, regras e conselhos, que poderia escrever um livro muito grande do que aqui ensino, porque, como digo, foram muitos dias, e todo dia além do tempo de missa e de comer se gastava nisso. Deu-me conta de toda a sua vida, espírito e intentos. Fiquei tão entregue que, desde então, nenhuma coisa fiz de grave sem o seu conselho.⁸⁶⁷

Em nossos dias verificamos novamente a atenção da Igreja em propor com maior intensidade a direção espiritual no itinerário espiritual de irmãos que percebem o bem espiritual que estes acompanhamentos podem proporcionar no caminho da oração e da vida. Por mais que tentemos adaptar as modalidades⁸⁶⁸, permanece sempre essa atitude de busca daquele que, como um pai espiritual aberto aos caminhos do Espírito Santo, procurará ajudar o irmão que no diretor encontra uma das faces do Bom Pastor Jesus a conduzir o seu rebanho:

Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho. Precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida. Mas sempre com a paciência de quem está ciente daquilo que ensinava São Tomás de Aquino: alguém pode ter a graça e a caridade, mas não praticar bem nenhuma das virtudes “por causa de algumas inclinações contrárias” que persistem. (EG n.171)

A nobre missão do acompanhamento espiritual na nova evangelização é um fator insubstituível quando se percebe que no interior da Igreja estão presentes alguns de seus membros que se lançam com maior engajamento no anúncio do

⁸⁶⁷ ANA DE JESÚS, p.50. MHCT 3, p. 571 (tradução nossa).

⁸⁶⁸ Um dos mestres contemporâneos que ensinaram o caminho da direção espiritual mesmo diante das diferentes nomenclaturas que se buscou apresentar no tempo é Benito Goya quando diz: através dos séculos têm sido empregado para designar este ministério pastoral, diversas expressões mais adaptadas as mentalidades e aos ambientes culturais nas quais se exercitava, e talvez nenhuma delas deixa satisfeito plenamente [...]. Os mais sensíveis e abertos à antropologia têm buscado substituir a expressão “direção espiritual, com palavras como ‘encontro de ajuda’, ‘assessoramento espiritual’, ‘diálogo espiritual’, ‘colóquio espiritual’, ‘acompanhamento espiritual’, ‘guia das almas’, nenhuma destas expressões está isenta de ambiguidades pela provisoriade o pelo perigo real de reduzi-la a uma mudança de ideias do tipo puramente psicológico. Estas expressões evidenciam bem o nível humano do encontro, mais não explica adequadamente a dimensão teológica, porque nem sempre se tem em conta a realidade da ação divina transcendente e a condução do Espírito Santo” GOYA, B., Luce e guida nel caminho. Manuale de direzione spirituale, p.31 (tradução nossa).

evangelho. O ato de acompanhar estas pessoas, criar ambientes de formação e de convivência para compartilhar e discernir experiências se torna algo valioso, e possibilita canalizar as forças vivas da Igreja para que pensem em como acompanhar estes mesmos discípulos missionários para que não desistam no caminho. Teresa encontrava em Deus, e no discernimento, oração e amizades espirituais, uma espécie de “rede de proteção”.

Na experiência transmitida pela Santa, verificamos que alguns de seus diretores espirituais se tornaram amigos espirituais, o que indica que o encaminhamento da direção frutifica com amizades espirituais, em que quanto mais cresce o amor e a confiança dentro da direção no que se refere a um seguimento autêntico de Cristo e uma entrega à missão, mais cresce entre eles o amor de Deus.

10.5.4

Frutificar: de um apego às estruturas e lugares à expansão do Reino e início de novos processos

As “cascatas de fundações”, fruto de um permanente pentecostes teresiano, são um exemplo claro de quem não só ensina, mas aprende nesta dinâmica dialógica e testemunhal. Estes mosteiros são verdadeiras “salas do cenáculo”, onde o espírito se manifesta, transformando vidas em um permanente louvor agradável a Deus.

Quando analisamos os princípios da Congregação Propaganda Fidei, vemos que, por muito tempo, os carmelitas descalços se fizeram presentes neste dicastério da Igreja, que se chama hoje Congregação para a Evangelização dos Povos. Após as grandes dificuldades vividas por Frei Jerônimo Gracian, que foi o primeiro provincial da ordem, verificamos uma grande expansão dos desejos e anseios de Santa Teresa de Jesus, na transmissão do evangelho e na concretização da missão da Igreja, se fazendo presente através destes novos missionários. Impulsionados pelo espírito contemplativo-apostólico da Santa, eles se lançavam na busca por estender a presença do reinado de Deus às diversas regiões onde a fé ainda não houvesse sido proposta para estes povos. Uma clara demonstração desta consciência missionária de Teresa temos na patente firmada por Padre Gracian em 19 de março de 1582, ao enviar a primeira expedição ao Congo.

Primeiramente procurem levar o desejo da maior honra e glória de Deus e exaltação de sua Santa fé católica, com uma firme determinação de morrer quando se oferecer por levar adiante este desejo, sem voltar os olhos a nenhuma coisa temporal. (...) E quanto às obrigações da ordem, de roupas, comidas e as demais coisas que orientam nossas constituições, façam conforme o tempo e lugar onde se acharem, atendendo principalmente a conversão daquelas almas.⁸⁶⁹

Jugamos ser importante, aqui, descrever que a Congregação da Propaganda Fidei teve em seus princípios profundas motivações inspiradas na mística teresiana. Citamos aqui quatros insignes filhos de Santa Teresa de Jesus que, animados pelo Espírito Santo e pelo seu espírito missional, buscaram encaminhar aqueles novos contemplativos apostólicos à missão na Igreja e no mundo. Eles são: padre Jerônimo Gracian, iniciador da primeira Congregação Propaganda Fidei; padre Pedro da Mãe de Deus, superintendente geral das missões; padre Tomás de Jesus, autor do manual do apostolado e do plano geral da Propaganda Fidei, e padre Domingo de Jesus e Maria, promotor insigne da Congregação Propaganda Fidei. O que nos interessa, neste momento, não é descrever os feitos e as obras missionárias que esta Congregação realizou por meio da Igreja, mas manifestar a inspiração teresiana de constituí-la para que, por meio dela, o evangelho chegasse a muitos povos, e demonstrar a gratidão da Igreja à mística teresiana, que é marcadamente contemplativa e apostólica, como descreve Gregório XV:

Em nossos tempos tem feito Deus uma grande obra de salvação por meio de uma mulher (...), que aspirando sempre ao mais alto (...) cheia de fortaleza, com mão poderosa e firme, organizou um exército de fortes, que combateram com armas espirituais pela casa de Deus dos exércitos, por sua lei e pela observância de seus mandamentos (...) Modelados pois conforme as exortações e ensinamentos da tão sapientíssima Madre, não é de estranhar que os carmelitas descalços se ofereceram com prontidão e alegria exemplares à conversão dos bárbaros, e que regaram com abundantes suores e até com o próprio sangue, quantas vezes foi preciso, a parte da vinha do Senhor que lhes fora confiada.⁸⁷⁰

⁸⁶⁹ MHCT 3, doc. 260. MORIONES, I., El Carmelo Teresiano nació misionero, p.32-7 (tradução nossa).

⁸⁷⁰ PADRE FRAY FLORÊNCIO DEL NIÑO JESÚS. La Orden de Santa Teresa, La fundación de la Propagación Fidei y las misiones carmelitanas. Estudio histórico, Premiado en Ávila, bajo la presidencia de S.A.R, La Infanta Isabel de Borbón, en 11 de Março de 1923. Madrid: establecimiento tipográfico Nieto y compañía, 1923, p.10. Carta del Nuestro Santísimo Padre Pio XI. Con motivo del III centenario de la canonización de Santa Teresa de Jesús y de la fundación de la Congregación Propaganda Fidei. A nuestro amado hijo Fray Lucas de Maria Santísimas, Propósito Geral, y a toda orden de los religiosos carmelitas descalzos.

Neste aspecto, a Igreja vê Santa Teresa de Jesus como uma mulher que se consome, seja pelo Senhor Deus dos exércitos, mas também por seu povo, isto é, a sua Igreja, como uma mulher autenticamente da Igreja. Santa Teresa, como uma verdadeira mãe dos espirituais, realiza um ato de amor espiritual com suas orações, escritos e testemunho, compartilhando as coisas contempladas na relação pessoal com Deus, promovendo a relação da pessoa com Deus e com o próximo. Todo este empenho missionário é fruto do amor e do espírito contemplativo e apostólico de Teresa. Um amor à Igreja, à missão e às pessoas que a leva as lágrimas (C 1,2), e move o coração de seus primeiros filhos a não viverem apenas em si⁸⁷¹ e para si, mas os lança – como a exemplo de uma mãe águia – a voarem em direção à realização do mandato missionário de Cristo: “ide por todo o mundo e pregai o evangelho” (Mc 16, 28).

10.5.5

Festejar: das liturgias em prol da religião do eu para a alegria evangélica do que estava perdido e foi encontrado

Toda fundação, conversão e cada espaço e processo que se desencadeia através da obra que Deus confia a Santa Teresa é motivo para festejar o avanço do Reino de Deus no mundo. Vemos isso principalmente através das novas comunidades que Santa Teresa insistia que fossem simples e pobres, mantendo desta forma a consciência que aquilo que é mais urgente crescer é a presença do Reinado de Deus no mundo. Teresa festeja não somente o que a Trindade realiza em sua própria vida, mas aquilo que realiza na vida daqueles que se dispõem a seguir um percurso de autêntica entrega aos caminhos do Espírito. Ao modo dos atos dos apóstolos, ela mesma desenvolve uma biografia das ações do Espírito na vida de muitos que ela pessoalmente conheceu e dos quais tinha uma “santa inveja”.

O espírito da ordem (...) de tal maneira abraça a clausura do recolhimento e oração, que não exclui o zelo das almas e nem o exercício das conversões; e quem quiser ver este espírito da ordem do Carmelo descalço em todo ponto e perfeição, tratando com a Santa Madre Teresa de Jesus achará uma oração tão alta como se faz

⁸⁷¹ Compreendendo e compartilhando do espírito missional de Santa Teresa Padre Jerônimo Gracian deixa relatado: “Enviei frades as índias ocidentais, outros ao Reino do Congo na Etiópia, tudo com o conselho e ajuda da mesma Madre”. GRACIAN, J., Sermões, p.491; ZUAZÚA, D., El universo misional de Santa Teresa de Jesus, p.111-32.

presente em seus livros e um zelo de alma tão incendiado que mil vezes suspirava por poder ter a liberdade, talentos e ofícios que tinham os homens para poder trazer almas a Deus, pregando, confessando e convertendo gentios, até derramar o sangue por Cristo; e nunca me insistia em outra coisa senão que não cessasse de pregar, dando-me para isto avisos e conselhos, e que entendesse em negócios com que se deixasse de ofender a Deus e encaminhassem almas ao céu, dizendo que era impossível não querer o bem a Jesus crucificado e morto pelas almas. Daqui nasceu e criaram-se os princípios nesta vocação de ir a converter os gentios; e era tão eficaz e fervorosa que não se tratava de outra coisa com mais verdade em nossos conventos. Mas não quero dizer mais, remetendo ao que escrevo em meu livro que diz “Estímulo para propagação da fé”. Dói-me ver que tem havido alguns que, com título de perfeição, têm desejado colocar a língua neste espírito de caridade e zelo e atacar os passos dados pra as conversões que de tal maneira iam começando, somente três passaram ao Reino do Congo e batizaram mais de 40 mil almas e faziam grandes obras na administração dos sacramentos, autorizando-as o Senhor com milagres, como consta por uma relação larga que eles fizeram que tive em meu poder, e pelo que o Bispo de São Tomé escreveu a sua majestade.⁸⁷²

Para o padre Jerônimo Gracian, é preciso celebrar as vitórias de Deus e seus frutos, para além das críticas que se podem atravessar por ter se lançado a uma missão evangelizadora, compartilhando de perto a visão que Santa Teresa⁸⁷³ lhe comunicou. Com toda a diligência, procurou Padre Jerônimo manter vivo o espírito apostólico de Santa Teresa e promovê-lo com todas as energias, talentos e capacidades que possuía. Ele via, nesta visão e percepção de Teresa, um carisma apostólico e missionário, um propósito e fundamentos para o seu ser na Igreja e no mundo, que era “compartilhar o evangelho no poder do Espírito Santo”⁸⁷⁴, produzindo belos frutos de santidade e salvação. Podemos verificar o grande bem que faz o carisma teresiano para a Igreja em nossos dias. Vemos que existe um caudal de carismas que tem origem nesta experiência de Santa Teresa de Jesus. Congregações religiosas, ordem seculares, novas comunidade, novas comunidades de vida consagrada, ou seja, Santa Teresa criou, através de seu carisma, uma grande família espiritual “na” e “para” a Igreja, contribuindo de modo fascinante à missão salvífica e evangelizadora da Igreja.

A “volta às fontes”, o redescobrir e o compartilhar dos tesouros da mística através de uma adequada leitura, possibilitam perceber com maior clareza uma direção e transformação no modo de atuar e de aprofundar a experiência de

⁸⁷² Neste texto descrito pelo Padre Jerônimo Gracian se verifica a compreensão que ele possuía sobre a visão de Santa Madre Teresa a respeito do carisma que Deus lhe tinha confiado. ANA DE JESUS, Escritos e documentos. Burgos: Antonio Fortes e Restituto Palmero, 1996, p. 416-7 (tradução nossa).

⁸⁷³ MALLON, J., Manuel de survie pour les paroisses. D’une paroisse installée dans la routine à une paroisse de mission, p.273.

⁸⁷⁴ WARREN, R., Uma Igreja com propósitos, p.384.

Deus⁸⁷⁵, assim como a transformação missionária da Igreja. Neste aspecto, a espiritualidade carmelitana e de modo específico a mística teresiana oferecem grandes possibilidades à Igreja e, mesmo sendo um carisma que já faz o seu percurso desde o século XVI, ainda possuem frescor, atualidade e forças autenticamente renovadoras, e que melhor contribuem para a nova evangelização em nossos dias.

10.6 Concluindo o capítulo 10

Ao concluirmos este capítulo, mantemos em aberto a singela, mas, contudo, magnânima contribuição da mística teresiana à nova evangelização como um salutar interlocutor no modo de pensar o ardor, os métodos e as estruturas que favorecem uma melhor fecundidade na missão salvífica da Igreja. Ao abordar a diaconia da mística teresiana na nova evangelização, ressaltamos o novo itinerário lançado pelo papa Francisco em 2013, com a Exortação *Evangelii Gaudium* sobre a transformação missionária da Igreja. Um dos fatores relevante que destacamos é que esta intuição já havia sido feita por Santa Teresa no século XVI, e que, novamente após o Concílio Vaticano II, os precedentes papas atentos a esta nova chamada do Espírito Santo buscaram, cada um ao seu modo, através de exortações, decretos e cartas, convocar a Igreja novamente a mergulhar naquela que é a sua nobre missão, a de evangelizar.

Após percorrer algumas indicações apresentadas por Santa Teresa dentro de sua experiência com o crucificado ressurreto, nos posicionamos em pontos que são vitais, como a oração, o amor fraterno e o anúncio do evangelho. É a partir desses pontos que a Santa propõe, de maneira ousada e sagaz, a criatividade espiritual e missionária que é potencializada pelo Espírito Santo, transbordando na Igreja os frutos de uma maternidade e sponsalidade fecunda.

⁸⁷⁵ Um fato decisivo na vida de São João da Cruz foi quando por ocasião da sua primeira missa se encontra com Santa Teresa, e sabendo a Santa que frei João deseja sair do Carmelo da antiga observância e ir para a cartuxa, esta lhe chama a atenção a voltar às fontes e a perceber que o que ele deseja e busca, pode encontrar no Carmelo reformado. Teresa faz abrir os olhos daquele jovem padre para perceber que o novo impulso que iria dar neste novo carisma seria decisivo para a sua união transformante com Deus, e podemos afirmar que foi para ele um caminho de uma conversão pastoral, uma vez que a Santa desejava que estes dedicassem a sua vida a evangelização: “mostrei-lhe que seria grande bem que ele, desejando buscar maior perfeição, o fizesse na própria ordem; fiz-lhe ver que, assim serviria melhor o Senhor.” (F 3,17)

Destacamos aqui a proposta de uma pastoral da santidade, em que se procure voltar às fontes da espiritualidade cristã, redescobrando a beleza mistagógica da fé e seus desdobramentos espirituais e missionários. Outra inspiração importante que destacamos foi a inspiração da mística teresiana no nascimento da Congregação Propaganda Fidei, e com ela a Universidade Urbaniana, especializada na teologia da missão.

Vendo hoje a sua função de organizar e refletir sobre a distribuição de recursos para sustentar a missão, pensamos na pertinência de refletir sobre a necessidade de uma contribuição e colaboração com o dicastério da nova evangelização para canalizar as forças da Igreja a propor um novo avivamento nos contextos do mundo secularizado e pobre. Tendo como uma das urgências da Igreja a sua vocação de proclamar o evangelho, faz-se necessário refletir sobre os caminhos que estes dois dicastérios estão tomando hoje na Igreja, e como pode ser possível retomar ou ter como inspiração o anseio missionário de Teresa, de modo que todas as forças do Corpo de Cristo possam “sair” por meio dos novos movimentos e das novas comunidades, assim como do ministério teológico e pastoral, e de muitos que, através de seu ministério, possam continuar a curar os feridos pelo caminho, soerguendo e comunicando aos irmãos a alegria do evangelho através de um renovado pentecostes.

11 Conclusões

Chegamos, agora, à conclusão deste trabalho de tese que desenvolvemos no decorrer de dez capítulos, divididos em três partes. Na primeira parte dos quatro capítulos iniciais, abordamos sua gênese e seu aspecto teológico, assim como a sua relevância a partir do conceito de nova evangelização e os seus desdobramentos na esteira do Concílio Vaticano II. Posteriormente, nas duas últimas partes da tese, que contém seis capítulos, trouxemos o pensamento teresiano e sua mística apostólica, obtendo, desse modo, um olhar e uma consciência de ter trazido ao território da nova evangelização uma significativa perspectiva da grandeza das obras e do testemunho da mística abulense. Contudo, os passos dados neste universo da mística teresiana não são um fator que esgota as possibilidades de abordagem da nova evangelização a partir das lentes da mística de Santa Teresa, mas é uma tentativa de pensar e refletir como Teresa, uma mulher profundamente contemplativa e apostólica⁸⁷⁶, nos permite cavar através do labor teológico o seu pensamento, obras e vida, extraindo reflexões, intuições e percepções que podem dilatar a visão da nova evangelização, da pastoralidade da Igreja e sua missão atual na no mundo.

Nossa pretensão é abrir caminhos de aproximação quanto às formas de abordagem de uma leitura da nova evangelização a partir da mística teresiana, apresentando, despertando e, na linguagem da Santa, “engulosinando” um interesse sempre maior em avançar no tema da nova evangelização, perscrutando elementos preciosos do depósito da fé que estão disponíveis através da vida desta peculiar, sutil e sapiencial mística castelhana. Uma aproximação deste tesouro da espiritualidade possibilitará um discernimento frutuoso para o grande empreendimento que é a nova evangelização em nossos dias.

Ao partir do chamado universal à santidade, destacado pelo Concílio Vaticano II na LG n.32, verificamos uma importante verdade apresentada de modo mais amplo pela Igreja, que é o chamado de cada cristão a viver a santidade dentro de seu estado de vida. A santidade não é um patrimônio exclusivo da vida consagrada ou sacerdotal, mas é um chamamento, a partir do batismo, a esta

⁸⁷⁶ 7M 4,12.

configuração com Cristo. Dentro da experiência vivida por Santa Teresa de Jesus, verificamos esta verdade descrita nos livros *Caminho de Perfeição*, *Castelo Interior* e *Livro da Vida*, quando ela descreve todo um itinerário de união com Deus, onde o lugar mais apropriado para dispor-se a esta união é a vida. Para Santa Teresa de Jesus, a oração e a santidade não estão desconectadas da vida, assim como nossas relações com Deus, pois é na vida que se deve fazer brilhar nossas escolhas e nossa decisão pelo Reino de Deus.

Ao estabelecer uma aproximação teológica do pensamento da Santa, constatamos que, em Teresa, a via antropológica apresenta Deus como suporte do viver, mover e existir da pessoa (cf. At 17,28), e esse é o ponto de partida para pensar sobre Deus na nossa humanidade. Quando mergulhamos em uma leitura atenta no livro *Castelo Interior*, vemos a grande tarefa apresentada pela Santa em descrever as formas como a graça de Deus atua na pessoa, e como a pessoa aberta à ação do Espírito Santo acolhe na liberdade de seu ser essa graça. Todas as moradas apresentadas por Teresa no *Castelo Interior* são formas pelas quais o Espírito Santo une a pessoa, e a faz compartilhar o amor de Deus. Viver essa relação com Deus, que se dá no castelo, é viver uma experiência de transformação e de libertação, que permite tornar-se pessoa na relação com Deus e seu mistério, e, por conseguinte, com as pessoas. Deus não pode ser pensado, para Teresa, fora desta categoria de relação. É na relação transformante com Deus que o ser humano se abre a uma relação qualitativa e significativa com outras pessoas. Fora desta relação de autenticidade e de abertura à singularidade de cada pessoa e sua alteridade, toda a experiência de fé pode ser questionada se de fato é autêntica e edificante.

Um dos elementos fundamentais que a nova evangelização pode de modo significativo propor em nossos dias é o caminho de acolhimento da fé, considerando a constituição e índole próprias de cada pessoa que, aberta a um itinerário de transformação e transfiguração, pode ser fecunda para o Reino de Deus. Ao descrever a relação da pessoa nas moradas, Santa Teresa não pretende refletir sobre as moradas como se fossem degraus a subir, ou etapas a serem superadas, mas apresenta o castelo interior como um lugar de encontro, de união e amor, um lugar onde a fé, a esperança e o amor são vividos e conduzem a pessoa a uma vida plena de sentido.

Uma importante abordagem que destacamos nos escritos teresianos é com relação às experiências trinitárias vividas por Santa Teresa no decorrer de sua vida. Experiências estas que coletamos de diversos escritos seus e que apresentam sua relação com a Trindade. Elas vão abrindo a inteligência da Santa de modo que compreenda a sua missão no mundo. As experiências trinitárias em Teresa, mesmo que tenham uma conotação profundamente pessoal, possibilitam abertura para uma realidade maior, pois a colocam diante dos propósitos e interesses de Deus para com a humanidade. Santa Teresa de Jesus se torna uma grande colaboradora de um projeto que tem, como encaminhamento principal, a vida do ser humano e a maior glória de Deus. A visão de Deus, em Santa Teresa, assume uma conotação semelhante à de Santo Ireneo, no sentido que, para ambos, a “glória do homem é Deus, mas o receptáculo de toda ação de Deus, de sua sabedoria, de seu poder é o homem”⁸⁷⁷.

Com uma abordagem trinitária e antropológica, Santa Teresa visualiza os desdobramentos sociais de suas experiências pessoais. Quando pensamos nas dimensões sociais da Santíssima Trindade, não supomos nada estranho à vida humana, pois quanto mais profundo for o mistério que contém a presença e o Ser de Deus, mais demanda há por simplicidade para acolher tal mistério. Teresa tem a consciência de que sua vida está associada ao mistério da Trindade através de seu batismo e de sua existência cristã no mundo. É a partir daí que Teresa desperta para viver este mistério nupcial, um mistério que envolve toda sua vida e a conecta com o mistério da salvação do qual a Igreja é servidora. Aqui apreciamos, então, um valioso aspecto que buscamos acentuar na tese, que é a relação de Santa Teresa com a Igreja, ou a abordagem eclesiológica da mística teresiana e sua contribuição à nova evangelização. Teresa é uma mulher profundamente eclesial. Todos os seus empreendimentos de evangelização têm em vista a realização da missão salvífica que a Igreja recebeu de seu Senhor e pela qual o Corpo de Cristo está presente no mundo. Perder a noção de que a esposa de Cristo é a servidora por excelência da verdade de Deus é cair em gravíssimo erro, que não permite adentrar mais profundamente no sentido e no mistério da Igreja e de seu Esposo-Cristo. Impressiona-nos, no decorrer dos escritos teresianos, perceber como Santa Teresa possui toda uma prudência admirável quando fala da Igreja, e o faz sempre

⁸⁷⁷ Santo Ireneu de Lion, *Adversus haereses*, L. III, 20, 2-3.

com um “santo pudor”, pois para ela, mesmo os defeitos de seus filhos não correspondem à grandeza daquilo que ela é dentro do mistério que a envolve. Teresa dá a sua vida, e se pudesse daria “mil vidas”⁸⁷⁸, pela Igreja.

Ao descrever, em outro momento, o seu desejo de “dar a vida por uma só cerimônia da Igreja”⁸⁷⁹, Teresa demonstra que o seu coração e os seus pensamentos caminham na mesma direção que os do Esposo da Igreja, pois ela vive neste e deste mistério sponsal. A sponsalidade da Igreja na pessoa de seus leigos, consagrados e prelados não podem ser estéril. Pertencer ao corpo de Cristo é frutificar positivamente nesse corpo.

Um consagrado, leigo ou sacerdote que não frutifica, e que não percebe a urgência de sua paternidade ou maternidade no Corpo de Cristo, necessita rever a sua entrega e a sua missão. Necessita perceber o que o impede de ser fecundo pelo Reino de Deus, seja junto aos pobres, seja em outros ambientes e camadas da sociedade, pois uma consagração fecunda ou uma abertura à dimensão batismal que seja frutuosa permitirá sempre ao cristão contribuir para que a Igreja continue sinalizando os valores do Reino de Deus, e de certa forma, atualizando a presença do Reino através da graça, misericórdia e do amor que o Senhor confia à sua esposa. É através da sua presença, por meio de uma ação pastoral, que ela atua presentificando o agir de Cristo em meio ao seu povo, através de palavras e principalmente de ações.

Ao pensarmos a nova evangelização dentro da perspectiva da missão como chave de leitura proposta pelo papa Francisco, com o atual paradigma da transformação missionária da Igreja, compreendemos a fecundidade da dimensão pastoral. Mesmo a pastoral ordinária da Igreja deve ser percebida neste grande projeto missionário que pretende colocar todas as atividades da Igreja dentro deste novo conteúdo programático, em que tudo se torna missão e meio de anunciar a alegria do evangelho (EG n.27). Em Teresa, este paradigma está bem presente, a mística teresiana exerce o ministério da diaconia na missão evangelizadora da Igreja, e deseja ser, dentro dos impulsos da nova evangelização, uma presença servidora, ao passo que oferece inúmeros recursos de discernimento à evangelização. Santa Teresa, com seu espírito missionário, ao transmitir por palavras e atos seu espírito apostólico aos que recebiam a sua influência,

⁸⁷⁸ V 34,16.

⁸⁷⁹ V 33,5.

propunha que, através de diversos meios disponíveis em sua época, o conhecimento de Deus avançasse buscando utilizar todas as formas possíveis para transmitir a fé – através do testemunho diário, vivendo virtuosamente a relação com Deus e com os irmãos, e também através da pastoral ordinária da Igreja. Outra forma contemplada por Teresa são as missões *ad gentes*, em que se busca promover a fé dos que, sendo batizados, são incorporados à comunidade eclesial (EG n.14). Vários são os caminhos pelos quais a fé pode ser despertada no coração e na alma de cada pessoa segundo Teresa. Seja através da partilha das coisas contempladas na oração, através dos livros, que para Teresa eram um meio excelente de tornar conhecidos os caminhos pelos quais o Espírito Santo conduz à pessoa a Deus, seja através de sua multiforme maneira de atuar, os sermões, os sacramentos, os encontros e colóquios, ou seja, todos os meios possíveis são pensados por ela como caminhos pelos quais Deus pode encontrar espaço e oportunidade para dilatar sua presença no mundo.

Em nossos dias, a Igreja está profundamente empenhada na evangelização através dos meios de comunicação, entretanto, o grande desafio não é o de se fazer presente na mídia, mas o conteúdo do que comunicamos neste continente digital. O papa Francisco indica a necessidade de concentrar-se no “essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG n.35), apresentando de modo relevante a “beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG n.36). Acentua que “as obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito” (EG n.37). Deste modo podemos afirmar que o papa Francisco compreende que “cada verdade entende-se melhor se a colocarmos em relação à totalidade harmoniosa da mensagem cristã: e, neste contexto, todas as verdades têm a sua importância e iluminam-se reciprocamente” (EG n.39).

Estas referências ao pensamento de Francisco quanto à beleza da fé, e a sua transmissão através dos meios de comunicação, podemos relacionar com o necessário auxílio que a mística teresiana oferece à evangelização. Ir ao coração da mensagem de Santa Teresa de Jesus e apresentá-la de modo atraente, bela e humana, porque espiritual, permite uma aproximação e desafia a uma experiência com a pessoa de Jesus Cristo. Um dos elementos fundamentais nos escritos de Santa Teresa de Jesus é a riqueza narrativa de suas experiências com a pessoa de

Jesus. A leitura das experiências espirituais vividas por Teresa com Jesus presente no grande corpo de suas obras e a tradução dessas experiências, de um modo que se perceba o extraordinário comunicando sentido no ordinário da vida, possibilitam perceber a riqueza existencial, dogmática, antropológica e pastoral destes eventos, que podem atuar como uma espécie de *midrash*, trazendo consigo múltiplas formas de interpretação e de significação profunda da fé, e de sua pertinência na práxis da Igreja hoje.

Dentro do mosaico de diversas possibilidades e motivações que a mística teresiana oferece para a evangelização na Igreja, vemos a providência de Deus que atuou por meio de um dos mais insignes filhos no carisma teresiano, o Padre Jerônimo Gracian. Ele se tornou um instrumento de grande monta nas mãos da providência divina como colaborador de Teresa, que se utilizou de sua vida para desencadear na Igreja uma evangelização que pode contar com todos os recursos e meios possíveis para levar o Evangelho aos mais distantes lugares possíveis. Estamos falando da *Propaganda Fidei*, que possuía na Igreja esta liberdade de publicação de livros que fossem direcionados à evangelização nas próprias línguas vernáculas, estratégia que a Espanha bem conhecia e utilizava⁸⁸⁰. Foi o espírito evangelizador da mística teresiana, dilatado através do acolhimento e da fidelidade dos filhos de Teresa e outros missionários, que possibilitou ampliar a transmissão da fé para diversos continentes onde a fé cristã ainda não estava presente.

Destacamos, na última parte da tese, a verificação de que Santa Teresa de Jesus é uma autêntica discípula missionária de Jesus Cristo e uma eficiente formadora de novos evangelizadores com espírito. A “mãe dos espirituais” traz consigo uma grande experiência evangelizadora, na sua pessoa se sintetizam as experiências espirituais de toda natureza – desde visões, locuções interiores, encontros trinitários até a admiração e o fascínio de ver Deus atuando providencialmente através dos pequeninos (F 15,6-8) para que sua obra possa seguir em frente, como ocorreu no caso da fundação do mosteiro de Toledo.

⁸⁸⁰ A partir de 1530 a 1559 notou-se uma grande expansão das gráficas castelhanas no sentido de publicação de livros de espiritualidade. São mais de 198 títulos dos quais as edições dos Abbedários de Francisco de Osuna, Laredo e Palma, São João de Ávila com a obra Audi filia (1556), e libro de oración y meditación (1554) e guia de pecadores (1555-1556) de Luís de Granada. Entretanto, as obras de Santa Teresa foram um acontecimento posterior sendo publicadas somente em 1588, sei anos após a sua morte, tendo por editor Frei Luis de Leão com a primeira edição princeps. PEDROSA-PÁDUA, L., Santa Teresa de Jesus: mística e humanização, p.34.

Confiando apenas nos recursos e nas informações de nobres da cidade, nada encontra de satisfatório para iniciar a fundação pretendida em Toledo, até o momento em que um pobrezinho lhe indica, com precisão, a casa em que melhor ela poderia dar início, e contrariando o parecer de algumas irmãs a Santa segue o que indica aquele rapaz pobre. O que até aquele momento tinha sido esforço em vão se transforma no início de uma nova fundação. Teresa percebe, nesse episódio, o atuar de Deus na história por meio daqueles que menos ou pouco se espera, mas são esses os privilegiados do Reino, os mesmos aos quais Jesus enviou seus Apóstolos a evangelizar por primeiro (cf. Lc 4, 18.19).

Esta é a vida de Teresa, uma vida que inspira disponibilidade a Deus. Dispor-se é a palavra chave para compreender o atuar de Deus na vida de um cristão, para ela. Essa disponibilidade marca as atividades de Teresa, desde acolher o carisma fundacional que o Senhor lhe comunica até a contribuição pastoral em servir a Igreja em suas necessidades mais próximas, como o seu priorado no mosteiro da encarnação em Ávila, assim como em ser uma grande missionária pelas estradas de Castilha e Andaluzia, através das novas fundações que o Senhor a impele a realizar.

A abertura universal de Teresa à missão lhe permite acolher a partir de dentro, e com alma, o que em terras americanas vai sucedendo à família Cepeda y Ahumada. Os assuntos destas terras foram temas de frequente atenção e diálogos familiares. Recordemos que Lorenzo, seu irmão, envia providencialmente dinheiro para saldar as dívidas da compra e adequação da instável casa que se converteu no convento de São José. É maravilhoso perceber que, nestas terras americanas, como no início da fundação teresiana, surgiu um dos belos frutos formados e conhecidos pela Santa, a sua primeira vocação americana: sua sobrinha “Teresita”.⁸⁸¹

Quando pensamos a nova evangelização e a mística teresiana, nos reportamos a um programa lançado a toda a Igreja, e que tem a América Latina e o Caribe como um continente da esperança⁸⁸². Constatamos este apreço à América Latina e ao Caribe no sentido de ser um continente onde a nova evangelização e a transmissão da fé se encontram muito presentes em vários setores do tecido

⁸⁸¹ ESCOBAR AGUILAR, O., Manual de discernimento teresiano, p.197.

⁸⁸² Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil.html visto 27/11/2019 Acesso em: 31 ago 2019.

eclesial. Quando nos recordamos das cinco Conferências Episcopais dos Bispos Latino-americanos e do Caribe, vemos como a Igreja, com grande determinação, abraça o desafio de fazer com que a memória, a vida e a presença de Deus sejam realidade em meio a esse povo que muito tem contribuído com sua generosidade e gratuidade para o anúncio do evangelho. Essa contribuição se efetivou até o ponto de “provocar”, de certa forma, um sínodo específico, como foi o da Nova Evangelização no ano de 2012, tendo como inspiração o grande evento que foi a Conferência Episcopal Latino-americana realizada em Aparecida no ano de 2007.

À luz da mística teresiana, a nova evangelização⁸⁸³, em seu rosto atualizado e revisado pela *Evangelii Gaudium* de 2013 do Papa Francisco, e tendo como conteúdo programático a transformação missionária da Igreja, retorna à fonte e ao propósito inicial do acolhimento do mandato missionário de Jesus (Mc 16, 15-18), que bem souberam traduzir Teresa de Jesus e Inácio de Loyola, buscando colocar já no século XVI toda a Igreja numa chave de leitura missionária. Tinham o intuito de trazer a estas terras latino-americanas a fé, não numa perspectiva de domínio e de controle, mas de partilha daquilo que é o tesouro que configurou por séculos o continente europeu, isto é, a fé na pessoa de Jesus Cristo. Urge a necessidade de que, nestes dias, retomemos a intenção nuclear de autênticos missionários, como foi Teresa nas terras de Castilha, onde demonstrou com a sua vida que, mais do que pensar no alargamento de uma autoridade real e hieroclerical, pensava na expansão do reinado de Deus, através da mensagem salvífica e fontal de Jesus, que produz uma nova família e uma nova humanidade a partir da fé e do encontro com a sua pessoa.

Neste trabalho, buscamos fazer ressoar novamente a voz de Teresa, seja no cuidado que se deve ter nos grandes empreendimentos missionários em prol do Reino de Deus, como é o caso específico das missões *ad gentes*, seja quanto ao avivamento necessário de estruturas que já possuem um rosto, contudo faltam, como diz Teresa, “ânimos-animados” de viver e redescobrir os sinais do Espírito Santo em cada situação nova em que a Igreja se encontra. E, por fim, transmitir pelo testemunho de entrega, e na configuração a Cristo por meio das virtudes

⁸⁸³ Um Congresso internacional missionário que refletiu sobre a nova evangelização e a mística teresiana em seus desdobramentos missionários foi o que ocorreu em São Roque, São Paulo, tendo como fator importante e motivador o sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização e a transmissão da fé ocorrido no mesmo ano de 2012 em Roma. ACTAS DEL CONGRESO INTERNACIONAL MISIONERO OCD. São Roque, 24-27 de Julio de 2012. La Evangelización en una sociedad plural. Revista de estudios carmelitanos, v.120, Burgos, n.3, 2012.

teologais dentro do estado de vida que cada discípulo missionário assumiu, a disponibilidade existencial para as investidas da graça de Deus, permitindo que no estreitamento de uma relação salutar com Deus cada cristão fecunde com alegria e irradie com prazer a beleza da arte de viver, ou seja, de permitir que sua vida seja uma bela e boa notícia de Deus para o mundo.

Obras de Santa Teresa

SANTA TERESA DE JESUS. **Obras Completas**. Coord. Frei Patrício Sciadini. Trad. T. Álvarez. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 1995.

SANTA TERESA DE JESUS. **Cartas de la Gloriosa madre santa Teresa de Jesús**. Con Notas del Excelentísimo y Reverendísimo don Juan de Palafox y Mendoza, Obispo de Osma, del Consejo de su Majestad, Recogidas por Orden del Reverendísimo Padre Fray Diego de la Presentación, General de los Carmelitas Descalzos de la primitiva Observancia Dedicadas a la Majestad del Rey don Felipe Quarto Nuestro Señor. Diego Dormer (ed.). Tomo I, Primera y Segunda Parte. Zaragoza: 1658 [Tomos I e II].

SANTA TERESA DE JESÚS. **Cartas de Santa Teresa de Jesús, Madre y Fundadora de la Reforma de la Orden de Nuestra Señora del Carmen, de la primitiva Observancia**. Con Notas del P. Fray Pedro de la Anunciación, Lector de Teología de los Carmelitas Descalzos de Pamplona. Francisco Foppens (ed.). Tomo Segundo. Brussels: 1674. [Tomos III y IV]

SANTA TERESA DE JESÚS. **Cartas de Santa Teresa de Jesús Madre y Fundadora de la Reforma de la Orden de Nuestra Señora del Carmen de la primitiva observanci**. Con notas del R. P. Fr. Antonio de San Joseph, religioso Carmelita Descalzo. Tomos III y IV. Madrid: Imprenta de Joseph Doblado, 1771.

SANTA TERESA. **Escritos de Santa Teresa**. Añadidos e ilustrados por don Vicente de la Fuente. Tomo II (Cartas). Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1862. [La introducción - 50 páginas - a las cartas teresianas recoge los trabajos de los copistas del siglo anterior, Manuel de Santa María y Tomás de Aquino, copistas y investigadores del epistolario].

_____. **Obras de Santa Teresa de Jesús**. Editadas y anotadas por el p. Silverio de Santa Teresa C.D. Epistolario (I, II, III), Biblioteca Mística Carmelitana T. VII – IX. Burgos: Tipografía El Monte Carmelo, 1922.

_____. **Obras Completas**. T. III. Introducción general. Epistolario. Memoriales. Letras recibidas. Dichos. Nueva revisión del texto original con notas críticas. Edición preparada por los padres Fr. Efrén de la Madre de Dios, O.C.D., Fr. Otger Steggink, O.Carm. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1959.

_____. **Cartas** (Edición preparada por Tomás Álvarez). Burgos: Editorial Monte Carmelo, 1997.

Bibliografía sobre a autora

AA.VV. **La recepción de los místicos: Teresa de Jesús y Juan de la Cruz.** Salamanca-Avila, Universidad Pontificia - Centro Internacional Teresiano-Sanjuanista, 1997.

AA.VV. **Teresa de Jesús y Juan de la Cruz: Convergencias, divergencias, influencias.** Burgos: Monte Carmelo, 1989.

ÁLVAREZ-SUÁREZ, T. **Itinerario y experiencia de Dios desde San Juan de la Cruz.** Monte Carmelo, n.99, 1986.

_____. **El “Libro de las Fundaciones” de Santa Teresa de Jesús.** Teresianum, n.62, p.365-96, 2011.

_____. **Estudios teresianos I. Biografía e História.** Monte Carmelo. Antecedentes Literários de Camino de perfección, 1996.

_____. **Guía al interior del castillo.** Lectura espiritual de las “moradas”. Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus para aprender e ensinar.** Trad. Frei Antônio João Perim. São Paulo: Carmelitana, 2011.

_____. **Jesús Cristo em la experiênciã de Santa Teresa.** Estudios Teresianos, Burgos, v.III, p.11-43, 1996.

_____. **Santa Teresa y los movimientos espirituales de su tempo.** Estudios Teresianos, Burgos, v.I, p. 405-46, 1995.

_____. **Comentarios al “libro de la Vida” de Santa Teresa de Jesús.** Burgos: Monte Carmelo, 2009.

_____. **Comentarios al libro de las “fundaciones” de Santa Teresa de Jesús.** Burgos: Monte Carmelo, 2011.

_____. **Paso a paso. Leyendo con Teresa su Camino de Perfección.** Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. **Comentarios a Las Cartas de Santa Teresa de Jesús.** Burgos: Monte Carmelo, 2012.

_____. Teresa de Jesús. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. **Diccionario teológico. El Dios cristiano.** Salamanca: Secretariado trinitario, 1992 p. 1344-5.

_____. Teresa de Jesús mística. **Vita Cristiana ed esperienza mística.** Teresianum, Roma, 1982.

_____; PASCUAL, Rafael. **Estudios Teresianos V. Autógrafos de Santa Teresa de Jesús en Europa y América.** Burgos: Monte Carmelo, 2014.

ALMANSA CALERO, Julio. **Mística y realismo en los tiempos recios de la Reforma teresiana.** Santa Teresa a través de su epistolario (1576-1579). Burgos: Monte Carmelo, 2013.

ANA DE SAN BARTOLOME. **Discípula y heredera de S. Teresa.** Obras Completas. Edición preparada por Julian Urkiza. Burgos: Monte Carmelo, 1999.

ARRONDO, ANTONIO. **El Itinerario Espiritual en El Castillo Interior. Actas...** Cuarto Congreso internacional Teresiano en preparación del IV Centenario de su nacimiento (1515-2015), Las Moradas Del Castillo interior. Burgos: Monte Carmelo, 2014.

_____. El itinerario espiritual en el Castillo Interior. **Revista de Espiritualidad**, n.72, 2013.

ASIN-PALACIOS, Miguel. **El símil de y moradas en La mística islámica y en Teresa de Jesús.** Al-Andalus, n.11, p.243-74, 1946.

BARRENA SANCHEZ, J. **Teresa de Jesús, una mujer educadora.** Diputación Provincial de Ávila, 2000.

CASTRO SÁNCHEZ, Secundino. **El Dios de la promesa, de la tierra y de la historia en el libro de Fundaciones. Reflexión teológica, y bíblico-literaria sobre el libro de Fundaciones.** Burgos: Monte Carmelo, 2013.

_____. **El fulgor de la palabra. Nueva comprensión de Teresa de Jesús.** Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2012.

_____. **Cristología teresiana.** Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1978.

_____. **Ser cristiano según Santa Teresa.** Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1981.

_____. **Cristo, vida del hombre. (El camino cristológico de Teresa confrontado con el de Juan de la Cruz).** Madrid: EDE, 1991.

_____. **Santa Teresa de Jesús: nuevas claves de lectura (gracia, libertad y salvación).** Burgos, 1980.

_____. Jesucristo, plenitud de moradas, o moradas la Revelación una cristofanía. **Revista de Espiritualidad**, n.72, p.485-513, 2013.

CASTELLANO CERVERA, Jesús. El entremado bíblico del Castillo Interior. **Revista de Espiritualidad**, n.56 p.119-42, 1977.

_____. **El Doctorado de Santa Teresa y su nueva presencia teológica. Balance y perspectivas.** La recepción de los místicos Teresa de Jesús y Juan de la Cruz. Salamanca, 1997.

_____. CUARTAS LONDOÑO, R. **Camino de Perfeccion de Santa Teresa de Jesús.** Actas... II Congreso Internacional Teresiano em preparacion del V Centenario de su nacimiento (1515-2015).

CUARTAS LONDOÑO, Rómulo. **Experiencia trinitaria de Santa Teresa de Jesús.** Burgos: Monte Carmelo, 2004.

GARCIA, Maximiliano Herraiz. Teresa de Jesús. Experiencia Trinitaria. **Revista de estudios e información carmelitanos**, Burgos, v.109, 2001.

_____. **Oração história de amizade.** 2.ed. São Paulo: Edições carmelitanas-Loyola, 2001.

GIL MUÑOZ, Teresa. **La noche oscura en el itinerario espiritual.** Interpretación cristológica. *Teresianum*, n.68, p.49-86, 2017.

_____. **Castillo Interior. Hacia La Morada principal atravesando noches.** Actas... IV Congreso. Castillo Interior. Burgos: Monte Carmelo, p.355.

_____. **La noche oscura de Teresa de Jesús (aproximación, fenomenológica, teológica e mistagógica).** Madrid, 2016. Tesis para la obtención del grado de doctor. Director: Prof. Dr. Juan Antonio Marcos Rodriguez, O.C.D. Universidad Pontificia de Comillas. Facultade de Teologia. Instituto universitário de espiritualidade.

GÓMEZ DIAZ, J. **Las moradas de Santa Teresa: Teologia del seguimiento de Cristo.** Madrid, 2018. Obtención del grado de doctor. Director: Dr. Juan Marcos, O.C.D. Universidad Pontificia de Comillas. Facultade de Teologia. Instituto universitário de espiritualidade.

HERRÁIZ, Maximiliano. **Teresa de Jesús, testigo y teóloga de la misericordia de Dios.** Cites-Ávila, 2013.

INACH, Victória Cohen. **Con èl a solas. Las cartas de Santa Teresa de Jesús a Jerónimo Gracian.** Universidad Nacionl de Tucumán/ Conicet-Argentina, n.10, Diciembre, 2006.

JEAN, M. L. **Marcher dans L'humilité Thérèse D'Avila et La théologie de La justification.** Toulouse: Éditions du Carmel, 2003.

LAURIER, Jean-Marie. **Marcher Dans L'Humilité. Thérèse D' Avila et la théologie de la Justification.** Toulouse: Éditions du Carmel, 2003.

MADRIGAL, Santiago. **Renovación y reforma de la Iglesia: una perspectiva histórica.** Aula de estudios sobre religión. XXI Curso de teologia. Ciclo III. En el

V Centenario de Santa Teresa de Jesús. Santander, Universidad Pontificia Comillas de Madrid, 17 de Febrero de 2015a.

_____. **Renovación y reforma de la Iglesia: una perspectiva histórica. Aula de estudios sobre religión XXXI.** Curso de Teología. Ciclo III. En el V Centenario de Santa Teresa de Jesús. Santander, Universidad Pontificia Comillas de Madrid, 17 de Febrero de 2015b.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. **Santa Teresa de Jesus: mística e humanização.** São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Mística e profecia na espiritualidade cristã. O testemunho de santa Teresa de Jesus.** Horizonte, Belo Horizonte, v.10, n.27, p.757-78, jul/set 2012.

_____. **O mistério de Deus em Santa Teresa. Experiência do mistério trinitário na obra de Teresa de Jesus.** Rio de Janeiro, 2001. 2v. Tese de doutorado em Teologia. Pontificia Universidade Católica do Rio Janeiro.

ROS GARCÍA, S. **Amor y libertas en el epistolario teresiano. Revista de Espiritualidad,** n.44, 1985.

_____. **Mística e siglo XXI: La seducción de los místicos Teresa de Jesús y San Juan de La Cruz.** Monte Carmelo, n.109, p. 47-61, 2001.

ROS GARCÍA, S. **Amor y libertas en el epistolario teresiano. Revista de Espiritualidad,** n.44, 1985.

_____. **Mística e siglo XXI: La seducción de los místicos Teresa de Jesús y San Juan de La Cruz.** Monte Carmelo, n.109, p. 47-61, 2001.

ROYO, M. A. **Doctoras de La Iglesia: doctrina espiritual de Santa Teresa de Jesús y Santa Catalina de Siena.** 3.ed. Madrid: BAC, 1979.

SALGADO, Félix Herdero. **La figura humana e espiritual de Santa Teresa de Jesús en los sermones de su beatificación. 1614. Monte Carmelo Revista de estudios y información carmelitanos,** Burgos, v.115, n.1, p.11-52, 2007.

SANCHO FERMÍN, F. J.; CUARTAS LONDOÑO, Rómulo (Dirs.). **Camino de Perfeccion de Santa Teresa de Jesús.** II Congreso International Teresiano preparation del V Centenario de su nacimiento - 1515-2015.

SANCHO FERMÍN, F. J.; NAWOJOWSKI, Jerzy. **Epistolario y Escritos breves de Santa Teresa de Jesús. Actas...** V Congreso Internacional Teresiano, Monte Carmelo – CITEs. Universidad de la Mística, Burgos 2015.

SICARI, Antonio Maria. **El “Castillo interior” de Santa Teresa de Ávila.** Con La introducción de El inaccesible Castillo de Franz Kafka e Santa Teresa de Ávila. Itália: Asociación cultural Archa, 2015.

_____. **Il "Castello interiore" di Santa Teresa de Ávila.** Milano: Editoriale Jaca Book Spa, 2006.

TEIXEIRA, Faustino. **Moradas de Santa Teresa.** REB, Petrópolis, v.76, n.301, p.75-109, jan/mar 2016.

VICENTE DE LA FUENTE. **Escritos de Santa Teresa, I.** Madrid, 1952. [BAE, 53, 1999]

WILHÉLEM, François Régis. **Dieu dans L'áction. La mystique Apostolique selon Thérèse D'Avila.** Toulouse: Éditions du Carmel, 1992.

ZACHARIE, Igirukwayo. **Dimora-dimorare: antropologia dell'unione nel Castello Interiore di santa Teresa.** Teresianum, n.66, p.259-82, 2015.

ZUAZÚA, Dámaso. **El universo misional de Santa Teresa de Jesus. Monte Carmelo,** Burgos, v.124, n.1, p.111-32, 2016.

Documentos do Magistério

BENTO XVI. **Caritas in veritate.** Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Deus caritas est.** Carta Encíclica. São Paulo: Paulus; Loyola, 2005.

_____. **O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos.** Uma conversa com Peter Seewald. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Silêncio e Palavra: Caminhos de Evangelização.** Dia das Comunicações Sociais, 20 de maio de 2012. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. **A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã.** São Paulo: CNBB, 2013.

_____. **Deus caritas est.** Carta Encíclica. São Paulo: Paulus-Loyola, 2005.

RATZINGER, J. **Il nuovo popolo di Dio.** Bréscia: Queriniana, 1971.

_____. **Conferência pronunciada no Congresso de catequistas e professores de religião. 2000.** L'osservatore romano, Roma, 19 jan 2001.

_____. **Fé, Verdade, Tolerância. O cristianismo e as grandes religiões do mundo.** 2005. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2007.

_____. **Mirar a Cristo: Exercícios de fé, esperança e amor.** Valência: Ediap, 1990.

_____; VON BALTHASAR, H. U. **Maria Madre de la Iglesia.** Madrid: Narcea, 1982.

BERGOGLIO, JORGE. **Sobre a acusação de si mesmo**. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

_____. **Meditaciones para Religiosos**. San Miguel, Buenos Aires: Ed. Diego de Torres, 1982.

_____. **Educar: exigência e paixão**. Desafios para educadores cristãos. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

_____. **Anunciar o Evangelho (mensagem aos catequistas)**. Campinas: CEDET, 2013, p.43.

BLANCO, Pablo. **Joseph Ratzinger: uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005.

_____. **Mente aberta, coração que crê**. São Paulo: Ave Maria, 2013.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

_____. **Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2013.

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica pós-Sinodal Pastores DaboVobis**. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**, São Paulo Paulinas, 2001.

_____. **Catequese. Audiência Geral** de 24 de Abril de 1991: Insegnamento XIV/1. Editrice Vaticano, 1991.

_____. **Exortação Apostólica Christifideles Laici**, n.8; AAS 81 (1989).

_____. **Insegnamenti di Giovanni Paolo II**. Homilia de João Paulo II na abertura da CELAM, em Puebla.

_____. **Discurso à XIX Assembleia do CELAM**, Porto Príncipe, Haiti, 9 de março de 1983, 3; AAS 75 I, 1983, 778.

_____. **Novo Milênio Ineunte**. Carta Apostólica. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. **La fe según San Juan de la Cruz**. Madrid: EDICA, 1979.

_____. Exortação Apostólica pós-sinodal **Vita Consecrata**. Sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Discurso a XIX Assembleia do CELAM, Porto Príncipe, Haiti**, 9 de março de 1983, 3; AAS 75 I, 1983, 778.

PAULO VI. **Discurso à Cúria Romana**. 21 set 1963.

_____. **Discurso inaugural da última sessão do Concílio.** 14 de setembro de 1965.

_____. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi.** N. 41: AAS 68, 1976.

_____. **Discurso aos Cardeais.** 24 de junho de 1967.

PIO XII. **Radio mensaje de Navidad,** 1943 (tradução nossa).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ave-Maria; Loyola, 1993.

CELAM. **Conclusões de Medellín.** São Paulo: Edições Paulinas, 1970.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, **Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental** – Subsídios 4, 2009.

_____. **Evangelização e missão profética da Igreja:** Novos desafios, n. 80.

_____. **Cristãos Leigos e Leigas na e na sociedade. Sal da Terra e Luz do mundo** (Mt 5, 13-14). 105. 54ª Assembleia Geral. Aparecida, 2016. Texto Aprovado 14 de abril de 2016, p.83.

_____. **A Nova evangelização para a transmissão de fé cristã.** São Paulo: CNBB, 2013.

_____. **Evangelização e missão profética da Igreja.** Novos desafios. Texto aprovado pela 43ª Assembleia Geral, Itaiaci. Indaiatuba (SP), 9 a 17 de agosto de 2005. São Paulo: Paulinas.

_____. **Evangelização e missão profética da Igreja.** Novos desafios. n.80. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Meditação do Papa Bento XVI durante a oração da Hora Tercia na inauguração dos trabalhos do Sínodo dos Bispos.** A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã. São Paulo: CNBB, 2013.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Teologia hoje:** perspectivas, princípios e critérios. Brasília: CNBB, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Nota Doutrinal sobre alguns Aspectos da Evangelização.** São Paulo: Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Carta circular sobre:** A Identidade Missionária do Presbítero na Igreja como dimensão intrínseca do exercício dos Tria Munera. (Doc 5) Brasília: CNBB, 2011.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.** 13-31 de maio de 2017. São Paulo: CNBB; Paulus; Paulinas.

DOCUMENTO DE PUEBLA. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina.** Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Puebla de los Angeles, México. 27-1 a 13-2 de 1979. São Paulo: Paulinas, 1979.

DOCUMENTO SANTO DOMINGO. **Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã.** Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 18 a 28 de outubro de 1992. CELAM. São Paulo: Loyola, 1992.

L' OSSERVATORE ROMANO. **Textos apresentados na XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos de 2012.** Vaticano, 2012.

SÍNODO DOS BISPOS. XIII Assembleia Geral Ordinária. **A nova evangelização para a transmissão da fé cristã.** (Lineamenta). Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos-Editrice Vaticana, 2012.

PONTIFICIA COMISIÓN PARA AMÉRICA LATINA. **Evangelizadores, obispos, sacerdotes y diáconos, religiosos y religiosas, laicos.** La experiencia de Dios, que es como un nuevo nombre de la contemplación. Cardenal Eduardo Martínez Somalo. Città del Vaticano: Librería Editrice Vaticana, 1996.

Bibliografia geral

AA.VV. **Aspectos históricos de San Juan de la Cruz.** Avila: Institución Gran Duque de Alba, 1990.

AA.VV. **Dios habla en la noche** (Vida y ambiente de San Juan de la Cruz). Madrid: EDE, 1990.

AA.VV. **Dottore mistico. San Giovanni della Croce.** Simposio. Roma: Teresianum, 1992.

AA.VV. **Experiencia y pensamiento en San Juan de la Cruz.** Madrid: EDE, 1990.

AA.VV. **Jean de la Croix. Un saint, un maître.** Venasque: Edit. du Carmel, 1992.

AA.VV. **La comunione con Dio secondo san Giovanni della Croce.** Coll. Fiamma Viva 9. Roma: Edizioni del Teresianum, 1968.

AA.VV. **Místico e profeta.** Roma: Teresianum, 1991.

AA.VV. **Místico e profeta. San Giovanni della Croce nel IV centenario della sua morte.** Roma: Teresianum, 1991.

AA.VV. **San Giovanni della Croce teologo e místico.** Milano: Paoline, 1992.

AA.VV. **Simboli e mistero in san Giovanni della Croce.** Coll. Fiamma Viva 32. Roma: Teresianum, 1991.

AA.VV. **Simposio sobre san Juan de la Cruz.** Secretariado Diocesano Teresiano Sanjuanista, Avila, 1989.

ALBERTO DE LA VIRGEN DEL CARMEN. **Naturaleza de la esperanza espiritual según San Juan de la Cruz. Cuestión filosófica previa a la unión de las potencias con Dio.** RevEspir n.11, p.291-9, 1952, n.12, p.431-50, 1953.

ALONSO DE LA MADRE DE DIOS. **Suma de la vida y milagros del venerable Padre Fray Juan de la Cruz.** In: ANTOLIN, Fortunato (ed.). **Primeiras biografias y apologias de San Juan de la Cruz.** Junta de Castilla y León, Salamanca: Consejería de Cultura y Turismo de la Junta de Castilla y León, 1991.

ÁLVAREZ-SUÁREZ, T. **La antropología sanjuanística.** Monte Carmelo, n.69, 1961.

_____. **Estudios Carmelitanos.** 3v. Burgos: Monte Carmelo, 1997-1998.

_____. **San Juan de la Cruz y sus escritos.** Madrid: Cristiandad, 1969.

_____. **Temi fondamentali in San Giovanni della Croce.** Roma: Edizioni OCD, 1989.

_____. **El hombre, aleación de espíritu y materia.** In: ADÁN, J. C. **Antropología de san Juan de la Cruz.** Ávila, 1988.

_____. **Noche Oscura.** Historia y símbolo. Monte Carmelo, n.99, 1991.

_____. **Mística y mistagogia. La Teologia Spirituale.** Atti del Congresso Internazionale OCD. Teresianum, Roma, p.735-43, 2001.

ANDRES, Melquiades. **La teologia española em el siglo XVI.** Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1976.

ASTI, FRANCESCO. **Teologia della Vita Mistica.** Fondamenti, Dinamiche, Mezzi. Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 2009.

AUGUSTIN, G. **La chiesa secondo Papa Francesco.** Milano: Editrice Paoline, 2016.

AZCUY, Virginia. **Evangelización con Espíritu.** (EG 261). La unidad de la teología, la espiritualidad y la pastoral al servicio del anuncio del evangelio.

Revista Teológica. Tomo LI, n.114. Agosto 2014. Biblioteca digital de la Universalidad Católica Argentina.

AZEVEDO, Walmor Oliveira. Do Galinheiro à praça. **O Estado de Minas.** Edição 18 de outubro de 2019, p.7.

BALTHASAR, URS VON. **Gloria. Una estética teológica,** v.3. Estilos laicales. Dante, Juan de la Cruz, Pascal, Hamann, Solovëv, Péguy. Trad. Emilio Saura. Madrid, 1985.

_____. **La oración contemplativa.** Madrid: Encuentro, 1985.

BARBOSA, Adérito. **A Nova Evangelização.** Lisboa: Paulinas, 1994.

BARREIRA, Marcelo. A “caritas da secularização” de Gianni Vattimo e a defesa de uma laicidade pós-metafísica e pós-colonialista. **Revista Rediscrções-Revista de Pragmatismo e Filosofia Norte Americana,** Ano I, n.2, 2009.

_____. Cristianismo e Pós-Modernidade segundo Vattimo. **Revista Rediscrções-Revista de Pragmatismo e Filosofia Norte Americana,** Ano I, n.2, 2009.

BARREIRO, A., **Igreja, povo santo e pecador.** São Paulo: Loyola, 2001.

BARRIENTOS, Urbano. **Purificación y purgatorio. Doctrina de San Juan de la Cruz sobre el purgatorio a la luz de su sistema místico.** Madrid: EDE, 1960.

BARUZI, JEAN. **San Juan de la Cruz y el problema de la experiencia mística.** Valladolid: Junta de Castilla y León, 1991.

BERARDINO, P, P. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila. Mestra de oração e Doutora da Igreja.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 1999.

BERGER, Peter L. **A dessecularização do mundo: uma visão global.** Religião e Sociedade, Petrópolis, v.1, 2001.

BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “Fragilidade” e gênio: O lugar da mulher na *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; Fernandes, L. A. (orgs) **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos e pastorais.** São Paulo: Paulinas, 2014.

BLANCO, Pablo. **Joseph Ratzinger: uma biografia.** São Paulo: Quadrante, 2005.

BLÁSQUEZ, Ricardo. **Del Vaticano II a la Nueva Evangelización.** Cantábria: Sal Terrae, 2013.

BONHOFFER, D. **Discipulado.** 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BORRIELLO, Luigi. **L'itinerário spirituale del cristiano**: tra mistagogia e mística. Roma: Pontificia Università San Tommaso, 2005.

BOSCH, David. **La Transformazione della Missione**. Mutamenti di paradigma in missiologia. Brescia: Editrice Queriniana, 2000.

BOURGEOIS, Daniel (Org.). **Manuali di Teologia Cattolica**. La Pastorale Della Chiesa. Milano: Jaca Book SpA, 2001.

BRAVI, M. **Il Sinodo Dei Vescovi Instituzione Fini e Natura**. Indagine Teologico-Giuridica. Roma: Gregorian & Biblical Press, 1995.

BRIGHENTI, A. **Por uma evangelização realmente nova**. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, Ano 45, n.125, p. 83-106, jan/abr, 2013.

BRINGLE, M. L. **Despair: Sickness or Sin? Hopelessness and Healing in Christian Life**. Nashville: Abingdon, 1990.

BROWN, E.; FIZMYER, Joseph; MURPHY, Roland. **Comentario Bíblico San Jeronimo**. Madrid: Ediciones Cristiandad. 2000.

BUTTIGLIONE, R. Secolarizzazione e cristianità. In: _____. **La Chiesa Del concilio**. Studi e contributi. Milão, 1985.

CABALERO, F. **Conquenses ilustres II**. Madrid, 1871.

CADRECHA y CAPARROS, Miguel Angel. **San Juan de la Cruz**. Una eclesiología de amor. Burgos: Monte Carmelo, 1980.

CAMPOS, Natalia Ferreira. **Amizades Romanas**: considerações dos discursos sobre Amicitia. Campinas, 2012. Dissertação mestrado. Pós-Graduação em História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

CATTENOZ, Jean-Pierre. **Le Baptême Mystère Nuptial**. Théologie de Saint Jean Chrysostome. Venasque: Éditions du Carmel, 1993.

CARRIER, Hervé. **L'Université Grégorienne après Vatican II**. Rome, 2003.

CARSON, C.; SHEPARD, K., **Um apelo à consciência**: os melhores discursos de Martin Luther King. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CASTELLANO CERVERA, Mística bautismal. Una página de San Juan de la Cruz a la luz de la Tradición. **Revista de Espiritualidad**, n.35 p.465-82, 1976.

CASTRO, Fabyolla Lúcia Macedo. **São João da Cruz**: um nômade de Deus: a mística do tudo-nada e seu significado psicanalítico. Belo Horizonte, 2010. Dissertação de Mestrado, Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

CASTRO SÁNCHEZ, Secundino. **Hacia Dios con San Juan de la Cruz**. Madrid: EDE, 1986.

_____. El amor como apertura trascendental del hombre en San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.35 p.431-63, 1976.

_____. **El sorprendente Jesús de Marcos**. El evangelio de Marcos por dentro. Madrid: Bilbao, 2008.

_____. **Mística y espiritualidad eclesial**. La Iglesia, don y compromiso. Ávila: Universidad de la mística, 2014

CAZZAGO, Aldino. **I Santi Danno Fastidio**. Milano: Editoriale Jaca BookSpA, 2004.

CHAVALIER, Jacques. **Le réalisme spirituel des mystiques espagnols**. Stromata, 1996.

CHANTRAINE, G. **Les Laics Chrétiens Dans le Monde**. Paris: Fayard, 1987.

CHECA, R., **Pastoral da Espiritualidade Cristã**. Fundamento Teológico, Setores de atuação, orientação mistagógica. São Paulo: Loyola, 2003.

CHENU, M. D. **A missão da Igreja no mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 1967.

CHESNEAUX, J. **De La modernité**. Paris: Découvert, 1984.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA, **Stromate**. VI, 2; SC 446, 11.

COLOMER, Eusebi. **A morte de Deus**. Porto Editora Tavares Martins, 1972.

CONGAR, Yves-Marie. **Entretiens D'autonomie**. Paris: Les Éditions du Cerf, 1972.

CONRADO, S. O. Planejamento Pastoral a Luz do Documento de Aparecida. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v.16, n. 64, p.75-88,- jul/set 2008.

CORBIN, Alain (Org.). **História do cristianismo**: para compreender melhor nosso tempo. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COROVILLA, Angel. **El ejercicio dela teologia**. Salamanca: Sígueme, 2007.

COX, Harvey. **A Festa dos foliões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **A teología de la perfección cristiana**. Madrid: BAC, 1954.

CRISÓGONO DE JESUS SACRAMENTADO. **Compêndio de Ascética y mística**. Ávila, 1933.

_____. **Vida de San Juan de la Cruz.** Ed. preparada y anotada por Matías del N. Jesús. 13.ed. Madrid: EDICA, 1997.

_____. **San Juan de la Cruz, su obra científica y su obra literaria.** Madrid; Avila: Ed. Mensajero de S. Teresa, 1929.

CRISTIANI, Léon. **Saint Jean de la Croix, proceso de la mystique** (1542-1591). Paris: France-Empire, 1960.

DEJAIFVE, G. L'Ecclesiologia del Concílio Vaticano II. In: FACOLTA TEOLOGICA INTERREGIONALE MILANO. **L'Ecclesiologia dal Vaticano I al Vaticano II.** Brescia: La Scuola, 1973.

DEL NOCE, A.; BORGHESI, M. **La legittimazione crítica del moderno.** Genova / Milano: Marietti, 2011.

DEL PIE, Eliseo Tourón. Escatologia anticipada y proyectiva em “Moradas”. Un Ensayo de escatologia mística teresiana. **Revista de Espiritualidad**, n.41, p. 567-99, 1982.

DI BERARDINO, Pedro Paulo. **Itinerário de Santa Teresa de Ávila.** Mestra de oração e doutora da Igreja. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2005.

DOTOLO, Carmelo; MEDDI, Luciano. **Evangelizzare la vita Cristiana.** Teologia e pratiche di nuova evangelizzazione. Assisi, 2012.

EFRÉN DE LA MADRE DE DIOS. La esperanza según San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.1, p.1941-42.

ENE, JEAN; HUET, E.; MARIE, L. **Le monde est en Feu!** Colloque du V^o centenaire de la Naissance de Thérèse d'Avila. Thérèse D'Avila et ses sept frères conquistadors, um éclairage familial. Toulouse: Editions Du Carmel, 2017.

ESCOBAR AGUILAR, Osvaldo. **Manual de discernimento teresiano.** Bogotá: San Pablo, 2015.

EULOGIO DE SAN JUAN DE LA CRUZ. **La transformación total del alma en Dios según San Juan de la Cruz.** Madrid, 1963.

FARAONE, J. M. **La inhabitación trinitaria según san Juan della Cruz.** Roma: PUG, 2002.

FEDERICO, R. S. **Compêndio de Teologia Espiritual.** São Paulo, Loyola, 1996.

FERREIRO, Francisco. **Cristologia Del Testimonio en El Concilio Vaticano II.** Búsqueda Del “centro real” Del Concilio Vaticano II a partir Del estudio Del Actus Christi. Madrid: Universidade San Dámaso, 2011.

FERMIN, FRANCISCO. **Providencia y confianza en Dios** (historia fundacional de Teresa). Burgos: Monte Carmelo, 2013.

FERNÁNDEZ, A. **Nuevas Estructuras de la Iglesia. Exigencias teológicas de la Comunión Eclesial.** Burgos: Aldecoa, 1980.

FERNANDEZ, Victor Manuel. **Teologia espiritual encarnada.** Profundidade espiritual em ação. São Paulo: Paulus, 2007.

FERRER SANTOS, U. **Lo natural y lo sobrenatural en San Juan de la Cruz.** Stud n.26, 1986.

FIERRO, **Sobre a glória em San Hilário.** Una síntesis doctrinal sobre la noción bíblica de “Doxa”. Roma: Editrice Dell’Università Gregoriana, 1964.

FIGUEIREDO, F. A. **O alvorecer da Igreja na África.** São Paulo: Cleófas, 2016.

FÍLON DE ALEXANDRIA, **De specialibus Legibus.** 2, 162.

FIORES, S., **Trinitá mistero di Vita. Esperienza trinitária in comunione con Maria.** Milano: San Paolo, 2001.

FLORES, Dolores Jara (coord.). **Llamados a nos comprometernos.** Ávila: Universidad de la mística, 2017.

FLORISTÁN, C. **Teología práctica, teoria y práxis de la acción pastoral.** Salamanca: Sígueme, 1993.

FOLIGNO, Angele. **Les libre dès visions et instructionis de la Bienheure.** Capítulo LVII. Paris, 1914.

FORTE, B. **A Igreja ícone da Trindade.** Breve ecclesiologia. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Nos caminhos do Uno.** Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005.

FORTES, ANTONIO. **San Juan de la Cruz.** Actas de Gobierno y declaraciones de los primeros testigos. BMC 26. Burgos: Monte Carmelo, 2000.

FANCISCO DE OSUNA. **Místicos franciscanos españoles II;** Tercer abecedário espiritual de Francisco de Osuna. Madrid: BAC, 1972.

_____. **Tercer Abecedario Espiritual,** tr.3, Cap.2, M. André. Madrid: BAC, 1972.

FREI BARTOLOMEU DE LAS CASAS. [Frei Carlos Josaphat, O.P (org.)] **Obras completas I. Único modo de atrair todos os povos a religião verdadeira.** São Paulo: Paulus, 2005.

GALILEIA, S. **Discípulos de Cristo.** São Paulo: Paulus, 1996.

_____. **El camino de la espiritualidad**. Bogotá: Paulinas, 1990.

GAMARRA, S. **Teología espiritual**. Madrid, BAC, 1994.

GARCIA RUBIO, Alfonso. **O encontro com Jesus Cristo Vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias**. 11.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

GAUCHER, G. **Saint Thérèse de Lisieux: Biographie**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2010.

GENNARO, Camillo. Fede, speranza e carità: cammino verso l'unione con Dio. **Rivista di Vita Spirituale**, n.44 p.311-37, 1990.

GESCHÉ, A. **Les mots et les livres**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2004.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GAITÁN, J. D. Cercanía de Dios y vida teologal. **Revista San Juan de la Cruz**, n.24, 1999.

_____. **Juan de la Cruz: cercanía de Dios y vida teologal en San Juan de la Cruz**. Granada, n.15 p.143-171, 1999.

_____. Estando ya mi casa sosegada. Enseñanzas de san Juan de la Cruz sobre la 'carne' y el 'cuerpo' en el camino espiritual. **Revista de Espiritualidad**, n.70, 2011.

_____. **Negación y plenitud en San Juan de la Cruz**. Madrid: EDE, 1995.

GARCÍA, Ciro. **Adónde te escondiste?** La búsqueda de Juan de la Cruz. Burgos: Monte Carmelo, 1999.

_____. Cristología actual y seguimiento de Cristo en la espiritualidad teresiano-sanjuanista. **Monte Carmelo**, n.103, p.3-24, 1995.

GARCÍA MUÑOZ, Florencio. **Cristología de San Juan de la Cruz** (Sistemática y mística). Madrid: FUE, 1982.

GARCIA, Ros Salvador. Mística e siglo XXI: La seducción de los místicos Teresa de Jesús y San Juan de La Cruz. **Revista Monte Carmelo**, n.109, p.47-61, 2001.

GOYA, B. **Psicología e vida espiritual**. Madrid: San Pablo, 2001.

_____. **Luce e guida nel cammino**. Manuale de direzione spirituale. Boloña: EDB, 2014.

GRACIÁN, Jeronimo. Scholias y addiciones. **Monte Carmelo**, n.68, p.99-156, 1960. [Manuscrito]

GRITSCH, E. M; JENSON, R. **Lutheranism: The Theological Movement and Its Confessional Writings**. Philadelphia: Fortress, 1976.

GUERRA, A. **Noche de San Juan de la Cruz: supra conceptualidad y anchísima soledad. Místico e profeta. San Giovanni della Croce nel IV Centenario della sua morte**. Roma, 1991.

GUERRA, S. San Juan de la Cruz y la Teología mística del siglo XX. **Actas...** Congreso Internacional Sanjuanista III. Ávila-Valladolid, 1993.

GUILLOU, Marie-Joseph. **El Rostro Del Resucitado**. Grandeza Profética, Espiritual y Doutrinal, Pastoral y Misionaria Del Concilio Vaticano II, Madrid: Encuentro, 2012.

_____. **Los Testigos están entre nosotros**. La experiencia de Dios en el Espíritu Santo. Madrid: Encuentro, 2013.

_____. **El que viene de outra parte**. El inocente. Burgos: Monte Carmelo, 2005.

HERRÁIZ, Maximiliano. **La oración, palabra de un Maestro**. Madrid: EDE, 1991.

_____. **A oração, experiência libertadora: espiritualidade da libertação e experiência mística**. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **La Unión con Dios, gracia y proyecto. Catecismo sanjuanista**. Valencia: Edicep, 1991.

HILDEGARDA, Scivias: (Scito Vias Domini): **conhece os caminhos do Senhor**.

HOUSELANDER, Caryll. **Essential Writings**, Maryknoll: Orbis Books, 2005.

JOSAPHAT, Carlos. **As Santas Doutororas**. Espiritualidade e emancipação da mulher. São Paulo: Paulinas, 1999.

JUAN JOSÉ DE LA INMACULADA. San Juan de la Cruz, doctor de la fe. **Revista de Espiritualidad**, n.27, 1968.

JUCHEM, Marcos. Las misiones a 50 años del Vaticano II. Lectura y actualidad del decreto 'ad Gentes' en Latinoamérica. Monte Carmelo. **Revista de Estudios Carmelitanos**, Burgos, n.3, v.120, p.293-313, 2012.

KAROTEMPREL, Sebastian (Dir.). **Seguir a Cristo en la Misión**. Manual de missiologia. Navarra: Verbo Divino, 2000.

KASPER, Walter; AUGUSTIN, George. **La Sfida Della Nuova Evangelizzazione**. Impulsi per la revitalizzazione della fede. Brescia: Queriniana, 2012.

_____. **A Igreja Católica: essência, realidade, missão**. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

KLOPPENBURG, Boaventura. **O cristão secularizado**. Petrópolis: Vozes: 1971.

KUNRATH, P. A. Trindade, Igreja, Eucaristia. O mistério da comunhão nos escritos de Max Thurian e Jean-Marie Roger Tillard. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v.41, n.1, p.69-93, jan / jun 2011.

KUZMA, C. **Leigos e Leigas**. Força e Esperança da Igreja no mundo. São Paulo: Paulus, 2009.

LADARIA, Luis F. **Jesús y el Espiritu. La unción**. Burgos: Monte Carmelo, 2013.

LAREDO, Bernardino. **Subida Del Monte Sion**. Madrid: BAC. [1ª Edición 1538]

LEBRET, L. J. **Princípios para a ação**. São Paulo: Duas Cidades, 1959.

LECLERC, J. **O amor às letras e o desejo de Deus: Iniciação aos autores monásticos da Idade média**. São Paulo: Paulus, 2012.

LECUIT, Jean-Baptiste. **Le désir de Dieu pour L'homme**. Une réponse au problème de L'indifférence. Paris: Les Éditions du Cerf, 2017.

LLACH, M. J. Elogio del tacto y del contacto. Reflexiones teológicas acerca del lenguaje del Papa Francisco. **Revista Teología**, n.50, 2014.

LEPARGNEUR, Hubert. **A Secularização**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

LIBÂNIO, J. B. **Qual o futuro do Cristianismo**. São Paulo. Ed: Paulus, 2008.

LOEW, J. **Vocês serão meus discípulos**. São Paulo: Paulinas, 1981.

LOHFINK, G. **Deus precisa da Igreja?** Teologia do Povo de Deus. São Paulo: Loyola, 2008.

LÓPEZ-BARALT, Luce. Teresa de Jesús y El Islam: El símil de los siete castillos concêntricos del alma. **La Voz Del Islam**, ano 1, p.1-10, mar 2010.

LÓPEZ CASTRO, Armando. **Sueño de vuelo**. Estudios sobre San Juan de la Cruz. Madrid: FUE, 1998.

LOUREIRO DE ARAÚJO, J. E. Representar a Cristo (V 9,4): la imaginación en el proceso espiritual de santa Teresa. **Revista de Espiritualidad**, n.77, 2018.

LUBAC, Henri. **Mística e Mistero Cristiano**. Milán: Jaca Book, 1979.

_____. **Meditación sobre la Iglesia**. Madrid: Encuentros, 2008.

LUIS DE S. JOSÉ. **Concordancias de las obras y escritos del doctor de la Iglesia San Juan de la Cruz**. Burgos: Monte Carmelo, 1948. [2.ed. em 1980]

MANUEL, Victor Fernández. **Teologia espiritual encarnada: profundidade espiritual em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

MARRAMAIO, Giacomo. **Céu e Terra: genealogia da secularização**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MENOZZI, Daniele. **Igreja Católica e Secularização**. São Paulo: Paulinas, 1998.

METZ, J. B. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MACCA, V. Il cristoncentrismo di San Giovanni della Croce. **RivVitSp**, n.49, p.41-54, 1995.

MACCISE, CAMILO. **Cammini di libertà**. Roma: Edizione OCD, 2003.

_____. San Juan de la Cruz y la nueva evangelización. **Revista de Espiritualidad**, n.49, 1990.

_____. **En el Inverno Ecclesial. Luces y Sombras de una experiencia**. Arenzano: San Pancrazio, 2017.

MALLON, James. **Manuel de survie pour les paroisses**. D'une paroisse installée dans la routine à une paroisse de mission. Paris: Artège, 2014.

MANCHO DUQUE, Ma. J. **El símbolo de la noche en san Juan de la Cruz**. Salamanca, 1982.

MANUEL, Victor Fernández. **Teologia espiritual encarnada: profundidade espiritual em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

MARCOS, Juan Antonio. **Mística e subversiva: Teresa de Jesús**. (las estrategias retóricas del discurso místico). Madrid: Editorial Espiritualidad, 2001.

MARIA DE SÃO FRANCISCO. Proc. Alba 1610, 74º: BMC t.20, p.201.

MARIA EUGÊNIO DO MENINO JESUS. **Quero ver a Deus**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARIÑO, M. J. Buscando el lugar del cuerpo en un camino espiritual. Algunas aportaciones sobre la corporeidad en la doctrina de Teresa de Jesús. **Revista de Espiritualidad**, n.70, 2011.

MAROTO, Daniel Pablo. **Mi Teresa. Mujer, fundadora, escritora y Santa.** Burgos: Fonte, 2019.

_____. **Dinámica de la oración.** Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1973.

_____. **El camino Cristiano.** Manual de Teología espiritual. Salamanca: Universidad Pontificia, 1996.

_____. **Santa Teresa de Jesús, Doctora para una Iglesia en crisis.** Burgos: Monte Carmelo, 1981.

_____. Movimientos modernos de espiritualidad. **Revista de Espiritualidad**, n.30 p.385-421, 1971.

_____. **San Juan de la Cruz, testigo de la religiosidad popular.** Salmanticensis, n.38, 1991.

_____. Interpretação mística da Palavra de Deus. **Revista de Espiritualidad**, n.43, p.549-70, 1984.

MARRAMAIO, Giacomo. **Céu e Terra: genealogia da secularização.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MARTINEZ-BURGO, P. **Historia de las mujeres.** v.3. Del renacimiento a la edad moderna. Dirección de Georges Duby y Michelle Perrot. Madrid: Santillana, 2000.

MARTÍNEZ, E. J. Teresa de Jesus fundadora. Ayer, hoy y mañana de un proyecto necesario. **Revista de Espiritualidad**, v.71, 2012.

MARTINEZ, Felicíssimo. **Crer em Jesus Cristo.** Vivir en el Cristiano. Cristología y seguimiento. Madrid: BAC, p.301-2.

MARTINI, C. M. **Ripartiamo da Dio!** Milano: Centro Ambrosiano, 1995.

MCNAMARA, William. **The Human Adventure.** Garden City: Image Books / Doubleday, 1976.

MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do instante: o tempo e a promessa.** São Paulo: Paulinas, 2006.

MENOZZI, Daniele. **Igreja Católica e Secularização.** São Paulo: Paulinas, 1998.

MERTON, Thomas. **Reflexões de um espectador culpado.** Petrópolis: Vozes, 1970.

METZ, J. B. **Mística de olhos abertos.** São Paulo: Paulus, 2013.

MIRANDA, Mario de França. Um cristianismo inédito. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n.40, p.181-205, 2008.

_____. Em vista da Nova Evangelização. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 45, n.125, p.13-34, jan/ abr 2013.

_____. América Latina: uma Igreja missionária. **Atualidade Teológica**, 2007, p.289.

MOIOLI, GIOVANNI. **Rivista de Vita Spirituale**. Nulla e Tutto, n.62, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. **O Caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **L'Église dans la force de l'esprit**. Une contribution à l'ecclésiologie messianique. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980.

MONDIN, B. **As Novas Ecclesiologias**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

MONTICONE, A. **La difficoltà di essere cristiani oggi, em coscienza**. 8/9 - 1988. Brescia, 1988.

MORETTI, R. **San Giovanni della Croce**. Guida all'unione con Dio. Roma: OCD, 1990.

MORIONES, I. **El carmelo Teresiano**. Roma: Vitoria, 1978.

MÜLLER, G. L. **Dogmática: Teoria y Práctica de la Teología**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MUÑIZ RODRIGUEZ, Vicente. **Experiência de Dios y lenguaje em el Tercer Abecedario Espiritual de Francisco de Osuna**. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1986.

NISSIOTIS, N. Aspetto pneumatologico della cattolicità della Chiesa. In: AA.VV. **Le esigenze dell'unità**. Roma: AVE, 1971.

NOUWEN, J. M. **Esvaziamento de Cristo**. Movimento descendente e vida espiritual. 2.ed. Portugal: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, M. L. P. Filosofia do Direito. Modernidade e Religião. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, n.31 p.106-26, jul/dez 2007.

PACHO, E. El "gemido pacífico de la esperanza". Síntesis definitiva del pensamiento sanjuanista. **Studies in Spirituality**, n.6, 1996.

_____. (ed.). **Dottore mistico: San Giovanni della Croce**. Simposio nel IV Centenario della morte, 4-8 nov 1991. Roma: 1992.

_____. **Estudios sanjuanistas**. Burgos: Monte Carmelo, 1997; 2000.

_____. **San Juan de la Cruz y sus escritos**. Madrid: Cristiandad, 1969.

_____. **San Juan de la Cruz.** Temas fundamentales. Burgos: Monte Carmelo, 1984, 2.v.

PACOT, Simone. **L'évangélisation.** Paris: Les Éditions du Cerf, 1997.

PHILIPON, M. **Santa Teresa de Liseux.** Un camino enteramente nuevo. Barcelona: Balmes, 1952.

PICAZA, X. Amor de Dios y contemplación cristiana: Introducción a San Juan de la Cruz. **Actas...** Congreso Internacional Sanjuanista. Ávila, 23-28 sept. 1991. Salamanca, 1993.

PRANDI, C. **La tradizione popolare fra tradizione e modernità.** Brescia: Queriniana, 2002.

PUIG, Mateo. **Aurora.** Valencia: San Lorenzo del Escorial, 2015.

RAMOS, A. J. **Teología Pastoral.** Madrid: BAC, 2001.

RADCLIFFE, Timothy. **Por que ser cristão?** São Paulo: Paulinas, 2011.

RAHNER, Karl. **Cambio estructural en la Iglesia.** Madrid: Cristiandad, 1974.

RATZINGER, J.; D'ÁRCAIS, Paulo F. **Deus Existe?** São Paulo: Planeta, 2009.

RIEVAULX, Alfredo. **L'amicizia spirituale.** Roma: Città Nuova, 2015.

RORTY, Richard. **Uma ética Laica.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RODRÍGUEZ, Isaías. La vida teologal según el Vaticano II y San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.27, p.470-92, 1967.

_____. La imagen del diablo en la vida y escritos de San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.44, p.301-36, 1985.

_____. Demonios y exorcismos, duendes y otras presencias diabólicas en la vida de San Juan de la Cruz. **Anais...** Congreso Internacional Sanjuanista. Avila v.2, n.45, p.295-346.

RODRÍGUEZ, José Vicente. San Juan de la Cruz, Magisterio oral y escritos breves. **Teresianum**, n.40, 1989.

_____. **San Juan de la Cruz, profeta enamorado de Dios.** Madrid: Instituto de Espiritualidad a distancia, 1987. p. 61-77.

_____. (Org.) **Aspectos Históricos de San Juan de la Cruz.** Diputación Provincial de Ávila. Institución Gran Duque de Alba, 1990, p.119.

_____. La vida teologal según el Vaticano II y San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.6, 1968.

- _____. **La liberación en San Juan de la Cruz.** Teresa, n.36, 1985.
- _____. **San Juan de la Cruz, profeta, enamorado de Dios y maestro.** Madrid: Instituto de Espiritualidad a Distancia, 1987.
- _____. **San Juan de la Cruz. La biografía** (Monumenta). Madrid: San Pablo, 2016.
- _____. **El tema Iglesia en San Juan de la Cruz.** Ephemerides Carmeliticae, n.17, p.368-404, 1966; n.18 p.91-137, 1967; reproducido en *Mysterium Ecclesiae in conscientia sanctorum*. Roma: Teresianum, 1967.
- _____. Evangelio eclesial de San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.49, 1990.
- _____. San Juan de la Cruz, evangelista y testigo de lo eterno. Apuntes de escatología sanjuanista. **Revista de Espiritualidad**, n.33, 1974.
- RUIZ SALVADOR, F. **Introducción a San Juan de la Cruz:** El escritor, los escritos, el sistema. Madrid: BAC, 1968. [trad. italiana, San Giovanni della Croce; *Il Santo, gli scritti, il sistema*, Roma 1973.]
- _____. El símbolo de la noche oscura. **Revista de espiritualidad**, n.44, 1985.
- _____. **Estructuras de la vida teologal.** Monte Carmelo, n.88, 1988.
- _____. **Temas sanjuanistas: vida en fe, caridad, esperanza.** Teresa de Jesús, n.49, p. 19-26, 1991.
- _____. Revisión de las purificaciones sanjuanistas. **Revista de Espiritualidad**, n.31, 1972.
- _____. **Giovanni della Croce.** Bologna: EDB, 1989.
- _____. **San Giovanni della Croce Mistico-Esperienza.** Teologo-Dottrina, Mistagogo-Prassi. Roma: Teresianum, 2000.
- _____. Pedagogía mística y pastoral cristiana. Proyecto de San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.53, 1994.
- _____. **San Juan de la Cruz, maestro de oración.** Burgos: Monte Carmelo, 1989.
- _____. Síntesis doctrinal. Introducción a la lectura de San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.67, p.203-80.
- _____. Vida teologal durante la purificación interior en los escritos de San Juan de la Cruz. **Revista de Espiritualidad**, n.18, p.341-379, 1959.

_____. Función del místico en la teología y en la Iglesia de hoy. **Revista de Espiritualidad**, n.29, p.302, 1970.

_____. **Teresa de Jesús, mestra de experiencia**. Monte Carmelo, n.88, 1980.

_____. **Introducción a San Juan de la Cruz**. El hombre, los escritos, el sistema. Madrid: BAC, 1968.

_____. **Dios habla en la noche**. Vida, palabra, ambiente de San Juan de la Cruz. Madrid: EDE, 1990.

_____. **Chiesa come Famiglia**. Una Via di rinnovamento della parrocchia: le Comunità Maria del Vangelo. Assisi: Citadella, 2014.

_____. Estructuras de la vida teologal. **Monte Carmelo**, n.88 p. 367-87, 1987.

RUPNIK, Marko Ivan. **Nel fuoco del rovetto ardente**. Iniziazione alla vita spirituale. Roma: Lipa Edizioni, 2003.

SANCHEZ, M. D. **San Juan de la Cruz**. Bibliografía Sistemática. Madrid: EDE, 2000.

SANTA MARIA, F. **Reforma 1**, I.I.V, c 30, n.4, Madrid, 1644.

SANTO HILÁRIO Trin. **5,23**; “claritas glorie”; “Honor et glória Tr. Os **55,7**; “Gloria Maiestatis” in mt. **4,1**.

SANTO IRENEU DE LIÃO, **Adversus haereses**. L. III, 20, 2-3.

SANTO ATANÁSIO, **Cartas Festivas**. In: P.G. 26, 1366 A.

SÃO JOÃO DA CRUZ. **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Doctor de la Iglesia**. Editadas y anotadas por el P. Silverio de Santa Teresa, C.D. Burgos, Monte Carmelo.

_____. **Edición crítica**. Notas y apéndices por Lucinio Ruano de la Iglesia. 13.ed. Madrid: EDICA, 1991.

SCAMPINI, J. A. et al. La reforma y las reformas en la Iglesia. Madri: sal Terrae, 2016.

SCHEREIBER, M. A. Mistagogia. Comunicazione e vita spirituale. **Ephemerides carmelitanae** v.28, p.3-58, 1977.

SCHELER, Max. **Modelos e líderes**. Trad. Ireneu Martim. Curitiba: Champagnat, 1998.

SCHMITT, Carl. **Catolicismo romano e forma política**. Lisboa: Hugin, 1998.

- _____. **Teologia Política**. Belo Horizonte: Editora Del Rey, 2006.
- SORRENTINO, Domenico. **Tu sei la nostra Gioia!** Bastia Umbria: Dieme, 2016.
- SOUZA, CARLOS F. B. **A mística do coração: a senda cordial de Ibn ‘Arabí e João da Cruz**. São Paulo; Paulinas, 2010.
- SPIDILÍK, T. **La preghiera secondo la tradizione dell’Oriente**. Roma: Lipa Srl, 2002.
- _____. **La espiritualidad del oriente cristiano**. Burgos: Monte Carmelo, 2004.
- _____. **Teologia Pastorale**. A Partire dalla bellezza. Roma: Lipa SrL, 2005.
- SCHILLEBEECKX, E. **Jesús la história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHNACKENBURG, R. **La Chiesa nel Nuovo Testamento**. Brescia: Morcelliana, 1966.
- SCHUTZ, R. **Dinâmica do provisório**. São Paulo: Duas Cidades, 1967.
- SECUNDIN, Bruno; GOFFI, Tullo. **Curso de Espiritualidade**. Experiência, sistemática, projeções. São Paulo: Paulinas, 1994.
- SERRANO ÁLVARES, José Manuel. **Trece documentos papales sobre Santa Teresa de Jesús**. Homilia de Pablo VI al proclamar doutora de la Iglesia a Santa Teresa, 27 de setembro de 1970. Madrid: Fundação Universitária Española, 2011.
- SEVERO, J. T. P. **Desenvolvimento humano e espiritual em Teresa de Ávila**. Rio de Janeiro 2013. Dissertação de mestrado. Faculdade de Teologia, PUC-Rio.
- SIEPIERSKI, P. **A “Leiturgia” Libertadora de Basílio Magno**. São Paulo: Paulus, 1995.
- SILVERIO DE S. TERESA, **Historia del Carmen Descalzo en España, Portugal y América**. Tomo V: San Juan de la Cruz (1542-1591). Burgos: Monte Carmelo, 1936.
- SÍNODO DOS BISPOS. **XIII Assembleia Geral Ordinaria**. Instrumentum Laboris (9). Brasília, 2012.
- ŠPIDLÍK, T. R. **Teologia Pastorale a partire dalla bellezza**. Milano: Lipa, 2005.
- STEGG
INK, Otger. **Tiempo y vida de San Juan de la Cruz**. Madrid: EDICA, 1992.
- _____. **Arraigo e innovación**. Madrid: BAC Minor 41, 1976.

ST-PIERRE, M. **Les Fondements Bibliques de la croissance**. Au service de La nouvelle evangelisation. Quebec: Néhémie, 2008.

TEÓFILO DE LA VIRGEN DEL CARMEN. Estructura de la contemplación infusa sanjuanista. **Revista de Espiritualidad**, n.23, 1964.

THEOBALD, C., **Le christianisme comme style**. Une manière de faire de la théologie em post modernité. Paris: Cerf, 2008.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VALADEZ FUENTES, S. **Espiritualidade Pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”?** São Paulo: Paulinas, 2008.

VARILLON, FRANÇOIS. **O sofrimento de Deus**. São Paulo: Fonte, 2014.

VATTIMO, Gianni. **Acreditar em acreditar**. São Paulo: Martins Fonte, 2010.

VAZ, Henrique. L. **Raízes da modernidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

VELASCO, M. J. **El fenómeno místico; estudio comparado**. Madrid: Trota, 1999.

_____. **Mística y Humanismo**. Madrid: PPC, 2007.

_____. **Introducción a la fenomenología de la religión**. Madrid: Trotta, 1978.

WARREN, Rick. **Uma Igreja com propósitos**. São Paulo: Vida, 1997.

WOJTYLA, K. **La fe según san Juan de la Cruz**. Madrid: BAC Minor 53, 1979.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1979.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEIL, Simone. **Carta a um religioso**. Trad. Monica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2016.

XAVIER, D. J., A teologia da Santíssima Trindade. Kênosis das pessoas divinas como manifestação do amor e da misericórdia. **Revista de Cultura Teológica**, v.16, n.62, p.111-123, 2008.

Documentos carmelitas-teresianos

II SIMPOSIO SOBRE SAN JUAN DE LA CRUZ. Ponencias. Avila: Secretariado diocesano teresiano-sanjuanista, 1989.

ACTA CAPITULI GENERALIS O.C.D. Congregationis S. Elie. Monumenta Historica Carmeli Teresiani; 11. Volume I (1605-1641) – Paravitetediti. Antonius Fortes o.c.d. Archivarius Generalis- Romae Teresianum – Piazza S. Pancrazio 5/A – 1990. Capítulo Geral VII de 1623 – Geral: Padre Pablo Simón de Jesús Maria.

ACTAS DEL CONGRESSO DEL CONGRESSO INTERNACIONAL SANJUANISTA. I Filología. Ávila, 23-28 de septiembre de 1991. Junta de Castilla y León. Consejería de Cultura y Turismo: Valladolid, 1993.

ARCHIVUM BILIOGRAPHICUM CARMELITANUM. Roma 1956-1982.

MENDIOLLA, D. A. F. **El Carmelo Teresiano en la história.** Una nueva forma de vida contemplativa e apostólica. Primera parte. El Carmelo Teresiano en vida de la Madre Fundadora, Teresa de Jesus. (1515-1582).

REGRA CONSTITUIÇÕES E NORMAS APLICATIVAS DOS IRMÃOS DESCALÇOS DA ORDEM DA BEM-AVENTURA DA VIRGEM MARIA DO MONTE CARMELO. Edições Carmelo - Marco de Canaveses, 2008.

Dicionários e concordâncias

ÁLVAREZ, Tomás. (Dir.) **Dictionnaire Sainte Thérèse D'avila.** Son temps, sa vie, son ouvre et la spiritulité carmélitaine. Paris: Les Éditions du Cerf, 2008.

ANCHLLI, E.; Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum. (Orgs.) **Dizionario Enciclopedico De Spiritualità.** Roma: Città Nuova, 1990. 3.v.

_____. Trad. Orlando Soares Moreira, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2012. 3.v.

BORRIELLO, L.; CARUANA, E. **Dizionario di Mística.** Città del Vaticano, 1998.

_____. (orgs.) **Liturgia e Carmelo.** Atti del Convegno sulla Liturgia e il Carmelo. Teresianum – Roma, 2-5 ottobre 2008. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.

CASTRO, G. Hombre. **Diccionario de Santa Teresa de Jesús.** Burgos: Monte Carmelo, 2000.

EICHE, PETER. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia.** São Paulo: Paulus, 2005.

PACHO, E. (Org.) **Diccionario de San Juan de la Cruz.** Burgos: Monte Carmelo, 2009.

FRAY LUIZ DE SAN JOSE. **Concordancias de las obras y escritos de Santa Teresa de Jesús.** 3.ed. Burgos: Monte Carmelo, 1982.

SCIADINI, Patrício (Org.). **Dicionário de Santa Teresa de Jesus**. São Paulo: Carmelitanas-LTR, 2009.

Revistas e artigos eletrônicos

BENTO XVI. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_bentoxvi_hom_20121011_anno-fede_po.html. 28.06.2013/ Acesso em: 4 nov 2018.

BENTO XVI. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rcconcfathdoc_205001210_jubillcatechists-ratzingerpo.html. 22-06-2014/ Acesso em: 18 out 2018.

BENTO XVI. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html. Acesso em: 19 mai 2020.

FRANCISCO. **Testemunhas da alegria**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20120315_youth.html Acesso em: 28 out 2018.

FRANCISCO. **Homilia na Santa missa com os cardeais** (Roma, 14 de março de 2013). In: AAS 105 (2013), p. 365-6. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html Acesso em: 23 out 2018.

FRANCISCO. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/papa-francesco_20150516_religiosi-roma.html Acesso em: 22 mai 2018.

FRANCISCO. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20171009_aqueles-passam-adiante.html. Acesso em: 20 set 2018.

FRANCISCO. https://twitter.com/Pontifex_pt/status/931137274896674816 Publicação no Twitter do papa Francisco em 16 nov 2017. Acesso em: 5 mar 2019.

JOÃO PAULO II. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis.html

JOÃO XXIII. **Constituição Apostólica Humanae Salutis**. Para a convocação do Concílio Vaticano II. 1961, § 3. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html Acesso em: 4 nov 2019.

RIO DE JANEIRO (1955). Iª Conferencia General del CELAM. Disponível em https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Rio.pdf Acesso em 21 de maio de 2020.